



the *Monster*

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

L.J. SHEN





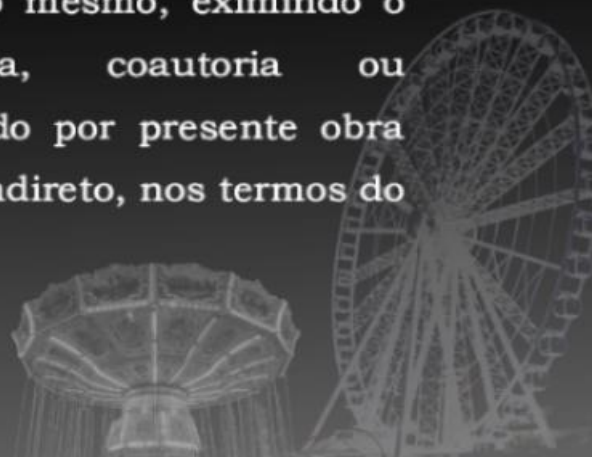
the *Monster*

L J. SHEN

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WL de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.





Boston Belles

LANÇAMENTO



LIVRO TRÊS



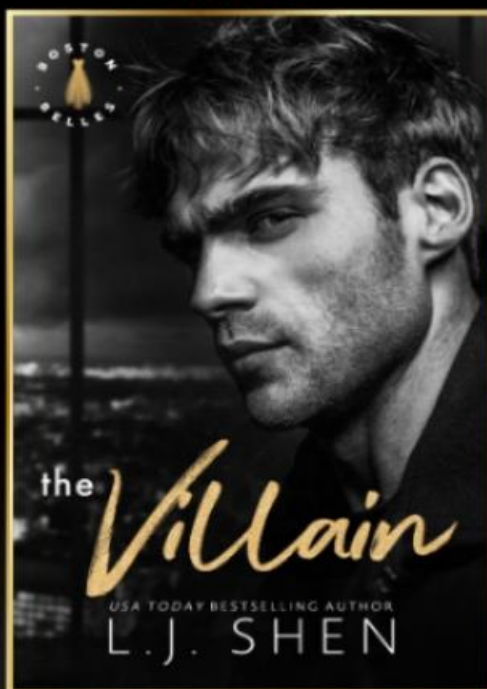
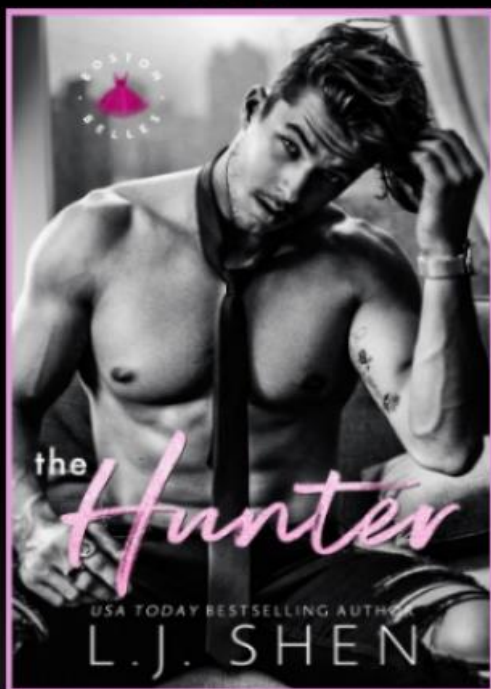
Boston Belles

ORDEM DA SÉRIE

LIVRO UM

LIVRO DOIS

LIVRO TRÊS





Playlist

You Are in Love with a Psycho - Kasabian

Rock & Roll Queen - The Subways

I'm Not in Love - Kelsey Lu

Good Girls Bad Boys - Falling in Reverse

Wow - Zara Larsson

Listen Up - The Gossip

The End of the World - Skeeter Davis



the

Monster

L J. SHEN



Sinopse

"Talvez nunca tivéssemos sido feitos um para o outro. Mas naquela noite no parque, quando você me mostrou quem era, descobri quem eu queria ser".

A coisa mais importante que eu já havia lido foi rabiscado na porta de um banheiro móvel, inscrito em plástico em um parque de diversões na periferia de Boston.

A luxúria perdura, o amor se mantém.

A luxúria é impaciente, o amor espera.

A luxúria arde, o amor aquece.

A luxúria destrói, mas o amor? O amor mata.

Talvez fosse sempre meu destino apaixonar-me por um monstro.

Quando outras garotas ficavam acordadas à noite temendo a besta de dentes pontiagudos escondida em seu armário, eu ansiava por ver a minha.

Eu queria alimentá-la, domesticá-la, entendê-la.

Sam e eu só podíamos amar um ao outro no escuro.

Uma vez que nossa história se revelou, e a verdade veio à tona, fui eu quem cortou o cordão.

Meu nome é Aisling Fitzpatrick, e eu tenho uma confissão a fazer.

Sam Brennan não é o único monstro nesta história.



the *Monster*
L J. SHEN

Dedicatória

Aos monstros em toda parte, e ao Pang e ao Jan que se
apoderam da espada.

Obrigada por invadirem a minha vida.



Epigrafo

“O que seria de um oceano sem um monstro escondido no escuro? Seria como dormir sem sonhos”.

– Werner Herzog



Prólogo



Sam

9 anos

Esta é a última vez que você chora na vida, seu idiota.

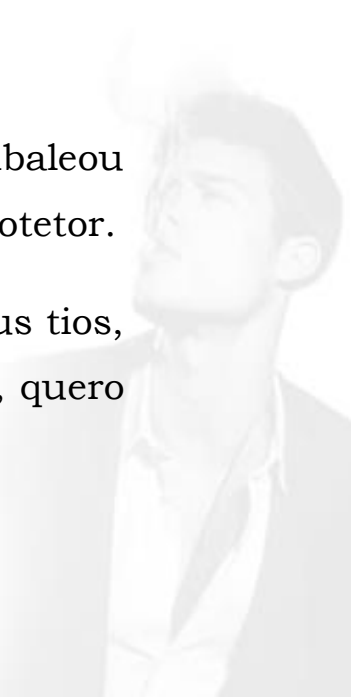
Essa foi a única coisa que me passou pela cabeça quando a mulher que me deu à luz apertou a campainha cinco vezes seguidas, segurando a parte de trás da minha camisa como se estivesse se livrando de algum punk que vandalizou sua casa com papel higiênico.

A porta da cobertura do tio Troy se abriu. Ela me empurrou para além da soleira.

— Aqui. Todo seu. Você ganhou.

Eu me joguei nos braços de tia Sparrow, que cambaleou para trás, puxando-me contra o peito em um abraço protetor.

Sparrow e Troy Brennan não eram realmente meus tios, mas eu passava muito tempo com eles – e por 'muito', quero dizer ainda não o suficiente.



Cat, também conhecida como a mulher que me deu à luz, estava me entregando. Ela tinha se decidido esta noite quando passou por mim, a caminho de seu quarto.

— *Por que você é tão pequeno? O filho de Pam tem a sua idade e é, tipo, enorme.*

— *Porque você nunca me alimenta, porra. — Eu joguei meu joystick para o lado, dando a ela um olhar horrível.*

— *Você tem, tipo, dez ou onze anos, Samuel! Faça um sanduíche.*

Eu tinha nove anos e estava desnutrido. Mas ela estava certa. Eu deveria fazer um sanduíche para mim. Eu faria se tivéssemos os ingredientes para isso. Não havia nem mesmo condimentos em nossa casa, apenas parafernália de drogas e bebida suficiente para encher o rio Charles¹.

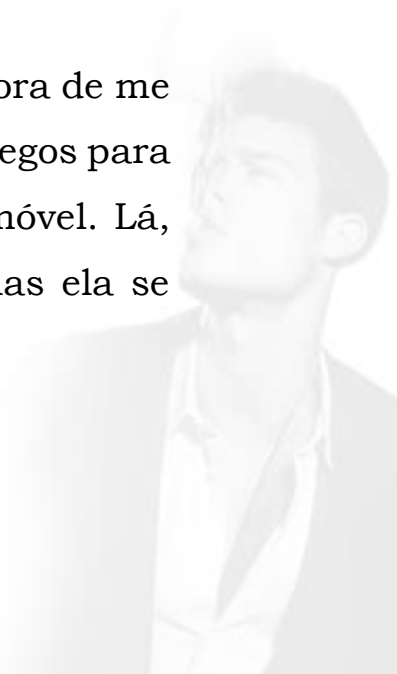
Não que Cat se importasse. Ela estava cega de raiva porque eu roubei sua cocaína e a vendi para alguns gangsters na mesma rua, então usei o dinheiro para comprar quatro McMeals² e uma arma Nerf³, quando ela me deixou sozinho esta noite.

Vovó Maria foi quem fez o trabalho pesado na hora de me criar. Ela morava conosco, trabalhando em dois empregos para nos sustentar. Catalina ficava ao fundo, como um móvel. Lá, mas não realmente. Vivíamos sob o mesmo teto, mas ela se

¹ Rio do Estado de Massachusetts, Estados Unidos.

² Combo de refeição de fast-food.

³ Pistola de brinquedo infantil que lança dardos.



mudava sempre que seus namorados eram chicoteados o suficiente para deixá-la ficar com eles. Ela frequentava centros de reabilitação, namorava homens casados e, de alguma forma, tinha dinheiro para comprar bolsas e sapatos caros. As crianças na escola sempre me contavam que seus pais diziam que Cat conhecia a curva de cada colchão do nosso Motel 6⁴ local e, embora eu não tivesse certeza do que isso significava, tinha certeza de que não era bom.

Certa vez, escutei o tio Troy dizendo a ela: — *Ele não é a porra dos Hamptons, Cat. Você não pode visitá-lo periodicamente, quando o tempo permite.*

Catalina disse a ele para fechar sua boca. Que eu fui o pior erro que ela já cometeu enquanto estava chapada.

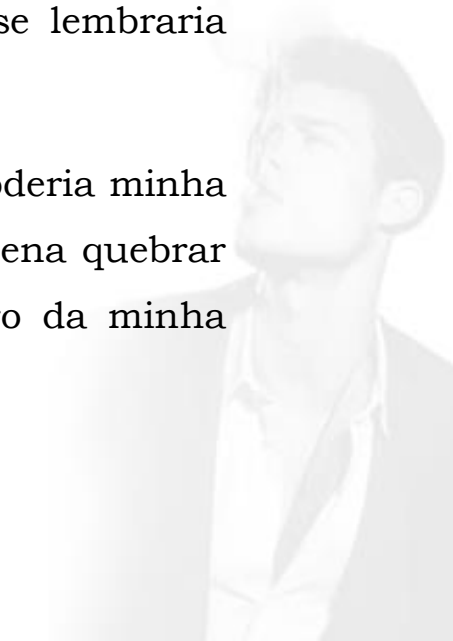
Naquele dia, fui expulso. Bati na merda do Neil DeMarco por dizer que seu pai e sua mãe estavam se divorciando por causa da minha mãe.

— *Sua mãe é uma vagabunda, e agora eu tenho que me mudar para uma casa menor! Te odeio!*

Eu tinha dado a ele um motivo diferente para me odiar quando terminei com ele, um que ele sempre se lembraria porque mudou seu rosto.

Quando Cat me pegou, gritou comigo que foderia minha cara como eu fiz com Neil, mas eu não valia a pena quebrar suas unhas novas. Eu mal a ouvi. Tudo dentro da minha

⁴ Rede de motéis de baixo custo distribuídos pelos Estados Unidos e Canadá.



cabeça estava inchado com a luta e com os pensamentos que fizeram minha cabeça doer.

Mas eu sabia que ela seria mesquinha demais para me levar ao Pronto-Socorro, então não reclamei.

— Todo nosso? — Tia Sparrow estreitou os olhos verdes para Catalina. — O que você está falando? Hoje não é o nosso dia com Sam.

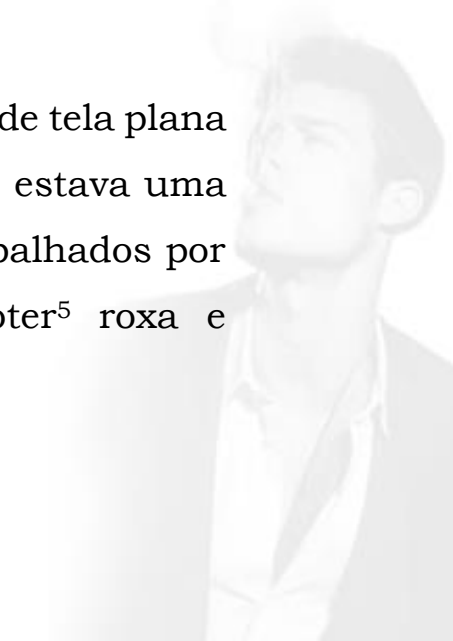
Tia Sparrow tinha cabelos ruivos e sardas e um corpo como um espantalho, todo ossos e pele. Ela não era tão bonita quanto Catalina, mas eu ainda a amava mais.

Cat revirou os olhos, chutando a mochila com minhas coisas. Atingiu as canelas do tio Troy.

— Não finja que vocês não estavam pensando nisso o tempo todo. Vocês o levam nas férias em família, ele tem um quarto aqui e vocês vão a todos os jogos dele. Você o amamentaria se tivesse peitos, o que, infelizmente, não tem. — Catalina passou os olhos pelo corpo de Sparrow. — Você sempre o quis. Ele completará sua família chata, com sua filhinha chata. Bem, é seu dia de sorte, porque o idiota é oficialmente seu.

Engoli em seco e olhei diretamente para a TV de tela plana atrás do ombro de Sparrow. A sala de estar deles estava uma bagunça. O bom tipo de bagunça. Brinquedos espalhados por toda parte, cobertores rosa fofos e uma scooter⁵ roxa e

⁵ Triciclo..



reluzente para bebês. *Brave*⁶ estava passando na tela. Era o filme favorito de Sailor. Ela provavelmente estava dormindo.

Ela tinha hora de dormir. Regras. Uma rotina.

Sailor era a filha de dois anos de Troy e Sparrow. Eu a amava como uma irmã. Sempre que ela temia que um monstro estivesse se escondendo embaixo de sua cama e eu estava lá, ela escorregava para fora de sua cama de criança, entrava no meu quarto e deslizava sob meu cobertor, segurando-me como se eu fosse um ursinho de pelúcia.

— *Me proteja, Sammy.*

— *Sempre, Sail.*

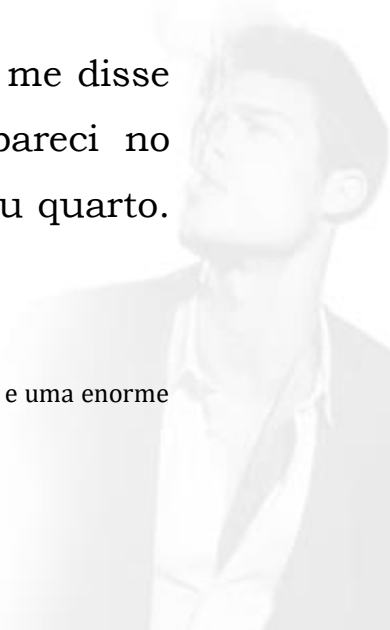
— Não na frente da criança. — Troy deu um passo em direção a Cat, colocando espaço entre ela e eu. Meu estômago roncou, lembrando-me que eu não comia desde aqueles McMeals que enfiei na garganta.

— Sam, você pode nos dar um minuto? — Sparrow passou os dedos pelo meu cabelo empoeirado. — Eu comprei para você aquele jogo *Ghost of Tsushima*⁷, como você pediu. Pegue um lanche e jogue enquanto terminamos aqui.

Peguei um pouco de snack de carne – tio Troy me disse que a proteína me ajudaria a crescer – e desapareci no corredor, fazendo a curva, mas não entrando no meu quarto.

⁶ No Brasil chamado de “Valente” da Disney.

⁷ Jogo eletrônico de ação-aventura do Playstation 4, que simula o que resta do Japão e uma enorme invasão Mongol.



Eu tinha meu próprio quarto aqui desde que estava na primeira série. Vovó Maria disse que era porque Troy e Sparrow moravam em um bom distrito escolar e precisávamos do código postal para se registrar, mas mesmo depois de ser expulso da minha primeira escola, ainda vinha aqui com frequência.

Minha casa “de verdade” ficava em um bairro ruim em Southie, onde havia ténis espalhados por todas as linhas de energia e, mesmo que você não arranjasse brigas, com certeza precisaria terminá-las para sobreviver.

Escutando, ouvi Troy rosnar: — Que *porra é essa?* — da porta. Gostei de como ele disse a palavra 'porra'. O som disso me deu uma chicotada e a pele dos meus braços ficou toda engraçada. — Maria mal se foi há três semanas e você já está falando merda.

Vovó Maria faleceu dormindo há menos de um mês. Fui eu quem a encontrou. Cat ficou fora a noite toda, “trabalhando”. Eu segurei vovó e chorei até não conseguir mais abrir os olhos. Quando Cat finalmente chegou em casa, com hálito de uísque e maquiagem borrada, ela me disse que era tudo culpa minha.

Que a vovó estava cansada demais das minhas besteiras e decidiu desistir.

— *Não posso culpá-la por chutar o balde, garoto. Eu faria o mesmo se pudesse!*



Arrumei minha mochila naquela mesma manhã e a escondi embaixo da minha cama.

Eu sabia que Cat não me manteria.

— Primeiro de tudo, cuidado com sua boca. Eu ainda estou de luto. Eu perdi minha mãe inesperadamente, você sabe, — Catalina bufou.

— Azar do caralho. Sam nunca teve *mãe* para começar. — A voz de Troy fez as paredes tremerem, mesmo quando falou com calma.

— O menino é indomável. Estúpido como um tijolo e agressivo como um cão de rua. Eu ficar por aqui não vai ajudar. É só uma questão de tempo antes que ele chegue ao reformatório, — cuspiu minha mãe. — Ele é um monstro.

Esse era o apelido dela para mim. *Monster*.

Monster fez isso.

Monster fez isso.

— Olha, eu não me importo com o que você e sua esposa perfeita pensam. É muita responsabilidade. Estou fora. Não posso mandá-lo para terapia e coisas assim. Eu não sou feita de dinheiro. — Catalina bateu com o salto no chão. Eu a ouvi remexendo em sua bolsa Chanel por seus cigarros. Ela não os encontraria. Fumei metade do maço no quintal enquanto ela ficava chapada no quarto. O resto estava na minha mochila.

— Se o dinheiro é um problema... — Sparrow começou.



— *Vadia, por favor,* — Cat interrompeu suas palavras com violência, gaguejando. — Fique com o seu dinheiro. E espero que você não seja burra o suficiente para pensar que é melhor do que eu, com toda a ajuda que está recebendo de seu marido, harém de babás e tutores. Sam é a cria do Diabo. Eu não posso fazer isso sozinha.

— Você não está fazendo isso sozinha, — Troy grunhiu. — Nós dividimos a custódia dele, idiota.

O fogo ardeu em meu peito. Não sabia que Sparrow e Troy tinham minha custódia legal. Eu não sabia o que significava, mas parecia importante.

— Ou você o pega ou eu o deixo em um orfanato, — Cat bocejou.

De certa forma, fiquei aliviado. Eu sempre soube que uma vez que vovó morresse, Catalina iria se livrar de mim. Passei as últimas semanas me preocupando que ela colocasse fogo na casa comigo para conseguir o dinheiro do seguro ou algo assim. Pelo menos eu ainda estava vivo.

Eu sabia que minha mãe não me amava. Ela nunca olhou para mim. Quando o fazia, ela me dizia que eu a lembrava *dele*.

— *O mesmo cabelo de Edward Cullen. Os mesmos olhos mortos e cinzentos.*

Ele era meu falecido pai, Brock Greystone. Antes de morrer, ele foi contratado por Troy Brennan. Brock Greystone



era fraco, patético e uma doninha. Um rato. Todo mundo disse isso. Vovó, Cat, Troy.

Meu pior pesadelo era me tornar como ele, por isso Catalina sempre me dizia que eu era tão parecido com ele.

Em seguida, havia o tio Troy. Eu sabia que ele era um homem mau, mas também era um homem honrado.

Os gangsters do meu quarteirão disseram que ele tinha sangue nas mãos.

Que ele ameaçou, torturou e matou pessoas.

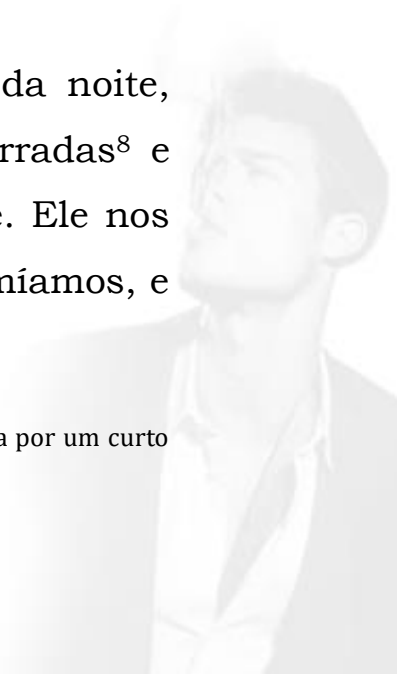
Ninguém mexia com Troy. Ninguém o expulsou de casa, gritou com ele ou disse que ele era o pior erro deles. E ele tinha aquela coisa sobre ele, como... como se ele fosse feito de mármore. Às vezes eu olhava para o seu peito e ficava surpreso ao vê-lo se mexer.

Eu queria tanto ser ele que, ao pensar nisso, meus ossos começaram a doer.

Sua existência parecia mais alta que a de qualquer outra pessoa.

Sempre que o tio Troy desaparecia no meio da noite, voltava machucado e desgrenhado. Ele trazia enterradas⁸ e ignoraria o fato de que cheirava a pólvora e sangue. Ele nos contava piadas de mau gosto na mesa enquanto comíamos, e

⁸ Colocar um biscoito, pedaço de pão, donuts. em um líquido como chá, café ou sopa por um curto período de tempo antes de comê-lo.



para ter certeza de que Sailor não estava mais com medo, ele diria a ela que viu a família de monstros que vivia em seu armário se mudar.

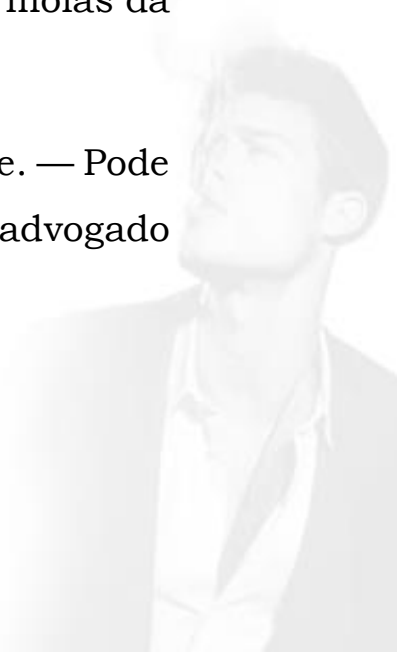
Uma vez ele sangrou sobre todo um donut, e Sailor o tinha comido porque pensava que era glacê de Natal. Tia Sparrow estava perto de uma explosão nuclear. Ela o perseguiu pela cozinha com um cabo de vassoura enquanto Sail e eu ríamos, dando um tapa nele e na verdade pegando sua orelha duas vezes. Quando ela finalmente o pegou (só porque ele deixou), ele capturou ambos os pulsos e a abaixou no chão e beijou-a com força na boca. Eu pensei ter visto alguma língua também, mas então ela deu um tapa no peito dele e uma risadinha.

Todo mundo estava tão feliz e ria muito, Sailor sofreu um incidente, e nunca mais teve.

Mas então senti meu peito apertar porque sabia que eles me mandariam de volta para Cat no final da tarde. Isso me lembrou que eu realmente não fazia parte da família deles.

Foi o único bom momento que tive. Eu o repetia mais e mais, deitado na minha cama, toda vez que ouvia as molas da cama de Cat gemer sob o peso de um estranho.

— Vamos pegá-lo — anunciou Sparrow friamente. — Pode ir. Enviaremos a você a papelada assim que nosso advogado redigir os documentos.



Meu peito se encheu de algo quente naquele momento. Algo que nunca senti antes. Eu não conseguia parar. Parecia bom. Ter esperança? Oportunidade? Eu não poderia colocar um nome nisso.

— *Red*, — Troy soprou o apelido de sua esposa.

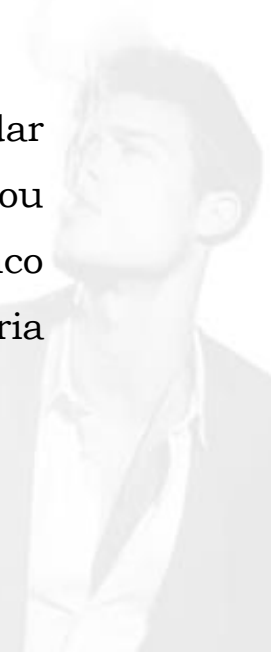
E assim, minhas entranhas ficaram frias novamente. Ele não queria me adotar. Por que ele iria? Eles já tinham uma filha perfeita. Sailor era fofa, engraçada e *normal*. Ela não entrou em brigas, não foi expulsa três vezes e definitivamente não quebrou seis ossos de seu corpo fazendo merdas perigosas porque a dor a lembrava de que ela ainda estava viva.

Eu não era um idiota. Eu sabia para onde estava indo — as ruas. Crianças como eu não eram adotadas. Eles se metiam em problemas.

— Não, — disse Sparrow com rispidez. — Já me decidi.

Ninguém falou por um momento. Fiquei muito assustado. Eu queria sacudir Cat e dizer a ela o quanto a odiava. Que ela deveria ter morrido no lugar da vovó Maria. Que ela *merecia* morrer. Com todas as drogas, namorados e viagens de reabilitação.

Nunca contei a ninguém como ela costumava me dar doses de rum para me fazer dormir. Sempre que Troy ou Sparrow nos faziam visitas surpresa, ela esfregava pó branco em minhas gengivas para me acordar. Ela praguejaria baixinho, ameaçando me queimar se eu não acordasse.



Eu tinha sete anos quando percebi que era um viciado.

Se eu não recebesse o pó branco diariamente, eu tremia, suava e gritava no travesseiro até ficar sem energia e desmaiar.

Eu tinha oito anos quando larguei o vício.

Eu apenas me recusei a deixá-la me dar rum ou pó. Ficava louco toda vez que ela se aproximava de mim com essas coisas. Uma vez, mordi seu braço com tanta força que uma parte de sua pele ficou na minha boca, salgada e metálica, dura contra meus dentes.

Ela nunca mais tentou depois disso.

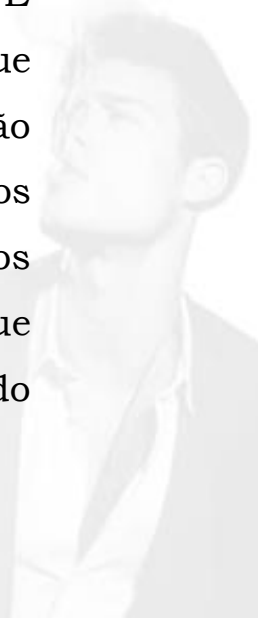
— Você tem sorte *pra* caralho que minha esposa é teimosa como o inferno, — Troy sibilou. — Vamos pegar Sam, mas haverá estipulações – e muitas delas.

— *Chocante*, — Cat mordeu. — Vamos ouvi-las.

— Você vai entregá-lo e assinar toda a papelada legal, sem negociações e sem pedir um centavo.

— Feito, — Cat gargalhou sem humor.

— Você vai fodidamente sumir de Boston. Afastar-se. E quando digo longe, Catalina, quero dizer algum lugar em que ele não possa te ver. Onde a memória de sua mãe caloteira não arda. Outro planeta é preferível, mas já que não podemos arriscar que alienígenas te encontrem e pensem que somos todos idiotas, dois estados de distância, no mínimo, é o que exijo. E se você voltar – o que eu *sinceramente* não recomendo



– você passará por mim se quiser vê-lo. Você se afasta dele agora, perde todos os seus privilégios maternos. Se eu te pegar brincando com esse garoto, *meu* filho... — ele fez uma pausa para enfatizar — ...*vou* te dar a morte lenta e dolorosa que você tem implorado por quase uma década, e vou fazer você assistir sua própria morte no espelho, seu vão desperdício de oxigênio.

Eu acreditei nele.

Eu sabia que ela também acreditava.

— Você nunca mais me verá. — A voz de Cat estremeceu, como se sua garganta estivesse cheia de moedas. — Ele está podre até o âmago, Troy. É por isso que você o ama. Você se vê nele. Sua escuridão chama por você.

Foi quando me transformei em uma estátua de sal. Ou pelo menos é como me senti. Eu estava com medo de que se alguém me tocasse, eu quebrasse.

Eu poderia ser como o Troy.

Eu tive escuridão. E violência. E todas as coisas que o tornaram grande.

Eu tinha a mesma fome e desprezo pelo mundo e pelo coração que era apenas isso – um coração – sem nada dentro dele.

Eu poderia virar uma esquina⁹.

⁹ Passar o ponto crítico, reestabelecer.



Eu poderia ser outra coisa.

Eu poderia ser *alguma coisa*, ponto final.

Essa era uma possibilidade que eu nunca havia considerado antes.

Cat foi embora não muito depois. Então Troy e Sparrow conversaram. Ouvi Troy se servir de uma bebida. Eles discutiram sobre advogados e o que dizer à Sailor. Sparrow sugeriu que me mandassem para uma escola Montessori, fosse lá o que diabos fosse isso. Fui para a cama na ponta dos pés, cansado demais para me preocupar com meu próprio futuro. Meus joelhos bateram juntos e eu senti a carne subindo pela minha garganta. Fiz uma parada no banheiro e vomitei.

Órfão. Um erro. Um monstro.

Eu não sabia quanto tempo se passou antes que eles entrassem no meu quarto.

Fingi estar dormindo. Eu não queria falar. Tudo o que eu queria fazer era ficar deitado ali com os olhos fechados, com medo de que eles decidissem que não me queriam, afinal, ou que iriam me dizer algo que eu não queria ouvir.

Senti minha cama afundar quando Sparrow se sentou na beirada. Eu tinha lençóis do Boston Celtics¹⁰ de linho verde e branco, um PlayStation, uma TV e uma camiseta do Bill Russell¹¹ pendurada na parede. Meu quarto era pintado de

¹⁰ Time de basquetebol da NBA.

¹¹ Ex-jogador, lenda, um dos maiores e mais dominantes jogadores da NBA, pelo Boston Celtics.



verde e cheio de fotos minhas com Troy, Sparrow e Sailor na Disney, Universal e no Havaí.

Meu quarto na casa de Cat era apenas uma cama, uma cômoda e uma lata de lixo.

Sem tinta. Sem imagens. Sem nada.

Nunca me perguntei por quê.

Por que os Brennans me acolheram.

Por que eu fazia parte desse arranjo fodido.

— Nós sabemos que você está acordado. — O hálito de uísque de Troy espalhou meu cabelo sobre os olhos, fazendo meu nariz se contorcer. — Você seria um idiota se adormecesse em uma noite como esta, e meu filho não é um idiota.

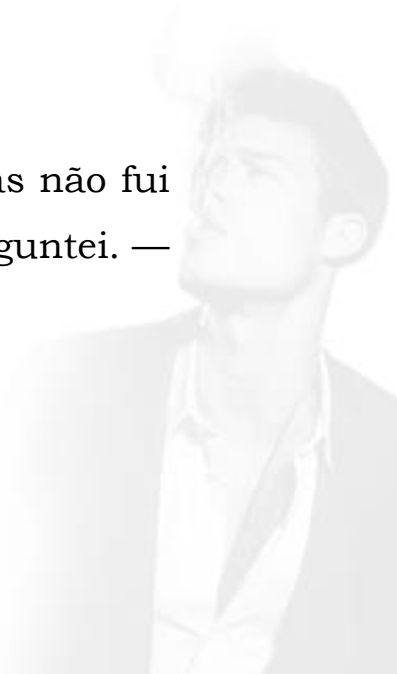
Eu abri meus olhos. Sua silhueta ocupava a maior parte do meu quarto. Sparrow pôs a mão nas minhas costas, esfregando-as em círculos.

Eu não quebrei.

Eu soltei um suspiro.

Afinal, não sou uma estátua de sal.

— Você é meu verdadeiro pai? — Eu soltei, mas não fui corajoso o suficiente para olhar para ele quando perguntei. — Você engravidou Cat?



Eu deveria ter perguntado isso há muito tempo. Era a única coisa que fazia sentido. — Você nunca ligaria para mim de outra forma. Você não pode me deixar ficar aqui só porque a vovó Maria uma vez esfregou seus banheiros. Eu sou um bastardo?

— Você não é um bastardo, e você não é meu, — Troy disse à queima-roupa, desviando seu olhar para a janela. O horizonte de Boston se estendia à sua frente. Todas as coisas que ele possuía e governava. — Não biologicamente, de qualquer maneira.

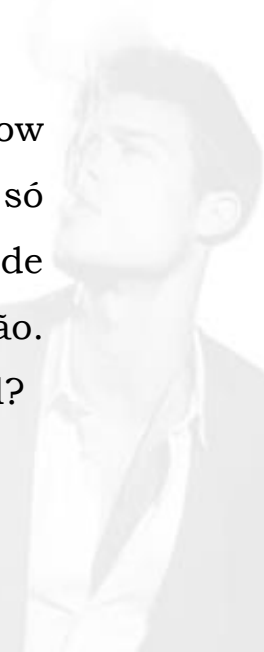
— Sou um Greystone, — insisti.

— Não, — ele assobiou. — Você é um Brennan. Greystones não têm o gene do coração.

Nunca tinha ouvido falar desse gene. Então, novamente, eu faltei à escola na maioria dos dias para fumar cigarros fora dos bares e vender o que quer que eu tenha roubado naquele dia para ajudar a pagar minha próxima refeição.

— Eu não sou perfeito, — sentei-me, carrancudo. — Então, se é isso que vocês querem, algum garoto perfeito, me expulsem agora.

— Não queremos que você seja perfeito. — Sparrow esfregou minhas costas mais rápido, com mais força. — Nós só queremos que você seja nosso. Você é Samuel. Um presente de Deus. Na Bíblia, Samuel foi dado à Hanna após anos de oração. Ela pensava que era estéril. Você sabe o que significa estéril?



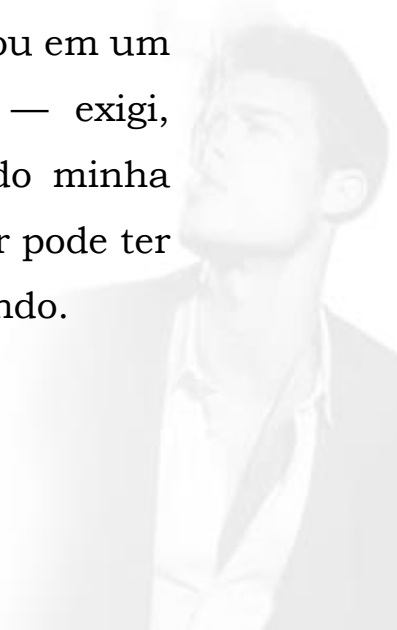
— Uma mulher que não pode ter filhos. — Eu estremei. Para ter filhos, primeiro você tinha que fazê-los, e eu sabia exatamente como as pessoas faziam para fazê-los – peguei Catalina praticando um monte de vezes com seus clientes – e era nojento.

Sparrow acenou com a cabeça. — Depois que Sailor nasceu, os médicos me disseram que eu não poderia engravidar de novo. Acabou que eu não precisei. Eu tenho você. Seu nome significa 'O Senhor ouve' em hebraico. *Shma-el*. Deus ouviu minhas orações e superou todas as minhas expectativas. Você é primoroso, Samuel.

Primoroso. Ha. Essa era uma palavra que eu usaria para um quadro famoso ou alguma merda, não um ex-viciado em cocaína de nove anos, alcoólatra em recuperação, que era fumante ativo e tinha metade do tamanho de uma criança da minha idade.

Minha infância foi um fracasso, minha inocência e eu não compartilhamos mais um código postal, e se ela pensava que algumas refeições caseiras e algumas massagens nas costas iriam mudar isso, bem, ela teria uma surpresa desagradável.

— Diga-me por que estou aqui. Por que não estou em um orfanato. Eu tenho idade suficiente para saber, — exige, cerrando meus punhos com muita força, apertando minha mandíbula. — E não me fale sobre a Bíblia. O Senhor pode ter ouvido Hannah, mas, com certeza, não está me ouvindo.



— Você está aqui porque nós te amamos, — Sparrow disse ao mesmo tempo que Troy respondeu: — Você está aqui porque eu matei seu pai.

O silêncio desceu. Sparrow se levantou da minha cama, com os olhos muito arregalados e muito grandes, olhando para o marido. Sua boca estava aberta como um peixe. Troy continuou.

— Ele disse que merece saber. Ele não está errado, Red. A verdade, Sam, é que pouco antes de seu pai morrer, ele sequestrou Sparrow com toda a intenção de matá-la. Tive que salvar minha esposa e fiz isso sem pensar duas vezes. Eu queria que você tivesse uma figura paterna. Uma pessoa a quem respeitar. O plano era levá-lo a jogos de basquete de vez em quando. Fornecer orientação, conselho e um grande fundo para a faculdade para começar sua vida; me apegar nunca estive nos meus planos, mas aconteceu, de qualquer maneira. — Ele me olhou bem nos olhos. — Muito cedo percebi que você não era um projeto. Você era família.

— Você matou meu pai, — eu repeti.

Eu sabia que Brock Greystone estava morto, mas Catalina e a vovó Maria sempre disseram que aconteceu em um acidente.

— Sim, — ele disse simplesmente.

— Quem sabe?

— Você. Eu. Cat. Tia Sparrow. *Deus*.



— Deus te perdoou?

Troy sorriu. — Ele me deu você.

Dependendo de quem você perguntar, isso pode ser visto como uma punição.

Agora Brock estava morto e Cat havia sumido. Os Brennans eram minha única chance de sobrevivência, gostasse ou não.

— Tudo bem? — Perguntou Troy. Com seu sotaque do sul, saiu como — *Certo?*

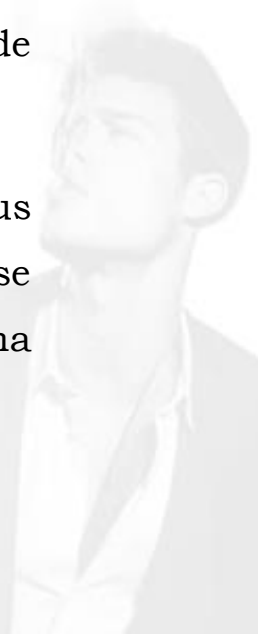
Eu o encarei, sem saber o que pensar ou fazer.

— Eu vou pegar algumas enterradas agora. — Ele se abaixou para pegar minha bolsa de ombro, retirando o maço de cigarros de Cat dela. Era quase meia-noite. Ele definitivamente estava indo para um de seus “negócios”.

— Donuts sempre tornam tudo melhor, — ressaltou Sparrow, continuando a mentir. — Cuide-se, querido.

Ele se abaixou para beijar o topo de sua cabeça. — Sempre, Red. E você... — ele bagunçou meu cabelo com sua palma enorme — ...chega de cigarros. Essa merda pode mandar você para um túmulo prematuro.

Foi nesse momento que decidi que fumaria até meus pulmões entrarem em colapso. Não porque eu quisesse desafiar o tio Troy, mas porque morrer jovem não parecia uma má ideia.



Quando ele saiu, virei-me para Sparrow. Meus nervos estavam em frangalhos. Eu não podia confiar em mim mesmo para não vomitar de novo, mas desta vez no colo dela. E eu nunca vomitei em ninguém, nem chorei.

— Ele não queria me pegar, — eu disse.

Ela passou os dedos pelo meu cabelo, deixando-o de volta ao normal. — Não, ele não queria. Mas só porque ele não queria que sua mãe saísse de sua vida.

— Mas você não deu a mínima para isso. Por quê?

— Porque eu sei que sem mãe é melhor que uma mãe ruim, e todos os dias que você estava com ela fazia meu coração doer.

— Vovó também se foi.

— Ela não foi embora, querido. Ela morreu. Não cabia a ela.

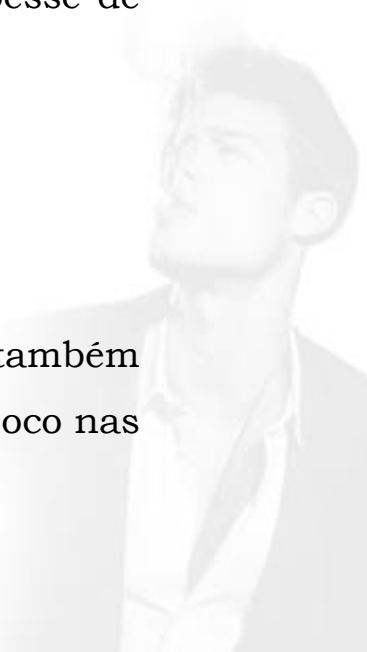
— Eu não me importo. Eu odeio mulheres. Eu as odeio.

— Um dia você encontrará alguém que o fará mudar de ideia. — Sparrow sorriu em particular, como se soubesse de algo que eu não sabia. Ela estava errada.

Vovó morreu e me deixou com Cat.

Cat quase me matou várias vezes.

As mulheres não eram confiáveis. Os homens também não, mas os homens eu poderia, pelo menos, dar um soco nas



bolas, e os homens nunca fizeram nenhuma promessa. Eu não tinha pai ou avô com quem me zangar.

— Eu nunca vou mudar de ideia, — murmurei, lutando contra minhas pálpebras pesadas que exigiam que eu desmaiasse.

Caí nos braços de Sparrow horas depois que Troy foi embora.

Quando acordei na manhã seguinte, encontrei uma corrente de ouro na minha mesa de cabeceira.

Eu examinei o pingente de Santo Antônio nele. Minhas iniciais foram gravadas ao redor da moeda.

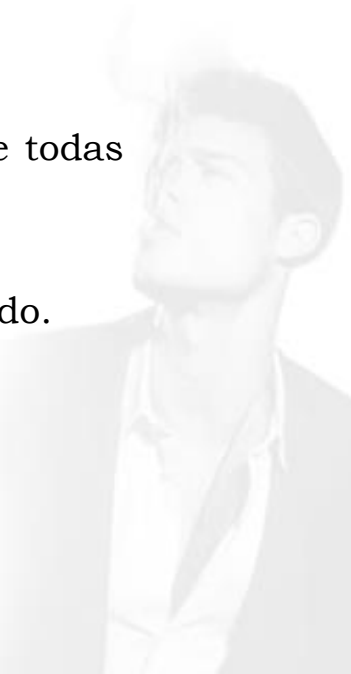
SAB

Samuel Austin Brennan.

Anos mais tarde, eu soube que Troy e Sparrow pediram para mudar legalmente meu nome de Greystone para Brennan na mesma hora em que pediram minha custódia total.

Eu sabia quem era Santo Antônio, o padroeiro de todas as coisas perdidas.

Eu estava perdido, mas agora havia sido encontrado.



Ao lado do colar havia um prato de papel com um donut glaceado e uma xícara de chocolate quente.

Eu era um Brennan agora.

Aristocrata do submundo de Boston.

Privilegiado, respeitado e temido acima de tudo.

Uma lenda em formação.

Eu pretendia fazer jus ao meu homônimo a qualquer preço.

Eu nunca estaria perdido novamente.

Meus pais falharam, mas eu? Eu prevaleceria.

Eu ressuscitaria das cinzas e os deixaria orgulhosos.

Subiria para o céu.

Esta foi a primeira vez que me senti assim.

Certo.



Aisling



17 anos.

O coração era um monstro.

É por isso que foi trancado atrás de nossas costelas, em uma gaiola.

Eu sabia disso o tempo todo, desde o momento em que nasci, mas esta noite também *senti* isso.

Vinte minutos depois de pegar a Mass Pike¹² para fora de Boston, finalmente aceitei o fato de que estava perdida.

Eu dirigi com as janelas abertas, o ar úmido de verão chicoteando minhas bochechas molhadas. As lágrimas continuaram caindo.

O perfume das flores da primavera permaneceu em minhas narinas, inebriante e doce, misturando-se com a frescura da noite.

Ela nunca vai sentir o cheiro das flores da primavera novamente.

Sorrir torto, como se ela estivesse segurando os segredos do universo entre os lábios.

Pressionar um vestido contra meu peito e balançar seus ombros com entusiasmo, exclamando: — Tres you!¹³

Por que você tem que fazer isso, B?

¹² Uma rodovia pedagiada dos EUA.

¹³ Sua cara!



Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio.

À distância, luzes de néon piscavam em tendas listradas de amarelo e vermelho. Havia uma placa gigante no meio de uma roda-gigante cintilante.

Parque Aquila.

Afogar.

Eu precisava me afogar.

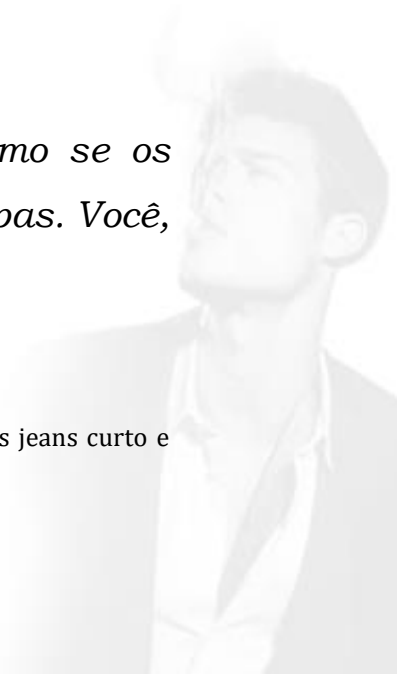
Em luzes, cheiros e ruídos, com vidas simples que não eram as minhas.

Eu fiz uma curva fechada à direita.

Estacionei entre os SUVs, veículos surrados e carros esportivos, tropeçando para fora do Volvo em meu moletom preto, shorts cortados e tênis. Daisy Dukes¹⁴ era meu estilo. Peguei uma tesoura em uma calça jeans velha e cortei-a de forma que a curva da minha bunda fosse visível mesmo do espaço. Meu traje geralmente lembra o de Kate Middleton. Formal, adequado e como uma princesa. Mas esta noite, eu queria irritá-la por morrer por minha causa. Dar a ela o dedo médio por não ficar por perto.

— As garotas americanas mostram a pele como se os homens não soubessem o que os espera sob suas roupas. Você,

¹⁴ A personagem feminina da série Os gatos. Ela se vestia basicamente com shorts jeans curto e camisa amarrada abaixo dos seios.



mon cheri, fará um homem ganhar cada centímetro de você, vestindo-se de maneira adequada e recatada, ouviu?

Meus pés me levaram para frente, a fragrância de dar água na boca, de algodão doce, pipoca com manteiga e maçã-do-amor escorrendo em meu sistema.

*Ela não gostava quando eu comia junk food*¹⁵.

Dizia que os americanos tinham o hábito de se alimentar de diabetes tipo 2. Tinha muitas ideias sobre os americanos, todas beirando o xenóforo, e eu costumava passar metade do meu tempo discutindo com ela os méritos da América.

Barracas que ofereciam shows ao vivo, vendedores ambulantes e um pequeno fliperama cercavam os brinquedos, servindo de divisa. O *ding-ding-ding* das máquinas, salpicado com os ruídos mecânicos das viagens, reverberou em meu estômago vazio. A roda-gigante no centro banhada por um oceano de luzes.

Comprei algodão doce rosa e uma Coca Diet, e caminhei.

Havia casais se beijando, rindo, brigando. Grupos de adolescentes gritando e piando. Pais gritando. Crianças correndo. Eu estava irracionalmente, irritantemente zangada com todos eles.

Por estarem vivos.

¹⁵ Besteiras, comida lixo.



Por não sofrerem comigo.

Por darem como certa a raridade de sua preciosa condição: vivos, saudáveis e bem.

Joguei o resto do algodão doce em uma lata de lixo e olhei ao redor, decidindo onde ir primeiro. Pelo canto do olho, percebi um sinal gigante.

*The Creep Show: A Haunted Mansion Experience.*¹⁶

Mansões mal-assombradas eram meu playground.

Afinal, eu morava em uma – minha casa guardava os segredos de sete gerações de Fitzpatricks – e sempre fui atraída por fantasmas e monstros.

Tomei meu lugar na fila, mudando de um pé para o outro enquanto verificava meu telefone. Minha mãe e meus irmãos estavam todos procurando por mim.

Cillian: *Onde você está, Aisling? Me ligue de volta imediatamente.*

Hunter: *Ei, mana. Você está bem? Parece que você esteve envolvida em alguma merda pesada. Enviando abraços de Cali.*

Mãe: *Eu ouvi o que aconteceu. Muito terrível, querida. Por favor, volte para casa para que possamos discutir isso. Tão terrível que você viu isso.*

¹⁶ Show de Horror: Mansão mal-assombrada.



Mãe: *Você sabe como minha ansiedade fica pior quando não consigo falar com você. Você precisa voltar para casa, Ash.*

Mãe: *Oh, Aisling, o que devo fazer? Você nem fez meu chá de ervas antes de partir. Estou um caco aqui!*

Essa era minha mãe. Autocentrada, mesmo quando era meu mundo implodindo em pedaços minúsculos. Sempre preocupada com seu próprio bem-estar antes do meu.

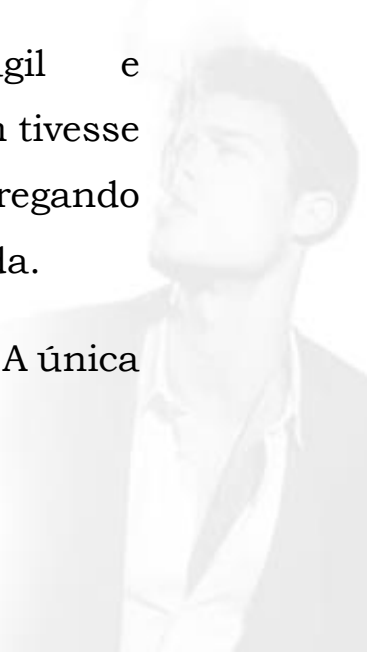
Coloquei meu telefone de volta no bolso e estiquei o pescoço para olhar os carrinhos enquanto eles deslizavam para trás das mandíbulas de um palhaço malvado e sorridente. Gritos abafados sangraram de dentro do passeio. As pessoas que saíram saltaram dos carrinhos com os joelhos bambos, zumbindo de excitação.

Quando finalmente fui colocada em um dos vagões – parecia um casulo raquítico com tinta vermelha manchada para simbolizar sangue – eu estava sozinha, embora houvesse espaço suficiente para duas pessoas.

Eu sabia que nada aconteceria comigo em uma atração de parque.

Mesmo assim, senti-me perdida, frágil e insuportavelmente solitária esta noite. Como se alguém tivesse arrancado minha pele de uma vez e me deixado carregando meus ossos, veias e músculos em uma pilha bagunçada.

Eu tinha acabado de perder minha melhor amiga. A única que contava.



Eu agarrei a manga da camisa do cara que comandava o passeio, puxando.

— Eu quero sair.

Ele me deu uma olhada lenta, seu olhar demorando um segundo a mais nas minhas coxas nuas.

— Inferno, doçura, eu gostaria de tirar você também. Mas você terá que esperar até o final do meu turno. Eu preciso do dinheiro, — ele arrastou, soando chapado.

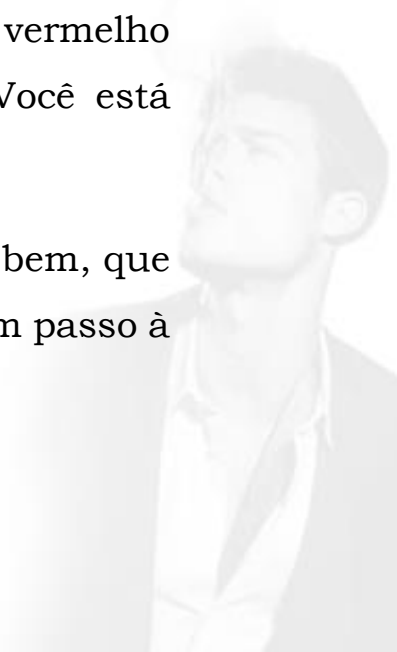
Eu agarrei sua manga do capuz Hurley, jogando quatorze anos de aulas de etiqueta pela janela em um momento de desespero. — Não! Eu quero sair. A menos que você possa colocar alguém no carrinho comigo? — A esperança gotejou em minha voz.

— Mano, é, tipo, um passeio que qualquer um de um metro ou mais pode pegar. — Ele afastou meu toque, franzindo a testa. — Você vai sair viva.

— Eu sei. Não é que eu esteja com medo. Eu acabei de...

— Olha...— ele levantou a mão para interromper meu fluxo de palavras — ...se eu não apertar aquele botão vermelho ali a cada três minutos, eu perco meu emprego. Você está saindo ou engolindo?

Eu estava prestes a responder que estava tudo bem, que eu estava apenas sendo boba, quando alguém deu um passo à frente, cortando toda a linha atrás deles.



— Ela vai engolir tudo, senhor Smokes-a-lot¹⁷.

Uma cortina de lágrimas não derramadas bloqueou minha visão, e eu sabia que se eu piscasse, todos veriam que eu estava chorando. Fiquei tão envergonhada que queria morrer. O Stoner Guy¹⁸ empurrou a grade de metal obedientemente, murmurando um olá rápido para o estranho que se aproximava de nós, abaixando a cabeça.

A pessoa deslizou para dentro do meu carrinho, puxando a barra de metal contra nossa cintura, jogando um cigarro para o lado, uma sombrinha de fumaça nos envolvendo.

Limpei meus olhos, murmurando um *agradecimento* mortificado. Quando olhei para cima, nossos olhares colidiram e minhas entranhas se esmagaram como um teto de vidro quebrado por uma supernova.

Ele.

Eu não o conhecia, mas sonhei com ele.

Eu sonhava com esse homem todas as noites desde os nove anos.

Desde que comecei a ler livros sobre beijos sob as capas de bravos cavaleiros e as princesas que os amavam.

Lindo e principesco, com olhos que podiam ver através de sua alma.

¹⁷ Fuma-muito.

¹⁸ Garoto estranho que anda parecendo estar chapado.



Ele parecia ter vinte e poucos anos. Com cabelo castanho-amarelado varrido pelo vento e despenteado em uma sensualidade desgrenhada. Seus olhos eram duas luas prateadas – o tipo que muda de cor em luzes diferentes. Sua pele brilhava, como se ele tivesse sido mergulhado em ouro, e ele era tão alto que seus joelhos saíram do carrinho. Ele usava um decote em V preto que se agarrava ao seu peito musculoso e bíceps e jeans preto rasgado na altura dos joelhos.

Um amuleto de Santo Antônio estava enrolado em seu pescoço, preso por um cordão de couro esfarrapado.

— Eu... eu sou Aisling. — Estendi minha mão para ele. Nosso carrinho deu um solavanco e gemeu quando duas garotas da minha idade pularam para dentro do casulo atrás de nós, fofocando acaloradamente sobre uma garota chamada Emmabelle que costumava ir à escola com elas e aparentemente fazia sexo com metade do time de futebol e depois sugava a outra metade.

Ele ignorou minha mão estendida. Eu engoli, retirando minha mão e jogando-a no meu colo.

— Noite ruim? — Seus olhos permaneceram nos meus olhos inchados.

— A pior. — Eu nem mesmo tive a educação de sorrir educadamente.

— Eu duvido muito disso.



— Oh, aposto com você em qualquer coisa que minha noite está pior que a de qualquer outra pessoa nesta festa.

Ele me ofereceu uma sobrancelha arqueada, mostrando que sua beleza tinha uma qualidade diabólica, do tipo que eu suspeitava que poucas mulheres poderiam resistir.

— Eu não apostaria comigo.

— Oh? Por que isso?

— Eu sempre ganho.

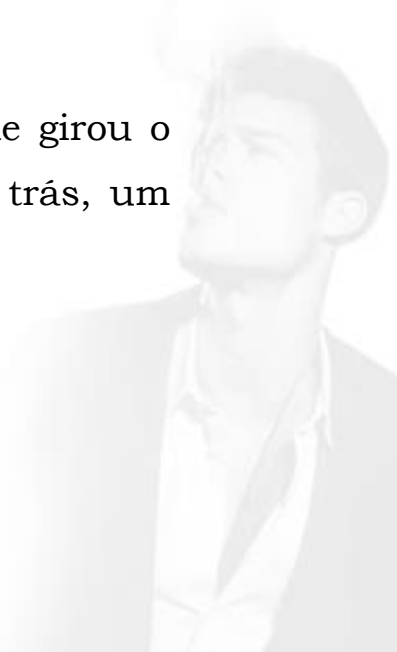
— Há uma primeira vez para tudo, — murmurei, começando a achar que ele estava um pouco confiante demais para o meu gosto. — Aposto qualquer coisa que estou tendo a pior noite de todas as pessoas aqui.

— Isso está certo? *Qualquer coisa?*

— Dentro do razoável. — Eu endireitei minhas costas, lembrando de mim mesma. *Ela* sempre me disse para me comportar de determinada maneira. Se ela fosse um fantasma pairando sobre mim agora, ela não apreciaria meu traje. O mínimo que eu podia fazer era não perder minha virgindade com esse belo estranho em uma aposta estúpida.

— Estou supondo que você é a sensata. — Ele girou o isqueiro entre os dedos longos, para frente e para trás, um movimento que achei estranhamente reconfortante.

— A, de...?



— Seus irmãos.

— Como você sabe que tenho irmãos? — Senti minhas sobrancelhas subirem de surpresa.

Ele me encarou com ousadia, seus olhos dizendo coisas que nenhum estranho deveria me dizer. Era como se o mundo fosse dele e, como eu fazia parte dele, ele também poderia me ter. De repente, percebi que o que quer que estivesse acontecendo aqui era muito estranho e pelo menos um tanto perigoso.

Eu queria me despir para esse homem, e nunca quis me despir para nenhum homem, por qualquer motivo, especialmente por motivos românticos – e não me referia apenas às minhas roupas.

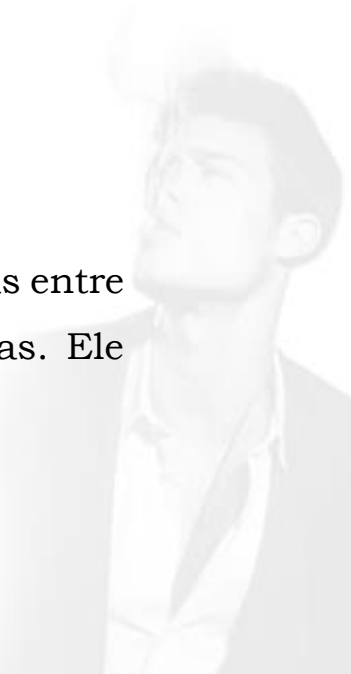
Eu queria fazê-lo explodir como uma piñata, arranhando seu estômago, desenterrando cada qualidade, traço e mau hábito que ele tinha. Quem era ele? Qual foi a sua história? Por que ele falou comigo?

— Você acha que não é nada especial, — ele disse suavemente.

— As pessoas pensam que são especiais?

— Aqueles que não são, fazem.

— Estou supondo que você é o criador de problemas entre seus irmãos. — Coloquei meu cabelo atrás das orelhas. Ele



sorriu, e eu senti em meus ossos. A maneira como o ar esquentava só porque ele estava contente.

— *Bingo.*

— Você deve ter sido um diabinho crescendo. — Eu inclinei minha cabeça para o lado, como se um ângulo diferente fosse me mostrar uma foto dele quando ele tinha nove ou dez anos.

— Eu era um criador de casos, minha mãe me expulsou quando eu tinha nove anos.

— Oh, sinto muito, — eu saltei.

— Eu não sinto. Eu me esquivei de uma bala.

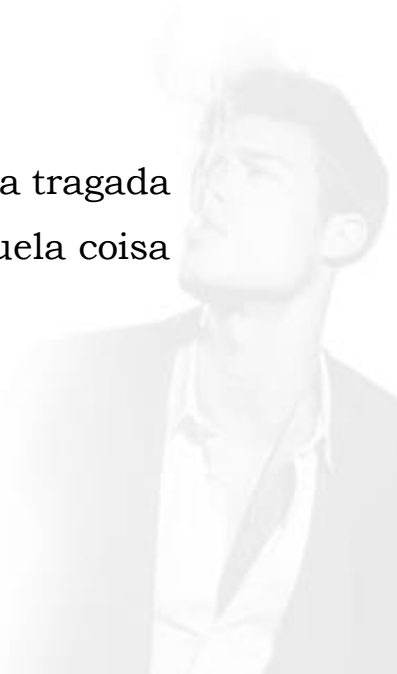
— E seu pai?

— Ele não fez isso. — O homem recuperou um maço de cigarros que mantinha na manga enrolada da camisa, à la Jack Nicholson em *Um Estranho no Ninho*. Colocou a palma da mão sobre a boca e acendeu outro bastão de câncer. Notei que o Stoner Guy viu e não disse uma palavra. — Ele levou um tiro quando eu era criança.

— Merecidamente? — Eu me ouvi perguntar.

— Muito mesmo. — O estranho gostoso deu uma tragada em seu cigarro, a brasa laranja queimando como aquela coisa atrás de minha caixa torácica. — E seus pais?

— Ambos vivos.



— Mas outra pessoa não está. Caso contrário, você não estaria chorando. — Ele exalou uma espiral de fumaça em direção ao céu. Nós dois observamos enquanto a névoa cinza acima de nós evaporava.

— Eu perdi alguém esta noite, — eu admiti.

— Quem?

— Sem ofensa, mas isso não é da sua conta.

— Nenhuma ofensa, mas apenas para registro... — ele ergueu meu queixo com a mão segurando seu cigarro — ...tudo no condado de Suffolk é da minha conta, querida, e agora, você está dentro dos limites do condado, então pense novamente.

Uma sensação estranha tomou conta de mim. Medo, desejo e parentesco lutaram dentro de mim. Ele era direto e agressivo, um lutador. Por mais improvável que parecesse, eu sabia que ele e eu estávamos quebrados no mesmo lugar, embora ambos tivéssemos sido quebrados de maneiras diferentes.

Nosso carrinho começou a se mover, cortando uma cortina de vinil preto. Um zumbi gigante de plástico se inclinou para frente de um véu de fumaça verde, rindo baixinho em meu ouvido.

— *O monstro vai pegar você.*



Havia bestas girando, zumbis gritando que cuspiam água em nossos rostos, e uma família de cadáveres jantando. Os olhos vermelhos de um bebê lançaram lasers contra nós.

O trem de carrinhos subiu até o topo, lento e constante. As pessoas ao nosso redor gritaram de empolgação.

— Você já se sentiu perdido? — Eu sussurrei.

O estranho entrelaçou seus dedos com os meus no banco de plástico arranhado abaixo de nós. Sua mão estava quente, seca e calejada. A minha estava fria, macia e suada. Não me afastei, mesmo quando o perigo começou a zumbir ao meu redor, engrossando o ar, privando-me de oxigênio.

Jogue com monstros, mas não se surpreenda quando for derrotado.

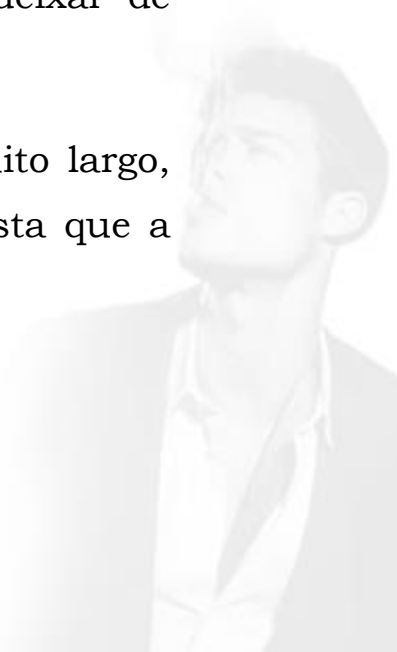
— Não. Eu tive que me encontrar em uma idade jovem.

— Sortudo.

— Eu não usaria essa palavra para me descrever. — Ele deu uma risadinha.

— Não é irlandês, então? — Eu não pude deixar de sondar.

Ele não *parecia* irlandês – era muito alto, muito largo, muito bronzeado –, mas tinha aquele sotaque sulista que a maioria dos irlandeses operários ostentava.



— Depende de como você encara as coisas, — ele respondeu. — Voltando ao assunto em questão – você estar perdida.

— Sim certo. — Limpei minha garganta, pensando *nela* novamente. — Eu acho que nunca vou me encontrar. Não tenho muitos amigos. Na verdade, eu só tinha uma amiga verdadeira e ela morreu hoje.

— Não há nada para encontrar. A vida não é encontrar a si mesmo. É sobre como criar você mesmo. Há algo de libertador em conhecer seus próprios ossos, todas as coisas de que você é capaz. Ser você mesmo assumidamente o torna invencível. — Sua voz infiltrou-se em mim, atingindo raízes. Nossos dedos se apertaram. Nosso carrinho sacudiu aqui e ali enquanto zumbis lançavam armas voando em nossa direção, tentando nos pegar. As pessoas ao nosso redor riram e gritaram.

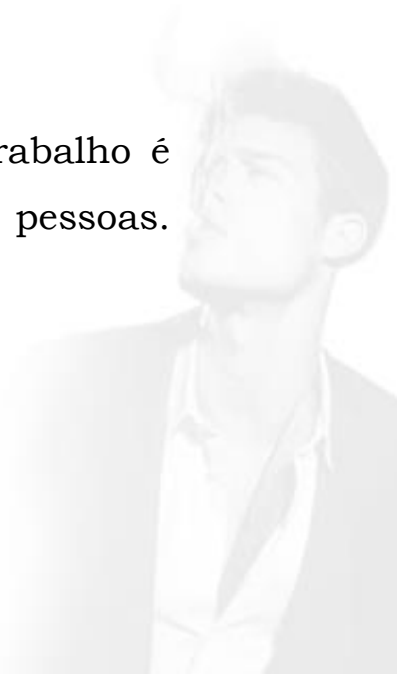
Ele não disse que sentia muito por minha perda como todo mundo fez. — E quem é *você*? — Eu respirei.

— Eu sou um monstro.

— Não, sério, — eu protestei.

— É verdade. Eu prospero no escuro. Meu trabalho é implementar o medo, e sou o pesadelo de algumas pessoas. Como todos os monstros, sempre pego o que quero.

Chegamos ao ponto mais alto. O pico.



— E o que eu quero agora, Aisling, é beijar você.

A carroça deu um solavanco, guinchou e depois tombou, caindo a uma velocidade cada vez maior.

O estranho abafou meu grito com a boca. Seus lábios quentes e salgados selaram os meus possessivamente. Todas as minhas inibições, medos e ansiedade evaporaram. Ele tinha gosto de cigarro, chiclete de menta e sexo. Como um *homem*. Eu soltei a barra, agarrando o tecido fino de sua camisa preta, puxando-o para perto, afogando-me no que éramos naquele momento. Um monstro devorando uma princesa, sem nenhum cavaleiro à vista para salvá-la.

Ele inclinou a cabeça e segurou minha bochecha, a outra mão segurando minha nuca. Sua língua cutucou minha boca aberta, tocando a minha – suavemente no início – antes de deixar nosso beijo se aprofundar. Nossas línguas se torceram juntas, dançando, provocando, procurando. Meu estômago embrulhou e minha ansiedade se dissipou.

O mundo parecia diferente. Mais brilhante. Maior.

O calor se acumulou entre minhas pernas e minha virilha balançou para frente por conta própria. Eu me sentia terrivelmente vazia. Apertei minhas coxas assim que senti uma lufada de ar fresco em meu rosto.

A viagem acabou.

Nós estávamos de volta.



Ele quebrou nosso beijo, recuando, seu rosto sem expressão. Terrivelmente calmo.

As garotas no carrinho atrás de nós murmuraram “puta merda” e “isso foi quente” e “sim, é definitivamente ele, Tiff”.

Ele quem?

— Primeiro beijo, hein? — Ele limpou uma mancha de saliva do canto da minha boca com o polegar, diversão fria dançando em seus olhos. Como se eu fosse um brinquedo. Algo risível, substituível. — Você vai pegar o jeito.

As garotas atrás de nós riram. Minha alma ligou seu laptop imaginário e abriu Zillow¹⁹ em busca de um lugar adequado para me enterrar de vergonha.

— Você realmente não vai me dizer seu nome? — Minha voz saiu rouca. Eu limpei minha garganta. — Imagine se você realmente fosse meu primeiro beijo. Eu poderia ficar marcada para o resto da vida. Você pode me traumatizar. Eu nunca seria capaz de confiar em outro homem novamente.

Stoner Guy abriu a barra de metal, avançando pela fila de carrinhos. — Acabou o tempo. Todo mundo fora.

O estranho afastou meu cabelo do rosto.

— Você vai sobreviver, — ele resmungou.

— Não tenha tanta certeza.

¹⁹ Site de compra e venda de imóveis.



— Não me subestime. Eu sei muito sobre as pessoas. Além disso, eu já te disse, meu nome é Monster.

— Agora, esse pode ser o seu apelido — eu comecei.

— Os apelidos revelam mais do que nomes de nascimento.

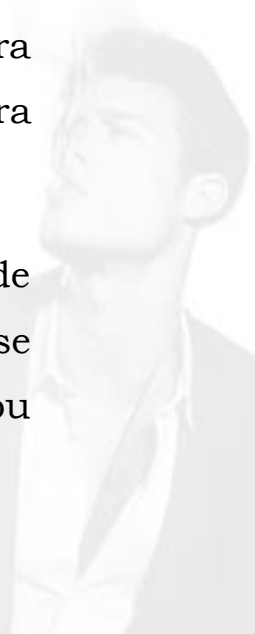
Acontece que eu concordo. Meu pai chama meu irmão mais velho, Cillian, de *Mo Orga*, que significa “meu ouro” em gaélico irlandês, e meu irmão do meio, Hunter, *Ceann Beag*, que significa “pequenino”.

Ele nunca me apelidou de nada.

Meu nome significa visão, um sonho. Talvez isso seja tudo que eu era para meu pai. Algo que não era real, tangível ou importante. Eu deveria ser uma ideia. Uma bela embarcação para ele desfilas e expor.

Uma filha pequena, bonita, afetada e adequada, sem a pressão de me criar para um grande papel. Para assumir sua empresa um dia. Para dar-lhe herdeiros homens para continuar seu legado. Eu fui o presente de minha mãe e desempenhei meu papel, zelando por ela, cumprindo todos os seus caprichos e preenchendo as horas em que ele estava fora a negócios com viagens de compras, penteados uma da outra e muito mais.

Agora eu estava planejando ir para a faculdade de medicina para que, quando me formasse, também pudesse cuidar dela fisicamente. Jane Fitzpatrick sempre detestou



visitar seus médicos. Ela disse que eles a estavam julgando, interpretando-a mal.

Eu mal podia esperar pelo dia em que estaria qualificada para substituir seu médico e marcar outra caixa na lista de desejos impossíveis que meus pais haviam estabelecido para mim.

— Não tenho medo de monstros. — Eu endireitei meus ombros.

Satisfeito com a minha resposta, ele sacudiu meu queixo. — Talvez você seja uma de nós. Você acabou de dizer que não sabe quem você é.

Tentei ir atrás dele. Eu não estava muito orgulhosa de segui-lo, perguntei o que ele quis dizer. Mas ele foi mais rápido, deslizando para fora do carrinho rapidamente, e com a graça selvagem de um tigre, ele se afastou.

Ele desapareceu na multidão de luzes e corpos girando, evaporando no ar, como os monstros faziam.

Eu vim aqui para me afogar.

Agora, eu mal conseguia respirar.



Três horas depois, eu ainda estava zumbindo com adrenalina e dor. Tentei todos os passeios. Comi muito doce. Bebi cerveja de raiz²⁰ em um banco e observei as pessoas. A distração não diminuiu a dor. Continuei a repassar quando descobri que ela estava morta e outra vez na minha cabeça como se eu estivesse tentando me punir por... o quê? Não impedir? Não chegar lá antes?

Não havia nada que eu pudesse ter feito para evitá-lo.

Não estava lá? Ela pediu sua ajuda. Você nunca deu a ela.

Procurei Monster a noite toda, mesmo quando não era minha intenção. Meus olhos vagaram, examinando as linhas e casais, multidões de pessoas. Eu me perguntei se o tinha inventado na minha cabeça. Tudo em nosso encontro parecia irreal.

Quando fiz uma pausa para ir ao banheiro nos banheiros portáteis, notei que a parte de trás da porta estava recentemente gravada com palavras. Palavras que pareciam intimamente dirigidas aos meus olhos.

A luxúria perdura, o amor se mantém.

A luxúria é impaciente, o amor espera.

A luxúria arde, o amor aquece.

A luxúria destrói, mas amor? O amor mata.

²⁰ Típica cerveja norte-americana feita usando casca da raiz da árvore sassafrás. Normalmente, essa cerveja é não alcoólica, doce e carbonatada.



SAB

Quando o relógio bateu meia-noite, desisti. Eu não iria encontrá-lo.

Meu telefone estava explodindo e eu sabia que meus pais enviariam uma unidade de busca se eu não voltasse para casa.

Uma menina de dezessete anos desaparecida não era problema se tivesse passado apenas oito horas desde que você a viu pela última vez.

Uma herdeira de petróleo desaparecida de dezessete anos, cujo pai era um dos homens mais ricos do mundo com certeza era, e eu não tinha dúvidas de que minha família criaria uma confusão.

Eu era um Fitzpatrick, e Fitzpatricks sempre deve ser protegidos.

Eu olhei para o meu telefone novamente.

Mãe: *Estou cada vez mais preocupada. Apenas me mande uma mensagem, por favor. Eu entendo que você esteja chateada, mas você está chateando a todos nós por desaparecer assim! Eu não consigo dormir. Você sabe o quanto eu preciso dormir.*

Mãe: *Seu pai vai me culpar por toda essa provação. Espero que isso lhe agrade, Aisling. Me colocando em apuros.*

Oh, Merde. Ponha uma tampa nisso, mãe.



Hunter: *Da²¹ vai ter um ataque cardíaco, irmã. Só estou dizendo (mais abraços de Cali).*

Cillian: *Pare de ser tão emocional. Ela era a ajudante contratada.*

Da: *Lamento por sua perda, Ash. Por favor volte para casa.*

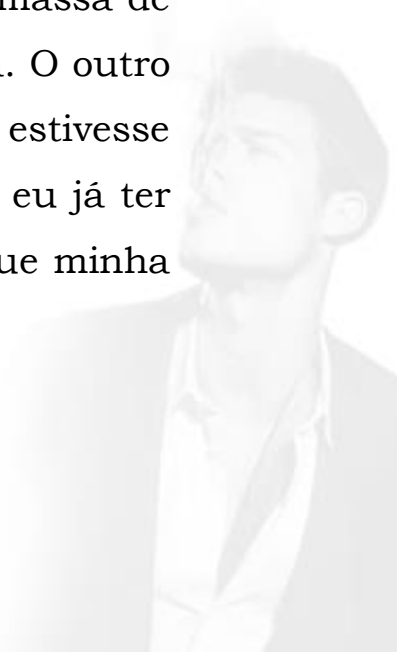
As folhas rangeram sob meus pés enquanto eu caminhava para o Volvo XC90 da mamãe. Estava prestes a abrir a porta, entrar e voltar para Avebury Court Manor, nossa casa. Foi quando eu ouvi. Uma trituração que não tinha nada a ver com meus pés. Minha cabeça se ergueu na escuridão. Perto da borda do estacionamento, cerca de três carros abaixo do meu veículo, havia um canto aninhado entre uma linha espessa de árvores que conduzia à floresta perto da rodovia. Isolado e escuro.

— Não não não. Por favor. Eu sei que estraguei tudo, mas eu prometo, vou parar.

Alguém lamentou. Um homem.

Eu apertei os olhos, esquivando-me entre meu carro e um Impala, espiando as duas figuras sob uma espessa massa de folhas. Um deles estava de pé, segurando uma arma. O outro estava de joelhos, na frente da figura em pé, como se estivesse orando a um deus impiedoso. Talvez fosse o fato de eu já ter testemunhado uma morte esta noite, mas mesmo que minha

²¹ Abreviação de Dad (Papai).



adrenalina chutasse, eu não consegui conter a histeria que provavelmente deveria sentir agora.

— Mentir não levará você a lugar nenhum, — o homem de pé cortou asperamente.

— O que te faz pensar que eu...

— Seus lábios estão se movendo, — o homem de pé chutou o homem de joelhos com a ponta do sapato, provocando um lamento animalesco. — Eu disse que não haveria uma terceira vez.

— Mas eu...

— Um último desejo, Mason, — o homem *disse*, e meu sangue *gelou* porque reconheci aquela voz. Eu o reconheceria em qualquer lugar, percebi, desde esta noite até o último dia da minha vida.

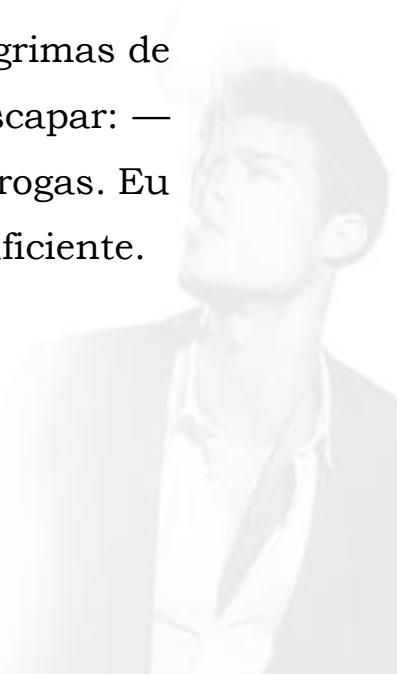
Era a voz de Monster.

Meu monstro.

O homem que me deu meu primeiro beijo.

O cara de joelhos tremia, tentando conter as lágrimas de medo. Ele balançou a cabeça e finalmente deixou escapar: — Se Nikki perguntar, diga a ela que foi relacionado a drogas. Eu não quero que ela saiba a verdade. Ela já sofreu o suficiente.

— Eu vou. Adeus.



Com isso, Monster usou a arma pressionada na testa do homem e disparou duas balas. Pelos baques surdos, deduzi que havia um silenciador na arma. Coloquei a mão sobre minha boca, abafando um grito de horror que saiu da minha garganta.

Ele matou um homem.

Ele matou um homem abertamente.

E ele nem mesmo *piscou*.

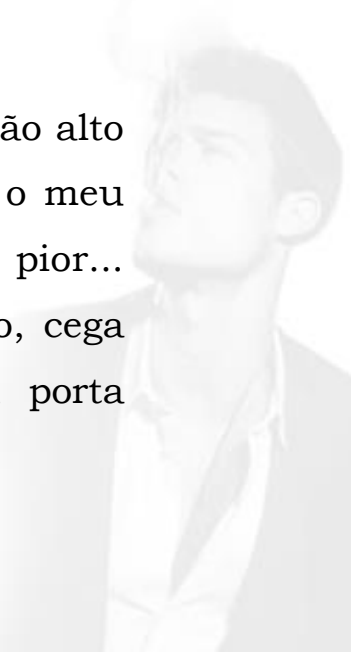
Minhas pernas tremeram e eu caí no chão, o concreto mordendo meus joelhos. Lutei pelas minhas chaves no meu moletom, meus joelhos quentes com sangue fresco escorrendo deles da minha queda.

Corra, Merde. Corra.

Destranquei o Volvo e deslizei para o banco do motorista, enxugando freneticamente as lágrimas e o suor do meu rosto para limpar minha visão, mordendo meu lábio inferior para suprimir um grito.

Esta noite não está acontecendo. É apenas uma invenção da sua imaginação.

Uma batida na janela ao meu lado me fez pular tão alto que minha cabeça bateu no teto do carro. Torci todo o meu corpo e vi que era Monster. Ele deve ter me visto, ou pior... ouvido meu grito. Com dedos trêmulos, liguei o carro, cega pelas lágrimas. Monster enfiou algo na lateral da porta



casualmente, destrancando-a com uma facilidade aterrorizante, impedindo-me de colocar o carro em marcha à ré.

Ele estacionou as mãos no teto do carro, os bíceps salientes nas mangas curtas, parecendo blasé e indiferente.

— Você está tendo uma noite infernal, não está, pequena Aisling. — A calma mortal em sua voz tornava tudo muito pior.

— Não vi nada, — exclamei, recuando, como se ele fosse me bater.

Para minha surpresa, ele começou a rir. De todo o coração. Um ruído gutural que parecia estranho vindo dele, como se ele não estivesse acostumado a rir.

— Agora você acredita que eu sou um monstro? — Ele se inclinou para frente, seus lábios pairando perto dos meus. Meu sangue se transformou em gelo, e ainda assim, pela minha vida, eu não poderia me afastar desta vez. *Deve ser o choque*, disse a mim mesma. Era uma situação de luta ou fuga, mas meu corpo traidor escolheu a opção secreta número três: congelar.

Não. Isso não era apenas medo. Havia algo mais jogado na mistura. Algo quente e pungente. Algo que eu não queria saber sobre mim.

Conheça seus ossos.



Esta besta acabou de colocar duas balas na cabeça de alguém, e ainda assim aqui estava eu, meu corpo zumbindo, chiando, implorando para ser tocada por ele.

— Você realmente vai me deixar te beijar? — Ele franziu as sobrancelhas, seus lábios praticamente se movendo sobre os meus. Eu estava fascinada. Sem palavras. Eu tinha que me mover.

Mova-se, Merde. Mova-se.

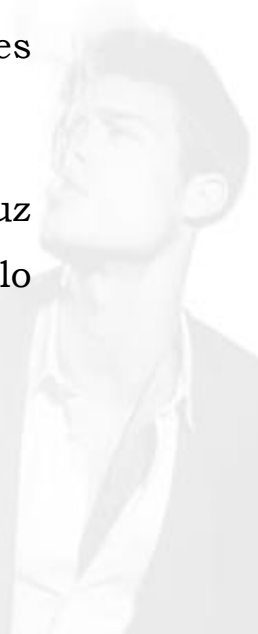
Finalmente, consegui balançar a cabeça negativamente.

Ele puxou meu lábio inferior entre os dentes, chupando provocativamente, em seguida, passando a língua por dentro dele.

— Você é uma bela mentirosa, Aisling. — Seu baixo tenor vibrou em meu estômago. — Acho que você se encontrou, então. Você também é um monstro. — Ele me beijou novamente, com lábios e dentes, antes de finalmente se afastar.

— Conte a alguém sobre isso, e eu vou te encontrar, e eu vou te matar também. Agora, sugiro que você corra. Longe e rápido. Estou lhe dando uma vantagem de dois minutos antes de ir atrás de sua bunda.

Com isso, ele se virou e se afastou, os postes de luz pegando sua silhueta e fazendo-o parecer o vilão complexo pelo



qual você secretamente torce em um filme noir²², deslizando para dentro de um carro estacionado a uma fileira do meu.

Lento. Estável. Letal.

Eu pisei fundo, nunca olhando para trás.

Dirigindo tão rápido, o carro gemeu e morreu assim que cheguei em casa.



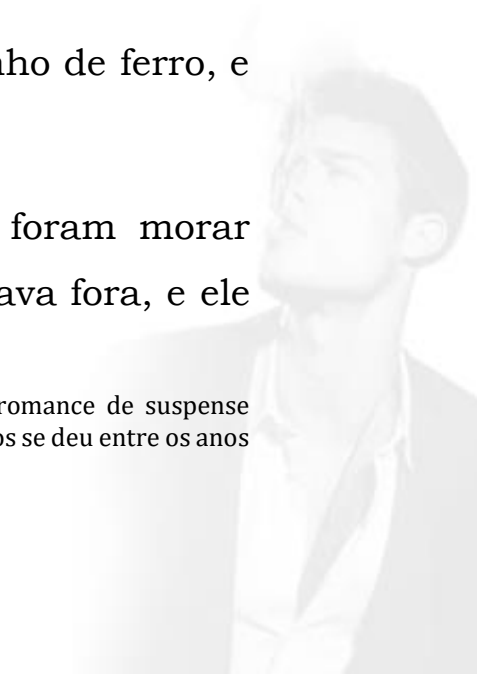
Pouco depois do Parque de Aquila, meu irmão Hunter voltou da Califórnia de vez.

Dourado, bronzeado e mais louro do que nunca. Ele se mudou para uma cobertura no centro da cidade com uma garota chamada Sailor, que havia sido contratada como sua babá. Eu a tinha visto algumas vezes, quando sua mãe costumava cozinhar para nós em ocasiões especiais.

Da gostava de governar todos nós com punho de ferro, e Hunter era de longe o mais difícil de domar.

Alguns dias depois que Hunter e Sailor foram morar juntos, eu o visitei em sua cobertura. Sailor estava fora, e ele

²² Expressão francesa para um sub gênero de filme policial, derivado do romance de suspense influenciada pelo expressionismo alemão, em que seu ápice nos Estados Unidos se deu entre os anos de 1939 e 1950.



estava tomando um de seus longos banhos extras, o que eu suspeitei envolvia muito prazer próprio, visto que ele não tinha permissão para namorar ninguém desde que voltou para Boston.

Dei a mim mesma um passeio pela sala, que parecia ter sido encenada por um profissional antes de ser colocada à venda. Tudo era muito arrumado, muito brilhante, muito moderno para parecer habitável. A única dica de que as pessoas realmente moravam aqui era uma fileira de fotos sobre a lareira perto da janela do chão ao teto. Mesmo antes de me aproximar delas, sabia que foram colocadas lá por Sailor, não por Hunter.

Hunter nunca se considerou ter uma família verdadeira e, visto que ele morava longe de casa desde os seis anos, eu não poderia culpá-lo exatamente.

Minha curiosidade levou a melhor e caminhei até a lareira. A primeira foto era da jovem ruiva, que reconheci como de Sailor, o rosto jovem e cheio de sardas, abraçando um homem de meia-idade de cabelos escuros e uma réplica mais velha dela mesma, que reconheci como Sparrow.

A segunda foto era da garota ruiva em uma festa com duas loiras de sua idade. Todas estavam rindo, usando óculos escuros de néon idiotas.

Eu as reconheci como as irmãs Penrose. Elas estiveram no noticiário local outro dia, por tirar neve do lado de fora das casas de idosos.



O terceiro ...

A terceira era uma foto de Sailor e o Monster.

Meu monstro.

O cara do parque.

Ele olhou para a câmera, parecendo sombrio e sério, enquanto ela olhava para ele como se ele fosse a lua. Seu ponto de luz na escuridão sem fim.

— Sim. É ela. Minha colega de quarto chutadora de bolas, — eu ouvi uma voz atrás de mim e pulei para trás com um suspiro, batendo a mão no meu peito, com medo de meu coração pular acidentalmente.

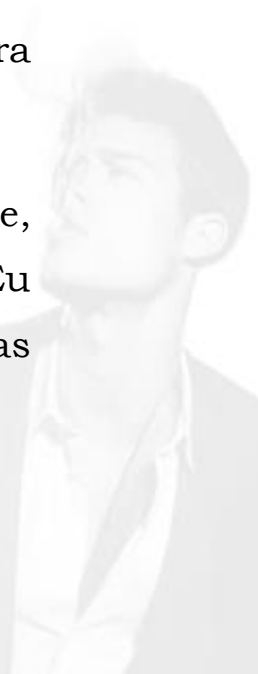
Virei-me rapidamente e ofereci a Hunter um sorriso educado. Éramos ainda mais conhecidos do que irmãos.

— Ela é linda.

Ele deu de ombros, entrando na sala com uma toalha enrolada na cintura e nada mais, seu cabelo loiro pingando água. — Ela é boa.

— Acho que são os pais dela. — Apontei para a primeira foto, fingindo ser inocente. Ele assentiu.

— E essas duas? — Mudei-me para as irmãs Penrose, bancando a idiota. Meu coração bateu forte no meu peito. Eu não sabia por que, mas tinha um pressentimento sobre essas meninas. Esse grupo. Eu queria fazer parte delas.



— Perséfone e Emmabelle. Suas melhores amigas. Elas são irmãs. Outro sonho da lista de desejos que não posso cumprir porque Sailor está no meu pé.

— O que você quer dizer? O que você quer fazer com elas?

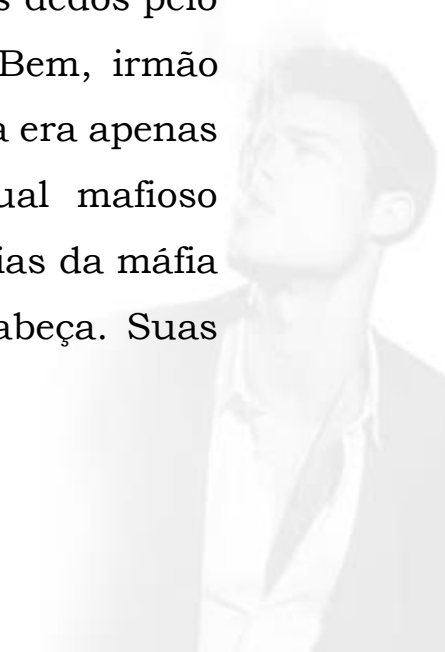
— Eu quero fazê-las. — Ele revirou os olhos, olhando para mim como se eu fosse uma idiota completa.

— E quem é esse cara? — Eu perguntei indiferente, apontando para Monster. Era isso. Meu grande momento para descobrir seu nome. Eu não sabia o que faria se descobrisse que ele era o namorado dela. Como eu poderia dizer ao meu irmão que ele estava morando com uma mulher que estava namorando um assassino?

Mas não. Isso não era o que mais me incomodava sobre a ideia de Sailor e Monster estarem juntos. Era o fato de ele ter namorada. Que ele seguiu em frente. Claro que sim. Tudo o que compartilhamos foi um beijo e um passeio no parque temático.

Achei que ia vomitar.

— Esse é Sam Brennan. — Hunter passou os dedos pelo cabelo, puxando-o para trás. — O irmão dela. Bem, irmão adotivo, eu acho. Seus pais o adotaram quando ela era apenas uma criança. Um verdadeiro trabalho e o atual mafioso número um em Boston. Todas as gangues e famílias da máfia na Costa Leste têm uma recompensa por sua cabeça. Suas chances de chegar à velhice são inferiores a zero.



Monster era um mafioso.

Sem surpresas aí.

Mas agora ele tinha um nome, uma identidade, um contexto.

As coisas estavam prestes a ficar muito complicadas.



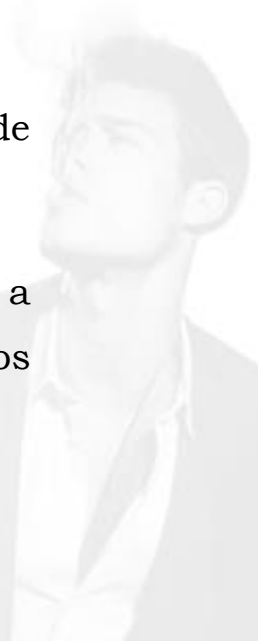
Aisling 18, Sam 26.

— Pelo amor de Deus, Aisling, o que você está fazendo? Eles estão aqui. Se apresse! — Mamãe me repreendeu, seus saltos estalando no chão de mármore atrás de mim. Os dedos delicados de minha mãe envolveram meu pulso, me puxando.

— Vamos, você sabe que eu não converso muito bem. Você precisa me salvar de misturar. Principalmente com a matriarca. Ela trabalha para viver. Você sabe que não me dou bem com a classe média.

Eu a segui até o saguão, uma pedra do tamanho de Connecticut se acomodando na boca do meu estômago.

Hoje foi o dia em que meus pais decidiram convidar a família de Sailor para jantar. Minha mãe queria conhecer os



Brennans. Bem, essa era sua principal desculpa. Sêrio, ela só queria forçar Hunter a visitá-la.

Mesmo que Hunter fosse contra o acordo, eu encontrei Sailor várias vezes desde que eles foram morar juntos. Tornamo-nos amigas rapidamente depois de um baile de caridade peculiar a que ambos participamos, no qual ela me apresentou a Persêfone e Emmabelle.

Ela era engraçada, perspicaz e leal. Mas não importa o quanto eu tentei, não consegui fazê-la falar sobre Sam. Ela era loucamente protetora com ele, e toda vez que eu perguntava sobre sua família, ela mudava de assunto.

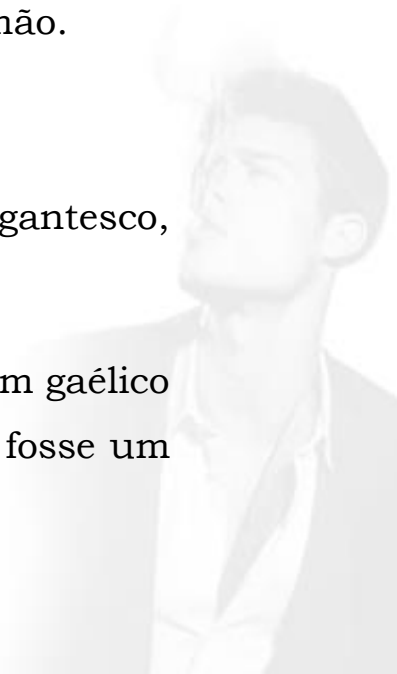
Os mordomos abriram as portas duplas. Os Brennans estavam do outro lado. A Sra. Brennan, com cabelo cor de tangerina e olhos penetrantes de esmeralda, segurava um prato fumegante na mão.

Os olhos de águia de Sam fixaram-se nos meus. A onda desagradável de seus lábios me alertou para não agir como se tivéssemos nos conhecido anteriormente. Ver um ao outro não foi uma surpresa para nenhum de nós. Eu não tinha dúvidas de que Sam sabia que sua irmã morava com meu irmão.

Ele nunca se preocupou em me procurar.

Meu pai, alheio ao meu colapso interno gigantesco, conduziu as apresentações.

— E esta é minha filha, Aisling. — *Athair* – pai em gaélico – acenou com a mão em minha direção, como se eu fosse um



ornamento decorativo. Gerald Fitzpatrick era um homem rechonchudo com rosto da cor de um camarão, olhos redondos e três queixos.

Sam me ofereceu um meio aceno de cabeça, mal olhando na minha direção.

— Prazer em conhecê-lo, — eu disse friamente. Sam me ignorou.

Meu irmão Cillian era alto e imponente, mas ainda parecia pequeno em comparação com Sam.

— Nem olhe para ela, Sr. Brennan. Aisling é uma costela de primeira. Não é cachorro-quente e, portanto, não está no seu menu.

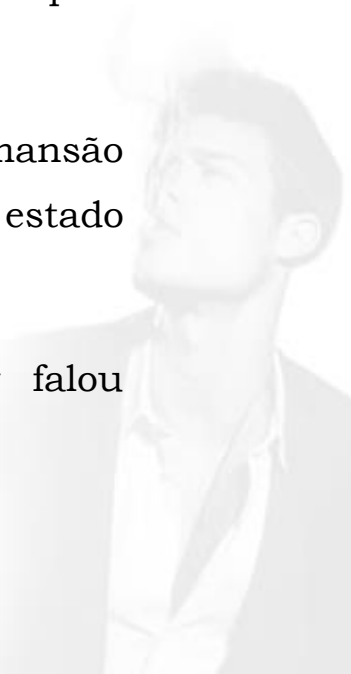
— Cillian, que vergonha. — Mamãe agarrou suas pérolas, como se ela não tivesse compartilhado sua opinião. Sam sorriu, pegando seu telefone e verificando algo, como se a nossa presença ao redor dele nem mesmo fosse registrada.

Cillian foi até Troy, o pai de Sam.

— Posso oferecer a você e sua esposa um passeio pela Mansão Avebury Court?

O homem o avaliou. Meu palpite era que nossa mansão interessava a Troy Brennan um pouco menos do que o estado do tempo na Gâmbia.

— Você pode, mas eu vou passar, — Troy falou lentamente, — com o fundamento de que você é um...



— Adorariamos fazer um tour! — Sparrow deu uma cotovelada no lado do marido.

Sam colocou o telefone de volta no bolso, indiferente ao constrangimento. A julgar apenas pelas apresentações, esta noite seria longa e dolorosa.

— Aisling, vá com eles enquanto eu verifico a cozinha. Veja se eles precisam de alguma coisa, — mamãe instruiu, e eu sabia o que isso significava.

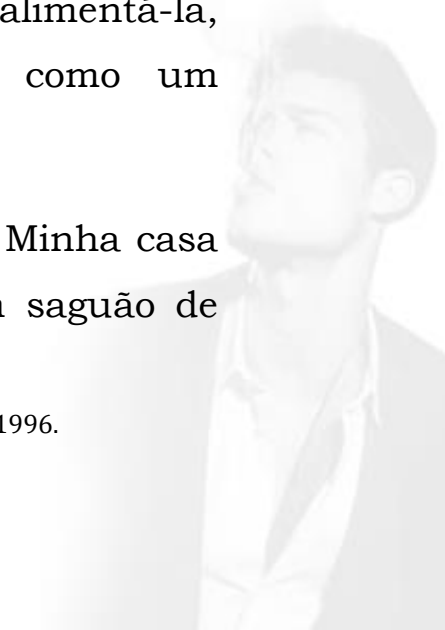
Faça-lhes companhia para que eu não precise. Para que eu possa preparar uma bebida para mim e me esconder no meu quarto um pouco mais.

Caminhei atrás de Troy, Sparrow, Cillian e Sam. Seu jeans casual e camiseta foram substituídos por calças cinza e uma camisa preta de botão. Seu cabelo estava cortado próximo ao couro cabeludo. Seus ombros eram tão largos que bloqueavam metade do corredor.

Éramos as únicas duas pessoas que não conversavam trivialidades, embora Troy e Cillian parecessem extremamente entediados com a receita de pão de fermento de Sparrow, que incluía deixar a massa “descansar” ao sol, alimentá-la, conversar com ela e, em geral, tratando-a como um Tamagotchi²³.

Subimos as escadas para o segundo andar. Minha casa era péssima. Desalmada e chamativa, como um saguão de

²³ Brinquedo em que se cria um animal de estimação virtual, que virou febre em 1996.



hotel sem fim. Pedra calcária e detalhes dourados piscavam em todas as direções; cortinas e fontes dramáticas atacavam seus olhos, não importa para onde olhassem. Se *nouveau riche*²⁴ tivesse um rosto, seria Avebury Court Manor.

Cillian mostrou aos Brennans a ala esquerda, também conhecida como o salão da família, preenchendo nossos quartos enquanto recitava a história de nossa família como se fôssemos os Kennedys.

Sam diminuiu seu passo gradualmente. A princípio, não achei que fosse intencional, mas logo estávamos caminhando no mesmo ritmo, a 2,5 metros de distância do resto.

Ele foi o primeiro a falar.

— Sofrendo de uma coceira na virilha?

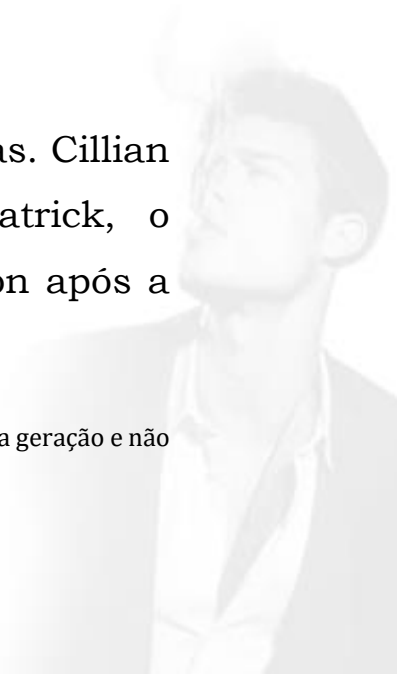
Eu dei um sorriso inabalável que não fez nada para acalmar meus nervos, mas não respondi. Sua presença sozinha já me deixava desorientada, animada e maniaca.

— Você é terrivelmente lenta, — ele continuou. Sua voz rouca gotejou em meu sistema, como um doce veneno.

— Você é muito rude.

Fiquei olhando para as costas de nossas famílias. Cillian estava diante de um retrato de Cormac Fitzpatrick, o Fitzpatrick de primeira geração que chegou a Boston após a

²⁴ Novo rico, dito de maneira depreciativa de família que se tornou rica em sua própria geração e não por herança familiar.



Grande Fome. Troy e Sparrow pareciam prestes a se atirar pelas janelas francesas.

— Já se encontrou? — Ele perguntou.

Nem mesmo perto.

Senti minhas bochechas ficarem vermelhas sob minha maquiagem. — Tive uma noite ruim naquela noite.

— Isso não responde à minha pergunta. — Ele deu uma risadinha.

Cillian nos lançou uma carranca. — Se apressem. E lembre-se, Brennan, estou de olho em você.

Sam sorriu para meu irmão, que era apenas alguns anos mais velho que ele. — Gosta do que vê, Fitzpatrick?

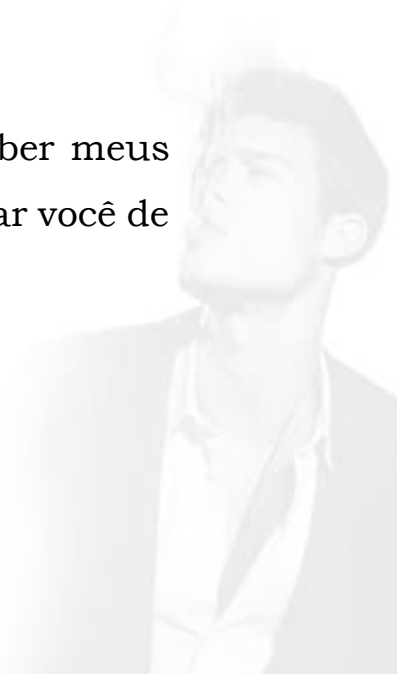
— Nem mesmo remotamente. — Cillian estreitou os olhos.

— Uma palavra para o sábio: não gosto que me digam o que fazer, mas pelo preço certo, posso ser motivado a fazer praticamente qualquer coisa.

— E você está orgulhoso disso? — Cillian falou lentamente.

— Imensamente. Você estará na fila para receber meus serviços no minuto em que papai não for capaz de tirar você de qualquer merda em que você se meter.

— Não espere muito — murmurou Cillian.



Sam diminuiu o ritmo. Não me surpreendeu que Sam não se importasse com os avisos de Cillian.

— Meu irmão é um personagem, — eu disse defensivamente.

— Essa é uma boa maneira de chamar alguém de idiota. Sailor me disse que você vai para a faculdade de medicina.

Eu balancei a cabeça secamente.

— Por quê?

— Eu quero ajudar pessoas.

— Não, você não precisa.

Oficialmente perdemos nossas famílias. Cillian estava muito ocupado mostrando a biblioteca para Sparrow e Troy, o orgulho e a alegria de nossa família. Sam passou por baixo de uma pequena alcova com uma janela que dava para o nosso vinhedo, agarrando meu pulso e me puxando com ele para fora de vista.

Eu engasguei, cravando minhas unhas em minhas palmas, meias-luas de ansiedade e antecipação marcando minha pele.

— Você manteve sua boca fechada. — Ele olhou para mim como se quisesse me tocar.

Eu sabia o que ele queria dizer. Nunca fui à polícia. Nunca disse nada sobre o homem que matou.



— Eu sou confiável.

— A maioria das pessoas não são, — disse ele.

— Eu não sou a maioria das pessoas.

— Estou começando a ver isso. Ouça com atenção agora. Seu pai é um homem muito rico e importante, e eu sou um homem muito ambicioso e muito mau. Eu quero o negócio dele, e nada vai ficar no meu caminho, muito menos você. Portanto, fique longe de mim e não me dê aqueles olhos de cachorrinho, implorando para ser fodida bem ali na frente de toda a sua família imediata, como você está fazendo agora. Você não tem ideia do que está pedindo. Homens como eu comem garotas como você no café da manhã. E não de uma forma prazerosa. Você entendeu?

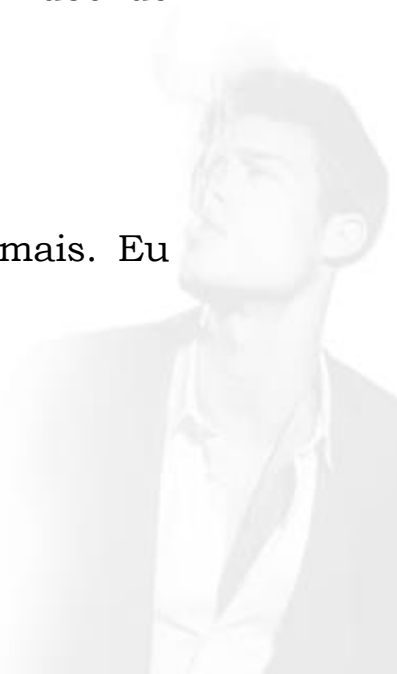
Eu entendi. O jogo acabou antes mesmo de começar. Sam era um monstro e eu uma princesa presa em uma torre de marfim, destinada a ser salva por outra pessoa. Seu adversário, provavelmente.

Balancei a cabeça, embora minha cabeça doesse e a parte de trás do meu nariz e olhos estivessem comprimidos de lágrimas.

— Sim. Mas ...

Ele ergueu uma sobrancelha, esperando por mais. Eu não sabia o que dizer.

— Sim? — Ele sibilou, finalmente.



— Um último beijo, — eu murmurei. — Eu não vou contar. Você sabe que eu nunca contaria.

Ele pareceu considerar isso, antes de inclinar sua cabeça na direção da minha.

— Um beijo, — ele sussurrou, seu corpo roçando o meu. — Um último beijo miserável e estúpido. E não se atreva a voltar para mais novamente.

Meus lábios se abriram.

Ele me deu um beijo lascivo e devastador. Era ousado, exigente e sexy, e criava um ponto úmido e frio na minha calcinha. Ele chupou meu lábio inferior em sua boca e eu choraminguei, mordendo-o desesperadamente em resposta, sem ter certeza do que estava fazendo, mas fazendo de qualquer maneira. Minhas mãos encontraram seu cabelo, despenteando-o. Sua língua acariciou a minha. Eu queria sentir isso entre minhas pernas e escovei meus seios contra seu peito, perseguindo a fricção.

Ele riu em minha boca.

— Você é feral.

— Eu sei, — eu resmunguei. — Sinto muito.

— Não sinta. Eu amo isso *pra* caralho.

Amor. A maneira como ele disse essa palavra fez meus dedos do pé se curvarem dentro dos meus sapatos.



Ele me agarrou pelas nádegas e me içou para que minhas coxas circundassem sua perna. Seus dedos cravaram em minha carne enquanto ele me colocava para cima e para baixo em sua coxa musculosa, dando-me muito mais do que a fricção que eu queria. Cada movimento fez meu clitóris raspar contra o tecido da minha calcinha. Era como se ele estivesse esfregando dois galhos juntos para criar fogo, e o fogo era o clímax, subindo pela minha espinha desde os dedos dos pés.

— Sinto que estou... estou... — Tentei articular o que era, mas não consegui. Parecia flutuar e bater ao mesmo tempo. Eu estava tremendo. Eu queria que ele fizesse mais das coisas que ele sabia fazer que me fariam sentir assim.

— Vazia? — Ele assobiou em minha boca, sua língua lutando contra a minha.

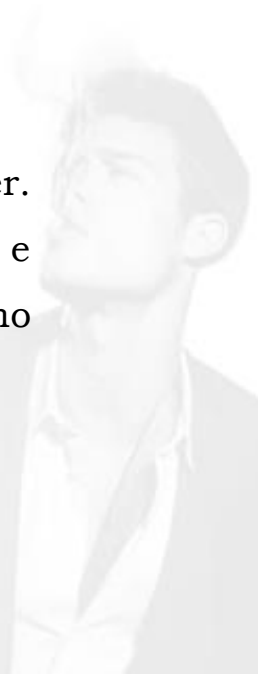
— Sim. É isso. Eu me sinto tão vazia.

— Eu gostaria de poder enchê-la com meu pau gordo.

— Oh, — eu chorei enquanto ele me esfregava contra ele mais rápido e mais forte, e tudo dentro de mim se contraiu, meus músculos se contraíram.

— Deus... Eu estou... Eu quero dizer, *estou* ..?

Não havia nada que eu odiasse mais do que não saber. Eu sabia tudo que havia para aprender com livros didáticos e webminers. Mas eu não sabia disso. Isso me fez sentir como uma criança. Como um clichê.



Ele riu quando aconteceu. Quando uma onda de caloroso prazer desceu sobre meu corpo, pequenos terremotos por toda parte.

— Eu acho que você fez. — Ele me beijou mais profundamente, suas mãos em todos os lugares, seu polegar deslizando pelo meu torso, esfregando meu mamilo sob o tecido do meu vestido.

— Huh, — eu suspirei em sua boca, — *La petite mort*.

Ele tirou seus lábios dos meus, franzindo a testa para mim.

— O que disse agora?

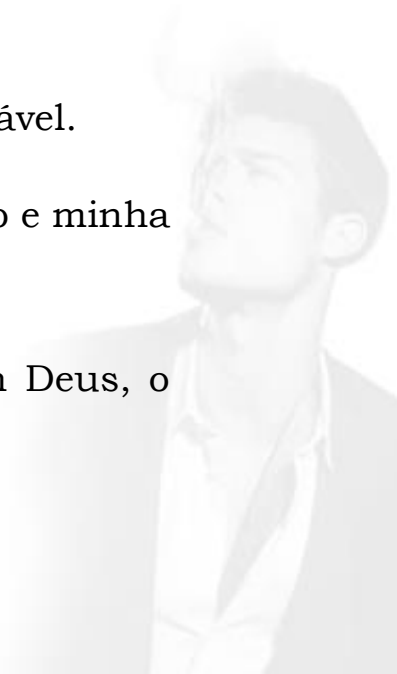
— *La petite mort*, — eu repeti. — Uma breve inconsciência. *Uma pequena morte*, em francês. Isso é o que eles chamam de batida depois de um orgasmo, às vezes.

Minha governanta francesa me disse isso. Os olhos de Sam brilharam de tanto prazer que meu peito se inflamou de orgulho. Seus sorrisos eram como impressões de mãos humanas. Cada um era diferente o suficiente para ser completamente único.

— Você, Aisling Fitzpatrick, é uma tortura adorável.

Ele quebrou nosso beijo. Tudo estava embaçado e minha calcinha estava muito, *muito* molhada.

Pressionei meus dedos em meus lábios. — Oh Deus, o que nós fizemos?



Seus lábios estavam inchados e machucados, mas por outro lado, ele parecia frio e controlado.

— Presumo que tenha sido retórico, então vou poupar você da resposta. — Ele já estava procurando o maço de cigarros no bolso de trás.

— Você tem namorada? — Eu soltei.

Ele riu, um cigarro preso entre os dentes brancos e retos.
— Não se preocupe por eu ter namoradas. Eu nunca terei.

— Por que não?

— Porque nenhuma mulher vale a pena, muito menos aquela que é fruto de um homem que eu gostaria de sangrar até o fim de seu dinheiro.

Ele acendeu o cigarro. Seus góticos olhos cinzentos de inverno pareciam cubos de gelo rolando pela minha pele.

— Você sabe, eu nunca diria se nós ficássemos juntos. — Engoli meu orgulho. Mesmo eu não sabia por que o queria tanto. Eu simplesmente sabia que sim. Ele me fez sentir como se estivesse em um universo paralelo sempre que estávamos juntos.

— Eu acabei de dizer que este foi o nosso último beijo.

— Mas, por quê? — Eu insisto.

— Porque eu quero o negócio do seu pai.

— Não vou contar.



— Você não vale o risco. — Ele deu de ombros, fumando o cigarro.

— Não haverá risco, — eu disse. Uma voz dentro de mim me avisou que isso era o suficiente. Foi *ela*.

Ele não quer você, mon cheri. Vire-se e vá embora.

Mas eu não fiz.

Então Sam olhou para mim, franzindo a testa.

— Mesmo sem o risco, você não vale a pena. Você é muito jovem, muito inocente e muito doce para mim. Agora faça um favor ao seu respeito próprio e vá embora.

Mas era tarde demais.

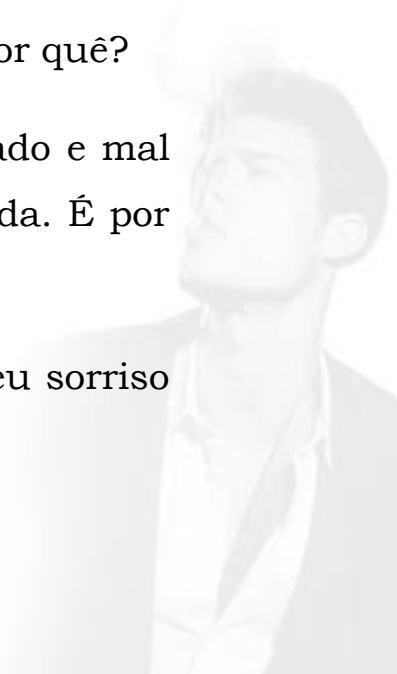
Meu orgulho levou uma surra tão forte que tive de retaliar, embora não tivesse absolutamente nenhuma ferramenta para fazê-lo.

— Eu sinto muito por você, — eu disse, sentindo-me incrivelmente desanimada por ele, mas incrivelmente triste por mim mesma.

— Você sente? — Ele sorriu, divertindo-se. — Por quê?

— Porque você é um abandono meio alfabetizado e mal educado. Você provavelmente nem conhece a tabuada. É por isso que você faz o que faz. Você não tem escolha.

— Você está me chamando de ignorante? — Seu sorriso se alargou, seus olhos brilharam com malícia.



— Você é ignorante. — Eu levantei meu queixo. — Mas está tudo bem. Você é quente e exala aquela vibração “olhe para mim, eu sou perigoso, então tenho certeza de que você encontrará alguém”.

— Não se esqueça dos ricos. — Ele estalou os dedos.

— Não pelos meus padrões, — sorri friamente. Puta merda, foi como se minha mãe assumisse o controle da minha boca. — Só tente não conversar. Você não é muito bom nisso.

— Com base em você transando com minha perna como uma cadela no cio cinco segundos atrás, tenho certeza de que serei capaz de mantê-los entretidos de outra maneira.

Suas palavras foram grosseiras, mas seu sorriso indiferente se dissolveu em uma máscara sombria de frieza.

— Você você você ...

— Eu sou... eu sou... eu sou... o *quê?* — Ele fechou minha boca batendo o dedo no meu queixo, sorrindo. — *Certo?*

Antes que eu pudesse responder, Sam desapareceu.

Ele me ignorou pelo resto da noite.



Quatro horas depois, voltei para o meu quarto, ainda atordoada por causa do jantar.

Sam tinha impressionado a todos com sua sagacidade seca, mente afiada e aquela aura que o rodeava. Aquela que prometia uma morte rápida, mas dolorosa, se você o cruzasse.

Encontrei meu livro de matemática finita – aquele que deixei aberto na minha mesa Queen Anne²⁵ porque estive presa no mesmo problema por um tempo *infinito* – olhando de volta para mim.

Eu gemi e estendi a mão para pegá-lo, prestes a fechá-lo.

— Vou tentar resolver você amanhã. Tenho problemas maiores para resolver agora.

Por exemplo, como não consigo parar de ficar obcecada pelo mafioso mais famoso de Boston.

Minha mão parou sobre a página cromada lisa. Eu pisquei. O problema foi resolvido, mas não com a minha letra.

Na verdade, *todos* os problemas da página foram resolvidos. Cada um deles.

Como ele...?

— *Você está me chamando de idiota?*

²⁵ Modelo de escrivania.



Sim eu chamei. Mas Sam não era burro. Com base apenas nesta página, ele estava mais perto de um gênio da matemática.

Zangada com ele, comigo mesma e com o mundo, fechei o livro de matemática com um baque. Uma nota flutuou para o chão a partir dele. Eu peguei.

Isso era, tipo, difícil?

Ele citou *Legalmente Loira*.

E me serviu muito no processo.

Ai.



Um



Aisling

Nos Dias de Hoje.

27 anos.

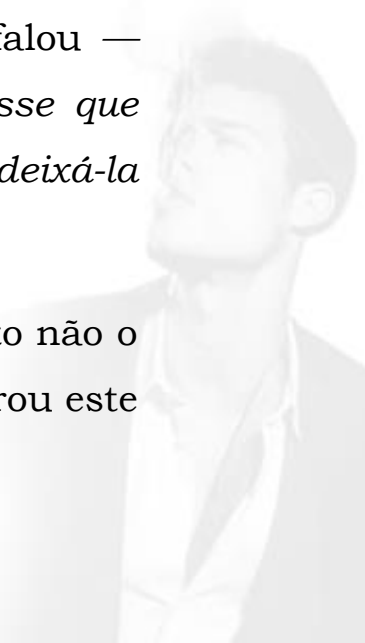
Estou dentro.

O pensamento momentaneamente me tirou dos trilhos de todo o resto que fervilhava em minha cabeça. O barulho, a dor, as suposições.

Desci as escadas para Badlands, a boate mais popular de Boston.

Eu fui categoricamente banida de Badlands. Até fui mandada porta fora uma vez, quando o segurança falou — *Chefe mostrou sua foto por aí, chave de cadeia. Disse que despedirá qualquer um que seja burro o suficiente para deixá-la entrar.*

Eu tinha vinte e seis anos, mas esse pequeno fato não o deteve. Desde o momento em que Sam Brennan comprou este



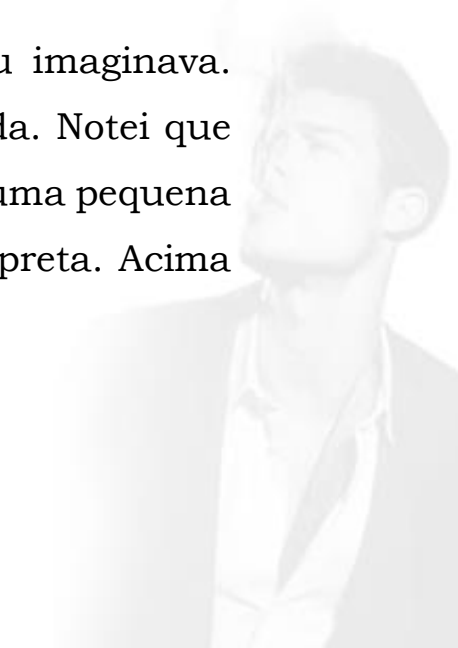
clube, dois anos atrás, usando-o como um centro para todas as suas negociações ruins, ele se recusou a me deixar colocar os pés nele, embora meus irmãos estivessem visitando aqui uma vez por semana.

— Eu não posso acreditar que eles não identificaram você, vadia. Sam vai cagar tantos tijolos, ele será capaz de construir uma réplica do Empire State Building! — Emmabelle – Belle, para abreviar – cumprimentou-me, sussurrando alto enquanto passávamos descoladas, raspando ao longo do papel de parede psicodélico art déco e taxidermia de néon falsa.

Belle era minha única parceira no crime quando se tratava de sair para a cidade, visto que nossas outras amigas – Sailor, e a irmãzinha de Emmabelle, Persephone – eram mães de primeira viagem e, portanto, mais interessadas em tirar cochilos de energia e trocar dicas de amamentação que engolir bebidas em um bar.

Belle também era dona do Madame Mayhem, um clube notoriamente sórdido no centro da cidade, e sempre gostava de farejar a competição, então convencê-la a vir aqui hoje não foi problema.

Badlands era mais escuro e menor que eu imaginava. Decadência gotejante. Chegamos ao fim da escada. Notei que o clube não era mais que alguns sofás de veludo, uma pequena pista de dança e um longo bar feito de madeira preta. Acima



do bar, pequenas televisões vintage estavam alinhadas, todas exibindo o mesmo filme em preto e branco: *Dr. Strangelove*²⁶.

“Fool's Gold” do The Stone Roses tocava ao fundo, sacudindo o chão sob meus saltos de couro até os joelhos.

Festeiros fantasiados cheiravam cocaína no bar, e havia um casal no canto mais distante do clube fazendo sexo real no sofá. A garota, vestida como a Rainha de Copas, saltou para cima e para baixo sobre o cara enquanto estava sentada em seu colo, seu vestido cobrindo sua ação suja.

Este clube era Sam em pessoa. Escuro e miserável, mas estranhamente belo.

Alisei minha roupa. Era Halloween. Uma ótima desculpa para encobrir minha verdadeira identidade. Eu escolhi Julia Roberts em *Pretty Woman*²⁷ e coloquei uma peruca loira curta, completando com óculos escuros, batom vermelho-escarlate e minissaia azul, e top branco curto.

Belle cobriu o cabelo loiro com uma peruca negra, à la Uma Thurman em *Pulp Fiction*²⁸. Soprou um cigarro eletrônico teatralmente, procurando por sua próxima vítima. — De qualquer forma, Sam é um idiota por colocar você na lista negra em primeiro lugar.

— Sam é um idiota por muitos motivos, nenhum deles tem nada a ver com me colocar na lista negra, mas me banir

²⁶ Dr Fantástico. Filme de 1964, comédia com Peter Sellers.

²⁷ Uma linda mulher. Filme de 1990, comédia romântica com Julia Robert e Richard Gere.

²⁸ Pulp Fiction: Tempo de violência. Filme de 1994, crime/drama do diretor Quentin Tarantino.



de seu clube sem motivo aparente apenas mostra o quanto ele é um tirano, — murmurei.

Eu não falava mal de Sam com frequência – ou de qualquer outra pessoa, na verdade – mas quando o fazia, era para Belle, porque sabia que ela não me julgaria.

— Você acha que ele fez isso porque você é irmã de Hunter e Kill? — Belle perguntou.

— Não, acho que ele fez isso porque eu o lembro de todas as coisas que ele quer esquecer, — disse honestamente, mas não entrei em detalhes.

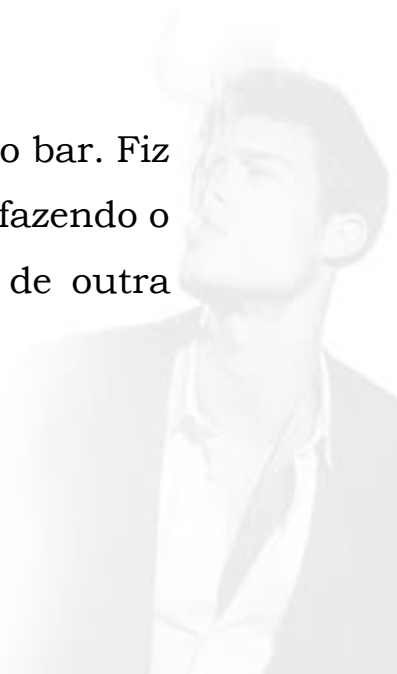
Parque de diversões.

Aquele beijo.

Nossa conversa.

Sam nunca pensou que me veria novamente. Eu não estava em seus planos, e tudo o que não estava em seus planos tinha que ir. Foi por isso que ele me tratava dessa forma – com indiferença mergulhada em crueldade. Olhando para além de mim sempre que estávamos na mesma sala. Nunca reconhecendo nada que eu digo ou faço.

Belle e eu nos sentamos em banquinhos altos no bar. Fiz um gesto para o barman pegar dois gins com tônica, fazendo o meu melhor para não cair e/ou chorar na bebida de outra pessoa.



Aos vinte e sete anos, eu só tinha ido a bares algumas vezes. Estava muito ocupada com a faculdade de medicina até um segundo atrás para realmente mergulhar na cena do clube, e agora eu tinha uma residência. *Ou assim as pessoas pensavam.* Mas esta noite, eu queria fazer algo imprudente, perigoso e estúpido. Para me lembrar que estava viva.

Hoje à noite, eu queria procurar Sam Brennan, embora soubesse que não deveria.

Porque esta noite, como naquela *outra* noite, vi alguém morrer.

E sempre que a morte estava perto, também estava minha necessidade de me enrolar na alma de um monstro e me esconder do mundo.

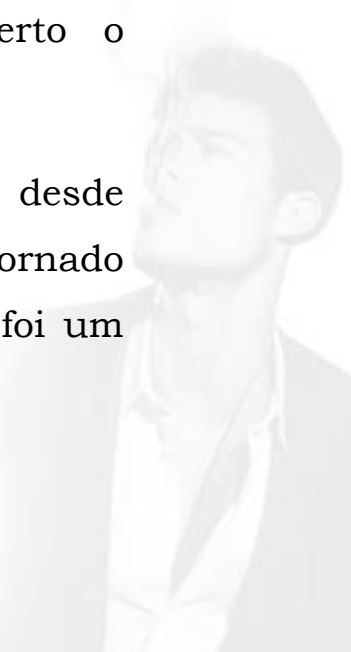
Para complicar as coisas, eu via Sam o tempo todo.

Em jantares, eventos beneficentes e festas.

Ele trabalhava para minha família há quase uma década.

De alguma forma, eu deixei o pior acontecer. Continuei amando-o de longe, como o sol amava a lua. Coexistindo, mas distante. Eternamente maltratada, mas nunca perto o suficiente para ser confortável.

Tínhamos falado muito pouco um com o outro desde aquela noite, embora nossas famílias tivessem se tornado próximas por meio de Hunter e Sailor. Vê-lo sempre foi um coquetel agri-doce de alegria e dor.



Aprendi a ficar chapada com os dois sentimentos.

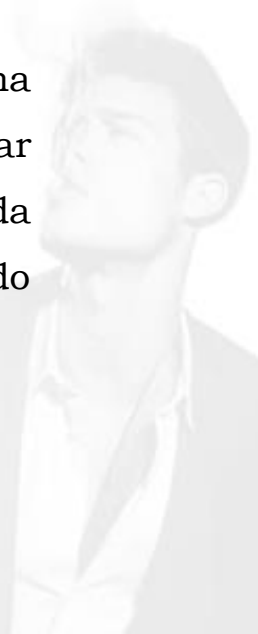
— Esqueça Sam esta noite. — Belle chupou o canudo, inalando o gim com tônica como se ficar bêbada fosse uma competição olímpica. Sob sua fantasia, ela era a coisa mais próxima de Margot Robbie que eu tinha visto de perto. Olhos azuis felinos, cabelo loiro como o sol, sobrancelhas delicadamente arqueadas e um lábio inferior pecaminosamente carnudo.

— Você não saiu nenhuma vez desde que começou sua residência no Hospital Brigham and Women's. Isso foi há mais de seis meses. Arrume um encontro. Divirta-se. Você merece, doutora.

— Eu não tenho encontros, — apontei, esmagando o limão com meu canudo na minha bebida como se isso tivesse me ofendido de alguma forma.

— É hora de mudar isso. Não faz sentido que uma obstetra em treinamento – *uma mulher que literalmente cuida da vagina de todas as outras* – não se importe com a dela. Você não pode ansiar por um pênis que não corresponde. Há muitos peixes no mar.

— Bem, eu sinceramente espero que você não tenha envenenamento por mercúrio, Belle, porque você parece gostar demais de provar o dito peixe. — Tomei um gole generoso da minha bebida, sabendo que parecia pudica e me arrependendo imediatamente do meu comentário.



Belle jogou a cabeça para trás e riu, longe de estar ofendida.

— Oh, Ash, você é uma piada. Isso é o que a maioria das pessoas não sabe sobre você. Por baixo do exterior polido, a princesa americana anseia que o monstro a roube, não que o príncipe a salve. Você é uma espécie de criatura perigosa, quando quer ser.

As bebidas continuavam chegando, e a música indie era boa e alta. Em pouco tempo, Belle me puxou para a pista de dança, onde nos jogamos uma contra a outra ao som de The Shins, Two Door Cinema Club e Interpol.

Mechas da minha peruca loira grudaram no meu rosto e brilho labial enquanto eu suava as memórias do turno de hoje na clínica, e gritava as palavras de “Runnin 'with the Devil” do Van Halen com uma multidão bêbada e exultante, uma vez novamente usando ruído e luzes para afogar minhas tristezas.

Sra. B.

Agulhas.

Morte.

Mãe.

Desespero.

Em algum ponto, Belle se concentrou em um homem como sempre fazia.



Emmabelle Penrose era uma mulher autoproclamada não monogâmica. Embora ela não fosse predatória, ela definitivamente não estava procurando um relacionamento sério e amava nada mais do que se entregar a casos de uma noite. Relacionamentos monogâmicos eram um conceito estranho para ela, como um bidê ou Brown Sauce²⁹. Ela sabia que era algo que outras pessoas gostavam, mas nunca se sentiu tentada a experimentar. Mas nas raras vezes em que escolheu um amante, seja uma mulher ou um homem, ela era ferozmente devotada a eles e os fazia se sentirem o centro do mundo.

Provavelmente foi por isso que ela partiu mais corações do que podia contar.

Sua vítima esta noite era um tipo alto, moreno e bonito vestido de Zorro.

Eles se encontraram no meio do caminho, puxando conversa enquanto eu conscientemente dançava sozinha antes de voltar para o bar.

Ela reapareceu ao meu lado dez minutos depois.

— Estamos indo para o Four Seasons. Ele tem um amigo na administração que pode nos arranjar uma suíte presidencial. Ele não deixa Antonio Banderas no chinelo? — Belle afundou os dentes no lábio inferior, observando-o do outro lado da sala enquanto ele retirava os casacos do

²⁹ É um condimento servido com comida no Reino Unido e na Irlanda, normalmente na cor marrom escuro.



vestiário, enviando-lhe olhares nervosos para se certificar de que ela não fugisse ou mudasse de ideia.

Inclinei meus antebraços contra o bar, sorrindo. — Definitivamente, mas o traje é um pouco extravagante, não?

— Menos autêntico do que Domino's Pizza. Felizmente, vou passar uma noite com ele, não uma vida inteira. — Belle piscou, dando um beijo na minha testa.

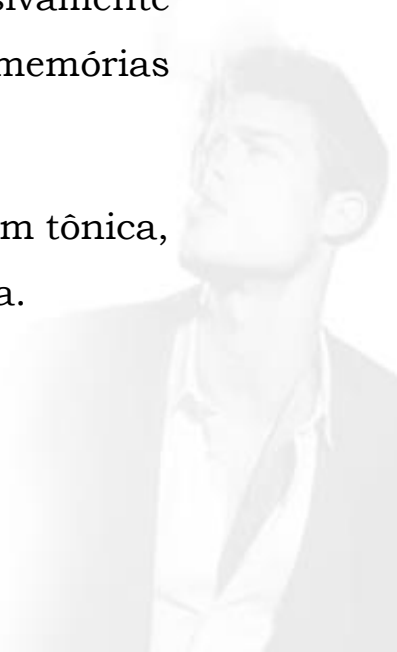
— Feliz Halloween, doutora. Certifique-se de não sair daqui sozinha e me envie uma mensagem se precisar de alguma coisa, certo?

Ela saiu sem esperar por uma resposta.

Tive a ideia de ligar para um Uber e voltar para casa, mas então qual era o sentido? Meus pais ainda estavam fora, participando de um de seus jantares de caridade, que foi a razão pela qual eu estava aqui em primeiro lugar; normalmente, quando minha mãe estava em casa, ela insistia em que passássemos um tempo juntas. Meus irmãos estavam com suas respectivas esposas e filhos.

Eu voltaria para uma mansão inútil e excessivamente grande para viver em meus próprios pensamentos, memórias sombrias e arrependimentos.

Fiz sinal ao barman para me trazer outro gim com tônica, bebi e voltei para a pista de dança, dançando sozinha.



Dez minutos depois, um cara com um uniforme Ghostbuster³⁰ começou a dançar perto de mim, aproximando-se enquanto o fazia. Ele parecia jovem. Mais jovem do que meus próprios vinte e sete anos. Loiro e de idade universitária, o rosto rosado por causa do frio de Boston. Dançamos em torno um do outro por um tempo antes de ele gritar no meu ouvido: — Eu sou o Chris.

Inclinei-me para responder, embora soubesse que não haveria como Chris e eu voltarmos para casa juntos. Para o bem ou para o mal, eu não era o tipo de ir para casa com um cara aleatório. Eu não era freira por nenhum esforço da imaginação, e não era burra o suficiente para me guardar para Sam, mas também podia contar com dois dedos os homens com quem dormi em minha vida e eu sabia seus endereços, nomes completos, número de telefone e – vergonhosamente – notas da faculdade.

— Ash, — respondi, mantendo-o vago.

Ash pode significar Ashley ou Ashlynn.

Aisling não era um nome muito comum e todos conheciam os Fitzpatricks de Boston.

— Você está gostosa ‘pra’ caralho, Ash. — Ele lambeu os lábios, despindo-me com os olhos.

³⁰ Os Caça-Fantasmas.



— Obrigada. — Sorri severamente, mentalmente colocando minhas roupas de volta.

— Posso te pagar uma bebida?

Eu sabia que estava entrando em um nível de embriaguez, mas ainda estava longe de estar bêbada. Concordei. — Qualquer coisa engarrafada funciona. Eu mesma abrirei.

— Você não tem um abridor de garrafas.

— Eu tenho dentes, — respondi.

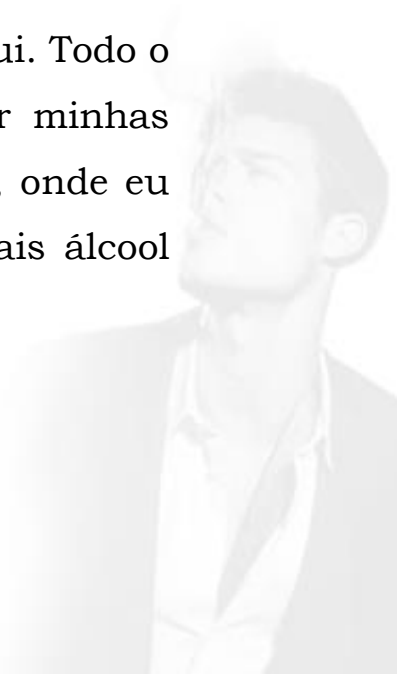
Literalmente. Figurativamente.

Ele arqueou uma sobrancelha, sorrindo.

— Pode apostar.

Chris me trouxe uma cerveja. Dançamos mais um pouco. Quando “Heads Will Roll” do Yeah Yeah Yeahs começou, Chris se mexeu atrás de mim e começou a se esfregar na minha bunda. Ele estava duro, e eu me cansei disso. De tudo, realmente. Principalmente de hoje.

Eu não veria Sam esta noite. Ele não estava aqui. Todo o meu plano foi um fracasso, e era hora de acabar minhas perdas e lambar minhas feridas de volta para casa, onde eu poderia, pelo menos, afogar minhas mágoas em mais álcool sem correr o risco de ser estuprada.



— Foi divertido, Chris. Obrigada. Tenha uma boa noite.
— Peguei minha pequena bolsa e me virei em direção à escada, mas Chris tinha outras ideias. Ele me agarrou pelo braço, puxando-me de volta para a movimentada pista de dança, seu hálito rançoso de vodca flutuando em direção ao meu rosto.

— Não tão rápido, *Pretty Woman*. Cadê o meu agradecimento pela cerveja?

Rá-rá.

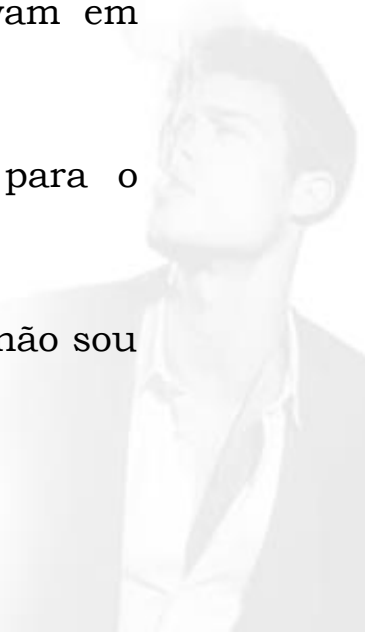
Ele era um daqueles homens que pensavam que comprar uma bebida para uma garota lhes dava um ingresso direto para a calcinha. Peguei minha bolsa, peguei uma nota novinha de dez dólares e joguei em sua direção, sorrindo maliciosamente enquanto ela flutuava entre nós, descendo como uma pena até o chão pegajoso.

— Aqui. Compre algo bom para você. Talvez o bom senso para não assediar sexualmente as mulheres.

Eu girei no meu calcanhar novamente. Ele agarrou meu braço *novamente*. Desta vez, ele me puxou para mais perto, meu corpo batendo contra o dele. Meu coração começou a bater erráticamente enquanto seus dedos se cravavam em minha carne, deixando anéis de hematomas.

— Não, não. Tenho outra coisa em mente para o pagamento.

— Então eu sugiro que você repense, porque eu não sou esse tipo de garota.



— É por isso que você está vestida como uma *prostituta*?
— Ele levantou uma sobrancelha desafiadora. — Poupe-me do discurso, Ashley. Nós dois nos queremos e isso vai acontecer.

Eu olhei para cima, tentando me livrar dele. Ele apertou meu braço com mais força. Abri minha boca para avisá-lo que ia gritar, quando do nada, Chris foi puxado para trás e agarrado pela gola de sua fantasia de Ghostbuster como um filhote.

Eu dei um passo para trás, derrubando outra pessoa na pista de dança, deixando escapar um grito de surpresa.

Sam Brennan.

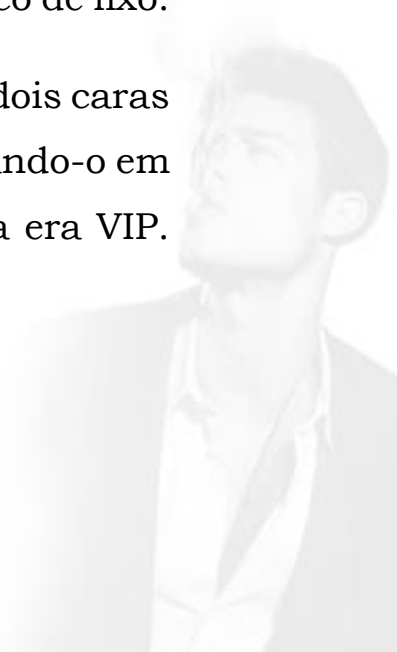
O próprio Monster estava aqui, um cavalo negro segurando Chris no ar, com um segurança de cada lado dele. O universitário se debateu, agarrando-se impotente à gola de sua fantasia para evitar engasgar.

Ele apareceu.

— Livre-se dele, mas não antes de quebrar alguns ossos,
— Sam ordenou secamente, jogando Chris no chão em uma pilha de membros e gemidos, como se ele fosse um saco de lixo.

— Oh, cara, — Chris choramingou enquanto os dois caras corpulentos agarraram cada um de seus braços, puxando-o em direção à escada. — Desculpe. Eu não sabia que ela era VIP. Vamos, Brennan. *Por favor!*

— Cale a boca, — Sam ironizou.



— Estou banido do clube? — Chris choramingou.

Sam franziu o cenho para ele. — Quando meus homens terminarem com você, você terá sorte de não urinar sangue pelo resto de sua vida. Leve-o para fora. — Ele apontou para a porta escada acima, e os seguranças imediatamente seguiram sua ordem.

Sam deu um passo em minha direção. Eu dei outro passo para trás, meus joelhos batendo juntos em uma mistura de medo e desejo.

Fui pega em flagrante em seu clube, vestida como uma lendária prostituta dos anos noventa. *Amável.* Ele definitivamente chutaria a minha bunda. Talvez até conte a meus irmãos e meu pai sobre isso.

Fechei os olhos com força, preparando-me para uma surra verbal.

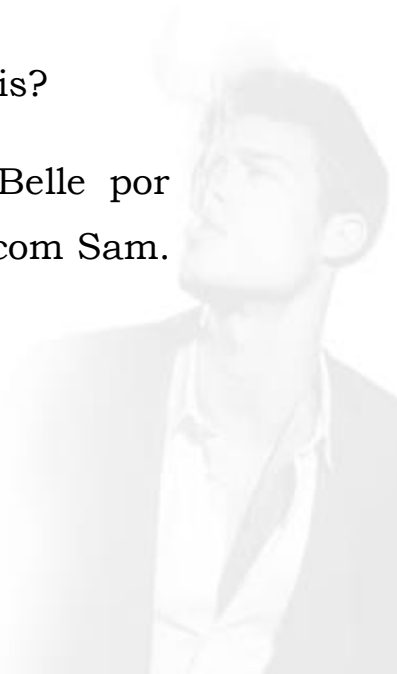
— Siga-me, — ele murmurou suavemente.

— Eu sinto muito! Eu...

Espere, o *quê?*

Por que ele não me jogou na rua junto com Chris?

Olhei em volta, amaldiçoando internamente Belle por fugir de mim. Ela era louca o suficiente para brigar com Sam. E de alguma forma vencer.



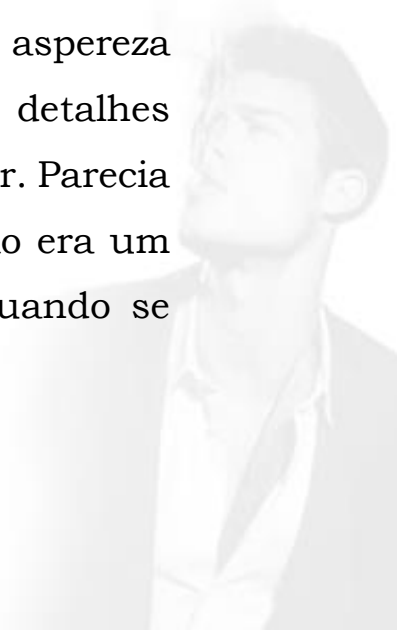
Sam pressionou a mão nas minhas costas, conduzindo-me em direção ao bar, em seguida, passando por dois guarda-costas bloqueando um corredor estreito e mal iluminado. Cada célula do meu corpo formigou com alarme. Passamos por quatro portas – duas de cada lado do corredor – todas abertas. *As salas das cartas*. Locais de apostas subterrâneos que Sam operava, mascarando-as com a boate Badlands. Todos sabiam que Badlands era famosa, mas apenas alguns poucos sabiam do verdadeiro motivo de sua fama.

Aparentemente, apenas os homens mais ricos e respeitados de New England poderiam garantir uma adesão ao pequeno clube de cavalheiros de Sam – e apenas se fossem indicados por um de seus poucos contatos de confiança.

Tive um vislumbre das salas. Marrom, cor de carvalho e esfumaçado, os homens dentro agarravam os charutos entre os dentes, bebendo uísque caro, rindo e fazendo apostas.

Silenciosamente, subimos as escadas em direção a uma porta que obviamente levava ao seu escritório. Ele abriu a porta de madeira preta e fechou atrás de nós, encostando-se a sua mesa.

Olhei em volta, piscando para afastar a aspereza proveniente da luz fluorescente, absorvendo mais detalhes sobre sua vida. Nada na sala gritava dinheiro ou poder. Parecia qualquer outro escritório de dono de boate. Sam não era um homem chamativo. Ou seja, ele parecia perfeito quando se



tratava de ser rico, mas não estava desesperado para exibir sua riqueza.

Agora estávamos juntos – sozinhos – sem ninguém para impedi-lo quando ele moesse meu corpo e me transformasse em almôndegas por desafiar suas palavras e aparecer aqui.

Meu coração bateu tão rápido que pensei que fosse vomitar.

— Olha, eu... — Tentei explicar minha presença no clube, mas ele levantou a mão para me interromper.

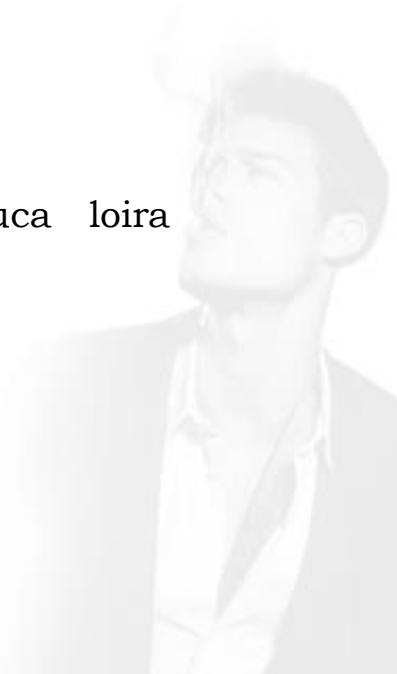
— O que aconteceu com você esta noite não é uma representação do meu clube ou das pessoas dentro dele. Eu sei que as coisas podem ficar turbulentas aqui, mas o assédio sexual é onde nós traçamos o limite. Gostaria de lhe oferecer um voucher de cem dólares pelos seus problemas, Srta.... *Roberts*. — Seus olhos me examinaram, embora não houvesse desejo ou querer em sua expressão.

Mordi meu lábio para evitar que ficasse boquiaberta de choque quando eu descobri.

Sam não me reconheceu.

Ele não tinha ideia de quem eu era.

Como ele reconheceria? Com minha peruca loira descolorida, fantasia, maquiagem e óculos escuros.



Meu coração deu um salto, pedindo-me para tirar vantagem da situação. A oportunidade foi avassaladora. Ter Sam sem realmente ter Sam.

Eu sabia que o monstro favorito de Boston era famoso por dormir com todas as mulheres dispostas. Por que não eu?

Porque é imoral, corrupto e injusto, uma voz dentro de mim repreendeu, com um leve sotaque francês, seu sotaque. Sem mencionar que você merece um homem que imploraria por você, e não vice-versa.

Sim, ela ainda me assombrava. Uma década após sua morte.

Mas Sam não tinha moral. Por que não jogar de acordo com suas regras?

— Quem disse que eu não queria a atenção? — Inclinei meu queixo para cima, adotando um tom mais esfumaçado e áspero do que o meu.

Sam arqueou uma sobrancelha escura e espessa, preguiçosamente empoleirado em sua mesa, os braços fortes cruzados sobre o peito enorme.

— Sua linguagem corporal sim, para começar. Alguns leem livros, eu leio pessoas. Você tentou soltar o braço, o sinal internacional para dar o fora. Eu percebi você no monitor. — Ele sacudiu o queixo em direção à tela em sua mesa, na qual imagens em preto e branco do clube de todos os ângulos dançavam em vários quadros.



Eu soltei um sorriso vermelho-sangue.

— Você tem razão. Ele não era meu tipo. Mas isso não significa que eu não vim aqui para obter alguma ação.

— É isso mesmo? — Ele perguntou, desinteressado.

— Sim. — Minha voz mal tremeu quando aquelas palavras que encontrei no parque na parede do banheiro vieram à mente.

A luxúria perdura, o amor se mantém.

A luxúria é impaciente, o amor espera.

A luxúria queima, o amor aquece.

A luxúria destrói, mas amor? O amor mata.

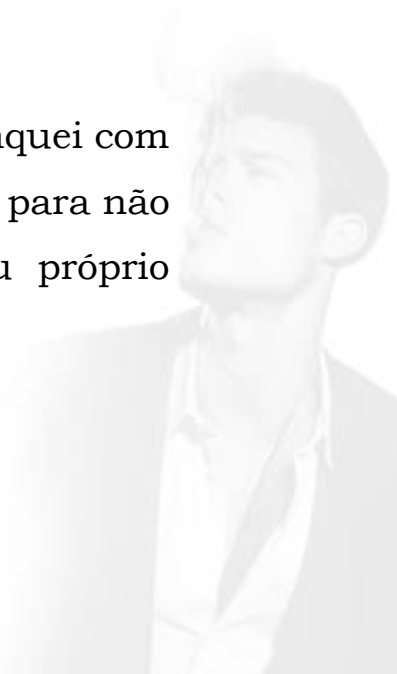
S.A.B

Samuel Austin Brennan.

Fui uma idiota por pensar que era ele? Que essas palavras uma vez foram dirigidas a mim?

— Melhor sair e tentar a sorte, então. — Sua voz era como uma ducha gelada encharcando meus avanços.

— Ou talvez pudéssemos nos ajudar. — Eu brinquei com uma mecha de cabelo descolorido, tomando cuidado para não puxar com muita força a peruca e explodir meu próprio disfarce.



O sorriso de Sam era irônico e cético. — Quem disse que estou à espreita?

— Seu tipo de sangue.

— Você conhece meu tipo de sangue?

— *Sangue quente*, — expliquei.

— Quente ou frio, você não pode lidar comigo, querida.

— Me teste.

Seu olhar desceu lentamente pelo meu corpo, como se tentasse decidir se valia a pena abrir o zíper de suas calças. Eu tremi, ciente de que ele poderia descobrir quem eu era a qualquer segundo.

Quanto mais falávamos, mais minha voz ficava instável. Estridente. Como Aisling. Ele parecia estar considerando isso, acariciando o queixo.

— Vire-se, — ele instruiu.

Eu fiz, dolorosamente ciente de que ele estava checando minha bunda. Era uma boa bunda. Quatro aulas de ioga por semana com mamãe, apesar de minha agenda lotada como residente do primeiro ano. Mas era assim com o amor não correspondido: você sempre se considera indigno do objeto de sua admiração.



— Levante sua saia para mim. — Sua voz de aço cortou o ar atrás de mim. Fiz o que ele pediu, embora soubesse que ele encontraria algo inesperado.

Minha calcinha de algodão branco, sensata e um tamanho grande demais. Prática para uma mulher que usava uniforme o dia todo e totalmente fora do personagem.

Eu o ouvi rir. Meu coração afundou.

— Saia daqui.

Eu girei minha cabeça, minha saia ainda enrolada na minha cintura, minha bunda em sua direção.

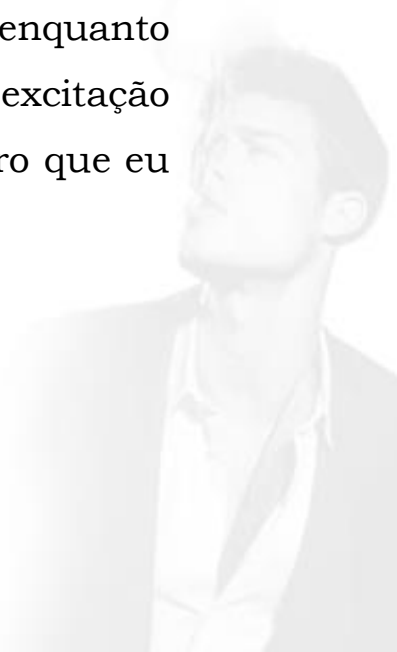
— Eu conheço homens como você, — eu sibilei sedutoramente.

— Não há homens como eu.

— Eu posso tornar isso bom para você, — eu insisti.

— Duvido disso. — Ele inclinou a cabeça para o lado, rindo baixinho. — *Fora.*

Imprudently, empurrei minha calcinha de lado, para mostrar a ele a maior parte do meu traseiro, enquanto brincava comigo mesma. O som da minha excitação encontrando meus dedos encheu o ar, deixando claro que eu estava muito pronta para ser tomada.



— Por favor... — deixei minha cabeça cair para o lado, mordendo meu lábio inferior enquanto fornecia a ele um bom ângulo para me assistir me masturbar.

Ele não disse nada.

Pequenas misericórdias. Ele está lhe dando outra chance. Não estrague isso.

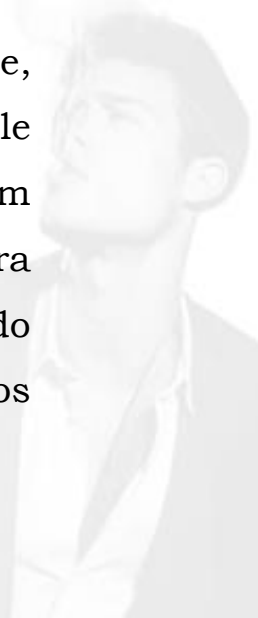
Eu me virei antes que ele mudasse de ideia, avançando em sua direção com minhas botas de couro de salto alto e até a coxa, sabendo que era agora ou nunca. Sam Brennan nunca daria uma chance à Aisling Fitzpatrick, mas para aquela estranha ele ainda daria. Quando eu estava perto o suficiente para tocá-lo, caí de joelhos, olhando para ele através dos meus grandes óculos escuros.

— Posso? — Perguntei, colocando a mão sobre sua virilha.

Ele olhou para mim, seus olhos de tempestade brilhando de brincadeira.

— Faça isso bom ‘pra’ caralho, Roberts. Eu não fodo com novatas.

Baixei o zíper de sua calça. Na década desde o parque, Sam Brennan passou de um cara a homem com sucesso. Ele trocou os jeans escuros rasgados e as camisetas macias em favor de calças Armani e camisas sociais pretas, e agora cheirava a milionários que eu conhecia e esbarrava, usando uma colônia que eu tinha certeza de que meus irmãos



gostavam e custava uma fortuna. A única coisa que restou de seu eu mais jovem foi o amuleto de Santo Antônio gravado com suas iniciais S.A.B penduradas em seu pescoço e aqueles olhos zombeteiros que podiam penetrar na alma das pessoas.

Abaixei sua cueca preta de grife, meus dedos roçando seus pelos escuros aparados em sua virilha. Seu pau saltou. Duro como pedra. Grosso e longo – assustadoramente grande – com uma veia roxa correndo ao longo do eixo.

No que diz respeito a paus, era lindo. Minha boca encheu de água e eu lambi meus lábios.

Em vez de ir direto ao assunto, inclinei minha cabeça com cuidado, mantendo minha peruca intacta, e juntei suas bolas em minha boca, chupando-as suavemente.

Ele sibilou, jogando a cabeça para trás, sem esperar o movimento. Corri um dedo em torno de seu eixo, provocando-o enquanto bombeava e chupava seus testículos, inalando o cheiro almiscarado e terroso de suas partes íntimas.

— Filha da puta, — ele gemeu. — Isso é uma boa jogada.

Sufocando um sorriso, chupei, provoquei e lambi, quase totalmente ignorando seu pau que continuava se sacudindo e crescendo mais inchado e grande, exigindo minha atenção. Depois de alguns minutos, Sam agarrou a parte de trás da minha peruca, empurrando-me para o evento principal – a estrela do show. Eu engasguei, batendo em sua mão imediatamente em uma tentativa de manter minha peruca.

Ele franziu a testa para mim, momentaneamente surpreso.

— Tem alguma coisa contra um pau?

— De jeito nenhum. — Minha voz estava sem fôlego, patética. — Desculpe. É que meu cabelo está uma bagunça embaixo da peruca, e não quero que você veja.

Uma bagunça de corvo preto-azulado que você reconhecerá imediatamente.

— Você tem a impressão de que estamos prestes a tirar as fotos do nosso casamento? — O prazer girou em seus olhos acinzentados. — Quem se importa?

— Não, você está certo, claro que não.

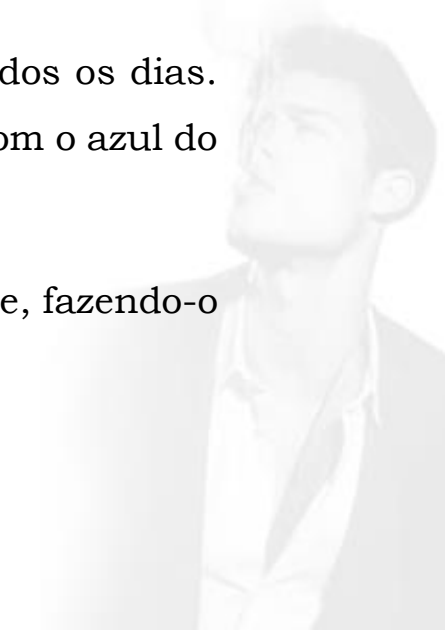
Garota tola, a música da Sra. B murmurou na minha cabeça. Tão submissa e fácil.

— Já que estamos nisso, por que você não tira os óculos de sol? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Me faz sentir que estou recebendo um boquete de Stevie Wonder.

Porque você verá meus olhos e os reconhecerá também.

Meus olhos eram do tipo que você não vê todos os dias. Meu pai dizia que eles eram comparados apenas com o azul do oceano.

Eu agarrei seu eixo e o golpeei profundamente, fazendo-o quase rugir de prazer.



— Boa distração, Roberts. Mais rápido.

Comecei a bombear para dentro e para fora, ainda pasma que o pau de Sam Brennan estava na minha boca.

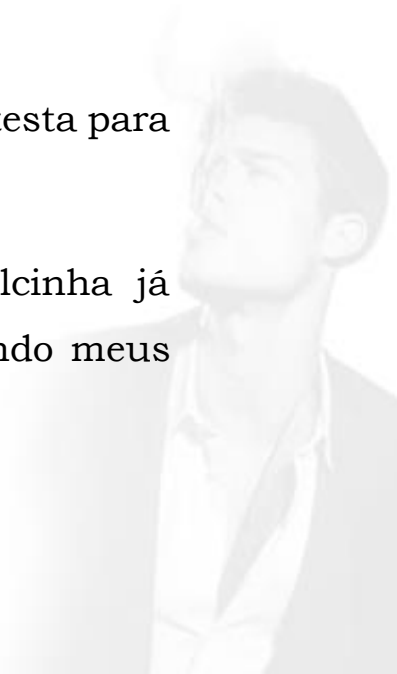
Minha fascinação – não, *obsessão* – por ele não conhecia limites, algo que nem eu poderia negar. Mas também era inofensivo. Éramos ambos solteiros, maiores de idade e vivíamos constantemente na mesma vizinhança. Ele mudou minha vida de várias maneiras e a transformou em algo diferente e mais profundo. Dar-lhe um bom boquete era o mínimo que eu podia fazer para retribuí-lo por me colocar no caminho que estava hoje.

— Tudo bem, vamos ver do que sua boceta ou bunda é feita. De pé, Pretty Woman.

Eu me levantei em minha altura máxima, a euforia rodando através de mim como uma tempestade. Ele agarrou minha nuca e me beijou. Um beijo preguiçoso e cheio de tesão. Cheio de língua, dentes e intenção. Nada como o beijo que compartilhamos naquele passeio assombrado todos aqueles anos atrás. Não se desenrolou lentamente como um livro bem trabalhado.

Sam se afastou de mim de repente, franzindo a testa para mim.

— O quê? — perguntei, ofegante, minha calcinha já encharcada. Agarrei a gola de sua camisa, esfregando meus



seios cobertos contra seu peito descaradamente, já à beira do orgasmo. — O quê, *o quê?*

— Gengibre, — ele sibilou friamente. — E mel.

— Gengibre? — Pisquei freneticamente por trás dos meus óculos escuros. — O que você quer dizer?

— Só conheço uma mulher que cheira a gengibre e mel.

Eu.

Era eu.

Eu e meu estúpido xampu importado da França, a Sra. B, me viciou.

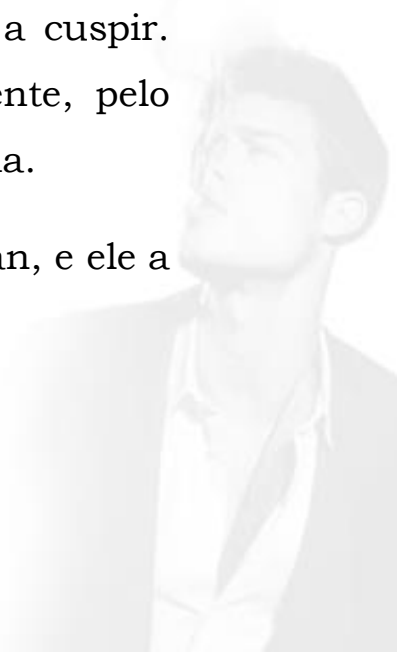
Sem aviso, Sam arrancou os óculos de sol do meu rosto, puxando a peruca ao mesmo tempo. Meu longo cabelo preto como alcatrão caiu sobre meus ombros em ondas grossas, todo o caminho até a minha bunda. Meus olhos azuis se arregalaram para ele.

Tão ferrada – e não da maneira que eu esperava.

Tossi, provavelmente engasgando com um pedido de desculpas desesperado que meu corpo se recusou a cuspir. Sabia que ele não me machucaria – não fisicamente, pelo menos – mas não tinha dúvidas de que ele me puniria.

A vingança era a língua favorita de Sam Brennan, e ele a falava fluentemente.

— Fitzpatrick, — ele rosnou como uma besta.



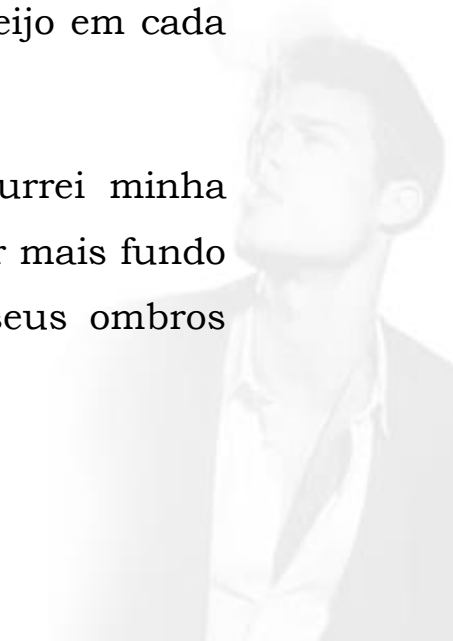
— Sam, eu... — balancei minha cabeça. *Merde!* — Por favor. Apenas uma vez.

— Poupe-me dessa merda. Lidarei com você mais tarde. Primeiro, vou te dar o que você tem implorado por mais de uma década e lembrá-la por que *você*... — ele mordeu meu lábio com força.

— ...*Não* — agarrou minha calcinha através da minha saia, rasgando-a em um movimento praticado – eu achei impressionante, especialmente porque ela não era exatamente confortável —... *Vai*... — ele enfiou dois dedos em mim de uma vez —... *Foder*... — ele abriu seus dedos dentro de mim, esticando-me para que eu me tornasse insuportavelmente cheia – estremeci violentamente com necessidade e prazer, meus joelhos fracos – empurrei em direção a ele, dobrando meus quadris, implorando descaradamente por mais—... *Comigo*.

Ele mostrou os dentes, beijando-me com força novamente enquanto me tocava impiedosamente. Com fome. Violentemente. Apaixonadamente. Foi um beijo diferente. Um beijo de luxúria reprimida. O tipo que se acumulou por anos a partir de olhares roubados e “quases”. Senti o beijo em cada osso do meu corpo, nas células da minha pele.

Nossas bocas se moveram juntas, e empurrei minha virilha para frente, sinalizando para ele empurrar mais fundo com os dedos, minhas unhas afundando em seus ombros musculosos através de sua camisa.



Ele se retirou de dentro de mim e agarrou minha bunda rudemente, erguendo minhas pernas sobre sua cintura. Carregou-me para uma mesa de sinuca próxima, onde me empoleirou na borda do carvalho, seu pau ereto cutucando minha barriga. Sam alcançou o bolso de trás, puxando um preservativo e rasgando a embalagem com seus dentes brancos e retos.

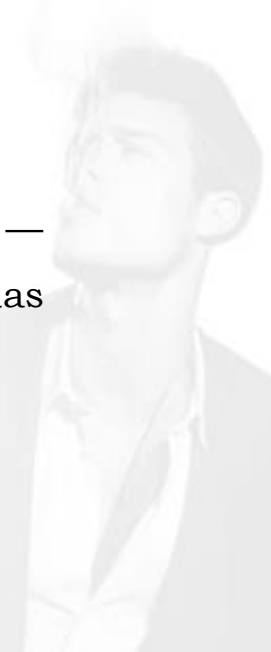
— Você é virgem, Aisling? — Ele perguntou, seu dedo indicador escovando minha boceta nua, agora que minha calcinha destruída foi descartada em algum lugar no chão de seu escritório.

Mesmo sabendo que a pergunta não era injustificada – nunca saí com ninguém a sério, nunca trouxe um homem para casa nas férias ou jantares oficiais e era a pessoa mais tímida e nerd que ele provavelmente conhecia – a pergunta deixou uma quente, gostosa sensação pungente no meu orgulho. Como se ele tivesse dado um tapa na minha alma.

— Isso importaria? — Peguei a camisinha dele, rolando sobre seu pau com dedos trêmulos. Eu daria a esse homem a melhor foda de sua vida, nem que fosse a última coisa que eu fizesse. Arruinar qualquer outra boceta para ele.

— Nem um pouco, porra.

— Então eu sugiro que você descubra por si mesmo. — Meus olhos se nivelaram com os dele e, por um momento, suas pupilas cinzentas me deixaram sem palavras.



Eu conheci homens. Muitos homens ricos, bonitos e bem-sucedidos. Mas eles eram todos iguais. Sua postura, modos suaves e mãos suaves afastavam a masculinidade autêntica que Sam exalava sem nem mesmo tentar.

Ele era carnal, cru e perigoso, e não havia ninguém como ele.

Ele sabia disso. Eu sabia.

Sam sorriu seu sorriso torto de cara mau.

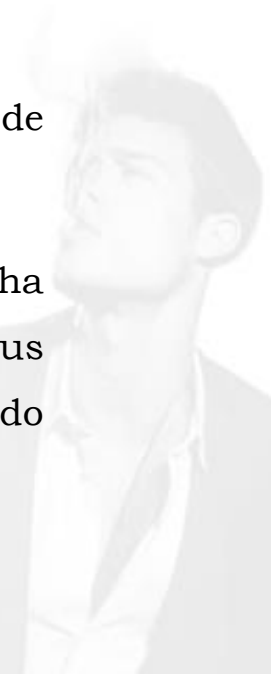
— Tão presunçosa ‘pra’ caralho. Se você quiser ser levada, será levada do jeito de Sam Brennan. Sem arrependimentos. Sem repetições. E não diga nada aos seus pais, porra.

Com isso, ele me virou de costas para ele, mergulhou a mão entre minhas coxas e pegou minha umidade emprestada, cobrindo meu reto com meus sucos.

Meus olhos se arregalaram de surpresa. Eu nunca fiz sexo anal antes. Sam empurrou um dedo em meu buraco apertado enquanto empurrava em minha boceta ao mesmo tempo.

Com um impulso profundo e feroz, ele estava dentro de mim.

Eu me senti cheia, tão cheia com o dedo de Sam na minha bunda e seu pau na minha boceta. Soltei um gemido. Meus mamilos enrugados tornaram-se tão sensíveis, a fricção do



meu sutiã sozinho me derrubou perto da borda. Joguei minha cabeça para trás e grunhi.

Não goze na quarta estocada. Pelo menos, tenha a boa vontade de fingir que você não é uma massinha em suas mãos.

— Não é virgem, então. — Ele começou a se mover dentro de mim, segurando minha cintura no lugar com uma mão, brincando com meu reto com a outra. A fricção entre mim e a mesa de sinuca contra a qual ele me atarraxou fez meu clitóris formigar. Eu apertei em torno dele a cada estocada, angulando meu corpo apenas para a direita para uma penetração mais profunda, enquanto eu enfiava minha mão entre nós, massageando suas bolas.

Eu só estive com dois homens antes de Sam – ambos eu conheci na universidade – e ambos foram um aquecimento calculado na minha busca para me preparar para o grande evento, também conhecido como Sam. Até minha vida sexual foi projetada e planejada para torná-lo meu.

Namorei dois prodígios de Harvard que eu sabia serem especialistas no campo do sexo e os persuadi a me ensinar todos os seus truques sujos. Fiz anotações, transformando-me de uma novata tímida e desajeitada em uma ninfa na cama.

Eu mordi, lambi, provoquei e fiz cócegas quando necessário.

Chupei, empurrei e espremi.

Não para eles – para *ele*.



Mas eu não esperava que *ele* me fizesse sentir tão bem. Foi uma foda mental total.

Quando Sam deslizou outro dedo em meu buraco, confortável, comecei a gemer mais alto, agarrando a mesa de sinuca desesperadamente, perdendo o controle das minhas pernas, quase cedendo ao prazer. Ele me montou com força, e quando senti o primeiro espasmo de um orgasmo formigando dentro de mim, ele puxou para fora, pegando seu pau em sua mão por trás de mim e colocando-o entre as bochechas da minha bunda, meu ânus revestido com meus sucos.

— Bem, bem, a pequena Aisling Fitzpatrick já cresceu e sabe como foder como uma estrela pornô. — Sam riu insensivelmente, tentando minimizar este momento, para descartar o que estava acontecendo aqui.

Ele.

Eu.

Proibido e errado e ainda, contra todas as probabilidades, acontecendo.

Ele aliviou dentro de mim lentamente, atentamente, e embora doesse mais do que eu estava disposta a admitir, resisti à dor, deslizando o resto dele em mim, empurrando minha bunda em direção a ele, até que ele me encheu até a borda.



Fez-se um silêncio intenso, com o qual me familiarizei com a sensação de estar cheia dele por trás. Eu o senti estremecer contra minhas costas de prazer.

— Sua boceta pode ser usada, mas esse rabo nunca foi fodido. Eu posso dizer.

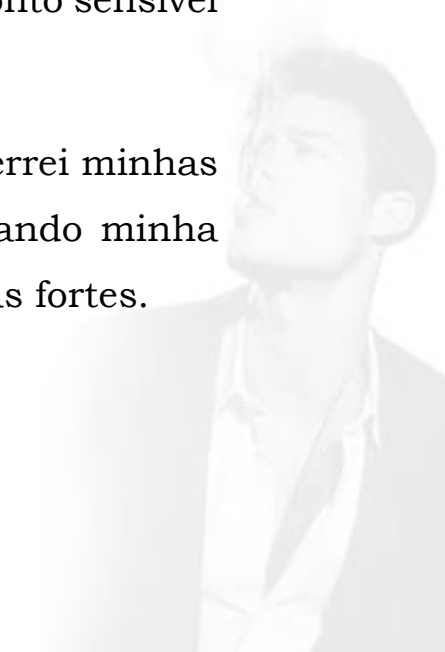
Eu não disse nada porque era verdade, e a verdade doeu mais do que ele dentro de mim porque era um lembrete doloroso de como eu estava pateticamente apaixonada por ele. Ele se inclinou para frente, ainda dentro de mim, e afastou meu cabelo do ombro, seus lábios encontrando minha orelha.

— Você teve que me deixar um primeiro para levar, não foi, Aisling Fitzpatrick? Você, pobre alma romântica.

Com isso, ele puxou para fora, em seguida, empurrou para dentro de mim novamente de uma vez. Chorei de dor, segurando a mesa de sinuca com mais força, mas depois das primeiras rodadas de seus quadris, a dor se transformou em prazer. Especialmente quando ele me reposicionou um pouco mais alto na mesa para que meu clitóris fosse novamente provocado pela mesa de sinuca difusa. Meus dedos ainda estavam brincando com ele, esfregando contra o ponto sensível entre suas bolas e nádegas.

Meu corpo inteiro estava em chamas, e eu cerrei minhas nádegas, todos os meus músculos tremendo quando minha liberação começou a me lavar novamente em ondas fortes.

— Vou gozar, — gritei.



Sam gemeu, dando algumas estocadas bruscas. Nós gozamos juntos.

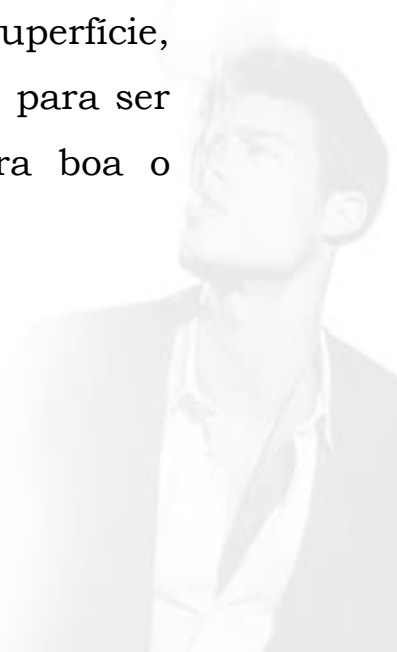
Minha visão estava manchada e tudo saiu de foco. Eu podia me sentir tirando o orgasmo dele, o quão duro ele estava dentro de mim.

Deixei meu corpo ficar mole contra a mesa de sinuca, fechando meus olhos, ciente de que minha saia ainda estava puxada para cima em volta da minha cintura enquanto ele cuidadosamente deslizava para fora de mim por trás. Cada centímetro dele saindo foi doloroso, e suspeitei que houvesse muitos centímetros dele.

Com minha bochecha ainda grudada no carpete verde da mesa de sinuca, ouvi Sam se mexendo pela sala. Lentamente, deslizei minha saia pelas minhas coxas para que, pelo menos, minha bunda nua e machucada não estivesse em plena exibição.

— Levante-se, princesa do gelo. Minha grande mesa de bilhar vintage não foi feita para dormir.

Eu me virei, deliberadamente subindo na mesa e relaxando lá, meus antebraços cavando em sua superfície, deixando-me confortável. Se eu era boa o suficiente para ser fodida contra a dita mesa de bilhar, também era boa o suficiente para sentar nela.



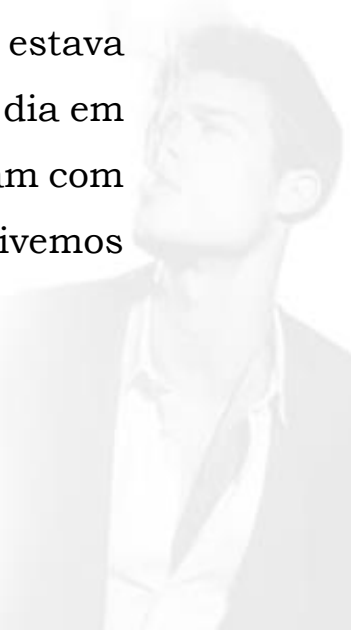
— Peça gentilmente, — eu disse, em meu tom frio e aristocrático – aquele que eu sabia que ele odiava tanto. — E eu saio.

— Eu nunca faço nada gentilmente. Você já deveria saber. Onde você aprendeu todos os seus pequenos truques de cama? — Sam estava sentado atrás de sua mesa, afivelando o cinto, seu ar reptiliano ocultando qualquer sinal de que tínhamos acabado de estragar os miolos um do outro.

Ele acendeu um cigarro, soprando um redemoinho de fumaça em minha direção.

— Você quer dizer *foda*? — Eu pulei da mesa de sinuca, sorrindo enquanto pegava minha peruca e óculos escuros. — Não se esqueça que passei sete anos entre pessoas cujo único propósito na vida era estudar o corpo humano. Passei um bom tempo explorando todas as maneiras de fazer uma pessoa gritar de prazer... e de dor. Você não viu nem a metade. — Reorganizei minha saia e peruca, forçando-me a ir para a porta. Não porque eu quisesse, mas porque tinha que fingir que, pelo menos, ainda tinha um fiapo de dignidade dentro de mim.

Era um fato bem conhecido que Aisling Fitzpatrick estava perdidamente apaixonada por Samuel Brennan desde o dia em que nos conhecemos. Não havia necessidade de regar Sam com atenção total e declarações de amor desesperadas. Tivemos uma ótima ligação. Agora a bola estava em seu campo.



Eu queria qualquer coisa que ele estivesse disposto a me dar.

Uma aventura, um relacionamento e tudo mais, contanto que ele me quisesse.

Patético? Pode ser. Mas eu não estava machucando ninguém. Ninguém além de mim.

E Sam? Por mais assustador que ele fosse, eu sabia que ele nunca colocaria a mão em mim de uma forma que eu não queria. Ele era perigoso, sim, mas não para minha vida. Apenas minha sanidade.

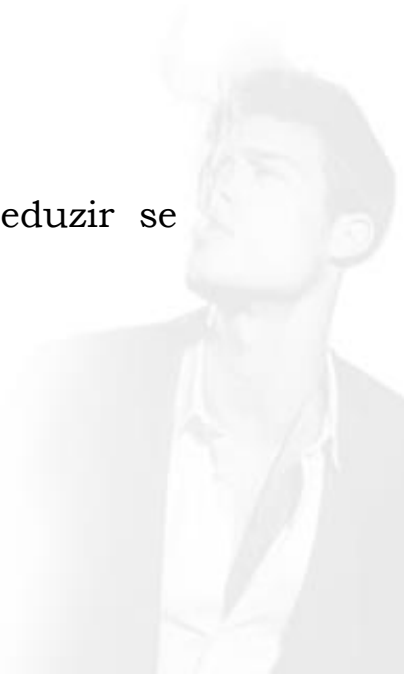
— Isso é mais do que eu queria saber sobre você, criança,
— disse Sam em torno de seu cigarro aceso, franzindo a testa para o monitor em sua mesa enquanto observava o que estava acontecendo no clube.

— O que você está fazendo hoje em dia, afinal? Pediatria, certo? — Ele bufou.

— Obstetra-ginecologista. Brigham and Women's Hospital, — respondi, alisando minha saia sobre minhas coxas, dando mais um passo em direção à porta.

Pare-me. Diga-me para ficar. Peça meu número.

— Você realmente achou que poderia me seduzir se vestindo assim? — Ele perguntou do nada.



— Eu consegui, não é? — Eu disse com altivez e revirei os olhos. — Honestamente? Eu me vesti assim para entrar, não para te seduzir.

— Por que você quis entrar? — Seus olhos ainda estavam na tela.

— Porque Badlands é o lugar mais badalado de Boston.

— Você não se importa com os lugares mais badalados de Boston, — ressaltou.

— Claro que sim, — eu disse friamente, internamente me perguntando se ele tinha me considerado, meus gostos e desgostos. — Às vezes, até as boas meninas querem ser más.

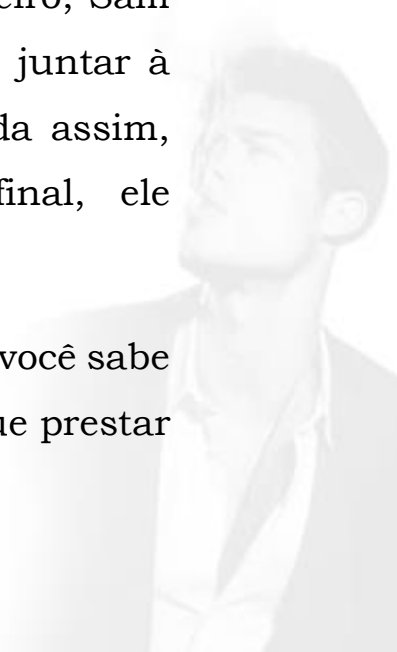
— É por isso que você foi banida deste estabelecimento em primeiro lugar, — ele brincou.

— Isso é injusto.

— Justiça e eu nem compartilhamos a porra do mesmo planeta. Qual parte do meu personagem fez você pensar que me importo em ser justo?

Entre extorsão, assassinato e lavagem de dinheiro, Sam não tinha exatamente nenhum tempo livre para se juntar à Liga da Justiça como Capitão Cara Bonzinho. Ainda assim, chamá-lo de injusto parecia... bem, *injusto*. Afinal, ele expulsou um cara que tinha me agredido.

— Estou banida do seu estabelecimento porque você sabe que se eu chegar muito perto, você realmente terá que prestar



atenção em mim, e toda vez que estamos juntos, a mágica acontece, — rebati, desafiando-o.

Vá embora, mon cheri. Você não está fazendo nenhum favor a si mesma, a voz da Sra. B insistiu em minha cabeça.

Sam se recostou, finalmente tirando os olhos da tela para olhar para mim.

— A única magia que compartilhamos hoje foi que eu deixei seu rabo cerca de uma polegada mais largo para a vida. Apesar disso, você fez uma jogada suja, Srta. Fitzpatrick.

— Nós, monstros, fazemos o que temos que fazer. Você sabe disso melhor do que eu. — Dei de ombros.

— Você não é um monstro, — ele sibilou.

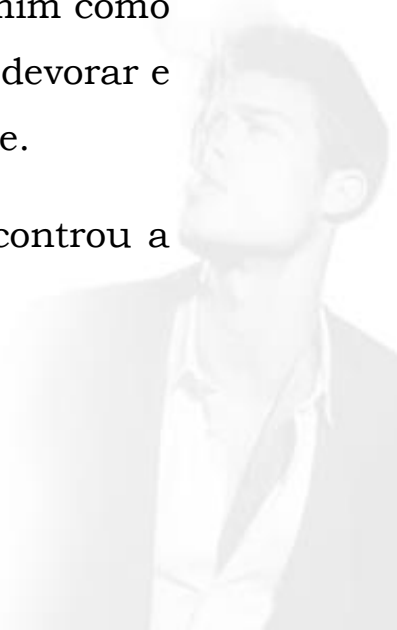
— Você não tem ideia de quem ou o que eu sou.

— Qual era o seu objetivo? Uma foda? — Ele ferveu.

— Uma? Não. Algumas? Claro, dependendo da sua atitude, — respondi evasivamente, indo para a porta.

Ele poderia me negar tudo o que quisesse, mas quando estávamos naquela mesa de sinuca, ele olhou para mim como no parque. Com uma fome que me dizia que iria me devorar e não deixar nada para o homem que viesse depois dele.

— Aisling — ele gritou quando minha mão encontrou a maçaneta da porta, prestes a abri-la e sair.



Parei, mas não me virei, meu coração batendo forte no meu peito.

— Se nós transarmos – e isso é um *se*, não um *quando* – isso é tudo o que faremos. Cada coisa que você nasceu e foi criada para realizar – um marido respeitável, filhos, uma família, um labrador para completar sua foto de Natal – eu rejeitei antes mesmo de você nascer. Vai ser só isso. Foder. E ninguém poderia saber sobre nosso acordo, por razões óbvias.

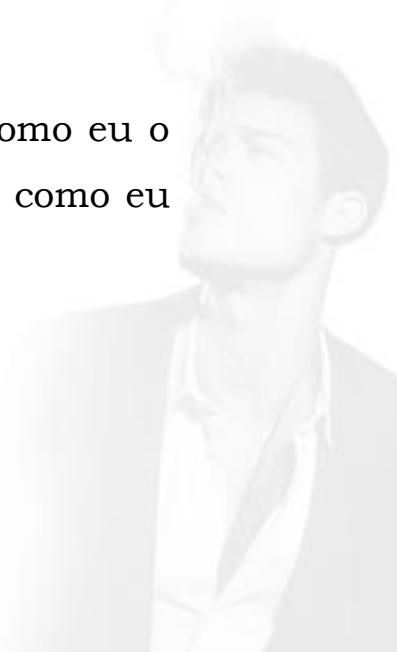
Ambos sabíamos quais eram as razões óbvias e nenhum de nós ousou pronunciá-las em voz alta.

Ele estava me oferecendo algo. Um começo. Eu sabia que o resto seria ganho com muito esforço. Sam Brennan era um homem quebrado, mas não além do reparo. Eu acreditava nisso com todo o meu coração, mesmo e talvez por causa das coisas que eu o testemunhei fazer ao longo dos anos.

Ele tirou minha família de problemas inúmeras vezes, salvou meu irmão mais velho de perder a empresa da família e me idolatrava de longe.

Ele pode não saber sobre si mesmo, mas tinha um código moral, regras e limites rígidos.

Eu ia fazer com que ele se visse da maneira como eu o via. Então talvez, apenas talvez, ele pudesse me ver como eu era. Uma mulher digna de sua atenção.



Por enquanto, eu estava disposta a aceitar o que ele estava disposto a oferecer, mesmo que fosse apenas sexo carnal e raivosos.

Oui. Você oficialmente perdeu a cabeça, mon cheri.

— O que você tem em mente? — Apoiei um ombro no batente da porta, exibindo a superficialidade de um queijo de cabra envelhecido.

Sam esfregou o queixo, completamente irritado com toda a situação.

— Bem, não podemos brincar na sua casa já que você ainda mora com seus pais — o que diabos é tudo isso, afinal? — E eu nunca deixei ninguém entrar no meu apartamento, então acho que você pode me encontrar aqui amanhã. Mesma hora.

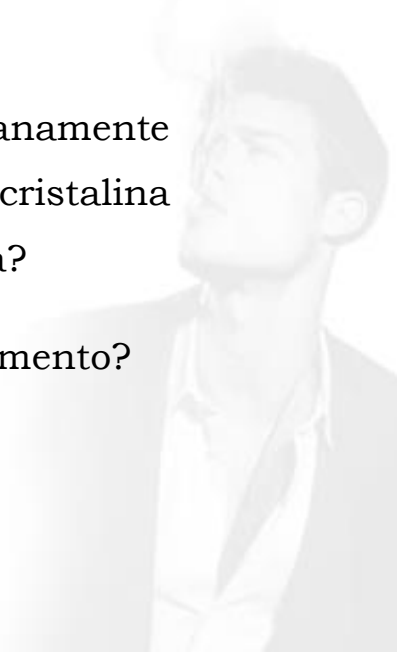
— Por que não lá? — Eu atirei.

— Huh? — Ele ergueu os olhos da tela, já encerrando a conversa.

— Por que você não deixa ninguém entrar no seu apartamento?

— Porque odeio todo mundo, — ele disse desumanamente devagar, olhando para mim como se a resposta fosse cristalina e eu fosse uma perfeita idiota. — Por que mais, porra?

— Então, ninguém nunca esteve em seu apartamento?



— Meus pais me visitaram uma ou duas vezes. Sailor sabe o endereço, mas não tem permissão para ir até lá. Por que você ainda mora com seus pais? — Ele jogou a pergunta explosiva aos meus pés. Levantei um ombro, fingindo calma.

— Não vejo sentido em pagar por um lugar quando basicamente moro no hospital.

— Não aja como se morar em seu próprio apartamento exigisse que você lavasse uma caneca. Você é rica demais para fazer merda sozinha, e você e eu sabemos disso. Por que você ainda está se escondendo atrás da mamãe e do papai? — Ele repetiu severamente.

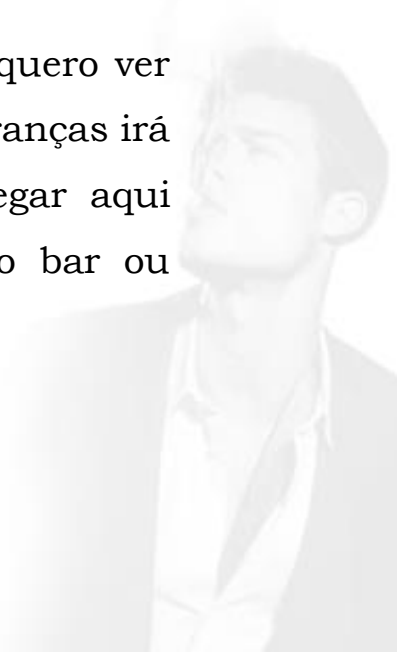
A verdade era complexa, surpreendente e pior de tudo... inacreditável. Ele nunca a compraria. Mesmo se eu contasse a ele. O que não pensei em fazer, já que a verdade era constrangedora. Eu era uma marionete. Um peão no jogo dos meus pais. Nada para se orgulhar.

Balancei minha cabeça.

— Isso significa que não estou mais banida de Badlands?
— Eu perguntei.

— Oh, você ainda está banida, mocinha. Não quero ver você festejando com esses perdedores. Um dos seguranças irá lhe mostrar a porta dos fundos quando você chegar aqui amanhã, mas você não tem permissão para ir ao bar ou qualquer uma das salas de jogos.

— Vejo você amanhã, Monster.



— Nix, — ele acenou seu adeus.

Eu quase voltei para casa em um tornado e pesquisei seu apelido no Google, exultante e apavorada e satisfeita e alegre.

Nix: Um ser aquático, meio-humano, meio-peixe, que vive em um lindo palácio subaquático e se mistura com os humanos assumindo uma variedade de formas físicas atraentes (geralmente como uma bela donzela).

Nix era um monstro feminino.

Sam ainda pensava em nós da mesma forma.

Criaturas escuras e imprevisíveis, à espreita à vista de todos.

Agora que ele me deixou entrar, eu destruiria cada uma de suas paredes e finalmente o tornaria meu.



Dois



Sam

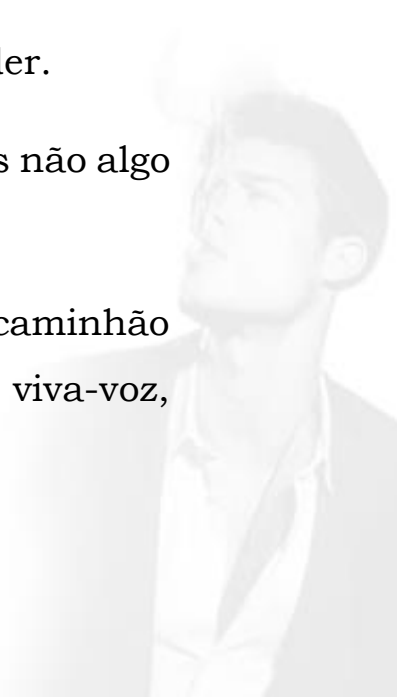
Dez horas depois de estar até as bolas dentro de Aisling Fitzpatrick, recebi um telefonema de que Catalina Greystone, também conhecida como Mãe Querida, finalmente (e sem intercorrências) bateu as botas.

— Achei que você deveria saber. Levando em consideração que vão derrubar tudo na próxima semana. Não que a propriedade valha um centavo, veja bem. Mas eu pensei, por que não avisar o filho dela? — A vizinha de Cat, a Sra. Masterson, mastigou algo crocante em meu ouvido através de um telefonema particularmente irritante.

Porque não me importo, fiquei tentado a responder.

A morte de Catalina era novidade para mim, mas não algo que eu estivesse interessado em saber mais.

Ela me pegou malhando, virando um pneu de caminhão que pesava quase tanto quanto eu. Coloquei-a no viva-voz,



jogando o telefone no chão de espuma enquanto continuava a virar.

— Como você conseguiu meu número? — Resmunguei, sem mencionar o código especial necessário para chegar à minha linha.

— Seu pai me deu. Troy alguma coisa.

Então Troy sabia que ela estava morta também. Fiquei surpreso que ele não apareceu na minha porta esta manhã com uma garrafa de champanhe.

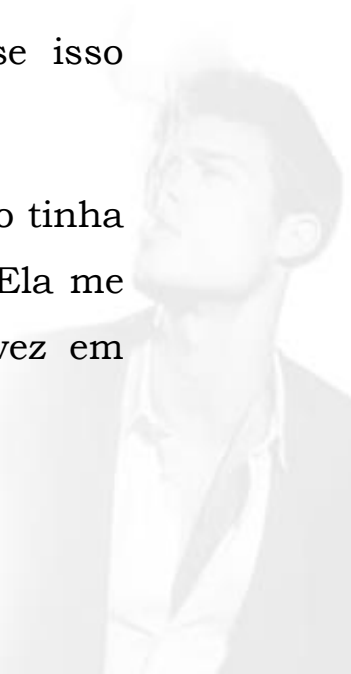
— Bem, agradeço o aviso, mas não consigo imaginar que haja algo nesta casa de valor para mim.

Além da minha fodida infância perdida e memórias de abuso de drogas e álcool.

Cat tentou se reconectar comigo ao longo dos anos desde que me deixou na casa dos Brennans com nada além de uma mochila e más lembranças, mas a verdade da questão é que prefiro ser fodido por um cacto – a seco – do que trocar uma palavra com ela.

Inferno, eu me casaria com o maldito cacto se isso significasse nunca ver seu rosto miserável.

Felizmente, sendo o humano lixo que era, Cat não tinha ido longe demais para tentar entrar em contato real. Ela me mandava cartas periodicamente e tentava ligar de vez em



quando, especialmente quando tinha problemas de dinheiro, o que – rufem os tambores – era foddidamente sempre.

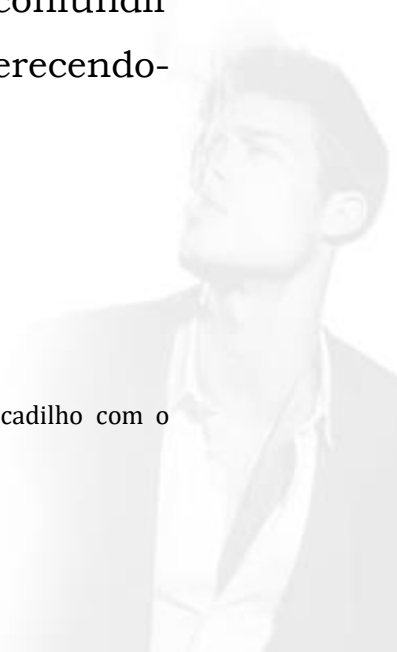
Como se dar a mínima estivesse no cardápio para mim. Pelo endereço nas cartas (que iam direto para o lixo – a menos que fosse inverno, nesse caso direto para a lareira), eu imaginei que ela passou a última meia década nos arredores de Atlanta, chupando um pau encharcado para financiar sua droga e problemas de bolsa de grife.

Em uma noite especialmente lenta em Badlands, eu até mapeei o endereço dela no Google e não fiquei surpreso ao ver que ela morava em um lugar onde eu nem mesmo guardaria meus sapatos. Uma coisa de madeira frágil que qualquer lobo poderia soprar e derrubar.

Se eu me importasse o suficiente com a vingança, teria ido lá para fazer exatamente isso. Torná-la sem teto. Por acaso, não havia passado tempo suficiente para que eu pensasse nela como uma reflexão tardia, muito menos como uma inimiga.

— Você não vai perguntar como ela faleceu? — A mulher na outra linha continuou a importunar. Meu treinador, Mitchell, um homem que parecia uma rocha (não confundir com *The Rock*³¹), entregou-me uma toalha limpa, oferecendo-me um olhar de ‘que diabos’.

³¹ Traduzindo do inglês, ‘the rock’ significa ‘a rocha’. O personagem faz um trocadilho com o significado da palavra e o ator chamado The Rock (Dwayne Johnson)



Ele não estava acostumado a me ver dar atenção para estranhos.

— Bicicleta e cordas a seguir. Você tem sessenta segundos para se recuperar, Monster, — ele murmurou, oferecendo-me um soco que eu me recusei a retribuir, alegando que não fazia high five³², antes de correr atrás de uma cortina preta para me permitir um pouco de privacidade.

— Olá? Você ainda está aí? — A mulher sulista na outra linha exigiu, sua voz anasalada rangendo.

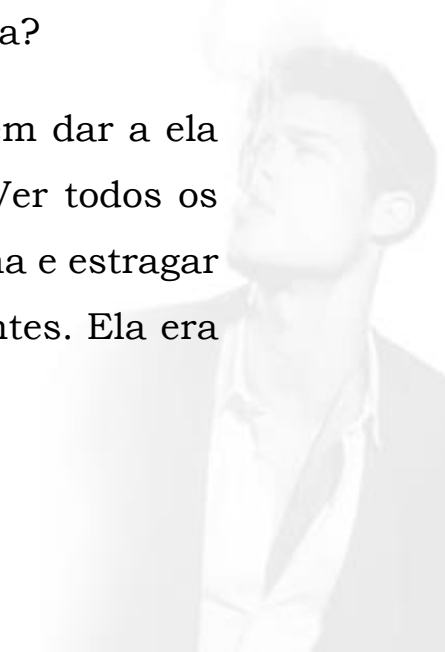
Peguei o telefone do chão.

— Escute, Sra. Masterson, eu aprecio sua preocupação maternal, mas dizer que Cat e eu não éramos próximos seria o eufemismo da porra do século. Não há nada que eu precise da casa dela. Eu sou um homem ocupado. Não tenho tempo para descer até a Geórgia.

Mas eu tinha toda a maldita intenção de descer em Aisling esta noite, e isso era um problema. Um arrepio agradável formigou minha pele. Quem teria pensado que a pequena Nix tinha isso nela? Enganar, burlar e se infiltrar no meu clube – nas minhas *calças* – e me dar a foda da minha vida?

Não eu, isso era certo, mas eu estava feliz em dar a ela um replay e finalmente tirá-la do meu sistema. Ver todos os truques que ela aprendeu na faculdade de medicina e estragar sua pele pálida e leitosa com minhas unhas e dentes. Ela era

³² Um tipo de cumprimento.



como um cisne. Elegante e aristocrática. E isso tornava foder com ela muito mais agradável do que o meu sabor usual de unhas compridas e pontudas, lábios com botox e implantes de bunda.

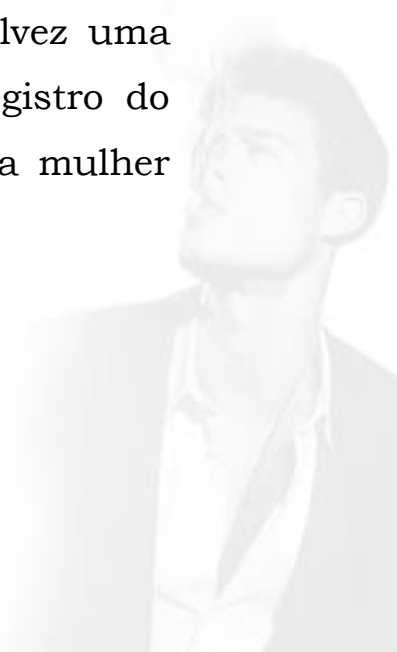
Havia algo simplesmente não tão excitante em ser enterrado em uma mulher que já tinha visto mais paus do que um urologista. Experiente ou não, eu poderia dizer pelo toque da princesa do gelo que ela não fazia isso tão facilmente.

Ela não poderia fazer.

Ela estava desesperadamente obcecada por mim.

E, porra, pela primeira vez em uma década, esse pequeno fato me deixou orgulhoso ao invés de irritado.

— Drogas. Ela teve uma overdose. Foi assim que ela faleceu, — a Sra. Masterson continuou, despreocupada com a minha falta de interesse na conversa. — Pobre coisinha. As escoteiras a encontraram. Vieram tentar vender alguns biscoitos para ela. Você acreditaria? Elas olharam pela janela. A viram deitada no chão e ligaram para o 9-1-1. Pobres crianças. Ninguém deveria ver algo assim, muito menos crianças. Dizem que ela estava assim há dias. Talvez uma semana. Ninguém veio ver como ela estava. O registro do telefone dela dizia que ninguém ligou. Ela era uma mulher solitária, sua mãe.



Eu não fiquei surpreso. Cat era tão adorável quanto um soldado SS³³ e tão cativante quanto. Quando ela era mais jovem, tinha sua aparência para salvá-la. Depois que sua beleza desapareceu, ela se tornou apenas mais uma drogada abatida, e a vida tendia a ser mais difícil para essas pessoas.

— Olha, eu sei que vocês dois não eram exatamente unidos... — a velha na outra linha suspirou —... ainda assim, filho, você deveria estar aqui.

— Eu não ...

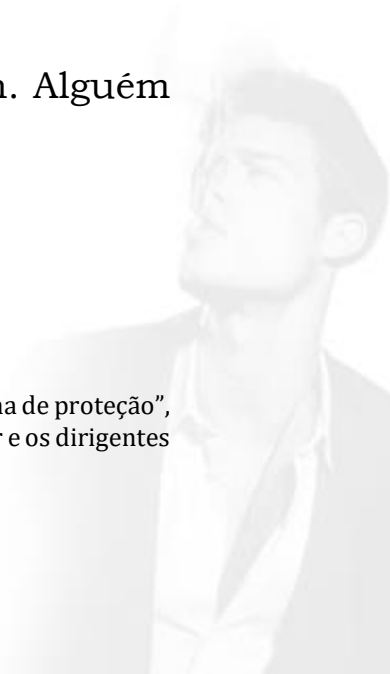
— Rapaz, não sei como ser mais clara do que isso. Há algo dela que você deveria ver, — ela me cortou rapidamente. — Vamos deixar assim, vamos? Ela me disse que você era um homem rico. Isso significa que você pode se dar ao luxo de tirar uma folga do trabalho e vir aqui embaixo, senhor. Eu sei que estou velha, mas não sou burra. Não quero dizer que você deva vir aqui comprar porcelana do Walmart ou álbuns de família. Existem algumas coisas que você precisa ver.

Comecei a odiá-la menos. — Tipo o quê?

— Eu não vou contar.

— Você é uma mulher irritante, Sra. Masterson. Alguém já te disse isso?

33 Schutzstaffel (conhecido pela sigla SS) é um termo alemão que significa “esquadrilha de proteção”, em português. Foi um grupo fundado em 1925, com o objetivo de proteger Adolf Hitler e os dirigentes do Partido Nazista.



— O tempo todo. — Ela gargalhou, e eu poderia dizer por sua tosse que ela fumava tanto quanto eu. — Então, isso é um sim, pequeno Greystone?

— *Brennan*, — eu corriji, apertando minha mandíbula, olhando para um ponto invisível na parede. A mesma parede que eu olhava dia após dia, quando fazia minhas cem barras fixas cinco vezes por semana.

Devo ou não devo entreter minha curiosidade mórbida e fodida sobre a vida de Cat ou o que quer que tenha sobrado dela?

A resposta era simples. Não. Ela era uma completa estranha neste momento. Vinte e seis anos se passaram desde que eu a vi pela última vez. E ainda assim, como uma mosca para uma pilha de merda, algo me compeliu a dar uma olhada mais de perto na bagunça que ela havia criado para si mesma. Isso, junto com a ideia de saborear o fracasso de Cat na coisa humana mais básica – sobrevivência – era algo para o qual eu queria um lugar na primeira fila.

— Estarei aí amanhã de manhã.

— Jogada inteligente, garoto.

Desliguei e liguei para meu agente de viagens, dando-lhe os detalhes. Eu o ouvi digitando em seu teclado.

— Na verdade, há um voo saindo do aeroporto de Boston Logan em algumas horas. Melhor pegar esse, porque amanhã haverá tempestades e pode haver atrasos.



— Reserve, — eu pedi.

Eu teria que furar com Aisling Fitzpatrick, mas isso não era um problema. Se havia uma coisa que eu sabia com certeza, era que Nix – *monstrinho* – nunca me recusaria.

Ela estaria lá na próxima semana. E na semana seguinte.

Para ser usada, abusada e devorada.

Ela sempre foi minha.

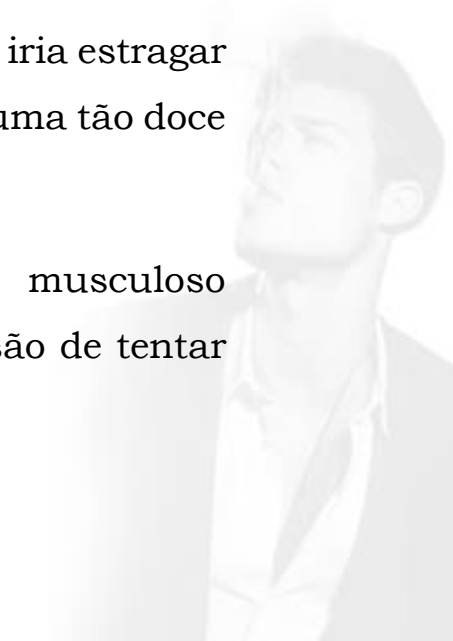
Isso era o que a tornava tão perigosa e por que fiquei longe todos esses anos. O fato de ela estar à minha disposição. Apenas um erro de tensão longe da calamidade. Uma mulher incondicional não era nada estranho para mim, mas elas geralmente queriam *algo*. Meu dinheiro, meu poder, o brilho de estar sob as asas escuras do rei subterrâneo de Boston.

Aisling, no entanto, não consegui descobrir. Ela tinha mais dinheiro do que sabia contar. Ela era mais do tipo reformista do que as mulheres que queriam o bad boy, e seus motivos sempre pareciam perturbadoramente genuínos.

Eu não sabia qual era a jogada dela, e isso não importava.

Sua família era minha maior cliente, e eu não iria estragar meu trabalho por nenhuma mulher, nem mesmo uma tão doce como ela.

Mitchell voltou para dentro. Seu corpo musculoso naquele pequeno top de ginástica dava a impressão de tentar



enfiar meu pau grande em um preservativo de tamanho normal.

— Preparado? — Ele ergueu o punho para outro high five.

Eu ignorei, mais uma vez, caminhando em direção às cordas.

— Sempre.



Horas depois, eu estava na sala de estar de Cat ou o que diabos você quisesse chamar o pequeno e sujo buraco de rato que ela costumava ocupar.

A Sra. Masterson me deu a chave, mas não antes de me alimentar com uma questionável torta de maçã e chá gelado adoçado que tinha um gosto suspeito parecido com a marca Costco comprada em loja.

A casa de Cat era mais ou menos do tamanho do meu quarto de hóspedes em Boston. A maior parte de sua mobília era de segunda mão e lixo, que você arrastaria do meio-fio de uma esquina. Seu armário do banheiro tinha remédios prescritos o suficiente para reabastecer a porra de uma farmácia. A casa exibia todos os sinais usuais de uma vida de merda: sacolas plásticas cheias de coisas inúteis espalhadas

por toda parte, contas pendentes pregadas em uma tábua, latas de cerveja pela metade espalhadas e um monte de preservativos usados na lata de lixo de seu quarto.

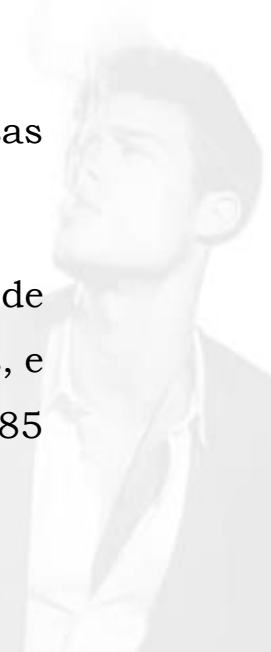
Ela morreu prostituta. Provavelmente deveria ter me entristecido, mas não o fez. Ela perdeu todos os privilégios de pena quando me tornou um usuário de álcool e cocaína antes que eu soubesse como limpar minha própria bunda de maneira adequada.

Arregacei as mangas e comecei a trabalhar imediatamente, descascando o papel de parede para ver se havia algo interessante escondido atrás dele, vasculhando o lixo tipo um acumulador e abrindo todos os armários e gavetas do maldito lugar. Virei a casa de cabeça para baixo, até mesmo arranquei a torneira que estava vazando de seu lugar, mas, pela minha vida, eu não conseguia encontrar aquela coisa sobre a qual a Sra. Masterson estava falando que faria valer a pena a visita.

Eu sabia que perguntar à velha bruxa era inútil. Ela acabaria por enfiar mais torta de maçã meio congelada na minha garganta e me dizer que Cat queria que eu descobrisse sozinho.

Você sempre pode contar com Cat para tornar as coisas mais difíceis para mim, mesmo da porra do túmulo.

Normalmente, eu era bom em extrair informações de maneiras não tão agradáveis, mas até eu tinha meus limites, e os desenhei para evitar atacar fisicamente mulheres de 85



anos de idade que eram meio surdas e possivelmente totalmente cegas.

Decidi ligar para Sparrow, a quem considerava minha mãe de fato. Verdade, ela não tinha me empurrado para fora de sua vagina, mas ela com certeza estava lá para me tirar dos problemas enquanto eu estava na escola. Ela me alimentou, lutou minhas batalhas e comemorou minhas vitórias.

Ela me amava mais ferozmente do que qualquer mãe faria com seu filho, mas o mal já estava feito. Minha alma estava quebrada, meus olhos estavam abertos e meu coração estava congelado.

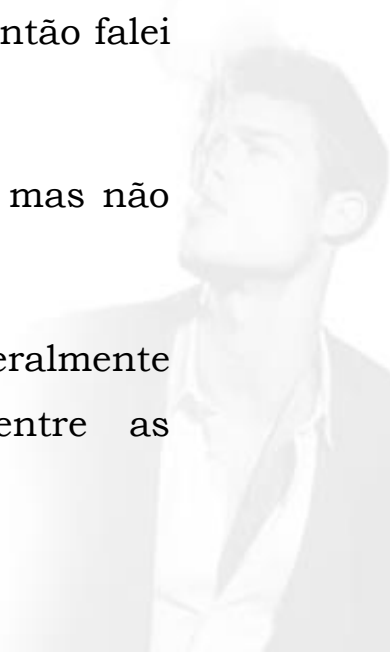
— O que foi, Sam? — Sparrow perguntou na outra linha. Eu praticamente podia imaginá-la enrolando massa na cozinha, cabelos ruivos serpenteando por toda parte como medusa, um avental com uma frase espirituosa enrolada na cintura – que ainda era infantil e esguia.

— Sparrow. Estou na casa de Cat na Geórgia. Ela morreu de overdose.

— Troy disse, — ela respondeu baixinho, e eu podia sentir que ela estava prestes a lançar suas condolências, então falei rápido.

— Acho que há algo aqui que eu deveria ver, mas não tenho certeza de onde encontrar.

Eu era bom em invadir lugares, mas geralmente encontrava armas embaixo dos colchões e entre as



rachaduras. Os segredos de Cat, onde quer que estivessem, não eram nada óbvios.

O bom de Sparrow era que ela pensava como uma criminosa. Talvez porque ela se casou com um. Então, em vez de fazer perguntas irritantes, ela disse: — Verifique as gavetas da mesinha de cabeceira ou os pequenos recantos de seu armário. É onde as mulheres geralmente escondem seus segredos.

— Feito, e também devidamente anotado. Nada.

— Rasgou os tapetes e o chão?

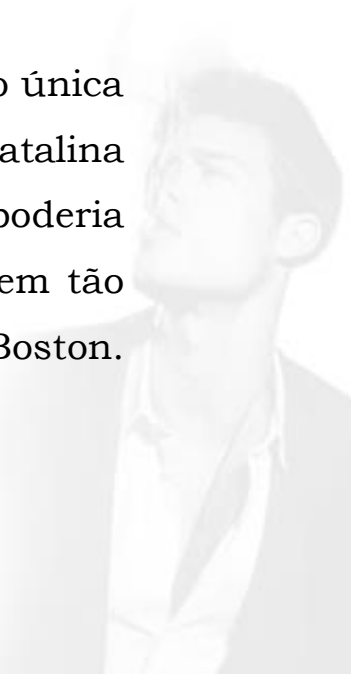
— Cada centímetro deles, — respondi, sacudindo os livros da prateleira perto da janela de seu quarto. Todos os quatro.
— Alguma outra ideia?

— Tem alguma foto pendurada aí?

Olhei em volta, prestes a dizer não, quando encontrei uma.

Cat sempre tinha *uma* foto pendurada em todos os lugares em que morava.

Estava no banheiro, de todos os lugares. Uma foto única de Troy Brennan, meu pai adotivo e ex de Cat. Catalina Greystone nunca superou Troy Brennan, e eu não poderia culpá-la. Ninguém mais poderia se comparar ao homem tão temido e amado cujo nome era sussurrado nas ruas de Boston.



— Uma, — eu disse distraidamente, evitando adicionar quem estava na foto.

— Arranque. Estará por trás disso — disse Sparrow com convicção.

— É por isso que não confio nas mulheres.

— Tudo bem. Não confiamos nos homens de volta. Ah e, Sam? — Ela chamou antes de eu desligar.

Aqui vamos nós.

— Mmm? — Eu casualmente joguei a foto no chão. Com certeza, havia um buraco em forma de quadrado na parede atrás dela. Grande o suficiente para eu enfiar a mão.

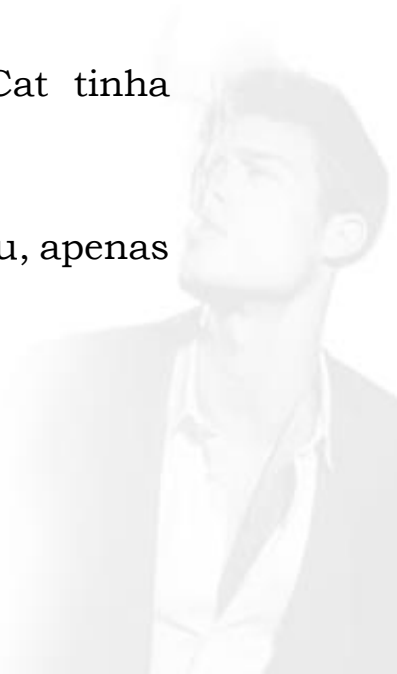
— Sinto muito pela sua perda. E eu sei que você não vê isso como uma perda, eu entendo, mas não posso encontrar alegria em saber que a mulher que o criou faleceu. Porque no final das contas – ela me deu você. E eu te amo muito, filho.

Um estremecimento desagradável percorreu meu corpo. Sparrow não era do tipo emocional, mas com certeza tinha seus discursos bianuais que me davam vontade de vomitar.

Desliguei e puxei a caixa de sapatos que Cat tinha escondido naquele buraco, abrindo-a.

O gelo ao redor do meu coração congelado rachou, apenas uma polegada.

Cartas.





Duas horas depois de encontrar as cartas, eu ainda estava sentado no chão, parecendo Gulliver³⁴ em uma casa de Barbie – a drogada, a edição de prostituta – lendo-as de novo e de novo e fodidamente de novo, digerindo o que acabara de descobrir.

Aparentemente, Catalina fez a Sra. Masterson prometer que se certificaria de que eu encontraria essas cartas, e tinha uma boa razão para isso.

Minha mãe distante queria que eu soubesse a história de sua vida. Pelo menos uma parte disso. A pergunta era – *por quê?*

Mesmo enquanto lia as cartas pela centésima vez, ainda não conseguia descobrir se ela queria simpatia, vingança ou dar uma explicação para seu comportamento.

Todas as vinte e três cartas foram endereçadas a Gerald Fitzpatrick, então CEO da petrolífera Royal Pipelines e o homem para quem eu trabalhava atualmente como “reparador”.

Coincidentemente, ele também era o pai de Hunter Fitzpatrick, o marido de minha irmã Sailor, e Aisling

³⁴ Personagem do livro e filme As Viagens de Gulliver. Ele era considerado um gigante entre os habitantes de uma ilha no enredo da história.



Fitzpatrick, a mulher com quem eu tinha fodido horas atrás. Eu ainda podia sentir seu doce calor envolvendo meu pau sempre que eu pensava nisso. Afastei a memória com amargura.

O que li nessas cartas mudou todo o curso da minha vida.

Meu querido Gerald,

Obrigado por trazer uma nova esperança para minha vida. Por me fazer ver que há mais do que aquilo que me restou depois que Brock faleceu.

A palavra 'amante' soa licenciosa e barata, não é? Não faz justiça ao que eu sou para você, meu querido. Para o que sinto por você.

Eu sei que você nunca vai deixar Jane por mim. Eu não sou idiota. Aprendi a conviver com o fardo de ser a outra mulher. Tudo que peço é uma parte do seu coração. Pode ser pequena. Uma fração do que você deu a ela.

Você poderia me oferecer um pedaço daquele órgão que bate dentro do seu peito?

Obrigada por me inspirar a me tornar uma pessoa melhor, uma mãe melhor, uma amante melhor.

Para sempre sua,

– Cat.



Meu querido Gerald,

Vamos ter um filho! Você acredita nisso? Eu com certeza não posso.

Estou tão animada. Eu sei que não estava em seu plano. Acredite em mim quando digo que não estava no meu também. Não quando Sam é praticamente um garotinho. Um pré-adolescente. Olha, Gerald, eu sei que você e eu não estamos juntos há muito tempo, e aqui eu pensei que os dias de troca de fraldas tinham ficado para trás, mas eu realmente acho que é um sinal. Acho que a vida tem sua maneira de nos mostrar nossos caminhos.

Incluí nosso teste de gravidez. Você gostaria de vir comigo à minha primeira consulta obstétrica? Sem pressão, mas eu adoraria.

Ah, e a propósito, eu absolutamente adoraria se você pudesse me trazer algumas vitaminas pré-natais na próxima vez que nos vermos. Tenho que manter o pequeno saudável e forte!

Para sempre sua,

– Cat.

Caro Gerald,



Não gostei hoje quando você passou por mim quando vim vê-lo em seu escritório. Você pode terminar comigo, isso você deixou bem claro, mas definitivamente NÃO acabou com o bebê crescendo dentro de mim. Não vou me livrar dele (SIM, ELE) por nenhum preço no mundo, muito menos pela quantia que você me ofereceu para fazer um aborto.

Você pode me ignorar o quanto quiser. Por semanas, por meses, por toda a eternidade. No final de tudo, esse bebê está saindo de mim e é seu. Você vai ter que enfrentar essa realidade, um dia ou outro.

Me ligue de volta. Você sabe meu número.

Sua, às vezes,

– Cat.

Gerald,

Quero que saiba que nunca vou te perdoar pelo que você fez comigo. Para nós.

Você é um assassino. Um assassino. Eu tive um filho. Jacob. Ele estava dentro de mim. Eu estava grávida. Ele chutava e rolava e sempre se movia de prazer sempre que ouvia a voz de seu irmão mais velho.

Ele era seu filho.



Eu entendo que isso representou uma complicação para sua vida perfeita. Mas ainda era a única coisa pela qual ansiava e me fazia avançar em minha vida sombria.

Também sei que você é dono de uma empresa de petróleo, que já tem herdeiros, que a batalha pelo seu testamento, quando morrer, será feroz.

MAS ELE ERA SEU FILHO.

Ele era seu filho e você o arrancou do meu corpo cruelmente. Você me acertou. Você me jogou por aí. Você o arrancou de mim. Você me bateu tanto que não deixou espaço para dúvidas sobre o que aconteceria a seguir.

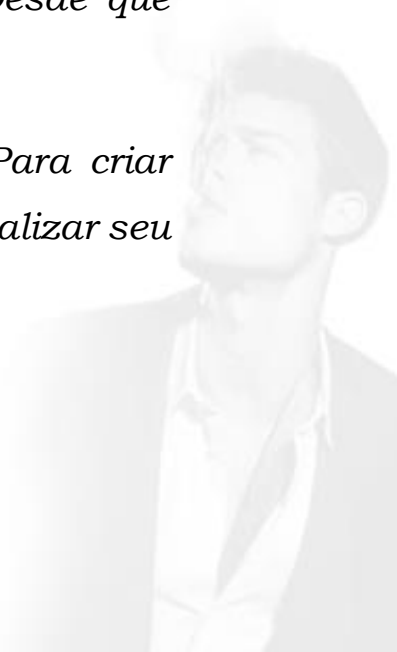
Eu tive um aborto espontâneo depois do que aconteceu entre nós ontem. Esse era o seu plano, não era? Para arrancá-lo de mim? Bem, funcionou.

Eu sangrei e sangrei e sangrei até que tive que correr para o hospital, onde me disseram que eu o perdi.

Eu estava grávida de cinco meses, Gerald. O que significava que eu tinha que passar por um nascimento morto. Você sabia que eu estava sóbria há três meses? Desde que descobri que estávamos esperando um bebê.

Eu queria dar a este bebê um novo começo. Para criar Jacob e Samuel juntos e dar-lhes a oportunidade de realizar seu potencial. Para virar uma nova página.

Para expiar todos os meus pecados.



Agora tudo isso se foi. Estou de volta à estaca zero, confusa e perdida como sempre.

E você, claro, ainda não está respondendo. Você conseguiu o que queria. Minha destruição completa para que eu não seja mais uma ameaça para você.

Enquanto escrevo isso para você, encontrei o saco de crack que você deixou na minha porta. Sei que foi você quem pediu a entrega dos remédios. Você sempre me amou mais quando eu estava chapada, mesmo que isso significasse que eu não estava lá para Sam.

Foda-se Sam, certo? Se a situação for difícil, podemos sempre dar a ele alguma coisinha para subjugar-lo também. Essa foi sua ideia. Drogá-lo para que ele ficasse quieto. Então, poderíamos conversar ao telefone. Bem, parou de funcionar quando ele teve idade suficiente para revidar, e todos nós sabemos o que aconteceu. Ele quase arrancou minha pele com uma mordida na última vez que tentei drogá-lo.

Não se preocupe, Gerald, vou tomar as drogas. Vou cair na toca do coelho. Vou me tornar um corpo inútil, um recipiente vazio que só serve para uma coisa: dar prazer a você.

E novamente, o ciclo continua.

Drogas. Alcool. Reabilitação. Fundo do poço. Repetir.

É tudo culpa sua, e se algum dia eles tirarem Sam de mim, espero que saiba que isso estará em sua consciência.



Para sempre não sua,

– Cat.

Gerald,

Como eu disse em nosso telefonema ontem, não vou deixá-lo em paz até que você me pague pelo meu silêncio.

Você me fez abortar nosso filho ainda não nascido. A mídia saberá quem você realmente é e do que é capaz, a menos que pague.

E não, definitivamente não vou pegar seus miseráveis 50 mil e me mudar, especialmente porque você e eu sabemos que isso significa ter que deixar Sam para trás. De jeito nenhum vou ser capaz de criá-la sozinha, e não é como se Troy e Sparrow fossem me deixar levá-lo embora de qualquer maneira.

300 mil nos permitirá um novo começo. Um bom centro de reabilitação. Um apartamento em um distrito escolar decente. Faça a coisa certa, Gerald. Conheço pessoas na Califórnia que podem me ajudar. Pague e faça esse pesadelo desaparecer.

Com ódio,

– Cat.

Gerald,



Tudo bem. 150 mil então.

Quando eu indiquei que 300 significaria que eu poderia levar Sam comigo, você riu da minha cara e disse que o menino não era problema seu. Foi por sua causa que abandonei meu filho, não minha.

Você tem planos para ele, não tem? Você mesmo disse. Homens quebrados e influenciáveis do lado errado dos trilhos são bons soldados. Os ricos prosperam com os pobres. Bem, pense novamente, porque Troy Brennan o colocou sob sua proteção, e se há uma pessoa em Boston que é mais forte do que você, é Troy. Acredito que ele protegeria Sam de você, embora não confie inteiramente em você para não colocar suas garras em Sam de qualquer maneira. Use-o e drene-o de qualquer coisa boa e digna que ele possua, como você fez comigo.

Eu não sei quanto longe 150 mil vão me levar, mas sei que não vai ser longe o suficiente de você.

Eu nunca vou te perdoar.

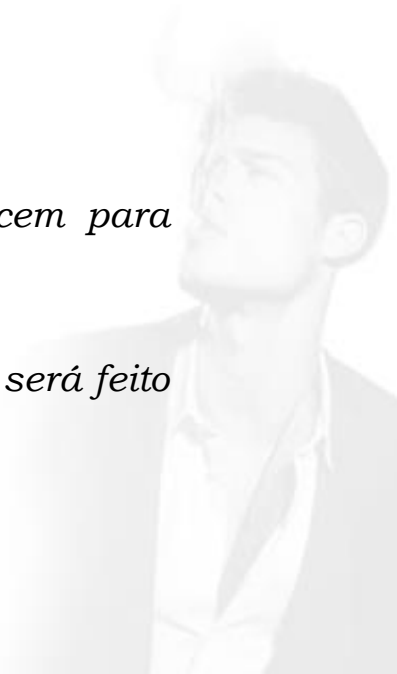
Por me jogar de volta nos braços das drogas.

Por me fazer abortar Jacob.

Por me fazer deixar Sam.

Você é um monstro, Gerald. E monstros nascem para serem mortos.

Você separou minha família e, um dia, o mesmo será feito com você.



Samuel tem Troy agora, e Troy é o único homem que você não pode empurrar.

Pela última vez,

– Cat.

Deixei cair a última das cartas no chão, passando os dedos pelo meu cabelo.

Aparentemente, Cat e Gerald tiveram um caso. Não só isso, mas aquele caso resultou em um filho. Um filho por nascer chamado Jacob. Gerald se opôs tanto ao nascimento de Jacob que, quando percebeu que Cat o estava mantendo, decidiu arrancá-lo dela.

Ele a viciou de volta nas drogas, em seguida, pagou-lhe para se mudar e me abandonar.

Havia buracos do tamanho da porra da Casa Branca nesta história.

Por um lado, a mulher nas cartas não parecia em nada como Cat. Catalina era cínica, mal-humorada e quase tão maternal quanto um vibrador cravejado. Ou ela representou um inferno de uma atuação digna de um Oscar para Gerry Fitzpatrick ou ela realmente esteve à beira de mudar. Minha aposta era no primeiro.



Eu duvidava que ele tivesse dito a ela para me drogar. A linha do tempo não batia. De jeito nenhum eles foram amantes por tanto tempo.

Fora isso, parecia legítimo. Os detalhes alinhados.

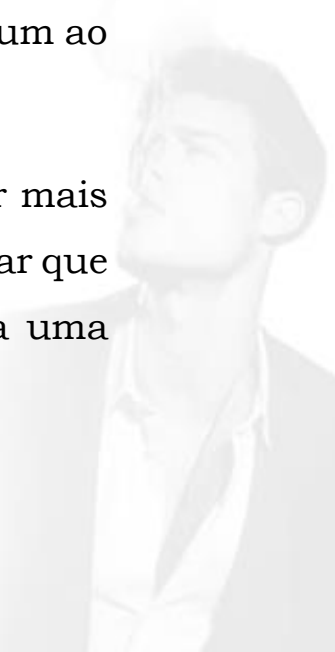
Cat teve um período de sobriedade alguns meses antes de fugir da cidade, seguido por algumas semanas erráticas de farrapo de drogas e descida em espiral.

Eu também tive a infelicidade de conhecer Gerald pessoalmente, então aconteceu de eu estar a par do fato de que ele era um adúltero notório que ainda não havia encontrado uma boceta na qual não quisesse enfiar seu pênis.

Eu não sabia que ele era violento, mas também não sabia que ele era *não* violento. As provas circunstanciais contra ele eram substanciais, e não me surpreenderia ele cometer um crime passional se precisasse salvar a própria pele.

Ele e Jane Fitzpatrick eram um casal feito no inferno da classe alta. Ambos vinham de famílias ricas, tinham a mesma formação cultural e tinham muito a ganhar casando-se. Eles também tinham outra coisa em comum: ambos eram intoleráveis – a ponto de não serem capazes de suportar um ao outro.

Com o passar dos anos, o velho traiu a esposa por mais dias do que eu poderia contar. Não era rebuscado acreditar que Cat, cujo sabor favorito de pau era casado, conseguira uma carteira gorda para um amante em Gerald Fitzpatrick.



As cartas eram todas endereçadas ao apartamento de solteiro de Gerald, outro sinal revelador de que eram genuínas. Eu conhecia todas as propriedades dos Fitzpatricks, como a palma da minha mão, e o endereço para o qual Catalina enviou as cartas, antes que elas voltassem, era o mesmo endereço que Gerald usara para encontrar suas amantes, antes de presentear a propriedade para Sailor e Hunter como um presente de casamento.

Também havia fotos anexadas às cartas.

Polaroids de Cat empoleirando-se no colo de Gerald, beijando sua bochecha. Fotos deles em locais exóticos. De férias. Aniversários. E um teste de gravidez tão antigo que as duas linhas rosa eram claras e fracas.

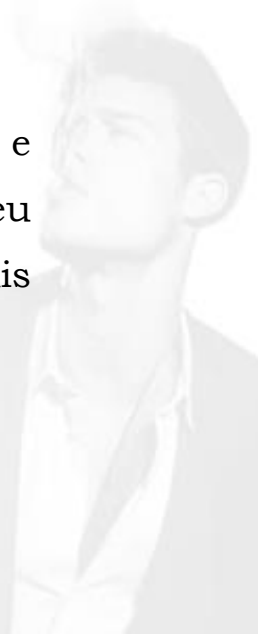
Não apenas todos os fatos se alinhavam perfeitamente, mas eu *me lembrava*.

Lembrei-me de seu breve período de sobriedade.

Lembrei-me do dia em que Cat voltou para casa parecendo um desastre de trem, sangrando e machucada.

Sua aparência quebrada, tão patética, tão completa, nem mesmo eu poderia odiá-la naquele momento.

Como ela rastejou para dentro da cama, enrolando-se e chorando incontrolavelmente, tremendo como uma folha, e eu me vi desamparado, dividido entre ajudá-la e odiá-la por mais uma vez não me alimentar.



Como, no meio da noite, ela se esgueirou até a cabeceira da minha avó – vovó Maria e eu dividimos um quarto do tamanho de um armário – e resmungou: — *Chame uma ambulância. Eu tenho que ir para o hospital. Agora.*

A traição foi avassaladora.

Gerald sempre soube que eu era filho biológico de Catalina e ainda usava meus serviços.

De acordo com ela, ele estava me preparando para o trabalho que eu fazia hoje.

Ele levou minha mãe às drogas e ao álcool.

Engravidou-a e então a espancou até o ponto de aborto espontâneo.

Então a fez me deixar.

Eu poderia ter tido uma vida diferente.

Uma vida *melhor*.

Ele me privou de uma segunda chance justa e nem era homem o suficiente para confessar quando nossos caminhos se cruzaram novamente.

Gerald Fitzpatrick me roubou um futuro, minha família, meu irmão ainda não nascido.

Por isso, ele iria pagar.

Com seu sangue.



Com suas lágrimas.

Com sua maldita vida miserável.

Eu fui o reparador de Boston durante toda a minha vida adulta. Já que Troy decidiu se aposentar do trabalho quando fez vinte e dois anos e se voltou para os negócios mais lucrativos e legais. Sempre vi isso como seu presente de aniversário para mim. Assumi os negócios da família, enfrentando cada problema que os ricos e influentes de Boston apresentassem a mim, por mais heterodoxo que fosse.

Aos vinte e dois, já havia quebrado ossos e crânios suficientes para ser temido e respeitado em todos os lugares que fosse, tanto pelos criminosos quanto pela lei.

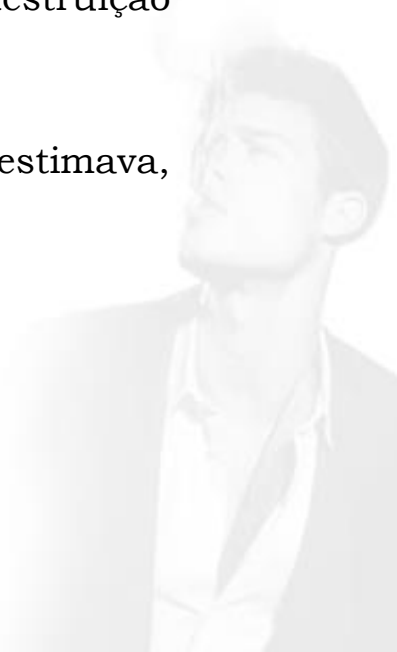
Troy estava brincando de casinha com Sparrow, administrando seus restaurantes e ficando longe do calor quando meu nome chegou à lista dos mais procurados do FBI. Ele sabia que eu era diferente – alguns tons mais escuros com um apetite por sangue – e há muito desistiu de me domar.

Minha vida inteira, consertei coisas para outras pessoas.

Era hora de me permitir o luxo de uma destruição incalculada.

Matar tudo que Gerald Fitzpatrick amava e estimava, assim como fez comigo.

Carma tarda, mas não falha.



E eu teria certeza de que ele chegaria de uma maneira oportuna da porra.



A lápide de Catalina Greystone era preta.

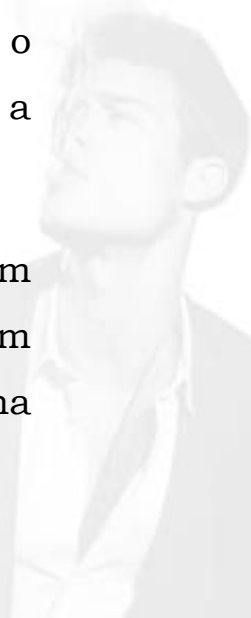
A ironia era uma cadela, mas com certeza tinha um senso de humor decente.

Eu não sabia como ou por que Cat foi enterrada em um cemitério em Atlanta, mas tive a sensação de que minha mãe adotiva tinha tudo a ver com isso.

Sparrow era uma pessoa prática, embora inconvenientemente sentimental. Mesmo que ela não fosse religiosa, a veia da virtude católica corria espessa e cheia em seu corpo.

Ela não suportava saber que Catalina seria cremada e depois jogada em uma lata de lixo quando ninguém reivindicasse suas cinzas. Sparrow não podia arriscar o cenário ligeiramente improvável em que eu queria visitar a sua sepultura.

Passei os próximos dias em meu quarto de hotel em Atlanta, ignorando telefonemas, tendo reuniões discretas com líderes de gangues locais e traficantes e planejando minha



vingança contra Gerald. No terceiro dia, fiz o check-out e fui à lápide de Catalina. A Sra. Masterson ligou para me informar que eles já colocaram a pedra e perguntou se eu queria ir vê-la com ela. Recusei educadamente – havia apenas um limite de torta de maçã de merda e conversa fiada que um homem poderia tolerar – mas ainda decidi fazer uma parada no cemitério antes de ir para o aeroporto e voltar para Boston, principalmente para garantir que a cadela estivesse enterrada a seis pés e muito morta.

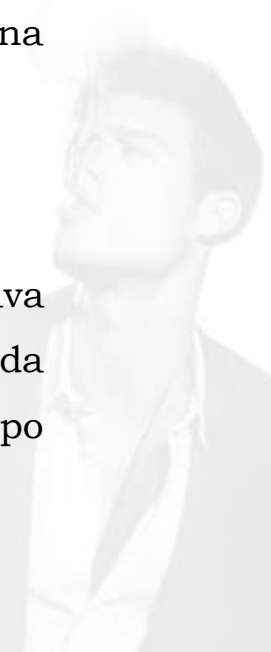
A terra musgosa afundou sob meus sapatos enquanto enterrei meus punhos dentro dos bolsos de meu casaco preto, caminhando em direção à lápide – lisa, fresca e brilhante, um memorial à minha infância destruída.

Parei quando cheguei lá, sorrindo maliciosamente quando notei que Sparrow havia omitido a palavra 'mãe' da pequena lista de títulos de Cat. Acho que era insignificante quando ela fez o pedido.

O ar estava frio cortante, incomum para Georgia, o vento batendo contra meu rosto. Acendi um cigarro entre os dedos dormientes, sorrindo maliciosamente enquanto usava a ponta do meu mocassim para espalhar uma mancha de lama na pedra brilhante, sujando-a um pouco.

— Boa viagem, querida.

Eu me agachei, tocando a lápide com a mão que segurava meu cigarro, maravilhado com o quão breve era a vida humana. Um século, na melhor das hipóteses, não era tempo



suficiente para desfrutar do que este planeta tinha para oferecer.

— Sabe, Cat, eu pensei em matar você com bastante frequência. A cada dois meses, talvez. Há algo de poético em tirar a vida da pessoa que a deu a você, — eu *disse*, surpreso ao descobrir que não estava tão feliz quanto pensei que ficaria com ela finalmente partindo. — Mas então tudo se resumiu na mesma coisa: matar uma pessoa é correr um risco. Você nunca valeu o risco. Essa é a sua história de vida em poucas palavras, não é, Catalina? Nada mais do que um segundo plano. Tantos amantes, amigos falsos, noivos e até um marido, mas ninguém jamais visitou seu túmulo. Apenas uma vizinha de 85 anos que acharia Stalin adorável. Eu acho que é um adeus. — Levantei-me, dando uma última tragada no cigarro, jogando-o sobre a lápide e cuspindo na brasa para apagá-lo.

Eu me virei sem olhar para trás.

*Mais uma mordeu a poeira*³⁵.

³⁵ Morder a poeira significa morrer.



Três



Sam

— Não deixe isso sair do controle, — Troy advertiu no dia seguinte, enquanto estávamos sentados no meu escritório na Badlands, desfrutando de um hot toddy³⁶ – carregado de uísque – e o som feliz dos meus trabalhadores correndo no corredor, cumprindo minhas ordens.

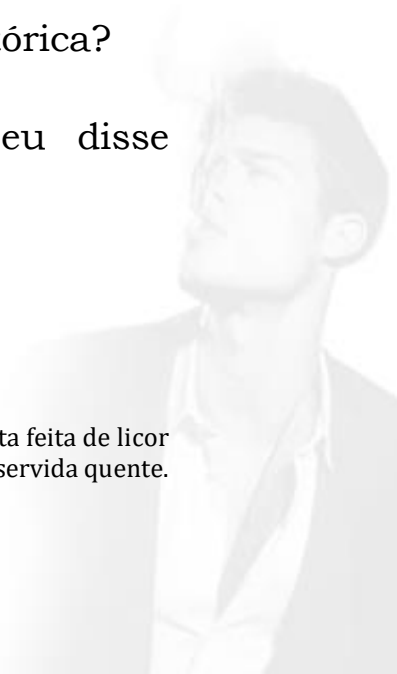
Ele vasculhou a pilha de registros de chamadas entre Catalina e Gerald de décadas atrás que eu entreguei a ele alguns minutos antes. Seus dedos ainda estavam tingidos de azul por causa do frio externo, seu rosto pálido tingido de rosa pela mordida do inverno de Boston.

— Como você encontrou essa evidência pré-histórica?

— Sou um homem muito engenhoso, — eu disse lentamente.

— Não brinca.

³⁶ Também conhecido como uísque quente na Irlanda, é tipicamente uma bebida mista feita de licor e água com mel (ou, em algumas receitas, açúcar), ervas (como o chá) e especiarias, e servida quente.



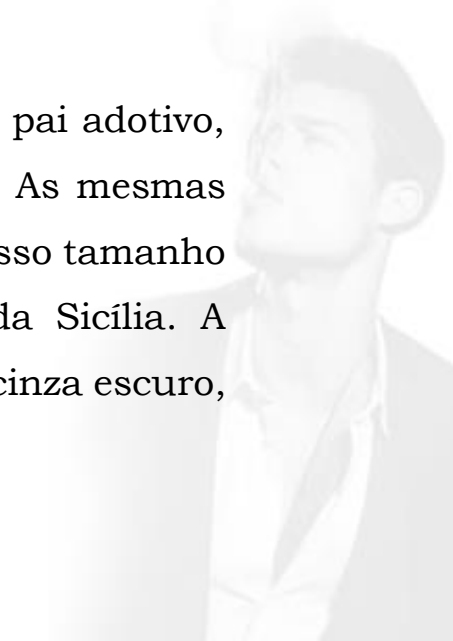
A primeira coisa que fiz quando cheguei a Boston foi me aprofundar no caso Cat/Gerald e descobrir mais sobre o relacionamento deles. Pelas ligações que fizeram um para o outro, os dois começaram a foder quando eu tinha quatro anos e terminaram na iminência de ela partir, quando eu tinha nove.

Foi inacreditável, mas completamente lógico que a primeira e única vez que Catalina disse a verdade foi também quando ela confessou algo tão terrível como um caso com o homem que me pagava trinta milhões de dólares anualmente para resolver seus problemas – e para nunca tocar em sua filha.

Catalina era uma porra de dor de cabeça, mesmo depois de sua morte, mas Gerald era o verdadeiro vilão da história porque sua droga não era crack. Era boceta, e ele deveria ter pensado melhor.

— Lembre-se de que sua irmã é casada com o filho de Gerald. Somos uma família. — Troy alisou a mão sobre o blazer, sua expressão carregada de hostilidade. Tudo nele estava armado e pronto para detonar como uma pistola carregada.

Sentamos um em frente ao outro, eu e meu pai adotivo, parecendo uma imagem espelhada um do outro. As mesmas calças pretas Armani, feitas sob medida para o nosso tamanho gigantesco. Os mesmos mocassins artesanais da Sicília. A mesma camisa social preta – ou azul marinho ou cinza escuro,



mas nunca branca; cores pálidas eram altamente impraticáveis quando parte da descrição de seu trabalho era tirar sangue por galões.

Até mesmo nosso maneirismo era comparável. Ele tinha uma fixação oral que acalmava com um palito de dente que grudava no canto da boca, e eu usava cigarro.

Mas o que se resumia a isso: Troy e eu não éramos parentes de sangue.

Ele tinha olhos azuis gelados de alabastro. Os meus eram cinza, como os de Brock Greystone.

Seu cabelo era preto azeviche, salpicado de cinza nas têmporas e nas entradas. O meu era marrom caramelo.

Ele estava pálido. Eu estava bronzeado.

Ele foi construído como um jogador de rúgbi. Eu fui construído como um *campo* de rúgbi.

E ele nasceu com dinheiro, enquanto eu tive que me adaptar a ele.

A frase 'coma os ricos' sempre me divertiu. Aprendi desde muito jovem que são os ricos que comem você. Era por isso que as pessoas os odiavam tanto.

Se você não pode vencê-los, junte-se a eles.

Eu nunca seria pobre de novo, por isso que tocar Aisling Fitzpatrick era imprudente. Os Fitzpatricks me deixaram mais



rico. Muito mais rico do que eu era quando comecei com esse show, quebrando pernas para congressistas e escondendo amantes em ilhas exóticas.

— Isso não vai tocar em Sailor, Hunter, Rooney ou Xander, — garanti a ele, referindo-me a minha irmã, seu marido e seus filhos. Eu virei meu Zippo para frente e para trás entre meus dedos, perdendo o interesse na conversa.

— Hunter vai ficar muito zangado, — Troy observou.

— Hunter está muito ocupado criando sua própria família para dar a mínima para aquele que lhe deu as costas quando estava no colégio interno, — rebati, mostrando meus dentes.

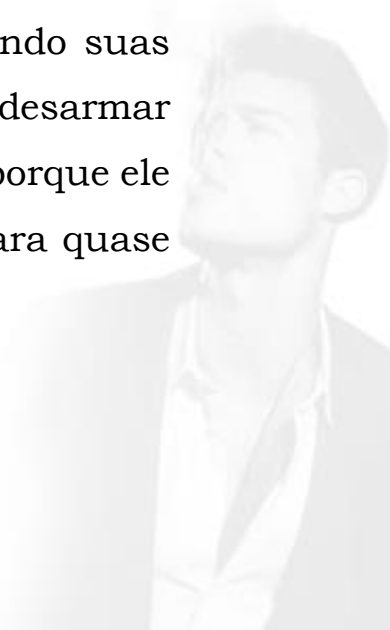
Não era como se os Fitzpatricks estivessem ganhando algum prêmio Brady Bunch³⁷ tão cedo. Na verdade, eles deixavam os Lannister³⁸ no chinelo.

— Eu não vou poupar os sentimentos de cada filho da puta com quem eu já bebi uma cerveja. Hunter vai sobreviver. Gerald ganhou minha ira.

— No que me diz respeito, Gerald também pode conseguir sua ira. Não tenho participação nesta luta, Sam. — As narinas de Troy dilataram-se e percebi que ele estava medindo suas palavras com cuidado. Ele muitas vezes tentou desarmar situações em que eu tinha invadido, principalmente porque ele sabia que o potencial da minha explosão era alto para quase

³⁷ Série americana dos anos 70 sobre a família Bunch.

³⁸ Uma das famílias da série Game of Thrones.



certo. Eu gostava de quebrar coisas e vê-las quebrar. Pode me chamar de nostálgico, mas o caos me lembrava da minha infância. E eu estava sempre pronto para um banho de sangue.

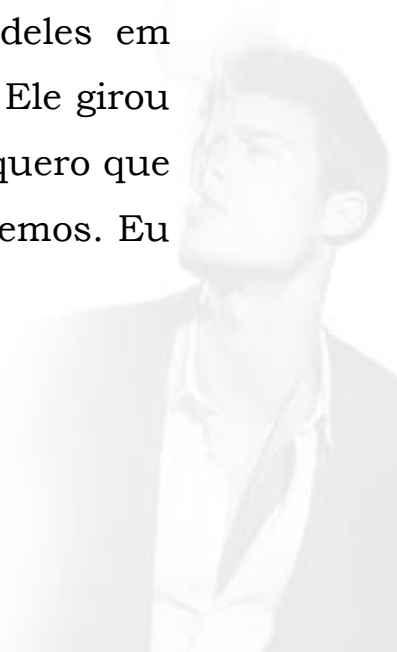
— Eu só quero ter certeza de que você não fará nada muito impulsivo. Eu te conheço, filho. Você sempre foi feliz no gatilho.

— Não tão feliz quanto eu gostaria de estar. — Larguei o Zippo, passando os dedos no meu amuleto Santo Antônio amarrado ao pescoço por um cordão de couro. — O que nos leva ao próximo tópico. Peguei os russos contrabandeando cinquenta e oito quilos de haxixe para uma de suas delicatessens. O que quer que Vasily Mikhailov tenha vendido – e não foi pastrami do caralho – ele não entregou uma parte dos ganhos.

Então cortei seu rosto. Olho por olho e tudo mais.

Talvez cortar a cara do chefe Bratva não tenha sido a coisa mais calculada que já fiz, mas com certeza me deu prazer vê-lo gritando de dor enquanto se contorcia embaixo de mim.

Troy rosnou. — Não me fale sobre os russos. Você não tinha nada que assumir o controle do território deles em primeiro lugar. Voltando para Gerald Fitzpatrick. — Ele girou o dedo indicador no ar, voltando ao assunto. — Eu quero que você se debruce nessa informação até que a confirmemos. Eu sei que parece ruim...



— É incontestável, — eu ataquei. — Eu tenho provas. Fatos concretos. — Bati nos papéis entre nós.

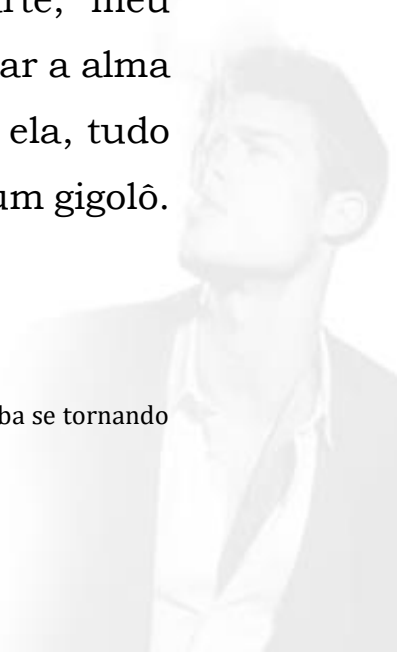
Nem tudo que Cat disse era verdade, mas a maior parte era. O suficiente para justificar minha necessidade de torcer Gerald até secar. O cara assassinou meu irmão caçula. Minha única família biológica neste mundo. Brock se foi. Cat se foi. Eu poderia ter tido algo. Eu poderia ter uma pessoa para cuidar.

— E *ainda...* — ele bateu com o punho sobre a mesa entre nós —... você sabe de algo que ele pensa que você não sabe. Você tem a vantagem agora. Opere dentro do escopo de seu papel, mas não transforme isso na porra do Red Wedding³⁹. Eu te conheço, Sam. Você gosta de entregar mortes lentas muito mais do que mortes rápidas. Torture-o, mas não acabe com ele completamente.

Ele tinha razão. Por que ir até Gerald com essa informação e lhe dar a oportunidade de se defender quando eu poderia extraí-la da boa e velha maneira, tornando sua vida um inferno?

Se vingança e punição fossem formas de arte, meu trabalho estaria em todo o Louvre. Eu poderia arrancar a alma de Gerald com a porra de uma colher e festejar com ela, tudo sem perturbar minha irmã e seu marido que parecia um gigolô.

³⁹ Acontecimento de um dos episódios da série Game of Thrones. Um casamento acaba se tornando um massacre.



— Tudo bem, — eu disse lentamente, relaxando preguiçosamente na minha cadeira de couro. — Suponho que poderia torturá-lo um pouco. Mas eu *vou* para a garganta, eventualmente.

— Eventualmente, ainda faltam alguns meses, e espero poder encontrar algumas informações que o façam mudar de ideia entre agora e então. — Troy se levantou, abotoando o blazer, seu olhar frio e ainda de alguma forma aprovador.

Mais do que odiava ter criado um monstro, odiava ter amado isso.

Minha crueldade, arestas e apetite por sangue vieram dele.

Eu o superei em todos os itens acima.

Troy era um chefe da máfia honrado à sua maneira retrógrada. Ele era versado em destruição, mas só a infligia àqueles que o haviam cruzado.

Eu estava corrompido até os ossos. Nada estava abaixo de mim. Bem, além de estupro, pedofilia, espancamento de mulheres e crianças... você sabe, a porcária subumana de sempre.

Qualquer homem adulto era um jogo justo, e se eles me injustiçassem, estavam perdidos.

Isso me deu uma certa vantagem.



— Você está bem? — Ele parou na porta, franzindo a testa para mim.

Acendi um cigarro. — Por que diabos eu não estaria?

— Cat...

— Era, como seu homônimo, apenas outra boceta. Não considero sua morte um acontecimento digno de menção. A horrível torta de maçã que tive de suportar de sua vizinha chata me causou mais desconforto que saber que ela havia sido deixada apodrecendo em seu apartamento por uma semana antes que as pessoas descobrissem.

— Certo... — Seus olhos se *voltaram* para os meus, ainda procurando por um lampejo de emoção. — Não fique muito selvagem com sua trama de vingança contra Gerald, ok? Lembre-se de que o assunto ainda está sob investigação.

Não adianta mencionar que eu já cavei uma cova com o nome dele na floresta onde Troy matou Brock.

Eu poderia ter um irmão.

Eu poderia ter tido alguém incondicional.

— Certo. — Eu sorri.

Certo.



Aisling

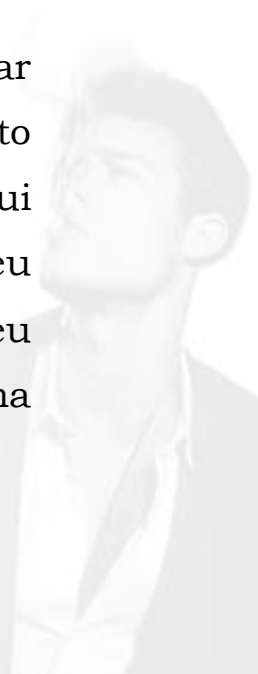
Folheando um prontuário médico, sorri rigidamente enquanto meu telefone dançava dentro do bolso da frente do meu uniforme. Ignorei a vibração contra minha coxa.

— Os testes voltaram, Sra. Martinez, e achei que poderíamos analisá-los juntas e conversar sobre o que eles significam para você e o que recomendo que faça a seguir. — Considerei a mulher sentada à minha frente em meu consultório.

Ela piscou continuamente, as costas retas, os dedos entrelaçados na minha mesa, preparando-se para mais. Lá fora, a neve caía em camadas laterais. Você mal conseguia enxergar através das janelas estreitas de vidro grosso que revestem as paredes.

Eu caí no assento em frente a ela. Meu telefone vibrou novamente.

— Bem. Ok. Vamos ver, podemos? — Comecei a folhear seus prontuários, meus olhos ardendo de emoção enquanto olhava os exames de sangue. — O que temos aqui? Diz aqui que... oh, desculpe-me. Apenas um momento. — Levantei meu dedo indicador, arrancando meu telefone do bolso do meu uniforme, gemendo internamente. É melhor que alguém tenha



morrido. Minha família sabia que não deveria me interromper enquanto eu estava no trabalho.

Eu tinha três chamadas perdidas de Hunter.

Uma da mãe.

Pior de tudo, uma mensagem de texto de Hunter.

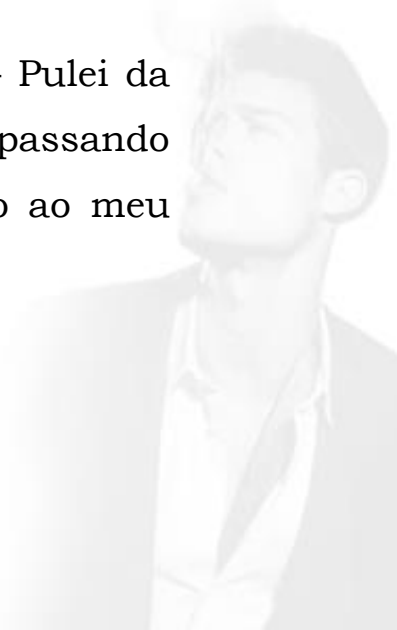
Anos atrás, quando éramos todos ainda jovens, jogados em diferentes instituições acadêmicas e estágios ao redor do mundo, meus dois irmãos e eu fizemos um pacto. Como fomos criados para acreditar que nossos telefones poderiam ser rastreados por causa de quem éramos, não podíamos simplesmente escrever algo tão direto como — Rápido, houve uma explosão em uma de nossas refinarias, culpa do pai. — Portanto, decidimos que, se algo fosse realmente urgente, enviaríamos uma mensagem de texto um para o outro com um código secreto: *Clover*⁴⁰.

Uma versão irônica da crença irlandesa de que um trevo de quatro folhas traz boa sorte. O texto de Hunter estava em maiúsculas.

Hunter: CLOVERCLOVERAPORRADO CLOVERRRRRR.

— Tenho que atender isso. Eu sinto muito. — Pulei da minha cadeira, correndo para fora do consultório, passando pelo chão da clínica principal, meu telefone colado ao meu

⁴⁰ Trevo.



ouvido. Hunter atendeu antes que o tom de discagem começasse.

— Ash. Você tem que voltar para casa. É Da.

— Ele está bem? Ele está ferido? — Eu respirei fundo, percebendo que já estava segurando a chave do meu Prius em minhas mãos, deixando a Sra. Martinez e minhas responsabilidades para trás enquanto corria para fora da porta.

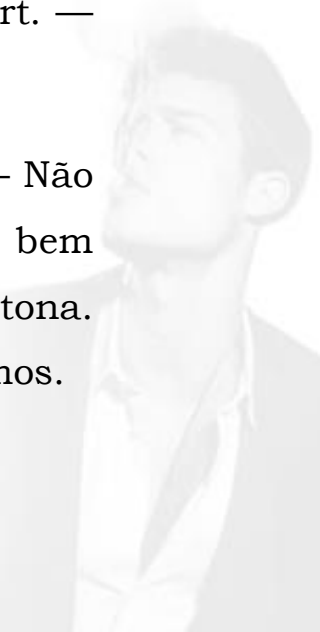
— Fisicamente? Ele está bem. Por enquanto, pelo menos. Não há como saber o que mamãe vai fazer com a bunda dele nas próximas horas. Ouça, Ash, há um escândalo. Alguém vazou algumas fotos e mensagens de texto de Da com... uh...

— Ele parou, e eu poderia dizer que ele estava tentando encontrar as palavras certas que causariam o mínimo de dor possível.

Era Hunter. Brutalmente lindo e de coração mole.

— Apenas cuspa isso, Hunt. Sei que mamãe e papai não estão competindo com Romeu e Julieta. Vivi sob o teto deles minha vida inteira, pelo amor de Deus. — Entrei no carro, pisando fundo no caminho para a Mansão Avebury Court. — O que ele fez?

— É um escândalo sexual, — ele deixou escapar. — Não é chocante, eu sei, mas desta vez há algumas fotos bem gráficas na internet. Da me ligou assim que elas vieram à tona. Devon está trabalhando para derrubá-las enquanto falamos.



Devon Whitehall era o advogado da família e um dos aliados mais próximos de meu pai. Um aristocrata britânico com um passado misterioso. Hunter, o encantador nato entre nós três, era o encarregado de tudo relacionado a relações públicas e mídia na Royal Pipelines, a empresa petrolífera da minha família. Fazia sentido que ele fosse o primeiro telefonema que Da fez.

— Uau. — Tentei disfarçar a dor em minha voz, principalmente porque sabia que não era eu que deveria estar magoada. Mamãe era a injustiçada. Meus olhos queimaram com lágrimas não derramadas.

Merde, mamãe vai ter um ataque cardíaco.

— Isso é... irônico, — consegui tossir.

— Você acha? — Hunter falou sem expressão, bufando.

Era uma vez, muito tempo, Da ou *Athair* (que significa pai em gaélico), como nós, crianças, o chamamos, arrastou Hunter de sua escola na Califórnia de volta para Boston porque um vídeo de sexo de Hunter tinha chegado à internet. Ele circulou e forneceu algumas manchetes muito desfavoráveis para a família. *Athair* foi a extremos para punir Hunter pelo constrangimento nacional que ele causou ao clã Fitzpatrick. Portanto, isso era definitivamente ironia no seu melhor... e pior.

Não que não soubéssemos que meu pai traiu minha mãe, mas ele sempre manteve isso em segredo e nunca, nunca



deixou vazar. Ele tinha a reputação de um homem de família impecável, e quem quer que tenha conseguido derrubá-lo deve estar se regozijando agora.

— Onde você está? Como está a mamãe? — Fiz curvas bruscas e ultrapassei luzes amarelas sempre que pude, ignorando os persistentes flocos de neve caindo do céu enquanto percorria meu caminho pela Back Bay.

— Estou entrando em Avebury Court agora. Sail e as crianças estão comigo. Cillian, Persy e Sam já estão lá. Mamãe está... — Hunter fez uma pausa, respirando fundo. — Eu não sei como ela está, Ash. Ela não atendeu o telefone. Depressa. Você é a única que poderia chegar a ela.

Eu sou a única que faz o esforço, pensei amargamente.

— Tudo bem, te amo.

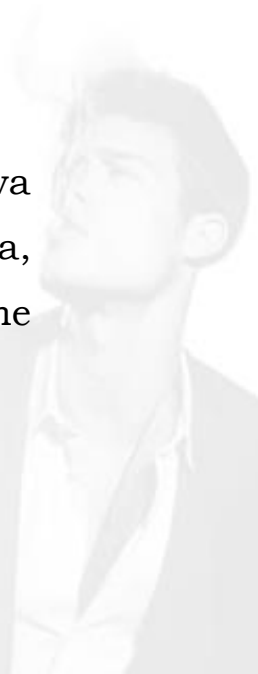
— Também te amo, irmã.

Com isso, ele desligou.

Meu joelho bateu contra o volante durante toda a viagem para casa.

Mãe. Frágil e vulnerável Jane Fitzpatrick.

Que afogava sua tristeza em farras de compras, chorava toda vez que optei por sair com os amigos e não ficar com ela, e sempre tinha um pedido pronto na ponta dos lábios para me fazer servi-la de alguma forma.



Enquanto crescia, eu pensava que era igual a ela.

Mansa, tímida e elegante. Eu tentei tanto me tornar o que as pessoas esperavam que eu fosse. A fragilidade de Jane Fitzpatrick, desde sua estrutura ossuda até sua beleza delicada, atraiu muitos admiradores e a inveja e a ira das mulheres ao longo dos anos. Mas, com o passar do tempo, percebi que era mais forte do que minha mãe, muito mais forte e mais independente também.

O que implicava que eu parecia minha mãe, mas tinha as mesmas características de meu pai.

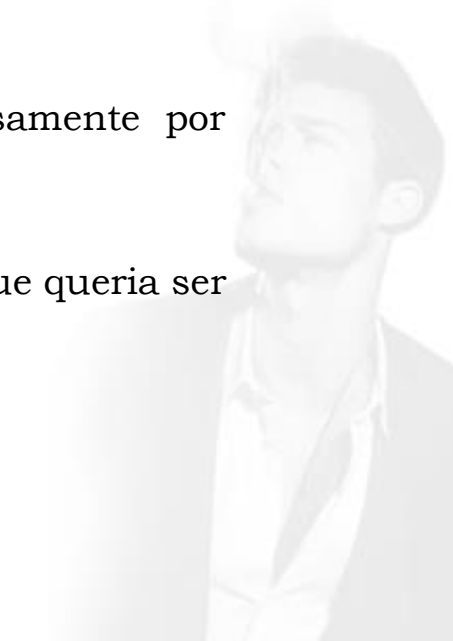
Isso era algo que eu estava muito enojada para explorar neste momento.

Jane Fitzpatrick entrava e saía da depressão como se fosse seu vestido favorito, e meu pai, embora agora estivesse aposentado e se envolvesse com os negócios da família apenas algumas horas por dia, fazia muito pouco para tentar ajudá-la.

Razão pela qual decidi ficar em casa o máximo que pudesse antes de eventualmente me casar e começar minha própria família.

As pessoas sempre me julgaram silenciosamente por minha decisão de permanecer em casa.

Eles sempre presumiram que eu ficava porque queria ser mimada.



Ninguém suspeitou que eu fiquei porque era eu quem mimava.

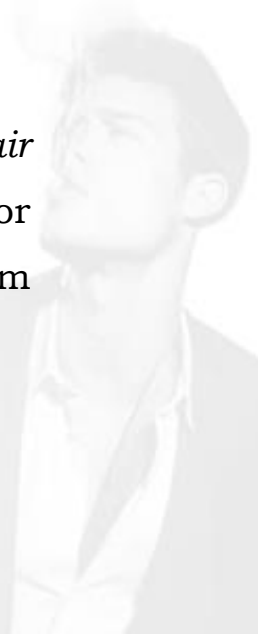
Mas eu fiz exatamente isso, virando a mesa e me tornando a mãe *dela*. Sua primeira depressão real aconteceu quando eu tinha dezoito anos; eu não dormia, gastando todo o meu tempo enchendo seus banhos, escovando seus cabelos, dando-lhe palestras diárias e levando-a aos médicos.

Desde então, ajudei a cuidar dela em seus altos e baixos mais três vezes. Então, ter meu pai arruinando tão descuidadamente todo o meu trabalho foi como uma punhalada nas costas.

Estacionei em frente à casa com um guincho, em seguida, abri as portas duplas de nossa mansão, ignorando o tamborilar do meu coração ao ver o Porsche de Sam, que estava estacionado ao lado do Aston Martin de Cillian e do Mercedes Classe G de Hunter.

Encontrar todos dificilmente era uma tarefa. Segui os gritos e choros histéricos de minha mãe, desde o foyer até a segunda sala de jantar. Seus lamentos ricochetearam nos tetos altos, ricocheteando contra estátuas de mármore e pinturas familiares.

Parei quando cheguei à sala de jantar. Mamãe e *Athair* estavam parados no centro, os jardins e pesadas cortinas cor de vinho como pano de fundo enquanto eles se envolviam em uma partida de gritos do inferno.



Minha mãe estava tão vermelha que pensei que ela fosse explodir. Da tentou o método inconsistente de se desculpar profusamente em um momento e defender-se acaloradamente no próximo. Atrás deles, vi Cillian zombando deles com desagrado, um de seus braços envolto ternamente sobre sua esposa loira, Persephone, que segurava seu filho, Astor, perto de seu peito.

Hunter, Sailor e seu filho também estavam lá. Ficaram a uma distância segura para o caso de a mãe começar a atirar objetos pontiagudos, o que não era improvável.

Cillian estalou os dedos uma vez, e duas criadas correram para dentro, sem palavras, pegando as crianças, que não tinham que ver seus avós assim.

Devon, o advogado da nossa família, não estava na sala. Eu podia vê-lo atrás das portas francesas que levavam aos jardins, falando acaloradamente ao telefone, tentando acalmar a situação com a mídia, sem dúvida. Seus passos arranharam a neve imaculada e intocada.

Então havia Sam. Ele recostou-se contra a parede no canto da sala, os punhos enfiados nos bolsos da calça, um sorriso leve e astuto nos lábios, todo beleza devastadora e destruição casual.

Endireitei meus ombros, sentindo minhas narinas dilatarem com uma raiva quente e fresca.



Fazia uma semana desde que eu vi Sam. Desde que compartilhamos uma traquinagem. Desde que me convenci que poderia me infiltrar em seu coração.

No dia seguinte, fui ao seu clube, assim como tínhamos combinado, apenas para descobrir que ele estava fora do estado.

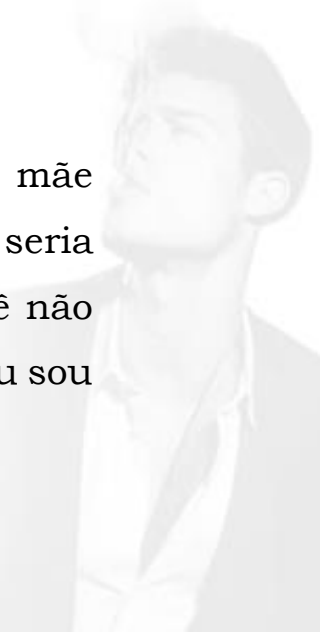
— *Desculpe, amor, mas o Chefe tem negócios mais importantes do que uma foda casual. Acho que seus dois minutos como amante de Brennan acabaram,* — um de seus soldados disse rindo na minha cara enquanto eu exigia entrar.

Minhas orelhas ficaram rosadas de vergonha quando pensei naquela noite. Sam nem se preocupou em pegar o telefone e fazer uma ligação. Mandar uma mensagem. *Qualquer coisa* para me informar que nossos planos mudaram.

O tempo tinha ficado espesso e pegajoso desde a última vez que o vi, cada minuto durando para sempre, como se tivesse se movido contra uma corrente. Agora que ele estava na minha frente, e eu não podia nem mesmo dar a ele a repreensão que ele merecia, porque estávamos na companhia da minha família.

Meus olhos foram de Sam de volta para meus pais.

— Ninguém pediu que você fosse fiel, Gerald! — A mãe jogou os braços no ar, exclamando em voz alta. — Isso seria demais para você, não seria, querido? Mas por que você não pôde ser discreto? Quanto você acha que posso tolerar? Eu sou



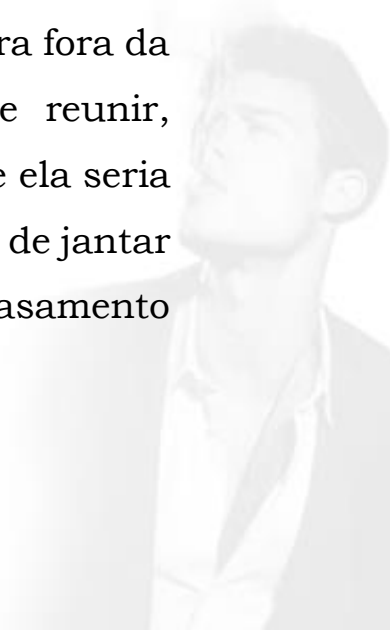
uma piada ambulante! Olhe para estas fotos. Basta olhar para elas! — Minha mãe jogou um jornal para o alto, batendo contra o peito carnudo de meu pai.

Do meu lugar na porta, pude ver que era uma foto do meu pai agarrando uma loira peituda que estava rindo para a câmera. Era óbvio que ele estava totalmente nu como ela. Ela estava sentada em seu colo, e também era óbvio que eles estavam transando.

— Para piorar as coisas, ela tem vinte e cinco anos! Mais jovem que sua própria filha. O que você estava pensando? Aisling, aí está você! — Mamãe se virou para olhar para mim, esquecendo momentaneamente que estava humilhando publicamente meu pai. — Seja boazinha e peça a alguém que me dê meu chá especial com mel e gengibre e cuide para que meu banho quente fique pronto em breve.

Os olhos de todos se voltaram em minha direção, surpresos e confusos por eu ter sido convidada para fazer a tarefa de um mordomo. Eles não deveriam estar. Se eles olhassem de perto, veriam que eu tinha sido a ajuda nesta casa o tempo todo.

— Claro, mãe. — Sorri com força, deslizando para fora da sala com tanta elegância e indiferença que pude reunir, entregando pedidos às empregadas para garantir que ela seria cuidada enquanto eu estivesse fora. Voltei para a sala de jantar bem a tempo de ver mamãe jogando sua aliança de casamento em meu pai.



Decidindo que ele teve seu quinhão de entretenimento escuro por uma noite, Cillian se colocou entre eles.

— Suficiente. Quem você acha que poderia ter vazado isso? — Cillian exigiu. — Não é a mulher nas fotos. Ela está casada agora, com um filho a caminho, e ficou horrorizada com isso. Hunter falou com ela mais cedo. Ela afirma que alguém invadiu seu telefone antigo e roubou as imagens ilegalmente.

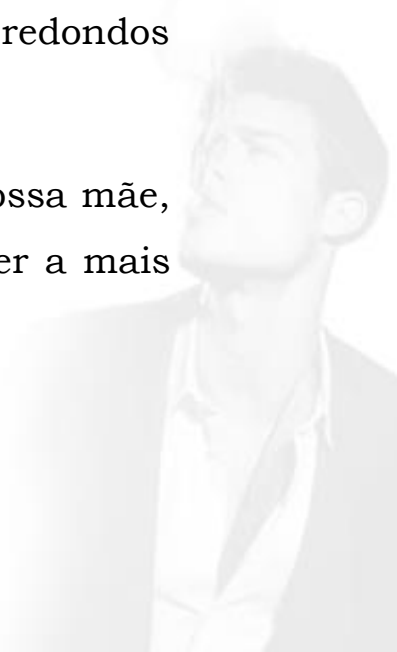
— E por seus soluços e choro histérico, ela disse a verdade também, — acrescentou Hunter do canto da sala.

— Tenho certeza! Eu nunca teria dado atenção a ela de outra forma! Tenho sido cuidadoso. Juro. — *Athair* sacudiu o punho no ar, o queixo balançando em uníssono. — Isto é uma armação. Você sabe que eu nunca faria mal a você, Jane, minha querida.

Minha mãe deu mais um passo para trás de meu pai, olhando para ele como se ele fosse um completo estranho. Sua beleza marcante destacou o quão tragicamente carente ele era no departamento de aparência.

A pele de Gerald Fitzpatrick era pastosa, manchada e rosada. Ele era um homem pesado com olhos negros redondos e cabelos brancos ralos.

Todos nós, irmãos, parecíamos variações da nossa mãe, apesar de ter uma coloração diferente, sendo Hunter a mais esteticamente agradável de nós.



— Cale a boca, — Cillian latiu para Da, examinando a sala com impaciência. — Alguma ideia de quem poderia ter feito isso?

— Se começarmos a contar nossos inimigos, não sairemos daqui até o próximo ano, e temos férias reservadas nas Maldivas no próximo verão. — Hunter verificou seu Rolex, arqueando uma sobrancelha sarcástica.

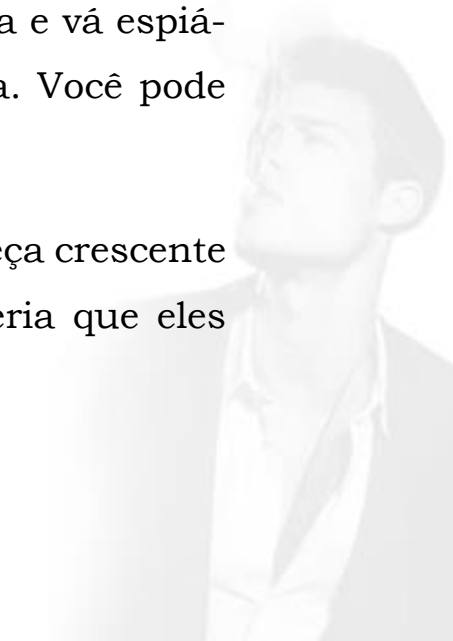
— Eu vou cuidar disso. — Sam avançou para o centro da sala.

Ele colocou a mão sobre o ombro do meu pai. — Vamos, Gerry. Vamos chegar ao fundo dessa bagunça. Privacidade, por favor. — Ele estalou os dedos em nossa direção geral, sinalizando para todos nós sairmos. — Jane, você também.

Todos saíram lentamente da sala. Todos, menos a mãe. Eu tive que pegar sua mão e puxá-la para fora enquanto ela protestava com bufadas e baforadas.

— Não é justo! Eu quero saber o que eles estão dizendo. — Ela agarrou meu braço com um pouco mais de força enquanto eu a conduzia em direção à cozinha, onde os criados poderiam observá-la. — Oh, Aisling, seja boazinha e vá espiá-los. Você sabe que não sou boa em não ser vista. Você pode entrar sem ser detectada, tenho certeza.

— *Mãe*, — eu gemi, sentindo uma dor de cabeça crescente surgindo atrás dos meus olhos. — Brennan queria que eles tivessem privacidade.



— Brennan é um bruto e uma besta. Quem se importa com o que ele quer?

Ela tinha razão, e eu estava me sentindo especialmente inclinada a ignorar quaisquer instruções que Sam tivesse me dado depois da semana passada.

Eu caí na armadilha.

Depois de envolver os dedos ossudos de mamãe em torno de uma xícara de chá fumegante na cozinha e pedir a uma das governantas para ficar de olho nela, eu discretamente deslizei para o solário adjacente para investigar o que Sam e Da estavam falando.

As vozes da sala de jantar podiam ser transportadas facilmente para a marquise; anos ouvindo meus irmãos e meu pai bebendo vinho do Porto e discutindo negócios e mulheres grosseiramente me ensinaram isso.

Pressionei meu ouvido na parede, ouvindo atentamente.

— Vamos dar um passo para trás. Conte-me sobre suas ex-amantes, quaisquer filhos bastardos em potencial que possam estar espreitando à procura de um bom cheque. — A voz de Sam era suave e dura como mármore atrás das portas de carvalho.

— Jesus Cristo, Brennan, fale sobre uma pergunta carregada. Bem, na última década, tive Bonnie, Sheila, Christie, Ulrika, Ruthie...



— Comece com o primeiro ano de seu casamento e vá subindo, — Sam o interrompeu bruscamente. — Precisamos ser minuciosos.

— Isso pode levar dias! — Meu pai protestou.

Havia um buraco negro na boca do meu estômago e ele estava cheio de sentimentos sombrios. A extensão da traição me roubou o fôlego. Ele foi tão descuidado. Tão egoísta...

Eu ouvi algo estalar e, quando olhei para baixo, percebi que cravei minhas unhas tão profundas na palma da mão que elas se quebraram.

Sempre soube que meus pais gostavam de amantes ocasionais – mas isso era demais. Eu me senti suja por compartilhar meu DNA com o homem.

— Dias, — Sam murmurou impacientemente, tão enojado quanto eu. Como se ele tivesse um direito. Como se ele não fosse conhecido por suas conquistas entre os lençóis. — Encantador ‘pra’ caralho. Vamos tentar restringir isso. Pense em alguém com potencial para se vingar. Alguém que você engravidou? Alguém que você pode ter machucado pessoalmente? Essas seriam as pessoas com maior probabilidade de cavar no meio da sujeira e fazer mal a você. Ninguém quer vir à tona como *a* amante, mas as pessoas não terão escrúpulos em comprometer outra para derrubá-lo. É possível que uma de suas outras amantes tenha hackeado o drive da sua última para iluminar o que ela considera um jogo sujo da sua parte.



— Eu não jogo sujo, — Da rugiu, seu rosto sacudindo as folhas das plantas na soleira. — Eu cuido das minhas amantes e lhes dou dinheiro, joias e carros caros.

Eu me senti tonta. Não admira que minha mãe estivesse tão confusa. Este homem era desumano. Ele tratava as mulheres como cavalos valiosos. E crescendo, ele era a pessoa que eu procurava para ter compaixão.

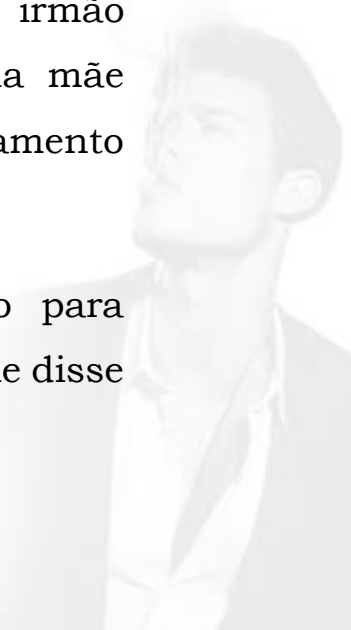
— Tenho certeza de que você as faz sentir como estrelas do rock, Gerry. Mas acidentes acontecem e você é um homem viril. Alguma chance de você ter algum bastardo por aí? Talvez mulheres que tiveram que fazer abortos secretos?

Sam sempre chamava meu pai de Gerry. Ele era a única pessoa a fazer isso. Apesar e especialmente porque isso deixava Da louco.

— Não. Sem filhos bastardos. E eu não sou tão viril. Como você bem sabe, nem todos os meus filhos são biologicamente meus.

Eu estremeci, sabendo exatamente a quem ele estava se referindo e bloqueando este pedaço de informação da minha consciência. Para mim, essa pessoa ainda era meu irmão amado. Mas era um lembrete importante que minha mãe também se interessava em namorar pessoas fora do casamento — e não era nada discreta a respeito.

— Você não está realmente me dando muito para trabalhar aqui, — Sam rosnou. Algo na maneira como ele disse



isso, com um toque de frustração óbvia, fez os cabelos finos da minha nuca se arrepiarem.

É verdade que Sam era cabeça quente, mas também era pragmático. Isolado e frio quando se tratava de negócios. Ele era apenas explosivo e imprevisível quando se tratava de sua vida pessoal. Como quando Sparrow ou Sailor estavam com problemas ou ele e Troy tinham desentendimentos.

— Faça-me uma lista de merda, Gerry. De cada mulher em que você enfiou seu pau. Se não posso ser meticuloso, não posso ser útil. Não adianta me pagar uma pequena fortuna por sentar e cuidar de seus dois filhos adultos.

— Também estou pagando para você ficar longe da minha filha, — meu pai o lembrou. Eu estremeci, pressionando meu ouvido com mais força contra a porta.

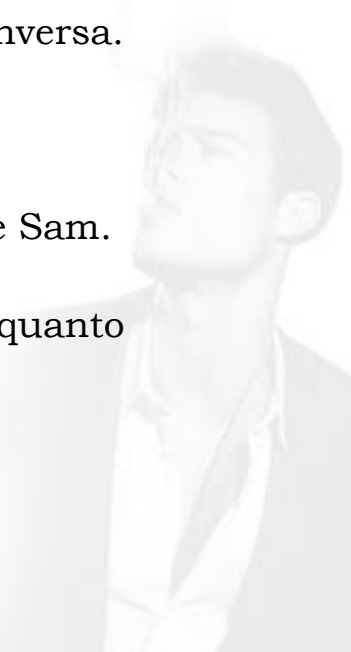
— Sim. — Sam deu uma risadinha. — O que é um desafio. Faça a lista. — Ele bateu os nós dos dedos contra a mesa de jantar.

Eu sabia que a conversa havia acabado, então corri para fora do solário o mais silenciosamente possível, correndo em direção à cozinha para a mamãe para contar sobre a conversa.

Bati de cabeça em uma parede.

Não, não é uma parede. Pior. O peito de granito de Sam.

— Ai. — Fiz uma careta, cambaleando para trás enquanto esfregava minha testa.



Virando-me para fazer um caminho mais curto na outra direção e evitar Sam, fui puxada de volta para o lado dele. Sam, com seus instintos assassinos, pegou-me pela bainha do meu uniforme azul e me puxou para uma alcova entre a sala de jantar e o solário, seu hálito fumegante e mentolado colidindo com meu rosto. Quente, fresco e intoxicante e sexy.

— Se não é meu buraco apertado favorito. Andou bisbilhotando, *Nix*?

Seu sexismo casual teria me perturbado se eu não soubesse que era uma fachada. Eu tinha visto Sam lidando com sua irmã e mãe adotiva e sabia que, apesar de todas as suas palavras grosseiras, ele era capaz de adorar mulheres.

Não havia sentido em negar a acusação, especialmente porque saímos dos quartos contíguos ao mesmo tempo. Inclinei o nariz para cima e apertei minhas omoplatas, como *ela* havia me ensinado, seu sotaque francês lembrando-me interiormente: *Melhor morrer de pé do que viver de joelhos. Mostre coragem, mon cheri!*

— É minha casa, Brennan. Posso fazer o que quiser, incluindo, mas não se limitando a, passar um tempo na *minha* marquise.

— Você é muitas coisas, Aisling, incluindo a filha de duas das criaturas mais patéticas que já conheci e uma socialista



de champanhe⁴¹, mas não é idiota. Portanto, não aja como uma. O que você estava fazendo lá?

Se ele queria que eu mencionasse o fato de que ele me deu um bolo, dissesse a ele o quanto isso me machucou, ele ficaria esperando.

Eu estava apaixonada, mas não era um capacho. Ainda havia uma ligeira distinção entre os dois.

— Admirando as plantas. — Eu sorri docemente.

— Besteira.

— Prove.

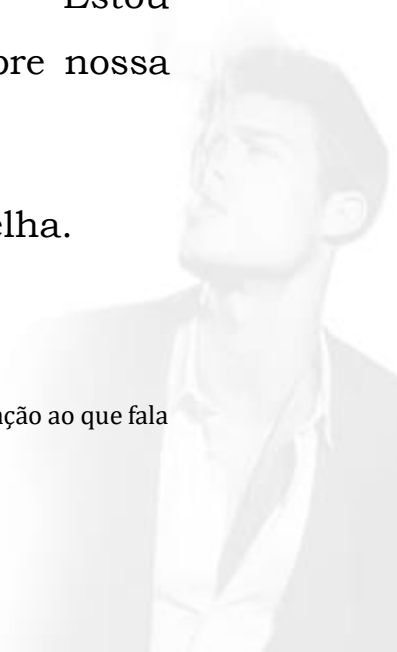
Ele fez uma careta para mim. Nós dois sabíamos que ele não podia.

— Bem, então. Boa conversa, Brennan. Você terminou agora? — Afastei seu toque, zombando dele como minha mãe faria com a ajuda.

— Não é bem assim, — ele respondeu, imitando meu sotaque de classe alta, aquele que minha mãe me ensinou a usar sempre que estávamos em boas companhias. — Estou feliz por te pegar aqui. Tenho uma atualização sobre nossa situação.

— Nossa *situação*? — Eu arqueei uma sobrancelha.

⁴¹ Um termo muito utilizado no Reino Unido para dizer que alguém é hipócrita em relação ao que fala e faz.



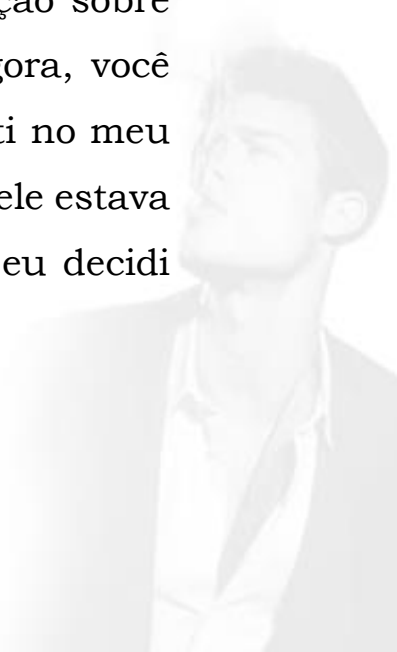
— Nossa porra de acordo, — ele cuspiu, expondo suas presas brancas com um sorriso desagradável e arrepiante. — Está cancelado. Não estou mais interessado. Você foi uma grande esportista. Cinco de cinco estrelas. Recomendável. Infelizmente, tenho alguns problemas urgentes agora e não há tempo para bocetas complicadas.

A grosseria de suas palavras quase me roubou o fôlego. Como ele ousa? Como ele ousava tentar me machucar e me menosprezar a cada passo do caminho, quando eu não tinha feito nada remotamente injusto com ele durante toda a década em que nos conhecemos?

Tudo o que fiz foi procurar sua companhia, ser legal com ele e me entregar a ele em seus termos. E, a cada vez, ele encontrava maneiras novas e criativas de me mostrar que não estava interessado e, na única vez em que *estava* interessado, considerou isso um lapso de julgamento.

Eu sorri um sorriso frio e hostil que fez meus ossos gelarem.

— Tínhamos planos juntos? Desculpe, não me lembro. De qualquer forma, obrigada por me dar uma atualização sobre um encontro que eu não planejava comparecer. Agora, você não tem que ir trabalhar para o meu pai? — Eu bati no meu queixo. Por trás de seu olhar duro, poderia dizer que ele estava um pouco confuso com a nova espinha dorsal que eu decidi exibir.



— Chop, chop, agora! — Bati palmas, meu tom era uma canção alegre. — Como você apontou antes, meu pai lhe paga uma pequena fortuna, e não por suas habilidades intelectuais – que, a propósito, eu acho insuficiente. Avise-nos quando tiver mais informações sobre o vazamento. — Eu me virei e caminhei rapidamente, deixando-o no saguão sem ao menos um segundo olhar.

Fui até a cozinha, peguei minha mãe como se ela fosse uma criança e levei-a para o quarto, onde um banho quente a esperava. Lavei seu cabelo, dizendo a ela todas as coisas que ela queria ouvir.

Que ela era bonita, amada e poderosa. Que meu pai voltaria com joias, bolsas vintage e férias. Que se ela quisesse, poderia pressioná-lo com alguns papéis legais que o assustariam profundamente.

— Oh, Aisling, não vou conseguir dormir esta noite. Importa-se de acariciar meu cabelo até eu apagar? — Minha mãe gemeu, quando depois de horas cuidando dela, eu disse que precisava pular no chuveiro.

Eu sorri com força, sentando-me na beirada da cama dela. — Sim. Claro.

Acaricieei seu cabelo por horas. Quando ela finalmente adormeceu – a essa altura, meus dedos estavam dormentes – retirei-me para meu quarto, tomei um banho rápido, deitei na cama e comecei a chorar.



Chorando por mamãe, por todo o sofrimento que ela teve que suportar em seu casamento.

Chorando pela Sra. Martinez, que eu deixei no meio de uma importante reunião para tentar apagar outro incêndio Fitzpatrick, criado por meus pais egoístas e egocêntricos.

E chorando por mim mesma, porque eu não era como meus irmãos ou suas esposas.

Eu não tive meu feliz para sempre. Meu destino era me apaixonar pelo monstro da minha história, o personagem com maior probabilidade de ser morto.

Mas, acima de tudo, chorei por causa de Sam.

Porque ele era o único homem que poderia quebrar meu coração.

E porque ele escolheu fazer isso. Muitas vezes.



Quatro



Sam

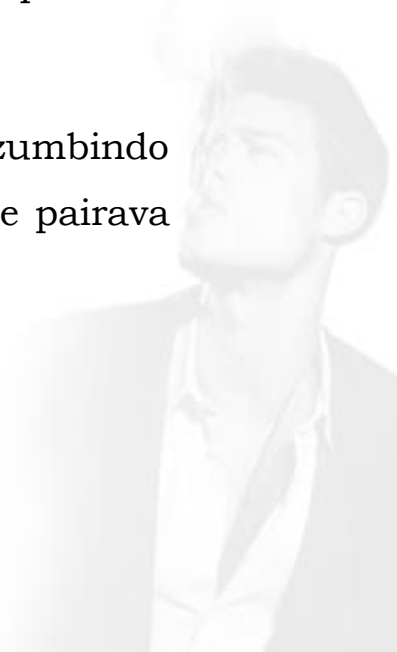
A primeira bala que atirei perfurou o peito do homem. Um tiro certo em seu coração.

A segunda bala atingiu a testa de seu amigo, fazendo o homem estalar para trás como um pino de boliche e cair em cima de seu companheiro com um grito.

Poucas pessoas eram tão boas atiradoras como eu.

Um veterano aposentado certa vez me disse que eu seria um ótimo atirador de elite. Juntar-me ao exército nunca esteve em minhas cartas. Eu era um homem egoísta que gostava de travar minhas próprias guerras e não tinha tempo nem paciência para as de ninguém.

O silêncio pairou no ar, os ecos dos tiros ainda zumbindo em meus ouvidos. O leve cheiro de pólvora e sangue pairava pesadamente em minhas narinas.



Eu não entrava em brigas de gangues com frequência, mas quando o fazia, gostava muito delas. A violência me acalmava. Fazia meu sangue gelar em vez de ficar quente e inquieto.

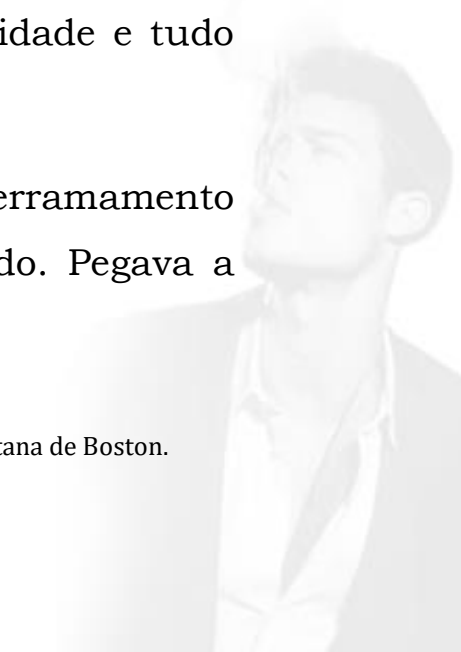
Calmamente, tirei um cigarro, acendendo-o enquanto caminhava em direção ao local onde os dois homens estavam deitados. Estávamos em um sótão em Brookline⁴², logo acima da delicatessen onde uma grande transação de drogas ocorrera poucas semanas antes. O território de Vasily Mikailov, que eu havia conquistado nos últimos meses.

Na época em que Troy Brennan governava as ruas de Boston, a taxa de crimes de gangues era baixa ou inexistente. Todos tinham seu próprio canto do mundo para governar, reinar e manter. Troy era um subchefe razoável. Ele não teve um caso grave de megalomania – algo que não se pode dizer sobre seus predecessores – e não teve problemas em se limitar a Southie, uma área que ele governou com punho de ferro.

Eu, no entanto, tinha regras diferentes, aspirações diferentes e uma abordagem totalmente diferente da vida. Ou você se curvava ou se quebrava para mim. Não havia meio-termo, e eu queria tudo – todos os cantos da cidade e tudo dentro dela.

Desde o momento em que assumi, houve derramamento de sangue. Eu não me contentava com um dedo. Pegava a

⁴² Cidade rica no condado de Norfolk, Massachusetts, e parte da área metropolitana de Boston.



porra da mão inteira e construí um império sobre as ruínas de ossos e sangue.

Os italianos foram os primeiros a se curvar. Eles o fizeram imediatamente. A maioria deles fugiu para Nova York e Chicago depois da minha primeira rodada de massacres de seus principais chefes. O evento foi marcado nos jornais locais como Night of The Long Knives⁴³, onde matei nada menos que dez mafiosos em suas camas.

Os latinos seguiram o exemplo, correndo para as bordas das apostas ilegais e do tráfico de drogas depois que eu os ataquei.

Os russos, porém, resistiram. O Brookline era da Bratva e tive que arrancá-lo das mãos deles, com muita força e aumentando a contagem de cadáveres nas ruas. Foi uma batalha contínua e árdua, com muitas baixas, muitas tentativas de assassinato – de ambos os lados – e muita dor de cabeça.

Abaixando-me sobre um joelho, tirei uma luva de plástico preta do bolso de trás, coloquei-a e tirei a primeira bala do peito do homem. Em seguida, mudei para minha outra vítima. Felizmente, a bala não estava manchada com muita massa cerebral, o que teria sido uma merda de limpar.

43 A Noite das Facas Longas ou Noite dos Longos Punhais foi um expurgo que aconteceu na Alemanha Nazist, quando a facção de Adolf Hitler do Partido Nazista realizou uma série de execuções políticas extrajudiciais.



Limpei as duas balas nas camisas dos homens e as coloquei no bolso, suspirando enquanto me endireitava e comecei a lidar com o resto da situação.

— Quão ruim está? — Eu cortei, meu aborrecimento alto e aparente.

— Ruim, — Becker, um dos meus soldados, ofegou atrás de mim como um ventilador, movendo-se no chão do sótão empoeirado. — Eu acho que eles pegaram meus pulmões.

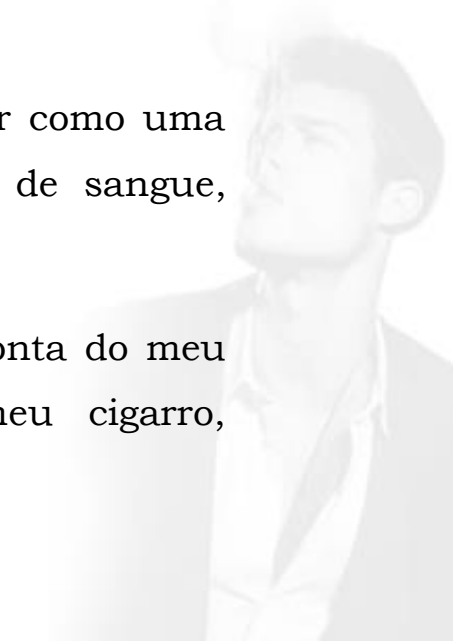
— Tenho certeza de que quebrei meu braço, — Angus, ao lado dele, acrescentou.

Ambos os idiotas nem tinham diploma do ensino médio, mas de alguma forma conseguiram se avaliar clinicamente. Fui até os dois desperdiçadores de oxigênio inúteis que contratei para fazer meu trabalho sujo, examinando-os friamente.

Inacreditável. Não apenas acabei fazendo o trabalho sozinho e limpando o chão com os dois idiotas Bratva que roubaram dinheiro de mim – *tudo bem*, não me pagaram a parte que eu merecia pelo negócio – antes de colocar balas neles, mas agora eu tinha que conduzir esses dois bichanos para obter ajuda médica.

E nem me fale sobre sair dos trilhos e agir como uma namorada ciumenta precisando de um banho de sangue, porque eu tive a porra de um mês longo.

— Levante-se. — Eu rolei Becker com a ponta do meu mocassim, dando uma longa tragada no meu cigarro,



liberando nuvens de fumaça pelas minhas narinas como se eu fosse um dragão. — Eu não vou carregar sua bunda para o carro no estilo lua de mel. Você também, filho da puta Júnior, — cuspi na direção de Angus.

Eles mancaram atrás de mim, encostando-se um no outro para se apoiar, e se enfiaram na traseira da van que eu dirigi para Brookline. Ao volante, liguei para o Dr. Holmberg, o homem que contratei como suporte para cuidar de meus soldados e de mim.

Por razões óbvias, entrar no hospital, querendo ou não, com ferimentos à bala não era exatamente uma opção.

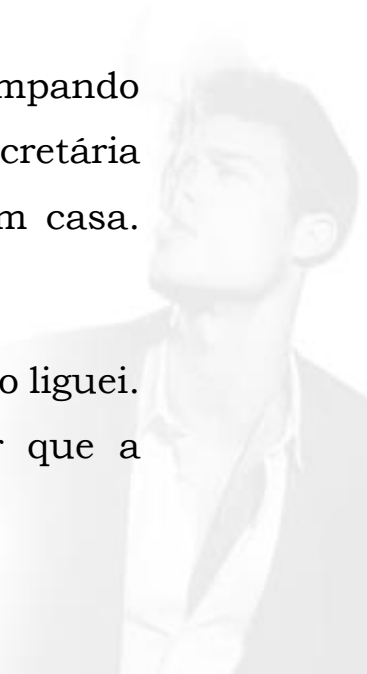
Dr. Holmberg atendeu no terceiro toque, a acústica em torno de sua voz sugerindo que ele estava falando do fundo do rabo de alguém.

— Alô? — Ele parecia grogue.

— Aproveitando uma soneca à tarde, filho da puta? — Perguntei educadamente, virando em direção ao South End, onde ele se localizava. — Faça uma xícara de café. Eu tenho um trabalho para você.

— Sam? — Ele ficou sóbrio instantaneamente, limpando a garganta. — Oh, Sam, sinto muito. Achei que sua secretária tivesse deixado a mensagem para você. Não estou em casa. Estou na Grécia até a próxima semana.

Isso explicava por que ele estava dormindo quando liguei. Havia um fuso horário. Isso *também* explicava por que a



recepção era tão ruim. O fato de sua mensagem não ter sido recebida não me surpreendeu. Passei por secretárias como passei por casos de uma noite: rápido e deixando uma pilha de mulheres raivas e maltratadas em meu rastro. Eu estava atualmente entre assistentes – e também entre trepadas, vendo que fazer sexo com Aisling não era mais uma possibilidade. Minha merda com os Fitzpatricks era complicada o suficiente.

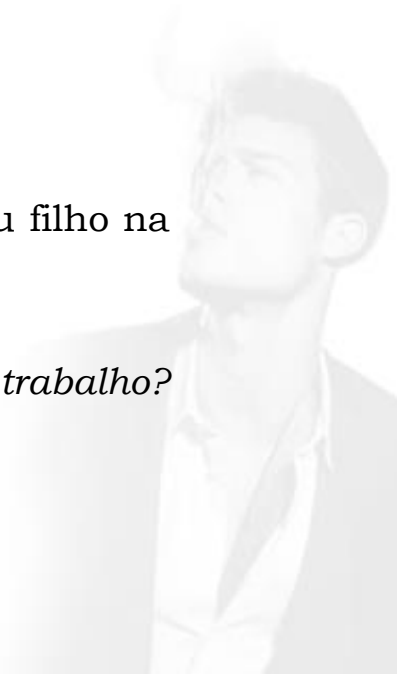
— O que diabos te faz pensar que eu converso com minhas assistentes regularmente? — Eu ataquei. — Da próxima vez, tenha bolas para me dizer diretamente quando você tirar férias não autorizadas. Agora me dê o endereço do seu primo. Tenho dois soldados feridos que gostaria muito de manter vivos, porque eles me devem um trabalho de três semanas.

Sempre que o Dr. Holmberg não estava disponível, ele me encaminhava para seu primo, Raul, que era tecnicamente um enfermeiro registrado, mas ainda era discreto e fazia o trabalho. Neste ponto, com as performances medíocres de Becker e Angus em campo, eles tiveram sorte de eu não ter deixado o carteiro local cuidar de suas feridas.

Um enfermeiro era mais do que eles mereciam.

— Raul está fora da cidade, Sam. Visitando seu filho na faculdade, — Dr. Holmberg murmurou timidamente.

— Alguém em sua família conhece o conceito de *trabalho*?
— Eu murmurei.



— Sim, eu sei, é lamentável.

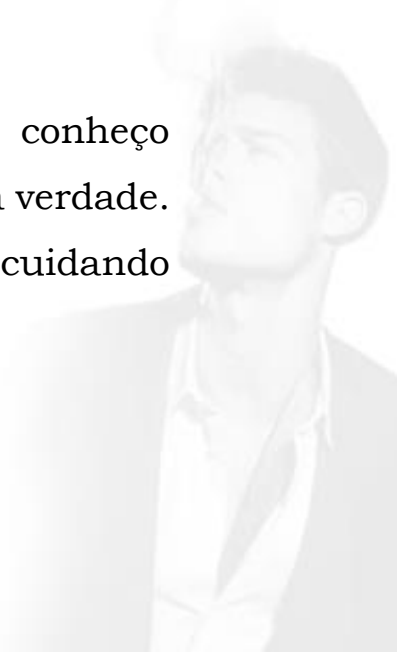
— O estado da sua cara depois que eu terminar com você será lamentável, — eu disse impassível. — Que diabos você estava pensando, fugindo da cidade sem ter um apoio médico para mim?

— Foi um planejamento ruim da minha parte. Eu concordo, — ele disse suavemente, fazendo qualquer coisa que pudesse para garantir que eu realmente não quebrasse seu nariz na chegada. — Certamente você conhece alguém que trabalha na área médica que pode ajudá-lo? — Dr. Holmberg disse, sabendo muito bem que conduzir os dois filhos da puta na parte de trás da van para um hospital estava fora de questão. Era tão bom quanto admitir o crime.

Mesmo que o promotor local e o departamento de polícia estivessem no meu bolso – fui ao batizado do filho do xerife e ao funeral do pai do promotor, estava me dando tão bem com eles – não era burro o suficiente para esfregar isso em suas fuças e *fazê-los* me fazer perguntas difíceis. Mesmo que o promotor e a polícia gostassem de mim, ainda havia o FBI em que pensar, e eles estavam respirando no meu pescoço recentemente.

— Você ficaria surpreso, Holmberg, mas não conheço muitos médicos. Ou fodidos astronautas, para falar a verdade. Minha linha de trabalho é matando pessoas, não cuidando delas para que recuperem a saúde.

Isso não era totalmente verdade, no entanto.



Eu conhecia Aisling Fitzpatrick e ela era médica.

Muito boa, se eu fosse acreditar em minha irmã, Sailor, que não tinha o hábito de distribuir elogios injustificados.

Nix também sabia como guardar segredos. Faz parte do pacote de ser um Fitzpatrick e pertencer a uma das famílias mais notoriamente corruptas da América do Norte.

Talvez, dar um cano sem um pedido de desculpas e então jogar o que compartilhamos no Halloween, na cara dela da última vez que nos encontramos, seguido de um grande golpe em seu orgulho e colocar fogo em toda a situação, não foi a melhor tática para lidar com as coisas com ela, visto que eu precisava dela agora.

Normalmente, eu era mais calculista do que cutucar e humilhar desnecessariamente as pessoas que não mereciam.

Normalmente, eu não lidava com Aisling Fitzpatrick.

Ela trouxe à tona o que há de pior em mim. Eu era quase alérgico a ela. Tão doce, tão inocente, tão complacente. Ainda morando com a porra dos pais dela.

E realmente, rejeitá-la estava lhe fazendo um favor. Eu ia colocar a cabeça do pai dela em uma bandeja em pouco tempo, quando eu o expusesse tudo que ele era e arrancasse a verdade dele.

Viu? Até eu tinha meus limites do caralho.



Eles eram poucos e distantes entre si e desbotados, mas, aparentemente, existiam.

Então havia a parte do juramento. Mesmo sendo um bastardo de classe mundial, não era um desonroso. Os homens Fitzpatrick me pagavam um bom dinheiro para não tocar em Aisling, o que significava que eu precisava fazer, pelo menos, um esforço pela metade para manter minha palavra.

— Talvez você pudesse... — O Dr. Holmberg começou, mas eu já tinha desligado o telefone e estava ligando para Sailor para pedir o número de Aisling.

Minha irmã e Nix eram boas amigas. A tímida e a senhorita da sociedade.

— Isso significa que você finalmente vai convidá-la para sair? — Sailor perguntou na outra linha. Eu a ouvi lavando algo ao fundo, provavelmente mamadeiras de Xander.

Lancei um olhar para a parte de trás da van, onde Becker estava sangrando – possivelmente partes de seus pulmões – e Angus parecia que seu braço tinha sido enroscado no resto do corpo por uma criança cega.

— Você está chapada? — Fiz uma careta para a estrada, conversando com minha irmã. — Ela é uma criança.

Uma criança para quem eu tinha feito algumas merdas bem crescidas.



Não achei que oito anos fosse um grande problema em termos de diferença de idade. Eu dormia com mulheres que estavam na casa dos vinte anos às vezes, embora naturalmente gostasse de mulheres da minha idade. Mas Aisling não era apenas oito anos mais jovem. Ela também tinha aquela pureza como o halo de neve de um anjo de sangue azul.

Um anjo de sangue azul que chupou suas bolas como se o futuro do país dependesse disso, em seguida, passou a levá-lo na bunda como uma profissional.

— Chapada? Oh, eu queria. Não posso fazer merda nenhuma durante a amamentação. Nem mesmo beber uma taça de vinho. — Sailor suspirou melancolicamente, recordando os tempos em que não tinha marido para engravidá-la assim que empurrava um bebê para fora.

— Se você quer simpatia, sugiro que converse com alguém com coração, — resmunguei.

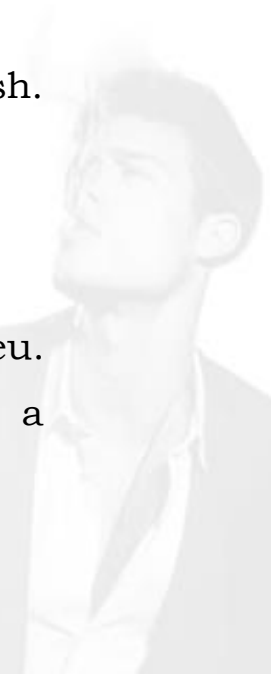
— Oh, sério? Então, o que está batendo em seu peito?

— Não está batendo. Está funcionando. Provavelmente uma bomba.

Ela riu com vontade. — Não seja muito duro com Ash. Você sabe que ela é gentil. Amo você, idiota.

— Tchau, cara de merda.

Desliguei e liguei para o número que Sailor me deu. Aisling atendeu ao quinto toque, quando estava prestes a



desligar e fazer meia-volta, entregando dois bolinhos suados e machucados direto para o gramado bem cuidado de sua casa.

— Olá? — Sua doce voz encheu a van, inundando o maldito lugar como um perfume irresistível.

— É Sam, — eu sibilei em aborrecimento.

— Oh, — foi sua resposta. Era uma resposta que eu estava familiarizado, já que ela costumava usá-la quando as pessoas lhe diziam coisas de que ela não gostava. Mas ela nunca tinha usado aquele 'oh' comigo antes. — Como posso ajudá-lo, Sr. Brennan?

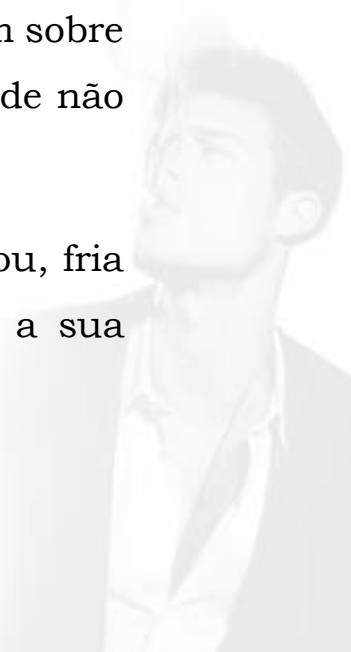
Eu era o Sr. Brennan agora?

Ser um idiota certamente tinha seus contras. Avancei com meu pedido.

— Tenho dois soldados feridos. Não posso deixá-los no hospital por motivos óbvios. Se eu os levar para Badlands, você poderia pegar um kit de socorro e tratá-los? Você será paga generosamente.

Odiava pedir favores e podia contar na mão quantas vezes precisei. Normalmente, eu tinha algum tipo de vantagem sobre as pessoas, algo que elas queriam de mim, daí o luxo de não encerrar uma demanda com um ponto de interrogação.

— Quais são os ferimentos deles? — Ela perguntou, fria e quieta. — Dê-me a descrição física, por favor, não a sua



avaliação médica, a menos, é claro, que você tenha feito faculdade de medicina sem meu conhecimento.

Pela primeira vez na minha vida, recebi o tratamento de princesa do gelo que todos recebiam e não sua adoração descarada.

Não que eu pudesse culpá-la, depois de enfiar seu orgulho em um liquidificador e colocá-lo no máximo naquela noite em Badlands.

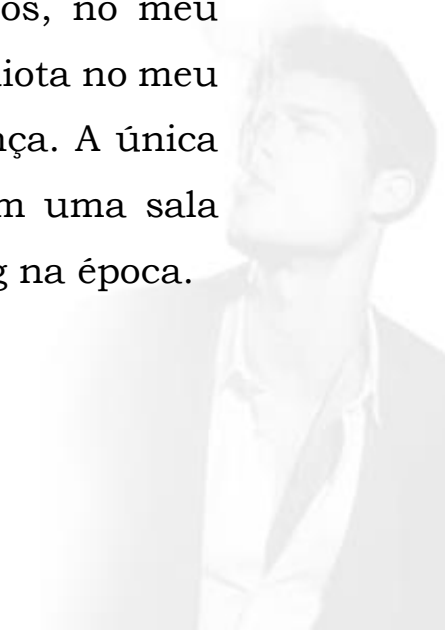
— Um tem um braço quebrado. O outro foi baleado no peito.

— Onde no peito?

— Pulmões. Encontre-me em Badlands em trinta.

Ela ia me perguntar se ainda estava proibida de ir à boate, e eu não iria suspender a proibição. Nada iria suspender a porra da proibição, inclusive o próprio Jesus.

Se dependesse de mim, Aisling Fitzpatrick não teria permissão para se aproximar de um homem de sangue quente que não era um parente até o fim de seus dias. Sem mencionar a porra de uma manada deles, bêbados e suados, no meu clube. A memória dela sendo puxada por aquele idiota no meu clube queimou meu cérebro. Quase matei a criança. A única coisa que me impediu de cortar sua garganta em uma sala cheia de gente foi que eu não sabia que era Aisling na época.



— Não, — ela disse categoricamente. — Faremos as coisas do meu jeito. Espere um segundo.

Ela vasculhou as coisas ao fundo. A pequena Nix era cheia de surpresas, não era? Primeiro, ela me deu a foda da minha vida. Agora ela estava salvando a minha bunda, ou, pelo menos, a bunda dos meus soldados. Eu estava meio triste ao ver a oportunidade de colidir com ela com meu pau novamente desperdiçada por causa de seu pai.

— Você não terá o equipamento de que preciso. Enviarei uma mensagem de texto para você com um endereço em alguns minutos. Venha sozinho – apenas você e seus soldados – e certifique-se de que ninguém o veja.

Eu ia fazer perguntas. A mais urgente é “*que porra é essa?*”, mas ela desligou na minha cara. Nem um minuto depois, ela me mandou uma mensagem com um endereço de Dorchester. Dirigi até o endereço e fiquei surpreso ao ver que era um prédio residencial. Uma daquelas intermináveis estruturas vitorianas de tijolos vermelhos que uma variedade de estudantes universitários e membros de gangue preferiam.

Joguei Beavis e Butthead⁴⁴ para fora da van e os arrastei até a porta de madeira preta, batendo a campainha. A porta se abriu sozinha – destrancada – e quando entrei, havia uma placa sem palavras que conduzia ao porão. O apartamento em si parecia não apenas residencial, mas também ocupado. Risos

44 Ambos são personagens de uma série de animação, Beavis and Butt-Head, também conhecida como O Rei do Pedaco.

enlatados de programas de TV diurnos ecoaram de algum lugar dentro do apartamento, e o tapete de boas-vindas estava úmido com neve derretida.

Mas. Que. Porra.

Arrastando Becker e Angus, como se fossem sacos de batatas descendo a escada pela bainha de suas camisas, joguei-os ao pé do porão branco, limpo e brilhante, examinando o lugar. *Caralho*. Eu conhecia uma clínica subterrânea quando estava em uma, e esta era definitivamente uma com um sofá esbranquiçado, uma prateleira cheia de livros de medicina, uma planta falsa e pintura barata.

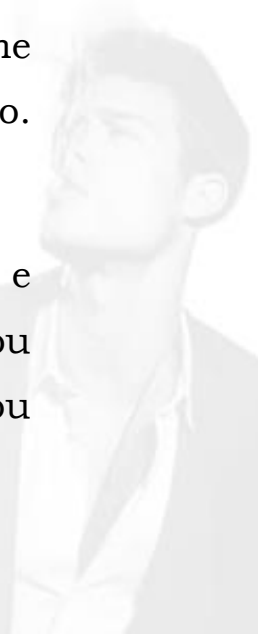
Ilegal. Operativo. E malditamente secreto.

O lugar parecia vazio.

Aisling saiu por uma porta branca, usando um de seus vestidos que a faziam parecer uma realeza britânica sexualmente oprimida. *Sem jaleco*, notei, embora ela o estivesse usando da última vez que a vi em Avebury Court Manor.

Mesmo vestindo algo que a rainha Elizabeth consideraria muito conservador, o rosa pálido contra sua pele de neve me fez querer arrancar seu vestido estúpido e comê-la no chão. Especialmente agora que eu decidi *não* fazer.

— O que temos aqui? — Ela foi direto para Becker e Angus, notavelmente ignorando minha existência. Ela colocou um par de luvas elásticas, começando com Becker. Ela o virou



como se ele fosse um peixe que ela considerava comprar no mercado, focalizando seu ferimento, franzindo a testa. Mais uma vez, percebi que ela tinha uma aparência delicada, mas conseguia se impor. Ela não era fisicamente frágil e nem sensível.

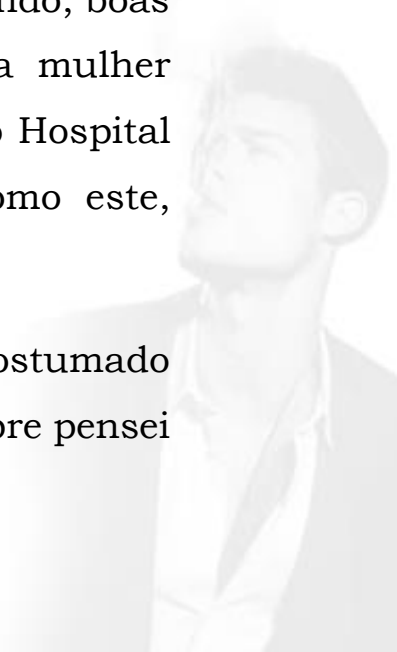
Ela apontou para Becker, nem mesmo perguntando por seu nome. — Vou começar por este, porque precisa de cuidados médicos urgentes. Para variar, torne-se útil e me ajude a colocá-lo na mesa, sim, Sam?

Isso foi uma cutucada? Eu arrancaria sua cabeça se estivesse em posição de fazer isso. Por acaso, ela estava me dando uma bela bronca, então levantei um Becker quase inconsciente contra meu ombro, ignorando seu tom condescendente, e a segui até a pequena sala, que tinha uma mesa cirúrgica, uma escrivaninha e um grande armário de remédios.

A sala estava totalmente decorada com equipamentos médicos, anestésicos, suportes de soro e um monitor de pressão arterial.

As perguntas “que diabos” estavam se acumulando, boas e altas, enquanto eu tentava entender como essa mulher mansa e inocente, que estava fazendo residência no Hospital Brigham como obstetra, sabia sobre um lugar como este, quanto mais ter fácil acesso a ele.

— Que diabos é esse lugar? — Assobieei, não acostumado a ser mantido no escuro. Especialmente porque sempre pensei



que sabia tudo o que havia para saber sobre a Fitzpatrick mais jovem.

— Um amigo meu é o dono. Ele trata pessoas sem seguro aqui. Pessoas que não podem pagar pelo atendimento de urgência, — ela explicou afetadamente, sinalizando-me com o queixo para o local onde ela queria que eu descartasse Becker. Então eu fiz.

— Você está ajudando-o a fazer isso? É ilegal, Aisling. Eu não posso deixar você fazer isso.

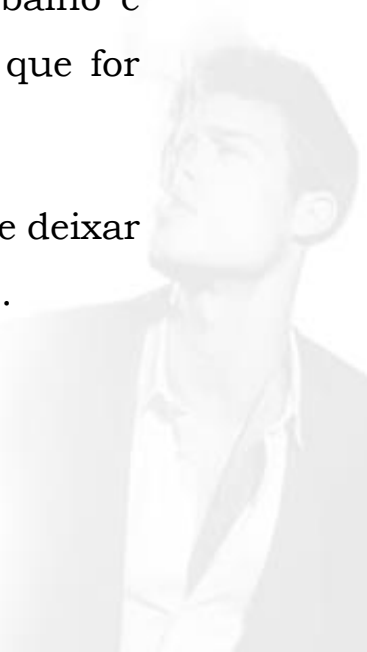
Isso a fez soltar uma gargalhada. — Eu vi você atirar na cabeça de alguém e você está aqui para que eu possa consertar seus assassinos. Oh, a hipocrisia. Atrevo-me a dizer, Sam, isto é tão deliciosamente rico que acho que só o seu extrato deveria estar numa faixa de impostos mais elevada que a da minha família.

— Você e eu não somos os mesmos.

— De acordo com você... — Ela encolheu os ombros. — Você não é nada para mim.

— Eu sou o braço direito do seu pai. Meu trabalho é manter seus filhos longe de problemas. Vou fazer o que for preciso para impedir que você seja jogada na prisão.

— Você vai ficar bem longe de mim, Brennan, e me deixar fazer meu trabalho, ou nunca vou ajudá-lo novamente.



Ela foi até uma pia próxima, jogou fora as luvas e esfregou as mãos com sabonete antes de colocar um novo par enquanto eu olhava para ela. Ela tinha razão. Seu acesso a este lugar pode ser benéfico para mim. Não havia razão para que o velho Gerry precisasse saber que sua filha estava sendo uma idiota, desde que trabalhasse a meu favor.

— Posso ver seu ingresso? — Ela perguntou, de costas para mim.

— Que porra você quer dizer? — Fiz uma careta.

— Para o show que você aparentemente está assistindo. Saia, Sam. Estou trabalhando aqui.

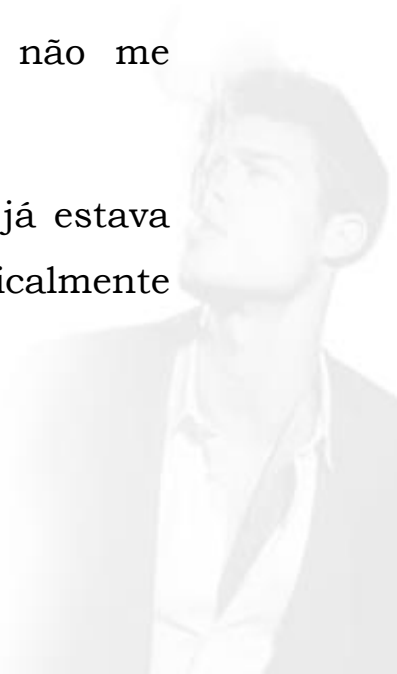
Escondendo minha surpresa (e o prazer de descobrir esse lado mandão dela), encostei-me na porta, sem me importar com Angus, que ainda estava na recepção com o braço pendurado e gemidos de atriz pornô.

— Acho que vou ficar e ver você em ação, se não se importar.

— Eu me importo.

— Permita-me corrigir minha declaração – não me importo se você se importa. Vou ficar.

— Eu não vou tratá-lo, — ela ameaçou, mas já estava começando a trabalhar cortando sua camisa verticalmente com uma tesoura.



— Sim, você irá. Sua necessidade de ser útil supera seu ódio por mim.

— Não tenha tanta certeza, — ela murmurou, trabalhando rápida e eficientemente, removendo a bala dos pulmões de Becker sem suar.

— Seu juramento hipocrático, então.

Foi bonito. Observar Aisling, a garota que eu conhecia desde os dezessete anos, retirando uma bala dos pulmões de um homem com as mãos mais firmes enquanto ele se contorcia de dor, movendo-se embaixo dela. Eu poderia dizer que a bala não perfurou *através* do pulmão, mas ainda era malditamente impressionante.

— Alguma novidade? — Ela perguntou enquanto começava a costurá-lo.

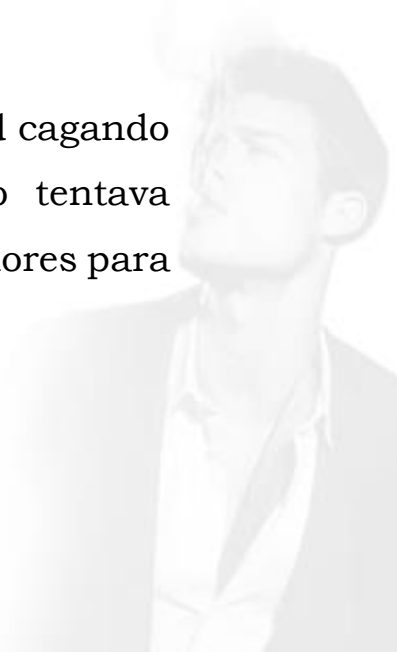
— Sobre?

— Meu pai e o circo da mídia ao seu redor.

Você quer dizer aquele que eu criei invadindo o drive daquela pobre mulher apenas para satisfazer minhas tendências sanguinárias?

Fiquei apenas um pouco satisfeito ao ver Gerald cagando tijolos na frente de sua família inteira enquanto tentava explicar aquela manchete. Eu tinha planos muito maiores para ele e iria executá-los. Em breve.

— Ainda estou trabalhando nisso.



— Um pouco lento, não é? — Suas sobrancelhas delicadas se juntaram enquanto ela enfiava a agulha dentro e fora de Becker, que neste momento estava desmaiado. Ela parecia uma rosa inglesa trabalhando em um vestido acolchoado, não como um médico costurando um mafioso grau B.

— Você tem um problema, fale com meu gerente.

— Você é seu próprio gerente, — ela apontou.

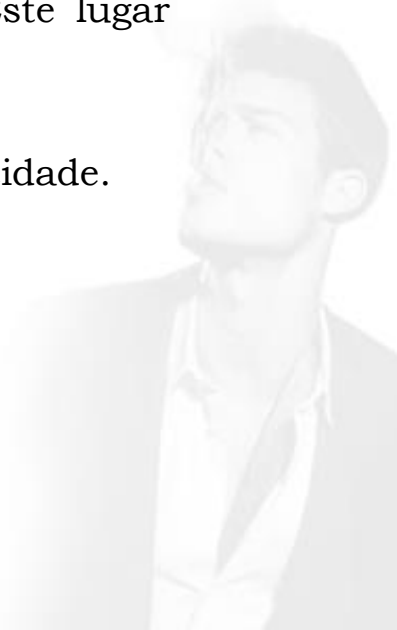
— Isso mesmo... — Fiz uma pausa para o efeito — ...e eu não me importo com o que você pensa sobre meus serviços, que azar, Nix.

— Tão taciturno, — ela *desaprovou*, tratando-me como se eu não fosse mais que um menino, como Sparrow o fizera quando eu tinha colapsos pré-adolescentes e não sabia o que fazer com a minha energia. — Quase como se você tivesse algo a esconder.

— Me parece que você é a única com os segredos suculentos. Conte-me sobre esse seu amigo que está operando este lugar. — Fiz um gesto com minha mão em torno de nós. Talvez fosse hora de substituir o Dr. Holmberg. Este lugar parecia legítimo e o equipamento era muito melhor.

— Eu não farei tal coisa. Eu respeito sua privacidade.

Interessante.



Examinei a parte de trás de sua cabeça, seus cachos negros torcidos juntos em uma trança, lançada sobre um lado de seu ombro. O contraste de seu cabelo escuro com sua tez pálida – olhos, pele, traços – tornava-a deliciosa e proibida, muito mais jovem que seus 27 anos.

— Você sabe que vou descobrir de qualquer maneira. Faça um favor a si mesma e me dê a informação agora, — sibilei, não acostumado com as pessoas me respondendo.

Outra novidade para mim, patrocinada pela improvável Aisling Fitzpatrick e sua coragem recém-descoberta.

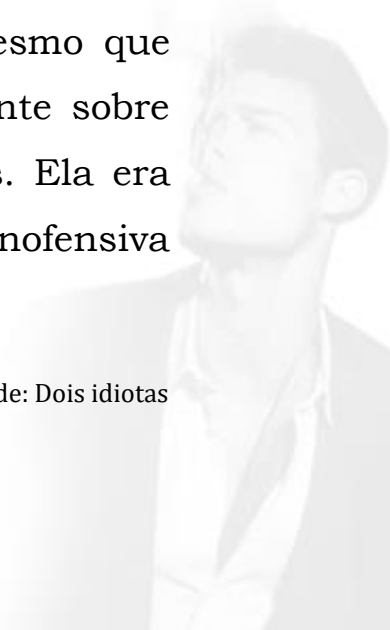
Ela se virou, uma sugestão de sorriso nos lábios.

— Eu gostaria de ver você tentar. Agora, por favor, me ajude a devolver Dumb à recepção e me traga Dumber⁴⁵. Vá em frente, agora. — Ela me dispensou com um acesso de raiva.

Nix passou a colocar o braço de Angus em um gesso improvisado, em seguida, começou a dizer-lhe como cuidar de sua lesão, falando com ele como se ela fosse uma professora e ele um colegial que acabara de cagar nas calças no meio da reunião matinal.

Enquanto eu a observava, lembrei a mim mesmo que minha necessidade de transar com ela era realmente sobre meu desejo de foder Gerald Fitzpatrick. Nada mais. Ela era uma ótima foda, com certeza, e uma garota bastante inofensiva

⁴⁵ Dumb e Dumber, em português Debi e Loide, são personagens do filme “Debi e Loide: Dois idiotas em apuros”.



que estava me perseguindo por uma década. Claro que eu queria entrar em suas calças. Que homem não gostaria?

Eu só queria arruinar outra coisa que era preciosa para Gerald.

Apenas no caso de Aisling, eu iria poupá-la. Ou irritá-la por não lhe dar o que ela queria. Eu realmente não tinha certeza de qual dos dois tinham me levado a não a tocar. Tudo que eu sabia era que tinha instintos saudáveis, e meus instintos me diziam para ficar longe dessa mulher – bem longe.

Quando ela terminou, e os dois soldados estavam esperando por mim na recepção, ela caminhou de volta para a pequena pia para outra esfregação vigorosa de suas mãos e braços, ainda me ignorando como se sua vida dependesse disso.

— O que eu devo a você? — Peguei minha carteira, arrancando um maço de dinheiro.

— Nove mil, mais suprimentos, então vamos arredondar para onze. Apenas a dinheiro. — Ela tirou uma toalha de papel do suporte, enxugando as mãos e jogando o papel em uma lata de lixo.

Eu a encarei, esperando a piada. Quando não chegou, estreitei meus olhos.

— Você está brincando comigo.



— Céus, Brennan. Sou uma mulher bem nascida. Não tenho nada que se assemelhe a um bom senso de humor. Vai contra tudo o que aprendi na escola católica, — disse Ash gravemente. — Você acha que seria menos caro se você os levasse para o hospital?

— Eu acho que se eu os levasse para o hospital, eles não teriam sido tratados na porra do porão de algum garoto de fraternidade.

Ela cutucou o lábio com um dedo enquanto considerava minhas palavras, sem se afetar. A única coisa que me lembrava que eu estava no controle da situação eram seus olhos sem fundo. Eles tinham a promessa de sempre querer o que eu tinha a oferecer.

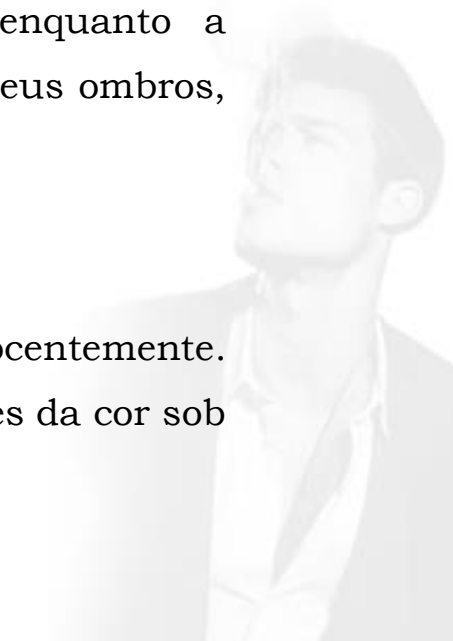
— Eles estão vivos e bem. O mesmo resultado que você obteria no hospital. Sinto muito, presumi que você tivesse esse tipo de dinheiro à mão. Gostaria que eu o informasse sobre nossas opções de pagamento, Sr. Brennan?

Ah, pequena...

Eu dei um passo à frente, comendo toda a distância entre nós de uma vez, mostrando meus dentes enquanto a encurralava com meus braços em cada lado de seus ombros, contra a parede.

— O que você está jogando, Nix?

— Nada. — Seus olhos se arregalaram inocentemente. Azul, tão terrivelmente azul, e todas as tonalidades da cor sob



o sol: oceano, céu, giz de cera, o que você quiser. — Você pediu meus serviços. Achei que você estava preparado para pagar por eles.

— Você não precisa do dinheiro. — Eu estava peito a peito com ela agora, e lá estava ele de novo, aquele leve cheiro de gengibre misturado com flores e mel que me deu um déjà vu de coisas e lugares que eu nunca tinha experimentado.

Vou fazer coisas que você nunca vai esquecer.

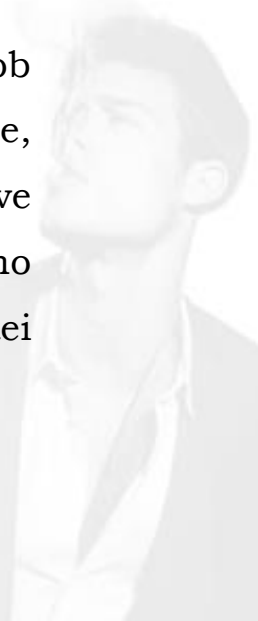
— Nem você. Então pague. Vejo você no jantar de Ação de Graças. Você pode me pagar então. — Ash alisou seu vestido, que agora estava manchado com o sangue de Becker.

Certo.

O mundo ainda girava em seu eixo, e nossas famílias continuaram a jogar bem umas com as outras, alheias à minha vingança. Além de Troy, que sabia bem nunca deixar escapar.

Os Fitzpatricks ofereceriam um jantar de Ação de Graças na próxima semana. Eu não perderia por nada neste mundo, mas pelos motivos errados, e nenhum deles tinha nada a ver com o peru recheado do cozinheiro.

— Agora, se você me der licença... — Nix se abaixou sob meu ombro, tentando escapar. Empurrei para frente, prendendo-a no lugar contra a parede. Se não fosse pelo leve tremor de seu queixo, poderia jurar que ela estava fria como um pepino. Mas aquela pequena sacudida a traiu, e aproveitei



a oportunidade para inclinar o queixo para cima, forçando-a a olhar para mim.

— Que tal um beijo? — Eu persuadi, minha palma deslizando de seu pulso até sua cintura, descendo pela curva de sua bunda firme, apertando enquanto a puxava para mais perto de mim. Não gostei da mudança de poder entre nós e queria lembrá-la de quem era o chefe. Senti suas coxas tremendo contra meus dedos esparramados, prontas e desejosas, estremeceram em mim enquanto eu a puxava para perto. Seu corpo era macio, liso, feminino. Com curvas ocultas que eu não tinha motivos para pensar sobre e fui pago para ignorar.

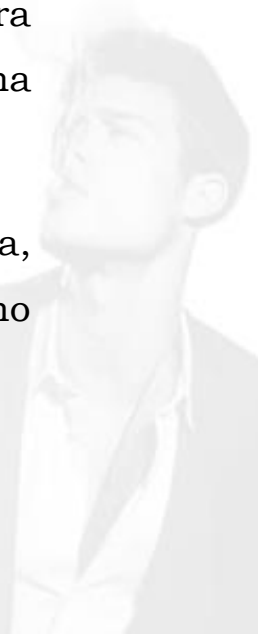
Seu calor irradiou entre nossas roupas e eu sufoquei um gemido, puxando sua trança, estendendo seu pescoço e forçando-a a olhar para mim.

— Um beijo seria uma forma de pagamento suficiente? — Murmurei, meus lábios descendo ao lado de seu pescoço.

Ela não disse nada, seu coração batendo contra o meu de forma irregular, implorando por mais.

Jogando minha cabeça para trás, bati minha boca contra a dela de forma punitiva, ressentindo-me dela por minha necessidade de prová-la – e eu mesmo por ceder à tentação.

Foi um beijo brutal, com dentes, garras e língua, destinado a humilhá-la, para lembrá-la de quem estava no controle.



Os lábios de Aisling se moldaram nos meus imediatamente, complacentes e macios. Ela gemeu suavemente, sua língua encontrando a minha, estocada por estocada, como se estivéssemos transando um com o outro, seus dedos enrolando em torno da gola da minha camisa, puxando-me para mais perto. Mordi seu lábio inferior até abri-lo, seu sangue quente e metálico escorrendo em minha boca. Ela ficou tensa, mas não interrompeu o beijo.

Quebre a porra do beijo, Aisling.

Mostre-me que sou demais para você.

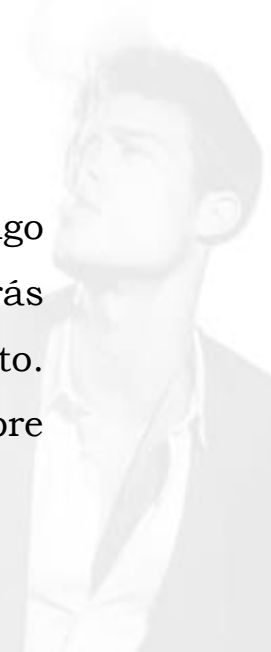
Eu chupei seu sangue, puxando todo o seu lábio em minha boca, e ela me deixou, o monstrinho que ela era.

— Você tem gosto de cinzeiro, — ela ronronou em minha boca. Como uma víbora, suas palavras gotejavam veneno enquanto ela ainda me devorava avidamente, sem me soltar.

— Talvez, mas você tem gosto de uma trepada fácil, meu sabor de mulher menos favorito. — Eu ri sombriamente, colocando mais pressão em seus lábios, beijando-a com mais força, sentindo o gosto de seu sangue e suas lágrimas e sua angústia e apreciando todas elas porque eram *minhas*.

Tão salgado ‘pra caralho’. Tão doce ‘pra’ caralho.

Eu estava duro. Tão duro que sabia que estava em perigo real de levá-la na mesa cirúrgica que ela usou minutos atrás para costurar os dois idiotas da minha folha de pagamento. Arranquei minha boca da sua, escovando meu polegar sobre



sua bochecha. Ela tropeçou para frente, perdendo o equilíbrio. Eu a deixei cair no meu peito, mas não a ajudei a se endireitar.

— Agora estamos quites. — Enfiei a carteira de volta no bolso, surpreso ao ver que, apesar de sentir suas lágrimas antes, seu rosto estava seco e calmo.

— Oh, você pensou que um beijo seria o seu pagamento em vez dos onze mil que você me deve? Oh, minhas... — ela agarrou as pérolas em seu pescoço, torcendo-as exageradamente, como sua mãe faria — ...minhas desculpas, Sr. Brennan. Não aceito favores sexuais como forma de pagamento. Essa seria a especialidade do meu pai, e duvido que ele se interesse pelo que você tem a oferecer. Eu ainda gostaria do dinheiro no Dia de Ação de Graças. Qual é o juro que seus agiotas usam? Quarenta e cinco por cento? Isso me convém. Agora, tenha um bom descanso, Sr. Brennan, e tome cuidado.



Cinco



Aisling

Os onze mil dólares estavam esperando na mesinha de cabeceira do meu quarto na manhã seguinte, empilhados bem altos e organizados, presos por uma bala dourada. Havia também um centavo bem ao lado deles e uma nota rabiscada desordenadamente em traços longos e em negrito.

Aqui. Compre algo bonito.

Isso deveria ter me apavorado.

O fato de Sam ter estado por perto – no meu *quarto* – enquanto eu dormia profundamente. Ele poderia ter cortado minha garganta se quisesse. Em vez disso, senti uma emoção incandescente percorrer minhas veias enquanto imaginava sua imponente e colossal figura lançando uma sombra sobre meu corpo adormecido, suas mãos que poderiam quebrar meus ossos como galhos tão perto da minha espinha.

Ele estava lá quando eu estava em minha camisola frágil, meu cabelo espalhado sobre o travesseiro de cetim branco,

sonhando com seu peso esmagador acima de mim, fazendo amor comigo.

Eu sabia que ele não enviaria mais ninguém. Não. Nenhum de seus soldados serviria. Ele nunca permitiria que eles chegassem perto de mim. Ele violou meu espaço, sim, mas eu sabia que havia limites entre nós. Regras não escritas que me faziam sentir segura.

Peguei a bala – fria, metálica e mais pesada do que esperava – refletindo sobre ela enquanto estava em minha mão.

Ele parou e ficou olhando? Ele repetiu o beijo que compartilhamos na clínica em sua cabeça? Quase rasgamos a boca um do outro.

Eu ainda podia sentir uma pulsação fraca contra meus lábios.

Às vezes eu suspeitava que Sam também sentia. A eletricidade selvagem zumbindo entre nós cada vez que estávamos na mesma sala. Sempre que ele olhava para mim com aqueles olhos de lua prateada enquanto eles se inclinavam, mirando em mim, observando.

Outras vezes, ele estava por perto, comendo com meu pai ou tomando uma cerveja com Devon, Cillian e Hunter, e ignorava minha existência tão completamente, de forma tão convincente que eu esqueceria que estava na sala também.

Ele era um mistério, e mistérios deveriam ser desenterrados, descobertos e revelados. Eu finalmente chamei

sua atenção – arrebatei contra sua vontade – agarrando-o com os dedos ensanguentados, e eu tinha toda a intenção de mantê-lo.

Eu lutaria com ele com unhas e dentes, ficar cara a cara com o rei do submundo apenas para que eu pudesse tê-lo. Provar a ele que sou digna de sua atenção e de seu amor.

Então fiz a única coisa que podia fazer, sabendo que teria uma semana inteira para esperar até o jantar de Ação de Graças, quando o veria novamente.

Era uma loucura e era perigoso, para não mencionar ilegal, e ainda, tão classicamente Sam, que eu não pude resistir à tentação. Mostrar a ele que eu era Nix por completo. Um monstro astuto que por acaso ficava bem em um vestido.

Na noite depois que ele colocou o dinheiro na minha mesa de cabeceira, dirigi para Badlands, encontrei a porta dos fundos para o lugar bem atrás do prédio, em um beco, e empilhei dinheiro do jogo Monopoly – 11 mil dele – e preendi com o único centavo que ele deixou para mim. Então eu o encharquei com gasolina e ateei fogo.

Eu sabia que ele nunca reconheceria a diferença. Que ele pensaria que era realmente o dinheiro que ele havia me dado, mas eu doeie esse dinheiro para a instituição de caridade de minha escolha. Algo que a Sra. B gostaria que eu fizesse.

Corri de volta para o meu carro, esquivando-me atrás da janela enquanto espiava para ver a porta traseira se abrindo



enquanto o fedor de papel queimado vazava pelas rachaduras. Sam apareceu, acompanhado por Dumb e Dumber. Dumb correu de volta ao escritório para trazer um extintor de incêndio enquanto Dumber tentava desesperadamente apagar o fogo jogando água e punhados de neve sobre ele, com o braço ainda na tipoia.

Sam apenas ficou lá e sorriu diabolicamente, assistindo o dinheiro queimar.

Ele não precisava de uma nota escrita para ler ‘foda-se’ no que eu fiz.

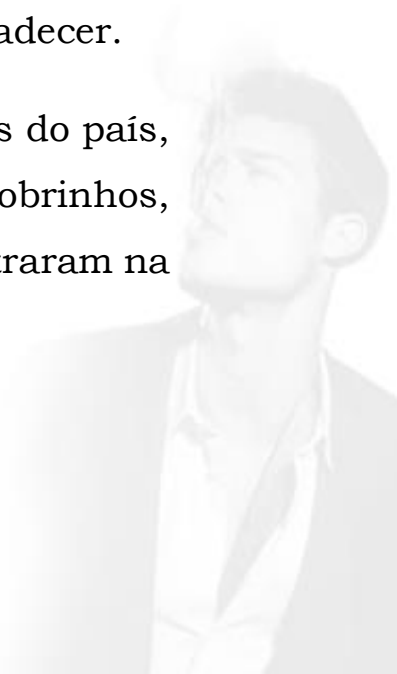
Ele sabia.



Dia de Ação de Graças no clã Fitzpatrick sempre foi grandioso.

Suspeitei que era porque tínhamos muito a agradecer.

Não apenas éramos uma das famílias mais ricas do país, mas também fomos abençoados com sobrinhas e sobrinhos, todos de bochechas rosadas, saudáveis e que mal entraram na infância.



No Dia de Ação de Graças, os mordomos se preocupavam com a longa mesa em nossa sala de jantar, reorganizando tigelas de folha de bordo feitas de ouro, abóboras, taças de champanhe e enfeites. As peças centrais estavam repletas de frutas de outono e inverno, e tudo estava enfeitado com ouro e prata. A luz de velas quente e convidativa iluminou a sala, e o cheiro de canela e massa açucarada viajou da cozinha, fazendo cócegas em minhas narinas.

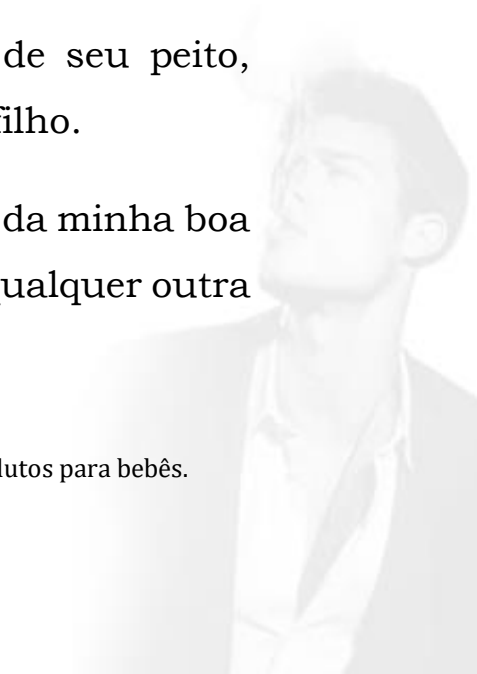
Andando de um lado para o outro com meu vestido Givenchy laranja de ombros largos – eu sabia que usá-lo agradaria mamãe, que recentemente se tornou uma grande dor para servir e mimar – parei na janela, observando meu irmão Cillian descer sua família de seu carro, uma carranca imperial em seu rosto.

Ele abriu a porta para Persephone – Persy, era como a chamávamos – colocando o pequeno Astor em um BabyBjorn⁴⁶ que ele amarrou nos ombros. Minha respiração ficou presa, e meu coração apertou ao ver meu irmão fazendo algo tão paternal, tão carinhoso, de uma maneira tão natural, apesar de seu comportamento sempre frio e indiferente.

No minuto em que Astor foi preso perto de seu peito, Cillian se inclinou e deu um beijo na cabeça do filho.

Eu percebi que estava com ciúmes. Ciúmes da minha boa amiga Persy, que merecia esta vida mais do que qualquer outra

⁴⁶ É uma empresa sueca especializada na fabricação e comercialização de produtos para bebês.



pessoa que eu conhecia – e ainda assim, eu queria o que ela conseguiu.

Não *com* quem ela tinha, obviamente, eu era louca, mas não o tipo de louca que estava bem com o incesto, mas eu queria com alguém que eu não podia ter. *Sam*.

Afastando-me da janela, fingi estar ocupada reorganizando os enfeites perfeitamente arrumados no centro da mesa.

Sam chegaria em breve e eu precisava reunir todas as forças para enfrentá-lo com a cabeça erguida e as costas retas.

— Ash? — Eu ouvi uma voz atrás de mim e me virei para encontrar Persy colocando uma mecha de seu cabelo loiro atrás da orelha. Ela estava usando um vestido de noite romântico com uma bela estampa floral, segurando um bebê Astor bem acordado em seus braços. Seus olhos azul-mármore brilharam para mim com deleite, uma mecha de cabelo chocolate cobrindo sua cabeça tenra. Ele jogou seus braços gordinhos em minha direção, e eu o peguei com um guincho emocionado, pressionando-o contra meu peito e inalando seu cheiro inebriante de bebê.

— Ei, Pers... — Esfreguei minha bochecha contra os fios sedosos de Astor, maravilhada mais uma vez com o quanto ele se parecia com seu pai — ...como você está?

— Eu estou bem. Você parecia pensativa pela janela. Razão pela qual eu ignorei a rotina usual de abraços e beijos



para ver como você estava. Sua mãe parece... preocupada. — Ela se sentou à mesa, olhando-me com curiosidade.

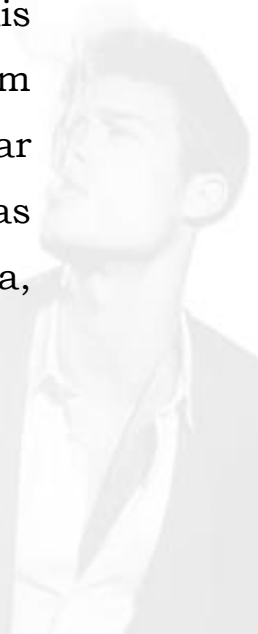
Preocupada era uma maneira muito agradável de dizer. Minha mãe estava me dando tarefas até os ossos esses dias, pedindo-me para ajudá-la com seu banho, ler seus livros e levá-la por aí porque ela não queria conversar com seu motorista habitual. Mas eu não estava com vontade de falar sobre isso.

— Onde está Cillian? — Andei pela sala com Astor, que queria alcançar e tocar tudo.

— Com Gerald em seu escritório. Eu não posso acreditar que ele fez isso com sua mãe. — Persy mordeu o interior de sua bochecha. Ela sempre foi boa e gentil, e eu sabia que ela me poupou das palavras mais contundentes que eu ouviria de Sailor e Belle.

— Eu posso. — Coloquei Astor no tapete, permitindo que ele explorasse os arredores.

— Sailor me disse que Sam pediu seu número, — Persephone continuou, examinando-me com olhos ansiosos, como se olhar para mim fosse me inspirar a derramar mais informações. *Merde*. Eu sabia que minhas amigas estavam investindo em minha busca para fazer Sam Brennan notar minha existência, mas ao mesmo tempo, eu odiava como elas me tratavam. Como se eu fosse uma garota boba e ingênua, incapaz de pegar o homem dos seus sonhos.



Eu me senti especialmente patética, considerando que Persephone era casada e feliz com meu irmão, a pegadinha do século de acordo com a People Magazine, e Sailor era casada com meu *outro* irmão, que a tratava como uma rainha. Emmabelle (que era irmã de Persephone) pode não ser casada – mas era por escolha.

Eu era a estranha. A garota condenada em luto por seu amor não correspondido.

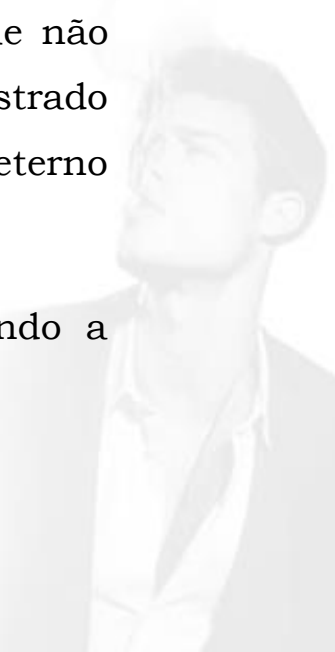
E eu definitivamente não queria que elas soubessem sobre meu relacionamento atual com Sam, o que me colocava em uma posição menos do que favorável.

— Não foi nada. — Acenei com a mão, seguindo Astor para ter certeza de que ele não esbarrasse em nada ou decidisse enfiar os dedos nas tomadas. — Ele só precisava de ajuda. Algo relacionado ao trabalho.

— Hum. — Persephone se esparramou em sua cadeira, batendo um dedo no queixo, pensativa. — Mas talvez seja um começo? Ele nunca entrou em contato com você antes, e você dificilmente é a única pessoa a quem ele poderia recorrer.

Persephone era tão romântica, qualquer coisa que não fosse Sam tentando me mutilar com um facão seria registrado em sua mente como um excelente exemplo de seu amor eterno por mim.

Eu revirei meus olhos. — Você está se agarrando a migalhas, Pers.



— Casais mais estranhos aconteceram. Olhe para o seu irmão e para mim — disse ela ansiosamente, defendendo sua posição. — Você só precisa de mais paciência enquanto o persegue.

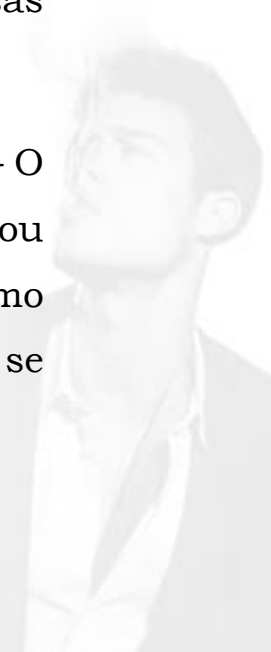
— Cillian sempre teve um tesão por você. Ele apenas escondeu como um garoto de treze anos. Sam não pode ser perseguido, — concluí, sentindo-me uma falsa, já que estava definitivamente até a cintura neste jogo de gato e rato com Sam.

Mas eu não queria azarar as coisas ou tirar conclusões precipitadas. Além disso, se nada acontecesse – o que era provável; meu plano era rebuscado – pelo menos eu não teria que lidar com mais pena das minhas amigas.

— Se seus irmãos podem ser perseguidos, Sam também pode, — Persy determinou, colocando o pé no chão. — Você deve ir atrás do que quiser.

— Mas e se eu quiser tudo o que é ruim para mim? — Eu me virei, encontrando seu olhar. — E se eu for estúpida por querer Sam Brennan? Ele é um gangster. Um assassino. Um chefe clandestino e braço direito do meu pai. Muitas coisas podem dar errado. Se elas forem em qualquer direção...

— Você acabou de descrever o amor. — Persy sorriu. — O amor é um risco. É uma tempestade que perturba sua vida ou limpa seu caminho. Às vezes, ele faz as duas coisas ao mesmo tempo. Concentre-se em pegar o cara. Todo o resto vai se encaixar.





Uma hora e meia depois, a noite estava em pleno andamento.

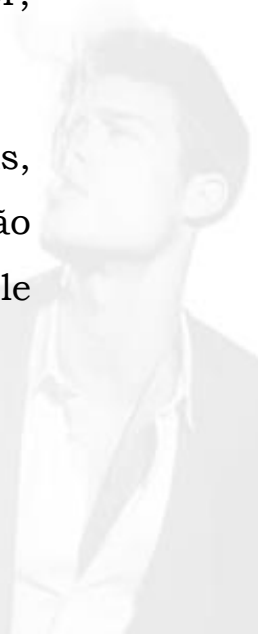
Todo mundo estava na mesa, cavando na comida deliciosa que Cook tinha feito.

Peru assado com mel, purê de batata amanteigado, pudim de pão de nozes e abóbora, maçãs douradas e recheio de salsicha saborosa.

A luz das velas dançou ao redor da sala, lançando brilhos divertidos em rostos familiares, enquanto conversas ecoavam por toda a mesa.

As babás de Sailor e Persy estavam sentadas no canto oposto da sala com as crianças – Astor, Xander e Rooney – fofocando e cuidando dos bebês. Sam sentou-se do outro lado da mesa, longe de mim, e embora pudesse sentir seus olhos em mim de vez em quando, avaliando, ousando, desafiando, fiz questão de manter conversas com minha mãe, Sailor, Persephone e Emmabelle.

Normalmente, eu tentaria falar com ele, fazer perguntas, formar algum tipo de conexão. Não agora e não hoje. Eu não era mais a garota que o perseguia. Ou então eu queria que ele pensasse.



— O conceito de Ação de Graças ainda é chocante para mim, — Devon reclamou do outro lado da mesa, ao lado de Sam, em seu sotaque inglês elegante e imperial. Ele cortou o peru em pedaços assustadoramente regulares e parecia totalmente bom para um homem que não trabalhava como modelo para viver. — A quem exatamente você está agradecendo?

Devon era o que Belle chamava de terrivelmente lindo. Todo loiro suave, cachos cor de areia torcendo-se nas orelhas e na nuca, olhos azuis penetrantes e a estrutura óssea de uma divindade.

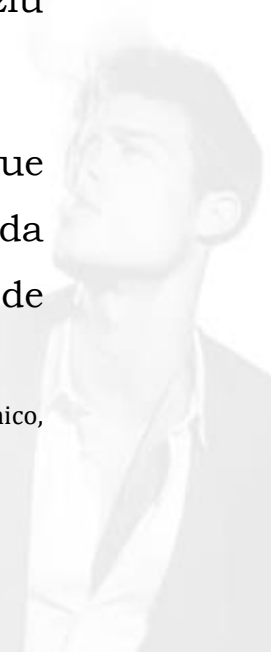
— Hum, Deus? — Hunter jogou um pedaço de batata-doce na boca, mastigando. — Você está apenas amargo porque temos coisas pelas quais ser gratos. Grandes lojas, a Primeira Emenda, comida judaica de delicatessen e, é claro, Scarlett Johansson. Pelo que você tem que ser grato?

— Footie, brown sauce e sendo geralmente intelectualmente superior aos ianques, — Devon brincou, considerando toda a comida na mesa como se fosse suspeita.

— Por footie você quer dizer futebol⁴⁷? — Meu pai franziu a testa. Ele tinha ficado bastante quieto a noite toda.

— Não, por futebol quero dizer futebol. Aquele em que você *chuta* a bola com o pé... — Devon afagou os cantos da boca desnecessariamente com um guardanapo — ...em vez de

⁴⁷ No inglês americano futebol é 'soccer' e futebol americano é 'football'. Para o inglês britânico, futebol é 'football', o que causa o mal-entendido entre os personagens.



segurá-la na mão enquanto corre, colidindo com pessoas aleatórias como um bárbaro tentando roubar a melhor donzela da vila rival.

— Continue falando mal do futebol, e a única coisa pela qual você será grato neste Dia de Ação de Graças é sair desta refeição inteiro. — Troy ofereceu um sorriso pedregoso, girando seu uísque na mão.

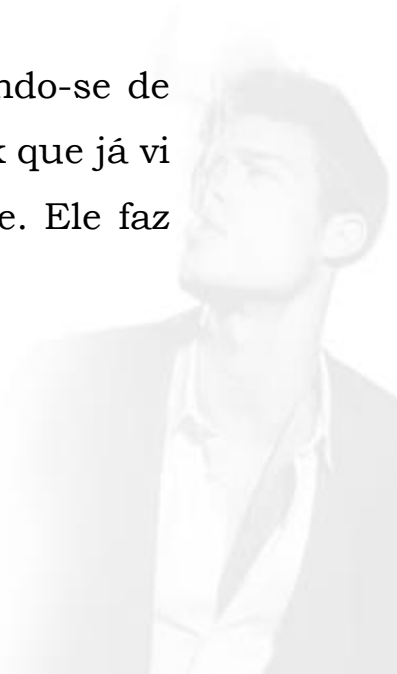
— Então, Sam, você é o último homem solteiro de pé. Você está pronto para uma rápida viagem à Sin City para jogar blackjack no cassino neste fim de semana? — Devon mudou de assunto.

— Você ainda está fazendo isso? — Sparrow disparou flechas venenosas em seu filho através de seus olhos verde-jade. — É perigoso, para não dizer imprudente. Você já está na lista negra de três hotéis.

Sam sorriu, comendo e fingindo que a conversa não girava em torno dele.

— Não estou surpreso. — Hunter riu, levando seu Bloody Mary aos lábios. — Eu quero saber para quê?

— Ganhar muito dinheiro. — Devon riu, servindo-se de outra bebida. — Sam é o melhor jogador de blackjack que já vi na minha vida. Um mago com números, na verdade. Ele faz todos os cálculos em frações de segundos.



Pensei na lição de matemática finita que ele fez para mim quando eu ainda era adolescente. Devon não estava exagerando.

— Que ótima maneira de utilizar seu talento analítico, — Cillian falou sarcasticamente.

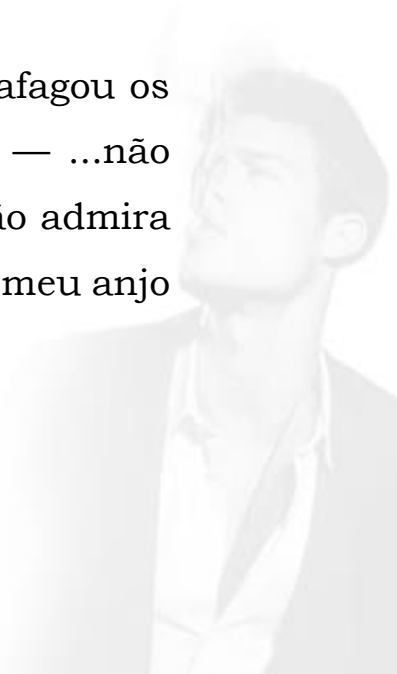
— Melhor desperdiçar um talento no lugar errado que não ter um em primeiro lugar, — Sam apontou.

— Seu principal talento é encontrar seu caminho no círculo íntimo das pessoas ricas, — Cillian rebateu, seu tom fácil. — O que você tem feito muito bem desde a infância.

— De qualquer forma, cartas em Badland esta noite, — disse Hunter. — Logo depois do jantar.

Eu queria ouvir mais sobre Sam, mas minha mãe estava desesperada para me atrair para a conversa em que estava. Ela fazia isso com frequência. Atrair-me para uma conversa fiada para salvá-la de calmarias constrangedoras. Ela dizia que achava a socialização cansativa, mas organizava eventos o tempo todo e contava comigo para falar e arrecadar fundos em seu nome.

— Tenho tanta sorte de ter Aisling... — A mãe afagou os olhos com o guardanapo, suspirando pesadamente — ...não sei o que teria feito sem ela. Ela é minha âncora. Não admira que ela trabalhe para trazer vida a este planeta. Ela é meu anjo perfeito.



— Ela com certeza é santa, senhora. — Emmabelle ergueu uma sobrancelha em minha direção, dando-me um olhar sujo. Eu sabia que Belle adoraria nada mais que eu mostrasse meu lado diabólico com um pouco mais de frequência. — *Muito* boa para ser verdade. Quase.

— No momento, ela está trabalhando dia e noite para me ajudar em um evento de caridade este mês, — minha mãe começou, e eu pude ver que o resto das minhas amigas já haviam treinado seu rosto para uma polidez estoica, sabendo que ela ia tagarelar sobre por horas.

Senti meu telefone zumbindo embaixo da mesa, no meu colo, e olhei para baixo. O número piscando na tela indicava que era da clínica. *Merde*.

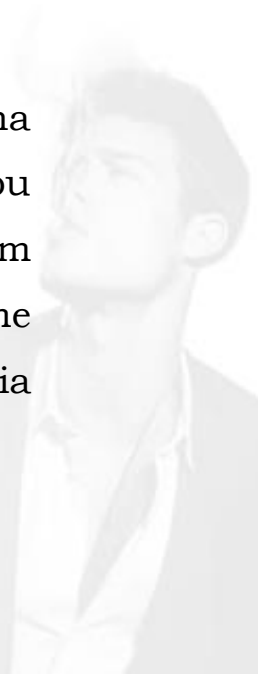
Abaixei minha cabeça, deslizei a barra para o círculo verde e respondi. — Sim?

Era a ligação que eu temia. A que eu não queria receber.

Um paciente que estava lutando muito.

— Sim. Claro. Não, não é um momento ruim. Estou a caminho. Obrigada.

Desliguei o telefone, sorrindo alegremente para todos na mesa, percebendo pela primeira vez que o telefonema chamou a atenção de todos. Os olhos de Sam pousaram em mim preguiçosamente, girando o uísque em seu copo enquanto me observava com um olhar levemente entretido que eu queria limpar de seu rosto.



A noite toda ele ficou olhando para mim como se não pudesse decidir se queria outra rodada na cama comigo ou se queria me matar. Eu gostaria que ele apenas se decidisse e me tirasse do meu sofrimento.

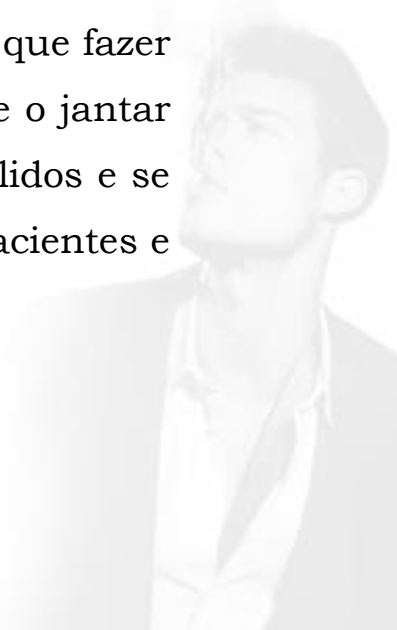
— Minhas desculpas, mas eu tenho que correr. Algo importante no trabalho. — Levantei-me abruptamente, dando um tapinha no ombro da minha mãe. A atenção de todos fez minhas orelhas esquentarem e meus dedos tremerem. — Elogios a nosso chef. Mandarei flores amanhã de manhã para cuidar dos incômodos. Obrigada a todos. Tenham uma boa noite.

Com isso, saí correndo, indo direto para o meu Prius, nem me preocupando em pegar um casaco no caminho. Fui direto para o endereço que digitei no meu telefone.

Levei uma hora para chegar ao prédio residencial em Westford. Um complexo de apartamentos recém-construído com quadra de tênis, piscina e academia coberta. Não havia segurança ou ninguém cuidando da recepção, no entanto, algo que eu havia perguntado com antecedência, só para ficar no lado seguro.

Fui até a casa do meu paciente, fiz o que tinha que fazer e saí três horas depois. Todos os pensamentos sobre o jantar de Ação de Graças que deixei para trás foram demolidos e se foram. Eu só pensava no meu trabalho, nos meus pacientes e nela.

Oui, mon cheri. Não é fácil fazer o que você faz.



Meus joelhos estavam bambos e minha respiração irregular enquanto ia para um posto de gasolina do outro lado da estrada, caminhando sobre a neve suja e meio derretida. Empurrei a porta do pequeno minimercado. Comprei uma Coca e um bolo para mim e uma bebida para o velho da caixa registradora, pela qual ele me agradeceu. Despejei-me no frio inverno de novembro em Massachusetts, pressionando a nuca contra a parede e tomando um gole de Coca.

Às vezes eu odiava o que fazia.

Na maioria das vezes, realmente.

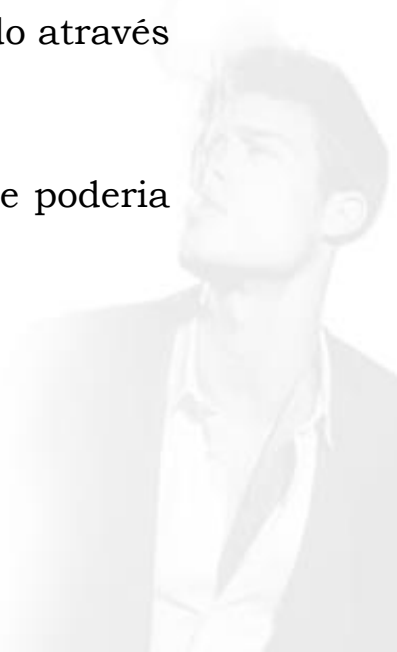
Mas então me lembrei da Sra. B e como eu falhei com ela e me convenci de que eu merecia. Minha ocupação. Minhas escolhas.

Olhando para a Coca em minha mão, ouvindo o leve assobio de efervescência vindo do líquido, de repente comecei a chorar, soluçando incontrolavelmente enquanto me arrastava para baixo ao longo da parede, agachando-me e enterrando meu rosto no meu vestido de cetim Givenchy.

— Não é justo. — Eu balancei minha cabeça, vendo as manchas pretas que meu rímel deixou no meu vestido através das lágrimas borradas. — Nada sobre isso é justo.

— Conte-me sobre isso, — um tom nervoso que poderia cortar vidro me fez levantar minha cabeça.

Sam.



Sam usava um casaco de lã, parecendo um elegante conde do século XVIII, e encostado na parede oposta àquela em que eu estava sentada, um cigarro apagado preso entre seus lindos lábios. Graças a Deus ele não fez como em Zoolander⁴⁸ e o acendeu ao lado de um posto de gasolina.

— Justo é onde você consegue algodão doce. Não tem nada a ver com a vida real. Agora, diga-me como você veio parar em Westford ao invés do Hospital Brigham, onde sua bunda deveria estar esta noite.

Ele estava me seguindo até aqui.

Mas como?

E o mais importante... *por quê?*

Porque você chamou a atenção dele, e agora ele está esperando para ver o que você fará com isso. Você queimou seu dinheiro na frente de seu estabelecimento, fez sexo anal com ele em uma peruca e uma fantasia de prostituta e operou seus soldados em uma clínica clandestina. Ele acabou de descobrir que você também é um monstro e agora quer saber a que profundidade corre a sua escuridão.

Eu rapidamente limpei as lágrimas do meu rosto, endireitando minha coluna e me levantei.

⁴⁸ Filme de comédia.



— Você não deveria estar jogando cartas com meus irmãos em Badlands agora? Ou você sente falta da famosa torta de maçã de Cook para estar aqui?

— Você não deveria estar respondendo à porra da minha pergunta? — Ele retrucou.

— A resposta não é da sua conta, — eu mordi asperamente.

— Essa velha melodia de novo. — Ele riu, olhando de lado enquanto balançava a cabeça. — Você é meu negócio. Filha do meu chefe. Eu deveria ter ficado de olho em você e seguido sua bunda mais cedo, mas não o fiz. Então aqui estamos nós. Agora vamos cortar o papo furado, vamos? Eu verifiquei todos os lugares que valem a pena verificar e examinei minhas fontes. Você não é residente do Hospital Brigham and Women's.

Merde, merde, merde.

Merde tripla com uma cereja no topo.

Ele estava atrás de mim.

— Andou me checando, Brennan? — Eu coloquei o que esperava ser um sorriso provocador no rosto. — Estou lisonjeada, mas não surpresa. Ainda assim, isso não significa nada.

— Claro que sim. Para começar, significa que você é uma mentirosa de merda. Meu traço menos favorito nas pessoas.

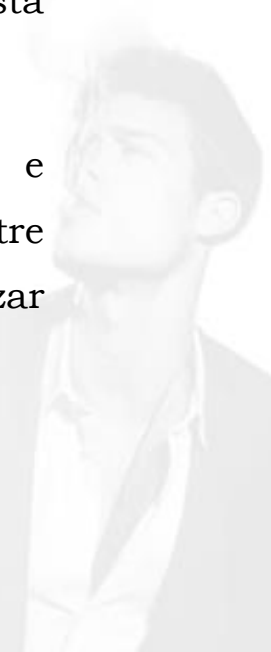


Mas então pensei comigo mesmo, talvez a mentira não seja tão grande. Talvez seja sobre prestígio. A pequena e perfeita Aisling não queria que seus pais soubessem que ela não foi aceita em um dos hospitais mais respeitados do país... — ele deu mais um passo em minha direção, suas narinas dilatadas, sua mandíbula endurecendo tão fortemente que parecia que foi esculpida em mármore — ...então fui e verifiquei *todos* os hospitais de Boston, cada um deles. Adivinha?

Eu não tinha que adivinhar. Eu sabia.

— Você não está registrada em nenhum lugar como médica. Você rejeitou todos eles. Cada oferta de merda. Nesse ponto, fiquei desconfiado. Você, pelo menos, terminou a faculdade de medicina? — Ele perguntou teatralmente, dando mais um passo, chegando mais perto de mim, apertando-me, prendendo-me contra a parede. — Então eu cheirei em torno desse ângulo, também. Você, na verdade, se formou na Harvard Medical School. Portanto, não é que você não seja médica. — Ele deu o passo final em minha direção, e agora estávamos tão perto que seu cheiro, ar e ameaça infiltraram-se em meu corpo, atingindo raízes, me conquistando. — Faça o que fizer, você está fazendo sob o radar. Que porra você está jogando, Nix?

Seu corpo estava colado ao meu, grande, forte e ameaçador. Minhas coxas apertadas juntas, o espaço entre elas vazio e necessitado. Respirei fundo, tentando estabilizar meu pulso. Eu tinha que encontrar minha voz.



— Você realmente quer saber?

Ele me olhou sem expressão. Claro que sim. Sam Brennan sabia tudo que valia a pena saber sobre todos, e despertei seu interesse.

Curvei meu dedo indicador, sinalizando para ele se inclinar para que eu pudesse sussurrar em seu ouvido. Ele obedeceu, sua carranca se aprofundando com aborrecimento. Pressionei meus lábios contra sua orelha, sentindo seu pau, duro e grosso, pressionando contra meu estômago.

— Não. É. Da. Sua. Conta, — eu respirei.

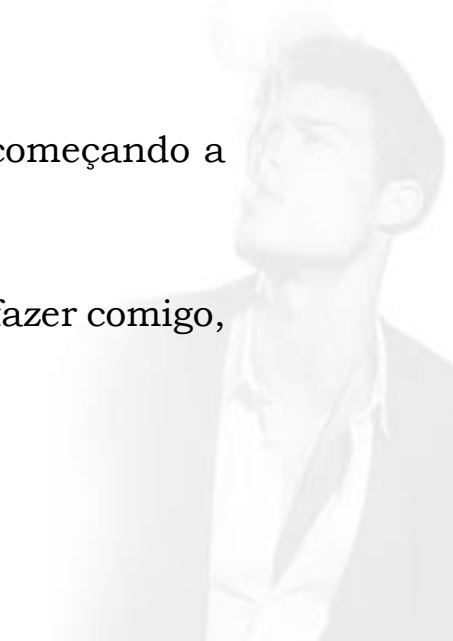
Ele recuou, seus olhos de tempestade escuros e depravados, e de repente, eu tive a sensação de que fiz uma coisa muito, muito tola provocando este homem, e eu pagaria caro por isso.

— Não brinque comigo, Aisling. Eu vou vencer. Facilmente. E eu sou um mal esportista e notoriamente injusto, assim como sua vida miserável.

Eu o encarei desafiadoramente, mantendo minha boca fechada. Meus dentes batiam. Meu corpo inteiro zumbia de energia, mas não recuei.

— Você *quer* ser humilhada? — Ele sorriu, começando a gostar do jogo.

— Não. Eu quero que você decida o que quer fazer comigo, — eu disse calmamente.



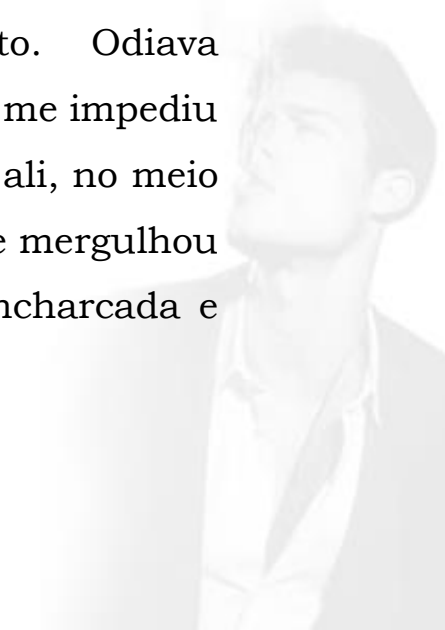
— Você tem corrido atrás de mim com a saia levantada, implorando para ser fodida desde antes de menstruar.

Ele riu, tirando um canivete suíço do bolso, passando-o pelo meu vestido e abrindo uma fenda longa e profunda no meio, bem entre minhas coxas. O vestido rasgou ruidosamente. Ele enfiou a faca de volta no bolso, mergulhando a mão e escovando o dedo ao longo da minha fenda através da minha calcinha.

— Você... você... você... — Eu ofeguei, uma mistura de raiva e desejo girando em meu estômago. Eu sabia que nada disso era saudável ou normal, mas eu ansiava tanto que respirar doía.

— Rasguei seu lindo vestido de grife? Não se preocupe. Papai vai comprar mais cem para você. A parte patética é que você não vai me negar porque você e eu sabemos que posso te foder quando eu quiser, como eu quiser, quantas vezes eu quiser. Dobrar você – a joia da coroa Fitzpatrick, Princesa Aisling de Avebury Court Manor – e enfiar meu pau tão profundamente dentro de sua bunda que você verá estrelas.

Eu virei meu rosto para longe dele, fechando meus olhos com força. Eu o odiei naquele momento. Odiava inacreditavelmente. Mas ele estava certo. Isso não me impediu de deixá-lo enfiar a mão na minha calcinha, bem ali, no meio da rua, atrás de um posto de gasolina nojento. Ele mergulhou dois dedos dentro de mim para me encontrar encharcada e



pronta para ele. Seus lábios estavam perto dos meus quando ele falou, mas eu sabia que ele não iria me beijar.

Isso não era preliminar. Era um castigo.

— O que você faz da vida, Nix?

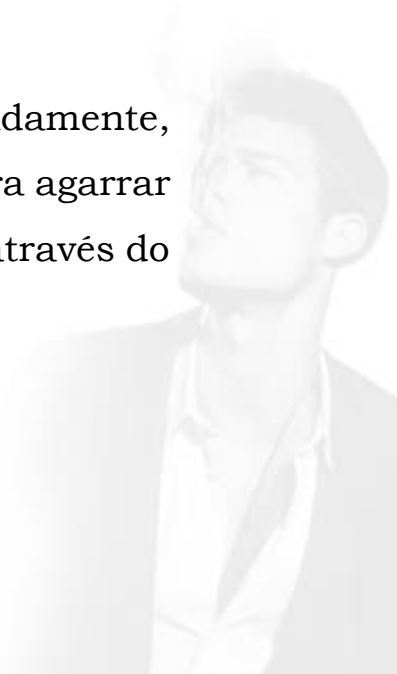
— Foda-se, — eu gaguejei, sentindo meus quadris resistirem, procurando por mais de seu toque.

— Eu não chamaria isso de trabalho de tempo integral. Eu geralmente fico entediado com minhas transas depois de algumas conexões. — Ele enfiou os dedos para dentro e para fora, empurrando profundamente, enchendo-me enquanto seu polegar esfregava meu clitóris em círculos. Minha pele estava quente e formigando. Meus joelhos se transformaram em geleia. Eu estava suspensa à beira do desastre, prestes a pular de cabeça nas chamas que ele acendeu apenas para me destruir.

Mantenha suas cartas perto do peito, mon cheri. Você mesma ouviu a mãe dele. Ele é um bom jogador de blackjack.

— Ilegais, drogas experimentais? — Ele cutucou, girando seu polegar mais rápido contra o meu clitóris.

Eu balancei minha cabeça desesperadamente, recusando-me a cooperar. Ele usou sua mão livre para agarrar minha bunda, enrolando um dedo na minha bunda através do meu vestido.



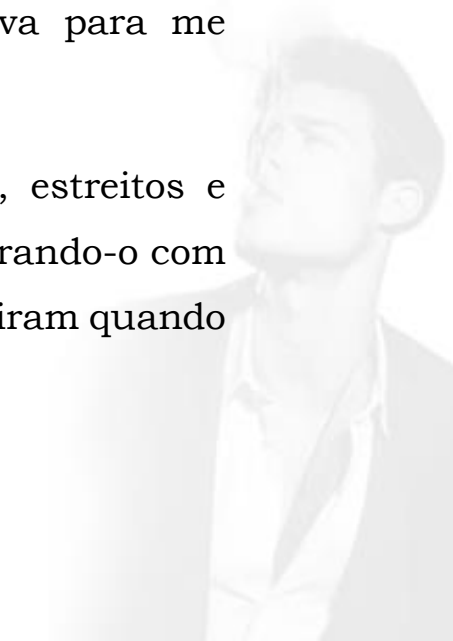
Um gemido saiu da minha boca com a intrusão inesperada, e eu me senti tão cheia que sabia que um orgasmo violento estava vindo em minha direção.

— A merda de médicos sem-fronteiras-sem-seguro, onde você trata os pobres, não está colando, querida. — Ele levantou uma sobrancelha, inclinando seu olhar para o complexo de apartamentos atrás de mim, me fodendo mais forte com seus dedos, deslizando um terceiro dedo e quase me jogando para fora da borda. — Quem mora naquele prédio não ganha vale-refeição mensal. Acredite em alguém que olhou a pobreza nos olhos. Eu odiaria explodir seu disfarce e chutar todas as portas do complexo para encontrar o idiota que você visitou e extrair seu segredo deles. Mas farei isso se for preciso. Então, pela última vez, Aisling, me diga que porra é essa que você faz.

Eu balancei minha cabeça, costurando meus lábios fechados e apertando meus olhos fechados, o clímax me lavando, fazendo todos os fios de cabelo do meu corpo se arrepiarem. Quando Sam percebeu que eu não iria responder, ele me soltou. Afastou-se de mim inesperadamente.

Eu estava tão fraca de desejo e prazer que quase caí de bunda, apoiando-me na parede enquanto lutava para me equilibrar.

Os olhos de Sam ainda estavam em mim, estreitos e cheios de fúria. Ele chupou o dedo indicador, liberando-o com um estalo, absorvendo todos os sucos que o revestiram quando ele me tocou.



— Eu estava perto, — protestei.

— Que sorte do caralho. Para obter mais informações, acesse www.avidanãoejustaejápassamosporisso.com.

— Que inferno! — Eu lancei meus braços no ar.

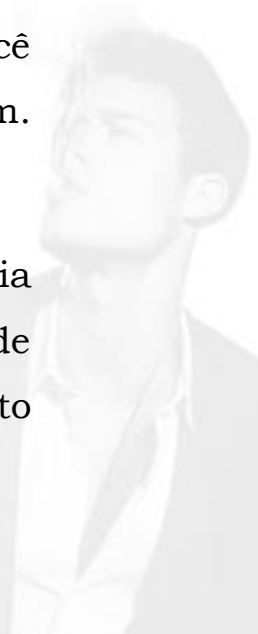
— O inferno é que você é uma porra de uma dor de cabeça e precisa aprender uma lição. Vou arrancar a verdade de você, Aisling, de uma forma ou de outra, mas até que eu faça isso, você perderá todos os privilégios de gozo. Não por minhas mãos, de qualquer maneira, e vamos admitir – seu único propósito na vida é ser fodida por mim.

Seu conhecimento do quanto eu o queria me destruiu. Eu era muito transparente, muito ingênua, muito disposta a mostrar a ele o quanto ele significava para mim ao longo dos anos. Agora ele estava usando isso contra mim e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Nada além de tentar mostrar a ele que eu era independente. Que havia mais em mim do que amá-lo.

— Por que você se importa com o que eu faço? — Reorganizei meu vestido rasgado em volta das minhas pernas o melhor que pude para me proteger do clima severo. — Você deixou perfeitamente claro que não dá a mínima para mim. Você passou uma década inteira evitando meus avanços.

Não que fossem muitos. Mas sempre que eu reunia coragem para estender a mão, ele sempre me fechava de maneira espetacular. A verdade é que eu estava com muito



medo de chatear meus pais e ir atrás de um homem que eles não queriam para mim, e Sam estava muito focado na carreira para deixar alguém como eu se tornar um problema para seu negócio.

Ele tirou as chaves do carro do bolso do casaco.

— As circunstâncias mudam, — ele cortou.

— Sim, elas mudam, — eu concordei. — Razão pela qual sugiro que você pare de presumir que sempre estarei à sua disposição. Não sou a mesma garota que você conheceu no parque, Sam. Estou crescida e não serei tratada como um brinquedo.

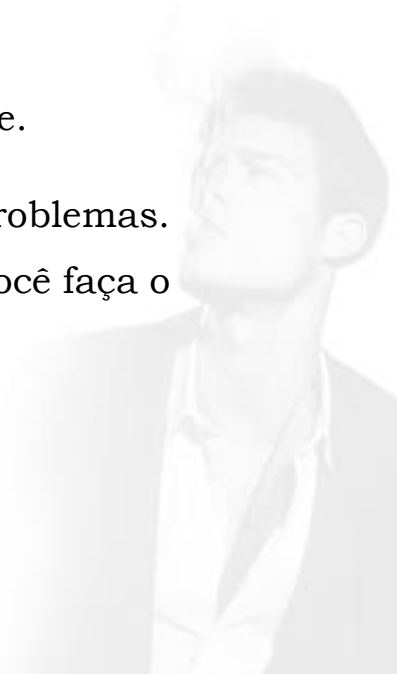
Ele se inclinou em minha direção, sorrindo provocadoramente. — Quer apostar?

— Como vamos acertar a aposta? Em sua sala de jogos em Badlands? — Arqueei uma sobrancelha, uma parte infantil de mim desesperada para que ele soubesse que eu sabia como ele dirigia seu negócio.

— Não. Você não é permitida em Badlands, — ele me lembrou em um tom fulminante.

— Mas Sailor e Persy são. — Eu ri amargamente.

— Sailor e Persy não estão procurando por problemas. Elas ficam em casa com seus bebês. Eu sugiro que você faça o mesmo.



— Eu não tenho bebês, — eu apontei o óbvio. — Oh, e não é o século XIX.

— Você pode ser irritante, mas tenho certeza de que encontrará um idiota disposto a engravidar você.

— E quanto à Belle? Como é que ela é permitida em Badlands? Ela procura problemas o tempo todo. Muito mais do que eu.

— Belle está danificada e também não é da minha conta. Se você acabar pegando gonorreia no banheiro de Badlands, sua família virá chorar para mim.

— Você é um porco machista.

— E você ainda está interessada. O que isso diz sobre você, Ruth Bader Ginsburg, Jr⁴⁹.?

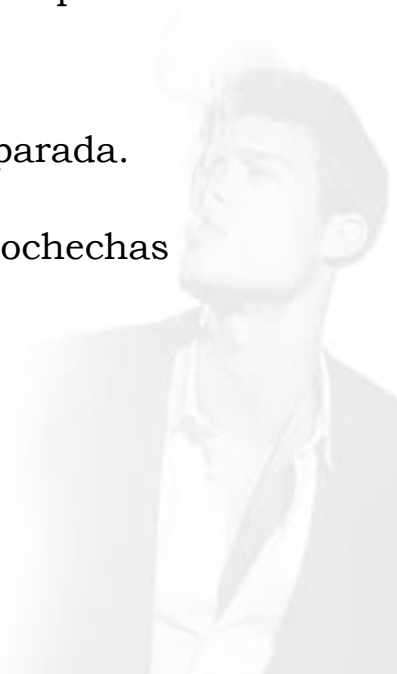
Eu ia dizer algo sarcástico, mas, aparentemente, Sam havia terminado com a troca. Rapidamente, ele se virou e caminhou até seu carro, que estava estacionado bem atrás de mim.

— Segure esses pequenos segredos seus, Nix. Porque eu vou me divertir muito para desvendá-los.

Ele deslizou para dentro do carro e saiu em disparada.

Deixando-me com um centro latejante, bochechas molhadas e uma cabeça confusa.

⁴⁹ Foi uma advogada feminista e juíza da Suprema Corte dos Estados Unidos.





Eu sabia que algo estava errado assim que estacionei o carro perto da fonte na minha porta da frente. Avebury Court Manor era como um corpo. Ela tinha ossos, um coração e uma alma. Eu podia reconhecer seu pulso a quilômetros de distância, e algo parecia diferente. Errático.

Todas as luzes da casa estavam acesas, a equipe, que já deveria ter sumido, corria para frente e para trás junto à janela como bonecos de sombras. Havia uma comoção. Os carros dos meus irmãos também ainda estavam estacionados na entrada. Eles deveriam estar em casa agora.

Algo aconteceu.

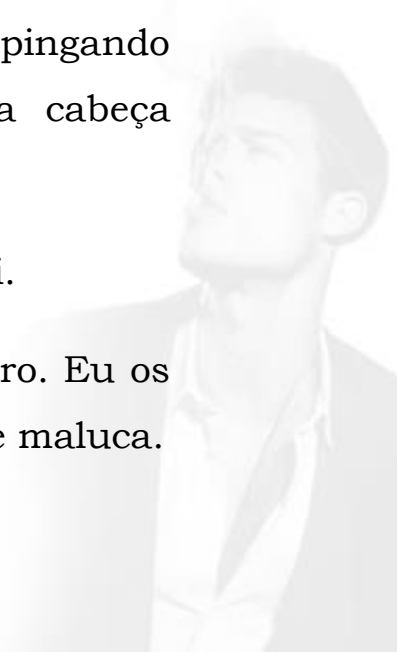
Correndo para fora do carro, agarrei minhas chaves com força.

Por favor, esteja bem, mãe.

Assim que abri a porta, Cillian e Hunter saíram dela, cada um segurando Da de cada lado. Meu pai, verde e pingando suor, estava relaxado e indiferente entre eles, a cabeça pendurada no pescoço como um pêndulo.

— Para onde vocês o estão levando? — Eu gritei.

Cillian passou por mim, em direção ao seu carro. Eu os segui, minhas pernas ainda trêmulas da minha noite maluca.



— Disney World, — meu irmão mais velho falou lentamente, mal-humorado. — Onde você acha? O hospital.

— O hospital! — Eu ecoei, minha boca ficando seca. — Por quê? O que aconteceu? Onde está mamãe?

— Mamãe está se escondendo em seu quarto chorando sobre como Da roubou o show, sendo uma adulta de verdade sobre isso, como de costume, — Hunter me contou, sua voz brincalhona como sempre, mesmo quando suas palavras eram quentes e raivosas.

— Quanto a *Athair*, ele está vomitando sem parar desde que você saiu, está com diarreia, boca seca, erupção na pele, dificuldade para respirar e desmaiou duas vezes desde a sobremesa.

Cillian afivelou meu pai dentro de seu Aston Martin. — Como você diagnosticaria isso, doutora?

— Bem, eu preciso fazer mais testes, é claro, mas à primeira vista eu diria que ele foi envenenado.

— Ding, ding, ding, — Hunter me parabenizou. — Quando Da terminou sua xícara de café, ele começou a desabar em cima da mesa como uma pilha de cartas.

Todo o ar deixou meus pulmões de uma vez.

— Eu vou com vocês.

— Você acabou de voltar do hospital, — apontou Hunter.



Meu rosto se encheu de calor e vergonha, e enrolei meu casaco longo em volta de mim para evitar que meus irmãos vissem o rasgo gigante em meu vestido. Eles pensam que eu estava em Brigham também. Porque eu menti para eles. Para todos eles. Cada membro da minha família e o pequeno círculo de meus amigos.

— Não é problema.

— Sua escolha, — Cillian cortou. — Hunter, deixe-a sentar no banco do passageiro. Vamos, Ash. Vamos de carro. Não queremos as manchetes que uma ambulância criaria.

— Para sempre os Fitzpatricks. — Hunter tocou a testa com uma saudação simulada, acomodando-se ao lado de Da.

Eu me enfiei no assento ao lado de Cillian.

— Tem certeza de que você está bem em deixar seu bebê para trás? — Hunt perguntou do banco de trás, apontando com o queixo em direção à mansão. Ele se referia à nossa mãe.

— *Não comece.*

— Nenhuma crítica. — Hunter ergueu as palmas das mãos no ar defensivamente. — Tudo o que estou dizendo é que ela provavelmente está excluindo todos nós de seu testamento, porque estamos levando Da para o hospital em vez de dizer a ela como ela é bonita, depois que ela o envenenou.



Hunter só sabia a metade. Os problemas de Jane Fitzpatrick eram muito piores do que ser egocêntrica e propensa a mudanças drásticas de humor.

Athair não respondeu durante todo o caminho até o pronto-socorro. Assim que entramos, descobri quem era o médico designado para cuidar de Da, chamei-o de lado e expliquei que era uma colega médica, retransmitindo a noite para dar-lhe o quadro completo, omitindo a parte do envenenamento para evitar vazamento para a mídia.

Nós três, irmãos, passamos a noite dormindo ao lado da cama de papai, aninhados como quando éramos crianças. Os resultados dos exames de sangue e urina voltaram na manhã seguinte.

Parecia que meu pai havia tomado uma quantidade enorme de varfarina, um anticoagulante e também um ingrediente ativo em muitos venenos para ratos. Um medicamento que pode facilmente causar a morte se ingerido em certa quantidade.

Meu pai foi envenenado por um profissional que sabia o que estava fazendo.

Não o suficiente para matar, mas definitivamente o suficiente para entregar uma mensagem.

O estranho era que ninguém na mesa tinha qualquer motivo para matar Da.

Ninguém além de mamãe.





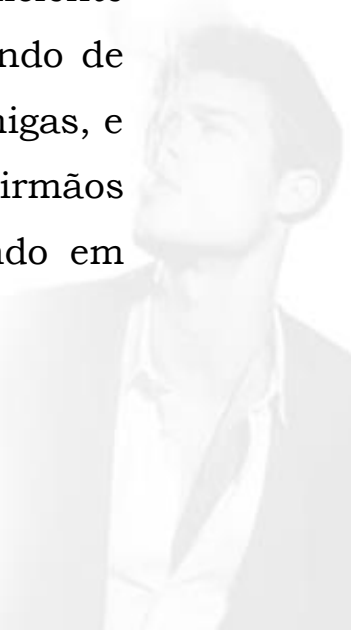
— Não é a mamãe. — Balancei minha cabeça, de pé no escritório da casa de Cillian mais tarde naquele dia, olhando pela janela enquanto mais neve caía e cobria o jardim de rosas e arbustos aparados, pintando tudo de branco. — Não é.

— Oh, vamos, Ash. No mínimo, é uma opção que vale a pena considerar. Eles têm estado na garganta um do outro desde que me lembro. — Hunter massageou meus ombros por trás, ainda em seu terno da noite anterior.

Chegamos aqui direto do hospital, assim que a secretária do meu pai assumiu e chegou lá.

Eu me virei, batendo em sua mão. — Não, Hunt. Ela é incapaz de machucar uma mosca.

Isso não era totalmente verdade. A única pessoa que minha mãe era capaz de machucar era ela mesma, e ela fazia isso frequentemente, mas eu não queria que Hunter e Cillian soubessem sobre esse lado dela. Eles já tinham o suficiente para cuidar, administrando a Royal Pipelines e cuidando de suas famílias. Suas esposas eram minhas melhores amigas, e eu não queria monopolizar a atenção dos meus irmãos arrastando-os para os problemas que estávamos tendo em Avebury Court Manor.



— Ela também é a única pessoa na mesa com tesão de ver Gerald devolver seu equipamento ao Todo-Poderoso, — Cillian apontou, sentando-se em sua cadeira de couro macia e acendendo um charuto, as pernas apoiadas em sua mesa com os tornozelos cruzados.

Algo sobre meu irmão mais velho rejeitava a vulnerabilidade, então aprendi como me tornar robótica eficiente na frente dele desde muito jovem. Eu não me permitia mostrar muita emoção. Não pela primeira vez, peguei-me invejando Persy e Astor. A maneira como ele olhava para eles com tanta adoração, como se ainda estivesse faminto por algo que já tinha.

Eu me perguntei se algum dia experimentaria o que minhas amigas tiveram. O tipo de amor que muda as pessoas por dentro.

— Vamos fazer uma lista! — Eu propus, estalando os dedos, lembrando-me de como Sam planejava enfrentar o escândalo sexual do meu pai. — De quem estava lá. Então, podemos examiná-la e cavar mais fundo.

— Tudo bem, Sherlock. — Hunter estava sentado no sofá perto da janela com vista para o jardim de Cillian. — Vamos ver, havia Xander, Rooney e Astor, todos com menos de três anos de idade...

— Astor está na fase de dentição. Ele pode ser uma coisinha malvada quando tem dentes nascendo — Cillian



apontou sarcasticamente, fazendo Hunter rir e eu revirar os olhos.

— Rooney também é má. Mas ela costuma fazer xixi no tapete quando quer se vingar de nós. Então havia Sailor e eu, — Hunter disse. — Nenhum de nós tem rixa com Da. E você, Ash, também não tem um motivo.

— Persephone e eu estamos fora de questão. Minha esposa não machucaria uma mosca se tentasse, e eu já tenho tudo que sempre precisei de Gerald, — Cillian continuou. — E então há Emmabelle. Uma desculpa desagradável para um ser humano, claro, mas eu não chegaria a chamá-la de assassina.

— Quem fez isso não tentou matá-lo. Eles tentaram assustá-lo, — eu apontei. — Mas eu concordo, Emmabelle não tem nenhuma conexão com Da. E quanto a Troy? Sparrow?

— Pelo que eu sei, Troy e Sparrow não têm negócios com *Athair*. Não há razão para querer ameaçá-lo. — Hunter balançou a cabeça.

— Devon? — Eu me perguntei em voz alta.

Cillian de alguma forma conseguiu olhar para mim, mesmo estando sentado. — Sem motivo.

— Verdade, mas ele não é da família.

— Nem Sam. — Cillian deu uma baforada em seu charuto.



— Acho que devemos ficar de olho nele também, — eu disse honestamente, algo arranhando meu estômago quando pensei em colocá-lo em problemas.

Hunter saltou de pé. — Ei, ei, ei, ficar de olho como...? Estávamos brincando, mas... ele é meu cunhado.

— Ele também é o homem mais corrupto que já existiu nesta terra. — Cillian soprou anéis de fumaça no ar. — Eu cuido dele. Farejar ao redor. Ver o que ele está fazendo.

— Não... — Eu me virei para encarar meus dois irmãos — ...eu farei isso. Ele não vai suspeitar de mim.

— *Eu* suspeito de você. — Os olhos de Hunter brilharam em alarme. — Sem ofensa, mana, mas até Rooney sabe que tia Ash está *apaixonada* pelo Tio Sam⁵⁰. E não quero dizer que você seja patriota em relação aos Estados Unidos da América.

— Mas veja, isso é o que torna tão perfeito, — eu disse desesperadamente. — Ele nunca vai me ver como uma ameaça ou pensar que eu poderia machucá-lo.

— Eu não o quero perto de você, — Cillian sibilou.

— Bem, azar, irmãozão. Eu tenho vinte e sete anos. Você não pode me proteger para sempre.

⁵⁰ Uncle Sam (Tio Sam) é um símbolo nacionalista dos Estados Unidos da América.



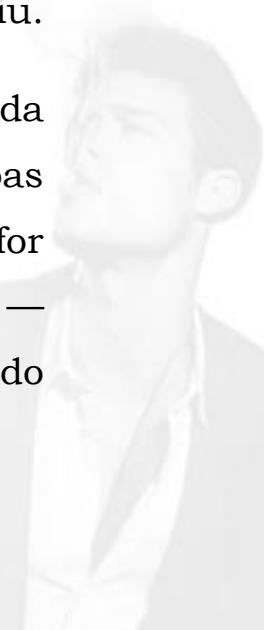
— Quer apostar? — Hunter sorriu. Eu olhei para ele. Cillian suspirou. Todos nós queríamos encerrar isso e continuar nossos dias.

— Ótimo. Ash, você pode farejar ao redor de Sam. Apenas lembre-se que é desaprovado fazer sexo com seu alvo, — Cillian cortou. — Vou verificar o ângulo de Devon.

— E eu vou orar por ambas as almas. — Hunter fez o sinal da cruz, revirando os olhos. — Porque vocês dois são idiotas que assistem *CSI* demais. É a Jane. Ela queria se vingar de Da por enfiar o pau no buraco errado e as coisas ficaram um pouco fora de controle. Não foi a primeira vez que ela fez algo drástico e teve um ataque. Lembra quando ele a presenteou com o jardim de borboletas depois que ela descobriu que ele estava transando com sua própria irmã? Não que eu alguma vez tenha gostado dessa tia em particular, mas ela jogou a coleção Rolex dele no processador de alimentos e colocou no máximo.

Tínhamos um jardim de borboletas em nossa casa, construído por meu pai para mostrar à Jane Fitzpatrick seu amor eterno por ela. Um amor que veio com o preço de \$ 670.000 em relógios vintage de luxo dos quais ele se despediu.

— Obrigado pela pequena viagem pela estrada da memória para me lembrar que sou o filho de duas das pessoas mais nojentas que já agraciaram o planeta. Agora, se isso for tudo, eu gostaria de voltar a administrar minha empresa. — Cillian apagou o charuto, levantando-se e caminhando



rapidamente em direção à janela onde eu estava. — Que vença o melhor, Aisling. Você acha que é Sam, Hunter acha que é a mamãe e eu acho que Gerald tem passado muito tempo no armário de remédios e deu uma escorregada.

Mas não foi acidental. Eu sabia.

Porque *Athair* nunca cometeria tal erro. Ele se amava demais para uma overdose. Como alguém que vive sob o mesmo teto que ele, eu sabia que ele era cuidadoso com seus medicamentos prescritos.

Isso foi intencional.

Todos os homens à mesa eram astutos, espertos e capazes, mas apenas um deles havia assassinado alguém antes, pelo que eu sabia, e iria a tais extremos com tanta facilidade.

Sam.



Seis



Sam

Gerald Fitzpatrick estava uma bagunça.

Tudo nele gritava depressão. Ele perdeu peso, muito – pelo menos dezoito quilos – tinha olheiras ao redor dos olhos e parecia que não dormia ou tomava banho há dias.

Ele era um homem morto caminhando, e eu saboreei cada momento de observá-lo assim.

— A aquisição hostil da FMK Petroleum está bem encaminhada. — Cillian andava de um lado para o outro no escritório de Gerald, as mãos atrás das costas. — Só precisamos finalizar as entrelinhas.

A FMK Petroleum estava comprando os campos de petróleo que a Royal Pipelines estava de olho há meses. Os Fitzpatricks eram o tipo de pessoa que esmagava qualquer competição antes que ela se tornasse uma ameaça. O monopólio era o jogo preferido dos Fitzpatrick, sem dúvida.



Eu sabia que havia parlamentares que queriam que Gerald e seus filhos caíssem em chamas por estabelecer o ritmo e as regras para a indústria do petróleo. Especialmente o pessoal do Texas. Ninguém odiava os Fitzpatricks mais do que os texanos.

Os irlandeses, estrangeiros da New England que assumiram o controle da indústria.

— Samuel, você está pronto para ir? — Gerald perguntou.

Eu balancei a cabeça secamente.

— O CEO deles não dirá não ao negócio. Desenterrei muita sujeira sobre ele. Quando eu terminar, ele ficará feliz em vender suas ações por uma porra de filiação na Costco⁵¹.

— Esse é o meu garoto. — Gerald sorriu fracamente.

Foda-se, velho.

A pontada de raiva que eu sentia cada vez que ele me chamava de “meu garoto” era o suficiente para me fazer explodir.

— Em termos de papelada, fizemos nossa devida diligência, — acrescentou Devon, que estava sentado ao lado de Hunter. — Tudo o que resta é esperar que o CEO tenha influência sobre os acionistas.

⁵¹ É uma empresa de varejo americana.



Conversamos sobre negócios por mais alguns minutos antes de todos se despedirem, apertarem as mãos e saírem da sala. Todos eles, exceto Gerald e eu.

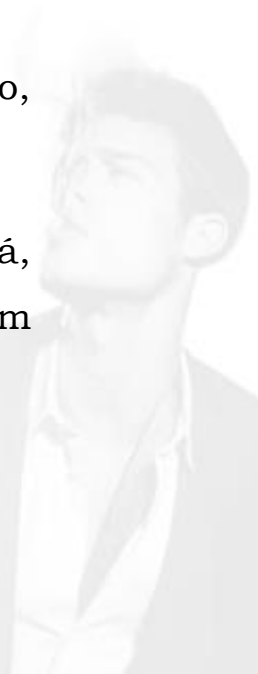
Esperei até que a porta da frente do escritório de Gerald fosse fechada e a barra estivesse limpa – tão limpa quanto poderia estar. Nix tinha me escutado uma vez nesta casa, e eu não confiava que ela não faria isso de novo. Inferno, eu não confio nela nem com uma porra de uma máquina de café expresso. Ela era uma aliada e uma adversária, dependendo do dia. Suspeitei que ela nem estava em casa. Eu não vi seu Prius quando estacionei. Era provável que ela tivesse um turno de qualquer porra que fazia para viver – uma nota para si mesmo: descubra e atormente-a com isso.

A memória dos meus dedos dentro dela me assombrava. Fazia alguns dias e eu não conseguia nem me enterrar em outro buraco quente, porque toda vez que eu ia a Badlands para procurar por um, todas as outras mulheres nas proximidades ficavam aquêm em comparação.

Pelo menos nenhuma delas mexeu com nada abaixo da cintura.

— Oh, Sam... — Gerald esfregou o rosto cansado, folheando seus livros.

— Esse é o ponto em que devo perguntar como você está, certo, Gerry? — Sentei-me em frente a ele, acendendo um cigarro.



— Exato. — Seu queixo estremeceu. — E a resposta é terrível. Estou fora de mim. Saí do meu quarto conjugal.

— Ah, a velha casinha de cachorro, — eu disse secamente, incapaz de desperdiçar um grama de pena pelo homem.

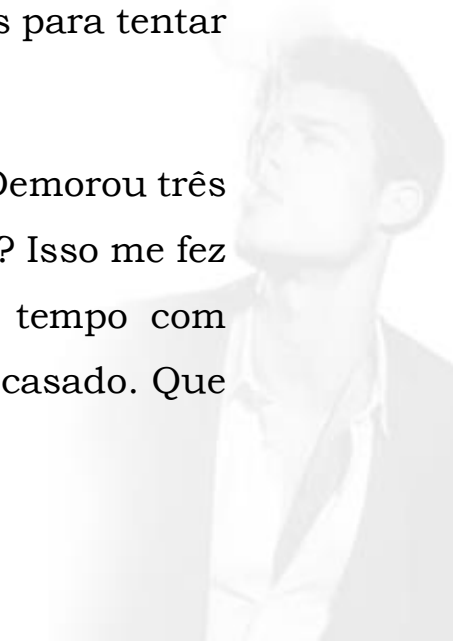
— A casa do cachorro é melhor que dividir a cama com uma cadela. Eu não quero estar perto dela. Ela quase me matou, Sam. E a pior parte é que ela ainda está negando. Tentar me envenenar. Mulher maldita.

O fato de todos suspeitarem de que Jane Fitzpatrick foi a pessoa que envenenou Gerald era uma novidade para mim, uma bem-vinda mesmo assim. Eu queria brincar com o homem, mexer com sua psique.

— Você já fez a lista? — Eu investiguei. — Quanto mais rápido chegarmos ao fundo disso, mais rápido podemos seguir em frente.

Eu estava me referindo à lista de amantes que ele manteve ao longo dos anos. Insisti que ele confessasse cada uma delas. Para fins de pesquisa, é *claro*. — O ciúme e o desespero por dinheiro são aspectos fundamentais para tentar mexer com alguém, — expliquei.

— Eu fiz. — Gerald inchou as bochechas. — Demorou três noites. Fazer isso me fez perceber algo, sabe, filho? Isso me fez ver que tenho passado a maior parte do meu tempo com mulheres, mas nada com a mulher com quem fui casado. Que



situação tão triste. Ironicamente, não vou dar mais atenção a Jane agora, depois do que ela me fez passar.

— Dê-me a lista. — Ignorei seu pequeno discurso. Eu não estava com humor para a porra de sua palestra TED⁵². Se ele precisasse sentar e escrever os nomes de todas as mulheres com quem dormiu enquanto era casado para descobrir que seu casamento era uma farsa, ele tinha o QI da temperatura ambiente.

Relutantemente, Gerald abriu a gaveta de sua escrivaninha, lançando-me olhares cautelosos. Ele agarrou os papéis – todas as fodidas *três* folhas – em seu peito como uma donzela protegendo sua virtude.

— Haverá alguns nomes que você pode reconhecer na lista. Espero que tudo nesta sala seja confidencial.

— Claro, — cuspi. Eu era um profissional, sim, mas esse homem fodeu minha mãe. Então matou meu irmão dentro dela. Então a convenceu a me deixar.

Eu era profissional, mas não um idiota.

Ele arrastou a lista sobre a mesa e eu a agarrei, meus olhos vagando, procurando o nome que estava esperando para ver.

⁵² TED é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias.



Eu reconheci algumas das mulheres. Uma âncora de notícias, uma congressista, a esposa do ex-secretário de Estado e filha de uma lenda do beisebol.

Mas não vi o nome de Catalina Greystone.

Folhee novamente. E de novo. E de novo, porra.

Mesmo assim. Nada.

Levantei os olhos das páginas, examinando-o silenciosamente enquanto meu sangue zumbia. A raiva era um tempero potente. Muito disso entorpecia seus sentidos. Mas eu não pude deixar de me sentir irracionalmente irritado. Por que ele não colocou o nome dela lá? Ah, mas eu já sabia. Ele deve estar a par do fato de que ela morreu não muito tempo atrás e percebeu que ela não poderia estar por trás do vazamento de escândalo sexual e do envenenamento, já que era um pouco difícil assombrar um homem quando você estava quase dois metros abaixo da superfície.

A verdade era que Catalina não representava nenhuma ameaça para ele agora, e eu não tinha nenhuma razão para questioná-lo sem revelar que sabia sobre ele. Se eu queria uma confissão dele, precisava melhorar meu jogo.

Dobrei as páginas e me levantei, sorrindo.

— Vou dar uma olhada.

— Avise-me se algo aparecer. — Ele esfregou a testa, parecendo uma versão menos viva de um atropelado. — Eu só

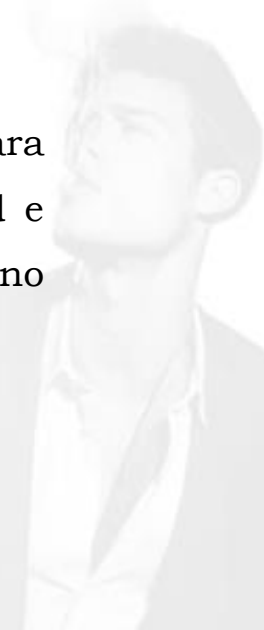


quero que esse pesadelo acabe. Coloquei câmeras extras pela casa para ter certeza de que estou protegido. Quero acreditar que não é Jane, mas com nossa história... — Ele balançou a cabeça, dando um suspiro.

Saindo de seu escritório, perguntei-me por que diabos estava tão investido em fazer da vida de Gerald um inferno. Eu não me importava nem um pouco com Cat. Claro, Gerald me injustiçou em um nível fundamental, talvez até matou meu meio-irmão, mas ele realmente fez algo para tirar minha vida do curso de uma forma negativa? Se alguma coisa, eu deveria agradecer minhas estrelas da sorte que Cat me deixou com os Brennans quando ela o fez. Quem sabe onde eu estaria se ela ficasse por perto para me “cuidar”.

Pela primeira vez, enquanto passeava pelos pisos de mármore brilhante de Avebury Court Manor em meu caminho para fora, eu me perguntei se talvez houvesse outra razão pela qual eu gostava tanto de odiar Gerald. Talvez a desculpa para odiar os Fitzpatricks e tudo o que eles representavam fosse tentação demais. Ou talvez eu sempre quis foder Cillian e Hunter – esses dois rapazes, que tinham tudo entregue a eles em uma bandeja de prata desde o momento em que foram empurrados para este mundo.

Parei na porta, balancei a cabeça, virei e voltei para dentro de casa. Subi as escadas para o quarto de Gerald e Jane. Jane estava em sua cama, dormindo profundamente no meio do dia. E por adormecida quero dizer nocauteada.



Entrei em seu closet, tirei um alfinete do bolso, destranquei sua caixa de joias e fui direto para o prêmio. A coisa que eu sabia que Gerald mais valorizava.

As abotoaduras Fitzpatrick que ele herdou de seu pai. Fitzpatricks de sétima geração, feitos de ouro e gravados na Irlanda, onde a família não tinha nada em seu nome além dessas abotoaduras.

Sua preciosa herança. As abotoaduras que ele se recusou a doar para um museu local em Boston, ele as amava tanto. Eu as coloquei no bolso, sorrindo.

— *Coloquei câmeras extras pela casa para ter certeza de que estou protegido.*

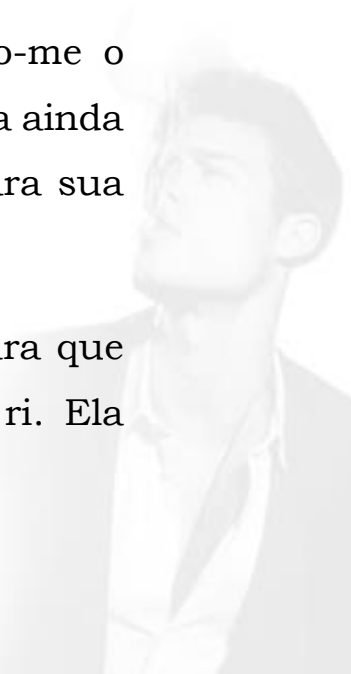
Agora ele tinha certeza de que o traidor estava dentro.

Na saída, vi Aisling estacionando seu modesto Prius azul perto da fonte. Flocos de neve se acumulavam em sua cabeça como uma coroa.

Eu poderia facilmente evitá-la entrando no meu Porsche e dirigindo, mas onde estaria a diversão nisso?

Ela saiu do carro vestindo uniforme, mostrando-me o dedo do meio em um movimento fluido, de alguma forma ainda conseguindo parecer graciosa enquanto caminhava para sua casa.

— Bonito uniforme. Pena que você só colocou para que sua família comprasse a história do hospital. — Eu ri. Ela



congelou por um nanossegundo antes de retomar sua caminhada até a porta da frente.

Posso não saber todos os detalhes de seu segredo, mas sabia o suficiente para ser capaz de tornar sua vida muito miserável.

Sem surpresa, fiz questão de não querer coisas que não me queriam. Foi um dado adquirido, considerando minha experiência de vida e história. E Aisling pode ter me desejado, mas sua família iria nos manter separados a qualquer custo. Não que isso fosse ajudá-los se eu, de fato, quisesse Aisling. Mas, por acaso, rejeitei coisas e pessoas que pensavam que eram boas demais para mim.

— Tenha uma boa noite, Srta. Fitzpatrick. — Tirei um chapéu imaginário em sua direção.

— Queime no inferno, Brennan.

— Se Deus existe, esse é definitivamente o plano Dele para mim. — Abaixei minha cabeça, entrando no meu carro.

— Oh, Deus existe, e acredite em mim, quando Ele colocar as mãos em você, estarei esperando com pipoca.



— Tio Tham! Posso subir em você?

Rooney, filha de Sailor e Hunter, nem com três anos, abriu a porta da casa de Troy e Sparrow, atirando-se em mim como um míssil. Ela envolveu seus braços rechonchudos em volta da minha perna, em seguida, começou a rastejar seu caminho até meu torso como um mini soldado, até que eu a peguei, colocando-a sob um braço e segurando-a como se ela fosse um capacete. Eu valsei dentro da casa onde passei minha adolescência, beijando Sailor na bochecha e depois Sparrow.

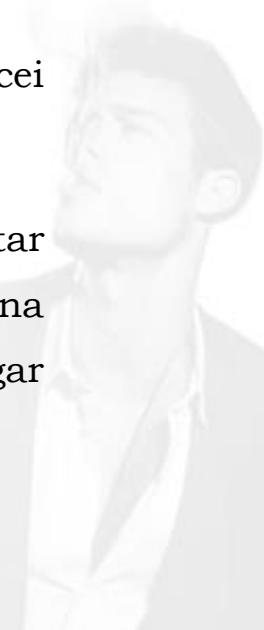
— Eu quero montar você. — Rooney deu uma risadinha, ainda debaixo do meu braço enquanto eu trocava gentilezas com minha mãe adotiva e minha irmã. — Por favor.

— Depois do jantar, Roon Loon, — eu disse, bagunçando sua juba de cabelo ruivo emaranhado. Ela parecia exatamente como Sailor, que parecia exatamente como Sparrow. Três gerações de demônios banshees. Troy bateu no meu ombro e Hunter me entregou uma cerveja, que peguei com a mão livre.

— Tia Emmabelle disse que todas as garotas do seu clube montam em você, — Rooney continuou debaixo do meu bíceps, piscando para mim maravilhada.

— Tia Emmabelle deveria ter a boca costurada. — Lancei à Sailor um olhar ameaçador.

— Eu pensei que era a única garota que pode montar você. — Rooney se desvencilhou do meu aperto, parando na minha frente. Com uma mão livre, alcancei a mesa para pegar



um aperitivo, mas no meio do caminho, Sailor colocou o bebê Xander em meu braço para que ela pudesse tentar prender o cabelo de Rooney em um rabo de cavalo. Era impossível evitar crianças na casa dos Brennans atualmente.

— Samuel, você poderia, por favor, segurar o bebê ou a cerveja? Não parece bom quando você tem os dois em seus braços. Abaixei um e me ajude a servir. — Sparrow enxugou as mãos com um pano de prato, dirigindo-se à cozinha para verificar o assado de domingo em que estava trabalhando. Uma tradição semanal.

— Sim, senhora, — eu disse, colocando Xander em seu carrinho perto da porta, seguindo-a.

Eu ouvi Sailor resmungando “A-hole⁵³”, atrás de minhas costas.

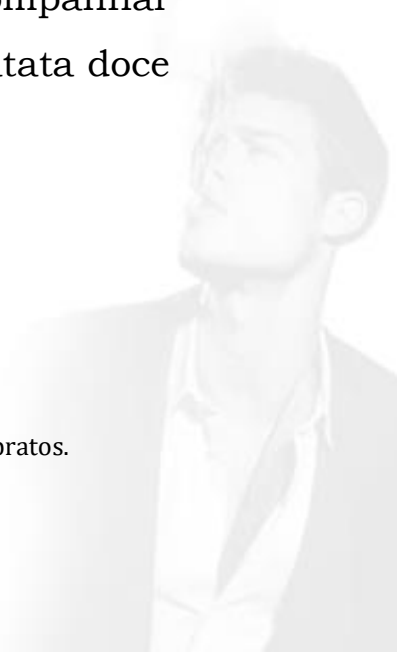
— Eu ouvi isso.

— Você deveria! — Ela puxou o rabo de cavalo de Rooney de frustração.

Encostei-me na bancada da cozinha, observando Sparrow tirar garrafas de cabernet da adega para acompanhar o assado, servindo pudim de Yorkshire⁵⁴, purê de batata doce e cogumelos balsâmicos em tigelas sofisticadas.

⁵³ Uma forma de dizer asshole (babaca, imbecil) para que as crianças não entendam.

⁵⁴ Um pudim assado da culinária inglesa que serve de acompanhamento para vários pratos.



— Há algo diferente em você, — observou Sparrow, estudando-me com seus penetrantes olhos verdes.

— Diferente como? — Eu dei um gole na minha cerveja.

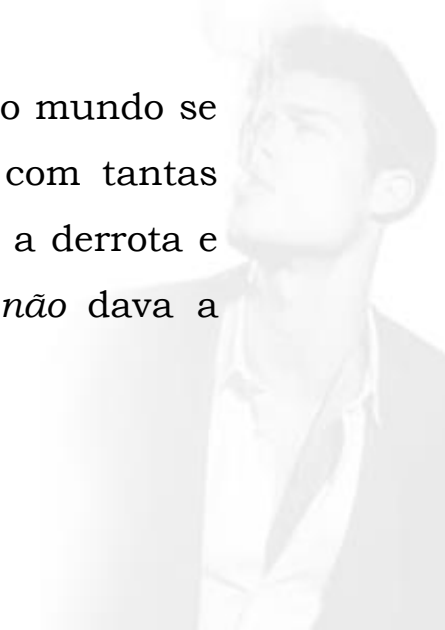
— Diferente... pensativo. — Ela empurrou a bandeja de pudim Yorkshire em minhas mãos. — Coloque isso na mesa.

Eu fiz o que ela disse. Posso ser um assassino, um chefe da máfia clandestina e um selvagem sem moral para falar, mas também já fui dominado até os ossos no que diz respeito à minha mãe adotiva.

— Eu sou o mesmo tom usual de fodido de sempre, — disse lentamente, reaparecendo na cozinha. Ela não estava errada, no entanto. Eu tinha muita merda no meu prato com um lado de diarreia e um aperitivo de estrume velho.

Os russos em Brookline estavam enlouquecidos, tentando desesperadamente se soltar de minhas garras. A Operação Arruinar Gerald estava em pleno andamento, e então havia sua pequena filha monstruosa, que apesar de tudo girava em círculos em minha cabeça. Eu não conseguia parar de pensar no Dia de Ação de Graças. O mistério em torno de Aisling.

Claro, eu poderia obter todas as respostas do mundo se apenas colocasse vigilância sobre ela, como fiz com tantas outras pessoas na cidade, mas isso seria admitir a derrota e sucumbir à ideia de que me importava, e eu *não* dava a mínima.



Porra, eu dava a mínima

Bem, meia mínima.

Definitivamente não era o suficiente para foder com toda a minha relação de trabalho com os Brennans, isso era certo.

Sparrow empurrou nas minhas mãos couves-de-bruxelas cobertas com dijon e uma pilha de purê de batata doce. Voltei para a sala de jantar para descarregar a comida. Quando voltei, ela me encurralou entre a geladeira e a ilha da cozinha.

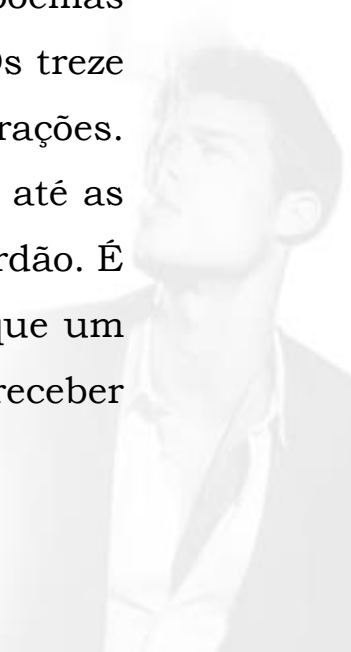
— Tem certeza de que não é sobre Cat?

— Positivo. E por falar nisso, comprou uma lápide para ela? Movimento idiota. Cresça a porra de uma coluna, Spar.

— Eu tenho uma coluna vertebral. Eu também tenho um filho que nega profundamente seus sentimentos, que não consegue ver direito. Você já ouviu falar de *Selichot*? — Ela tentou – e falhou – colocar seus loucos cachos ruivos atrás da orelha.

— Não. — Alcancei a mecha solta, ajudando-a.

— Todos os anos, os judeus praticantes recitam poemas penitenciais e orações que levam às Grandes Festas. Os treze atributos da misericórdia são o tema central dessas orações. Em vez de fazer uma confissão católica, os judeus vão até as pessoas que prejudicaram individualmente e pedem perdão. É a limpeza da alma, dizem eles. Tenho a sensação de que um dia você acordará e perceberá que precisa expiar – para receber



o perdão – por seus pecados. Eu acho que este dia está se aproximando rapidamente, e ter uma lápide para visitar vai servir bem para você.

— Pedir perdão à Cat? — Eu acariciei meu queixo, fingindo refletir sobre isso. — Perdão pelo quê? Por ser o espermatozoide mais rápido que teve a infelicidade de esbarrar em seu óvulo... ou por esperar que ela cumprisse seus deveres maternos pelo meio segundo em que me criou?

— Por odiá-la — disse Sparrow, com a voz firme e o queixo erguido. — Um filho não pode odiar sua mãe.

— Este pode e faz. Na verdade, não é nem ódio. Sou indiferente, o que é muito mais humilhante.

— Homens neutros são aliados do Diabo. — Ela tirou minha mão de seu rosto, apertando-a, recusando-se a me deixar ir.

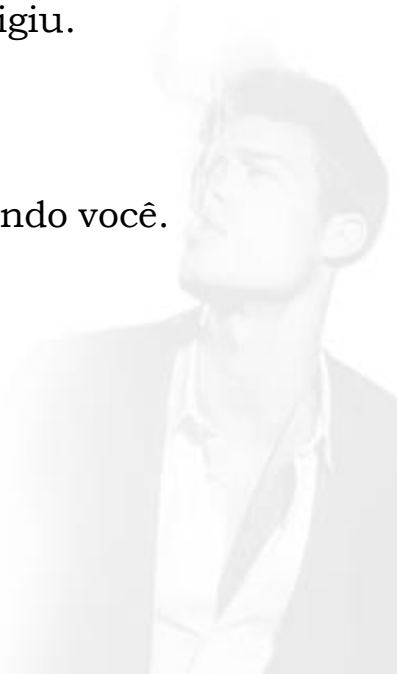
— O Diabo e eu nos damos bem. — Eu sorri, divertido por sua exibição de emoções, arqueando uma sobrancelha. — Algo mais?

— Sobre o que você *não* é indiferente? — Ela exigiu.

— Nada. Nada importa para mim.

— Besteira, — ela sibilou. — Algo está incomodando você.

— Não é da sua conta.



— E não é da sua também, certo? Grande Sam Brennan não se preocupa com as coisas. Ele está acima das emoções, — cutucou Sparrow. Eu vi o que ela estava tentando fazer. Fazer-me agir, buscar o que eu queria, blá, blá, blá, porra.

A única coisa que me incomodava, remotamente, era a coisa da Nix, e eu não iria persegui-la.

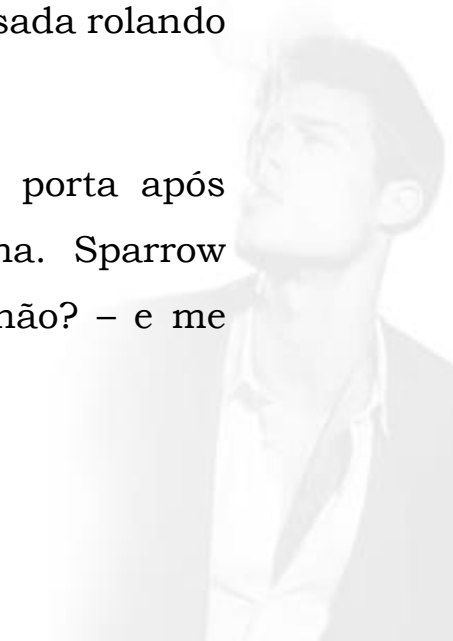
Saber o que Aisling fazia para viver não faria nenhuma diferença. Quanto mais eu sabia sobre ela, mais eu *queria* conhecê-la, e não havia nenhuma vantagem, porque em breve, eu ia matar o pai dela.

— Mamãe! — Sailor chamou da sala de jantar. — Apresse-se, Roon Loon está morrendo de fome.

Sparrow passou por mim, mas não antes de me fixar com um olhar.

O jantar transcorreu sem problemas. Hunter falava de negócios, Troy falava de basquete e futebol, e Rooney tentava esconder sob a mesa restos de comida para seu monstro imaginário e amigável. Depois disso, Sailor e Troy serviram sobremesa enquanto eu rastejei de quatro. Rooney me cavalgou, usando meu cabelo como rédeas, sua risada rolando pelas minhas costas.

Três horas depois, eu estava indo para a porta após completar minhas tarefas familiares da semana. Sparrow agarrou meu braço ao sair – por que caralhos não? – e me



lançou um olhar de estou-prestes-a-dar-lhe-um-discurso-e-você-não-pode-fazer-merda-nenhuma-sobre-isso.

— Lembra-se de nossa conversa naquela noite?

— Naquela noite? — Eu perguntei sarcasticamente.

— A noite em que você foi morar conosco permanentemente.

A noite em que Cat finalmente me jogou no meio-fio.

— O que tem isso? — Fiquei tenso, mesmo depois de todos esses anos.

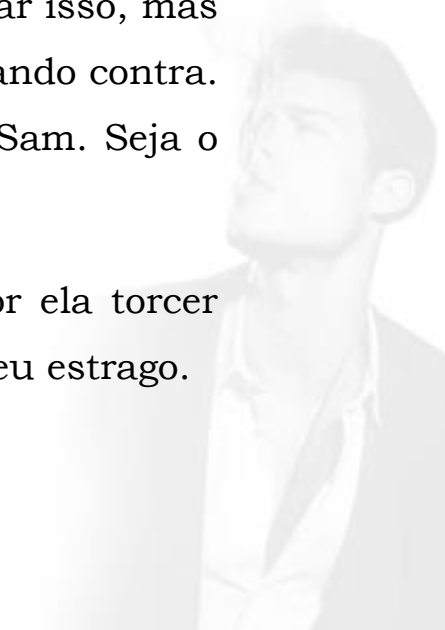
— Eu disse a você que um dia uma mulher mudaria sua opinião sobre todas as mulheres.

Inclinei minha cabeça, lançando a ela um olhar lamentável.

— Você estava errada.

— Eu estou prestes a estar certa. Tenho uma sensação. Uma mãe sempre tem pressentimentos sobre seus filhos. Eu estava te observando hoje e... — Ela parou, apertando meu braço com mais força — ...eu não sei como explicar isso, mas está perto. Eu pude sentir isso. Mas você está lutando contra. E posso dizer. Você não pode rejeitar o destino, Sam. Seja o que for, vá até ela.

Afagando sua cabeça, eu disse: — É melhor ela torcer para que eu não vá até ela porque tudo que toco, eu estrago.



Com isso, dei-lhe um beijo na bochecha, saindo com um sorriso brincalhão no meu rosto.

Nada poderia me impedir de conseguir o que queria, e o que eu queria era destruir Gerald.

Nem mesmo um monstro de pensamento semelhante com olhos como joias.

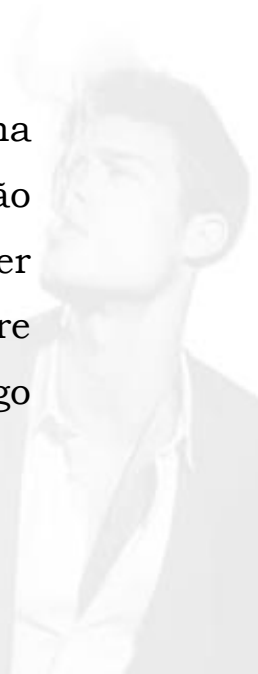


Era uma curta distância da casa de Sparrow e Troy até meu bloco de apartamentos.

Tão curta, na verdade, que depois de dez minutos dirigindo eu estava começando a me perguntar por que diabos eu não estava em casa ainda. Olhei em volta e percebi que estava indo direto para a clínica onde Aisling havia operado meus soldados há pouco mais de uma semana.

Put a merda.

Isso não estava em meu plano, mas eu já estava na metade de Boston, indo em direção a Dorchester, então não havia por que me virar agora. Além disso, não tinha nada a ver com Aisling. Eu não tinha o hábito de não saber coisas sobre meus clientes e suas famílias. Se Aisling estava tramando algo estúpido, eu tinha que impedi-la.



Estacionei em frente ao edifício vitoriano, examinando-o.

Era domingo à noite, provavelmente estava vazio. Então, novamente, era uma clínica clandestina, o horário de visita pode variar. Quando tive certeza de que o lugar estava deserto, saí do carro e comecei a arrombar. A porta da frente era embaraçosamente fácil de abrir e, quando descí as escadas para a clínica real, havia uma segunda porta frágil que só precisasse sacudir um pouco para abrir.

Fui para a terceira porta – a porta que conduz à sala cirúrgica, onde Nix tratou de Becker e Angus. Esta também foi uma brisa. Uma vez dentro do escritório dela, comecei a abrir as gavetas e tomei nota dos remédios que eles guardavam lá, digitando os nomes longos no meu telefone para que eu pudesse conduzir uma pesquisa mais profunda assim que chegasse em casa.

Verifiquei cada peça da mobília, examinei cada canto e área até que tirei a sorte grande.

Os prontuários dos pacientes.

O primeiro sinal revelador de que algo estava errado foi o fato de que havia apenas *uma* pasta. Amarela e fina como uma navalha. Que tipo de clínica atendia apenas de seis a sete pacientes?

O tipo que tem requisitos muito específicos para aceitar pessoas, em primeiro lugar.



Comecei a folhear os arquivos, lendo os registros dos pacientes, seus resultados de exames, suas recomendações de consulta.

Algo não se encaixava. Os remédios. O número de pacientes. A configuração. Eu conhecia um esquema quando via um, e isso era tão duvidoso que deu ao Atlântico uma competição justa. Uma coisa era certa: o que quer que Aisling fizesse, havia um bom motivo para ela querer manter isso em segredo da família e dos amigos.

Não era kosher⁵⁵.

Não era bom, nem inocente, nem adequado para a angelical Fitzpatrick. A Madre Teresa que todos conheciam e amavam.

Coloquei a pasta de volta no armário.

Eu tinha razão.

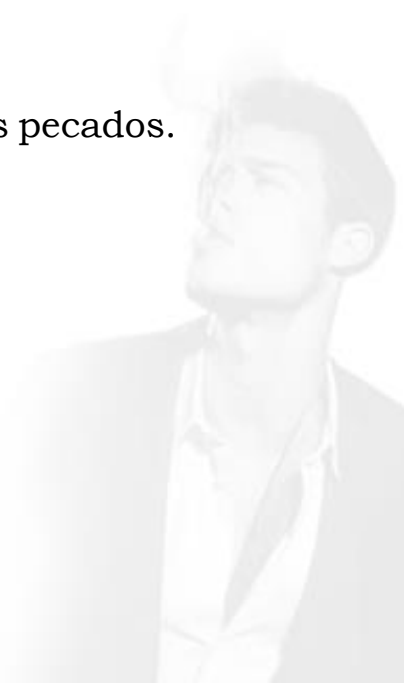
Ela era um monstro.

Um monstro terrível.

Uma doce e linda Nix.

Agora eu só tinha que descobrir quais eram seus pecados.

⁵⁵ Palavra iídiche que significa puro, limpo. Dentro da lei.



Sete



Sam

Fiz uma parada em Badlands e entrei em uma das salas de jogos, engolindo três drinques fortes para amenizar o que vi na clínica. Nix era médica, tudo bem, mas ela não trabalhava no hospital ou em qualquer uma das clínicas registradas na cidade. O que quer que ela fizesse, era secreto, ilegal e não tinha nada a ver com pessoas sem seguro.

Pare de pensar em Nix. Ela é apenas uma garantia.

Dano colateral e uma inconveniência, na melhor das hipóteses, e uma complicação, na pior.

Eu precisava tirar minha cabeça da minha bunda e ser montado por alguém que não fosse minha sobrinha. Era hora de uma distração. Um lembrete de que havia outras bocetas por aí. Tão boas, quentes e apertadas quanto a de Aisling e nem a metade problemática.

Luxúria reprimida.



Era só isso.

Eu era um homem ocupado governando o submundo de um dos lugares mais miseráveis e sujos do país. Já fazia muito tempo desde que me afoguei em uma mulher. Aisling foi a última, e a mulher antes dela aconteceu há tanto tempo que esqueci seu nome, a cor do cabelo e o cenário.

Uma boa foda faria tudo isso ir embora.

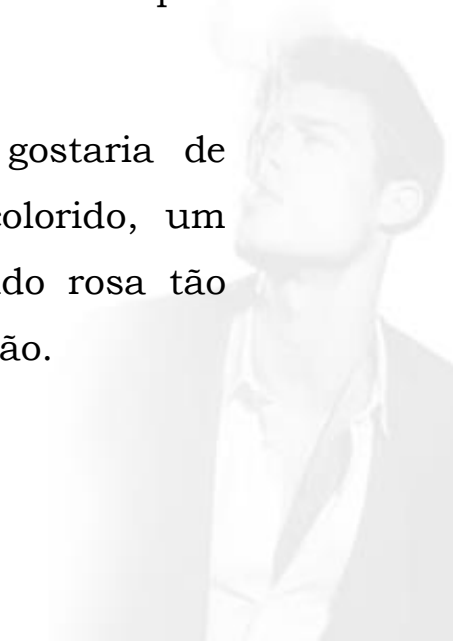
Caminhei para fora da sala de jogos e para o clube, ignorando os aplausos entusiasmados nas minhas costas e o começo da conversa, e examinei a massa de suadas figuras dançantes se fundindo. Pressionei o copo de uísque nos lábios.

Os humanos me horrorizaram.

Apesar da minha reputação, eu não fodia simplesmente qualquer coisa com pulso. Tive períodos de seca do tipo autoinfligido, já que foder, em última análise, exigia falar com as pessoas, e falar com as pessoas era um castigo que mesmo uma boa boceta não valia às vezes.

Sempre houve prostitutas, que não exigiam uma conversa significativa, mas eu não era fã de empurrar meu pau onde tantos outros estiveram.

Decidi imediatamente com qual mulher gostaria de passar a noite. Ela tinha o cabelo loiro descolorido, um bronzado falso, pernas longas e um minivestido rosa tão pegajoso que removê-lo dela seria meu dever cristão.



Acima de tudo, ela não se parecia em nada com Nix.

Estalei meus dedos na direção dos seguranças, apontando para ela.

— Vou ficar com aquela, — eu cortei, então comecei a me virar e subir as escadas para o meu escritório, passando pelas salas de jogos.

Em meu escritório, ocupei-me folheando os livros de apostas, puxando meu cabelo e *não* pensando em Nix.

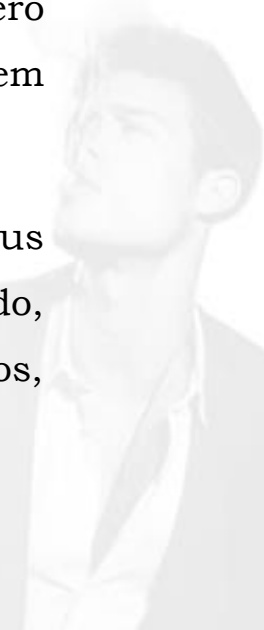
Uma batida na porta me fez largar o livro pesado na minha mesa.

— Aberta. — Recostei-me, esparramado na cadeira executiva.

A loira empurrou a porta, rindo animadamente ao fechá-la atrás de si e pressionou suas costas contra a madeira lascada por balas.

— Oi! Sou Dani, — ela guinchou, jogando seu cabelo para um ombro. — Seu segurança me trouxe. É minha primeira vez em Badlands. Honestamente, minhas amigas estão meio que enlouquecidas com tudo isso. Você me chamou aqui, quero dizer. Ouvimos muito sobre você, obviamente. Mas nem sabíamos que você vinha a este lugar, frequentemente...

Eu me desliguei dela, concentrando-me em como seus lábios se moviam, rápido e ansioso. Tudo nela estava errado, desde seus lábios suculentos e provavelmente aumentados,



até as sobrancelhas definitivamente marcadas a lápis. Seus cílios postiços pareciam um pneu de semirreboque rasgado. Sua maquiagem pesada e cabelo seco cheio de pontas duplas irritavam meus nervos de uma forma que parecia pessoal. Nada sobre ela parecia certo.

Ou bom.

Ou deleitável.

Complexo, perigoso, *enlouquecedor*.

Eu queria Aisling. A modéstia de Aisling. Seu narizinho pontudo e lábios aristocráticos e bem proporcionados. Seu cabelo, pele e dentes naturais. Ela não sucumbiu aos padrões de beleza modernos e havia algo irresistível nisso. Aisling tinha aquela aparência de sangue azul de uma mulher que você não poderia imaginar de quatro, sendo fodida de forma violenta e suja por trás. Os homens eram criaturas simples, o que significava que era precisamente o que eu queria fazer – atacar sua Alteza Real, áspero e sujo, por trás enquanto ela cantava meu nome.

A garota na minha frente continuou tagarelando. Inferno se eu soubesse sobre o quê. Ocorreu-me, agora que a olhei de perto, que ela era jovem. Maior de idade, sim, mas muito mais jovem do que eu.

— ... Meio desanimada para qualquer coisa, na verdade. E, tipo, eu sei que você só faz casual, então está tudo bem.



— Quantos anos você tem? — Eu cortei sua torrente de palavras, já precisando de dois malditos Advils e uma bala para me tirar da minha miséria.

— O quê? — Ela parecia assustada, seus olhos castanhos se arregalando de pânico. — O que você quer dizer?

— Sua idade — zombei, irritado comigo mesmo por aparentemente ter crescido a porra da consciência em algum lugar entre a clínica de Aisling e Badlands. — Qual é?

— Vinte... e cinco?

— Isso é uma pergunta do caralho?

— Não...?

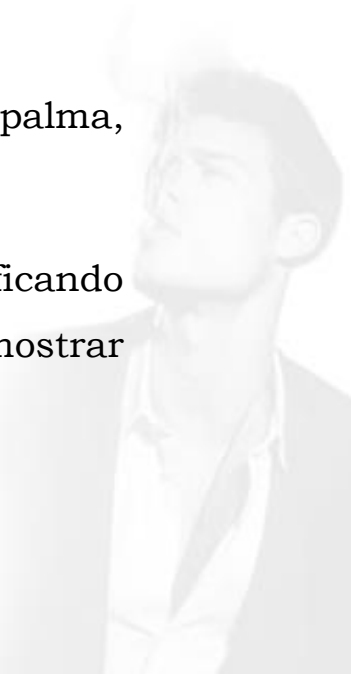
— Então por que você continua colocando pontos de interrogação após suas respostas?

Sua geração iria governar este país um dia. Não é à toa que eu tinha um passaporte sueco falso, só para garantir. Diga olá para o maldito Ludvig Nilsson.

Ela piscou lentamente, como se fosse um teste. Eu tinha quase certeza de que ela era analfabeta.

— Mostre-me sua identidade. — Abri minha palma, esticando meu braço em sua direção.

— Isto é ridículo. — Ela riu, seu pescoço e orelhas ficando rosa. — Eu sou maior de idade! Todo mundo tem que mostrar a ID antes de entrar aqui.



Nem todos. Aisling não o fez no Halloween, e agora meu pau queria um cartão de assinatura para sua boceta.

Não importa que eu tenha despedido, no dia seguinte, o desgraçado que deixou Aisling entrar.

— Você tem cinco segundos antes de eu colocar você na lista negra, — eu disse secamente.

— Do clube? — Ela prendeu a respiração.

— Da *cidade*, — eu corriji. — Sua identificação, Dani.

Ela vasculhou sua bolsa Chanel falsificada com um bufo, tirando sua carteira de motorista e batendo-a na minha palma. Acendi um cigarro e recostei-me, esfregando minha testa enquanto a estudava.

Vinte e dois.

Danielle Rondiski tinha vinte e dois anos.

Praticamente mm bebê em comparação a mim.

Ainda assim, legal o suficiente para beber, foder e estar aqui.

Ela também era morena natural com pele branca pastosa quando aquela foto foi tirada, mas desde então se formou na



Bimbo Academy⁵⁶ e se transformou no que estava diante de mim agora, uma versão inflável de Charlotte McKinney⁵⁷.

Eu chicoteei o documento de volta para ela. — Saia.

— Sr. Brennan...

— *Fora*.

— Idade é apenas um número.

— Essa é a coisa mais estúpida que já ouvi. — Tentei – e não consegui – achar a conversa frustrante. A verdade é que eu estava *entediado*. Longe dos reinos de qualquer outra emoção, não o conseguiria evitar nem se tentasse.

Eu não estava entediado. Eu estava com tesão por algo que não conseguia colocar em minhas mãos, e as palavras chatas que saíam de sua boca estavam matando minha ereção.

— Se a idade é apenas um número, a temperatura também é apenas um número. E dinheiro. E células cancerosas. E vítimas de guerra. Os números são *tudo*. Os números são o que separa a vida da morte. Os números comandam este mundo. Não existe *apenas* sobre eles. Agora dê o fora.

Depois de mandar Dani embora com meu discurso de Rain Man⁵⁸, e aceitar o fato de que meu pau e eu iríamos para

⁵⁶ Um site que apoia/ensina as mulheres a se parecerem e se portarem com uma 'bimbo woman': corpo escultural, determinado comportamento e tipo de roupas.

⁵⁷ Modelo e atriz norte-americana.

⁵⁸ Filme de 1988.

a cama sozinhos esta noite, entrei no meu carro e dirigi para o meu apartamento. Meus instintos me disseram que o desastre de hoje estava a todo vapor e prestes a piorar.

Meus instintos nunca estavam errados.

Porque a porra da Aisling Fitzpatrick estava esperando na minha porta.

Uma recompensa – ou uma punição – do carma?

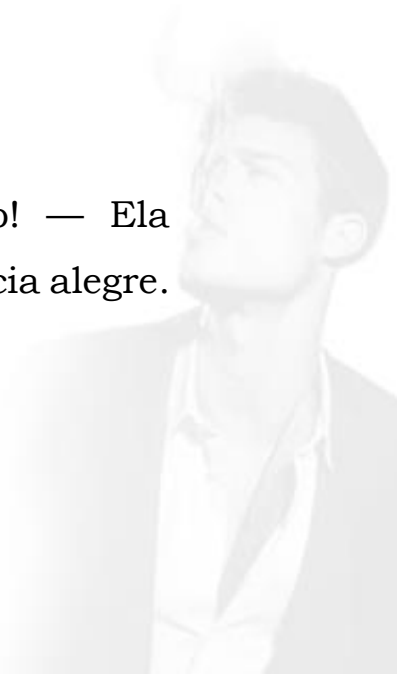
Suas costas estavam pressionadas contra a madeira, sentada com as pernas cruzadas, a cabeça abaixada, o brilho frio de seu telefone iluminando os traços de seu rosto. Ela olhou para cima assim que eu saí do elevador, lutando para ficar de pé, alisando seu vestido preto conservador sobre suas curvas. Seu casaco estava dobrado e descansado em seu antebraço ordenadamente.

— Eu deveria matar você. — Passei por ela insensivelmente, digitando o código da minha porta e abrindo sem fazer um movimento para dentro.

— Isso não seria estranho para você, — ela murmurou atrás de mim. — O que eu *não fiz* dessa vez?

— Você bloqueou meu pau.

— Eu nem estive perto de você o dia todo! — Ela protestou, o deleite em sua voz dando-lhe uma cadência alegre.



— Você não precisava estar. O PSPT⁵⁹ de foder você me afastou de todo o conceito pelo resto da vida. Parabéns.

— É por isso que você teve que usar seus dedos em mim de novo, certo? Só para ter certeza de que foi realmente horrível da primeira vez, — ela retrucou.

— Eu usei meus dedos em você para negar o orgasmo, não porque eu queria você, — respondi secamente.

— Você realmente sabe como cortejar uma garota. Não me admira que eu estivesse obcecada por você.

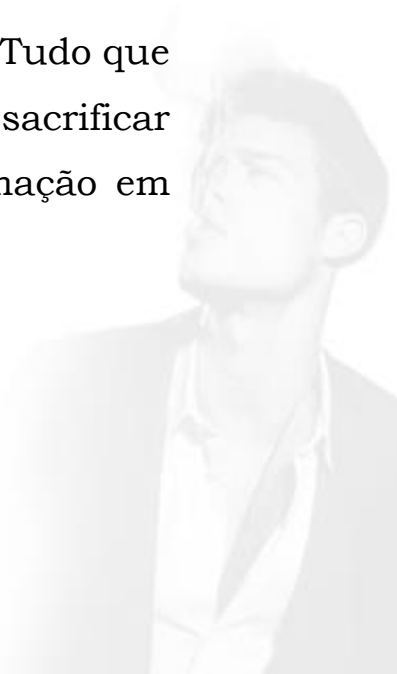
— *Estava?* — Eu me virei para atirar para ela um sorriso sombrio, minha mão na maçaneta da porta. — Da última vez que verifiquei, você ainda corria atrás de mim como um cachorrinho e até mesmo levou isso para o próximo nível e agora está aparecendo na minha casa, como uma rastejadora.

— Você aparece na minha casa o tempo todo também. Eu não te chamo de rastejador.

— Isso é diferente. Eu trabalho com seu pai. Eu não posso escapar de ver você, não importa o quanto queira.

Eu estava realmente muito animado esta noite. Tudo que eu precisava era de chifres com pontas vermelhas e sacrificar um ou dois bebês para completar minha transformação em Lúcifer.

⁵⁹ Perturbação de stresse pós-traumático.



— Onde você esteve? — Ela mudou de assunto, recusando-se a se ofender e ou a deixar a porra do meu prédio.

Agora eu *sentia* algo.

Eu me senti pronto para estrangulá-la.

— Permita-me responder com sua maldita expressão favorita: não é da sua conta. Como você encontrou meu endereço? *Não* diga não é da sua conta, — eu avisei.

— Google.

— Não minta para mim. — Eu me virei para encará-la, enrolando meus dedos em seu pescoço delicado e dando um aperto suave apenas para assustá-la. Sua garganta balançou com um gole, mas ela não recuou.

Eu a julguei mal todos aqueles anos e me odiava por julgar um livro pela capa. Dentro daquela espinha dorsal, rendada e elegante, fervilhava o caos.

— Não faça perguntas difíceis, — ela retrucou.

— Meu endereço não pode ser rastreado.

— Bem, Batman, acho que nós dois sabemos que não é verdade. — Ela revirou os olhos. — Você pode remover seus dedos do meu pescoço? Odiaria traumatizá-lo ainda mais com o contato pele a pele.

Apenas um punhado de pessoas sabia onde eu morava, e nem mesmo Cillian, Devon ou meus soldados estavam entre



eles. Eu era uma pessoa notoriamente reservada. Vinha com o peso do que eu fazia para viver. As únicas pessoas que tinham meu endereço eram Troy, Sparrow e Sailor.

Sailor.

Minha traidora (irmã traidora) deve ter falado com Sparrow depois que eu saí, somado dois mais dois, e espontaneamente decidiu se meter na minha merda.

Meu jogo de gato e rato com Aisling estava começando a se tornar um jogo multijogador, girando fora de controle, e era hora de acabar com isso de uma vez por todas.

Eu poderia confrontá-la sobre o que descobri hoje, dizer a ela que invadi a clínica, pressionar por mais respostas, mas seria inútil. Ela parecia perturbada, o cabelo ônix grudado nas têmporas, os olhos brilhando de lágrimas. Ela só jogaria na defensiva, e eu odiava mentirosos do caralho. Eles me lembravam de minha mãe biológica.

Tirei minha mão de sua garganta.

— Olha, posso entrar? — Ela esfregou a coluna do pescoço, sua postura afrouxando de repente, como um balão vazio. Ocorreu-me que não querer transar com Dani não tinha nada a ver com sua idade ou capacidade de me aborrecer ao ponto de um coma clínico e tudo a ver com Nix.

Putá merda.

— Não, — eu disse categoricamente.



— Eu realmente preciso falar com alguém.

— Eu sugiro que você recorra a uma pessoa que se importa.

— Você não se importa comigo? — Ela perguntou, surpresa e mágoa estragando sua voz. Ela estava dormindo na porra da última década? Eu me importava com alguém, inclusive comigo? Não. Troy, Sparrow e Sailor tagarela eram a exceção. Eu acho que poderia incluir Rooney e Xander agora, também. Obviamente, eles tinham a vantagem de não serem capazes de falar fluentemente e, portanto, não corriam o risco de me irritar.

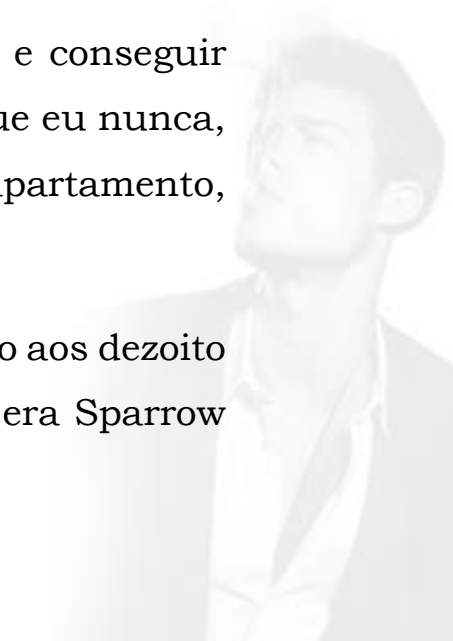
— Nem um pouco. Vá embora.

Ela lambeu os lábios. — Preciso desabafar. É sobre meus pais. Todo mundo tem um cavalo nesta corrida. Meus irmãos, mamãe e papai... até minhas melhores amigas são casadas com meus irmãos, então elas não podem ter a mente clara sobre isso, — explicou.

Ela tinha razão.

Além disso, se ela tivesse informações importantes sobre Gerald, poderia me ajudar a colocá-lo de joelhos e conseguir uma confissão. Portanto, embora fosse verdade que eu nunca, em hipótese alguma, trouxe uma mulher ao meu apartamento, era hora de abrir uma exceção. Para ela.

Pela primeira vez desde que me mudei sozinho aos dezoito anos, abri a porta e deixei outra pessoa que não era Sparrow



ou Troy entrar em meus domínios. Até a minha faxineira tinha apenas uma vaga ideia de onde eu morava. Ela era levada e conduzida de volta da minha casa em carros com vidros escuros.

— Ótimo. Mas eu não vou te foder de novo, — avisei.

Sempre poderia contar com meu orgulho para vencer, e Aisling era uma lembrança constante do fato de que os Fitzpatricks acharam por bem fazer negócios comigo, mas não me permitiram namorar a filha deles.

— Bem, isso é um alívio. — Ela sorriu educadamente, seu queixo mal tremendo enquanto tentava conter suas emoções. — E eu prometo não tentar seduzi-lo novamente. Agora, vamos?

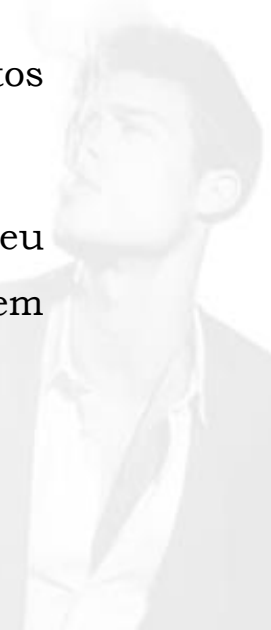
Aisling se sentou no luxuoso sofá de couro preto, com a coluna ereta e as mãos recatadamente apoiadas no colo.

— Posso tomar um café? — Ela perguntou trêmula.

— Você gostaria de uma porra de um café da manhã inglês completo junto com isso? — Levantei uma sobrancelha, ainda de pé. — Não, você não pode tomar café.

— Acho que nós dois precisamos de alguns momentos para nos reunir antes desta conversa.

— A única parte de mim que precisa ser reunida é meu pau na boca de alguém, e uma vez que não quero você em nenhum lugar perto dele, sugiro que vá direto ao ponto.



Nós nos olhamos nos olhos por alguns segundos. Ela não vacilou.

— Você não vai falar até eu pegar um café, vai? — Suprimi um gemido.

Ela balançou a cabeça. — Receio que não.

Relutantemente, fui até a cozinha para fazer. Ocorreu-me no meio do caminho para o balcão que:

Um, eu não sabia como operar a máquina de café; sempre pegava um no Starbucks ao sair pela manhã, então passava o resto do dia me odiando por consumir café queimado que tinha gosto de água de esgoto transbordando, e...

Dois, minha casa, minhas regras, *minha* bebida preferida.

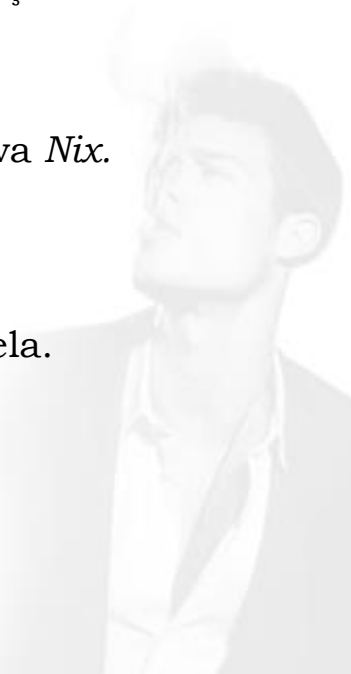
Peguei um Macallan 18, coloquei dois dedos em dois copos e voltei para a sala de estar.

Meu apartamento foi projetado de forma cuidadosa e minimalista. Paredes de concreto nuas, tudo de couro preto, banquetas altas e eletrodomésticos cromados. Notavelmente faltando em meu apartamento estavam pinturas ou peças de mobília desnecessárias.

Também ausente do meu apartamento agora estava *Nix*.

Eu fiz uma careta para a mesa de café, confuso.

Eu olhei para a enorme jarra de vidro no centro dela.



Uma das balas que mantive dentro estava rolando no chão. Ela bateu em uma das pernas da mesa.

Merda.

Deixei cair o uísque, correndo para fora da porta, pegando Aisling apertando o botão do elevador histericamente, seus olhos esquadrinhando os arredores freneticamente. Suas bochechas estavam molhadas e ela tremia toda. Eu a agarrei pelo pulso e puxei-a para mim.

O que diabos aconteceu? Por que ela estava tão assustada?

— Me deixe ir! — Ela gritou, tentando se livrar de mim. — Vir aqui foi um grande erro.

— Não poderia concordar mais com você. Ainda assim, você está aqui, então com certeza vai até o fim. Eu sei que o clã Fitzpatrick está acostumado com outras pessoas terminando merda para eles, mas desta vez você terá que se esforçar. — Eu a levantei por cima do ombro, voltando para o meu apartamento, meus dedos cavando na parte de trás de suas coxas com uma possessividade que me surpreendeu e me enojou.

Ela não é sua para ficar.

Ela é a prole do inimigo.

Ela é a mulher que você é pago para nunca tocar.

E ela não vale a porra da dor de cabeça.



— Deixe-me adivinhar, há uma explicação perfeitamente boa para as balas, certo? — Ela riu amargamente, e eu estava feliz que ela, pelo menos, não fizesse toda a rotina de decepção que as mulheres gostam tanto.

— Existe, — eu cortei, — mas você não vai gostar.

— Sou toda ouvidos, — disse ela.

Bati a porta com o pé atrás de nós, plantando-a de volta no sofá e agachando-me entre suas pernas, agarrando seu olhar e suas mãos.

— Você está calma?

— Não me trate como um bebê, — ela retrucou.

— Não aja como um, — eu disse impassível.

— Por que você tem balas em uma jarra? Dezenas delas, nada menos.

— Por que você acha que não quero que as pessoas entrem no meu apartamento? — Respondi a ela com uma pergunta, minha recém-descoberta técnica cortesia de Deidra ou de quem diabos eu quase fiz sexo esta noite em Badlands.

— Provas. — Seus dentes batiam e ela se abraçou.

— Eu tiro as balas das pessoas que mato e as mantenho.

Sam, seu idiota de merda. Uma admissão à mulher cujo pai você está prestes a matar como um cordeiro sacrificial.



Ela olhou para mim com terror misturado com... fascinação? Claro. Eu sempre me esquecia de que ela também era um monstro. Peguei a bala que ela deixou cair no chão, ignorando o cheiro do uísque que encharcou o tapete.

Virei a bala, batendo com meu dedo.

— Veja isso? MV? Mervin Vitelli. Gravo suas iniciais, então não esqueço.

— Por que você não quer esquecer? — Ela franziu o cenho.

Porque se eu começar a esquecer todas as pessoas que mato, nada vai me separar de um animal, e eu me tornarei um verdadeiro monstro.

Em breve haveria uma bala com GF gravada nela, um fato que me lembrou que eu deveria colocar alguma distância entre Aisling e eu. Levantei-me e voltei para a cozinha, voltando com a garrafa de Macallan – sem copos desta vez. Tomei um gole direto da garrafa, passando para Aisling. Eu me abaixei em uma poltrona em frente a ela, a mesa de centro servindo como uma barreira entre nós.

Ela tomou um pequeno gole e estremeceu, devolvendo-o para mim.

— Eu sabia que você matava pessoas, mas é muito diferente ver a prova de quantas vidas você tirou.



— O primeiro é o mais significativo. Depois disso, tirar vidas parece o mesmo. Como uma segunda ou terceira mordida em uma casquinha de sorvete. Claro, não faz mal saber que as pessoas que mato são pedaços de merda, — respondi.

— Não tenho tanta certeza, — disse ela, e pela forma como sua testa se enrugou, eu poderia jurar que ela estava falando por experiência própria.

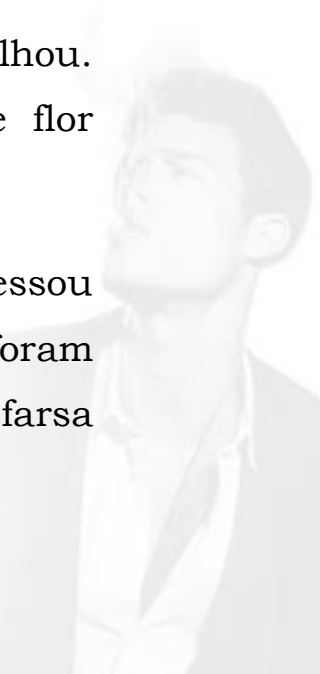
— Você veio aqui para conversar. Fale, — ordenei, batendo o lado de sua bota com meu mocassim.

Ela piscou enquanto olhava o apartamento, suas paredes nuas e o frio vazio do qual me cerquei. Eu gostava desse jeito. Quanto menos eu tinha, menos me apegava às coisas. Era um prédio caro, de três milhões de dólares, mas diferente de Avebury Court Manor, que estava repleto de pinturas, estátuas e outros símbolos luxuosos de riqueza.

Não havia nenhum lugar para se esconder aqui. Éramos apenas nós e as paredes e a verdade não dita sentada entre nós como uma bomba-relógio, esperando para explodir.

— Minha mãe quer pedir o divórcio. — Sua voz falhou. Ela olhou para baixo, o pescoço como um caule de flor quebrado.

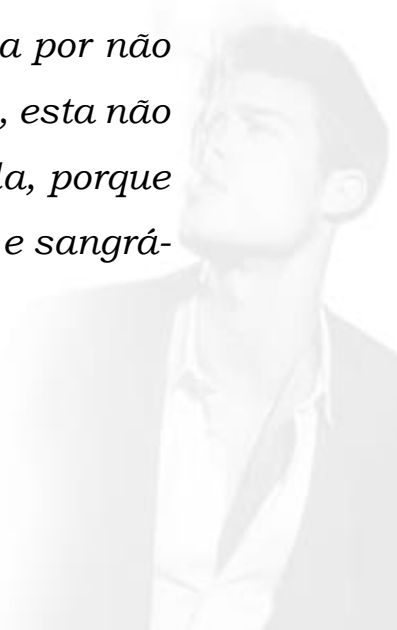
— Eu sei que parece ridículo para você, — ela se apressou em acrescentar. — Afinal, é sabido que meus pais nunca foram fiéis um ao outro. O casamento deles é considerado uma farsa



na maioria dos círculos sociais em New England. Mas para mim, significa algo. Isso significa muito, na verdade. Enquanto crescia, eu sabia que tinha a estabilidade de Avebury Court Manor. Mesmo que mamãe e papai não fossem um casal funcional, eles ainda eram um casal em sua própria maneira estranha. Acredite ou não, Sam, eles funcionaram. Sei que não sou mais uma adolescente influenciável e coisas piores acontecem com jovens de 27 anos. Algumas pessoas perdem seus pais, seus parceiros, até seus *filhos*, mas eu simplesmente não entendo... — ela balançou a cabeça, as lágrimas caindo em seus cílios inferiores, recusando-se a cair — ...como tudo aconteceu tão rapidamente. Em um momento, estávamos levando uma vida normal – tão normal quanto a vida poderia ser para nós – e no momento seguinte tudo explodiu. As fotos provocativas de Da e daquela... aquela *mulher* se materializando do nada, o envenenamento. Alguém está tentando arruinar meu pai, e *Athair* acha que é minha mãe.

Eu a encarei, sem oferecer palavras de explicação ou encorajamento. O que eu poderia dizer?

Na verdade, agora que você mencionou, estou por trás da operação. Jane é apenas um dano colateral. Agradeça por não ser você que estou jogando sob o ônibus. E, a propósito, esta não é nem a ponta do iceberg, então aperte o cinto, querida, porque estou prestes a fazê-lo hipotecar sua casa de infância e sangrá-lo de seus bilhões.



— Você realmente não tem nenhuma pista? — ela perguntou, sinalizando-me com a mão para passar a garrafa.

Eu fiz, balançando minha cabeça.

Ela tomou um gole do líquido marrom como se fosse chá, devolvendo a garrafa para mim. — Isso é estranho. Você geralmente é tão engenhoso. Não me lembro da última vez em que você não pôde ajudar minha família quando nos metemos em apuros.

Achei um pouco divertido sua tentativa de me enganar para que trabalhasse mais no caso. Um caso que criei sozinho.

— Paciência, Nix.

— Você é um homem paciente?

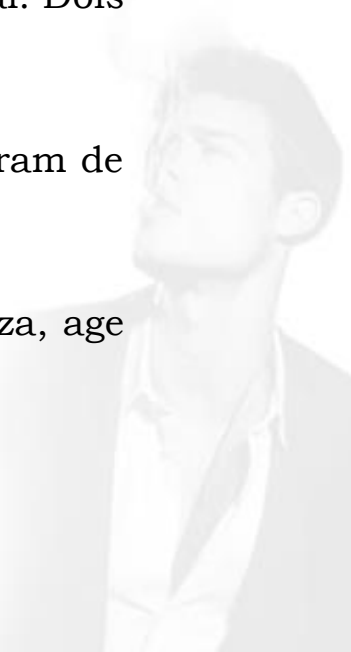
— Eu não me importo com os mesmos padrões que defendo para você.

— Isso é conveniente.

— Eu levo uma vida conveniente. — Eu a saudei com a garrafa, tomando um gole. — De qualquer forma, olhe para o lado bom. Duas casas. Dois pais. Duas árvores de Natal. Dois conjuntos de presentes e assim por diante.

— Eu não sou uma criança. — Seus olhos brilharam de raiva.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você, com certeza, age como uma quando seus pais estão envolvidos.



— O que você faria se estivesse na minha posição? —
Seus olhos se fixaram nos meus, afiados de repente.

Fique de joelhos e coloque minhas bolas em sua boca novamente.

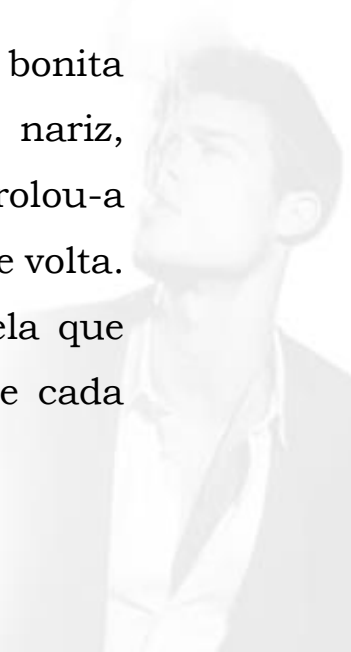
— Deixe-os resolver essa merda sozinhos. Eles são adultos e você não é a responsável. Você é a criança.

Talvez porque eu estivesse mais focado em Aisling recentemente, especialmente durante o jantar de Ação de Graças, não pude deixar de notar como sua mãe pediu à Aisling que servisse bebidas para ela e se juntasse a ela no banheiro para ajudá-la a abrir o zíper. Jane não tratava Aisling muito melhor do que uma criada. Não conseguia me lembrar de quando aquela dinâmica havia começado e agora me perguntei se decidi fechar os olhos o tempo todo ou não queria que os fatos atrapalhassem minha visão de Aisling como uma criança mimada.

— Eu sou uma espécie de mãe da minha mãe, — ela admitiu. — Ela depende de mim... mentalmente.

— Isso, para usar o termo técnico, é uma merda.

— Talvez, mas é a verdade. Minha vida... não é tão bonita quanto parece do lado de fora. — Ela torceu o nariz, alcançando para arrancar uma das balas do frasco e rolou-a entre os dedos, examinando suas iniciais. Ela colocou de volta. Tirou outra. Resisti ao impulso de atacá-la, dizer a ela que agora eu teria que limpar suas impressões digitais de cada



uma delas individualmente, caso alguém as encontrasse. Eu poderia dizer que ela estava à beira das lágrimas e queria evitar a todo custo se tornar uma mulher chorona.

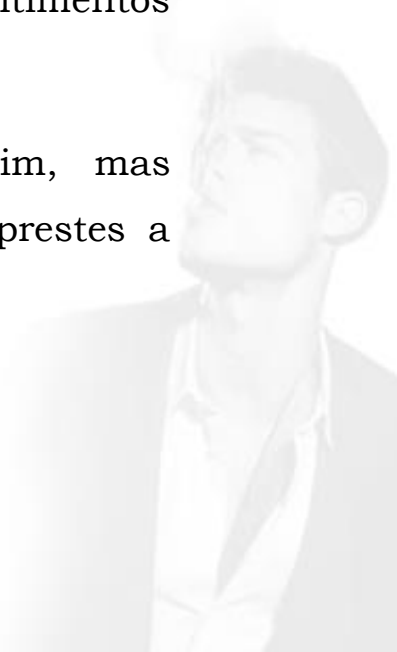
Eu cresci com Sparrow e Sailor, duas mulheres que não tinham tendência para o drama. Na verdade, eu não conseguia me lembrar delas chorando. Eu tinha certeza de que uma lágrima ou duas foram derramadas em funerais de família e coisas assim, mas elas sempre se comportaram com a força silenciosa de mulheres que conheciam o submundo por dentro e por fora e o governavam como suas deusas incontestáveis.

Normalmente, quando eu ouvia mulheres chorando, era na cama e pelos motivos certos.

— Que pena, querida. Você é jovem, bonita e rica o suficiente para comprar felicidade. Então seus pais estão prestes a se divorciar e se odeiam. Bem-vinda ao século XXI. Você está oficialmente se juntando a cinquenta por cento das pessoas nos Estados Unidos.

Eu realmente era uma fonte infinita de luz do sol, não era? Mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la. Eu não mudaria meus planos para poupar os sentimentos dela.

Os olhos de Nix se estreitaram para mim, mas surpreendentemente, ela não parecia que estava prestes a gritar.



— Minha vida não é tão encantadora quanto você pensa, — ela insistiu, sussurrando com veemência. — Para começar, nunca vi um amor verdadeiro enquanto crescia. Uma relação saudável entre um homem e uma mulher. Pelo menos você teve Sparrow e Troy. Minha infância foi um fluxo interminável de discussões, lançamentos de objetos e meus pais desaparecendo na Europa por meses seguidos, juntos ou sozinhos, me deixando com as babás.

Fiquei olhando para ela sem expressão, mostrando que ela mal deu pena em mim para me inspirar a me levantar e pegar um lenço de papel para ela.

— Então eu perdi alguém de quem eu realmente gostava quando tinha dezessete anos, de uma maneira muito... brutal. — Sua garganta balançou com um gole, e ela olhou em volta, desconfortável, de repente. Não perguntei quem era.

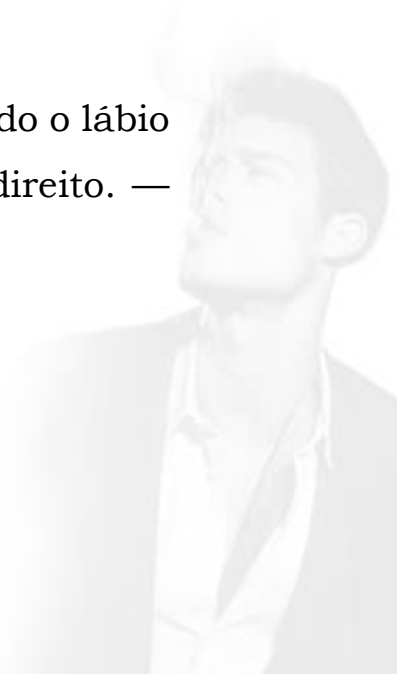
A regra número um era não se apegar. Isso atrapalha seu julgamento.

— O que mais você tem para mim? — Eu bocejei, inclinando-me para trás, fazendo um show ao verificar a hora no meu telefone.

— Minha primeira vez... — Ela hesitou, mordendo o lábio inferior. Meu interesse aumentou e me vi sentado direito. — Eu perdi minha virgindade com meu professor.

— Quantos anos ele tinha?

— Quarenta e um.



— E você?

— Dezenove.

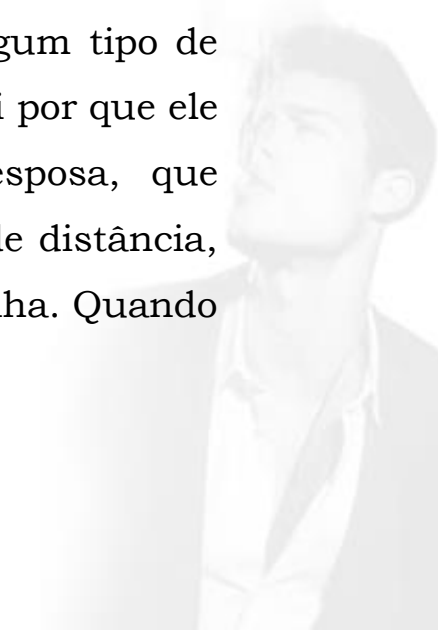
— Isso é...

— Nojento? — Ela sorriu tristemente, seus olhos brilhando com lágrimas novamente. Eu ia dizer sexy ‘pra’ caralho, mas é claro que isso estava fora da vista agora. — Sim, eu sei. Quer saber a parte nojenta?

— Achei que já sabia. Ele tinha quarenta e um.

Ela me lançou um sorriso cansado.

— Eu descobri três semanas depois de começarmos a dormir juntos que ele era casado e tinha uma filha. Veja, ele não usava aliança e vivia em um complexo de apartamentos no campus, sozinho. Ele parecia jovem e estiloso, e saía com os alunos com tanta frequência... — ela pegou uma cutícula em volta da unha, puxando-a nervosamente — ...eu queria perder minha virgindade com alguém com experiência, e eu sabia que ele tinha. Continuamos a nos ver depois de fazermos sexo. Até que um dia ele simplesmente desapareceu no ar. Parou de atender minhas ligações. Apenas se levantou e foi embora. Ele nem completou o ano letivo. Eu precisava de algum tipo de encerramento, então o encontrei. E, bem, descobri por que ele foi embora. Por minha causa. Porque sua esposa, que lecionava em outra universidade a dois estados de distância, descobriu e o arrastou de volta para casa pela orelha. Quando



encontrei seu novo endereço, cometi o erro de dirigir até lá e bater em sua porta.

Decisão errada. Mas eu tinha muita experiência de vida e Aisling vivia em uma bolha protetora. Claro que ela queria respostas, conclusões e todas as outras bobagens que você lê.

— Ela abriu a porta e jogou o telefone que ele usou para me ligar. Ela começou a gritar comigo na frente de toda a vizinhança, me chamando de puta, uma destruidora de lares, uma vadia mimada. Ela disse que minha mãe é uma vagabunda, que todo mundo na América sabe que um de nós não é um Fitzpatrick, então prometeu que deixaria todos os hospitais de Boston saberem o que eu fiz. Foi humilhante. Especialmente porque eu nunca soube que esse homem era casado.

— É por isso que você nunca tentou um hospital aqui? — Eu perguntei.

Ela mordeu o lábio inferior, puxando cada vez mais a pele morta do lado da unha. — Parcialmente. Pode ser. Não sei. Não é toda a razão, de qualquer maneira. Desde então, limitei ainda mais minha interação com os homens.

— Bom, — eu disse impassível. — Somos todos filhos da puta.

O silêncio pairou no ar. Eu queria que ela fosse embora. Ela não me contaria nada sobre o relacionamento de seus pais, sobre Gerald. Isso era inútil.



— Diga-me algo pessoal. — Ela apoiou a bochecha no ombro. — Só uma coisa, Sam. Isso vai me fazer sentir melhor. Por favor.

— Aisling, é hora de você ir.

— Por quê?

— Porque isso não vai a lugar nenhum adiante. Nós transamos. Isso foi um erro. É hora de você seguir em frente. O que quer que você pense que vai acontecer, posso garantir que não vai acontecer. Não tenho alma, coração ou consciência. Divertimo-nos sim, mas as mulheres são todas iguais para mim. Eu nunca vou escolher você acima de todas as outras. Se você acha que a vida com Gerry é um pesadelo para sua mãe, imagine o pior de seu pai e continue. Isso seria eu.

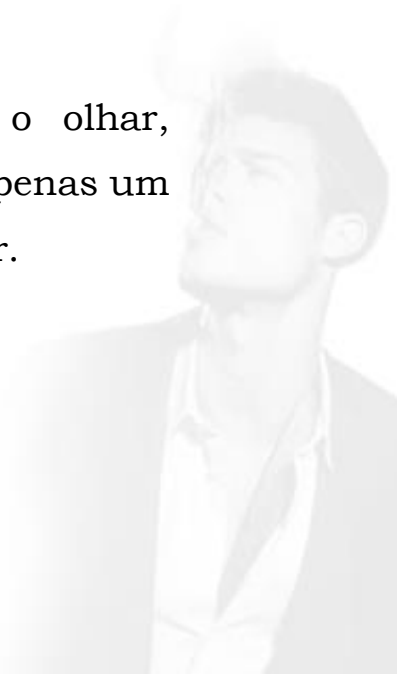
Foi quando finalmente aconteceu.

Ela finalmente chorou na minha frente.

Foi apenas uma lágrima. Rolou por sua bochecha, voando por seu queixo como um penhasco, caindo com um respingo em seu joelho.

— Maldição, mulher, — sibilei, desviando o olhar, sentindo... *sentindo*. Não foi uma sensação grande, apenas um pequeno desconforto, mas eu não queria vê-la chorar.

Uma vez.



Esta seria a única vez que eu iria agradar a essa mulher irritante. Não mais.

Levantei-me, pegando a garrafa de uísque pelo gargalo e tomando um gole enquanto começava a andar pela sala.

— Quando eu era criança, antes de Troy e Sparrow me aceitarem, quando eu morava com Cat e minha avó, tínhamos um quadro em nossa casa. Apenas um. Era uma pintura muito barata. Uma velha cabana desbotada no lago – básica e não muito boa. Enfim, a pintura estava na frente da cama no quarto principal. Tinha a tendência de cair do prego no chão toda vez que a porta rangia ou alguém respirava na casa. Cat era a única pessoa com a chave do quarto principal, e ela não sabia que eu aprendi a arrombar uma fechadura.

Eu parei. Tomei outro gole. Percebi que estava meio bêbado e coloquei a garrafa na mesa de café, percebendo que Nix estava dedilhando e tocando mais balas do pote, respirando as iniciais com os lábios. Como se ela estivesse de luto por essas pessoas ou algo assim.

— Quando eu era criança, Cat costumava me punir, me deixando com fome. Para fazer isso, ela fez do lugar debaixo da cama uma despensa improvisada. É onde ela guardava toda a comida. Condimentos, batatas fritas, pretzels, refeições prontas. Vovó não era forte o suficiente para lutar com ela nisso. Como você sabe, eu era um garoto de merda, então estava virtualmente em um estado constante de punição. Isso

me deixou com muita fome e muito pequeno para a minha idade.

Ela apertou os lábios e percebi que ela estava prestes a soluçar de novo. Isso me fez sentir como a porra do Bambi. Eu não precisava da pena de ninguém. Corri para a próxima parte.

— Em algum momento, eu percebi que poderia entrar na sala e pegar lámen⁶⁰ ou um saco de batatas fritas ou algo assim. E eu fiz. Muitas vezes. Mas Cat tinha a tendência de entrar na hora mais inconveniente. Quando não tive tempo de fugir do quarto dela, tive que me esconder embaixo da cama, enterrado sob a comida gordurosa.

Sorri amargamente para a parede de concreto à minha frente, sentindo os olhos de Aisling fixos em meu perfil, ansiosos para ouvir mais.

— Cat era uma prostituta, então na maioria das vezes, quando ela voltava para casa, não estava sozinha. Parei de contar depois da quarta vez que tive que me esgueirar para debaixo da cama e senti as molas do colchão cavando em minhas costas enquanto alguém a fodia em cima de mim.

Aisling desviou o olhar, sibilando, como se minha dor sangrasse em seu corpo.

— Não, — ela resmungou.

⁶⁰ Macarrão instantâneo, tipo miojo.



— Sim. — Mudei de direção, caminhando em sua direção.

— Senti o peso dos pecados da minha mãe, figurativa e literalmente. Eles transaram com ela nas minhas costas. De novo e de novo e de novo. Enquanto eu estremecia, tonto de fome, todos os músculos do meu corpo se contraíam para que eu não fizesse um movimento repentino e me descobrissem. Minha memória de infância mais distinta é aquela pintura estúpida. Cada vez que a cabeceira da cama batia na parede oposta, ela caía, mas não virada para baixo, então eu sempre podia ver a cabana e o lago olhando diretamente para mim, como se eles me pegassem em flagrante. Tínhamos um relacionamento, esta pintura e eu. Eu senti que ela estava me provocando. Me lembrando da minha vida de merda, e toda vez que eu olhava para ela, podia sentir as marcas azuis e roxas nas minhas costas das molas enferrujadas cavando em minha pele.

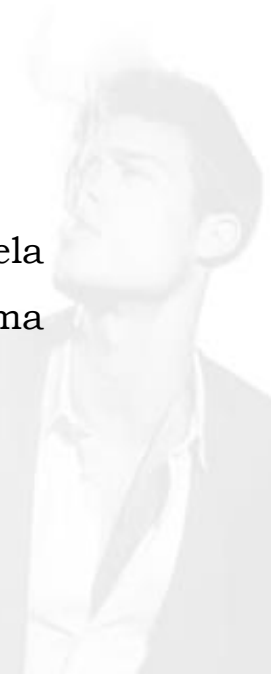
— Você não tem pinturas, — disse ela lentamente, olhando ao redor da sala.

Bati com a ponta do maço de cigarros no bíceps e um cigarro saiu.

Eu pesquei entre meus dentes. — Não.

— Minha casa deve ser muito estimulante para você.

Eu ri, acendendo o cigarro. Esparramei-me ao lado dela no sofá, tomando cuidado para não a tocar, exalando uma trilha de fumaça para o teto.



— Eu não tenho gatilhos.

— Todo mundo tem gatilhos, — ela argumentou.

— Eu não. Eu deixei o ódio apodrecer e o redirecionei para a ambição. Dou boas-vindas às minhas fraquezas e não fujo delas.

Ela encostou a cabeça no meu ombro, pressionando a palma da mão no meu coração. Eu congelei.

Isso era novo.

E não solicitado.

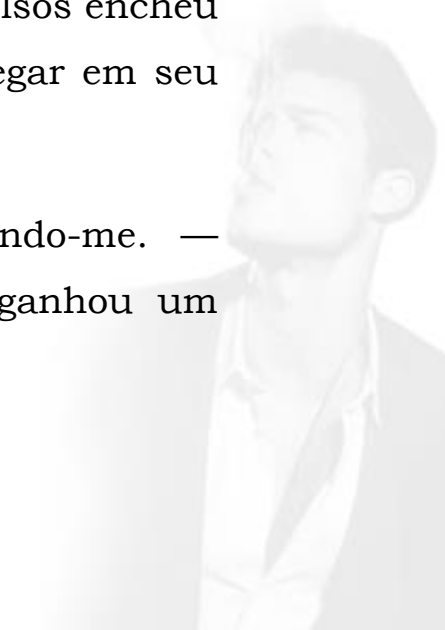
Mesmo assim, não me mexi. Sua mão em mim era boa. Certa.

— É por isso que você odeia mulheres? — Ela sussurrou.
— Porque Cat te injustiçou tanto?

— Eu não as odeio. Eu só não quero ter muito a ver com elas, — gemi.

— Bem, eu quero algo a ver com você. — Ela olhou para cima, piscando para mim com olhos de coruja. Nossos olhares se encontraram. O zumbido espesso de nossos pulsos encheu o ar. Eu me afastei dela, pressionando meu polegar em seu lábio.

— Não. — Sorri maldosamente, levantando-me. — Vamos. Você tirou isso do seu peito e ainda ganhou um



pequeno bônus com a minha história triste. Agora dê o fora, Nix. E não volte.

— Mas eu...

Ela começou, mas eu me virei, dando uma tragada no cigarro e olhando na outra direção.

Pela janela do chão ao teto, pude vê-la de pé, digna. Ela caminhou até a porta, com o queixo erguido e as costas retas. Assim que ela fechou a porta atrás de si, soltei um suspiro, deixando cair o cigarro na garrafa de uísque pela metade.

Correndo para o banheiro, quase chutei minhas calças para baixo dos meus joelhos, abri o spray do chuveiro e tropecei para dentro antes que a água mudasse de fria para quente.

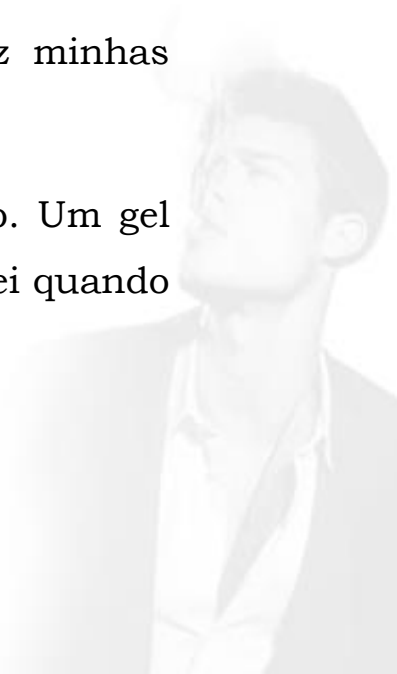
Apoiei um braço sobre os azulejos, deixei a água bater no meu corpo e comecei a me masturbar – ainda com minha camisa.

— Merda... — Eu assobieei enquanto esfregava meu pau sem piedade, bombeando rápido. — Merda. Merda. Merda.

Sua mera presença no meu apartamento fez minhas bolas apertarem.

Eu gozei e gozei e gozei dentro do meu punho. Um gel líquido e branco revestiu meus dedos, e me perguntei quando foi a última vez que me masturbei.

Provavelmente quando eu tinha dezesseis anos.



Não, talvez quinze.

Foda-se, Aisling.

Coloquei minha testa contra os azulejos, gemendo enquanto as agulhas de água em brasa continuavam batendo em meu rosto e cabelo. Eu não era seu salvador, era seu monstro. Esses encontros tarde da noite, eu a seguindo, ela me procurando... eles tinham que parar.

Antes de fazer com ela o que fiz com aquela pintura.

Porque eu não contei a ela toda a história.

Anos depois de me mudar do apartamento de Cat, voltei. Paguei ao proprietário uma grande quantia em dinheiro para fazer um tour pelo local. Encontrei a pintura. Os novos inquilinos não se livraram dela. Eu roubei, queimei e joguei as cinzas no rio Charles.

Eu não sabia como guardar as coisas.

Eu só sabia como quebrá-las.

Era hora de quebrar Aisling de uma vez por todas e garantir que ela nunca, nunca mais me procurasse.



Aisling

Pare de escolher o que não está escolhendo você, mon cheri, a voz da Sra. B soou entre meus ouvidos quando irrompi para fora da porta do prédio de Sam com as pernas bambas, o chicote forte do vento batendo em minhas bochechas.

Eu ofeguei por ar, mas nenhuma quantidade de ar poderia satisfazer meus pulmões.

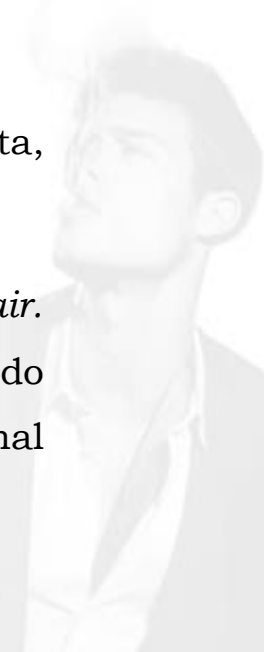
Sam, Sam, Sam.

Sam quebrado, com cicatrizes, estragado e imperfeito. Moldado nas mãos de uma mãe abusiva, de um pai adotivo mafioso e do fantasma de um pai biológico que ele conhecia que tentou matar sua mãe adotiva.

Enrolei meu casaco na cintura e corri para o Aston Martin esperando na esquina do prédio de Sam, deslizando para o banco do passageiro. No minuto em que entrei, peguei a garrafa térmica esperando por mim lá e tomei um gole de café ganancioso.

— Bem? — Cillian perguntou do assento do motorista, levantando uma sobrancelha cética.

Ele não acreditava que Sam tinha algo a ver com *Athair*. Nem Hunter. Eu poderia dizer que Cillian estava agora olhando para mim, tentando ver se eu fiz sexo com Sam. Qualquer sinal



revelador para descobrir se fizemos algo sórdido. Lábios inchados. Bochechas coradas.

Meu irmão não confiava em mim para não me jogar em Sam.

Eu balancei minha cabeça. — Não foi possível encontrar nada e ele não ofereceu nenhuma informação.

— Claro que você não conseguiu. Porque Sam tem coisas melhores para fazer com seu tempo do que mexer com *Athair* sem motivo aparente.

— Ele era a única pessoa na mesa capaz de envenenar um dos convidados.

— *Athair* fez uma visita rápida ao hospital. Dê um descanso a essa sua linda cabeça, Ash. Sam é inocente – neste caso, é claro. Em geral, ele é provavelmente responsável por todas as outras coisas ruins que aconteceram em Massachusetts desde 1998. Caso encerrado.

Quando eu não disse nada, ele gemeu, abaixando a cabeça no encosto, fechando os olhos.

— Diga-me que você vai esquecer. Já tenho o suficiente no meu prato. Não preciso apagar outro incêndio.

— Tudo bem, — eu mordi. — Não vou farejar mais perto dele.

— Promessa? — Ele perguntou.



— Promessa.

Foi estúpido. Infantil, na verdade, mas velhos hábitos morrem com dificuldade, e me peguei cruzando os dedos no colo como uma criança, entre as dobras e vincos do vestido.

Estava longe de acabar.

Sam pode estar jogando comigo, mas agora eu jogaria com ele também.

Eu iria descobrir a verdade sobre o que aconteceu com meus pais.

Nem que fosse a última coisa que eu fizesse.



Dito



Aisling

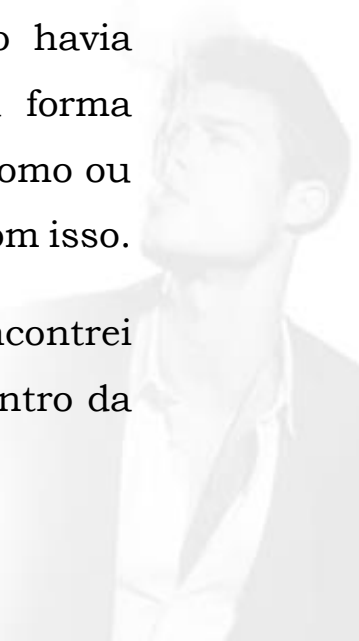
Uma semana se passou desde que visitei o apartamento de Sam.

Uma semana sem notícias desde o fim dele, e meus irmãos fazendo o possível para restaurar algo semelhante à normalidade em nossa casa.

Eles faziam uma visita depois do trabalho algumas vezes por semana para verificar Da, convencidos de que o envenenamento era obra da mãe ou erro tácito de Gerald.

Eu joguei junto, regando mamãe com atenção, observando-a com olhos de falcão para garantir que ela não tentasse se machucar, mas a verdade era que algo havia mudado dentro de mim, reorganizando-se em uma forma diferente. Eu estava começando a mudar e não sabia como ou por que, mas as últimas semanas tiveram muito a ver com isso.

Externamente, fiz os movimentos usuais. Encontrei Persy, Belle e Sailor em um restaurante indiano no centro da



cidade. Até fingi dar uma risada divertida quando Sailor franziu a testa para o telefone com um longo suspiro de sofrimento e nos mostrou uma foto de Cillian. — Esta é a versão dele de me enviar fotos de pau.

— Mas não é um pau. — Persy piscou, sem entender.

— Não anatômico, de qualquer maneira — Belle murmurou, rasgando um pedaço de pão naan⁶¹ e mergulhando-o em um molho de hortelã e manga. Persy havia protestado por termos chamado seu marido de idiota, mas é claro que todas nós sabíamos que ele era – para todos, menos para ela.

Minha mãe continuou gemendo sobre o quão horrível meu pai tinha sido com ela, mas cada vez que ela se aventurava para fora de sua toca e ele tentava falar com ela, ela fazia uma curva em U e disparava de volta para o quarto principal, deixando uma trilha de acusações chorosas ecoando nas opulentas paredes do corredor em seu rastro.

Da ainda estava dormindo em um dos quartos de hóspedes, flutuando dentro e fora dele como um fantasma, seu cabelo branco desgrenhado aparecendo em todas as direções, com a barba por fazer e assombrado pelo estado de seu casamento.

Não ajudou o fato de ele ter começado a receber mensagens misteriosas e enigmáticas, ameaçando drenar suas

⁶¹ Um pão achatado, tipo pão sírio.



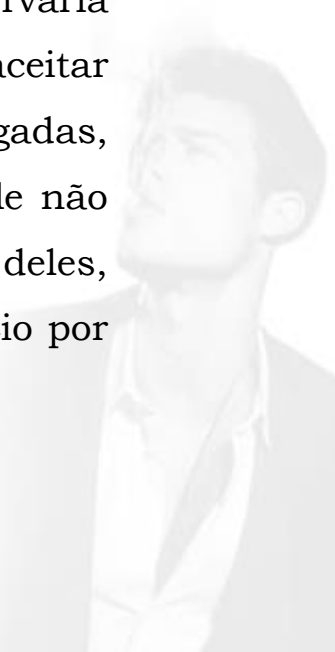
contas bancárias secretas na Suíça – contas que, segundo Da, ninguém sabia.

Nos primeiros dias depois que as mensagens começaram a chover, meu pai fez questão de tomar banho, se vestir e ir para o escritório. Ele havia deixado a porta entreaberta e ficou sentado ali, imóvel e quieto, esperando ouvir a porta da minha mãe se abrir para que ele pudesse falar com ela.

Assim que percebeu que mamãe estava realmente desinteressada em conversar sobre as coisas, ele recuou para seu estado atual de desordem, mal saindo de seu quarto.

E essa, eu percebi, era a diferença entre esta época e todas as outras. Normalmente, meus pais entravam nesse tango, uma espécie de dança; era difícil de seguir e só eles sabiam todos os movimentos para isso.

Meu pai iria estragar tudo, minha mãe ficaria brava e ele a reconquistaria. Ele a levaria para dentro de alcovas em casa ou a roubaria para o jardim das borboletas, sussurrando-lhe ao ouvido coisas doces. Ele a cortejaria. Faria ela se sentir desejável. Afogaria-a com presentes e elogios. Enviaria olhares calorosos do outro lado da mesa à hora do jantar. Observaria como ela lascou antes de quebrar completamente e o aceitar de volta. Em seguida, ele a levaria para férias prolongadas, faria todas essas promessas que ambos sabiam que ele não poderia cumprir, e colaria novamente o relacionamento deles, mesmo que tivesse alguns pedaços faltando e fosse vazio por dentro.



Só que desta vez não funcionou. Da foi envenenado. Ele culpou minha mãe. Meus irmãos também suspeitavam dela. Acho que mamãe decidiu que já estava farta e os eliminou de sua vida. Ela se recusou a ver Cillian e Hunter sempre que eles a visitavam.

O que nos trouxe para onde estávamos agora.

Para o evento anual de caridade que minha mãe organizou.

— Aisling, você poderia ser uma querida e pedir aos seus irmãos para irem dizer oi ao Sr. Arlington? Ele fez uma doação tão substancial para nossa instituição de caridade esta noite, e eu sei que ele está competindo pela atenção de Cillian há muito tempo. Ele precisa de conselhos sobre sua nova empresa offshore⁶². — Mamãe me deu uma cotovelada forte enquanto estávamos no salão de baile do Bellmoor, um hotel boutique no West End.

A sala brilhava em estilo neoclássico francês – toda em creme, ouro e lustres ornamentados, e uma escada perfeita para o Instagram com corrimão dourado.

Os convidados entravam e saíam, bebendo champanhe e rindo alto enquanto procuravam as mesas designadas. Empresários se misturavam, os homens de smoking, as mulheres em vestidos de baile elaborados. Jane Fitzpatrick tinha um histórico impecável de dar festas luxuosas, de bailes

⁶² Nome comum dado às empresas e contas bancárias abertas em territórios onde há menor tributação.



de debutantes a eventos de caridade, e este não era diferente, mesmo sabendo que seus colegas nunca se recuperaram da última manchete pela qual seu marido era responsável.

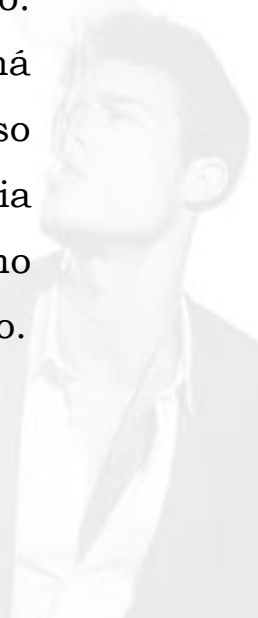
Minha mãe era diretora da *The Bipolar Aid Alliance*, um grupo de caridade sem fins lucrativos, para o qual ela organizava eventos com frequência. Ela usava um vestido nobre cinza, seu cabelo preso em um coque. Nunca tínhamos falado sobre o fato de ela ter escolhido essa instituição de caridade em particular, acima de todas as outras, para dar toda a sua atenção e recursos, mas eu sabia que era revelador.

Descobri que nada no comportamento de minha mãe era accidental. Ela era uma mulher calculista, e Cillian e eu herdamos esse traço dela.

— Eu irei, mas para que fique registrado você terá que falar com eles em algum momento, — eu a repreendi, brincando com minhas luvas de veludo.

Ela ergueu o nariz, examinando as unhas bem cuidadas.

— Tenho? Eu duvido. *Tenho* que falar com meu banqueiro em algum momento para resolver tudo antes do divórcio. E meu paisagista – as roseiras precisam de um corte adequado. Ah, e certamente meu cabeleireiro. Mas meus filhos? Não há nada que eu precise deles. Se eu quiser ver meus netos, posso falar diretamente com suas esposas. Na verdade, eu preferiria que Sailor e Persephone, pelo menos, me tratassem como iguais e não acreditassem que *envenenei* meu próprio marido.



— Falando de seu marido, e sobre ele? — Eu perguntei, alisando a mão sobre meu vestido azul escuro de mangas curtas. — Você vai falar com ele em algum momento no próximo século, ou vai passar o resto da sua vida se esquivando dele?

— Seu pai e eu parecemos ter atingido um ponto de ebulição depois de ferver à beira do desastre por décadas. Ele se tornou paranoico e desconfiado injustamente. Muito vulgar, visto que não sou eu que aparece nas manchetes a cada poucos meses com um novo caso. Odeio dizer isso, Aisling, minha querida, mas podemos ter chegado ao fim do caminho. Não nos vejo voltando desta crise em particular.

— Bem, então eu sugiro que você fale com ele antes de entregar os papéis do divórcio. — Cerrei meus dentes.

— Ele não vai acreditar em mim.

— Experimente.

— Apenas diga aos seus irmãos para fazerem o que eu digo, — mamãe bufou, como se eu fosse uma adolescente em vez de uma mulher adulta, acenando para mim.

Eu não era uma idiota. Sabia que as pessoas me tratavam como se eu fosse mais jovem do que meus anos porque eu deixei. Porque eu era legal, tímida e amável.

Balancei minha cabeça, indo até Cillian e Hunter, que estavam em um grupo com outros homens, fumando charutos e resmungando alto sobre o novo plano tributário.



Você poderia dizer que eles não queriam estar aqui. Normalmente, eles levavam suas esposas para qualquer lugar que valesse a pena. Se deixassem Sailor e Persephone em casa, isso significava que planejavam uma saída mais cedo e poupavam suas esposas do tédio.

Eles ainda, no entanto, apareceram para apoiar minha mãe. Eu gostaria que ela pudesse ver isso. Como todos nós fazíamos o que podíamos para apoiá-la, mesmo que ela se comportasse como uma criança.

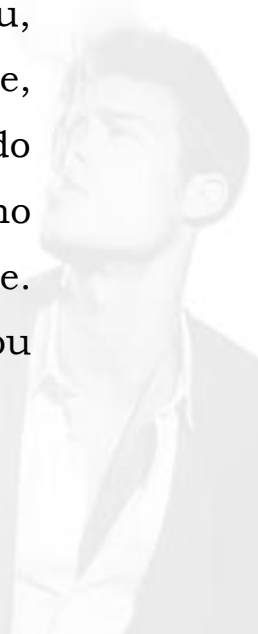
Eu parei perto de Hunter e Cillian.

— Posso pegar vocês dois emprestados por um momento?

— Eu sorri educadamente.

— *Pode?* Eu pagaria a você um bom dinheiro para me tirar daqui. Extra se você concordar em colocar uma bala na minha cabeça, — Hunter sussurrou, dando um passo para longe do idiota do círculo em que estava engolfado. Cillian, que tinha mais sutileza que isso, lançou um sorriso impaciente na minha direção, mas permaneceu parado, um bando de homens enxameando ao redor dele.

— O que está acontecendo? — Hunter perguntou, bebendo água engarrafada. Ele quase não bebia álcool e, quando o fazia, limitava-se a uma bebida. — A festa está a todo vapor e a caixa de doações está lotada. Não me diga que o velho morcego encontrou um motivo para ficar infeliz novamente. Deixe-me adivinhar, as flores não são frescas o suficiente ou



alguém deixou de elogiá-la pelo vestido – o que, a propósito, a faz parecer uma parede de gesso.

Eu pisei em seu pé, fazendo-o estremecer e apertar os dedos dos pés.

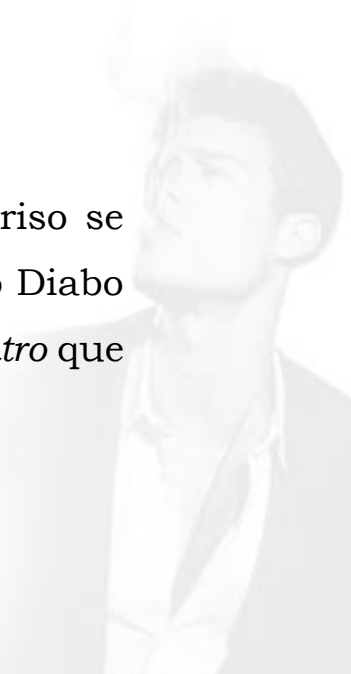
— Ela perguntou se vocês dois poderiam se apresentar ao Sr. Arlington, bem ali. — Discretamente, gesticulei para um homem mais velho e rechonchudo sentado a uma mesa do outro lado da sala, apreciando o coquetel de camarão muito mais do que qualquer um deveria, considerando seu sabor desagradável. — Ele fez uma doação considerável e gostaria de fazer algumas perguntas. Relacionado a negócios offshore, acredito.

— Desde quando eu me inscrevi para mamãe me cafetear como se eu fosse uma garota de programa de baixa qualidade que precisasse de dinheiro? — Cillian falou lentamente em sua voz monótona usual, evitando a multidão que o rodeava.

Eu me virei para olhar para ele, carrancuda. — Você precisa tirar um pouco da carga de trabalho de mim. Sou eu quem ela administra vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

— Sua escolha, — Cillian apontou secamente.

— Falando de cheques gordos... — um lento sorriso se espalhou pelo rosto esculpido de Hunter — ...o próprio Diabo acaba de entrar no salão de baile, e ele trouxe um *encontro* que parece caro.



Todas as cabeças se viraram para a entrada, incluindo a minha, bem a tempo de ver Samuel Brennan valsando pelas portas duplas com uma morena alta de pernas longas. Os dois porteiros curvaram-se diante deles. Sam usava um smoking impecavelmente cortado, e a mulher tinha um vestido de cetim decotado e verde escuro que fazia seus olhos saltarem do outro lado da sala.

Ela era obviamente uma modelo.

E eu estava obviamente – *desesperadamente* com ciúme.

— E ele trouxe uma réplica de nossa irmã, nada menos, — Hunter murmurou, apertando sua garrafa de água até que espirrou em suas mãos comicamente, derramando em seus sapatos. Cillian permaneceu em silêncio, seus olhos se estreitando em Sam.

Um homem que eu não conhecia se interpôs entre nós, gesticulando para Sam com sua taça de champanhe.

— Dizem que ele matou sua primeira vítima aos treze anos. Sob a orientação de seu pai adotivo, Troy Brennan. Eu trabalhava no escritório do promotor na época. Li o relatório post mortem. O dano que ele infligiu foi assustador. Você sabe, nunca encontramos a bala que ele usou.

Isso foi porque Sam manteve todas elas.

— Ele é meu cunhado, — disse Hunter com os dentes cerrados. — Então, a menos que você deseje compartilhar um



destino com aquele pobre cadáver, sugiro que você dê uma volta.

— Oh... — O homem recuou visivelmente, estremeando.
— Eu não fazia ideia. Desculpe-me.

Meus olhos não vacilaram de Sam e seu par, nem mesmo por um segundo. Agarrei minha bebida no meu peito, observando-os se moverem juntos, de braços dados, a mão dela colocada em seu antebraço. Como se sentisse meu olhar, Sam girou e virou bruscamente em nossa direção, vindo até nós. Meu coração estava na minha garganta e algo quente se agitou dentro do meu estômago.

Em todas as vezes que ele me insultou e provocou ao longo dos anos, e especialmente nas últimas semanas, ele nunca tinha jogado outra mulher na minha cara antes.

Esta foi uma escalada. Uma nova etapa em nosso jogo bagunçado.

Ele sabia que eu estaria aqui.

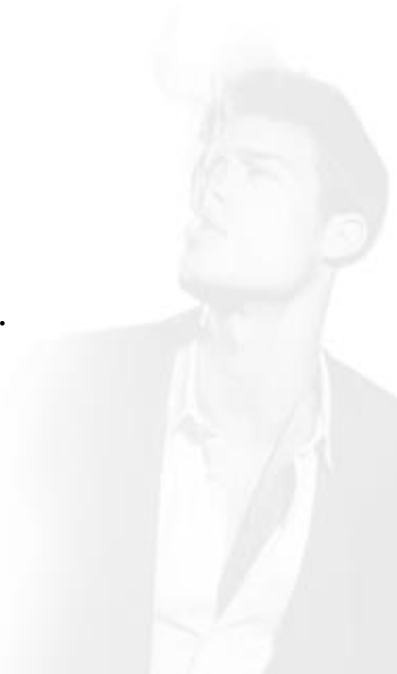
Sabia que ajudei mamãe a organizar esse evento de caridade.

Este foi um incitamento contundente.

Projetado para me irritar.

Para me mostrar o quanto ele não se importava.

Sam e a mulher pararam na nossa frente.



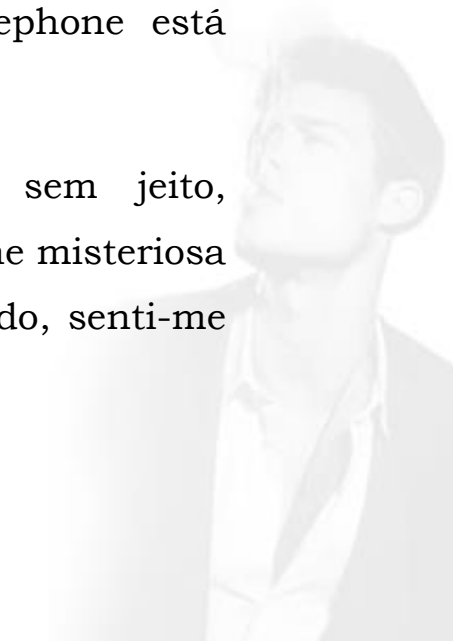
— Vi o congressista Weismann saindo agora mesmo... — Sam apontou com o polegar por trás do ombro, falando com meus irmãos e apenas com eles — ...sua mãe deve ter puxado alguns cordões para fazê-lo mostrar a cara aqui após o escândalo da governanta ilegal.

— Eu entendo que você tem as maneiras de uma fralda suja, mas na sociedade culta, é esperado que você apresente seu par aos seus amigos, que é o que você fará agora, — Cillian mordeu friamente, seus olhos deslizando de Sam para seu encontro. Não havia aprovação neles. Meu irmão só tinha olhos para sua esposa, não importava quantas mulheres bonitas se jogassem a seus pés. Mas eu poderia dizer que ele estava nervoso com o quão parecidas eu e a mulher na nossa frente éramos.

Inferno, ela podia sentir isso também. Nós duas nos olhamos com curiosidade, como se estivéssemos olhando através de um espelho distorcido.

— Ficando um pouco sensível, Kill. — Sam parecia ligeiramente entretido. — É apenas uma mulher. Elas representam mais de cinquenta por cento da população mundial, pela última vez que verifiquei. Persephone está falhando em seus deveres de mantê-lo entretido?

A mulher se mexeu nos calcanhares sem jeito, obviamente não gostando de ser falada como carne misteriosa em um sanduíche de delicatessen. Apesar de tudo, senti-me



mal por ela. Ela era um adereço e merecia mais do que o Sam tinha reservado para ela.

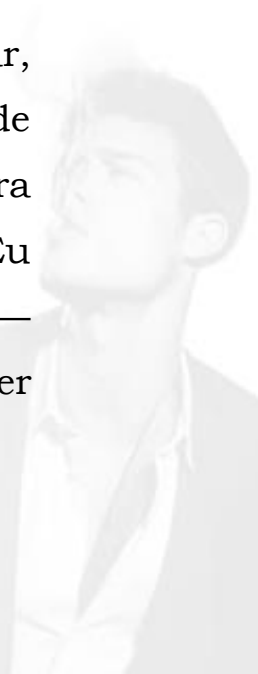
— Esta é Becca... — Sam gesticulou em direção a ela, sem olhar *para* ela, como um vendedor exibindo um carro chamativo — ...Becca, este é Cillian, o CEO da Royal Pipelines, e Hunter, meu cunhado e chefe do departamento de relações públicas da empresa. E esta é Aisling... — ele apontou o queixo na minha direção sem pensar, do jeito que você faria com o cachorro da família. Todos os olhos se voltaram para mim. — Ela é a irmã mais nova, de ocupação não revelada. Tenho certeza de que é algo interessante, mas nunca reuni interesse suficiente para descobrir.

— Aisling é médica — retrucou Cillian.

— E eu sou Maria Antonieta. — Sam curvou-se teatralmente. — Quer um pouco de bolo?

— É a primeira vez que você reconhece minha irmã e fala com ela como se ela fosse um lixo. — Hunter franziu a testa, esquentando. — Agora eu me lembro por que nenhum de nós queria você perto dela.

— Olá. Eu estou bem aqui! — Acenei minha mão no ar, tentando parecer imperturbável. — Não há necessidade de lutar minhas batalhas por mim. Além disso, acho que é hora de usar seu direito de permanecer em silêncio, Brennan. — Eu descobri meus dentes, raiva zumbindo sob minha pele. — Nada do que sai da sua boca vale a pena ouvir de qualquer maneira.



Ele dirigiu seus olhos cinzentos para mim, e eles brilharam com prazer aberto. A primeira vez que o vi feliz desde o Halloween. Desde que compartilhamos uma noite sórdida juntos.

— É a semana da TPM para todo o clã Fitzpatrick? Eu ouço sobre mulheres que moram juntas menstruando ao mesmo tempo.

— Eu suspeito que você perdeu todos os direitos de fazer piadas de sangue com seu histórico, Sam. — Levantei uma sobrancelha em sua direção.

Ele jogou a cabeça para trás, rindo completamente agora.

— Touché, Nix.

Hunter deixou cair sua garrafa de água. Cillian engasgou com seu uísque. Tudo parou, inclusive meu coração.

— *Nix?* — Meus dois irmãos perguntaram em uníssono.

Pela primeira vez desde que Sam entrou, me forcei a esfriar minhas respostas rápidas, interessada em ver como ele sairia disso. Becca envolveu seus braços em volta de Sam possessivamente, a compreensão de que ela pisou em algo maior do que ela, escorrendo em seu sistema.

Eu sorri friamente.

— Oh, conte a eles a história de como eu ganhei meu apelido, Sam. É uma boa.



Parque de diversões.

O beijo.

As confissões.

Você é um monstro e eu sou um monstro. Ambos somos demônios, procurando nosso próximo quilo de carne.

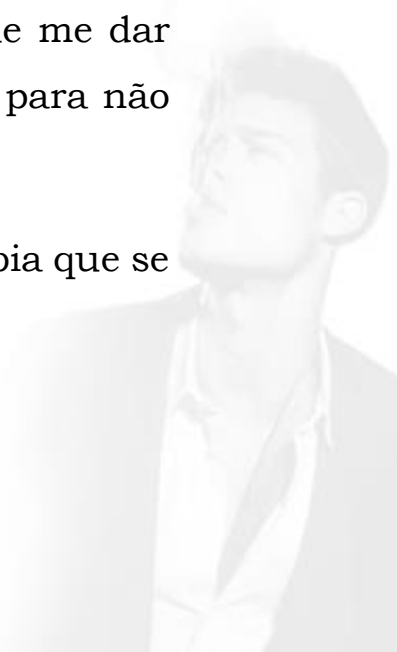
Uma bala de platina poderia matar um Nix, mas não, você me deu uma de ouro. Você me quer viva, Brennan. Bem e capaz de revidar.

Becca agarrou com mais força o braço de Sam, tratando-o como um colete salva-vidas humano, sem saber que seu trabalho era fazer as pessoas se afogarem. Ela não soltou uma palavra desde que entrou no salão de baile, e eu sabia que não era accidental. Ele deve ter dito a ela para manter a boca fechada.

Os olhos prateados de Sam brilharam com malícia. — Tem certeza de que quer que eu diga a eles?

— Agora não é hora de agirmos cavalheirescamente, — Cillian rebateu. — Aisling e você nunca trocaram uma frase, mas você tem um apelido para ela? Você vai ter que me dar uma explicação, visto que eu pago a você um extra para não tocar na minha irmã.

Uma bola se formou na minha garganta e eu sabia que se abrisse a boca, gritaria.



Como meus irmãos ousam interferir na minha vida amorosa?

Como eles ousam ditar quem eu poderia ou não ver?

E quão patético eu era que Cillian não teve nenhum problema em dizer isso bem na minha frente?

Eu era Aisling. Doce e angelical Aisling. A médica. A provedora. A boa.

Becca parecia agonizantemente envergonhada quando as peças do quebra-cabeça começaram a se encaixar. Ela deu um passo para o lado, para longe de Sam. Ele nem percebeu.

Sam se virou para olhar para Hunter e Cillian, sua expressão grave.

— Foi a primeira vez que vi sua irmã. No jantar, quando Sailor e Hunter começaram a morar juntos. — Uh-huh. Ele já estava mentindo. Essa não foi a primeira vez que nos conhecemos. — Pedi licença para ir ao banheiro assim que ela saiu. Seu vestido estava enfiado dentro de sua calcinha por trás, sua bunda e pernas em plena exibição. Eu disse a ela que ela precisava desprender o vestido. Ela chorou de horror e disse: 'Oh, não, minha calcinha!' Ela me explicou que as roupas íntimas são chamadas de calcinhas no inglês britânico. Desde então, eu a chamo de Nix, porque ela é uma idiota que não consegue se vestir bem. Não é verdade, Nix? — Ele piscou, sacudindo meu nariz como um irmão mais velho protetor.

Eu me senti perto de uma explosão nuclear.



Frustrada.

Humilhada.

Fumegando.

Sam olhou para mim, esperando que eu o repreendesse por causa de suas besteiras.

— Desde quando você namora? — Hunter mudou de assunto, obviamente sem se divertir com a história de Sam.

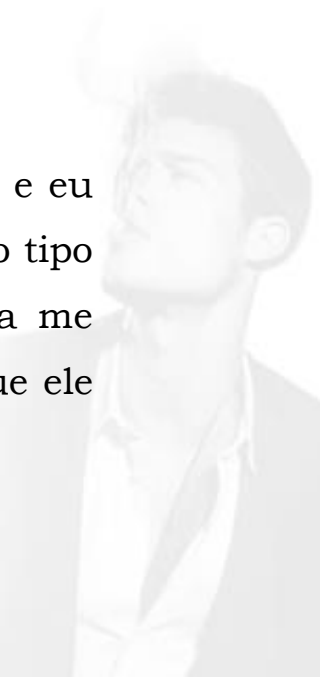
— Desde que mudei de ideia sobre o casamento.

— Você mudou de ideia sobre o casamento? — Cillian zombou dele, o ceticismo quase vazando de seu olhar frio. Meu irmão mais velho brincou com a aliança de ouro enquanto falava. — Interessante. Lembro-me claramente de você me dando um discurso de uma hora sobre os méritos de permanecer solteiro pouco antes de me casar com Persephone. Devo cobrar pelo meu tempo perdido?

— Pessoas mudam. — Os olhos de Sam se transformaram em fendas. — Você deveria saber disso melhor do que ninguém.

— *Pessoas*, sim. Monstros, não.

— Então, Becca é a escolhida? — Hunter instigou, e eu queria vomitar de repente. Porque Sam era exatamente o tipo de psicopata que se casava com outra pessoa só para me irritar. Eu não ficaria surpresa. Acreditar na ideia de que ele



poderia ficar feliz com uma réplica minha e esquecer a coisa real.

Sam olhou para Becca, puxando-a para perto.

— Eu espero que sim, — ele sussurrou, colocando um beijo casto em sua boca. — Ela tem tudo que procuro em uma mulher. Linda, bem-educada e honesta. Pontos de bônus: sua família não é uma bagunça completa.

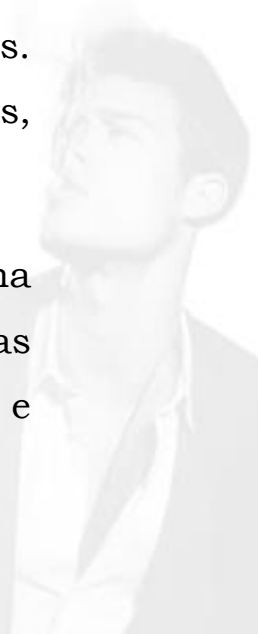
O ciúme deu lugar à raiva e eu gemi, virando as costas para Sam e Becca, olhando diretamente para Hunter e Cillian.

— De qualquer forma, entreguei a mensagem que mamãe me mandou aqui. Façam com ela o que quiserem. Aproveitem sua noite.

Com isso, fui embora. Eu podia ouvir vagamente meus irmãos chamando Sam de idiota pelas minhas costas, o que só serviu para me fazer sentir pior. Como um caso de caridade. Uma garota boba e ingênua, incapaz de se defender diante do lobo mau.

Nunca me senti parte deles de qualquer maneira. Cillian, Hunter e Sam tinham sua própria amizade, e Persephone e Sailor faziam parte disso porque eram parte dos meus irmãos. Emmabelle e eu sempre fomos deixadas de lado, associadas, mas não iniciadas na sociedade pseudo-secreta deles.

Passei o resto da noite sendo a filha perfeita para minha mãe. Eu ouvia piadas velhas, ria, agarrava minhas pérolas sempre que era apropriado durante histórias enfadonhas e



cansativas, tirei fotos com doadores e até apresentei minha mãe no palco quando era hora de ela fazer seu discurso.

Ninguém se atreveu a perguntar onde estava Gerald Fitzpatrick. Nem mesmo uma alma. A suposição tácita era que meus pais estavam passando por alguma coisa, como sempre acontecia, e a maioria dos convidados não pensava nisso. Era simplesmente assim que Jane e Gerald Fitzpatrick eram.

Uma joia cara e férias longe para reconciliação.

Ao longo da noite, recusei-me a roubar olhares para Sam e Becca, não importa o quão quente a tentação queimasse em mim.

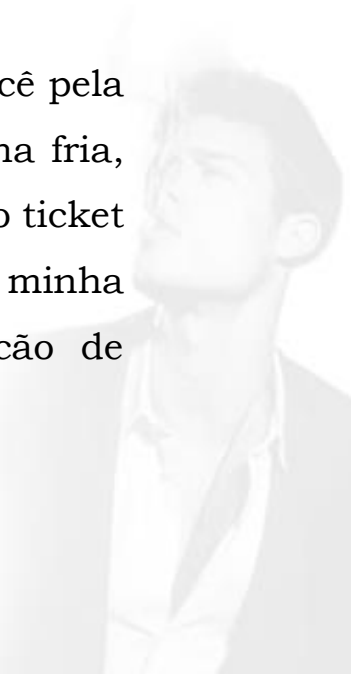
Não era típico dele ficar por mais de dez minutos em um evento de caridade.

Era ainda mais impróprio dele aparecer com um par.

Era óbvio que isso foi planejado para me torturar, e eu me recusei a dar a ele o prazer de concordar em ser torturada.

Finalmente, quando o relógio bateu meia-noite, disse à minha mãe que estava voltando para casa.

— Eu tenho um turno cedo amanhã. Encontro você pela manhã. Foi um evento adorável. — Beijeí sua bochecha fria, indo até o vestiário para pegar meu casaco, segurando o ticket amassado para entregar ao balconista em troca de minha jaqueta Armani. Quando cheguei ao elaborado balcão de carvalho, ele estava vazio.



A porta atrás estava fechada.

Merde.

Olhei em volta, tentando encontrar um membro da equipe disponível para me ajudar. Quando nenhum foi encontrado, decidi resolver o problema com minhas próprias mãos. Eu não ia ficar por aqui, esperando ser encurralada por Sam e Becca, como um alvo fácil. Contornei o balcão e abri a porta do vestiário, dando um passo para dentro.

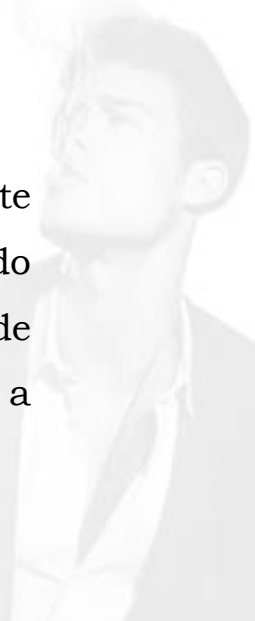
Parei imediatamente.

— Oh meu Deus! — Eu ouvi um grito. Veio da boca de Becca. A primeira vez que ouvi sua voz. Estridente e nasal. Pisquei para afastar meu choque, deixando a cena na minha frente se registrar.

Becca estava espalhada em uma montanha de casacos e blazers, seu vestido empurrado para cima em suas coxas – assim como o meu estava naquela maldita noite de Halloween – com Sam de pé a poucos metros dela, uma mão em seu zíper. O calor ao redor dos meus olhos indicava que as lágrimas estavam vindo, e me forcei a engolir a bile subindo na minha garganta.

Você tem vinte e sete anos. Não se atreva a chorar.

— Ora, ora. Você dá a cafonice um significado totalmente novo, não é, Sr. Brennan. — Eu apertei meus lábios, fixando meus olhos em Sam, com cuidado para manter o nome de Becca fora da minha boca. Não importa o quanto eu a



desprezasse por associação, não era culpa dela. — Sabe, Samuel, é isso que separa os nouveau riche dos verdadeiros aristocratas. Sua imparcialidade para imitações. Não conseguiu colocar as mãos na coisa real, então você decidiu se contentar com uma réplica. — Eu sorri docemente.

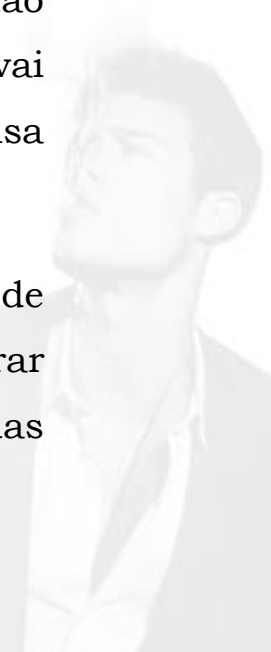
Eu estava com raiva, triste e febril com as emoções rastejando dentro de mim.

Abri minha bolsa e tirei uma camisinha dela – sempre mantive uma à mão para quando Belle saísse correndo e decidisse terminar a noite com alguém quando saíssemos – e a joguei no chão na direção de Sam.

— Você disse a ela que odeia as mulheres? Que você não quer filhos? Quanto você se odeia? Ela viu seu apartamento? Seu interior? Todos os seus segredos sujos? — Eu ainda estava sorrindo, mas meu coração parecia que estava encharcado com meu próprio sangue. Eu tinha apenas mais alguns segundos preciosos antes de eles começarem a cair. A boca de Becca ficou aberta em fascinação e horror.

Dei de ombros. — Sim. Eu acho que não. Uma palavra para o sábio... — Eu me virei em sua direção — ...corra, não ande. Ele é um problema e não do tipo domesticável. Ele vai usar você, jogar com você e descartá-la. Essa é a única coisa que ele sabe fazer. Porque isso foi feito com ele.

Eu girei nos calcanhares e corri de volta para o salão de baile, tentando encontrar um lugar onde pudesse chorar sozinha. Desabar e deixar tudo sair. Fui direto para uma das



varandas. Pude ver por trás das portas de vidro que estavam todas vazias. Ninguém era louco o suficiente para sentar do lado de fora no início do Natal em Boston. Não de boa vontade, pelo menos. Eu escancarei a porta e corri para o corrimão de pedra, segurando-o enquanto ofegava, o ar fresco e frio correndo em meus pulmões como água gelada.

Eu soltei, deixando escapar um grunhido feroz que ecoou dentro do meu corpo.

Eu o amava, odiava, desprezava e o desejava.

Uma coisa era certa – eu estava perto de deixá-lo.

Ele queria que eu o soltasse, virasse as costas para ele, que esquecesse, que o deixasse como qualquer outra mulher em sua vida. Todas as mulheres, exceto Sparrow. E eu estava perto de dar a ele exatamente o que ele queria.

Desabei contra o corrimão largo, pressionando minha testa contra sua frieza, tentando regular minha respiração enquanto fechava meus olhos.

Respire, mon cheri. Ele é apenas um homem. Um péssimo, ouvi sua voz.

Não sei quanto tempo fiquei lá, mas quando finalmente me virei para ir embora, eu o vi.

Ele bloqueou a porta, parado sozinho, seus ombros largos protegendo a visão do grupo de mim e vice-versa.

— Você terminou? — Ele parecia entediado.



Eu não respondi. Eu tive que me lembrar que este homem estava prestes a fazer sexo com outra mulher apenas alguns momentos atrás. Talvez ele tenha ido em frente e feito de qualquer maneira.

— Afaste-se, — eu disse calmamente. — Eu quero sair.

— Você é muito propensa a dramas, sabia disso, Nix? — Ele ignorou minhas palavras completamente, caminhando em minha direção. Parou quando estávamos perto, muito perto, e gentilmente colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Estou acostumado com mulheres que são mais rudes nas bordas. Sparrow. Sailor. Até mesmo Cat. Elas têm uma força masculina sobre elas. Se recusam a ser empurradas e nunca derramam uma lágrima.

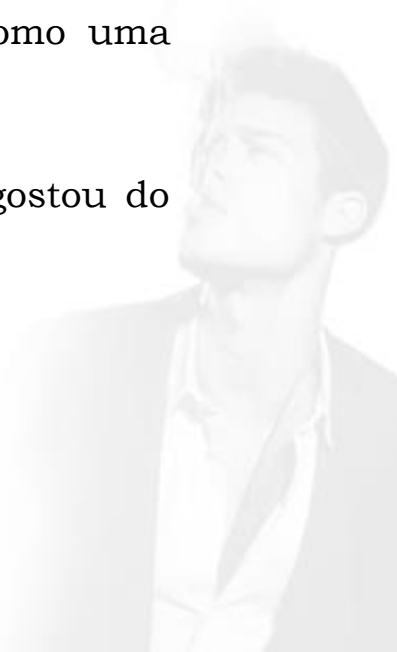
— Chorar não te deixa fraco, — eu disse, fungando e me afastando dele. — Significa apenas que você está em contato com suas emoções.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu não disse que você era fraca. Mas você é uma coisinha complexa, e nunca sei se entendi a versão arrasadora de você ou a dócil que segue atrás da mamãe como uma criança.

— Obrigada pela avaliação psicológica. Você gostou do seu rendezvous⁶³ com o seu par?

⁶³ Encontro, em francês.



Ele inclinou a cabeça para o lado, estudando-me atentamente. — O que há com as palavras francesas? Por que não dizer encontro como o resto da civilização moderna?

Dei de ombros. — Minha governanta era francesa. Ficou em mim.

— Você teve uma governanta, — ele disse, não como uma pergunta. Em vez disso, ele refletiu sobre as informações, arquivando-as em algum lugar de sua cabeça. — Bem, por acaso, eu não gostei de Becca porque você a assustou ‘pra’ caralho. Esta é agora a segunda foda que você me custou, Nix.

— Nix gosta de calcinhas, certo? — Revirei os olhos, uma nova raiva correndo em minhas veias.

Ele sorriu, parecendo estar com um humor fantástico, o que me fez odiá-lo ainda mais.

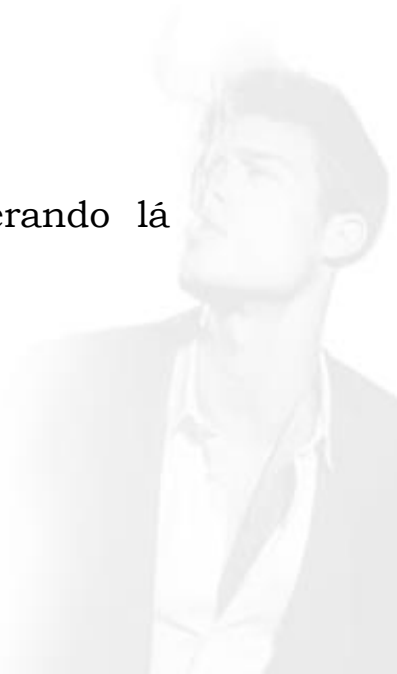
Ele empurrou outra mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Eu tive que pensar com meus pés.

— Acho que devo ir. — Eu me virei para fazer um caminho mais curto de volta para o salão de baile, mas ele deu um passo na mesma direção, bloqueando meu caminho.

— Não.

— Sam, você tem uma acompanhante esperando lá dentro.

— Ela se foi. Eu chamei um Uber.



— Você ainda a trouxe aqui. Essa é a questão. — Dei um passo para trás, evitando seu toque a todo custo. — Você ainda desfilou com ela. Ostentou ela. Beijou-a no vestiário.

— Eu não a beijei, — ele rosnou, sua boca torcendo em aborrecimento.

— Mas quando eu entrei você estava...

— Eu pulei essa parte, — ele brincou. — A parte do beijo. Eu queria que você tivesse uma visão geral.

— Bem... — Sorri tristemente — ...entendi, tudo bem. Missão cumprida. Agora sei que você fará de tudo para me afastar. Temos a capacidade assustadora de irritar um ao outro da pior e mais terrível maneira. Acho que finalmente terminei com você.

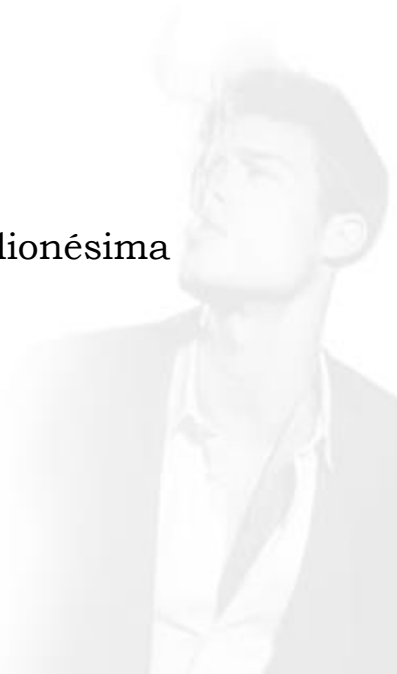
Eu não necessariamente falei a verdade, mas meu orgulho ferido não me deixava ceder ao desejo do meu coração.

Ele deu um passo à frente, seu calor irradiando através de mim. Eu dei um passo para trás em direção ao corrimão.

— Por que tenho a sensação de que você está brincando comigo, Aisling? — Ele perguntou.

Baixo. Calmamente. *Mortal*.

Eu engoli, dando um passo para trás pela milionésima vez. — Quem disse que eu não estava?



— Seus olhos de corça, por-favor-não-me-coma. Mas estou começando a ver que há muito mais em você do que eu pensava inicialmente.

— Sua opinião sobre mim não era muito alta em primeiro lugar, então isso não quer dizer muito.

Recuei novamente. Ele avançou em minha direção. Este terrível tango de vontades.

— Eu verifiquei seu arquivo do IRS⁶⁴. Você não tem renda. O que quer que você faça é voluntário ou pago por baixo da mesa. Com sua família passando por auditorias todos os anos, duvido que você seja estúpida o suficiente para se meter com dinheiro.

— O quê? — Engasguei, escandalizada. — Como você ousa...

— Facilmente. É assim. Agora é sua vez de responder a uma pergunta. O que é que você faz nesta clínica, Nix?

Senti minhas costas baterem na beirada do corrimão, a pedra cravando na minha espinha.

Perdi meu equilíbrio e tombei, meus braços balançando no ar. Meu torso voou direto para a varanda, mas Sam me agarrou pela cintura, a única coisa que me manteve suspensa no ar, seis andares acima do solo, da morte certa.

64 Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares.



Uma fina crosta de gelo cobria a pedra, tornando-a ainda mais escorregadia.

Meu coração disparou, batendo descontroladamente e histericamente.

— Puxe-me de volta! — Eu gritei, minhas mãos tentando desesperadamente agarrar seu smoking. — Por favor!

Ele se esquivou de minhas tentativas, prendendo minha cintura com mais força contra a pedra, mas não me deixando tocar qualquer parte dele.

— Eu acho que não, querida. Primeiro, você me deve algumas verdades. Você vai começar me contando o que fazia do lado de fora do meu apartamento há uma semana. Porque, olhando para trás, você não poderia ter ido lá só porque precisava de um ombro para chorar.

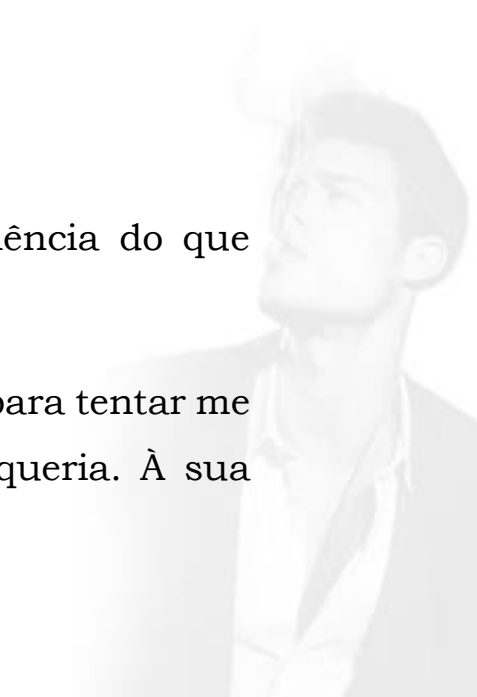
— Eu fiz! — Engasguei, engolindo o ar. — Eu...

— Você levou uma das minhas balas, — ele retrucou, afrouxando o aperto na minha cintura. Meu corpo oscilou entre a vida e a morte, pendurado no equilíbrio entre seus dedos vibrando contra a minha cintura.

Ele fez isso de propósito.

A compreensão me atingiu com mais violência do que qualquer tapa.

Ele me encurralou, me fez andar para trás para tentar me afastar dele e me pegou exatamente onde ele queria. À sua



mercê. Agora ele estava ameaçando me matar se eu não contasse a verdade.

A pior parte é que ele também poderia se safar. Pareceria um acidente. Eu tomei mais do que alguns drinques durante a noite, e Sam poderia facilmente escapar daqui sem ser detectado.

— Me deixe ir! — Eu ofeguei.

— Você tem certeza disso? — Ouvi sua risada grave. Eu não conseguia ver nada além do céu de veludo negro acima de mim, as estrelas brilhando como pó de fada, observando atentamente para ver como minha noite terminaria. — Por que você levou a bala, Nix?

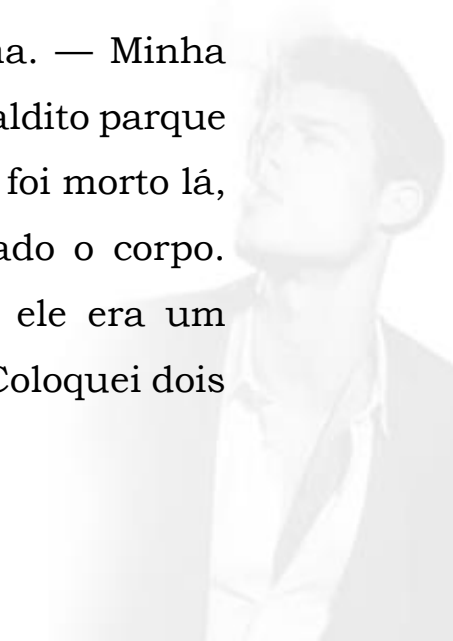
— Sam, por favor...

— Responda-me.

— Estou com medo, — eu sussurrei, minha voz fria e baixa.

— Diga-me a verdade e você não terá razão para estar.

— Porque eu sabia que era do homem que você matou no parque! — Eu gritei, tirando isso do meu sistema. — Minha obsessão por você começou logo depois daquele maldito parque de diversões. Verifiquei as notícias para ver quem foi morto lá, supondo corretamente que eles tinham encontrado o corpo. Descobri seu nome — Mason Kipling — e li que ele era um traficante de seres humanos procurado pelo FBI. Coloquei dois



e dois juntos. Percebi que você tem alguma rixa com o cara. Quando vi a bala, MK, não pude evitar. Eu peguei. Feliz?

Ele ficou quieto por alguns segundos. Eu estava com medo de que ele se cansasse de segurar minha cintura e me soltasse. Um arrepio percorreu meu corpo da cabeça aos pés. Minhas lágrimas desceram, escorrendo da minha testa, enquanto pousavam em algum lugar sob o salão de baile. Provavelmente na piscina vazia do hotel.

— Agora me diga por que você veio ao meu apartamento.
— Sua voz era seda e couro, viajando pela minha pele como um chicote, prometendo dor e prazer.

— Não.

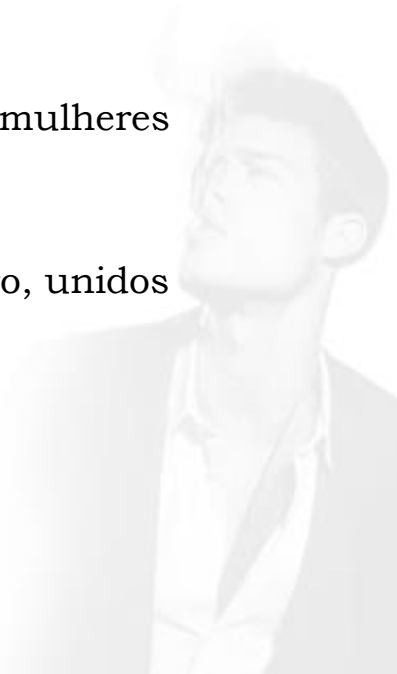
— Diga-me o que você faz naquela clínica.

— *Não.*

— Aisling... — Ele começou a afrouxar ainda mais o aperto na minha cintura e eu respirei fundo, dizendo a mim mesma que ele não poderia – *não iria* – me deixar morrer. Não porque ele tivesse consciência, mas porque eu significava algo para ele.

Era por isso que ele não podia tocar em outras mulheres e não por falta de tentativa.

É por isso que sempre voltamos um para o outro, unidos como ímãs.



O que quer que tivéssemos, era bagunçado, venenoso e destrutivo, mas estava lá e era *nosso*. Tinha pulso, respiração e alma.

Não podíamos nos afastar disso e era tarde demais para fingir que nada havia acontecido, mas, ao mesmo tempo, nós dois não tínhamos ideia de para onde ir a partir daqui.

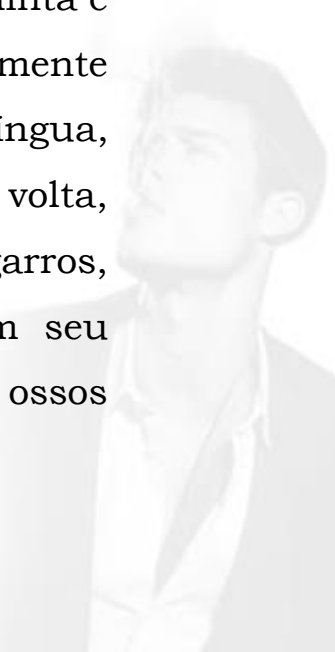
— Você vai cair, — ele sussurrou, seu hálito quente flutuando sobre a coluna da minha garganta, causando arrepios na minha pele. Por instinto, envolvi minhas pernas em volta de sua cintura, meus membros em todos os lugares, dobrando-me em torno dele como se quisesse engoli-lo inteiro.

Minha boca encontrou seu ouvido. — Então você também. Eu vou levar você comigo, Monster.

— Não tenho medo de cair, Nix. — Seus dentes arrastaram ao longo do meu pescoço, mordiscando o vão sensível ao longo da minha omoplata.

— Sim, você tem. É por isso que você está me torturando. É por isso que você está aqui.

De repente, sua boca estava na minha, quente, faminta e exigente, e ele nos puxou para trás, tropeçando irregularmente enquanto arrombava minha boca com sua língua, empurrando-a para dentro com força. Eu o beijei de volta, profundo e cru, seu cheiro pingando em meu corpo. Cigarros, homem e roupas caras. Nenhum traço de Becca em seu sistema. Minha boca estava cheia de seu beijo e meus ossos



pareciam frágeis e quentes quando murmurei: — Da próxima vez que você fizer uma proeza como a de Becca, vou cortar suas bolas.

— Eu gostaria de ver você tentar. — Seus dedos cravaram em minha bunda rudemente, e eu gemi, esfregando-me desesperadamente contra sua ereção. — Foda-se, — ele rosnou. — Por que não posso ficar longe de você?

Eu lambi um caminho em sua garganta e ele puxou minha cabeça para trás pelo meu cabelo, salpicando a borda do meu decote com beijos inebriantes.

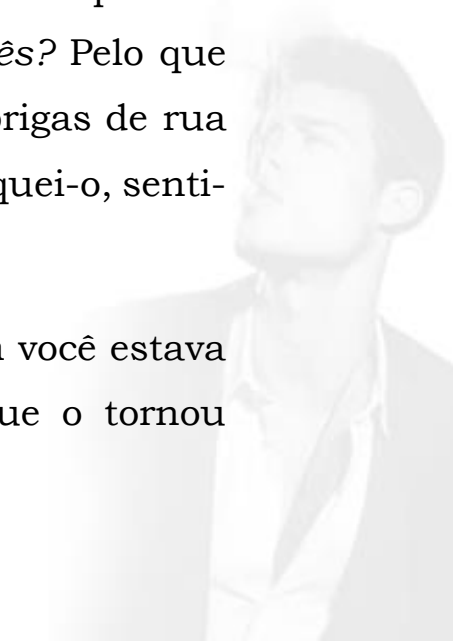
— Você realmente precisa parar de fumar. Você tem um cheiro horrível, — eu provoquei.

— Nunca ouvi nenhuma reclamação antes.

— Elas estavam todas com medo de você. — Chupei sua garganta enquanto ele atacava a ponta dos meus seios. Eu estava desesperada para deixar uma mordida de amor. Para fazê-lo pensar em mim amanhã de manhã. E nas manhãs depois disso.

Porque, quem sabia quando seria a próxima vez que nos veríamos? Uma semana? Duas semanas? Um *mês*? Pelo que eu sabia, Sam poderia morrer em uma de suas brigas de rua amanhã. Esta poderia ser a última vez que o vi, toquei-o, senti-o.

Era um fato para qualquer pessoa por quem você estava apaixonado, mas especialmente para Sam, o que o tornou



ainda mais precioso para mim. Eu estava sempre prestes a perdê-lo e, às vezes, à noite, quando pensava sobre os tipos de perigos aos quais ele estava exposto lá fora, mal conseguia respirar.

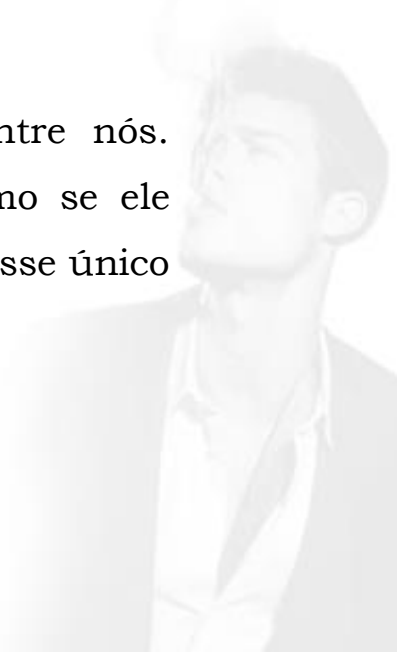
— Ninguém quer colocar um espelho no seu rosto porque eles sabem que você não vai gostar do que vê lá. Todo mundo tem medo da sua ira, — continuei.

— E *você*? — Ele puxou os lábios dos meus seios, olhando para mim intensamente. Estávamos escondidos pela parede ao lado da porta de vidro, mas eu sabia que precisávamos parar com isso mais cedo ou mais tarde, antes que alguém nos visse. — Você tem medo de mim?

— Eu nunca tive medo de você de verdade. — Rolei meu polegar ao longo de sua mandíbula, sentindo o rubor subindo pelas minhas bochechas. — Nem quando eu tinha dezessete anos e nem uma década depois. Para mim, você sempre será maravilhosamente mal-interpretado. E talvez eu seja uma idiota por me importar, Sam. Na verdade, provavelmente sou, mas ainda quero que você pare de fumar porque quero que você envelheça, fique grisalho e seja saudável. Mesmo que eu nunca possa ter você.

Seus olhos se estreitaram e algo passou entre nós. Estremeci incontrolavelmente em seus braços, como se ele tivesse conseguido colocar algo dentro de mim com esse único olhar.

— Aisling, eu... — Sam começou.



Um grito de gelar o sangue perfurou o salão de baile naquele momento, fazendo-o parar no meio da frase, seguido por uma comoção, o som de vidro quebrando e um choro histérico.

— Alguém ligue para o 9-1-1!

— Precisamos de uma ambulância!

— Oh, meu Deus! O que está acontecendo?

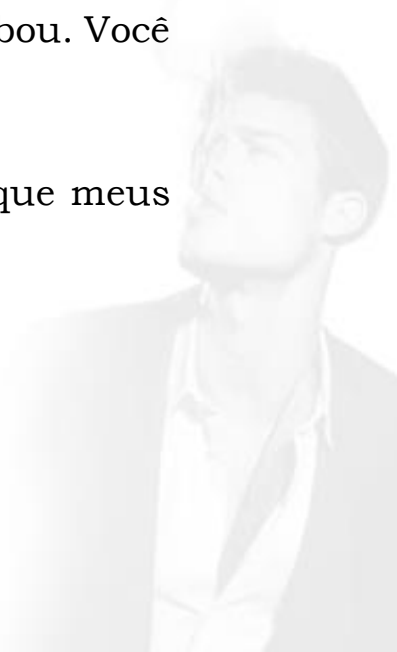
Eu me libertei dos braços de Sam. Nós dois corremos para o salão de baile.

Parei quando percebi do que se tratava o espetáculo.

No meio da sala estava meu pai, Gerald Fitzpatrick, vestido com seu pijama de flanela e um robe de casa, parecendo um sem-teto com o cabelo rebelde e os olhos injetados. Ele segurava minha mãe pelo pescoço, sacudindo-a, parecendo bêbado e fora de foco, na frente de uma plateia composta pela equipe de limpeza, garçonetes e alguns convidados estranhos que ainda não tinham ido embora.

— A herança de família! — Ele se enfureceu. — Onde está, Jane? Diga-me agora. Eu sei que foi você quem a roubou. Você que enviou aquelas cartas ameaçadoras.

Minha mãe desmaiou em seus braços, assim que meus irmãos pularam para afastá-lo dela.





Sam

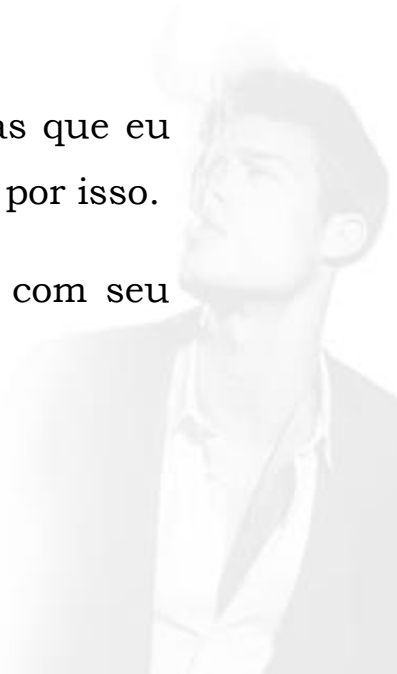
Cillian arrastou um Gerald chutando e gritando para longe de Jane enquanto Hunter pegava sua mãe mole nos braços, empurrando as pessoas enquanto ele a tirava dos holofotes.

British Clark Kent, também conhecido como Devon Whitehall, apareceu do nada, indo direto para as portas, tendo o segurança fechando-as enquanto ele exigia que os funcionários se desfizessem de seus telefones para que ele pudesse excluir qualquer material sensível que pudesse vazar. A noite havia diminuído gradualmente e apenas um punhado de convidados e a equipe de limpeza permaneceram.

Aisling tremeu ao meu lado como uma folha, vendo sua família cair em chamas.

Gerald finalmente percebeu que as abotoaduras que eu peguei estavam faltando, e ele estava culpando Jane por isso.

Sua sanidade estava evaporando no ar, junto com seu bom senso.



O cabelo desgrenhado. O pijama e o robe. A drástica perda de peso. A embriaguez.

Em público.

Imaginei que seu motorista o trouxe, resmungando incoerentemente durante todo o caminho até aqui. O pobre idiota provavelmente seria despedido por Jane.

Ele estava no caminho rápido para o esquecimento. Tudo estava indo de acordo com o planejado.

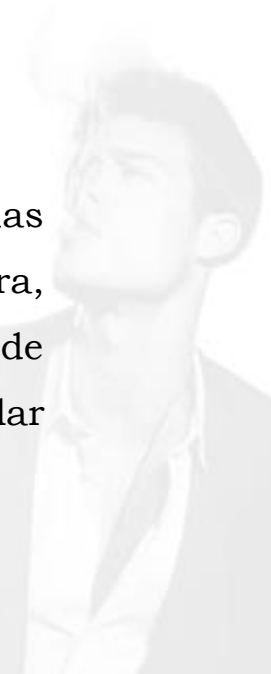
Em algum momento, Aisling se esgueirou para longe de mim, pegando os passos de Cillian, empurrando Gerald para fora do salão enquanto as pessoas ao redor fofocavam e engasgavam.

Seu rosto estava tenso de emoções, seus olhos vidrados de preocupação.

De repente, deparei-me com um sentimento completamente estranho para mim. Eu nunca senti isso antes, então não pude identificar exatamente o que era. Era uma mistura de náusea e pavor com alguma raiva lançada na mistura.

Eu fui envenenado?

Engraçado, porque eu não consegui encontrar duas merdas para falar sobre Cillian e Hunter cagando tijolos agora, mesmo se eu procurasse as ditas merdas com uma unidade de busca. Eu não conseguia me preocupar com Becca, por falar



nisso, que estava atualmente enfiada em um Uber, voltando para o inferno de onde ela veio, provavelmente me amaldiçoando todo o caminho até a próxima terça-feira por fugir de sua bunda como assim que Aisling apareceu no vestiário.

Culpa.

Isso era o que estava se infiltrando em mim como veneno.

Depois de todo esse tempo e de todos os pecados que cometi, ela finalmente havia se infiltrado em meu exterior.

Era novo.

E parecia uma *merda*.

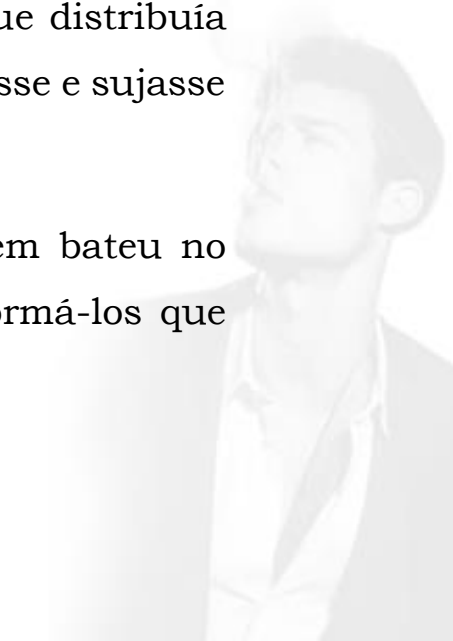
Ao mesmo tempo, eu sabia que recuar não era uma opção. Assim não. Não agora. Gerald arruinou minha vida. Ele tinha que pagar.

Ele matou a porra do meu irmão por nascer.

Afastou minha mãe.

Em seguida, fez-me fazer todo o trabalho sujo – braçal, coisas ilegais – tudo isso ao mesmo tempo em que distribuía bônus gordos para se certificar de que eu não tocasse e sujasse sua preciosa princesa.

— Dê-nos uma carona para casa. — Alguém bateu no meu ombro por trás. Quando me virei para informá-los que



não era a porra de um motorista do Uber, fiquei surpreso ao ver Troy e Sparrow de mãos dadas.

— Não sabia que vocês estavam aqui.

Troy enfiou a mão livre no bolso da frente, olhando ao redor da cena apocalíptica à nossa frente com indiferença.

— Chegamos aqui há dez minutos de um jantar com amigos só para deixar o cheque. Nós ficamos para o entretenimento. Nosso motorista de táxi foi embora.

Sparrow deu beijos molhados e manchados de batom em minhas bochechas. Ela parou, pairando alguns centímetros sobre minha boca, cheirando Aisling. Um sorriso privado marcou seu rosto.

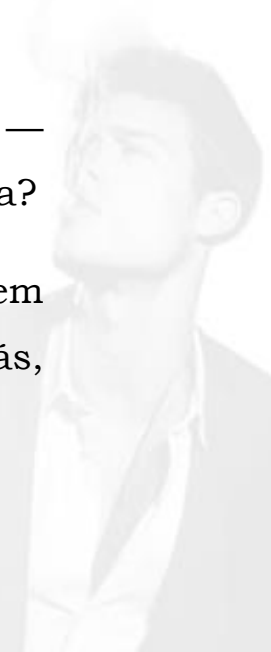
— Nada de acariciar no banco de trás, — eu brinquei, tirando as chaves do meu carro e jogando-as na minha mão.

— Não posso prometer nada, — Troy brincou.

— Bem, eu posso. Vou empurrá-lo para a estrada sem nem piscar, — eu o lembrei, querendo dizer cada palavra. Eu odiava demonstrações públicas de afeto. — Vou poupar sua esposa.

No carro, Troy perguntou do banco do passageiro: — Então, quando você vai parar com sua vingança sanguinária?

Meus olhos se voltaram para o espelho retrovisor, em busca da reação de Sparrow. Ela se sentou no banco de trás, olhando para mim incisivamente, sem dizer suas palavras.



Ela sabia? Claro que ela sabia. O filho da puta contava a ela o aroma e a frequência de seus peidos, sem mencionar todos os seus segredos. Meus também.

— Vou parar quando ele esclarecer tudo.

— Isso pode nunca acontecer, — Troy apontou.

— Então talvez eu nunca pare, — revidei de volta.

— Você está planejando matá-lo?

Abri a boca para dizer sim, mas parei de repente quando pensei em Aisling.

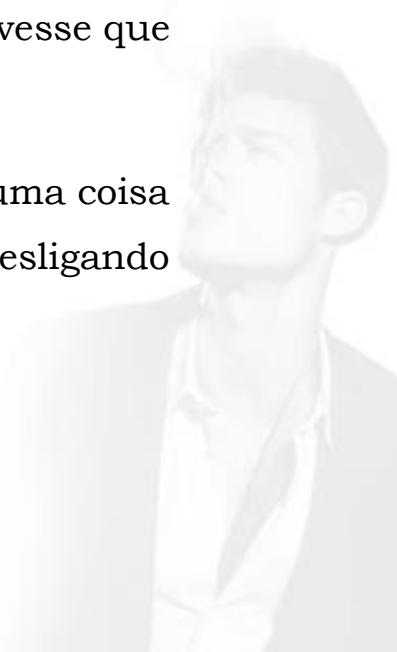
Seu amor inexplicável por seus pais de merda me irritava. Desenvolver sentimentos para as pessoas só porque elas deram a você seu DNA de merda era um conceito que eu nunca entenderia. Eu me conformei com um atrevido, — Eu não sei.

— Essa é a primeira vez, espertinho, — Troy gemeu.

— Huh?

— Você. Não saber merda nenhuma. Você sempre foi assim. — Troy se recostou, acariciando o queixo, meio entretido. — Pegava o que você queria, mesmo que tivesse que incendiar o mundo no processo.

— Isso se chama ser um empreendedor. Não é uma coisa ruim, — apontei, parando na frente de sua casa e desligando o motor.



— Isso depende de como você encara as coisas, — disse Sparrow por trás. — Pode ser uma coisa muito ruim para você.

— Corte os enigmas, Dr. Seuss⁶⁵. — Virei-me, carrancudo para ela. — Se você tem algo a dizer, diga e seja rápida. Superei esta noite há cerca de três dias.

— O que sua mãe está dizendo, e você é muito teimoso para compreender, — Troy grunhiu lentamente, o tom de sua voz me avisando para não falar assim com sua esposa, — é que o que você quer pode acabar não querendo você de volta, se você abater tudo em seu caminho para chegar lá.

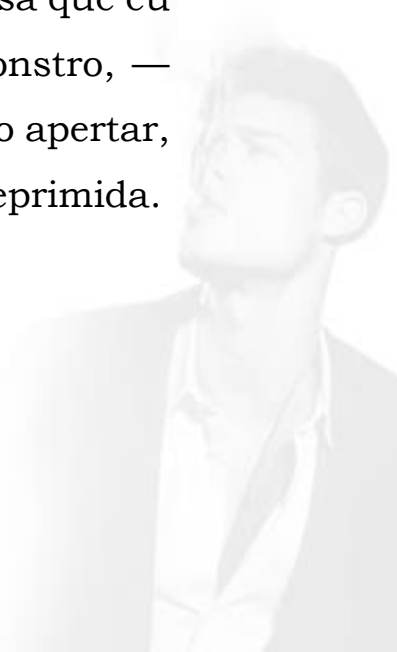
— Você sabe o que quer? — Sparrow se inclinou para frente, seu rosto quase tocando o meu, seus olhos verdes escuros e intensos.

— Sim, — sibilei lentamente, segurando seu olhar. — Eu quero que vocês dois *deem o fora*

— Não, Sam. Você *acha* que quer vingança. Mas o que você quer... — ela parou, balançando a cabeça—... o que você *realmente* quer é completamente diferente.

— Mesmo se eu quisesse as coisas que você pensa que eu quero, consegui-las estragaria tudo. Eu sou um monstro, — rosnei, sentindo a corrente invisível em minha decisão apertar, pronta para quebrar, liberando toda a minha raiva reprimida.

⁶⁵ Escritor e cartunista norte-americano.



Sparrow espalmou minha bochecha, lançando-me um sorriso triste. — Se um monstro pode ser feito, ele também pode ser desfeito. Boa noite, meu querido menino. — Ela beijou meu nariz e saiu do carro.

Troy a seguiu.

Por alguns segundos, éramos apenas eu, o carro e o silêncio, pontuado pelos gemidos de uma ambulância a alguns metros de distância.

Então comecei a rir.

Uma risada boa e profunda.

Uma que retumbou por todo o meu corpo.

— Eu não quero Aisling, seus idiotas. — Pus meu carro em movimento. — Mas eu *vou* tê-la.

Era hora de aceitar o que Aisling me ofereceu tão livremente.

Primeiro, eu teria o que me privei por tanto tempo. Uma princesa americana.

Então eu arruinaria seu pai.

Isso iria irritá-lo mais, de qualquer maneira.



Nove



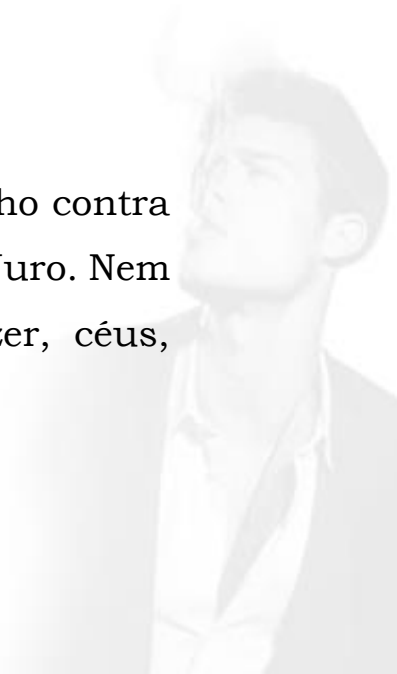
Aisling

— Ele se foi! — Minha mãe irrompeu pela porta do meu quarto, parecendo um demônio saído de um filme de terror — um segundo antes de rastejar para fora de um lago. — Suas coisas sumiram. Ternos. Roupas. Laptops. Pastas. A única coisa que ele deixou é sua aliança de casamento, o bastardo!

Sentei-me ereta na minha cama, esfregando o sono dos meus olhos. O mundo ficou em foco lentamente. Era uma quinta-feira. Poucos dias depois do baile de caridade. Da não tinha voltado para a casa desde então. Ele ficou com Cillian e Persephone até que as coisas esfriassem. Ou assim pensávamos até três segundos atrás.

— Mãe, eu...

— Eu não fiz isso! — Ela uivou, batendo o punho contra o peito. — Você acredita em mim, não é? Não fui eu. Juro. Nem o envenenamento. Nem as abotoaduras. Quer dizer, céus,



Aisling, nós duas sabemos como ele é obcecado por aquelas abotoaduras. Eu nunca faria!

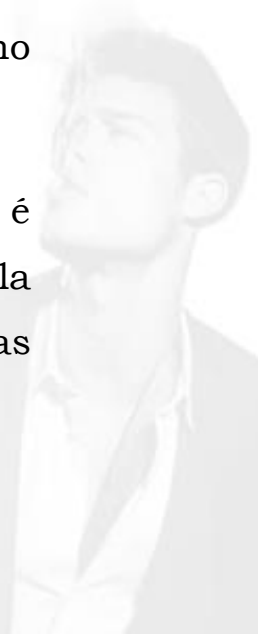
— Acredito em você, — eu disse e quis dizer isso. Saí da cama, ainda tonta, e fui até ela, colocando a mão em seu ombro e esfregando lentamente. — Mas vou precisar de algum tempo para chegar ao fundo de tudo isso. Ok?

— Você deve me ajudar, Aisling. Você deve. — Ela caiu de joelhos, abraçando minha barriga. Eu a encarei com descrença misturada com aborrecimento. Eu nunca a tinha visto tão desesperada em minha vida. Eu estava ficando cada vez mais desconfiada, especialmente depois das abotoaduras, se que quem estava fazendo isso queria machucar meu pai especificamente, não meus pais como uma unidade. Mas em sua busca para arruinar a vida de meu pai, eles também aterrorizaram minha mãe, que estava além de frágil e quebradiça e já tinha seus próprios demônios para lutar.

Apenas algumas semanas atrás, encontrei cortes recentes acima de seus pulsos.

— Levante-se, mãe. — Eu afaguei sua cabeça sem jeito, olhando ao redor para garantir que não tínhamos uma audiência. Ela se dobrou em duas, virando-se ao desabar no chão.

— Eu não posso, — ela lamentou. — Oh, Aisling, isso é um pesadelo. Eu preciso de algo para meus nervos. — Ela agarrou meus dedos dos pés descalços e eu senti suas lágrimas



molhando-os. Meu estômago se revirou e se contorceu. Eu queria fugir.

— Não vou prescrever nada para você, mãe. Eu não sou psiquiatra. Você precisa consultar um profissional que irá avaliá-la. Além disso, você deve adotar alguns mecanismos de enfrentamento. Coisas ruins acontecem com todo mundo. A vida é estar à altura da ocasião, qualquer ocasião. Pense na vida como um jardim. Você não escolhe onde plantar, mas só pode escolher se floresce ou murcha.

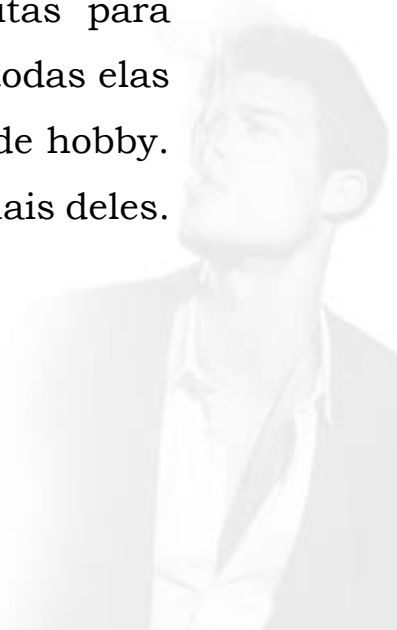
— Oh, mas, Ash, é difícil florescer na tempestade. Tudo que eu preciso é um pouco de estimulante. Tenho até uma lista de coisas que podem ajudar. Está bem aqui. — Ela mexeu no bolso da camisola, tirou um papel amassado e me entregou.

Eu examinei a lista, meu sangue gelando.

— São muitos comprimidos. Alguns deles são fortes. Zoloft. Prozac... você não pode misturá-los e, *definitivamente*, não pode consumir álcool se tomar algum deles.

Então algo me ocorreu. Algo que me deu vontade de vomitar. Era perfeitamente possível que ela *já* os tivesse tomado. Porque todas essas coisas foram prescritas para muitas de suas amigas donas de casa entediadas, e todas elas adoravam trocar pílulas como se fosse uma espécie de hobby. Se ela pediu por eles, poderia ser porque ela queria mais deles.

— Você não pegou nenhum, não é?



Ela fungou, mas não disse nada. Eu recuei, sacudindo-a do chão.

— Pelo amor de Deus, mãe!

— Apenas me dê os remédios e chegue ao fundo disso. — Jane se jogou sobre o tapete pateticamente, muito intencionalmente, enxugando o ranho sobre ele.

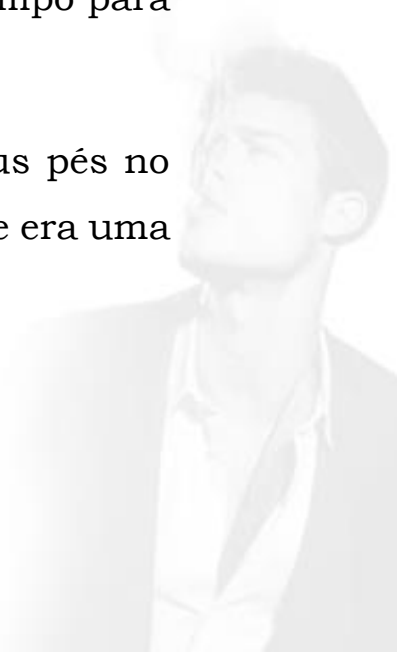
Por um breve momento, eu me perdoei.

Me perdoei por ser tão fraca quando se tratava de Sam Brennan, por ir às escolas que meus pais escolheram para mim e por nunca me defender. Nem com meus amigos, nem com meus irmãos, nem com minha família.

Era óbvio que meu modelo em casa não era exatamente Marie Curie. Secretamente, perguntei-me como eu seria se tivesse sido criada por outra pessoa. Por alguém forte. Uma mulher como Sparrow, que era terrivelmente direta e sempre fazia sua opinião conhecida publicamente sobre todos os assuntos.

Redirecionei meus pensamentos rapidamente quando senti a raiva queimando em meu peito. Não havia tempo para isso.

Correndo em direção ao armário, coloquei meus pés no uniforme que eu não precisava, para um trabalho que era uma mentira para agradar meus pais.



Pela primeira vez, perguntei-me como seria morar em minha própria casa. Um apartamento onde eu pudesse dormir um tempo precioso entre os turnos do trabalho sem preparar os banhos para minha mãe e ouvi-la reclamar de meu pai. Onde ela não ameaçaria se cortar para se vingar de mim por não lhe dar atenção suficiente.

— Eu preciso começar a trabalhar. Por favor, entre no chuveiro e escove o cabelo. Talvez vá dar um passeio ou ver amigos. Você precisa começar a se cuidar, mãe. Não vou morar aqui para sempre. — Comecei a abotoar meu sobretudo sobre meu uniforme.

— Ninguém te pediu para fazer isso! — Ela me lançou um olhar hostil do chão, fazendo beicinho. — E vá, por que não. Vá quando eu preciso de você. Só não venha chorar no meu tumulto quando me perder.

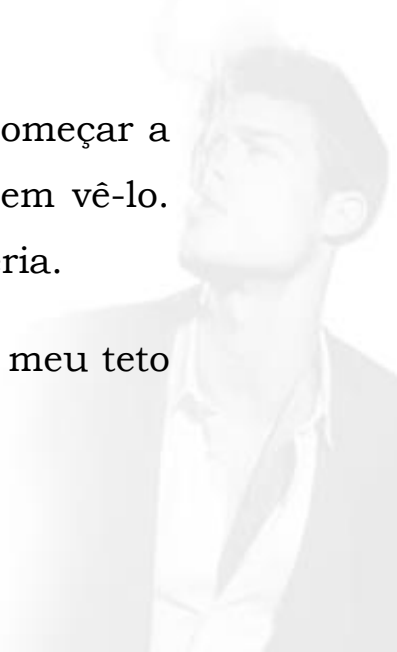
Essa velha melodia de novo.

Faça isso e isso e aquilo ou então eu tirarei minha própria vida.

Ela precisa de ajuda, mon cheri, e talvez você não seja o lugar de onde ela deveria conseguir.

— Vou ligar para o seu psiquiatra assim que começar a trabalhar, — anunciei a ela. Ela nunca concordou em vê-lo. Disse que nunca prescreveu os remédios que ela queria.

— Você pode ser má, sabe? — Ela olhou para o meu teto entorpecida, zoneando. — Assim como seu pai.



— Eu não sou má. — Suspirei, pegando minha mochila.
— Mas *estou* cansada.

Ela disse outra coisa, mas eu não a ouvi. Afastei-me antes que ela pudesse me convencer a ficar. Para cuidar dela. Para me entregar por ela.

No caminho para a clínica, liguei para uma de nossas governantas de confiança e pedi-lhe que ficasse de olho em mamãe, sabendo que eu estava fingindo minha consciência.

Sam estava certo. Uma mulher de 27 anos não tinha nada que morar com os pais se pudesse pagar sua própria casa.

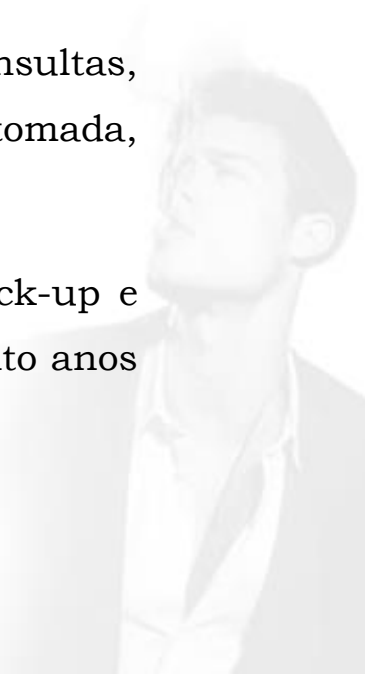
Era hora de abrir minhas asas.

Mesmo e especialmente porque Jane Fitzpatrick as mantinha cuidadosamente presas.



Foi um dia tranquilo na clínica. Cheio de consultas, papelada e pesquisa. Nenhuma decisão importante foi tomada, o que sempre era uma boa notícia.

Eu vi a Sra. Martinez novamente para um check-up e aceitei um novo paciente, um homem de sessenta e oito anos



de idade, tão frágil que teve de ser carregado escada abaixo para a clínica nos braços do Dr. Doyle.

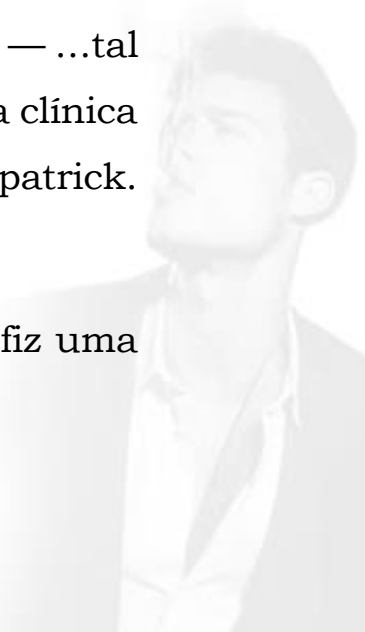
Quando chegou a hora de fechar, o Dr. Doyle – um homem alto, de sessenta e poucos anos que tinha uma semelhança incrível com Pierce Brosnan – deu um tapinha no meu ombro.

— Sabe, Aisling, você é uma jovem médica brilhante. Você deve encontrar uma residência e começar no próximo ano. Diga ao seu futuro empregador que você tirou um ano sabático para passar algum tempo com sua família ou para fazer algumas viagens. Esta clínica não é lugar para alguém tão promissor quanto você.

— Gosto de trabalhar aqui. — Fechei o arquivo da Sra. Martinez depois de fazer anotações vagas. Eu não poderia escrever nada muito específico por medo de que este lugar fosse encontrado. Coloquei o documento no arquivo. — Já falamos sobre isso, Greg. Você sabe por que estou fazendo isso. Esta é a minha vocação.

— E eu aprecio que sua experiência de vida a trouxe aqui. Não posso deixar de me sentir culpado também... — ele encostou-se à parede, cruzando os braços sobre o peito — ...tal talento médico não deveria ser desperdiçado em alguma clínica clandestina ilegal. Você se formou em Harvard, Fitzpatrick. Topo da colheita.

— Há quanto tempo você se sente assim? — Eu fiz uma careta para ele, limpando a mesa.



— Tempo suficiente, — ele resmungou.

Engoli desconfortavelmente. Eu odiava mudanças e, se não trabalhasse aqui, seria uma grande mudança.

— Por favor, não se amarre em uma culpa imerecida. Você é muito pragmático para isso. — Levantei-me, acariciando sua bochecha com um sorriso no meu caminho para o banheiro antes de ir para casa. Da minha periferia, o Dr. Doyle olhou para seu relógio de pulso. Fechei a porta do banheiro atrás de mim.

— Falaremos sobre isso outra hora, — determinou.

— Tudo bem, mas se você pensa que está se livrando de mim tão facilmente, você mal pode esperar, Greg, — falei em uma canção monótona. — Fecha o lugar?

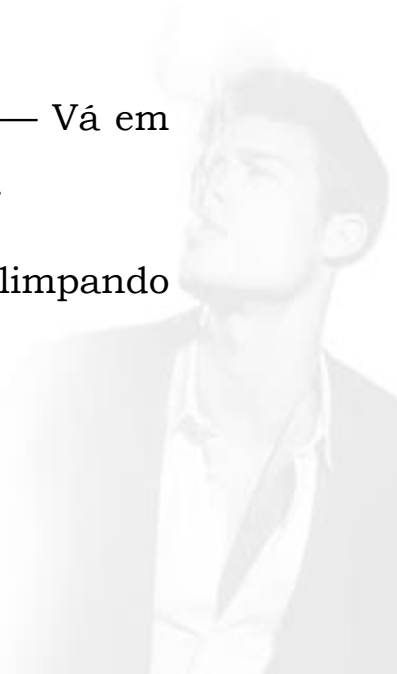
Eu precisava ir ver minha mãe. Como de costume, ela me deu o tratamento do silêncio depois do que aconteceu esta manhã e se recusou a atender minhas ligações.

— Na verdade, eu tenho que correr. Um paciente acabou de me chamar. Importa-se de trancar antes de sair? — Ele gritou para mim.

— De jeito nenhum! — Respondi do banheiro. — Vá em frente. Já faz uma lua e meia desde que fechei a loja.

Cinco minutos depois, encontrei-me limpando equipamentos médicos e fechando armários.

Ouvi uma batida na porta da clínica.



Quem diabos...?

Por razões óbvias, não permitíamos transeuntes.

Franzindo a testa, fui até a porta e olhei pelo olho mágico.

Merde.

Eu rapidamente alisei meu uniforme sobre meu corpo, reorganizando meu longo rabo de cavalo.

Mesmo assim, não abri a porta. Eu não respirei. Eu não me mexi.

Vá embora. Por favor. Você é demais e não o suficiente ao mesmo tempo.

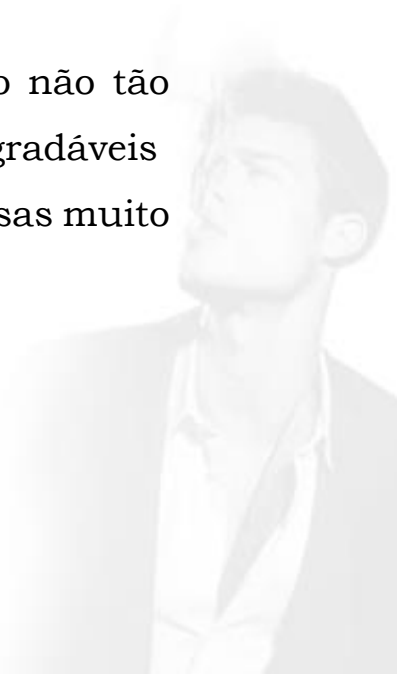
— Tarde demais, Nix. Eu sei que você está aí. Seu carro está estacionado em frente à porta.

*Double merde*⁶⁶. Eu não tinha ninguém além de mim para culpar por minha falta de discrição.

Mesmo assim, não me mexi. Observei pelo olho mágico quando Sam apoiou um braço no batente da porta, zombando do chão como se estivessem compartilhando um segredo.

— Podemos fazer isso do jeito bom ou do jeito não tão bom. Mas você deve saber, meus modos não tão agradáveis incluem quebrar portas, vasculhar lugares e fazer coisas muito perigosas.

⁶⁶ Merda dupla.



— Vá para o inferno.

— Não posso. Satanás tem uma ordem de restrição contra mim. Agora abra a maldita porta.

— Eu te odeio, — gemi, colando minha testa na porta, fechando meus olhos.

— Não, você não odeia.

— Eu deveria.

— Não brinca, Sherlock. Abra.

Relutantemente, obedeci, dando um passo para o lado. Não fazia sentido bloquear seu caminho com todos os meus cinquenta e quatro quilos.

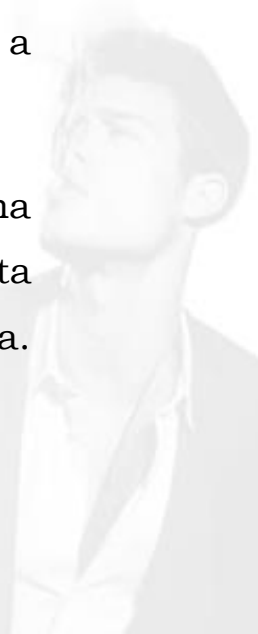
Olhamos um para o outro, o limiar entre nós como um oceano que nenhum de nós estava disposto a cruzar. Meu coração batia descontroladamente.

Ele fez isso de novo. Ele veio me ver. Me procurou.

— Você mata pessoas, — ele disse suavemente.

Eu engasguei, cambaleando para trás. Ele deu um passo à frente, entrando na clínica, sem se preocupar em fechar a porta atrás de si.

— Eu finalmente descobri. Mesmo que estivesse na minha frente o tempo todo, à vista de todos. Você mata pessoas. É isso que você faz. Morte por misericórdia. *Eutanásia.*



Minhas costas bateram contra a parede oposta e fechei os olhos infantilmente. Talvez se eu fingisse que ele não estava lá, ele desaparecesse. Mas não. Sua voz pairou ao meu redor, engrossando o ar, tornando-o muito quente para respirar.

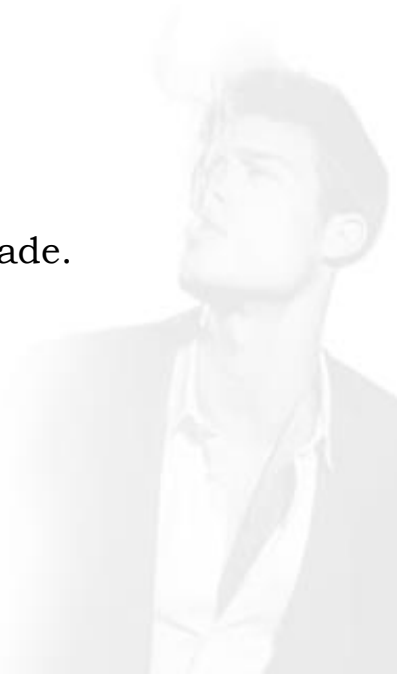
— É por isso que você se limita a poucos pacientes. É por isso que é uma operação clandestina. É por isso que você guarda todas as drogas que tem aqui. É por isso que você os trata em suas casas. Tudo faz sentido. Você não está aqui para curar as pessoas, você está aqui para matá-las. A única pergunta é, *por quê?* Por que você, a doce e carinhosa Aisling Fitzpatrick, está fazendo isso? Seus irmãos sempre me disseram que você queria ser ginecologista ou pediatra. Algo com bebês envolvidos, eles disseram. Exatamente o oposto do que você acabou sendo.

Meus olhos se abriram por conta própria e eu encontrei seu olhar. Imagens de minha mãe, no início desta manhã, espalhada pelo carpete do meu quarto, gritando desamparadamente, atacaram minha memória. Eu não queria ser ela. Mansa e fraca e sempre escondendo seu verdadeiro eu do mundo. Endireitei minhas costas, respirando fundo.

Mas os velhos hábitos são difíceis de morrer...

— Você não pode provar isso.

— Eu não preciso. Você vai me dizer a sua verdade.



— Enquanto você está escondendo tantos segredos de mim? — Engasguei com a minha amargura, balbuciando, — Boa tentativa. Por que você está aqui, Sam?

Sua mandíbula tremeu, mas ele não disse nada.

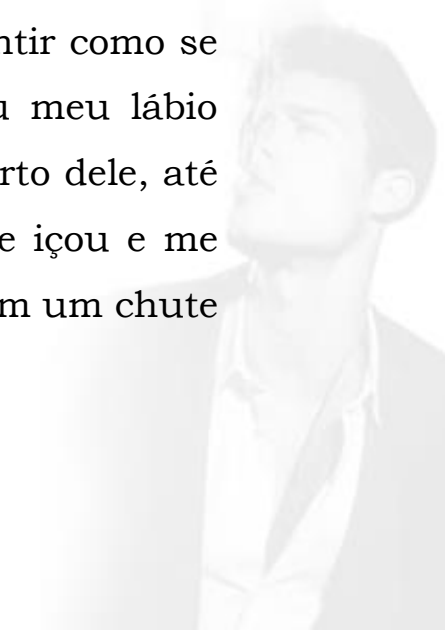
— Acho difícil acreditar que meu trabalho significa tanto para você. Se eu curo ou mato pessoas, não faz diferença para você. Você não me deve nada e seu trabalho não é zelar por mim. Na verdade, é exatamente o oposto – ficar longe de mim. Então, por que você está empurrando isso?

Suas narinas dilataram-se. Ele pegou meu rosto em sua palma áspera, inclinando minha cabeça para que nossas bocas estivessem alinhadas.

— Não sei porra nenhuma, Aisling. Eu não tenho ideia do que continua me trazendo de volta para você, mas eu não consigo parar, e você não parece se importar, então vamos apenas tirar isso do nosso sistema e foder, agora.

A próxima coisa que aconteceu foi como uma picada de cobra. Súbita, rápida e violenta.

Eu o beijei rudemente, desta vez pegando o que eu queria em vez de esperar por isso. Nosso beijo me fez sentir como se estivéssemos atacando um ao outro. Sam pegou meu lábio inferior entre os dentes e me puxou para mais perto dele, até que não houvesse mais espaço entre nós. Ele me içou e me carregou para a sala de exame, abrindo a porta com um chute



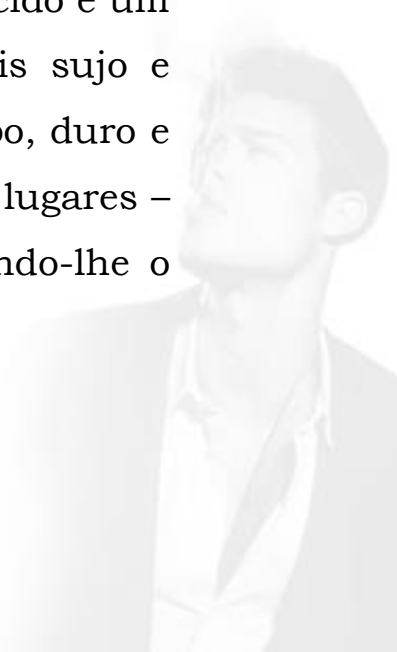
e me espalhando sobre a mesa, beijando-me enquanto eu tirava meu tênis de trabalho e desabotoava sua camisa.

Não havia nada de romântico ou calculado no que estávamos fazendo. Nós dois só precisávamos estar fisicamente conectados o mais rápido possível. Tentei dizer a mim mesma que estava tudo bem. Que ninguém ficava na mesa de exame de qualquer maneira. Era mais por aparência. Caso o lugar fosse descoberto e o Dr. Doyle e eu precisássemos dar à polícia alguma explicação plausível. Tratar pessoas sem seguro no subsolo não era tão assustador quanto o que estávamos tentando esconder.

A língua de Sam correu dos meus lábios, até meu queixo, indo para baixo até meu pescoço, lambendo um caminho entre meus seios. Ele segurou um dos meus seios em sua boca através da minha camisa, gemendo enquanto empurrava minhas calças para baixo, girando sua língua em volta do meu mamilo ereto.

— *Maldição*, — ele murmurou, sugando todo o meu seio em sua boca.

Eu estremeci. Algo sobre o fato de que havia tecido e um sutiã esportivo entre nós tornou o ato muito mais sujo e erótico. Enfieei meus dedos em seu cabelo – seu corpo, duro e imponente, pressionando contra o meu em todos os lugares – enquanto ele se movia para o meu outro seio, dando-lhe o mesmo tratamento.



Quando minhas calças e calcinha foram embora, e eu estava sentada na mesa de exame nua da cintura para baixo, Sam me empurrou com força para me deitar, usando uma mão para abrir minhas coxas e espalhá-las o máximo que pôde.

— Eu sinceramente espero que você não pretenda me pedir para parar.

Balancei minha cabeça. — Não. Não pare.

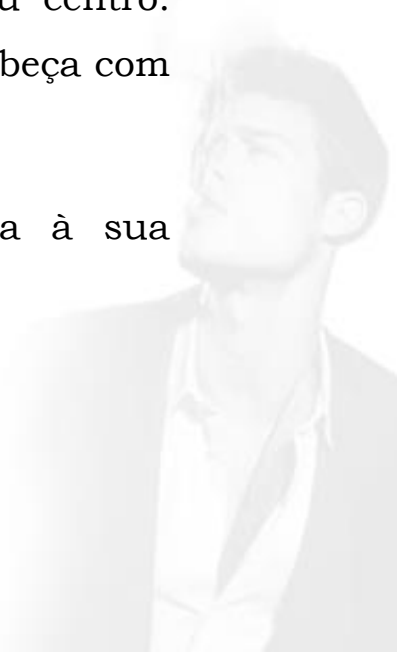
— Você sabe, crescendo, eu nunca joguei jogos infantis. Eu me graduei do leite em pó para armas sem uma parada em carrinhos de brinquedo e quebra-cabeças. — Sua boca estava inchada de nossos beijos imundos, e ele sorriu para mim, seus dedos nos meus quadris enquanto ele me colava na mesa fria e metálica.

— Quer brincar de médico e paciente? — Eu rapidamente peguei sua sugestão.

Eu não apostaria nisso, mas eu juro que suas bochechas ficaram ligeiramente rosadas.

— Tudo bem. Abra-se para mim, Nix. — Seus dedos deslizaram do interior da minha coxa para o meu centro. Coloquei a mão em seu pulso, balançando minha cabeça com um sorriso zombeteiro.

— Primeiro a luva, doutor. Primeira gaveta à sua esquerda.



Ele fez uma pausa, então seu rosto se abriu em um sorriso terrível. Terrível porque foi o primeiro sorriso *genuíno*, vertiginoso e esperançoso que vi no rosto de Sam na década em que o conheci – e quão incrível foi isso?

Sam voltou com um par de minhas luvas de látex que estavam apertadas em torno de suas palmas enormes. Balancei a cabeça, satisfeita.

— Eu sou novo nisso, — ele fingiu um pedido de desculpas, seu sorriso se tornando sinistro novamente, — então você vai ter que me desculpar antecipadamente enquanto eu conduzo este teste de papanicolau, Srta. Fitzpatrick.

— Por favor, me chame de Nix.

— Desculpe, eu não trato os fãs do Knicks, — ele brincou.

Mordi meu lábio, suprimindo uma risada selvagem. Eu não conhecia muitos homens que soubessem sobre o teste de papanicolau, muito menos como conduzi-lo. Eu deixei o cabelo do meu rabo de cavalo cair na borda da mesa de exame, piscando para ele inocentemente.

— Meu nome não tem nada a ver com o time de basquete. É por causa de um atraente monstro feminino. Isso o deixa à vontade?

— Definitivamente.



Para minha surpresa, Sam não estava completamente desligado. Ele se acomodou entre minhas pernas e me abriu tanto que senti a deliciosa dor de ser esticada ao meu limite.

— Você pode sentir algum desconforto aqui, — ele gemeu, empurrando dois dedos profundamente em meu núcleo. Apertei neles imediatamente, deixando escapar um gemido suave, rolando meus quadris para encontrar mais de sua mão.

— Senhorita Fitzpatrick, — ele *estalou*, — Controle-se, por favor.

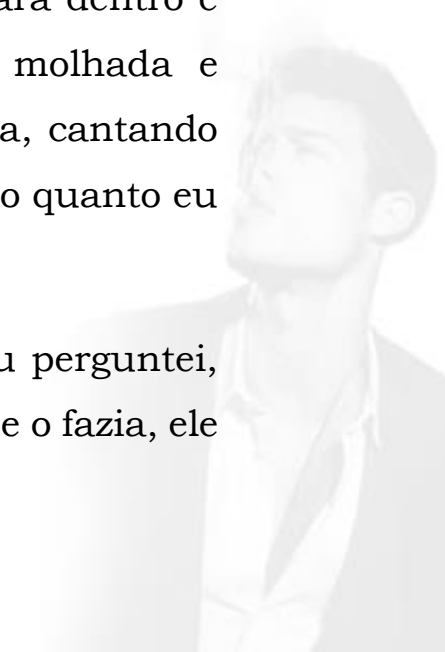
— D-desculpe, — murmurei, meio abrindo meus olhos para ver quando ele puxou sua mão, apenas para dirigi-la novamente, desta vez usando três dedos, curvando-os para cima até que ele atingiu meu ponto G, sua mão livre ainda me esticando bem aberta.

— Oh! — Eu chorei.

— Ainda não consigo chegar ao ângulo certo. Melhor tentar novamente.

Ele empurrou de novo, fodendo-me com os dedos – quase com o punho inteiro – para dentro e para fora, para dentro e para fora. Fiquei deitada de costas e aceitei, molhada e excitada como nunca estive em toda a minha vida, cantando seu nome baixinho, sem me importar se ele sabia o quanto eu estava perdida por ele.

— C-como você aprendeu a fazer isso? — Eu perguntei, empurrando meus quadris para cima. Cada vez que o fazia, ele



prendia minha cintura, sua maneira de me dizer para me comportar enquanto ele me tocava. — Parece que você sabe o que está fazendo.

— Fui aceito para medicina depois do ensino médio.

Soltei uma risada aguda com isso, mas quando olhei para cima, ele parecia completamente sóbrio.

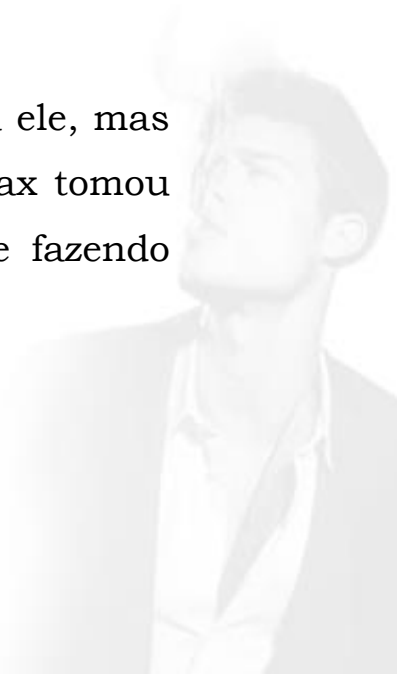
— Você está falando sério. — Meu sorriso caiu e eu senti a sensação nauseante de um orgasmo formigando dentro de mim. Ele nem mesmo tocou meu clitóris, e eu sempre precisei de estímulo clitoriano para gozar. *Huh.*

— Sério ‘pra’ caralho. — Ele me enviou um sorriso indiferente enquanto me fodia com uma mão e me espalhava com a outra.

— Você pensou em se tornar um médico? — Eu ofeguei.

— De jeito nenhum. Fiz uma aposta com um amigo que poderia entrar em medicina. Também não estudei para isso. Mas eu li um livro de ginecologia em uma de minhas viagens de trem para a cidade de Nova York enquanto participava de um negócio de armas e peguei a essência disso.

Eu tinha um milhão de perguntas para fazer a ele, mas todas elas tiveram que esperar enquanto meu clímax tomou conta de mim, sacudindo-me profundamente e me fazendo gritar, agarrando-me às bordas da mesa de exame.



— Sempre tão dramática, — Sam murmurou. Em vez de ficar em cima de mim como pensei que faria, ele me agarrou pelos tornozelos, puxando-me até minha bunda empoleirar na borda da mesa.

— Desculpe, Srta. Fitzpatrick, mas não consegui encontrar o que precisava. Isso pode ser um pouco heterodoxo, mas acho que sei como terminar este exame.

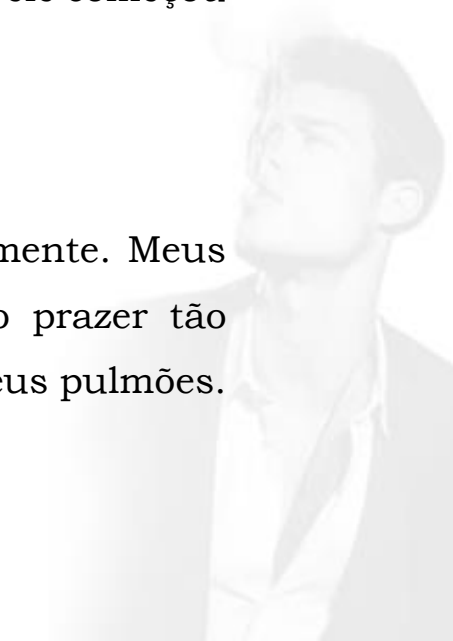
Eu era toda desejo e satisfação desossados. Eu não conseguia nem levantar minha cabeça para ver o que ele estava fazendo antes de se agachar entre minhas pernas, sua língua encontrando meu clitóris e girando em torno dele lentamente, provocando, colocando uma deliciosa pressão sobre ele. Agarreí seu cabelo e gemi tão alto que agradeci minhas estrelas da sorte que o Dr. Doyle não estava lá em cima em seu apartamento porque eu, provavelmente, poderia ser ouvida em cidades vizinhas.

— *Merde*, — ofeguei.

— Eu adoro quando você diz isso, porra, — ele murmurou entre as minhas pernas, e senti minha umidade revestindo minha parte interna das coxas e seu rosto quando ele começou a me comer, literalmente.

Me. Comer. Com. Vontade.

Mordiscou, mordeu e me lambeu completamente. Meus olhos reviraram para dentro de suas órbitas, o prazer tão comovente, tão intenso, o oxigênio sacudiu em meus pulmões.



Eu estava perto de um segundo orgasmo violento, não pude deixar de resistir à minha virilha, empurrando-a em seu rosto.

— Por favor. Ohhhhh.

Parei de respirar, todos os músculos do meu corpo se contraíram enquanto um prazer intenso me percorria. Cheguei ao ponto mais alto de *la petite mort* – minha própria pequena morte, como os franceses se referiam a um orgasmo – exatamente quando o senti mergulhar em mim, pesado, grosso e longo, em um movimento suave.

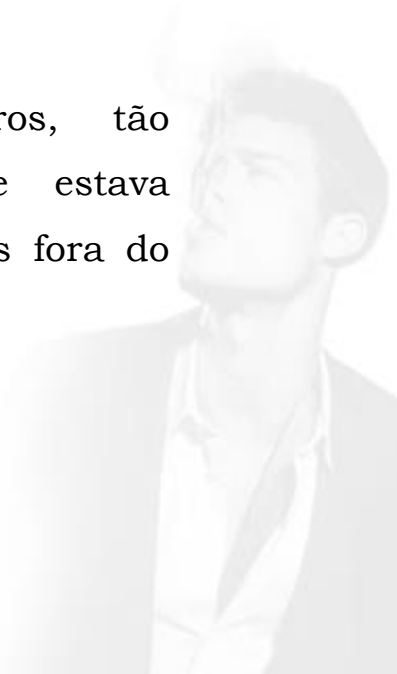
Eu estava encharcada, quente e pronta para ele.

Meus olhos se abriram e eu o vi encostado na mesa de exame, entre minhas pernas, enquanto eu estava cheia até o cabo com sua ereção. Ele fechou os olhos e sibilou, o prazer era demais para nós dois, quando ele começou a se mover dentro de mim.

— Achou o que procurava? — Eu resmunguei, referindo-me ao seu chamado teste de papanicolau.

Ele empurrou em mim com um ritmo de punição. — E mais um pouco.

Algo em seus movimentos, tão seguros, tão indiferentemente punitivos, me dizia que ele estava acostumado a conseguir o que queria não apenas fora do quarto, mas também dentro dele.



— Eu não posso acreditar que estou fodendo você de novo. — Ele balançou a cabeça, franzindo a testa para mim.

— Acredite. — Meu coração batia forte e descontroladamente. — Porque eu duvido que você possa fazer isso com qualquer outra pessoa neste momento.

— Cale-se.

— Você sabe que é verdade. É por isso que você não pôde fazer sexo com aquela mulher no baile, que se parecia exatamente comigo. Você sabe o que quer, Sam? Você só não quer aceitar porque as consequências significariam que você perderia o cheque de pagamento do meu pai.

— Eu não dou a mínima para o seu pai. — Ele se chocou contra mim com raiva. Eu não acho que alguém já esteve tão profundo dentro de mim.

— Então, o que é? Por favor, não me diga que você realmente se convenceu de que é ruim para mim. Você não tem consciência e posso tomar minhas próprias decisões.

— *Cale. A. Boca.*

— Me faça. — Eu fiz uma careta infantil. Por um segundo, ele parou de empurrar e apenas ficou parado entre minhas pernas, enterrado dentro de mim. Então, em um movimento rápido, ele removeu as luvas de látex de suas mãos, juntou-as a uma bola e as enfiou na minha boca, meus sucos ainda nelas. Minha boca se encheu com o gosto amargo do látex e da minha realidade.



— Assim. Isso é melhor. — Ele retomou suas estocadas.
— Nunca comi uma criatura mais irritante.

— *Foooooodaa-see*, — eu ofereci em torno da bola de luvas.

— Sim, querida, é exatamente o que estou fazendo.
Fodendo você.

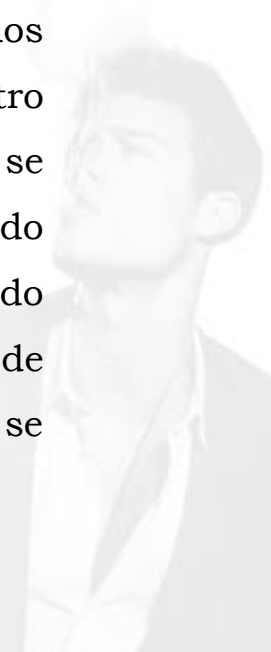
Ele estava perto. Eu pude sentir isso. A maneira como seus dedos se apertaram em volta das minhas coxas, empurrando-as para fora. A maneira como sua expressão se tornou menos cautelosa e mais surpresa como se ele também não pudesse acreditar que era tão bom.

— Você está tomando pílula? — Ele perguntou, no meio de um impulso.

Tentei responder usando as luvas, mas minha voz estava abafada e ele não conseguiu ouvir que eu disse: — Sim, estou, desde os quinze anos.

— Deixa ‘pra’ lá. — Ele empurrou para dentro e para fora com movimentos bruscos. — Mesmo se você não estiver, você vai tomar a pílula do dia seguinte. Fui claro?

O prazer e a diversão que senti apenas alguns segundos atrás se transformaram em raiva novamente. Ele gozou dentro de mim, segurando minhas pernas enquanto seu rosto se contraiu. Eu podia sentir seu esperma quente abrindo caminho dentro do meu corpo. Cuspi as luvas no chão, rugindo de fúria, balançando meu corpo para cima. Eu o empurrei de cima de mim, chutando-o para uma boa distância. Ele mal se



moveu – apenas o suficiente para me deixar ficar de pé completamente – já se acomodando.

— Saia. — Apontei para a porta. — Agora. E não volte.

Ele me olhou divertido, lentamente se reorganizando, abotoando a calça, tirando um cigarro do maço.

— Relaxe, Nix. Eu ouvi quando você disse que estava tomando pílula. Eu só gosto de ver você ficando irritada.

— Bem, parabéns, você conseguiu. Você acha que está tudo bem dizer a uma mulher o que fazer com seu corpo?

— Depende da mulher. — Ele encolheu os ombros.

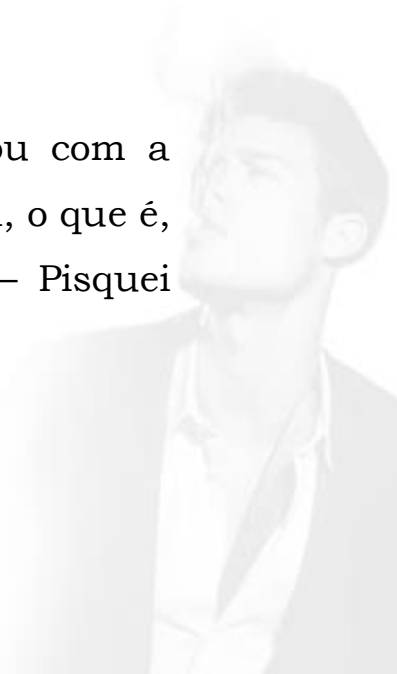
— *Fora!* — Eu gritei, mais alto agora.

Ele acendeu o cigarro. Outra coisa que me incomodou. Ele sabia que eu odiava quando ele fumava. Fui até a porta, abrindo-a totalmente.

— Fora!

— Ou o quê? — Ele sorriu ao redor do cigarro. — Você vai chamar a polícia para vir me buscar em sua clínica de morte não registrada, Nix?

— Ou direi aos meus irmãos que você trepou com a irmãzinha deles duas vezes agora, apesar de ter... oh, o que é, um milhão a mais só para ficar longe de mim? — Pisquei lentamente, um sorriso açucarado no rosto.



Sam bufou, movendo-se em direção à porta com ócio deliberado projetado para me deixar louca.

— Não chegue perto de mim de novo, — eu mordi.

— Isso não será um problema.

E assim, ele terminou.

Deixando-me uma bagunça seminua, manchada em nossas verdades e mentiras e todas as coisas sobre as quais não podíamos falar.

Meu coração meio partido, mas seguro em suas mãos ensanguentadas.



Dez



Sam

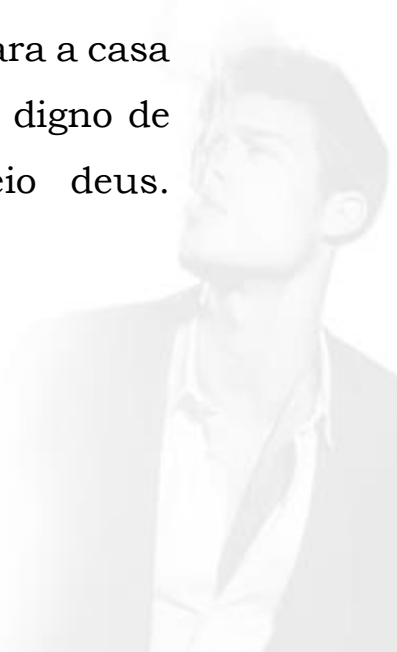
Alguns dias se passaram desde que transei com Aisling em sua clínica de morte.

Eu estava doente como um cachorro e não dava sinais de melhora.

Minha febre subiu, vomitei tudo que coloquei dentro do meu corpo, e mal conseguia me arrastar da cama até a porta para arrebatat a entrega do DoorDash⁶⁷ deixada ali.

Foi a primeira vez que fiquei gravemente doente desde os nove anos. O luxo de ser fraco e dependente não era algo que eu me permitia. Na verdade, eu não tinha tirado um dia de folga da escola ou do trabalho desde que me mudei para a casa dos Brennan. Eu sempre fiz o meu melhor para ser digno de sua reverência e admiração, meio homem, meio deus. Inquebrável e mais forte que o aço.

⁶⁷ Plataforma online de pedidos e entrega de alimentos.



Foi por isso que nunca deixei meus pais adotivos entrarem. Não totalmente, pelo menos. Não em meu apartamento, meu domínio, minha privacidade.

Meu canto do mundo era meu e apenas meu – lamber minhas feridas, ser menos que perfeito, quieto, incerto.

Ficava contente em visitar Troy e Sparrow, tratá-los como família e depois me retirar para as sombras. Quanto menos eles soubessem sobre mim, melhor. Viver com eles quando era adolescente tinha sido como prender a respiração debaixo d'água. Apesar de fingir que seguiria meus velhos hábitos e lhes causaria problemas no dia em que fui morar com eles, tentei muito não estragar tudo.

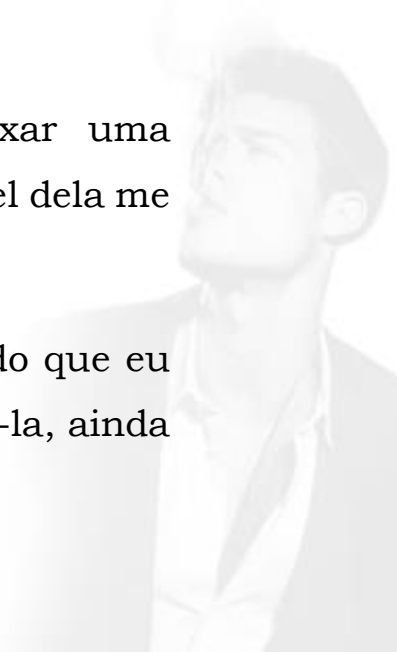
Eu era o soldado mais inteligente, rápido e implacável que Troy já teve, dei joias para Sparrow no Natal e protegi Sailor ferozmente em cada passo do caminho.

E agora *isso* aconteceu.

Uma foda e meia com Aisling Fitzpatrick. Isso era tudo que eu precisava para me jogar fora dos trilhos. Trilhos? Eu não estava nem perto da porra da maldita estação de trem neste momento.

Para uma coisa dócil, ela sabia como deixar uma impressão duradoura. Mas a doçura crua e impossível dela me chamou como um farol na porra de um breu.

Tocá-la foi um erro. Um que me custou mais do que eu estava disposto a pagar. Quatro dias depois de eu tê-la, ainda



não conseguia encarar seus irmãos. Eu negligenciei todas as responsabilidades para com os Fitzpatricks. Claro, eu ainda apareci em Badlands, encontrei tempo para cortar a garganta de um membro da Bratva por tentar me vigiar depois de uma reunião de negócios no centro da cidade.

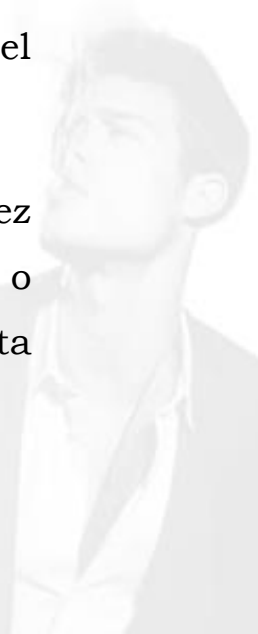
As coisas estavam esquentando entre os russos e eu, e tive que recrutar mais soldados. Alguns deles eram aposentados com quem Troy costumava trabalhar. Eu precisava manter Brookline protegido – e meu. Agora não era hora de brincar de casinha com a doutora. Não quando ela poderia se tornar um alvo também.

No quinto dia em que me senti um saco de merda fumegante, admiti a derrota. Ligar para Aisling para me fornecer ajuda médica foi como Johnnie Depp ligar para Amber Heard e pedir-lhe para ser sua testemunha de caráter. Era hora de jogar minha bunda no hospital mais próximo e conseguir a ajuda médica de que eu obviamente precisava.

Relutantemente, tomei um banho, enfiei os pés em um par de tênis e agarrei minhas chaves, a caminho da porta. Eu abri.

Aisling estava parada do outro lado, sacolas de papel pardo cheias até a borda com mantimentos nos braços.

Bati a porta na cara dela, mas ela foi rápida – ou talvez eu fosse malditamente lento – e deslizou o pé entre a porta e o batente. Ela soltou um grito, fazendo-me abrir a porta imediatamente e xingar baixinho.



— O nome dela era Srta. Blanchet, — ela espiou.

Eu a encarei silenciosamente. Ela precisava elaborar para que eu entendesse do que diabos ela estava falando. Largou os mantimentos, latas e vegetais rolando no chão e abraçou a barriga.

— Minha governanta. Seu nome era Srta. Blanchet. Ela morreu quando eu tinha dezessete anos. Na noite em que te conheci, na verdade, no parque. Eu dirigi para lá depois que a encontrei. Ela tinha câncer. Câncer de pulmão. Ela lutou por três anos. Nos últimos meses, ela passou em uma casa de repouso, mas depois decidiu que queria morrer em casa e não em um lugar estranho, perto de pessoas que ela não conhecia e não significavam nada para ela. Então ela voltou para seu apartamento no West End. Ela estava doente, Sam. Muito doente. Ela não conseguia comer, respirar ou rir sem sentir dor. Ela começou a fazer xixi na cama à noite, voluntariamente, depois que acordou no meio da noite para ir ao banheiro uma vez e caiu no corredor, quebrando o osso do quadril.

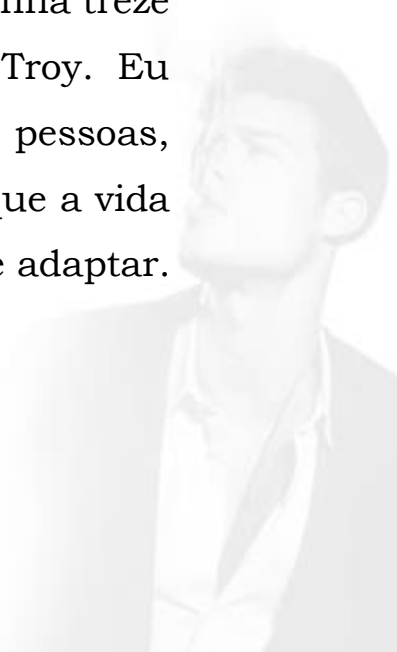
— Mas ela era uma mulher orgulhosa e se recusava a usar fralda. Algo mudou depois que ela quebrou o osso do quadril. Sempre que eu ia visitá-la – não mais na qualidade de estudante; ela não podia ensinar, mas eu iria visitá-la para lhe fazer companhia, visto que ela não tinha mais ninguém nos Estados Unidos – ela me pedia para ajudá-la a tirar a própria vida.



Houve uma pausa. O silêncio pairou no ar. Relutantemente, agarrei um punhado de seu vestido e puxei-a para dentro, fechando a porta atrás de nós. Minha cobertura era o único apartamento no andar, mas eu ainda não queria correr o risco de ninguém ouvir isso. Deixamos as compras do lado de fora. Aisling torceu os dedos, olhando para os pés, determinada a terminar sua confissão.

— Eu disse não. Claro, eu disse não! Essa foi a coisa certa a dizer. Toda a minha vida sonhei em me tornar uma médica para que pudesse ajudar as pessoas a sobreviver, não matá-las. Mas cada vez que deixava seu apartamento depois de ver sua luz escurecer, me sentia mais culpada por recusá-la. Isso me rasgou em pedaços. A ideia de que eu estava negando a ela algo que ela queria tanto. Algo que ela realmente desejava. Ajudando-a a fazer a dor passar. E comecei a me perguntar... não foi condescendente da minha parte tomar a decisão de ela viver com dor?

— Você era apenas uma criança, — eu disse laconicamente, mas ela e eu sabíamos que era besteira. A vida não se importava com sua idade, conta bancária ou circunstâncias. A vida simplesmente acontecia. Eu tinha treze anos quando assumi meu papel de sucessor de Troy. Eu esmaguei crânios, coloquei balas na cabeça das pessoas, torturei, matei, manipulei e sequestrei pessoas. Porque a vida aconteceu comigo, e para continuar vivo, tive que me adaptar.

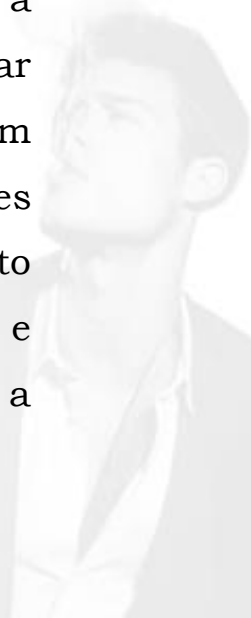


— Ela implorou e implorou e implorou. Ela estava escapando de mim, eu podia sentir isso. — Aisling estava ali, perto da minha porta, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Não fiz nenhum movimento para consolá-la. Não era o que ela precisava naquele momento, mesmo um imbecil emocionalmente atrofiado como eu podia ver. Ela tinha que tirar essa confissão de seu peito. — A mulher que eu admirava desde os quatro anos, a mulher que meus pais haviam recolhido de Paris para me transformar em uma dama – ela era espirituosa, atrevida, elegante e chique sem esforço, e uma fumante inveterada, — disse ela incisivamente, olhando para mim. — Ela se tornou uma sombra de seu antigo eu. Eu não sabia o que fazer. Até que, finalmente, a Srta. Blanchet tomou a decisão por mim. Tivemos uma briga. Ela me disse para parar de ir. Não ir visitá-la mais. Disse que não atenderia se eu visitasse. Isso foi três dias antes de conhecê-lo.

Sua garganta balançou com um gole, e ela passou os dedos trêmulos pelos cabelos enquanto respirava com dificuldade.

— Eu não escutei. Talvez devesse, mas não fiz. Eu não pude deixar de visitá-la. Então eu fui. Bati na porta, toquei a campainha. Ninguém respondeu. Fui até um vizinho do andar de baixo que sabia que tinha as chaves sobressalentes. Um senhor mais velho com quem ela costumava tomar chá antes de ficar muito doente. Ele me deu a chave. Abri o apartamento dela. Eu a encontrei na banheira... — ela olhou para o lado e depois para o chão, fechando os olhos — ...ela usou toda a



energia que lhe restava para cortar os pulsos e sangrar. Ela estava em um rio de sangue. É por isso que ela brigou comigo. É por isso que ela não queria que eu fosse mais. Ela decidiu sobre tirar a própria vida. E ela fez isso de uma maneira dolorosa e solitária.

— Nix, — eu disse, minha voz grave. De repente, esqueci que estava doente. Esqueci de existir em geral. Sua dor tomou conta da sala e tudo o mais deixou de existir.

Ela balançou a cabeça, rindo amargamente.

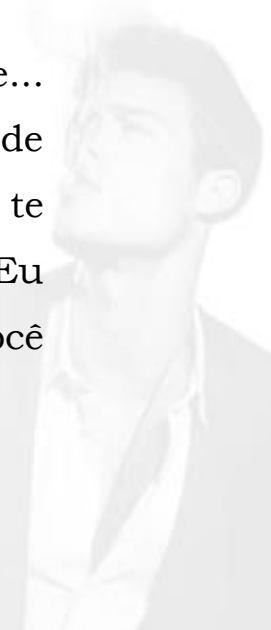
— É por isso que eu estava uma bagunça no parque. Depois que a encontrei, liguei para meus pais e para o 9-1-1. Dei um depoimento, dirigi para casa, vesti uma roupa sacana e comecei a dirigir até que vi as luzes do parque...

O parque de diversões onde eu roubei seu primeiro beijo simplesmente porque ela era doce demais para não aproveitar.

Onde ela me viu tirando uma vida.

Aisling viu duas pessoas mortas em menos de 12 horas depois de viver uma vida muito protegida. Deve ter sido um choque para o sistema.

— Eu vi o que você fez com aquele homem naquela noite...
— seu queixo tremeu — ...e algo estranho aconteceu dentro de mim. Eu sabia que você sobreviveria, não deixaria a culpa te consumir. Você parecia jovem, saudável e inteligente. Eu confiei que você dormiu bem à noite. Comeu bem. Você estava... estranhamente bem em tirar vidas.



Ela olhou para mim em busca de confirmação, seus olhos marejados de lágrimas. Eu dei a ela um breve aceno de cabeça.

— Eu confesso que sim. Não tenho problemas para comer ou dormir.

Exceto quando eu toco em você... então eu me torno um babaca com febre que não consegue segurar uma maldita refeição.

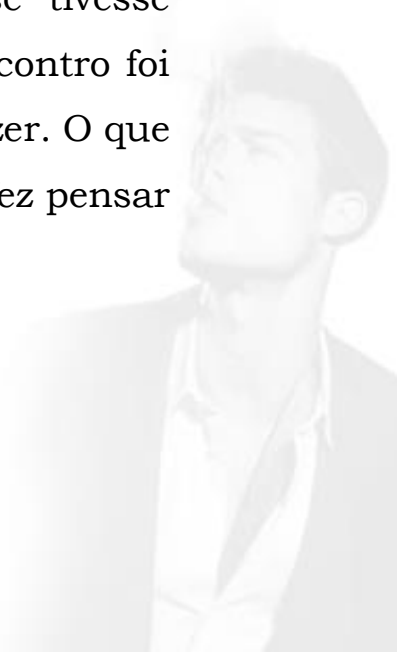
Ela acenou com a cabeça.

— Isso foi o que eu pensei. Mas você tem que entender, eu fui para uma escola católica só para meninas. A eutanásia vai contra todos os ossos do meu corpo.

— Você ainda faz isso, — eu desafiei. — Por quê?

— De alguma forma, naquela noite, você tornou isso real. A possibilidade de tirar uma vida. Mesmo que nossa situação seja muito diferente. A única culpa que senti foi por não ajudar a Srta. Blanchet quando ela precisava de mim. Porque ela estava muito perdida e eu era muito egoísta para me sobrecarregar com tanta culpa. Acabei me sentindo horrível de qualquer maneira. Muito pior do que eu teria se tivesse ajudado ela. Esse dia mudou minha vida. Nosso encontro foi kismet⁶⁸. Você me fez perceber o que eu precisava fazer. O que fui colocada nesta terra para fazer. E então isso me fez pensar

⁶⁸ Destino.



sobre o resto dos meus relacionamentos. O mundo ao meu redor. Quer saber o que aprendi? — Ela fungou.

Eu entendi. Tudo isso. Por que ela fez o que fez. Como ela se tornou quem ela era. A Nix. A visão deslumbrante de uma mulher, escondendo um monstro encantador por baixo.

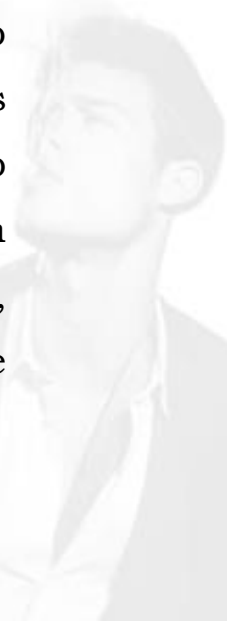
Mas não concordo com ela. Ela não foi colocada nesta terra para matar pessoas.

— O que é? — Eu perguntei suavemente.

— O que aprendi é que às vezes fazemos coisas muito feias pelas pessoas que amamos. Eu faço isso pela minha mãe. Para o meu pai. Até, às vezes, para mim.

Eu não disse nada. Nunca amei ninguém de verdade, então não parecia que pudesse contribuir para essa observação. Ela deu um passo em minha direção, a névoa da morte e do luto ao seu redor evaporando.

— Conheci o Dr. Doyle no meu segundo ano de medicina. Por acaso, se você puder acreditar. Aquela clínica que você viu? Ele mora no apartamento de cima. Naquela época, ele alugou para alguns alunos. Eu estava em uma festa de inauguração de uma casa lá e não conseguia descobrir por que o porão estava tão bem trancado. Havia nada menos que três fechaduras naquela coisa. O cara que morava lá disse que o Dr. Doyle usava, e as pessoas entravam e saíam com frequência, mas ele nunca fez perguntas por que, francamente, o aluguel era muito barato para ser exigente ou falante sobre

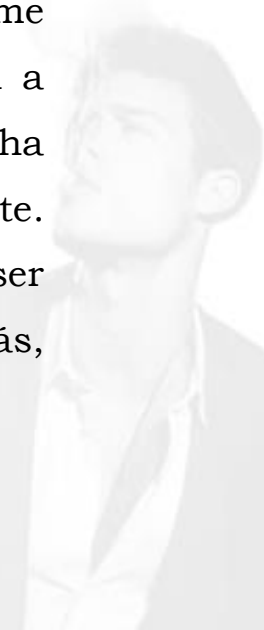


isso, e ele era um estudante de medicina – ele dificilmente estava em casa de qualquer maneira. Minha curiosidade levou a melhor sobre mim e decidi ir ao fundo da situação. Eu agendei uma reunião com o Dr. Doyle. Visitei seu escritório. O verdadeiro, na parte bonita da cidade, onde trabalhava como dermatologista. Ele tinha muitas fotos de sua esposa, mas quando perguntei sobre ela, ele disse que ela havia morrido dois anos antes. Ela teve um derrame que a deixou com deficiências graves e danos cerebrais. E por dano, quero dizer, ela não conseguia nem comer ou controlar a bexiga. Eu o questionei sobre sua morte. Eu sabia que era insensível, mas ainda assim fiz. Eu apenas tive um pressentimento...

— Ele a matou, — eu disse, olhando-a fixamente nos olhos.

Nix acenou com a cabeça, caminhando rapidamente na direção da cozinha, abrindo os armários, tirando uma tábua de cortar, em seguida, caminhando de volta para a porta para pegar seus mantimentos.

— Eu sabia que tinha que convencê-lo a falar, então contei a ele sobre minha história com a Srta. Blanchet. Não foi fácil convencê-lo, mas finalmente, ele concordou em me colocar sob sua proteção. Assim que me formei, comecei a trabalhar com ele em tempo integral. Até então, eu tinha estudado seu trabalho. O que ele fazia depois do expediente. Ele está empenhado em ajudar aqueles que não podem ser ajudados em nenhum outro lugar. Não somos pessoas más, Sam.



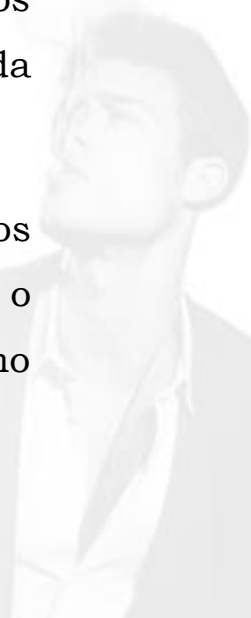
Ela recolheu as cenouras, o aipo, as coxas de frango e o caldo, cortando os vegetais e a carne no tabuleiro e jogando tudo em uma panela para o que eu presumi ser uma canja de frango com macarrão.

— Eutanásia significa *boa morte* em grego. É deixar a vida correr em paz, com dignidade, nos seus próprios termos. Mas, na verdade, trata-se de acabar com o sofrimento excruciante. No entanto, temos algumas regras básicas que obedecemos, Dr. Doyle e eu, e é por isso que temos muito poucos pacientes. O que fazemos é fornecer um serviço para as Srtas. Blanchets de todo o mundo. Assistência médica e de prescrição para pessoas que não querem viver em uma casa de repouso, mas passam o tempo restante em suas casas com seus entes queridos.

— Quais são as suas regras básicas? — Eu perguntei, apoiando meus antebraços na ilha da cozinha entre nós, intrigado.

Conheci muitos assassinos em minha vida, mas todos eles eram como eu. Decadentes e sem alma. Egoístas e cruéis. Todos eles faziam isso pela sede de sangue. Não por razões altruístas. Mesmo aqueles que tinham códigos morais os infringiam com frequência. O que Aisling fazia não tinha nada a ver com o que eu fazia para viver.

— Por um lado, sem entrar na bioética disso, só fazemos a eutanásia voluntária. O que significa que se não tivermos o consentimento total do paciente por qualquer motivo, mesmo



que ele esteja em coma, não aceitaremos o paciente. Por outro lado, só atendemos pacientes no final da vida. Estou falando do câncer em estágio quatro, pessoas que têm poucas semanas de vida. E, mesmo assim, não puxamos o plugue, por assim dizer. — Ela colocou a panela de sopa no fogão, ligando o fogo, perdida na explicação. — Não realizamos o ato de tirar uma vida. Não. Fazemos algo que se chama sedação paliativa. Basicamente, mantemos o paciente vivo, mas sob sedação profunda quando chega a hora, até que ele desapareça naturalmente. Isso é legal em muitos países, incluindo Holanda e França. Não é nem considerado eutanásia. Na verdade. Mas para essas pessoas – para meus pacientes – faz uma enorme diferença.

— E você só faz isso em suas casas, — eu disse.

— Sim. — Ela tampou a canja de galinha, abrindo um saco de macarrão. — Tornamos possível que estejam rodeados de amigos e familiares.

— Então, para que você tem a clínica?

— Como eu disse, tentamos prolongar suas vidas o máximo que podemos por meio de medicamentos e consultas.

— No Dia de Ação de Graças... — Eu parei.

Ela saltou na ponta dos pés, olhando de lado.

— Sim. E no Halloween também.



— Jesus, Ash. — Eu plantei minha testa sobre a ilha da cozinha, saboreando sua frieza.

— Você realmente é meu próprio anjo da morte. — Ela suspirou. — Cada vez que faço algo assim, temos um momento juntos. Mas essas foram as únicas vezes que fiz isso. Juro.

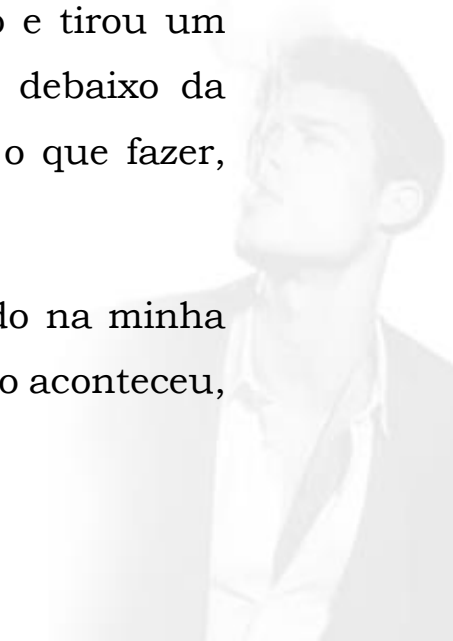
— Você poderia entrar em merda profunda por fazer isso, sabia disso? — Levantei minha cabeça, fixando-a com um olhar. Claro que ela sabia disso. Aisling não era estúpida.

Ela ergueu o queixo, ignorando minhas palavras. — Cillian e Hunter dizem que não foram capazes de entrar em contato com você nos últimos dias. Juntei dois e dois e imaginei que você estava doente e orgulhoso demais para pedir ajuda, então vim para cuidar de você e recuperá-lo.

— Ouça-me... — bati minha palma aberta contra o mármore entre nós, perdendo a paciência — ...você pode ir para a prisão. Isso é um assassinato de primeiro grau. É intencional ‘pra’ caralho. Nem mesmo homicídio culposo. Você precisa parar.

— Eu sei que você está acostumado à obediência, fazendo o que faz... — Nix empoleirou a bolsa no balcão e tirou um termômetro, caminhando até mim e enfiando-o debaixo da minha língua — ...mas você não pode me dizer o que fazer, Monster.

Eu olhei para ela como se ela tivesse cagado na minha cama, esperando o termômetro apitar. Quando isso aconteceu,



cuspi de volta na mão dela e sibilei: — Essa conversa não acabou.

— Por favor, — ela bufou, contornando a ilha da cozinha e tirando alguns comprimidos de sua bolsa, estendendo a mão para entregá-los a mim. — Não finja que você se importa. Estamos muito velhos e cansados para isso. Aqui, pegue isso.

Olhando-a com ceticismo, eu disse: — Não sei, doutora, você não tem um histórico brilhante de trazer pessoas de volta à saúde.

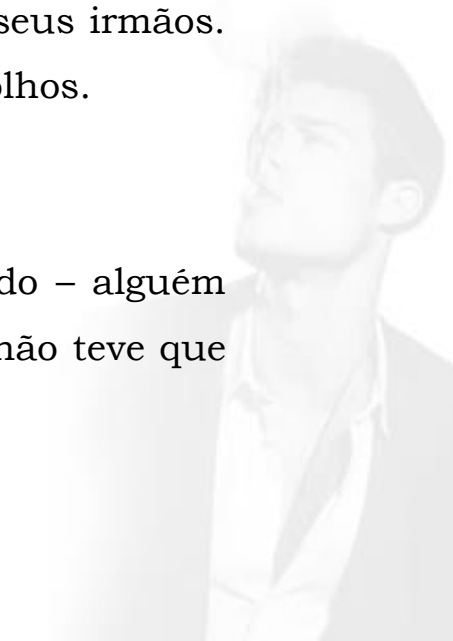
Ela encolheu os ombros, prestes a retirar a mão estendida. Peguei os comprimidos, coloquei-os na boca e engoli sem água.

— A sopa estará pronta em cerca de quarenta e cinco minutos. Por que você não se deita e me conta tudo sobre a *sua* marca do mal?

Chutá-la para fora não iria funcionar. Não quando eu mal conseguia rastejar até a porta, muito menos empurrá-la para fora dela. E de qualquer maneira, eu estava cansado de lutar contra ela. Ela finalmente conseguiu entrar na minha vida. Eu vi uma diferença entre ela e Gerald. Entre ela e seus irmãos. Nix era finalmente sua própria pessoa aos meus olhos.

E que pessoa era essa.

Linda, inteligente e compassiva. Pior de tudo – alguém que estava cegamente apaixonada por mim. Ela não teve que



soletrar. Estava irradiando de cada centímetro de sua carne sedosa.

Eu não a merecia.

Eu poderia tê-la se quisesse.

Cambaleei até o sofá e caí nele. Nix se equilibrou na beirada, bem ao meu lado, olhando para mim com expectativa, como Rooney antecipando o momento da história.

Corri meus dedos pelo meu cabelo úmido.

— Por onde começar?

— O começo seria um bom lugar.

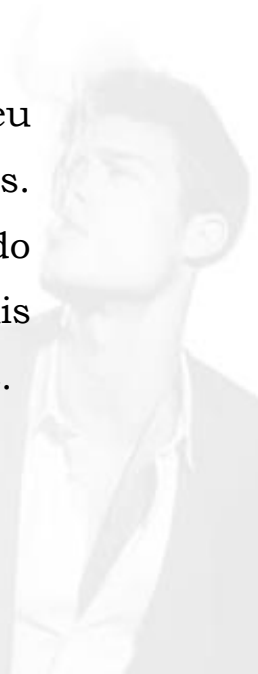
Malandra.

— Eu nasci em um dia escaldante de agosto

— Bem, talvez não do começo de tudo. Que tal no meio? Não. Terceiro capítulo. Após a exposição, mas antes que as coisas fiquem realmente turbulentas e succulentas.

Olhando para ela com um novo carinho, eu nem tinha certeza se era capaz de sentir, eu ri.

— As coisas estavam um borrão de merda até eu completar nove anos, depois disso tudo era sobre os Brennans. Eu tinha um papel a assumir, e o fiz. Agora eu ganho mais do que o Troy ganhava naquela época. Tenho mais negócios, mais propriedades e controlo mais áreas em Boston do que ele fez.



— Mas você também é mais bagunceiro do que Troy. — Ela passou os dedos pelo meu cabelo, consertando o que diabos eu fiz com ele, sorrindo. — Você mata mais pessoas. Você se machuca. A taxa de criminalidade aumentou. E é um fato bem conhecido que a Bratva é uma bomba-relógio prestes a explodir. Eu li no noticiário.

— Ler algo no noticiário não torna isso verdade, — eu apontei.

— E quanto ao FBI? Cillian diz que eles estão atrás de você também.

— Eles nunca vão me pegar.

— Últimas palavras famosas. — Ela suspirou.

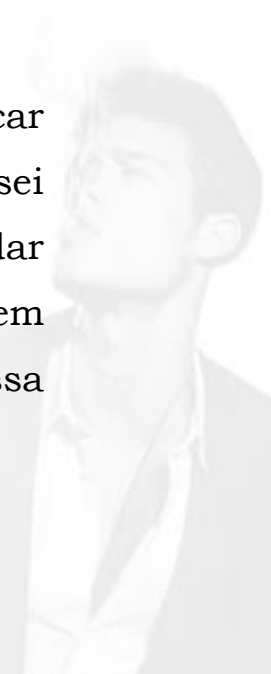
— Me fale sobre isso, Nix.

Ela sorriu, mergulhando a mão no frasco de balas melancolicamente, deslizando na bala perdida que ela roubou de lá.

— Obrigado, — resmunguei, fechando meus olhos.

— De nada, meu querido monstro.

Caí no sono, embora me esforçasse muito para ficar acordado. Isso me lembrou dos primeiros Natais que passei com os Brennans. A luta contra a exaustão era como nadar contra o riacho, mas algo bom estava acontecendo, e quem diabos sabia quando seria a próxima vez que eu sentiria essa alegria indescritível e inebriante?



Aisling deve ter dormido bem ao meu lado, porque ainda podia sentir seu calor quando acordei. Seu cheiro de gengibre e mel e minha porra de destruição.

Eu bocejei, espreguiçando-me no sofá.

— Faça café, — rosnei, mas não houve resposta.

Eu abri meus olhos, olhando ao redor.

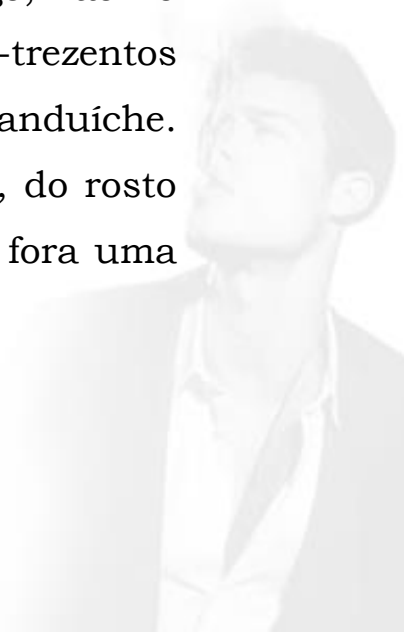
Havia uma tigela de sopa fumegante de frango com macarrão ao meu lado, uma garrafa de água – sem tampa – e alguns comprimidos.

Aisling havia partido.



No dia seguinte, encontrei-me com Barbara McAllister nos arredores de Boston.

Ela era uma mulher com aparência de mendigo, não no estilo hippie, comprou-aquela-camisa-furada-por-trezentos dólares, mas no jeito seriamente de precisar de um sanduíche. Dava para ver que por baixo do cabelo descolorido, do rosto enrugado e do autobronzeador mal aplicado, ela já fora uma mulher atraente.



Barbara era o golpe final de que precisei para derrubar Gerald de joelhos. A peça que faltava na Operação Destruir Gerald. Ela guardava alguns segredos profundos que ele nunca quis que ninguém soubesse e, por uma boa quantia de dinheiro, ela estava disposta a revelá-los para o mundo.

— Mas eu preciso ter certeza de que valerá a pena. Só o farei pelo preço certo. Posso pegar um cigarro emprestado? — Barbara perguntou quando nos encontramos em um pequeno café.

Ela usava um minivestido preto e um sobretudo barato, e parecia que o 'preço certo' para ela seria de vinte dólares e um McMeal. Eu silenciosamente ofereci a ela meu maço aberto de cigarros, mantendo minha expressão em branco.

Eu ainda cumpria meu plano para Gerald Fitzpatrick, mas não estava mais feliz com isso. Em algum lugar ao longo da estrada, machucar Aisling, o que eu sabia que faria, parecia desnecessário. Não que eu estivesse amolecendo. Mas não havia necessidade de ser duro com uma mulher tão flexível como ela.

Tão flexível que dirige uma clínica da morte clandestina e procura você.

Barbara acendeu um cigarro, exalando com um sorriso satisfeito.

— Como você sabe que vou conseguir um contrato para um livro? Não há exatamente uma escassez de mulheres em



que Gerald Fitzpatrick mergulhou seu pau. — Ela me olhou com ceticismo.

— Verdade, mas você é a única que viveu em um de seus apartamentos. Você não era apenas uma foda, você era uma amante. Ele voou com você para lugares. Comprou joias caras. Aposto que é apenas a ponta do iceberg. — Eu sorri para ela, colocando a isca para fazê-la dizer mais.

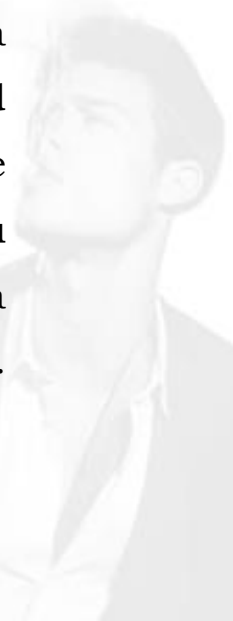
Ela sorriu, seus dentes excepcionalmente brancos para uma fumante, e assentiu com entusiasmo.

— Oh, ele alguma vez. Samuel, meu filho, ele me adorava. Claro, eu também fiz minha parte. Houve orgias. Orgias massivas. Ele às vezes nos levava três de cada vez. Sempre pensei que era estranho Ger ficar tão chateado quando seu filho, Hunter, fazia isso. Afinal, ele era o rei das orgias naquela época.

Minha mandíbula ficou tensa. Eu não precisava ouvir sobre as escapadas sexuais do meu cunhado antes de ele se casar com minha irmãzinha.

— O que mais? — Eu perguntei.

— Havia drogas. Muitas delas nessas festas. — Barbara coçou o queixo. Pareceu-me interessante que, embora Gerald também a tivesse colocado na lista, quando perguntei sobre ela, ele mentiu para mim. Alguns dos detalhes que ele me deu eram diferentes do que eu descobri quando conduzi minha própria pesquisa. Endereços, onde se conheceram, sua idade.

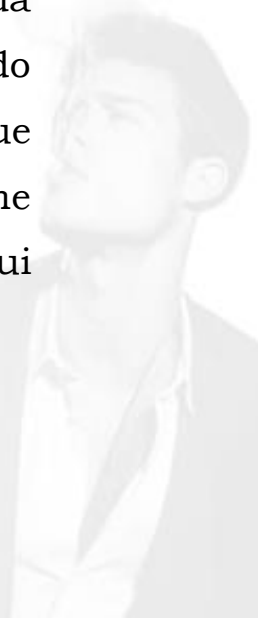


Nada alinhado, então decidi cavar mais fundo. Estava feliz por ter feito isso.

— Também houve alguns abortos. — Ela pigarreou. — Gerald não gostava de usar proteção, mas também não queria filhos bastardos. Ele foi realmente inflexível sobre isso, como você pode imaginar. Eu mesma sabia que não devia tentar o destino. Estava sempre tomando pílula. Não tinha a ambição de engravidar de um filho de um bilionário. Perigoso demais. Olhando para trás, talvez eu devesse. Talvez eu me saísse melhor do que hoje. — Ela olhou ao redor do pequeno café com o papel de parede descascado e as superfícies empoeiradas. Ela morava em uma pequena cidade deserta. Era óbvio que não estava nadando no dinheiro.

— Mas eu estava a par de tudo o que acontecia nos bastidores. Ele era um monstro, Samuel. Um verdadeiro monstro. Já conheceu um? — Ela deu uma tragada no cigarro que lhe dei avidamente, ignorando os olhares perturbados que a barista atrás do balcão lançou para ela – embora ela não tenha se aproximado de nós ou dito para ela apagar.

— Sim, — eu disse facilmente. — Conheci monstros antes. Várias vezes, na verdade. Então, vamos fazer isso da seguinte maneira, Barbara. Vou trazer o lucrativo negócio do livro-conta-tudo, você vai trazer o suco. Mas aconteça o que acontecer, você deve se lembrar de uma coisa: você nunca me conheceu, nunca me viu e nunca ouviu falar de mim. Fui claro?



Ela acenou com a cabeça, terminando o cigarro e tomando um gole do café rançoso que eu comprei para ela.

— Absolutamente. Posso fumar outro cigarro?

Eu ri, levantando-me e jogando o maço em seu colo antes de desaparecer de volta na nevasca branca.

— Claro, querida, pegue a porra do pacote inteiro.



Onze



Aisling

Eu senti o cheiro antes de ver. O vômito.

Então, quando notei o primeiro ponto, percebi que estavam em toda parte. Manchas de vômito.

Amarela e desbotada, cobrindo os tapetes, o chão, as paredes.

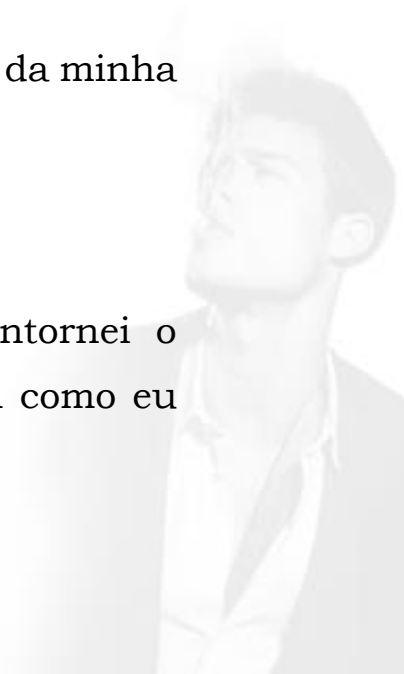
Larguei minha mochila na porta, seguindo sua trilha escada acima, para onde elas me levaram. Não era comum as governantas deixarem qualquer tipo de sujeira sem vigilância.

A menos que elas quisessem que eu visse.

Foi um grito de socorro, eu sabia. E não apenas da minha mãe.

Senhor, o que ela fez agora?

Cheguei ao segundo andar, em seguida, contornei o corredor, meus passos ganhando velocidade. Assim como eu



esperava, as manchas de vômito levaram ao quarto principal, o quarto da minha mãe. *Athair* havia partido dias atrás e, embora eu tentasse o meu melhor para ficar de olho nela, sabia que mamãe estava em uma espiral.

Parei do lado de fora da porta, colocando minha mão na maçaneta e respirando fundo.

— Mãe?

Não houve resposta. Abri a porta, flashbacks da Srta. B atacando minhas memórias, cruas e vivas.

Sangue.

Banheira.

Pulsos.

Desespero.

Examinei o cômodo. Estava completamente vazio.

— Mãe? — Eu ecoei, confusa.

Cautelosamente, caminhei para o banheiro da suíte, meu coração na garganta. Eu esperava o melhor, mas esperava o pior. Mãe, lembrando aquela cena no apartamento da Srta. B, finalmente cumprindo suas ameaças inúteis de tirar a própria vida. Eu sabia que minha mãe se cortava. Na verdade, isso me deu uma sensação de segurança confusa, porque as pessoas que se cortavam eram menos propensas a realizar tentativas de suicídio “bem-sucedidas”.



Jane Fitzpatrick nem era inteiramente uma cortadora. Às vezes ela se machucava um pouco, bem e longe dos pulsos, para chamar a atenção. Mas ela fazia isso quase exclusivamente para o meu pai e para mim. Hunter e Cillian não tinham ideia. Eles não eram peões em seu esquema de chantagem emocional.

Eu a encontrei deitada no chão perto do toucador, de bruços.

— Mãe! — Gritei, correndo para o banheiro, abrindo a porta.

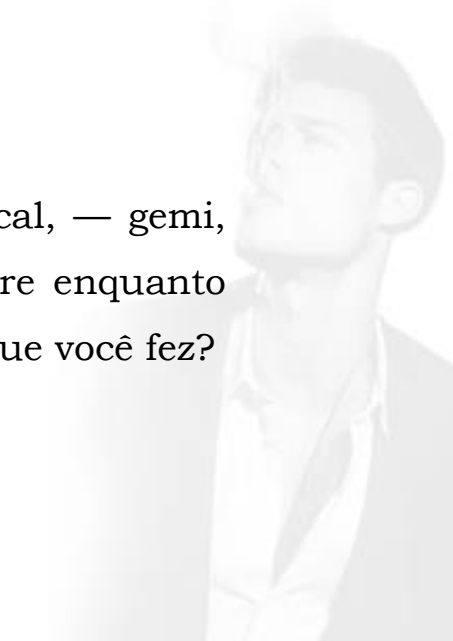
Caí de joelhos, virando-a pelo ombro. Ela estava desmaiada em uma lagoa de seu próprio vômito. Pílulas meio dissolvidas nadavam no vômito como estrelinhas, seu conteúdo pulverulento e espesso. Como poeira estelar.

Jesus.

Agarrei seu cabelo, empurrando meus dedos em sua boca, forçando-a a engasgar e vomitar mais. Ela voltou à vida instantaneamente, primeiro protestando fracamente por eu tê-la machucado enquanto segurava sua cabeça, mas então começou a vomitar mais.

Mais comprimidos. Mais tudo.

— Você precisa fazer uma lavagem estomacal, — gemi, chamando uma ambulância com minha mão livre enquanto continuava tentando fazê-la vomitar. — O que é que você fez?



Mas eu sabia exatamente o que ela tinha feito e *por quê*.

A ambulância chegou quatro minutos depois. Eu a segui com meu próprio carro. Tentei ligar para Hunter e Cillian repetidamente. Os dois telefones foram direto para o correio de voz.

Eu não conseguia entender por quê. Era noite. Eles deveriam estar em casa com suas famílias. Recorri a enviar mensagens de texto para ambos com a nossa palavra-código. Nosso código de emergência.

Clover.

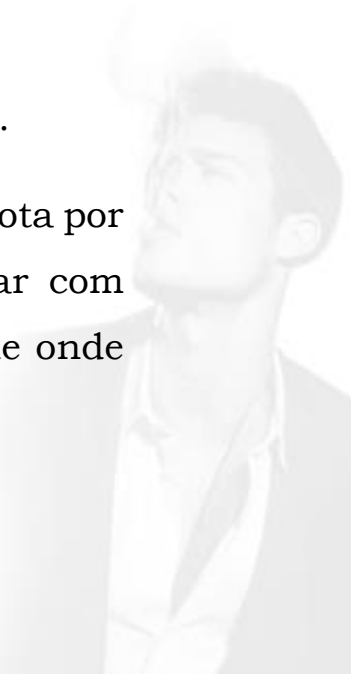
E então, quando não houve resposta: **Clover, clover, clover! Atenda!**

Relutantemente, eu não queria que minhas cunhadas soubessem o quão bagunçada minha família era, especialmente com meu pai morando fora de casa e meus pais provavelmente se divorciando. Liguei para Persy.

Persephone e eu sempre tivemos essa conexão tácita, de duas flores tímidas e românticas forçadas a florescer na selva que era a família Fitzpatrick.

— Olá? — Pers parecia sonolenta, bêbada de sono.

— Oh. Oi, — eu disse alegremente, sentindo-me idiota por forçar um tom alegre. — É Ash. Estou tentando falar com Cillian, mas ele não está respondendo. Alguma ideia de onde ele possa estar?



— Ei, Ash. Está tudo bem? — Ela perguntou e então, processando o fato de que eu fiz a ela uma pergunta, ela acrescentou, — Kill está na Badlands com Sam, Devon e Hunter. É uma espécie de noite especial de jogo. Eu não estava prestando atenção. Posso te ajudar de alguma forma?

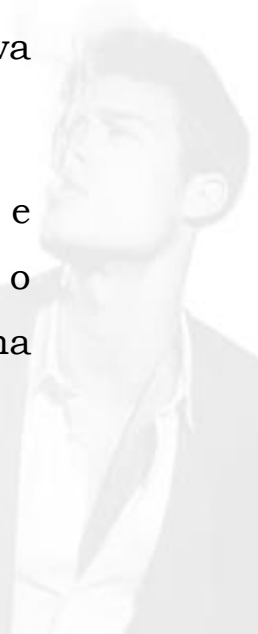
Meu sangue chiou em minhas veias enquanto agarrava o volante a ponto de ficar com os nós dos dedos brancos. Meus irmãos estavam *me abandonando*. Eles me deixaram para cuidar de nossa mãe enquanto iam jogar com Sam Brennan.

Uma nova raiva borbulhou em meu estômago. Como Cillian e Hunter se atreviam a aceitar tão facilmente uma realidade em que a doce e tímida Aisling cuidava da mamãe e *Athair* enquanto eles iam viver suas grandes e gratificantes vidas?

Parei no hospital e conduzi minha mãe ao pronto-socorro junto com seu médico designado, dando a ele o máximo de informações que pude com base no que eu sabia. Que drogas ela pode ter tomado, a quantidade, quanto ela vomitou.

Eles fizeram alguns testes na velocidade da luz e lavaram seu estômago, mas já estava quase vazio graças a mim. Minha mãe foi colocada em um soro intravenoso e agora estava consciente, nem mesmo duas horas depois de ser internada.

— Só não diga a seu pai. Ele pensaria que é sobre ele, e ele não precisa do impulso do ego, — ela gemeu, alcançando o controle remoto ao lado de sua cama de hospital. — Você acha



que eles têm Netflix aqui? Oh, isso é tão inconveniente para mim. Eu tenho um tratamento facial amanhã de manhã.

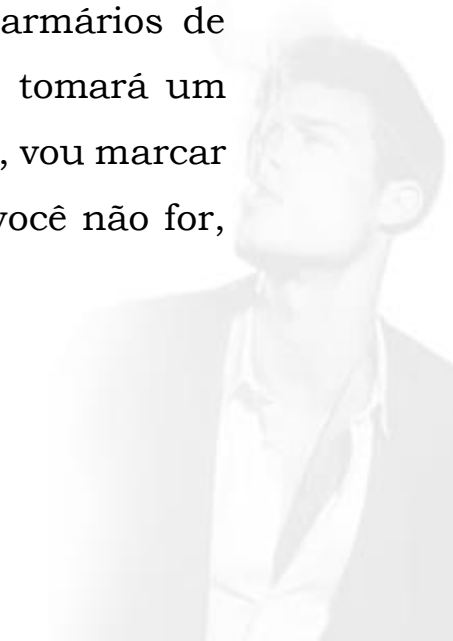
Eu a encarei com os olhos injetados de sangue, meu corpo inteiro tremendo de raiva.

— Você é uma idiota.

As palavras escorregaram da minha boca antes que eu pudesse detê-las, mas não pude, por minha vida, encontrar uma gota de remorso depois que elas foram expostas.

— Desculpe? — Sua cabeça sacudiu para o lado. Ela me lançou um olhar duro e maternal.

— Você me ouviu. — Levantei-me, caminhando até a janela, observando as árvores cobertas de neve e as estradas sujas de gelo. — Você é uma idiota. Egoísta. Você se recusa a obter a ajuda de que precisa e abusa de medicamentos prescritos para se vingar de... quem, exatamente? A única pessoa que você está machucando é você mesma. Agora deixe-me dizer o que está para acontecer... — Eu me virei, fixando-a com meu próprio olhar, minha espinha recém-descoberta formigando com a necessidade de agir. — Vou voltar para casa, deixá-la aqui sozinha e esvaziar todos os seus armários de remédio. Quaisquer remédios. Você nem mesmo tomará um Advil para suas enxaquecas matinais. Em seguida, vou marcar uma consulta com um psiquiatra para você. Se você não for, vou sair de casa.

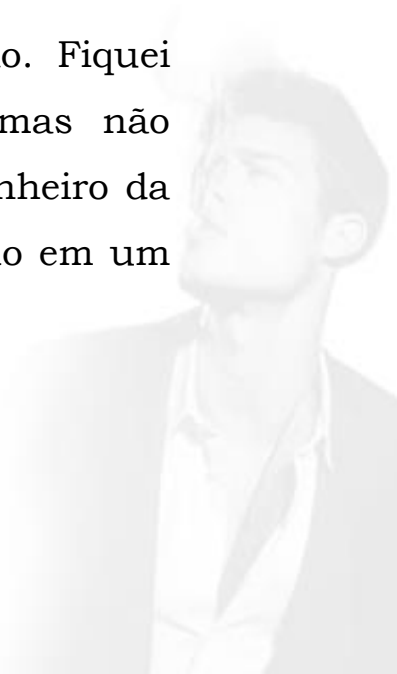


— Aisling! — Mamãe chorou. — Como você ousa! Eu nunca...

— Chega! — Eu rugi. — Eu não quero ouvir isso. Estou cansada de ser mãe o dia todo, todos os dias. De segurar sua mão ao longo da vida. De ser a mãe em nosso relacionamento. Sabe, eu cresci vendo você e Da mandando Cillian e Hunter para internatos na Europa e morria de medo de compartilhar o destino deles. Não havia nada que eu temesse mais do que dizer adeus a você e *Athair*. Na verdade, estou com *ciúme* dos meus irmãos, — cuspi, — porque você deu a eles o melhor presente de todos. Eles cresceram mal os conhecendo e gostando muito pouco de vocês. Eles não estão apegados a vocês como eu. Eles podem viver suas vidas, fazer o que quiserem, livres das correntes de amar duas pessoas que são incapazes de amar outra pessoa além de si mesmas. Terminei!

Joguei minhas mãos no ar e saí correndo, esbarrando em um médico que correu para o quarto de mamãe. Ele me chamou, tentando descobrir o que estava errado, mas eu o ignorei, sentindo-me muito jovem e muito desesperada de repente.

O caminho de volta para casa foi um borrão. Fiquei surpresa por ter conseguido, pois minhas lágrimas não derramadas prejudicaram minha visão. Invadi o banheiro da minha mãe, abri os armários e comecei a jogar tudo em um saco de lixo branco que tirei da despensa.



Qualquer coisa que você pudesse usar para ficar chapado se foi. Enfiei tudo sem rima ou razão. Protetor solar, vaselina, curativos, analgésicos e remédios para tosse semelhantes. Quando fiquei satisfeita com minhas descobertas, e certa de que não havia nenhuma outra droga na casa, comecei a caminhar para fora, coloquei o saco de lixo cheio no portamalas do meu Prius e o conduzi até Badlands.

Tentei não pensar na última vez que vi Sam.

Eu disse a ele que nunca mais queria vê-lo novamente, então fui em frente e bati em sua porta. Não fui muito coerente, mas estava preocupada. Quando ouvi de Cillian, Hunter e Da que Sam não estava em lugar nenhum, imaginei que ele estava enfurnado em seu apartamento e por um bom motivo. Honestamente, eu estava com mais medo de que ele tivesse levado um tiro ou tivesse um ferimento sério e estava orgulhoso demais para pedir ajuda.

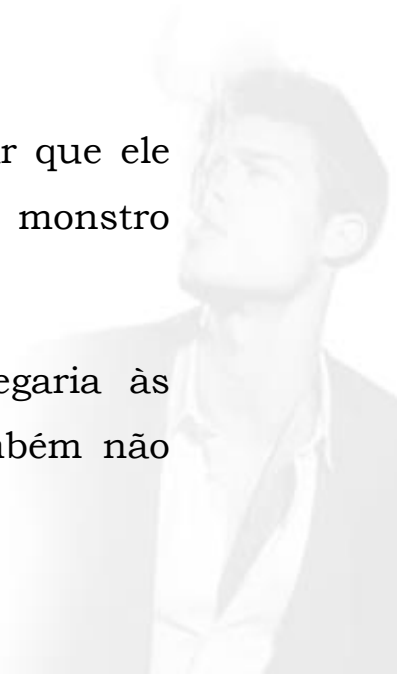
Eu o encontrei doente e tremendo, cuidei dele para recuperá-lo e, em seguida, dei-lhe o espaço de que precisava.

Isso foi há três dias.

Ele nem mesmo disse obrigado.

Não que eu tivesse alguma razão para esperar que ele fizesse. Era de Sam que eu estava falando, um monstro conhecido.

Embora eu soubesse que ele não me entregaria às autoridades com uma fita de cetim vermelha, também não



confiei nele a informação do que estava fazendo com meu diploma de médico. Por que eu contei a ele minha história da Srta. B, então?

Porque você o ama, mon cheri, e quando você ama alguém, você quer que ele o conheça, então talvez ele se apaixone por você também.

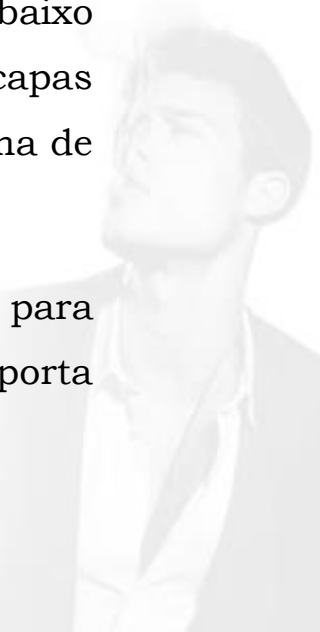
Bem, Sam estava obviamente se sentindo muito melhor, visto que ele estava em um clube com meus irmãos egoístas esta noite.

Parei na frente de Badlands, arrastei o saco de lixo para fora e contornei o prédio, em direção à porta dos fundos que levava ao escritório de Sam.

Eu sabia que não devia bater. Motivo pelo qual tirei a pinça do saco de lixo e mexi na fechadura. Era uma fechadura simples e eu tinha a vantagem de saber o que estava fazendo. Eu tinha invadido os quartos dos meus irmãos muitas vezes quando era mais jovem. Estava entediada e sozinha na impossivelmente grande e imponente Avebury Court Manor.

Às vezes, minha única companhia eram as coisas de outras pessoas. Brinquedos e aparelhos que encontrei embaixo das camas. Eu até fingi que as mulheres enfeitando as capas da *Penthouse* e da *Playboy* – encontradas debaixo da cama de Hunter – eram minhas amigas.

A porta se abriu com um clique suave e eu pisei para dentro. O escritório de Sam estava escuro e vazio. Abri a porta



e desci as escadas, a música batendo no clube fazendo o chão tremer.

Eu não estava interessada no clube, no entanto. Fui direto para as salas de jogos. Assim que cheguei à junção das quatro salas de cartas, espiei cada uma delas. Não foi difícil encontrar meus irmãos. Eles estavam na última. Era a sala mais barulhenta e turbulenta, cheia de uma parede a outra com homens usando smokings, fumando charutos cubanos e bebendo uísque velho, amontoados em torno de mesas de roleta e dados.

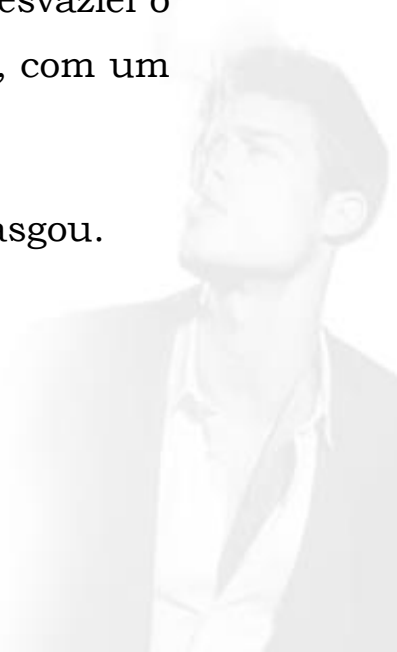
Cillian estava no canto da sala, conversando animadamente com Devon, enquanto Hunter estava ao lado de Sam perto da roleta.

Monster parecia novo em folha, um cigarro pendurado no canto da boca enquanto ele latia para seus funcionários, nenhum sinal de seu eu anterior, suado e cheio de febre à vista.

Arrogando-me para dentro, o saco de lixo jogado sobre meu ombro como se eu fosse o Papai Noel entregando presentes no dia de Natal, parei no centro da sala e esvaziei o conteúdo do saco de lixo no meio da mesa da roleta, com um sorriso no rosto.

Todo mundo, e eu quero dizer *todo mundo*, engasgou.

Todos, exceto Sam.

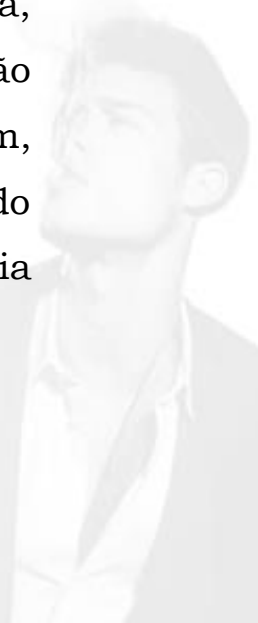


Hunter foi o primeiro a se recuperar da minha pequena interrupção.

— Puta merda, irmã. Que maneira de fazer uma entrada.
— Ele assobiou baixo, alcançando o centro da mesa da roleta para pegar um pacote de balas que eu joguei lá acidentalmente, colocando duas em sua boca. — Você tem maconha? Eu não uso mais drogas, mas se você for uma traficante paralela, gostaria de contribuir financeiramente.

— Aisling, — disse Cillian, todo gelo e maneiras, vindo em minha direção. — O que você está fazendo aqui, além do óbvio, que está constrangendo você mesma?

— Ótima pergunta, — eu gorjeei, toda mel e sorrisos. — Bem, irmão, comecei meu dia às seis da manhã, trabalhei em um longo turno, voltei para casa para encontrar *nossa* mãe desmaiada em seu próprio vômito, então comecei a enfiar meus dedos em sua garganta e conduzi-la ao hospital para garantir que ela não tivesse uma overdose de vitaminas mastigáveis ou o que quer que ela decidiu enfiar em seu estômago. A essa altura, tentei ligar para meus queridos irmãos, mas os dois estavam ocupados demais jogando cartas para pegar o telefone. Vocês nem responderam nosso código de emergência, embora eu nunca tenha usado isso na minha vida antes, então deveria dar um sinal sobre a situação. Nossa mãe está bem, por falar nisso. Mas eu não estou. Estou cansada e precisando de um banho e farta de carregar o fardo de unir esta família sozinha.



A sala ficou muito silenciosa e imóvel e, de repente, eu só estava ciente de Sam, Cillian e Hunter. Ninguém mais se registrou.

Sam estalou os dedos e gritou: — Todo mundo fora. Negócios de família. Phil, Jonathon, Archie... — ele se virou para seus crupiês — ...leve-os para a sala três e peça a todos uma bebida de cortesia. Não do menu vintage.

Sam se recostou em uma das poltronas reclináveis vintage, acendendo outro cigarro enquanto nos observava. Virei minha cabeça em direção a ele. Eu estava com vontade de colocar fogo em todos os relacionamentos que já tive, e ele estava no topo da minha lista de pessoas quem eu queria atacar.

— Uau. Quer dizer que você não vai me expulsar do seu clube? — Engasguei zombeteiramente.

— Se você aparecer amanhã, eu irei. — Ele se recostou confortavelmente em sua cadeira, sorrindo. — Agora mesmo, você parece estar fazendo um bom trabalho, arruinando sua própria noite. Não há necessidade de interferir.

— Você é um idiota, — eu cuspi.

— E você parece um disco quebrado.

— Parem com isso, vocês dois. Comece do início, Ash, — Cillian ordenou enquanto o último da multidão escorria para fora da sala. — O que aconteceu? Desde quando mamãe brinca com remédios controlados?



— Desde sempre. — Eu joguei meus braços no ar. — Ela se corta também.

Meus dois irmãos empalideceram em resposta.

— Aposto que vocês também não sabiam disso, hein? Ela faz isso principalmente para chamar a atenção, para manter Da e eu em alerta sempre que ela pensa que não prestamos atenção suficiente. Há muita coisa que vocês não sabem. Eu não posso fazer isso sozinha. Nossa família está se desintegrando.

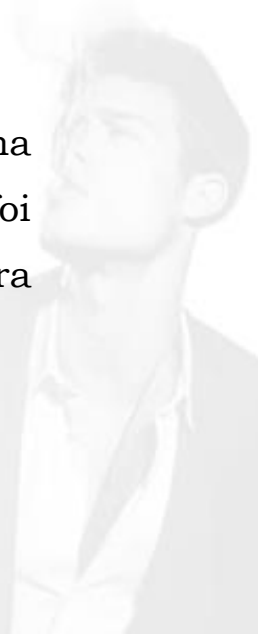
— Eu... — Cillian começou, mas eu estava tão brava que o interrompi. Foi a primeira vez que gritei com meu irmão mais velho.

— E vocês nem mesmo atenderam o telefone quando liguei para vocês! Vocês me transformaram em um fantasma.

— Nós não te transformamos em fantasma, — Cillian manteve friamente. — Colocamos nossos telefones de lado e não vimos suas mensagens.

— Mesmo se vocês não me ignorassem esta noite, vocês me abandonaram todas as nossas vidas, me deixando viver este pesadelo de cuidar de nossa mãe sozinha!

— Irmã, — Hunter disse suavemente, pegando minha mão sobre a mesa da roleta, — nós não tínhamos ideia. Não foi como se tivéssemos ignorado a situação de propósito. Você era o nosso ponto cego.



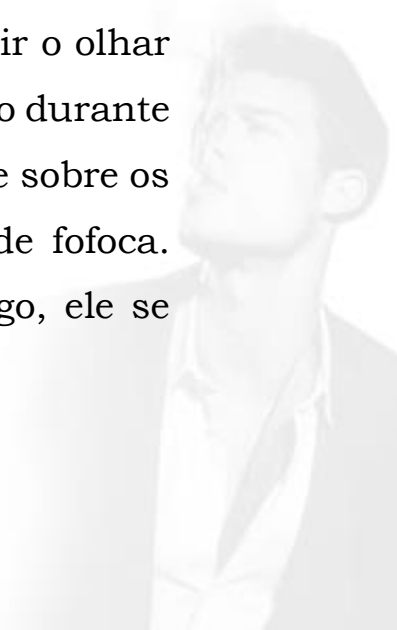
— Sim. — Cillian apoiou um ombro contra a parede, parecendo gravemente sério. — Mãe e *Athair* sempre pareceram do lado desequilibrado, mas você tem que lembrar que nunca realmente vivemos sob o teto deles. Não desde a infância, de qualquer maneira. Nós pensamos que estava sob controle. Que era você quem estava aproveitando as vantagens de ficar em casa e não vice-versa.

— Ficar em casa é um pesadelo! — Eu caí em um banquinho próximo, enterrando meu rosto em minhas mãos, odiando que Sam estivesse assistindo a todo esse show de horrores. — Mamãe é uma manipuladora mestre. Eu preparo seus banhos, dirijo para ela, atuo como um mensageiro entre ela e papai. Eu sou basicamente a empregada dela e não quero mais fazer isso.

— Você não precisa, — disse Cillian com firmeza. — Nós vamos bolar um plano. Irei para o hospital e ficarei com mamãe esta noite. Hunter, você assumirá amanhã. Aisling precisa de algum espaço, por enquanto.

Hunter concordou. — Não se preocupe, mana, nós cuidamos disso. Você não precisa mais fazer isso sozinha.

Tentei regular minha respiração. Eu podia sentir o olhar de Sam em mim. Ele parecia estranhamente silencioso durante toda a conversa. Não que eu esperasse que ele falasse sobre os problemas de nossa família, mas Sam não era fã de fofoca. Normalmente, quando ele perdia o interesse por algo, ele se afastava da situação.



Por que ele ficou no cômodo?

— Eu só preciso limpar minha cabeça, — eu disse calmamente. — A overdose dela foi para se vingar de mim. Tenho medo de que se eu der a ela o que ela quer – mais atenção – isso derrote o propósito de fortalecê-la para obter a ajuda de que precisa.

Ao mesmo tempo, mudar-me de casa e cortar o mal pela raiz era algo que eu não queria na minha consciência. Ela precisava de mim, aprendeu a ser dependente de mim, e partir agora seria cruel.

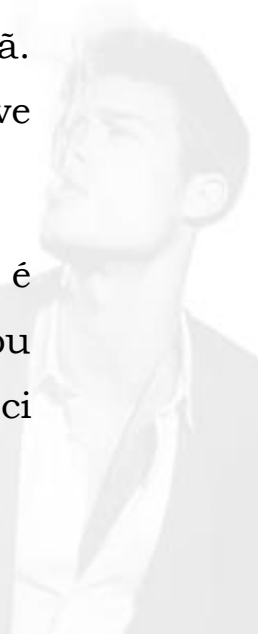
— Você está certa, — Hunter concordou. — Nós não queremos você perto dela. Vamos deixá-la saber que não pode continuar assim. Agora que estamos na foto também.

— Vou dar uma carona para Aisling. — Sam se levantou, sua voz sem tom.

Eu me levantei ao mesmo tempo. — Não, obrigada. Estou estacionada do lado de fora.

— Não acredito que estou dizendo isso, mas Sam está certo. — Hunter me deu um olhar de desculpas. — Você não está em condições de dirigir. Pegue o carro amanhã de manhã. Seu corpo deve estar inundado de adrenalina. Tente pegar leve esta noite. Vamos resolver essa confusão amanhã.

— É uma confusão, de fato. O que me lembra – agora é um ótimo momento para pedir um aumento, — Devon falou sarcasticamente, emergindo das sombras da sala. Eu esqueci



que ele estava aqui, o que era uma tarefa impossível, vendo o quão lindo ele era. — Os Windsors chamam menos atenção do que vocês.

— Mãos em você, Brennan, — Cillian latiu na direção de Sam. — Lembre-se de que seu contracheque vem com estipulações.

— Seu pescoço também, *Fitzpatrick*. — Sam me ofereceu sua mão, ajudando-me a ficar de pé, deixando meus irmãos atrás de nós. Ele pressionou a mão nas minhas costas, conduzindo-me escada acima de volta ao seu escritório.

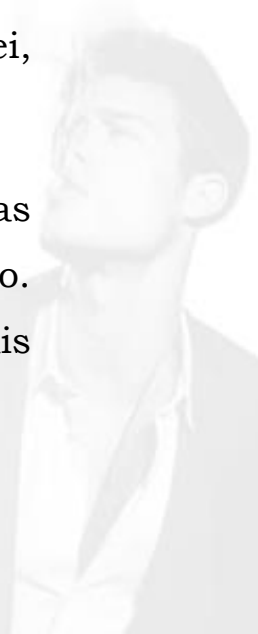
— Como você está se sentindo? — Ele perguntou firmemente. Tive a impressão de que a mera ideia de fingir que se importava fazia sua pele arrepiar, mas estranhamente apreciei sua preocupação, mesmo que não fosse genuína.

— Bem. — Eu esfreguei minha testa. — Só cansada. Superestimulada.

— Fique na minha casa. Eu tenho um quarto extra e nenhum pai fodido morando sob meu teto.

— E eu tenho dois irmãos que me matariam se descobrissem que passei a noite com você. — Suspirei, admitindo internamente que a oferta era muito tentadora.

Sam não iria para a guerra com Da e meus irmãos apenas para ficar comigo. Eu concordei com isso há muito tempo. Portanto, não havia sentido em aceitar sua oferta e criar mais tensão entre ele e os homens da minha família.



— Uma Aisling morta tornaria a vida mais fácil para mim. A oferta ainda está de pé, — observou Sam.

— Encantador, mas vou passar. Não vou aonde não sou bem-vinda.

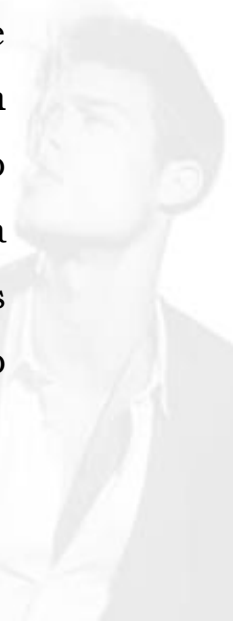
— Desde quando? — Ele perguntou, muito sério.

— Desde *sempre*. — Senti minhas bochechas corarem. — Para sua informação, você é a única pessoa a trazer a loucura em mim.

— O pau perigoso tende a fazer isso com as boas garotas. — Ele chutou a porta dos fundos de seu escritório para abri-la. — Eu não tinha ideia que as coisas estavam tão ruins em sua casa.

Corremos do lado de fora no congelamento de dezembro de Boston. Uma fina camada de gelo cobria tudo, desde o solo até os prédios e os painéis de vidro das janelas. Decorações de Natal vermelhas, brancas e douradas penduradas nas lâmpadas da rua brilharam de volta para nós. Sam agarrou minha nuca possessivamente, levando-me para seu Porsche como se eu fosse sua prisioneira.

— Nem sempre, — eu me ouvi dizer. — Houve altos e baixos. Ser a espinha dorsal da família não era tão ruim quando a postura do nosso esqueleto não era terrível. No entanto, as últimas semanas foram as piores. Desde que a mídia divulgou a história do caso estúpido de Da, as coisas começaram a se deteriorar. Então aconteceu o envenenamento



e as misteriosas cartas ameaçadoras. As abotoaduras de herança foram a cereja no topo do bolo de merda.

Sam destrancou seu carro e me ajudou a entrar no banco do passageiro. O caminho para minha casa foi silencioso.

A primeira parte, de qualquer maneira.

Quando alcançamos a afluência de Back Bay, um Bentley prata se aproximou de nós por trás. Os olhos de Sam se voltaram para ele no espelho retrovisor. O Bentley acelerou, encostando no nosso para-choque uma vez e nos fazendo voar para frente com um solavanco.

— Merda, — Sam murmurou. — Solte-se, abaixe a cabeça e cubra-a com as duas mãos, Nix.

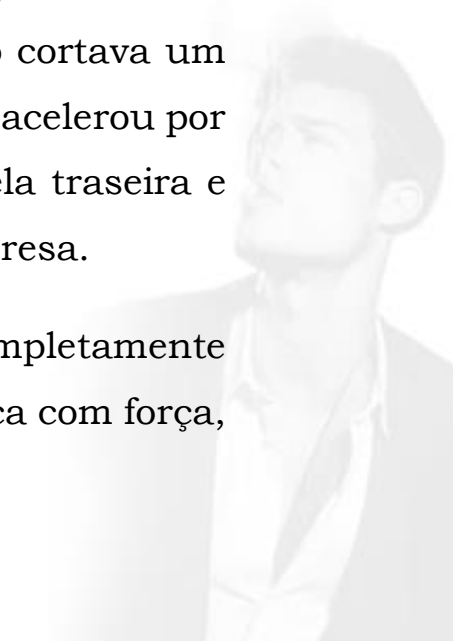
— O quê? — Meu sangue congelou em minhas veias. — P-por quê?

— Apenas faça.

— Mas...

Sam não esperou que eu terminasse minha frase. Ele fez uma curva acentuada à esquerda, passando pelo gramado bem cuidado do jardim da frente de alguém enquanto cortava um cruzamento, sem parar em um sinal de trânsito, e acelerou por uma rua lateral. A primeira bala perfurou a janela traseira e estalou na saída do ar-condicionado, onde ficou presa.

— Filho da puta, — Sam sibilou, ainda completamente calmo. Ele agarrou a parte de trás da minha cabeça com força,



mergulhando-a ainda mais para baixo, inclinando-se em minha direção para garantir que eu fosse colocada longe o mais cuidadosamente possível. O carro derrapou, e eu sabia que o fato de ter nevado e a estrada ainda mais escorregadia não funcionava a nosso favor.

— No chão, Nix.

— Sam, — gritei apavorada, — não se incline na minha direção! Eles vão atirar em você se você fizer isso.

— Melhor eu do que você.

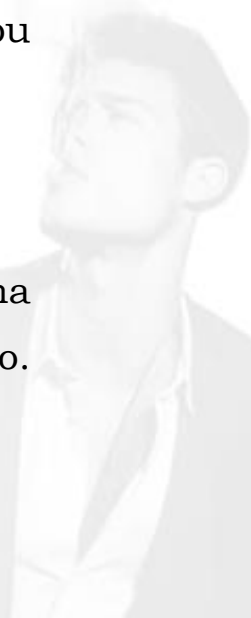
Outro tiro atravessou a janela traseira. Isso a fez quebrar completamente. O vidro caiu em uma folha. Sam pulou em cima de mim, seu torso cobrindo meu corpo, bloqueando-me de qualquer perigo, mas ainda assim dirigindo.

— O que você está fazendo! — Eu gemi. — Você vai se matar. Dirija!

Ele pisou fundo no acelerador. O carro começou a soar como um avião decolando. Então, sem aviso, ele girou, fazendo uma curva fechada em U e acelerando novamente. Como minha cabeça estava firmemente enfiada embaixo do assento, não pude saber se despistamos quem estava atrás de nós ou não.

— Você está bem? — Ele perguntou.

— Estou bem. — Arrisquei um olhar para ele pela minha visão periférica, percebendo que seu braço estava sangrando.



Ele levou uma bala enquanto me empurrava para o chão. Ele levou uma bala por *mim*.

— Você está sangrando, — eu disse.

Ele gemeu, mas não disse nada.

— Estamos seguros? — Eu perguntei.

Sam não respondeu. Eu poderia dizer que ele estava se concentrando em decidir que direção tomaria a seguir. Achei que dirigir para casa estava fora de questão. Ele dificilmente conduziria seus inimigos à sua porta.

— Quem são eles? — Escondida sob o banco do passageiro, eu pressionei, meus joelhos batendo contra meu queixo enquanto meus dentes batiam. Eu nunca tive tanto medo na minha vida. O tipo de medo que penetra em seus ossos e chega em sua alma.

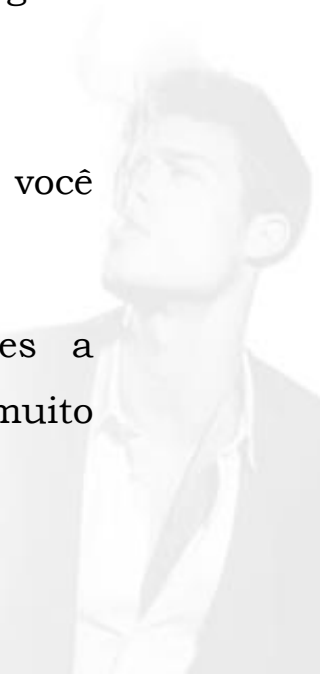
— Bratva. Os russos.

— Eles são donos do Brookline, — murmurei. Eu sabia. Todo mundo sabia disso. Meus pais não me permitiram entrar em seus bairros temendo que eu fosse sequestrada por resgate.

— Não mais.

— Eles estão tentando matar você porque você conquistou o território deles?

— Conquistado, justo e honestamente. Se eles a encontrarem no meu carro, eles se divertirão muito



ordenhando o dinheiro do seu pai. Mas eles vão estuprar e torturar você primeiro. É por isso que você precisa ficar quieta e me deixar cuidar disso.

Eu ouvi outro tiro disparado em nossa direção. Fechei os olhos com força, mantendo a cabeça baixa, como ele me disse. Sam fez outra curva brusca. Ele abriu o porta-luvas acima da minha cabeça, batendo na minha testa no processo. Sacou uma arma, parou o carro e deu ré rápido. Ele se virou e começou a se dirigir na direção do Bentley, liberando a trava de segurança da arma, um sorriso malicioso em seu rosto, seus olhos brilhando de determinação.

Ele está brincando de galinha⁶⁹.

Eu queria rasgar seu rosto em tiras.

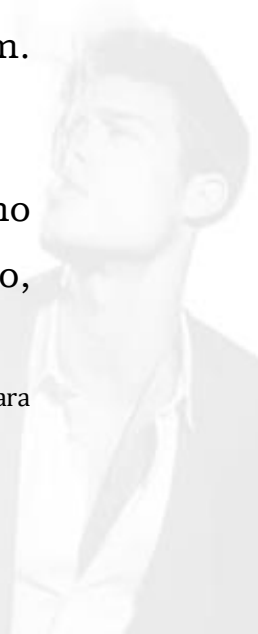
O zumbido vindo do Bentley ficou mais alto, e eu sabia que eles estavam perto. Sam esticou o braço para fora da janela aberta e disparou dois tiros.

Tempo e espaço pairavam acima de nossas cabeças, suspensos.

Ouvi um grito. Um gemido. Em seguida, passos sobre o concreto úmido, o esmagamento da neve sob os pés de alguém. Alguém correndo. Fugindo. Soluçando.

— Você pode subir agora, — Sam murmurou, frio como uma pedra. Entorpecida, deslizei de volta para o meu assento,

⁶⁹ Brincar de galinha é quando dois carros correm um para o outro; o primeiro a 'puxar' o carro para o lado perde e é a galinha da situação (covarde).



coloquei o cinto de segurança e movi uma mão trêmula sobre meu cabelo negro.

Sam diminuiu a velocidade de seu veículo e percebi que ele estava seguindo um homem. Eu só vi as costas dele. Uma figura esquelética com cabelo loiro bagunçado e proeminente manco. Ele usava calça de moletom folgada e um agasalho combinando. O tipo que brilha no escuro. Sam direcionou a arma para sua cabeça, segurando-a com firmeza.

— Você vai atirar nele? — Eu sussurrei.

— Só covardes atiram nas pessoas pelas costas, Nix. Vou atirar na cara dele. Respeitosamente, é claro.

Eu não sabia se ele estava sendo sarcástico ou propositalmente grosseiro. Qualquer uma das opções parecia completamente inadequada para os ouvidos de uma lady. Mas essa era a essência de Sam Brennan. Ele levaria um tiro por mim, sem nem mesmo pensar duas vezes sobre isso, masalaria besteiras até a lua e de volta na minha presença.

O homem tropeçou no paralelepípedo irregular da calçada, tentando acelerar o passo quando nos ouviu dirigindo ao seu lado. Foi inútil. Sam já o havia pego. Monster agora estava brincando com sua comida.

Os ombros do homem estremeceram e ele fungou ruidosamente.



— Por favor. — Coloquei a mão no braço de Sam, aquele que não estava segurando a arma. — Não torne as coisas piores.

Ele me ignorou, passando pelo homem e estacionando na frente dele, bloqueando seu caminho.

Nossa vítima parou. Inclinei-me para frente, dando uma boa olhada nele. Sam deve ter matado seu companheiro armado.

O homem não era um homem de jeito nenhum.

Era um *menino*.

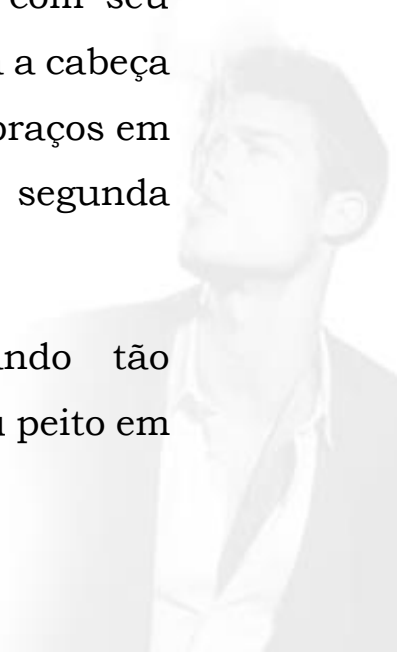
De quatorze. Talvez quinze, no máximo.

Esguio, membros longos e olhos arregalados, o rosto pálido salpicado de acne.

Meu coração deu um salto e torceu atrás da minha caixa torácica. Ele era obviamente um menor. Talvez até inocente. Imaginei que ele nasceu e foi iniciado na Bratva. Era difícil acreditar que ele escolheria tal vida para si mesmo.

Sam saiu do carro, bloqueando minha visão com seu corpo, ainda me protegendo, sua arma apontada para a cabeça do menino. O menino caiu de joelhos, levantando os braços em derrota. Ele nem parecia perceber que havia uma segunda pessoa no carro.

— Pp-por favor, — ele gaguejou, chorando tão abertamente, tão alto que parecia que ele rasgou meu peito em



dois e assistiu enquanto eu sangrava. — Eu não queria fazer isso. Implorei a eles que não o fizessem. Ele era... eu era... meu pai, quero dizer, colocou uma arma na minha cabeça. Eu não pude dizer não. Eu não pude. Você sabe como é com pais como ele. Você sabe. Você também tem um. Você é um Brennan. — Ele engoliu em seco, soluçando, seu rosto torcido em tanta agonia que era difícil distinguir suas feições.

— Você fodeu tudo. Agora é hora de pagar, — Sam rosnou.

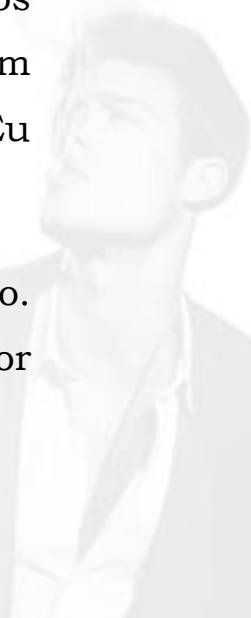
— Não! — Eu suspirei.

Pulei para fora do carro, desesperada para fazer alguma coisa, qualquer coisa para salvar esse menino.

Agarrei Sam sem pensar, tentando derrubá-lo no chão comigo. Mas ele era muito maior e mais pesado do que eu. Foi como bater de cabeça em uma parede de concreto. Eu voei para trás com o impacto, mas Sam serpenteou seu braço livre em volta da minha cintura, puxando-me para trás, como se o menino ainda representasse uma ameaça para mim.

— Por favor, Sam, por favor. — Passei meus braços em volta do seu peito e estômago e senti seus músculos tensos contra a ponta dos meus dedos através de sua camisa. Um gemido suave, quase inaudível, escapou de seus lábios. Eu tomei isso como um sinal.

— Por favor, ele é apenas um menino. Jovem e enganado. Como você era. Se você não fizer isso por si mesmo, faça por



mim. Pelo que fiz pelos seus soldados. Para... para... pela sopa de macarrão com frango!

Prendi a respiração, esperando por outra rejeição dolorosa e a dor que vinha com ela. Para minha surpresa, tudo que senti foi um breve estremecimento passando por seu torso. Minha pele se arrepiou. Eu não sabia por que, mas senti que este momento foi monumental para nós dois, embora de maneiras muito diferentes.

— Você tem uma coisa a seu favor, e é que eu não quero a porra da dor de cabeça que vem com o pacote de estourar seus miolos na frente dela. — Sam mostrou os dentes, baixando a arma apenas alguns centímetros.

Soltei um suspiro aliviado, sentindo náuseas de alívio.

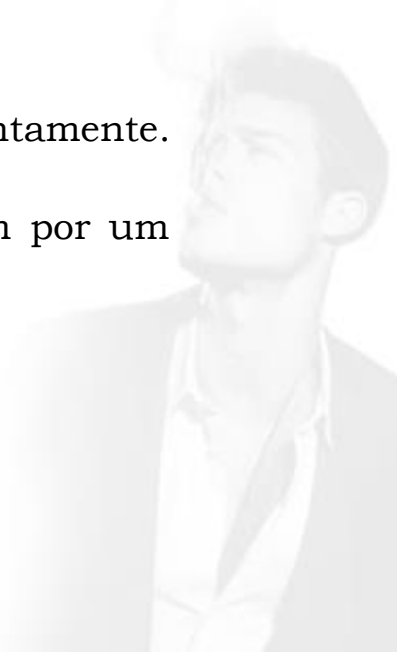
Minha garganta queimou quando exalei. Devo ter gritado muito alto enquanto estávamos sendo perseguidos no carro.

— Mas estou lhe enviando uma mensagem e uma lembrança. A mensagem é a seguinte: diga a Vasily que vou colocar sua cabeça em um prato se ele tentar respirar em minha direção novamente. Da última vez, cortei seu rosto. Da próxima vez, vou decapitá-lo completamente.

O adolescente acenou com a cabeça quase violentamente.

— Qq-qual é a lembrança? — Ele espiou Sam por um olho, o outro se fechou com medo.

Sam sorriu torto.



— Isto é algo para se lembrar de mim. Uma despedida. Um lembrete. Um aviso. Você é canhoto ou destro?

O garoto não tentou implorar por misericórdia. Ele inclinou a cabeça obedientemente.

— Destro.

Sam disparou um tiro, a bala raspando no braço direito do adolescente, atravessando seu sistema nervoso.

— Aqui. Isso garantirá que você tenha uma pontaria de merda para o resto da sua vida e escolherá uma ocupação diferente. Caso você esteja pensando em terminar o trabalho do seu pai... — Sam deu uma risadinha.

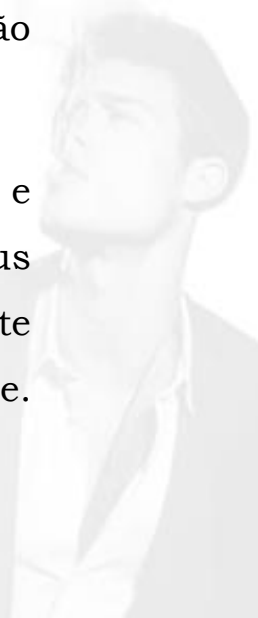
O sangue se acumulou sob o jovem, mas ele não fez nenhum movimento para pressionar a mão sobre o ferimento.

— Obrigado por poupar minha vida, senhor.

Sam me içou por cima do ombro, o sangue ainda escorrendo pelo braço, e me levou para o carro. Seu sangue correu por toda a extensão da minha coxa e eu estremeci com um desejo inesperado.

Eu me sentia protegida e queria protegê-lo, e se isso não era uma grande bagunça, eu não sabia o que era.

— Nunca mais interfira nos meus negócios, Aisling, e nunca, *nunca* mostre sua cara quando toparmos com meus inimigos. — Ele puxou minha calça e calcinha pela parte superior da minha coxa, o ar frio da noite picando minha pele.



Sam afundou os dentes em uma das bochechas da minha bunda, mordendo com força.

— Eles são seus inimigos, não meus. — Eu involuntariamente empurrei minhas coxas contra seu ombro, implorando por mais. Ele abriu a porta do passageiro, jogando-me para dentro e colocando o cinto de segurança como se eu fosse uma criança.

— Eles vão pensar que você é minha fraqueza.

— Eles estariam errados. — Eu cruzei meus braços sobre meu peito.

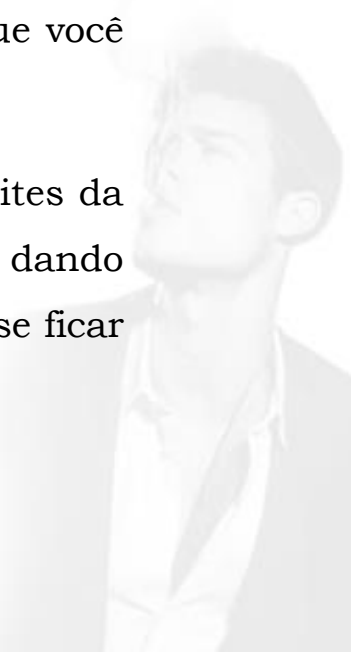
— Muito astuto da sua parte, Einstein, — ele retrucou. — Mas eu nunca fui visto com mulheres antes. Eles vão tirar conclusões precipitadas.

— É por isso que você não vai se casar com Becca? — Eu o desafiei. — Porque você queria poupar a vida preciosa dela?

— Em primeiro lugar, quem diabos é Becca? — Ele deu a volta no carro e deu a partida.

— Você está falando sério? — Uma risada histérica borbulhou da minha garganta. — Becca é a mulher que você levou para o evento de caridade.

Ele dirigiu para longe de Back Bay e fora dos limites da cidade. O horizonte de Boston deslizou pelas janelas, dando lugar a terras selvagens. Fazia sentido que Sam quisesse ficar



escondido esta noite, mas o que isso significava? Íamos ficar juntos, onde quer que fosse? Para onde ele estava me levando?

— Achei que o nome dela fosse Bella, — disse ele.

— Não, — eu rebati.

— De qualquer forma, sim, parte da razão pela qual eu nunca teria uma esposa é porque assistir uma mulher inocente morrer por minha causa não está na minha lista de tarefas.

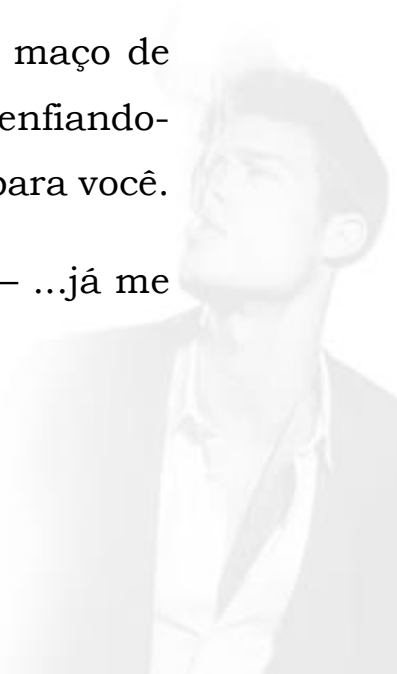
— Sparrow não morreu, — apontei.

— Troy era um consertador. Quase sempre um cara bom fazendo coisas ruins. Eu sou um subchefe. Um monstro versátil. Eu me envolvo em muitas coisas e tenho sangue suficiente nas mãos para encher sua piscina olímpica.

— Para onde você está me levando? — Eu perguntei, cansada de ser repetidamente lembrada de quão longe do reino do compromisso Sam estava. Ele não queria uma esposa, uma família, filhos; embora ele me protegesse, me impedisse de morrer esta noite, era mais sobre seu código moral recém-descoberto do que sua afeição por mim.

— A cabana dos Brennans. — Sam bateu um maço de cigarros contra sua coxa musculosa, pescando um e enfiando-o no canto da boca. — Uma boa folga de sua família para você.

— Sim... — Virei minha cabeça para a janela — ...já me sinto muito mais relaxada.



Sam riu, acendendo o cigarro, mais uma vez ignorando minha aguda desaprovação do que ele estava fazendo com seu corpo.

— Você me salvou esta noite, — eu disse guturalmente, preparando-me para a decepção quando ele me afastasse. Eu sabia que ele iria. Sam Brennan não se permitiu sentir nada. Principalmente pelas mulheres.

Seus olhos permaneceram fixos na estrada.

— Por quê? — Eu exigi.

— Porque você é filha do meu chefe.

— Você não se importa com meu pai, — eu disse.

— Verdade. Mas me importo com o dinheiro dele. Estou no caminho certo para me tornar um dos homens mais ricos de Boston. Manter você protegida é do meu interesse.

— Então não tem nada a ver comigo, — eu murmurei.

Por que eu estava fazendo isso comigo mesma? *Por quê?*

— Absolutamente nada, Nix. Eu faria o mesmo por Hunter. Por Cillian. Mesmo para sua mãe perturbada. Você é um negócio para mim, querida. Com um lado do prazer de vez em quando.

Eu não disse mais uma palavra durante toda a jornada.

Eu já tinha ouvido tudo que precisava saber.





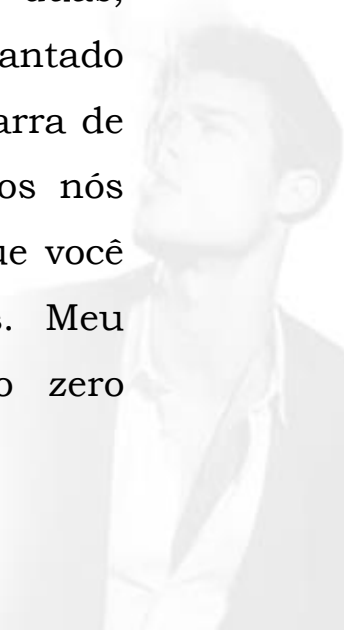
Sam pode ser um bom subchefe, mas ele era um terrível corretor de imóveis em potencial.

Ele estava sendo modesto ao chamar o lugar de cabana. Era mais um rancho, como meu irmão, Cillian, possuía. Era bem no meio da floresta.

O lugar era tão remoto que não havia nem mesmo um caminho pavimentado para o carro chegar lá. O Porsche marchou através do cascalho e geada nos últimos quilômetros para chegar à porta da frente.

Sam saiu do carro e abriu a porta para mim. Eu o segui para dentro quando ele começou a acender as luzes. Ligou o aquecimento central, examinando a sala de estar e a cozinha em plano aberto em busca de qualquer sinal de arrombamento.

O lugar estava congelando. Primeiro, cuidei do ferimento em seu braço. Tirei a bala e dei alguns pontos leves. Então, eu me abracei, percebendo de repente que era madrugada – duas, talvez três da manhã – e eu ainda não tinha almoçado, jantado ou tomado banho. A última coisa que comi foi uma barra de granola de Nature's Valley pela manhã e, como todos nós sabíamos, essas barras tendiam a desfarelar tanto que você consumia apenas cerca de trinta por cento delas. Meu estômago roncou, exigindo ser alimentado, dando zero



importância sobre a situação de vida ou morte da qual acabei de escapar.

— Vou ver o que temos na geladeira, — Sam disse sem se virar, e minha pele arrepiou com o calor quando percebi que ele deve ter ouvido meu estômago.

No final das contas, não havia absolutamente nada na geladeira.

O aquecimento estava demorando muito – talvez estivesse quebrado; Sam disse que o lugar não era ocupado há anos – então, no que diz respeito a um retiro relaxante, este resort recebeu uma estrela e uma crítica contundente no Yelp⁷⁰.

— Você vai ter que se contentar com algo enlatado, — Sam cortou. — Refried beans⁷¹.

— Não sei como fazê-los. — Eu fiquei do outro lado da sala, olhando para baixo, humilhada por meu próprio privilégio.

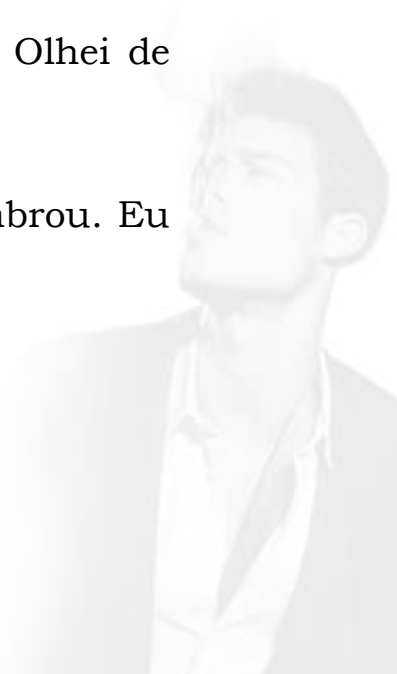
Sam girou em minha direção. — Você não sabe como esquentar uma lata de feijão?

— Suponho que você faça isso sem a lata. — Olhei de lado, querendo morrer de vergonha.

— Você me fez canja de galinha, — ele me lembrou. Eu balancei a cabeça seriamente.

⁷⁰ Site e aplicativos voltados à avaliação de estabelecimentos comerciais.

⁷¹ É um prato de feijão cozido e amassado tradicional da culinária mexicana.



— Srta. B me ensinou como fazer. É a única coisa que sei fazer porque era a única coisa que ela conseguia comer quando estava doente. Não consigo nem fazer uma omelete.

Com um rosnado, Sam abriu uma lata de feijão usando sua chave de metal, jogando os grãos congelados em forma de lata em uma panela. Parecia tão apetitoso quanto esterco fresco e cheirava igual. Ainda assim, fiquei perto dele enquanto preparava a comida, principalmente para pegar o calor do fogo que vinha do fogão. Eu comi direto da panela. Foi horrível, mas eu sabia que não devia reclamar. Imaginei que comida enlatada era um luxo para ele antes que os Brennan o adotassem oficialmente. Eu não tinha o direito de reclamar.

Quanto a mim, suspeitei que esta fosse a primeira vez que comia alguma coisa em lata. Sempre tive comida feita do zero, preparada por nossa cozinheira que usava produtos frescos, vegetais e frutas da estação e ervas.

Claro que não compartilhei isso com Sam. Já que ele, zombeteiramente, referia-se a mim como uma princesa. Não havia necessidade de lhe dar mais munição.

— O aquecimento não está funcionando bem. Eu acho que neste ponto, é um fato. — Levei a panela para a pia e comecei a enxaguar. A água estava gelada. Sam se sentou à mesa de jantar em frente a mim, parecendo levemente entretido. Acho que ele ficava feliz em me ver fazendo as tarefas diárias. Mal sabia ele que eu era empregada de minha mãe.



— Me desculpe. Há um Waldorf Astoria⁷² do outro lado da estrada, — ele falou lentamente.

— Muito engraçado. A propósito, obrigada pela carona para *casa*. Muito apreciado, — eu disse sarcasticamente, secando a panela e colocando-a de volta no armário onde pertencia. Ainda havia alguns feijões grudados nela. Chamei isso de minha pequena vingança. Gostava de levar minhas vitórias de onde pudesse.

— Pare de ser uma pirralha. — Seu tom tinha um tom agudo agora.

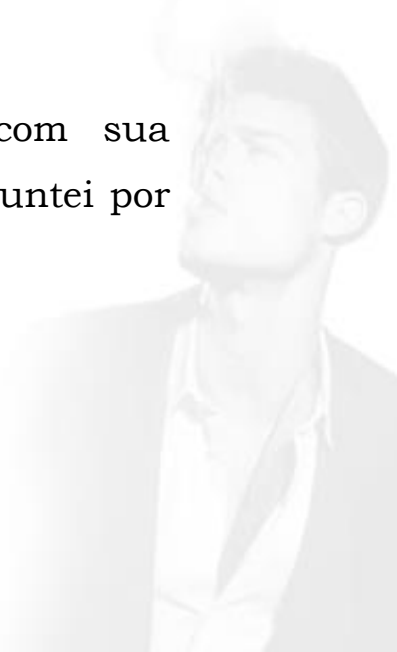
— Por quê? É exatamente o que você espera de mim, — eu funguei. — Admita. Você pensa o pior de mim e dos meus pais. E embora eu suspeite que você não odeie meus irmãos, você está longe de respeitá-los.

Em vez de me responder com palavras, Sam se levantou, arrancou algumas mantas do sofá e entrou pisando forte em um dos quartos.

— O quarto principal é a primeira porta à sua direita. Não se preocupe em tentar me seduzir no meio da noite. Eu te tirei do meu sistema e não preciso repetir.

Assisti suas costas recuarem, atordoada com sua ousadia. Ele bateu a porta atrás de si. Eu me perguntei por que ele me deu o quarto principal e não o extra.

⁷² Hotel de luxo localizado em Nova York.



Porque, mon cheri, embora ele diga que não gosta de você, eu suspeito que ele realmente goste.

Foi a primeira vez que a Srta. B e eu não estávamos totalmente de acordo.

Balançando a cabeça, carreguei minha bolsa para o quarto principal, deslizando sob os cobertores, que estavam frios como gelo e não fizeram nada para me aquecer.

Pela próxima hora, eu me revirei, olhando para o teto estampado, perguntando-me como eles o decoraram.

O sono não veio, mesmo quando eu quis, *implorei* por isso. A adrenalina corria pela minha corrente sanguínea como veneno.

O confronto com a Bratva.

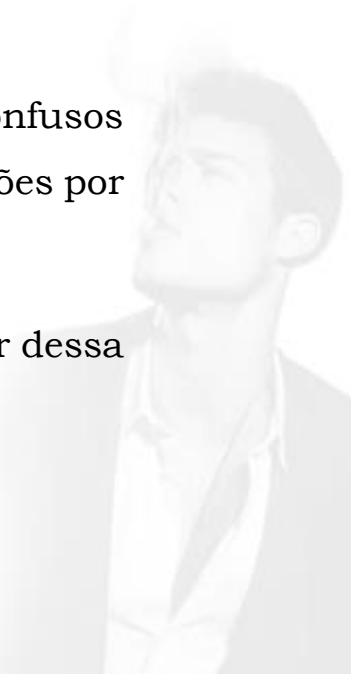
Sam me salvando.

A maneira como ele me rejeitou antes mesmo de eu me oferecer, enquanto preparava o jantar e me dava o quarto principal.

Ele era meu protetor ou adversário?

Eu estava cansada de classificar seus sinais confusos como se fossem doces de Halloween, separando suas ações por marca, intenção e sabor.

Quaisquer que fossem seus motivos para me tratar dessa maneira, eu pretendia ficar longe dele.



Estava cansada de persegui-lo. Mesmo que ele tivesse feito sua parte em me banhar com atenção fria e adversa toda vez que ele queria entrar nas minhas calças, sempre havia uma corrente estática entre nós. Eu era a perseguidora, e ele era o prêmio precioso e um tanto divertido. Ele me jogava ao redor e brincava comigo sempre que tinha alguns minutos para gastar, mas sempre voltava a ignorar minha existência.

Isso durou uma década, atingindo seu pico nas últimas semanas.

E eu sabia, com uma clareza que me roubou o fôlego, que poderia passar a próxima década sendo seu brinquedo casual com a mesma facilidade se deixasse acontecer.

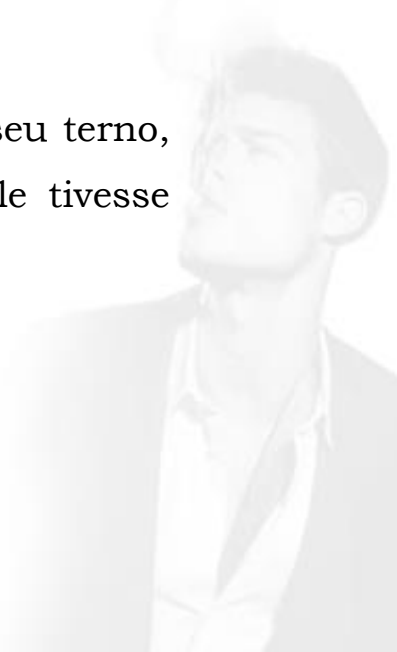
Mas eu não era mais uma adolescente. Eu tinha aspirações. Sonhos. Metas.

Era hora de cortar o cordão. Não apenas com Sam, mas com todos os outros em minha vida que presumiram que eu atenderia a todas as suas necessidades e caprichos.

Uma hora e algumas reviravoltas depois de me enfiar na cama, ouvi a porta do quarto principal se abrir. Rolei na cama, virando-me para a porta.

Sam estava na soleira, totalmente vestido em seu terno, seu cabelo uma bagunça desgrenhada, como se ele tivesse passado a mão por ele mil vezes.

— Tudo bem. Vou te foder uma última vez.



Rolei de costas, suspirando enquanto sussurrava para o teto.

— Romeu, oh Romeu, por que és tu?

Ele riu, entrando, interpretando meu sarcasmo como um convite.

Por que ele não iria? Eu nunca neguei nada a ele. Nem quando ele pretendia dormir com outra pessoa na noite em que apareci em seu apartamento. E não no evento de caridade, quando ele trouxe um encontro que parecia assustadoramente semelhante a mim.

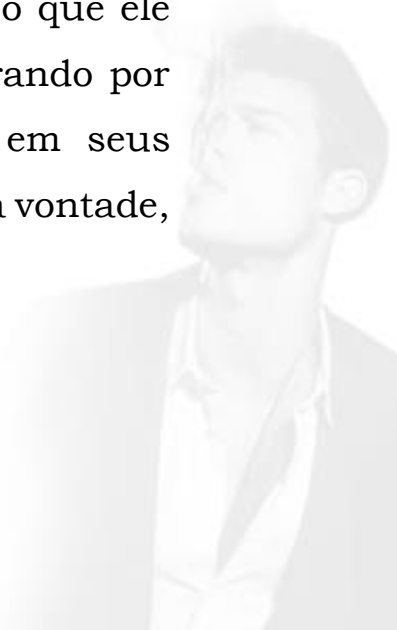
E tentou dormir com ela também.

— Esta será a última vez, Fitzpatrick. Uma despedida. Há uma razão pela qual seus irmãos me pagam a mais para não tocar em você, e você acabou de provar isso esta noite. Vou fazer da sua vida um inferno e um breve inferno, por falar nisso.

— Novidade, Sam, você já está fazendo isso.

Ele se aproximou, mas ainda longe o suficiente para que eu percebesse que, apesar de tudo – quem ele era, o que ele fazia, a insensibilidade geral dele – ele estava esperando por uma oferta explícita. Ele não queria me atacar em seus próprios termos. Ele queria que eu fosse até ele de boa vontade, desesperadamente, com amor.

Nenhum de nós se moveu.



Eu não o convidei para minha cama.

Ele não saiu do cômodo.

Meus pensamentos giravam em minha cabeça como a tempestade de neve lá fora, e eu cavei meus calcanhares no colchão, recusando-me a ceder ao desejo de sentir seu corpo sobre o meu, sua pele contra a minha, seu hálito quente e doce em todos os lugares. Seu calor era irresistível em mais maneiras do que eu poderia contar.

— Bem? — Ele cuspiu, quase desdenhoso. — Vou ficar aqui por muito tempo?

Chutando os cobertores, passei por ele e saí pela porta. Ele girou, suas sobrancelhas franzidas em uma carranca, seguindo-me até a sala de estar.

Eu me sentei no carpete, enfiando os pés nos tênis, amarrando.

— O que você está fazendo? — Ele rosnou.

— Estou cansada, Sam. Cansada de você. Cansada de nós. Cansada deste jogo de gato e rato. Há um limite de empurra e puxa que posso tolerar antes que se torne repetitivo e abusivo. Você me quer? Você vai ter que me pegar. O jeito difícil. Eu vou correr e você vai me pegar. Se não o fizer, você perdeu sua chance. O que você pensa disso?

Ele me olhou como se eu fosse louca.



Era noite e estávamos no meio da floresta, no meio de uma tempestade de neve sem fim, sem sinal de celular, sem calor e sem comida.

Ele tinha razão.

Pegando meu telefone, deslizei meus braços nas longas mangas felpudas do meu casaco. Sam ficou lá, imóvel, observando-me.

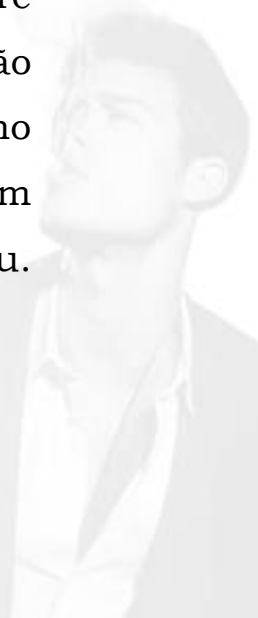
— Você não vai perambular pela floresta, — ele disse secamente.

— Você não pode me dizer o que fazer, Brennan. Você é *ajuda* contratada, — eu cuspi, amargura explodindo na minha língua. Estava sofrendo por causa dele, então queria machucá-lo de volta.

Essa foi a desculpa que dei a mim mesma, de qualquer maneira, mas não me fez sentir menos horrível.

Provavelmente era exaustivo ser ele. Procurar constantemente as fraquezas das pessoas, pressionando onde dói e nunca se deixar expor.

A palavra 'ajuda' parecia irritá-lo. Ele se lançou sobre mim tão rapidamente que seus movimentos eram um borrão quando ele me jogou contra o chão, minhas costas coladas no assoalho de madeira. Seus braços me enquadraram, um em cada lado da minha cabeça. Seu corpo estava colado ao meu. Tentei chutá-lo na virilha, mas ele se esquivou facilmente.



— Eu não penso assim, Nix. Você não pode me chamar de ajuda e viver para contar a história ílesa.

Sentindo meus olhos brilharem, fiquei surpresa ao descobrir que não o temia. Eu sabia que ele não iria me machucar. Não fisicamente, pelo menos. Afinal, ele mesmo disse – seu reino estava em jogo. Seu destino estava entrelaçado com o de minha família. Sempre foi assim.

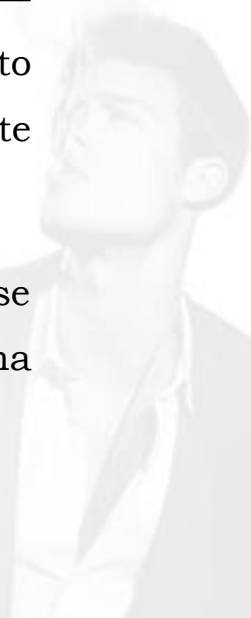
Fiquei confusa por ter pensado que ele iria se posicionar contra meu pai e meus irmãos. Insistir em estar comigo. Mesmo que ele odiasse minha família, ele ainda precisava disso. Por mais dinheiro e poder. Éramos sua porta para a crosta superior de Boston, e ele não ia deixar isso bater em sua cara. Não por minha causa.

Se os homens da minha família o pagassem para manter as mãos longe de mim e descobrissem o que fizemos em segredo, no escuro, seria o fim do relacionamento comercial deles.

Eu também não deixaria Sam e Cillian tentarem se matar.

— Você não pode me machucar mais do que já fez, seu tolo. — Eu me contorci embaixo dele, tentando afastá-lo. — Infelizmente, eu nunca seria capaz de machucar você do jeito que você me machucou, mas pelo menos posso parar de te amar.

— Não tenha tanta certeza disso, — ele disse severamente, pegando sua bota e puxando uma pequena



adaga. Pegou meus dedos e os enrolou em torno do cabo. Dirigi minha mão para o centro de sua garganta.

— Você quer me machucar? Vá em frente. Você deve saber onde está minha carótida, doutora.

Eu deslizei a lâmina em seu pescoço, para a artéria pulsante chamando por mim, azul claro contra sua pele bronzeada lisa e infinita. Minhas mãos tremiam e meus dentes batiam.

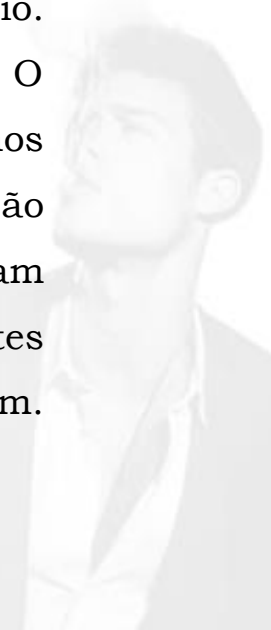
Seus olhos perfuraram os meus. — Agora seja um bom monstro e me mate, Nix.

Tentei cutucar sua pele com a lâmina, empurrá-la, cortá-lo, até mesmo um corte raso, mas não consegui. Eu não poderia causar dor a ele. Peguei meu lábio inferior entre os dentes, lutando, ofegante, tentando desesperadamente empurrar, fazê-lo sangrar.

Eu tremi toda.

A faca caiu no chão com um baque surdo ao nosso lado.

— Eu não posso! — Eu rugi. — Eu não posso te machucar, não importa o quanto eu te odeie. E eu te odeio. Porque eu amo você. Eu te amo e você me trata como lixo. O que você quer que eu diga? Que tenho ciúme dos seus sonhos porque você pertence a eles à noite? Porque eu tenho. Não consigo respirar, comer ou piscar sem pensar em você, Sam Brennan. Você conquistou cada centímetro de mim antes mesmo de me tocar. Depois que você fez, as coisas pioraram.



Muito pior. Eu sempre te amei, Monster, mas quanto mais eu te conheço, mais eu desejo não ter conhecido.

Colocar para fora, ao ar livre, foi como trocar a pele velha e morta. Mesmo sabendo que estava me colocando em uma posição de fraqueza, ainda estava feliz por isso.

Se minha confissão mexeu com alguma coisa dentro dele, Sam não deixou transparecer.

Na verdade, ele fez questão de manter meus braços presos com uma mão enquanto puxava para baixo sua calça, chutando minhas pernas abertas e empurrando minhas calças para baixo.

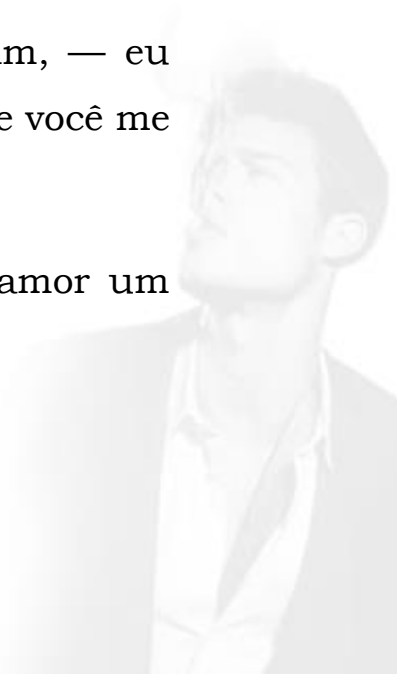
— Estupro? Essa é a única coisa que você não fez comigo ainda, — cuspi em seu rosto, fervendo. Tê-lo foi uma tortura porque me lembrou que ele nunca seria meu.

Ele parou de nos despir.

— Você acha que vou estuprar você? — Seus olhos estavam encobertos, a sugestão de um sorriso de escárnio em seu rosto.

— Eu sei que você vai, se você entrar em mim, — eu mantive minha voz firme, — porque eu não quero que você me toque.

— Então que porra foi aquela declaração de amor um segundo atrás?



— Uma confissão, não um convite, seu idiota. Eu não confio em você. Eu não sei o que você quer de mim. Eu nem tenho certeza do papel que você desempenha na minha vida. Meu pai está desaparecido. Minha mãe é viciada e se corta. Meus irmãos me deixaram com essa bagunça. E a única coisa que sei, com certeza, é que a pessoa por quem anseio há mais de uma década não me quer da mesma forma, mas está disposto a brincar comigo sempre que quiser. Terminei. — Eu balancei minha cabeça. — Me deixe ir. Eu não quero mais isso.

Olhamos um para o outro. Ele sabia que desta vez era diferente de todas as outras. Porque todas as outras vezes eu tentei fazer coisas leves, brincar com ele enquanto me aproximava cada vez mais dele.

Agora, eu queria ir embora.

— Você está falando sério, — ele murmurou.

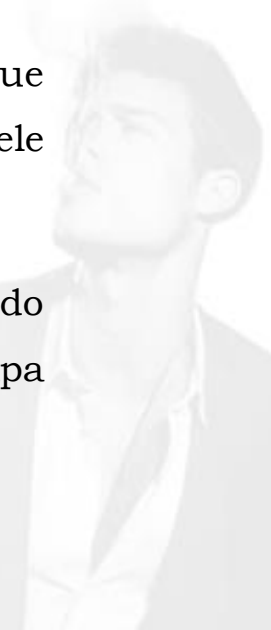
Balancei minha cabeça em um aceno.

Ele se sentou e me soltou, permitindo que eu corresse para trás em direção à parede. Puxei minhas calças para cima.

A verdade da minha declaração me atingiu de uma vez.

Eu estava farta de seus jogos. Cansada de dar a ele o que ele queria, quando ele quisesse. Esperando que um dia ele acordasse e percebesse que também gostava de mim.

Ele se levantou e olhou para mim, piscando sombriamente, como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa



na cara. Talvez tenha se sentido assim. Eu duvidava que um homem como Sam estivesse acostumado a ouvir a palavra 'não'.

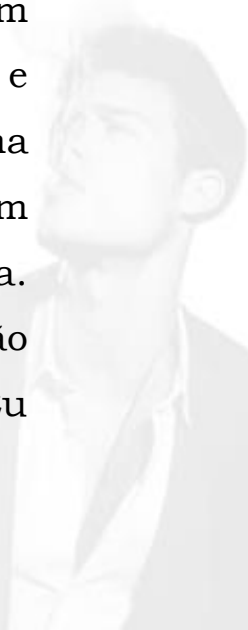
— Terminamos? — Ele perguntou, profissional. O tom gelado de sua voz me fez estremecer.

— Sim, — eu disse, rapidamente amarrando meus cadarços. — Me deixe em paz. Não apareça mais na minha clínica e não roube beijos de mim quando nos virmos em funções familiares.

— Por quê? Porque eu não te *amo* de volta?

Ele deixou a palavra 'amo' rolar para fora de sua boca como se fosse palavrão. Lambi meus lábios. O amanhecer estava raiando lá fora, além dos pinheiros, e a sala começou a se lavar com tons de rosa e azuis reais, as sombras emoldurando seu rosto fazendo-o parecer ainda mais deslumbrante do que o normal.

— Não. Eu posso lidar com isso se você não me amar de volta. Mas não vou aceitar indiferença, humilhação e instabilidade. Eu não sou seu brinquedo. A pequena adolescente que olhou para você com olhos estrelados em um parque. Esses dias acabaram. Eu mereço respeito e consideração, e quer saber? Eu mudei de ideia. — Fiz uma careta e comecei a rir. Uma risada gutural e estridente, nem mesmo me importando com o quão desequilibrada eu parecia. — Sim. Não quero mais fazer sexo com você porque você não me ama de volta. Isso é ruim? Imaturo? Anti-feminista? Eu



espero amor. Eu quero tudo, então se você não pretende dar para mim, sugiro que me deixe em paz ou vou contar à minha família como você mergulhou a mão no pote de mel, provou a doçura proibida e depois voltou para a terceira e quarta porções.

— Eu disse que nunca vou sossegar.

— Então isso significa que você está me deixando ir.

Ele acenou com a cabeça uma vez, vagando até a porta e abrindo-a. Um arrepio invadiu a cabana, mordendo e reivindicando cada centímetro da minha pele exposta.

— O amor não é um preço que estou disposto a pagar por uma boceta, por mais apertada e aristocrática que seja. Adeus, Aisling.

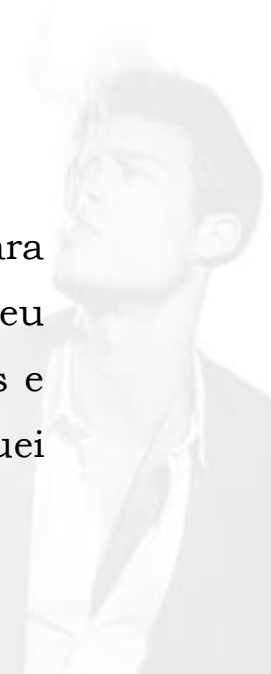
Ele estava me deixando ir.

Talvez eu estivesse louca por causa da minha própria fala, ou talvez a adrenalina ainda estivesse bombeando no meu sangue, mas de repente, eu juntei minha coragem, levantei-me, peguei minha bolsa e fugi porta afora.

Ele não me perseguiu. Eu sabia que ele não iria.

Homens como Sam nunca fizeram.

Eu segui as tênues marcas de pneus do Porsche para encontrar meu caminho para sair da floresta, segurando meu celular com força. Escorreguei várias vezes e meus joelhos e mãos ficaram encharcados de neve derretida. Quando cheguei



à estrada principal, chamei um Uber e continuei andando. A esperança, tola e desesperada queimando em meu peito, de que Sam me encontraria encolhia mais e mais a cada passo que eu dava.

Meus dedos estavam dormentes, meus dedos estavam congelados e eu podia sentir que alguma coisa estava caindo.

Brinquei com o monstro debaixo da minha cama e senti a fúria de suas garras na minha pele.

Isso era tudo por minha conta.

Mas isso não significa que eu teria que aguentar mais.

Era como se meu amor por ele tivesse se extinguido depois de balançar à beira da morte por um tempo. Um amor que começou como uma chama em forma de sol quando eu tinha dezessete anos, grande e quente e impossível de extinguir, mas com o passar do tempo, as ações de Sam jogaram água nela até que quase não restou nada.

Deslizei na parte de trás de um Uber, pensando sobre aquela noite no parque.

Sobre o texto que vi rabiscado naquele banheiro.

Talvez não fosse para mim.

Talvez fosse para alguém com um final feliz.



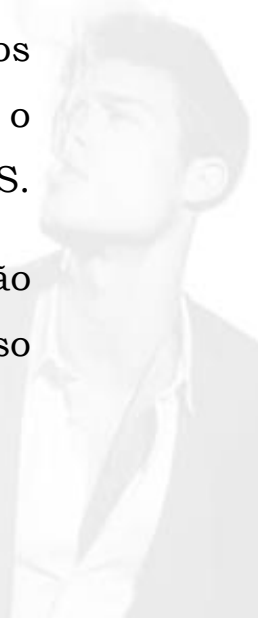
Doze*Sam*

Poucos dias depois que Aisling fugiu da cabana, Troy entrou no meu escritório, jogando um jornal na minha mesa.

— Xeque-mate.

Eu estava sentado em frente a uma pilha de planilhas do Excel, tentando me concentrar na simples tarefa de encontrar uma maneira de ajudar um cliente a lavar alguns milhões. Normalmente, eu poderia fazer isso com meus olhos fechados, mãos amarradas e o pau enterrado bem fundo em alguém aleatório. Misture a soma de um lugar para outro. Explodir despesas. Adulterar extratos bancários. Ganhar dinheiro indetectável era uma forma de arte que aperfeiçoei desde jovem. Isso me tornou um queridinho em certos círculos corporativos. Nada comprava melhor o seu caminho para o coração de um homem rico do que ajudá-lo a ferrar com o IRS.

Nos últimos dias, no entanto, minha cabeça estava tão profundamente dentro da minha bunda que fiquei surpreso



por não ter caído morto por falta de oxigênio. Meus pensamentos estavam em um loop, ficando presos na mesma coisa repetidamente.

Eu salvei Aisling.

Coloquei minha vida em perigo para mantê-la longe do perigo.

E o que a cadela fez? Ela me recusou e terminou.

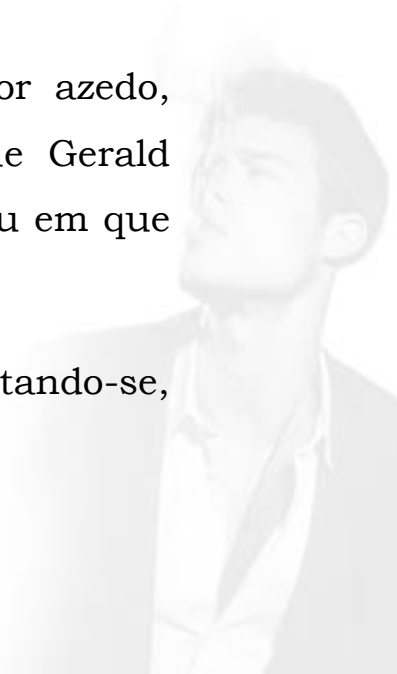
Eu olhei para o jornal que Troy jogou na minha mesa. A manchete borrada com tinta preta barata.

APANHADO! A AMANTE DO BILIONÁRIO GERALD FITZPATRICK ESCREVE UM EXPLOSIVO CONTATUDO!

OS TESTEMUNHOS DE BARBARA MCALLISTER PODEM SER UM DIVISOR DE ÁGUAS PARA A FAMÍLIA REAL AMERICANA. AS AÇÕES DA EMPRESA CAÍRAM SIGNIFICATIVAMENTE DESDE ONTEM.

Não ajudou em nada a melhorar meu humor azedo, embora eu soubesse, com toda probabilidade, que Gerald estava prestes a se atirar pela janela do arranha-céu em que estava enfurnado.

Troy caiu no assento à minha frente, recostando-se, rolando um palito na boca.



— É hora de um nocaute rápido e eficiente, Sam. Não vou sentar aqui e ver você destruir uma família perfeitamente boa só porque tem tesão pelo sangue de Gerald. Não se esqueça de que o casamento e a felicidade de sua irmã também estão em jogo. Você está levando este complexo de Deus longe demais.

— Não há nada complicado sobre o meu dom divino para distribuir a dor. Estou apenas dando a Gerald o que ele merece. — Eu deixei cair minha caneta, sentando-me. — Ele...

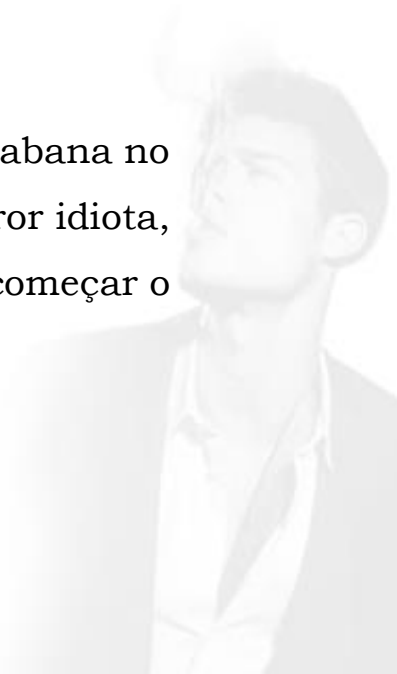
— Sim, eu sei. Matou seu irmão ainda não nascido. Fez sua mãe o abandonar. Ninguém está propondo a Gerald Fitzpatrick o título de Cavaleiro. — Troy levantou a palma da mão, cortando minhas palavras. — No entanto, aqui está você, vivo e bem ‘pra’ caralho, para grande desgosto da Bratva. Isso significa que qualquer dano que ele infligiu em você não terminou o trabalho. Então, por que você não acaba com isso, dá a ele o golpe final, fica quite e segue em frente?

Porque, então, terei que enfrentar meu outro problema Fitzpatrick.

O mais urgente que venho tentando ignorar há semanas.

A filha deles.

Aisling ficou longe de mim desde que fugiu da cabana no meio da noite como uma personagem de filme de terror idiota, a primeira a ser assassinada dez minutos depois de começar o filme.



Eu sabia que ela sobreviveu ao nosso pequeno confronto porque eu dirigi até sua clínica na tarde seguinte, apenas para me certificar de que ela não tinha sido esquartejada por um assassino com machado em seu caminho para fora da floresta.

Seu Prius estava estacionado em frente à porta principal. Ela estava viva, embora não bem.

Consequentemente, ela também acabou com a minha bunda.

— Eu quero uma confissão, — eu insisti.

— E eu quero foder minha esposa dez horas por dia. Adivinha? Parece que nós dois não estamos conseguindo o que queremos, — Troy retrucou. — O que te faz pensar que Gerald está disposto a vir até você e contar tudo sobre como ele fodeu sua mãe e depois fodeu *você*? — Troy se levantou, cuspiando seu palito no chão. — Cresça, porra, Sam. Sua história não faz sentido e, francamente, a cada dia que passa, estou começando a pensar que há mais nisso do que você está demonstrando. Você nunca deu a mínima para Cat, e sim, ela o deixou, mas ela tentou entrar em contato com você e você a ignorou sem um piscar de olhos. Não é a primeira vez que você é injustiçado por um de seus clientes. Você é uma pessoa pragmática. Você leva as coisas na esportiva. Esta é uma parte de você que não conheço e não me importo em descobrir. Emocional, confuso e, acima de tudo – estrategicamente defeituoso. Você está prestes a cometer erros bastante graves se não for cuidadoso. Eu posso ver isso. Seja franco com

Gerald ou desista de tudo. Mas esta é a última peça que você pregou nele. Sua irmã é casada com o filho dele, e agora que Hunter e Cillian estão observando sua mãe e prestando atenção, eles estarão atrás de você em um piscar de olhos. Você entende?

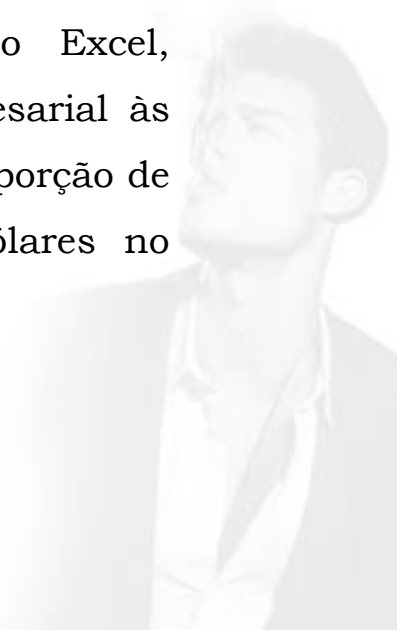
— Você terminou? — Eu perguntei, sentando-me perfeitamente quieto em meu assento, rejeitando qualquer sentimento que se originou de Troy parecendo regimento e completamente chateado comigo. Esta foi a primeira vez. Já havíamos discutido antes, claro que sim, mas sempre acabávamos concordando. Não dessa vez. — Porque se for assim, você sabe onde fica a porra da porta. Lamento que o aluno tenha superado o mestre, mas às vezes, meu velho, é assim que as coisas são.

Ele olhou para mim com um olhar de descrença completa. Apesar de tudo, senti meu estômago revirando, girando, como se estivesse se dobrando em um pequeno quadrado de origami.

Ele me ofereceu um grunhido evasivo e saiu correndo, deixando o leve cheiro de sua colônia e uma manchete do inferno no jornal.

Voltei minha atenção para a planilha do Excel, percebendo, pela primeira vez, uma viagem empresarial às Maldivas que eu poderia usar para maximizar a proporção de despesas. Um buraco fácil de oitocentos mil dólares no orçamento para desviar o IRS.

Comecei a fazer os movimentos necessários.



Gerald pagaria pelo que fez com seu sangue.

Mesmo que isso me custe meu relacionamento com meu pai adotivo.



Depois de trabalhar até altas horas da madrugada, parei nas salas de jogo novamente, verificando as mesas, certificando-me de que estávamos tendo lucros assassinos antes de trancar a porta do meu escritório.

A noite passou de preta para azul quando caminhei para o meu (recém-consertado) Porsche. Destranquei as portas e coloquei minha mão na maçaneta quando o cano frio de uma arma cavou entre minhas omoplatas, mordendo minha pele.

A voz que veio depois disso era inconfundível.

Eu a reconheceria em qualquer lugar, porque passei quase uma década ouvindo-o gemer.

— Pego, garoto.

Gerald.





— Agora entre no carro, devagar e tranquilo. Eu vou sentar no banco do passageiro, — ele instruiu, sua voz e a arma tremendo de adrenalina e medo.

Eu levantei minhas mãos ao acaso, sorrindo.

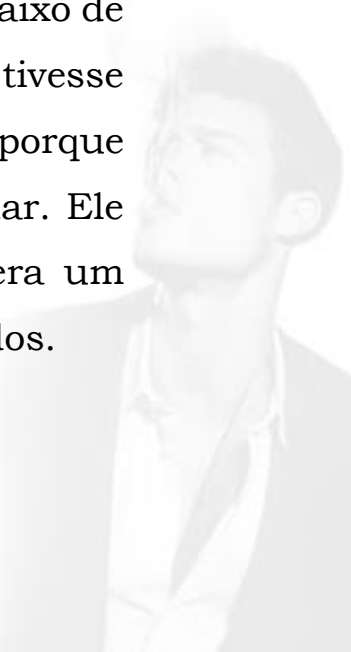
— Você sabe mesmo como usar uma arma, Gerry?

— Não me chame de Gerry. — Ele cravou o metal na minha pele. — Meu nome é Gerald. Você é a única pessoa que me chama de Gerry, e eu odeio isso. Só deixei você se safar porque achei que era um termo carinhoso.

— Você estava errado, — eu disse impassível.

— Não me diga. No carro. Agora. Sem gracinhas. Vou atirar para matar, Brennan. Você me deixou sem nada. Sem minha família, sem meu negócio, sem meu orgulho.

Entrei no Porsche com calma, sem esforço nenhum. Meu medo de levar um tiro por ele estava em algum lugar abaixo de zero. Em primeiro lugar, porque não achei que ele tivesse coragem de puxar o gatilho e, em segundo lugar, porque mesmo que disparasse, o que era improvável, iria falhar. Ele não tinha uma mão firme e tudo que eu precisava era um pequeno erro para arrancar a arma de seus dedos suados.



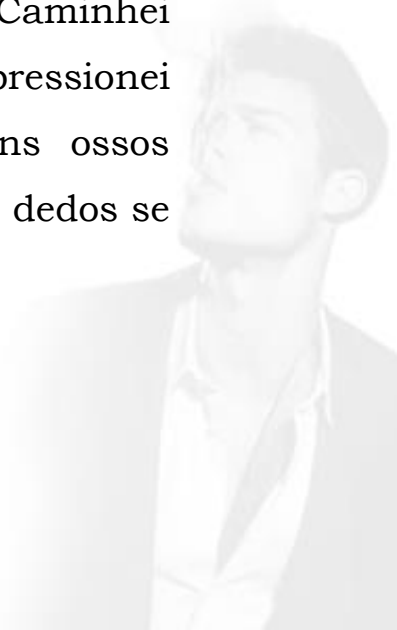
Em terceiro lugar, e mais importante, não me importava se eu morresse. Para começar, nunca fui muito fã de viver. Eu gostava de poucas coisas, e uma delas era a filha do Gerald, que não queria mais nada comigo. Minha culpa, é claro, por tê-la afastado, sabendo, além de qualquer dúvida razoável, que sua família nunca a deixaria exibir o ajudante na alta sociedade.

— Abaixei a arma, Gerry. Vou nos levar ao seu apartamento, mas não porque você está me ameaçando com uma arma. Posso agarrá-lo com os olhos vendados e os braços amarrados nas costas. Irei de boa vontade porque estou interessado no que você tem a dizer e no quanto você sabe, — eu disse, minha voz encharcada de diversão. Já era hora de termos uma conversa sobre o que era importante.

— Bb-besteira! — Ele gaguejou. — Você vai fazer o que eu digo porque eu...

Não tinha interesse em deixá-lo terminar essa frase. Eu me virei rapidamente, acotovelando a arma e enviando-a cambaleando pela rua. Gerald soltou um gemido agudo de surpresa, indo em linha reta para agarrá-la, agachando-se no chão. Eu era mais alto, mais magro e mais rápido. Caminhei até ele enquanto ele se abaixava para pegar a arma, pressionei meu mocassim em sua mão — quebrando alguns ossos pequenos no processo, sem dúvida — assim que seus dedos se curvaram ao redor da base da arma.

Estalei meus lábios.



— Vocês, babacas ricos, não são muito bons em ouvir.

— Você vai fazer o que eu digo, droga! — Ele se mexeu embaixo do meu pé desesperadamente. Eu o agarrei pela camisa, arrastando-o em direção ao meu carro enquanto ele chutava e grunhia de aborrecimento, embolsando sua arma depois de verificar se estava engatilhada (choque: não estava).

Joguei Gerald para dentro e bati a porta, sentando no banco do motorista ao lado dele e ligando o carro.

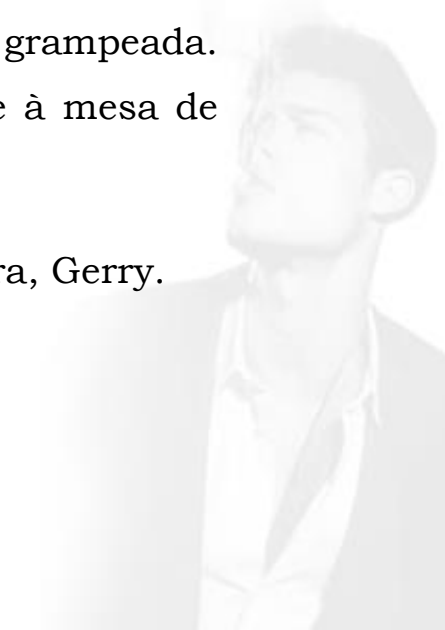
— Para onde? — Eu resmunguei.

— A cobertura. Aquela em que Hunter e Sailor viveram antes de se mudarem para sua própria casa.

Balancei a cabeça, percebendo que ele tremia ao meu lado. Inacreditável. Eu coloquei a filha dele em tanta merda, e ela sempre me deu uma baita luta. Mas esse cara, ele não conseguia nem ficar parado sem querer mijar nas calças. Eu não sabia de onde Aisling tirava sua força, mas com certeza não era de seus malditos pais.

Quando chegamos à cobertura e Gerald empurrou a porta e começou sua diarreia verbal, pressionei meu dedo na boca e comecei a olhar ao redor da sala para ver se estava grampeada. Pelo que eu poderia dizer, não estava. Sentei-me à mesa de jantar, sorrindo ironicamente para ele.

— Você pode continuar com seu colapso agora, Gerry.



Gerald se ergueu em toda a sua altura, projetando o queixo para fora, tentando parecer mais corajoso do que era. A perda de peso o deixou um pouco menos deplorável fisicamente, mas eu ainda sabia que por trás do exterior estava um homem que merecia uma morte lenta e dolorosa.

— Você foi pego, Sam Brennan. Armei uma armadilha para você e você caiu nessa, — gabou-se Gerald, ainda de pé, por algum motivo fora do meu alcance.

— Você já disse, — bocejei. — Se importa em elaborar?

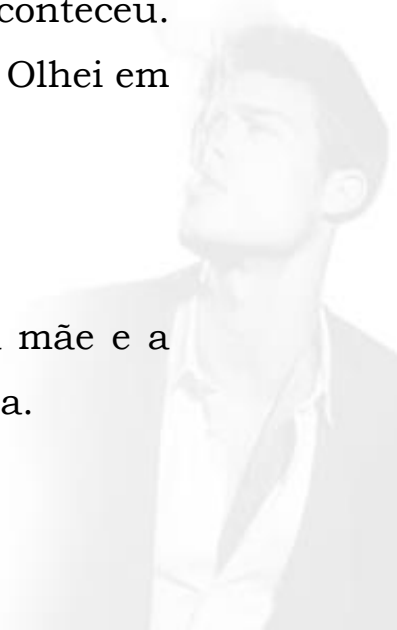
Gerald se inclinou para frente, pressionando os dedos na mesa de jantar de carvalho enquanto falava.

— Quando você me pediu para lhe dar uma lista de todas as mulheres com quem tive um caso, fiquei desconfiado. Parecia rebuscado e, à medida que o tempo passava e você se arrastava sobre o meu probleminha, fiquei ainda mais desconfiado. Você nunca falhou em uma missão que eu lhe dei antes e, de repente, você não tinha nem mesmo uma pista. Eu não conseguia entender por que você me deixou para me afogar. Então aconteceu o envenenamento. E as abotoaduras...

— Cristo, Gerry, eu estava lá quando tudo isso aconteceu. Vá para a parte suculenta. Meu tempo é precioso. — Olhei em volta, perguntando-me se ele tinha algum café bom.

Ele endireitou a coluna.

— Aisling me obrigou a fazer isso. Ela disse à mãe e a mim o que fazer, assim poderíamos saber com certeza.



— Obrigou você a fazer o *quê*? — Eu cuspi, perdendo a paciência.

A menção do nome dela me deixou nauseado. Isso foi ultrajante. Eu não poderia estar com náuseas. Eu não era a porra de uma donzela em perigo.

— Plantar um grampo. Uma toupeira. Uma armadilha. Veja, Aisling disse que a única maneira de ser mais esperto que você é vencendo no seu próprio jogo. Juntos, encontramos uma mulher do meu passado – Barbara McAllister, neste caso – e pedimos que ela nos ajudasse. Sabíamos que se você a contatasse, isso significaria que você estava atrás da minha garganta e não daqueles que me machucaram.

Eu o encarei, sem palavras.

Aisling jogou comigo.

E ela ganhou, porra, também.

Ela me amava, sim, mas não tanto a ponto de ficar cega por minhas ações.

Ainda mais do que seu afeto por mim, ela era leal à sua família, e inferno se isso não me fez sentir ainda mais falta dela.

— O jornal... — eu comecei.

Gerald balançou a cabeça, caminhando até a mesa de centro, pegando o que parecia ser o jornal do dia e jogando-o em minhas mãos. Eu o peguei e olhei para a manchete.



KEATON SUGERE DEMITIR CLAYBORN APÓS AS ELEIÇÕES: O QUE VEM POR AÍ PARA A CASA BRANCA?

Filho da puta.

— O título era falso. — Eu deixei as palavras se agitarem na minha boca, decidindo que eu odiava o gosto delas.

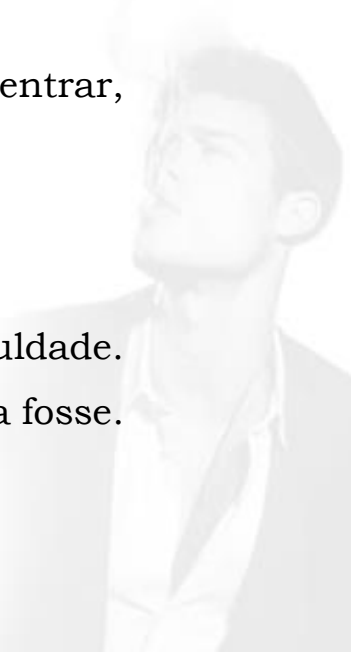
Gerald se sentou ao meu lado, esfregando o rosto com cansaço enquanto pegava um uísque com dois copos no centro da mesa, servindo-nos de bebidas. Peguei um maço de cigarros e acendi um, ficando confortável. Essa merda não acabaria tão cedo.

— Totalmente. — Ele cutucou minha bebida em minha direção, seus dedos ainda tremendo. — Não acreditei em Aisling quando ela disse que você provavelmente era um agente duplo, então vim ver você algumas vezes em Badlands. Cada vez, eu me virava, perdendo a coragem. Mas percebi que o mesmo jornal era enrolado e deixado na entrada todas as vezes, então achei que era o meio de comunicação de sua escolha. A partir daí, fingir uma manchete não foi muito difícil.

Então Troy o pegou na entrada do meu clube, ao entrar, e me mostrou.

Maldição, Nix, você é inteligente.

— Bem, Barbara McAllister é uma amiga da faculdade. Ela não é de forma alguma o que você acreditava que ela fosse.



Mas com o propósito de me ajudar, ela deu um show. A irmã dela tem um endereço em uma parte de merda da cidade. Eu adicionei o nome dela no contrato, sabendo que você iria encontrá-la, ver a pobreza em que ela vive, e decidir pressioná-la porque ela é uma presa fácil, — Gerald continuou.

— Aisling disse que, se eu lhe desse informações que não correspondessem ao que você encontraria por conta própria, levantaria uma bandeira vermelha e você morderia a isca. Ela estava certa.

— Você decidiu fazer tudo isso ou foi Ash? — Parecia uma operação sofisticada, e Gerald só servia para administrar uma empresa que lhe fora entregue por seu próprio pai. Mesmo isso, ele falou pela metade. Cillian era um CEO muito melhor do que Gerald jamais foi, algo pelo qual Gerald secretamente se ressentia do filho.

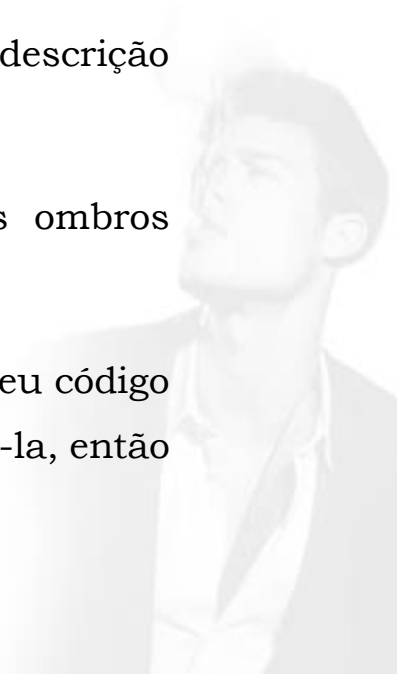
— Bem, Aisling decidiu, abençoado seja o coração dela. Ela é minha filha por completo, aquela. Tão delicadamente astuta. Tão esperta.

Tão gostosa.

Embora eu duvidasse que ele apreciaria essa descrição específica.

Gerald tomou um gole de sua bebida, seus ombros girando enquanto ele visivelmente relaxava.

— Aisling sabia que Barbara se destacaria por seu código postal. Queríamos ter certeza de que você iria abordá-la, então



garantimos que seu endereço levasse a um estacionamento de trailers. Você mordeu a isca. Quando você ligou para Barbara, Aisling e eu a instruimos com antecedência. O que dizer. Como agir. Não podíamos arriscar que ela estragasse seu disfarce. Ela fez um trabalho notável, não fez? E no final do dia, você já estava ao telefone com editoras e agentes literários, ligando-a a pessoas que queriam ouvir a história dela sobre o sórdido Gerald Fitzpatrick. O novo Jeffrey Epstein, certo? A queda do magnata que queria muito de muitos.

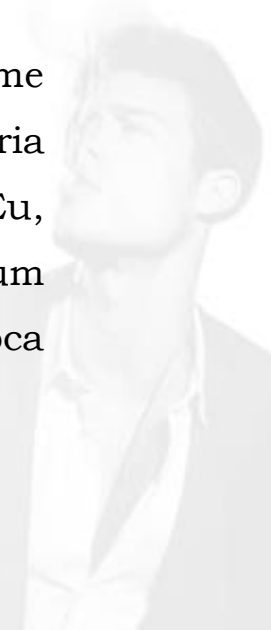
Isso foi muito certo, então eu não poderia contestar. Agi exatamente como Ash planejava, e mesmo quando nos encontramos, mesmo quando eu estava com as bolas dentro dela, quando ela chorou meu nome, quando ela disse que me amava, quando ela se ofereceu em uma bandeja de prata, ela ainda conspirou contra mim.

Tentou descobrir a verdade.

Foi um participante ativo em nosso jogo de xadrez mental.

— Recebemos três ofertas de três editoras diferentes, — eu disse laconicamente, tentando entender como eles conseguiram cobrir a última parte de seu plano.

Era por isso que o título fazia sentido. Porque Barbara me disse que havia fechado um dos negócios. Que ela escreveria tudo. O plano era que Gerald me implorasse para intervir. Eu, por sua vez, teria uma confissão dele, jogaria meu peso um pouco em torno de Barbara, pagaria a ela para manter a boca fechada e tudo seria cancelado.



Então, dependendo da versão de Gerald sobre o que aconteceu entre ele e Cat, planejava derramar um pouco do sangue Fitzpatrick. Não muito. Apenas o suficiente para satisfazer minha natureza sanguinária.

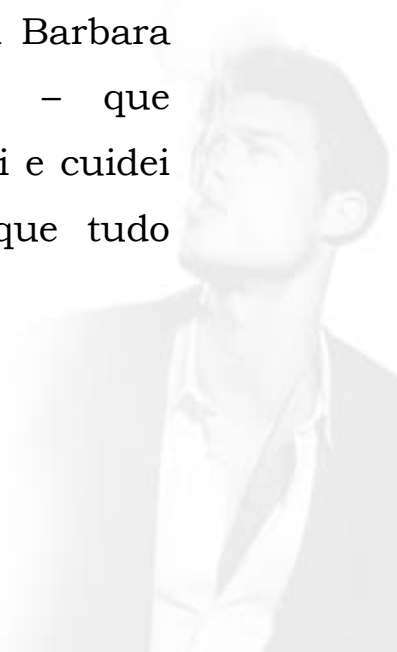
— Você não recebeu uma oferta de ninguém. — Gerald balançou a cabeça. — Suas ligações para os editores foram direto para o telefone de Emmabelle Penrose.

Eu podia sentir meu rosto mudar de raiva para nojo. Fui manipulado não apenas por Ash, mas por aquela Barbie cabeça-dura.

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos internos, Gerald acenou rapidamente com a cabeça.

— Aisling não queria que você reconhecesse a voz dela. Redirecionou suas ligações para o telefone de Emmabelle toda vez que você fez uma consulta. E assim que o chamado contrato entre Barbara e a editora de sua escolha foi assinado, você saiu do circuito. Você só viu o contrato. Você realmente não falou com nenhuma das pessoas com quem Barbara havia falado.

Isso era verdade. No minuto em que conectei Barbara McAllister com uma suposta agente literária – que provavelmente era Emmabelle também, – me afastei e cuidei de meus próprios negócios, com a certeza de que tudo funcionaria bem.



— Como Ash redirecionou as ligações para Belle? —
Estreitei meus olhos para Gerald. Tudo parecia perfeito demais
para ser feito sem qualquer ajuda.

Gerald deu um sorriso que afundou na porra do meu
estômago.

Não.

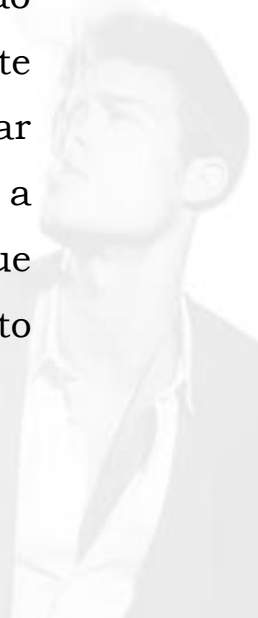
— Sim, — Gerald respondeu, e eu percebi que disse a
palavra em voz alta. — Ela usou o homem que sabe ser Sam
Brennan melhor do que Sam Brennan – Troy Brennan.

Pela primeira vez em muito tempo, não tinha nada a dizer.
Nada além de *onde diabos estava Aisling?* Por que não foi ela
quem me confrontou? Apenas a resposta era óbvia. Ela não
queria nada comigo. Cada vez que estávamos sozinhos, eu de
alguma forma encontrava um jeito de entrar em suas calças
antes de afastá-la e dizer a nós dois que isso nunca aconteceria
novamente.

Fodidamente patético.

E desta vez eu não quis dizer ela.

— Se isso faz você se sentir melhor, seu pai adotivo não
tinha ideia de que isso tinha algo a ver com você. Ele nunca te
trairia assim. Aisling disse a ele que precisava redirecionar
alguns números para Belle porque, como você sabe, Belle é a
dona da Madame Mayhem, uma boate local, e ela disse que
alguém estava tentando atingir o clube e escrever um relato



maldito sobre os gerentes e coisas do lado de dentro, — Gerald continuou, tomando outro gole generoso de uísque.

Eu dei uma tragada no meu cigarro. Minha bebida permaneceu intacta.

Através das cortinas, os tons laranja e rosa de um nascer do sol de inverno coloriam o céu. Eu bati meu cigarro ao lado do meu lábio, refletindo sobre isso.

— Era infalível, — eu disse finalmente.

— Sim, — Gerald concordou. — Aisling fez todo o trabalho duro. Quando Troy perguntou por que ela não veio diretamente a você para lidar com as editoras, ela explicou que, por estar apaixonada por você, ela queria limitar sua comunicação ao mínimo.

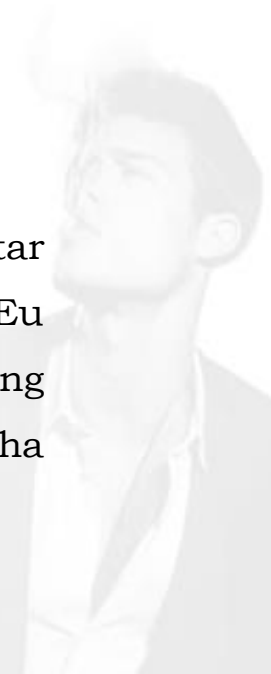
Ela até usou suas fraquezas a seu favor.

— Nós nos comunicamos com frequência, — eu mordi asperamente, infantilmente, a necessidade de transar com ela nas costas me oprimindo. — Se é assim que você quer chamá-lo. Então, onde está essa mulher, Barbara, agora?

Eu sabia onde ela estaria em breve.

Seis palmos abaixo da terra.

Na verdade, isso não era verdade. Eu não ia matar Barbara, mas não porque ela não merecesse por me trair. Eu não iria matá-la porque era óbvio que a porra da Aisling Fitzpatrick iria atrás da minha bunda, sabendo que eu tinha



um motivo danado. Não era um dia frio no inferno, mas finalmente, encontrei alguém que me responsabilizava por minhas ações.

Não era a polícia, o xerife, o FBI ou o prefeito, embora todos tenham tentado.

Era uma pequena garota irlandesa com uma boca inteligente e olhos como jacintos que queria me dar tudo o que tinha, até que eu deixei bem claro para ela que eu não valia a pena.

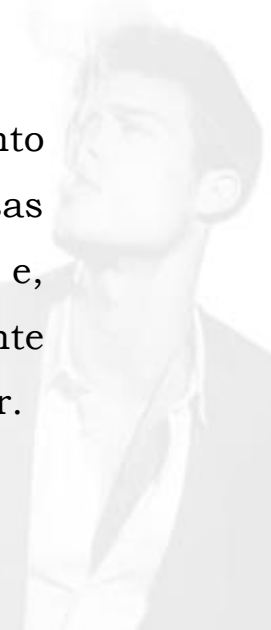
— Essa é uma ótima pergunta. — Gerald sorriu presunçosamente, seu rosto tão murcho que fiquei surpreso por ele não ter se virado do avesso.

Ele estalou os dedos e, assim, Barbara se materializou no corredor, não mais parecendo uma stripper do turno do dia. Seu cabelo estava penteado para trás, seu traje era um terno Prada de veludo preto e bolsa Chanel.

Sim, ela definitivamente não precisava de nenhum vale-refeição ou maços de cigarro pela metade.

Barbara sorriu para mim se desculpando, dando-me um aceno rápido.

— Eu queria estar aqui apenas para dizer que lamento pessoalmente. Nunca tive a intenção de complicar as coisas para você, Sr. Brennan, mas Gerald é um velho amigo e, quando me disse que estava com problemas, simplesmente não pude lhe dar as costas. Certamente, você pode entender.



Só não consegui.

Porque eu não tinha amigos de verdade. Apenas pessoas com quem eu tinha negócios e com quem me encontrava socialmente – apenas para ter certeza de que não estragassem nenhuma das nossas merdas mútuas de negócios.

— Bem jogado, senhora.

Ela sorriu e saiu correndo porta afora depois de se despedir, deixando Gerald e eu nos encarando. Peguei outro cigarro, esperando a pergunta na ponta da língua.

— Então agora é sua vez de me dizer... por quê? — ele perguntou baixinho, deixando cair os cotovelos sobre os joelhos. Ele parecia quebrado. Murcho e fraco e de alguma forma ainda com raiva.

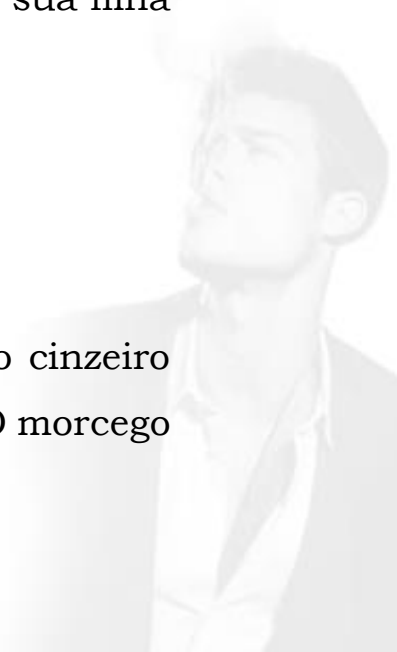
— Por que você me fez passar por isso? Por que você pegou tudo que eu sempre quis? O que eu fiz para você, Brennan? Até dois meses atrás, eu o citaria como um dos meus parceiros de negócios mais próximos. *Abertamente.*

Abertamente minha bunda. Se ele fosse tão aberto sobre seus negócios comigo, não teria me proibido de levar sua filha para um café.

Não que eu quisesse.

Ou teve algo a ver com essa besteira.

— Achei as cartas, — falei, jogando a cinza no cinzeiro sobre a mesa. — Cartas de Catalina. Em novembro. O morcego



velho finalmente apagou, e sua vizinha me convidou para separar suas merdas e ver se havia algo de valor ali. Alerta de spoiler: não havia. Mas ela guardou as cartas para você. As que você redirecionou de volta para ela. E suas fotos juntos... — Respirei fundo — ... e o teste de gravidez. Eu sei tudo sobre o que você fez para ela, para mim. Como você a afastou de mim. Como você matou a criança em seu ventre. Meu irmão. Eu sei tudo. *Tudo. Tudo.*

Eu disse isso três vezes, para que ele entendesse que eu falava sério.

Gerald olhou para mim por um longo momento. Quando ele finalmente abriu a boca, nenhuma palavra saiu.

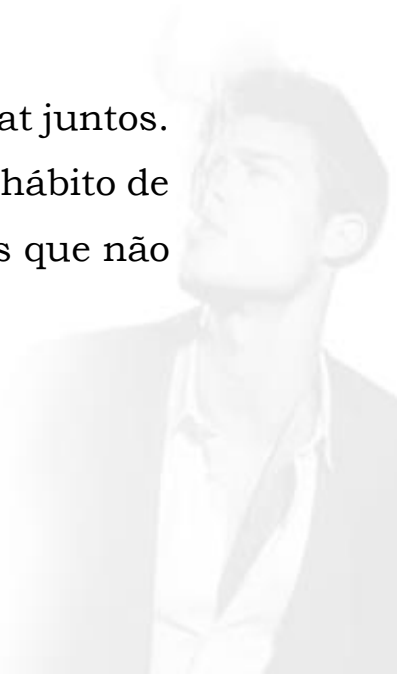
Ele começou a rir.

Cacarejar era mais parecido com isso.

E eu quero dizer, realmente foi com tudo, batendo em sua coxa enquanto tentava regular sua respiração, enxugando uma lágrima do canto do olho, balançando a cabeça.

— Você comprou essa besteira? — Ele levantou. — Tá falando sério, filho?

— Havia fotos, Gerald. Muitas delas. De você e Cat juntos. A propósito, você provavelmente deveria parar com o hábito de documentar cada trepada que você faz com mulheres que não são sua esposa.



As fotos eram genuínas. Eram reais. E eram comprometedoras. Eu reconhecia um trabalho de photoshop quando o via, e não era esse o caso.

Então, por que eu estava me sentindo um idiota agora?

— Não, eu *tive* um caso com Cat, não vou negar esta parte. Inferno, Sam, você era uma criança, mal tinha idade suficiente para limpar sua própria bunda. Eu não te conhecia. E Cat era uma mulher linda em seu auge. Além disso, ela precisava do dinheiro e eu paguei bem por sua... uh... companhia. — Ele desviou o olhar agora, esfregando a nuca.

Não havia maneira educada de apontar que a mãe de alguém era uma prostituta, então eu não necessariamente o culpei por isso. Ele continuou, exalando rapidamente.

— Eu tive um caso com ela, sim, mas todo o resto foi uma invenção completa e absoluta. Catalina nunca engravidou do meu filho e nunca levantei um dedo para machucá-la. Eu não a fiz abortar. Quando começamos a nos ver, ela me disse que amarrou as trompas depois de você. Pedi a ela que me mostrasse o atestado médico – eu sabia que Jane arrancaria minha cabeça se eu engravidasse alguma de minhas amantes – e Cat me deu no mesmo dia. Não só isso, mas fui em frente e verifiquei duas vezes com seu ginecologista.

— Então que porra foi aquele teste de gravidez?

— Meu palpite é que ela pegou de uma de suas amigas. Catalina tinha muitas amigas na... uh... empresa em que



trabalhava. Mantinha contato com mulheres que mexiam com homens ricos. Nós cuidamos delas, mas o principal incentivo, é claro, era engravidar de nossos filhos. Isso nos amarraria a elas para o resto da vida.

Eu não levei isso em consideração.

— Então você está dizendo que ela nunca esteve grávida do seu filho? — Eu disse lentamente, tentando manter a calma.

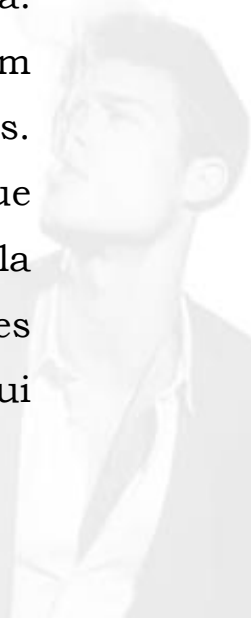
Ele terminou seu uísque de uma vez. — Correto.

— Tudo muito agradável, mas lembro-me claramente de Cat voltando para casa na época do suposto aborto, desorientada e machucada. Lembro-me dela engatinhando na cama, enrolando-se como uma bola, chorando. Lembro-me dela sendo conduzida ao hospital em uma ambulância. Como você explicaria isso?

Gerald olhou para mim com olhos negros, redondos e líquidos, seus lábios se curvando em desgosto. — O nome Donnie te lembra alguma coisa?

Eu balancei minha cabeça lentamente.

— Alto, musculoso, um tipo de modelo de roupa íntima. Ele era o verdadeiro namorado de Cat na época. O homem com quem ela fodeu sem deixar fatura na mesa de cabeceira depois. Um cara muito bonito, admito, mas ele nunca aceitou o que ela fazia para viver. De vez em quando, ele a agrediria se ela aparecesse para encontrá-lo com o cheiro do homem antes dele. Acontece que aquele homem antes dele naquela noite fui



eu. Eu sei, porque encontrei sua mãe no hospital e até paguei a internação dela. Eu disse a ela para prestar queixa. Ela não queria. Ainda tenho o recibo da conta do hospital e posso mostrar a você que nenhuma das coisas listadas lá tem algo a ver com o útero de Cat ou qualquer um de seus órgãos reprodutivos.

De repente, tive uma dor de cabeça muito forte. Porque através da memória nebulosa, eu me lembrava de Donnie. Um filho da puta alto e loiro. Eu me lembrei de me referir internamente a ele como Capitão Cabeça de Batata por ter o QI e a inteligência combinados de um preservativo usado. Ele foi a primeira pessoa a me dar um cigarro.

— *Ei, filho da Cat, traga-me o maço de Marlboros aí, sim?*

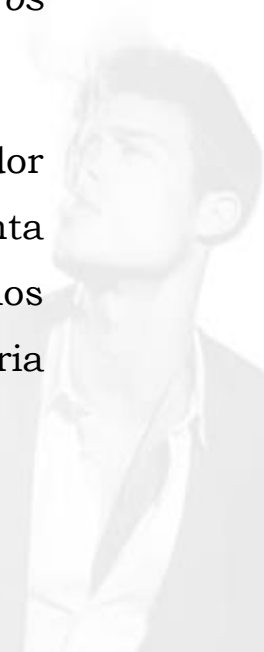
Fiz o que me foi dito, principalmente porque estava distraído demais para dizer a ele para se foder. O homem deixou o maço aberto, empurrando-o na minha direção.

— *Aqui, garoto, pegue um. Vou te mostrar como se faz.*

— *Eu não fumo.*

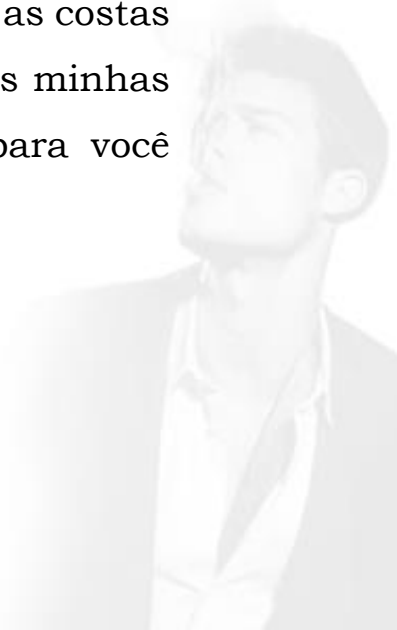
— *Oh, você vai, amigo. Com sua vida fodida, os cigarros são uma questão de quando, não se.*

— Explique as cartas. — Eu me virei para Gerald, a dor cortante de ser enganado fechando minha garganta novamente. Desta vez, não por Aisling, que era pelo menos esperta e inteligente, mas por Cat, a quem eu não confiaria uma porcaria de barra de Snickers.



Todas as peças do quebra-cabeça estavam se encaixando.

— Facilmente, Sam. — Gerald serviu-se de mais uísque, parecendo mais relaxado do que há semanas. Eu sabia que ele estava dizendo a verdade, e isso me matou. — Algum tempo depois que Donnie a agrediu, Cat percebeu que sua linha de trabalho era muito perigosa. Ela me pediu dinheiro. Muito disso. Para ficar em silêncio. Eu disse não, e foi aí que começou a chantagem. Cada uma de suas cartas fazia parte de um esquema de extorsão. Ela ameaçou nos denunciar, espalhar mentiras terríveis, para garantir que Jane soubesse o que éramos. O que fizemos. Ela queria fugir da cidade, mas nunca quis levar você, Sam. Você não estava nos planos dela. Nem mesmo por um segundo. Em algum momento, percebi que ela não valia a pena o inferno que eu estava prestes a receber de Jane. Tornei-me disposto a dar dinheiro a ela. Fiquei perguntando a ela como poderia deixar você para trás. Tentei convencê-la a levar você com ela – as crianças precisam das mães. Por Deus, Sam, ela simplesmente não faria. Finalmente, entreguei a ela 150 mil apenas para que ela calasse a boca e me deixasse em paz. Lembro-me do dia em que ela foi embora. Ela estava tão feliz, e sabe de uma coisa, filho? Eu também. Ela quase me custou tudo. Não vou mentir, Sam, ver as costas de sua mãe enquanto ela saía da cidade foi uma das minhas atrações favoritas. Deveria ter sido um dia feliz para você também.



Comecei a descascar o papel macio ao redor do maço de cigarros, sentindo-me como um garoto de treze anos novamente.

— Você nunca me contou sobre sua história com minha mãe, — eu disse friamente.

— Não. Não porque fiz algo horrível com ela, mas porque não quero que você pense que o vejo como a prole dessa idiota que caça dinheiro. Não queria que nosso relacionamento profissional fosse contaminado por isso. Além disso, eu realmente não fiz e não vejo você como Cat. Você é um Brennan por completo. Um Brennan é a melhor coisa que uma pessoa em Boston pode ser, além de um Fitzpatrick. Você teve uma boa infância depois que ela desistiu de você. Você não deveria estar pensando nela. Nem por um segundo.

— Eu não, — eu assobiei. — Estou pensando em como *você* me injustiçou.

— Eu não *conhecia* você, — enfatizou Gerald. — Você era uma criança. Mesmo assim, senti algum tipo de responsabilidade por você. Depois que soube que Cat tinha ido embora, procurei por você. Descobri que Sparrow te mandou para uma escola chique de Montessori. Eu pedia ao meu motorista para dar uma volta por lá às vezes para ver se eu conseguia localizá-lo durante o recreio. Às vezes sim. Você se sentava no meio de um círculo, e todos os meninos olhavam para você, cativados por você. Você se tornou forte, proeminente e imbatível. Depois de um tempo, fiquei satisfeito

com a forma como tudo acabou. Satisfeito com minha decisão de dar à desgraçada mulher o que ela queria para te abandonar. Funcionou bem para você.

— Muito bem, mais tarde, você me contratou como ajudante.

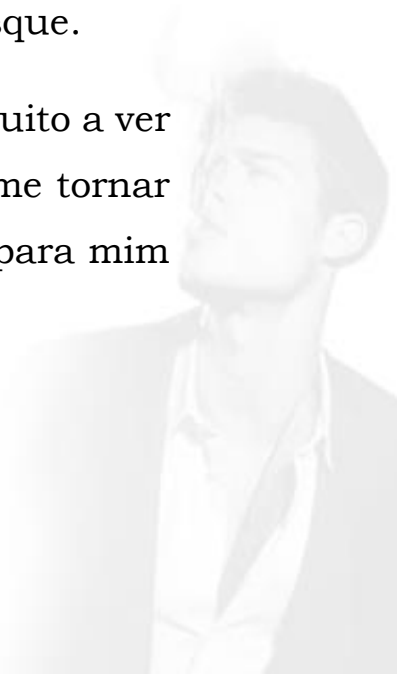
— Não, como meu consertador, — Gerald corrigiu. — Um empresário experiente cuja experiência eu precisava e estava disposto a pagar por isso. Reconheço que não fiquei surpreso em vê-lo na minha porta. Eu costurei o plano de Sailor e Hunter com Troy, estreitar nossos laços com os Brennans sempre foi o plano para mim. Você era de uma família muito importante em Boston para eu não o reconhecer de alguma forma. Mas eu o contratei porque você era o melhor no ramo e não por qualquer outro motivo.

Houve silêncio. Eu sabia que mais precisava ser dito, mas não tinha certeza do quê. Eu acreditei em Gerald, e isso deveria ser o suficiente. Eu deveria ter sentido algum tipo de alívio ou contentamento com essa informação.

Cautelosamente, Gerald continuou, desenhando um círculo com o dedo indicador em volta do copo de uísque.

— Mas tenho a sensação de que isso não tem muito a ver com Catalina e eu. Você queria um motivo para eu me tornar seu inimigo. Caso contrário, você teria vindo direto para mim com essas cartas. O que está acontecendo, Sam?

E assim, ele acertou em cheio.



Eu criei essa bagunça.

Troy estava certo.

Gerald também estava certo.

Eu queria, precisava, fabriquei um dia depois de dormir com Aisling para me distrair das duras verdades.

Aisling Fitzpatrick nunca poderia ser minha.

Ela era muito inocente, muito preciosa, muito de sangue azul para um homem como eu.

Eu não poderia tê-la – e não apenas porque sua família me pagou para não o fazer.

O dinheiro extra não importava muito para mim. Mas também porque eu não podia dar a ela todas as coisas de que ela precisava – monogamia, um casamento, uma família, filhos. E o mais importante, porque eu sabia que estar com ela colocaria sua vida em risco.

Ela já está arriscando a vida, fazendo o que está fazendo. Ela pode acabar na prisão amanhã, o que significa que você bancou o salvador Jesus por nada.

A verdade me atingiu com força.

Eu queria Aisling Fitzpatrick.

Não havia mais distrações.

Sem mais desculpas.



Não há mais motivos para ficar longe.

Especialmente agora, quando Gerald e eu estávamos agarrados um ao outro pela garganta.

Era hora de fazer uma barganha.

— Você me privou de minha mãe, Gerald, e eu o privei de sua sanidade por semanas. Acho que é hora de fecharmos um acordo. — Recostei-me, prendendo-o em seu assento com um olhar fixo.

— Não jogue isso para mim, Brennan. Você foi pego em flagrante, intrometendo-se no meu negócio e arruinando meu relacionamento com meus entes queridos. Sei que parece que Jane e eu temos muitos problemas para resolver e, verdade seja dita, o nosso casamento não é nada perfeito, mas ainda me preocupo com minha esposa. Eu a amo do meu próprio jeito, e definitivamente não estou impressionado com a maneira como você interferiu em nosso casamento.

— Independentemente desse discurso, a verdade da questão é que tenho muita sujeira sobre você, garoto Gerry, e planejo totalmente soltá-la se não conseguir o que quero. As cartas ainda são reais. O teste de gravidez ainda existe. Todas aquelas coisas de que você fugiu com Cat estão agora em minha posse e, acredite, eu faço minha mãe biológica parecer um gatinho em comparação.

Ele gemeu, esfregando o rosto com cansaço.

— O que é que você quer?



— Sua filha, — respondi simplesmente.

Ele riu. Desta vez saiu metálico e áspero. Todo o seu corpo rejeitou a ideia. Como um transplante de órgão fracassado.

— Você nunca terá uma chance com minha filha depois do que você fez para nós. Esta é a traição final. Ela se preocupa muito com sua mãe e, a seu ver, você é o culpado pela destruição de sua família. Na verdade, vou encontrá-la no café da manhã em... — ele balançou o pulso, checando seu Rolex — ...cerca de duas horas para contar a ela sobre essa pequena conversa. Eu não posso dar a você o que não está para oferecer.

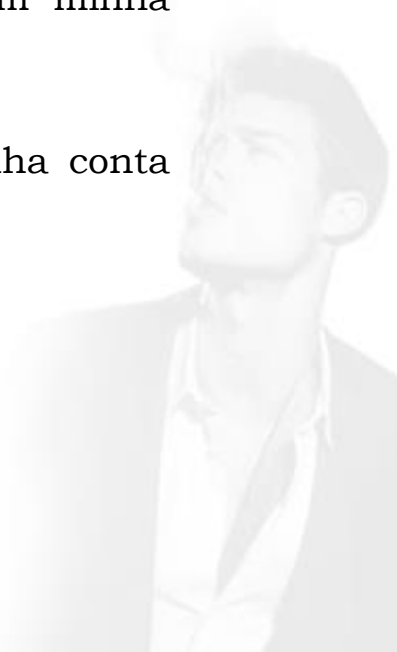
— Deixe a persuasão comigo, — eu cortei. — Dê a ela sua bênção para estar comigo.

— Minha *bênção*? — Ele cuspiu, seus olhos se arregalando. — Você tentou arruinar minha vida!

— Você arruinou a minha primeiro. — Acenei com a mão impaciente em sua direção, levantando-me e recolhendo minhas coisas.

— Estou pagando a mais para você ficar longe de Aisling! — Ele se levantou, apontando um dedo no ar em minha direção.

Dei de ombros. — Não se preocupe com minha conta bancária. Vou sobreviver sem isso.



— Não é com a sua conta bancária que estou preocupado. É com a minha filha. — Ele fez uma pausa, um lampejo de interesse cruzando seu rosto. — Quão bem você está, afinal?

— Três dígitos de milhões. Sua filha será sustentada.

— Você não a terá! — Ele chorou desesperadamente. — Aisling é linda, inteligente, delicada e bem-educada. Ela...

— Também é solteira, porra, porque o único homem que ela quer é proibido, — eu o interrompi, passando por ele em direção ao banheiro, onde tirei sua arma do bolso e limpei minhas impressões digitais com uma toalha. — Você está prestando um péssimo serviço a ela ao interferir em sua vida amorosa. Ela sabe o que ela quer.

— E você? — Ele me olhou com ceticismo pelo espelho do banheiro. — Você sabe o que quer?

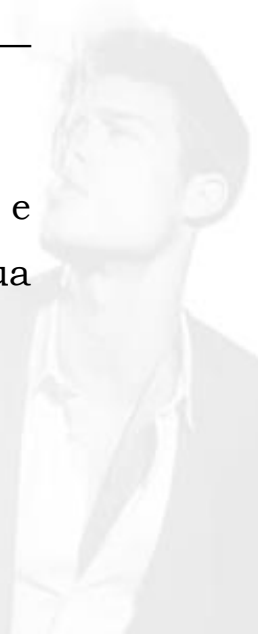
Sim.

Eu queria Aisling.

Eu encontrei seu olhar de frente no espelho.

— Você vai dizer que ela tem sua bênção para namorar comigo. Estar comigo. Para se *casar* comigo, — eu enunciei. — Entendido?

Ele parecia perto de me bater. Fiquei surpreso e encantado em saber que Gerald se importava tanto com sua filha.



— Ela é minha carne e sangue, — ele sibilou.

— Não me lembre. — Eu fingi vomitar. — Olha, eu não preciso do seu dinheiro sujo. Estou pensando em cortejá-la e tocá-la – muito, de maneiras que você não quer pensar – e gostaria de fazer isso abertamente. Ela merece jantares, restaurantes e férias. Coisas que não posso dar a ela em segredo. Ou você segue o plano ou eu o atropelo. Sua escolha.

— Eu também tenho condições.

Coloquei sua arma na borda da pia, virando-me e cruzando os braços sobre o peito. — Vamos ouvi-las.

— Voltarei para Avebury Court Manor em alguns minutos para dar a Jane e Aisling um resumo de tudo o que discutimos. Todos os fatos. Você não vai negar o que aconteceu. Você vai confessar que mexeu em nossas vidas. Por me envenenar. Por arrastar aquelas fotos horríveis.

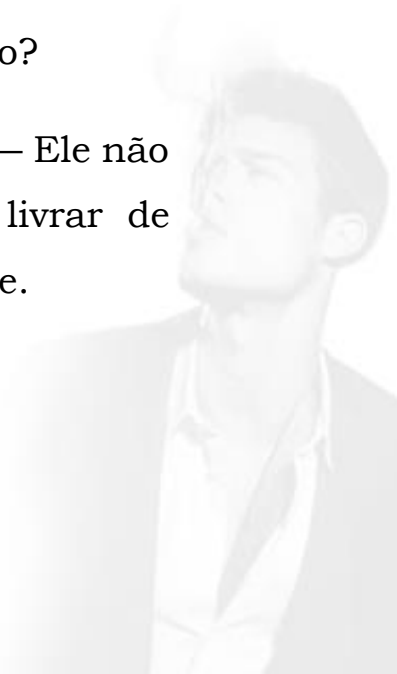
Parecia bastante justo.

— Você também vai me devolver minhas abotoaduras. Minha herança de família.

Eu dei a ele um breve aceno de cabeça. — É isso?

— Não. Mais uma coisa. Se você a machucar... — Ele não terminou a frase, balançando a cabeça para se livrar de qualquer imagem horrível que passava por sua mente.

— Eu não vou machucar sua filha.





— Já estou me arrependendo dessa barganha.

Eu me virei e o deixei lá.

Agora havia apenas um pequeno problema.

A questão de fazer Aisling não me odiar com a paixão ardente de um milhão de sóis.



Treze



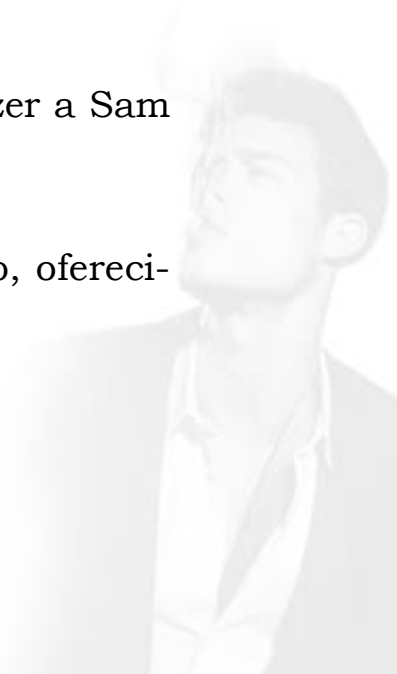
Aisling

— Você acha que ele está bem? Devemos chamar a polícia? — Minha mãe rasgou seu croissant em pedaços minúsculos em seu prato florido, demolindo a pobre massa. — Meu cabelo está bom?

Sentei-me à mesa, olhando para o meu mingau de aveia como se tivesse me ofendido de alguma forma profunda. Eu não queria que *Athair* lidasse com Sam sozinho, mas ele insistiu, e considerando o fato de que ele era a principal vítima do plano vicioso de Sam – um plano que eu seguia de perto sem contar a ninguém da minha família – eu tendia a concordar com ele.

Além disso, não havia nada que eu pudesse dizer a Sam que já não tivesse dito.

Confessei meu amor por ele, dei-lhe meu corpo, ofereci-lhe minha alma, procurei-o repetidas vezes.



Eu precisava juntar o que restava do meu orgulho e seguir em frente com minha vida.

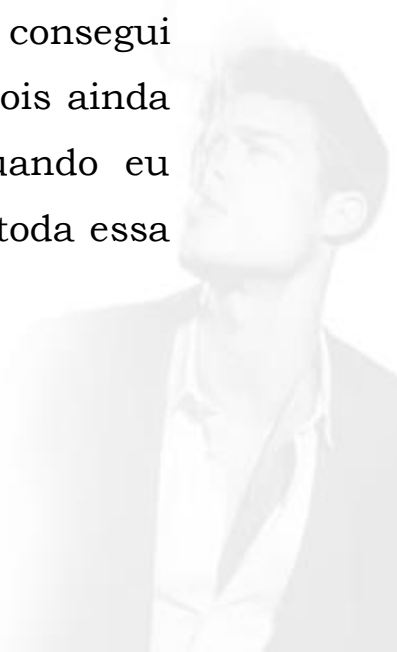
— Papai vai ficar bem, — eu disse pouco convencida, tomando um gole do meu suco de laranja espremido na hora. — E seu cabelo está ótimo.

— E se ele o matar? — Minha mãe bateu com a mão no peito. — Não me entenda mal, agradeço tudo o que você fez por nós, descobrindo tudo isso, Aisling, mas talvez isso devesse ter sido tratado pela polícia.

— Samuel Brennan teria massacrado Da se ele trouxesse policiais para seu clube, e você e eu sabemos disso.

Os dedos de mamãe dedilharam seu colar Swarovski, deixando escapar algo entre um gemido e um grunhido. A porta atrás das minhas costas se abriu. Eu não tive que me virar para ver quem era. Meu pai entrou com passos pesados e vacilantes. Foi a primeira vez que ele viu minha mãe em semanas.

Depois da minha ideia de armar Barbara como uma armadilha para Sam e colocar nosso plano em ação, fiz meus pais conversarem um pouco ao telefone, mas não consegui fazer com que se encontrassem pessoalmente. Os dois ainda estavam cautelosos um com o outro, mesmo quando eu claramente estabeleci que o único jogador sujo em toda essa situação era Sam.



— Olá, Jane. — Meu pai parou de repente para olhar minha mãe.

Ambos perderam muito peso e vitalidade nas últimas semanas, era quase como olhar para seus fantasmas.

Isso me atingiu como um tijolo naquele momento. Como o amor era como Lady Masquerade. Pode assumir muitas faces. Meus pais se traíram. Eles mentiram, se apunhalaram pelas costas e não conseguiram se comunicar. Ainda assim, eles não suportavam ficar separados.

Eles se amavam à sua maneira, e talvez o amor não fosse uma coisa bonita, afinal. Muitas coisas na vida não eram.

Mamãe se levantou. Os dois se encararam, nenhum deles querendo dizer nada para arruinar este momento precioso e frágil.

— Você parece bem, — Da disse finalmente.

Mamãe pressionou a palma da mão contra a bochecha, realmente corando.

— Mentiroso. Eu estou horrível. Você também.

— Eu também me sinto péssimo. Você estava no hospital.

— Eu estava.

— Senti sua falta, — disse ele.

Ela apontou para a mesa de jantar cheia de doces, aveia e frutas frescas.



— Junte-se a nós no café da manhã?

— Não se importe se eu fizer. — Ele sentou-se em seu assento de costume, empilhando doces em um prato.

Eu não perguntei a ele como foi com Sam. Só seu apetite me disse tudo que eu precisava saber. Meus piores medos e suspeitas sobre meu monstro pessoal se revelaram verdadeiros.

Ele quase arruinou minha família. *Quase*, porque eu não o deixaria.

Mas ele pretendia fazer isso mesmo assim.

Tomei outro gole do meu suco de laranja, estudando Da.

Finalmente, ele balançou a cabeça para olhar para mim.

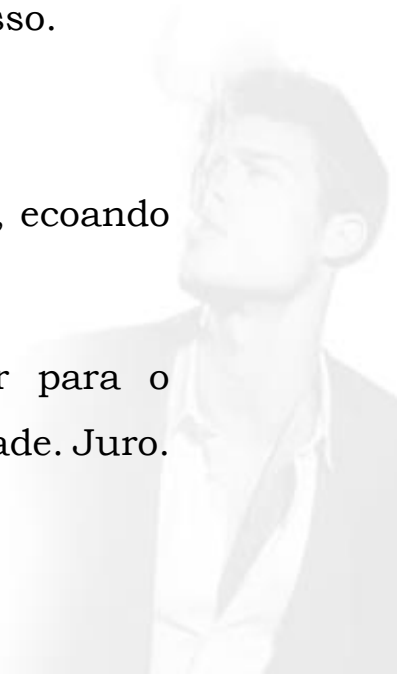
— Você estava certa, Aisling. — Ele colocou uma faca de manteiga manchada de geleia na lateral do prato. — Era ele. As abotoaduras. O envenenamento. As fotos. Barbara, *obviamente*.

Meu coração doeu tanto que parecia que ele o arrancou do meu peito, quebrando algumas costelas no processo.

Por que, Sam, por quê?

— Por quê? — Mamãe perguntou timidamente, ecoando meus pensamentos. Da se virou para olhar para ela.

— Conto logo, querida, quando Aisling sair para o trabalho. Vou te contar a verdade. Nada além da verdade. Juro.



Mas primeiro, eu quero te dizer uma coisa. — Da se voltou para mim.

Sorrindo e tentando o meu melhor para parecer calma, esperei por mais.

— Eu estava errado em forçar você e Samuel a se separarem. Eu pensei que estava te fazendo um favor. Para ser honesto, ainda acho que sim. Seus irmãos e eu soubemos que você gostava dele desde o momento em que o viu, e queríamos alguém melhor para você. Você merecia nada além do melhor. Mas se o que você quer é menos que o melhor, se seu coração deseja Sam... — Ele respirou fundo, como se estivesse prestes a rasgar um band-aid — ...você tem minha permissão para ficar com ele, querida. Não vou ficar no seu caminho e não vou pagar a Sam uma taxa extra para não tocar em você. Você é livre para fazer o que quiser. Francamente, já faz muito tempo, considerando que você está dando sinais de ser a pessoa mais inteligente da família.

Esperei sentir todos os sentimentos que pensei associar a este discurso.

Alívio, felicidade e exaltação.

Mas tudo que pude sentir foi o gosto amargo da ironia explodindo em minha boca.

Porque a aceitação de meu relacionamento com Sam por papai foi um pouco tarde demais.



Sam nunca seria meu. Ele deixou isso perfeitamente claro. Mesmo se ele estivesse aberto a algum tipo de relacionamento, ele não me ofereceria amor, e eu não iria desistir da minha exigência – era tudo ou nada.

Além disso, que tipo de mulher era idiota o suficiente para estar com um homem que desejava ver sua família queimar?

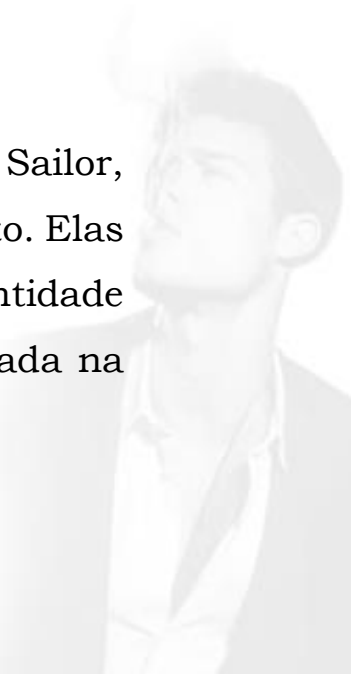
Levantando-me, pedi licença, fazendo uma reverência como a Srta. B havia me ensinado, e dei a eles o momento individual de que precisavam.

— Isso é muito legal da sua parte, *Athair*, e eu agradeço que você finalmente tenha visto o erro em seu caminho, mas temo que isso não importe mais. Não tocarei em Sam, vivo ou morto. Tenha um ótimo dia. — Peguei meu casaco e corri para o frio congelante do inverno.

Para os braços solitários do coração partido.



Mais tarde naquela noite, quando voltei para casa, Sailor, Belle e Persy estavam esperando por mim em meu quarto. Elas estavam vestindo pijamas com tema de Natal. Uma quantidade profana de comida para viagem e vinho estava espalhada na minha cama, fedendo o lugar.



Merde. O Natal estava a apenas alguns dias. Como isso escapou da minha mente?

Não tínhamos feito planos juntas, então fui pega de surpresa pelo encontro espontâneo, mas depois de um longo dia de trabalho, eu não poderia estar exatamente brava com elas por fornecerem uma distração tão necessária.

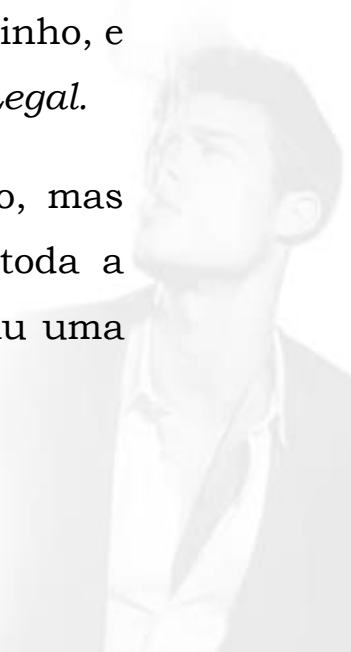
— Oi? — Deixei cair minha mochila, examinando as três amontoadas na minha cama como crianças, assistindo *It's a Wonderful Life*, enchendo a cara com pipoca coberta de bordo.

— Ei, garota! Trouxemos vietnamita. — Persy tamborilou com os hashis sobre as caixas de comida, balançando as sobrancelhas.

— E bom humor, — acrescentou Sailor, mostrando-me exatamente o que ela queria dizer acenando com uma garrafa de gim. Eu ri.

— E insinuações sexuais, — Belle murmurou com a boca cheia de pipoca. — Mas primeiro tome um banho e junte-se a nós na celebração pré-natalina. Essas cadelas não acorrentavam seus maridos aos berços de seus bebês por nada. — Ela jogou um pijama combinando no meu caminho, e notei que havia letras vermelhas no tecido verde: *69% Legal*.

Corri para o banheiro e tomei um banho rápido, mas fumegante. Quando saí, elas já estavam colocando toda a comida no chão, inclusive pratos e talheres. Belle abriu uma



garrafa de champanhe, deixando o gim fechado atrás das costas. Eu fiz uma careta.

— Estamos comemorando alguma coisa? Você finalmente vendeu Madame Mayhem?

Belle era dona de uma boate, muito diferente da que Sam dirigia. Recentemente, porém, ela queria vendê-la e fazer uma busca pessoal em todo o mundo. Viajar por aí. Ver as coisas. Provar as coisas. Ela sempre foi contra a corrente, sempre fez as coisas do seu jeito – independentemente. Belle negou com a cabeça.

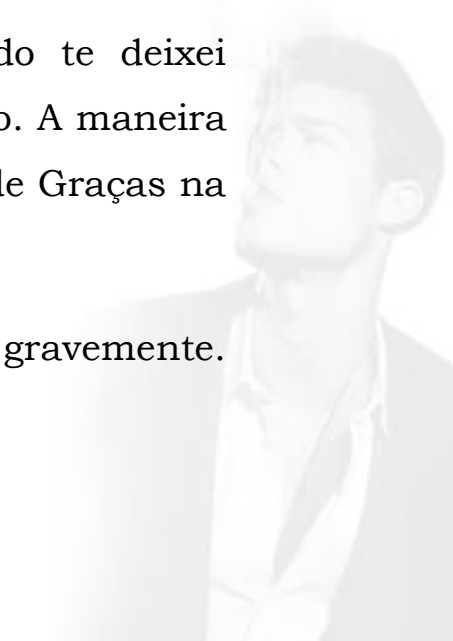
— Isso não tem nada a ver comigo.

— O que está acontecendo? — Eu olhei entre elas. Tive a impressão de que estava sendo emboscada e, depois da manhã de hoje – depois de desistir do meu sonho de estar com Sam de uma vez por todas – não estava com vontade de receber uma palestra.

Belle suspirou, jogando seu cabelo loiro sobre um ombro.

— Eu deveria ter sido mais observadora, foi o que aconteceu. Eu sinto muito. Esta semana, a moeda finalmente caiu. Noite de Halloween em Badlands, quando te deixei sozinha lá. Então Sam pediu à Sailor seu número. A maneira como vocês dois desapareceram no Dia de Ação de Graças na mesma hora... — ela parou.

— Olha, Aisling, nós sabemos, — disse Sailor gravemente.



Não havíamos desaparecido exatamente ao mesmo tempo. Sam tinha me seguido sem meu conhecimento. Pisquei, esperando o outro sapato cair. Quanto elas realmente sabiam? Sempre tive o cuidado de não contar às minhas amigas nada sobre o que aconteceu com Sam. Eu sabia o quão improvável era que algo real surgisse disso, e não queria ser julgada. Mais do que eu já era, de qualquer maneira.

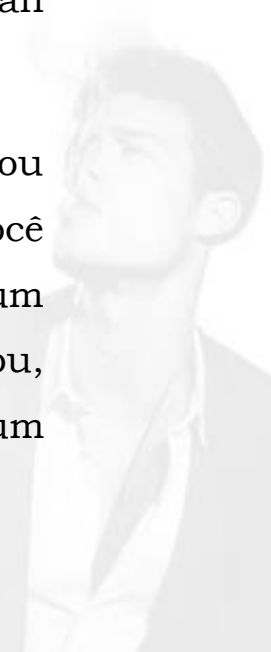
— Você está tendo um caso com ele, — Sailor disse categoricamente. — Com meu irmão. Sam Brennan. Extraordinário subchefe. O homem mais implacável de Boston. Eu deveria saber. Ele sempre se recusou a falar sobre você, mas, recentemente, ele se torna quase sensível toda vez que seu nome é mencionado.

Sensível? Tive vontade de rir. Certamente não. Ele não se importava. Ele tinha deixado isso bem claro.

— Não, — eu disse categoricamente, aliviada por elas não saberem mais. — Não estou tendo um caso com Sam Brennan.

— Sente-se — pediu Persy, batendo em um ponto no tapete ao lado dela. — E você não precisa mentir para nós. Tudo bem. Deus sabe que fiz minha parte em perseguir Cillian quando começamos. — Ela suspirou melancolicamente.

— Não é o mesmo. Cillian perseguiu você e então a forçou a se casar. O grão de necessidade sempre esteve lá. Você ajudou a florescer em um jardim magnífico, mas ele foi um participante disposto o tempo todo, — Belle apontou, despejando uma massa de macarrão, carne e vegetais em um



prato, em seguida, entregando-o para mim. — Não vamos adoçar, Ash. Estamos preocupadas com você. Sam Brennan é um tipo de homem mais-do-que-você-pode-mastigar.

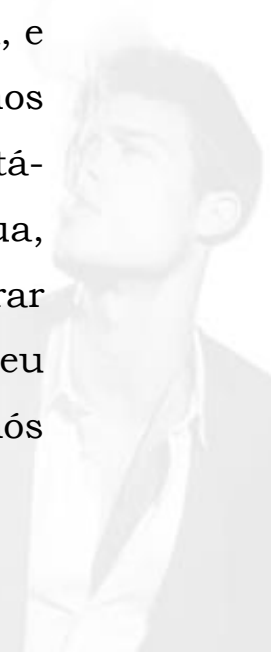
— Também temos algo para lhe contar. — Sailor mordeu o lábio inferior, olhando para a comida. Afundei no tapete ao lado de Persy, meus olhos vagando entre todas elas enquanto o buraco em meu estômago ficava mais profundo e escuro, como se me preparando para a dor que estava por vir.

— Algo que provavelmente deveríamos ter dito a você há muito tempo, — acrescentou Persy, engolindo um macarrão entre os lábios rosados de cupido.

Oh, *merde*. Eu não poderia lidar com mais nenhuma má notícia ou revelação sensacional hoje. Eu já sentia como se meu coração estivesse na minha garganta, pronto para ser vomitado a qualquer minuto.

— O que é? — Eu perguntei.

— Na noite em que te conhecemos... — Sailor pigarreou, corrigindo enquanto mastigava seu brócolis — ...lembra quando todas nós fizemos um pacto de que só nos casaríamos por amor? Nem por dinheiro, nem por poder, nem por fama, e não porque parecia a coisa mais segura a se fazer. Temos apenas oitenta ou mais anos neste planeta, e seria tolice gastá-los com alguém menos do que fenomenal. Bem, a ideia foi sua, por isso pensamos que seria injusto tentar persuadi-la a parar de ansiar por Sam. Afinal, você estava indo atrás do seu próprio coração. Fazendo o que você prega. Mas... nós

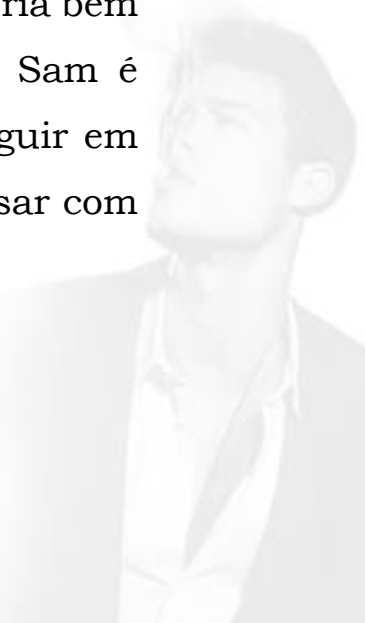


conversamos, Ash. E todas nós pensamos que essa aposta não foi pensada. Às vezes... bem, às vezes não é tão ruim deixar ir. — Sailor mordiscou o brócolis nervosamente.

Fiz o meu melhor para não rir disso. Elas tiveram longas conversas sobre minha obsessão por Sam. Pelas minhas costas. Sempre soube que Sailor, Emmabelle e Persephone eram uma unidade e eu era uma adição. Um epílogo bônus para um livro já perfeitamente acabado. Todas elas se conheceram na escola primária, enquanto eu fui adicionada à sua gangue de garotas quando tinha dezessete anos. Naquela época, elas eram melhores amigas por muito tempo e alcançavam todos os marcos juntas: primeiro período, primeiro beijo, primeiro cara, primeiro amor, primeiro desgosto. Emmabelle e Persephone eram irmãs, com Belle sendo a mais velha. E Sailor? Sailor era como a gêmea de Persy.

Elas não me falaram sobre o pacto porque não pensaram em me incluir nele.

— E eu amo Sam de todo o coração, — Sailor continuou, — Quero dizer, como eu não poderia? Ele é meu irmão mais velho, o garoto que espantou os monstros quando eu era criança antes de se tornar um deles. Mas eu nunca viveria bem comigo mesma se não tirasse isso do meu sistema. Sam é incapaz de amar, Ash. E acho que é hora de você seguir em frente. Você não pode se casar por amor se você se casar com ele, porque ele não é do tipo amoroso.



— Sem falar que Sam não quer se casar. Ele diz isso o tempo todo. Também se vangloria disso, — Persy apontou acaloradamente, e eu sabia que seus corações estavam no lugar certo, mas eu não precisava ouvir isso agora.

— Eu não estou tendo um caso, — voltei a repetir, embora a temperatura do meu corpo tenha subido de forma constante. Elas estavam me tratando com condescendência. Novamente.

— Querida, não estou dizendo que você não pode tirar ele do seu sistema mais algumas vezes. — Belle jogou seus braços em volta dos meus ombros, me pressionando em um abraço. Meu prato quase tombou, parte do conteúdo espirrando no carpete. — Apenas certifique-se de saber que ele não é seu para sempre. Você é romântica, como Persy.

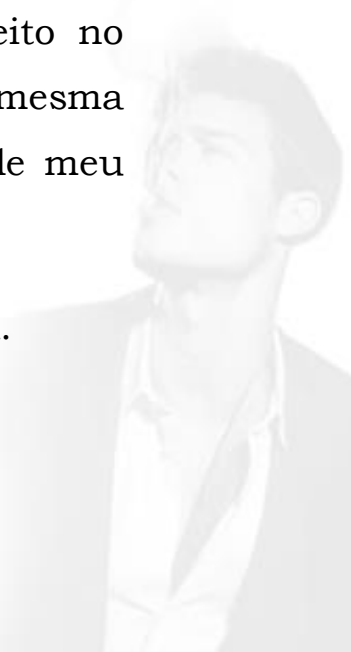
— Sim. Apenas guarde o seu coração. — Sailor sorriu sem jeito. — Você sabe? Porque o amor...

— Sim, eu sei, — eu mordi, afastando-me de Belle. — Amor não é algo que seu irmão tem a oferecer. Então, você já mencionou. Suponho que não importa se eu repetir pela terceira vez que não vou dormir com ele?

Tecnicamente falando, eu não iria. Eu tinha feito no passado, mas terminei as coisas, chegando à mesma conclusão que elas – uma década depois de dar a ele meu coração em um passeio de túnel de monstros.

Belle me lançou um olhar de pena. — Oh, querida.

Foi isso.



Eu surtei.

Fiquei de pé, jogando meu prato no ar.

— Deixe-me ver se entendi, vocês encenaram toda uma intervenção porque pensaram que eu estava tendo um caso com Sam e não poderia lidar com ele? — Eu ri incrédula, meus dentes cerrados de raiva.

Sailor estremeceu. — Eu não diria que não consiga lidar com...

Eu apertei a ponta do meu nariz, desejando tomar uma respiração profunda e purificadora.

Dentro. Fora. É isso.

Não. Não funcionou.

— Tudo bem, vamos ver sobre sua grama verde, vamos? — Abri meus braços teatralmente, fazendo um show disso. — A começar por você, toda-poderosa Sailor, a primeira de nós a se casar. Posso te lembrar que seu relacionamento começou quando você era *babá* de Hunter? Porque isso aconteceu totalmente. Você estava encarregada de mantê-lo na linha porque seu pau não deveria ser deixado sem supervisão por mais de cinco minutos. Conheci *crianças* com mais autocontrole do que o pau de Hunter antes de ele conhecer você; ele dificilmente era material para casamento. Isso não a impediu de assumir um compromisso com ele. E você... — Virei-me para Persy, que se encolheu visivelmente.

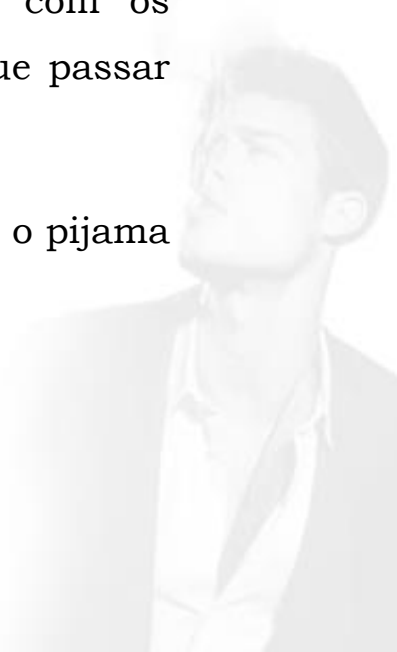


Ela era a menos crítica das minhas amigas, mas ela não era branca como um lírio ou inocente. — Você foi literalmente *comprada* pelo meu irmão, como gado. Na verdade, apague isso, ele conduz mais pesquisas antes de comprar um novinho. Ele tratou você horrivelmente por meses. Você o domou como se doma um cavalo rebelde. Através de provações e tribulações. Você deve saber melhor do que ninguém que as éguas mais teimosas são as melhores companheiras de montaria, uma vez que você as domina. E, é claro, há você, Belle... — Virei-me para Belle, sorrindo docemente para ela.

De todas as nossas amigas, Belle e eu éramos o par mais improvável e também o mais próximo. Provavelmente porque éramos as únicas ainda solteiras.

— Você não pode nem mesmo soletrar a palavra 'relacionamento', muito menos fazer um funcionar. Você está morrendo de medo do amor, por qualquer motivo, e nunca permitiu que alguém entrasse em seu coração desde que a conheci. Quem são vocês para me dizer onde meu relacionamento – ou a falta dele – está indo? Vocês sabem melhor do que ninguém que começos irregulares não garantem uma jornada terrível. Na verdade, os caminhos com os melhores cenários são aqueles em que você tem que passar pela lama.

Quando terminei, estava ofegante e suando sob o pijama de flanela.

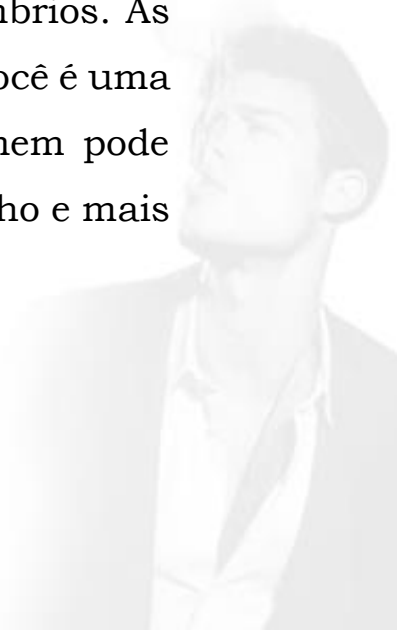


Perdi todo o apetite pela comida pronta, e até mesmo a sessão de farra do filme de Natal parecia desagradável. — Eu gostaria que vocês saíssem agora... — Cruzei os braços sobre o peito, mudando meu peso de um pé para o outro — ...por favor.

Persy foi a primeira a obedecer. Ela alisou os pijamas, os olhos cheios de lágrimas. — Você está certa, — ela sussurrou. — Não temos ideia do que está acontecendo entre você e Sam. Em nossa busca para tentar protegê-la, temos pressionado você, menosprezado. — Ela olhou ao redor em busca de apoio e o encontrou em Sailor e Belle, que assentiram, levantando-se também.

— Reformar homens maus parece ser o tema de nossa gangue de garotas. — Sailor sorriu torto, e naquele momento, eu poderia jurar que mesmo que eles não compartilhassem DNA, ela era toda Sam. Os mesmos maneirismos e sorriso torto. — Então, eu realmente não tenho certeza de por que estamos preocupadas com você.

— Acontece que você também está irritantemente certa. — Belle revirou os olhos com um bufo. — Todas nós temos nossa bagagem de dez toneladas. Nossos medos sombrios. As coisas que nos tornaram quem somos hoje. E daí se você é uma mulher de um homem só? Pelo menos aquele homem pode vestir e ficar bem em um sobretudo, é alto ‘pra’ caralho e mais rico do que o pecado.



— Vamos começar de novo, — Sailor disse hesitantemente. — Desta vez sem o festival de juízes. Ash, você gostaria de passar uma noite juntas? Só comer besteira, ficar bêbadas, assistir TV e compartilhar um chá que não tem nada a ver com o líquido quente?

Sorri suavemente, sentindo como se uma pedra tivesse sido tirada do meu coração, e foram minhas amigas que a empurraram através do trabalho em equipe.

— Eu gostaria disso, obrigada.

E assim, sabia que não iria mais receber merda pelo que aconteceu ou não com Sam.



Quatorze



Sam

Os Brennans e os Fitzpatricks não celebraram o Natal juntos naquele ano pela primeira vez em uma década.

Sailor elegantemente abordou o assunto depois que o convite de Jane e Gerald chegou em sua casa, excluindo o de Troy, Sparrow e meu nome.

Foi durante o jantar de Natal, com Hunter parecendo tão emo que fez aquele idiota do Panic! At The Disco⁷³ correr pelo seu dinheiro.

— O que você fez, seu filho da puta classe A? — Sailor atirou flechas venenosas sobre a mesa com seus olhos verde-musgo.

Sem nenhuma vontade de discutir o assunto publicamente, coloquei inhame morno na boca.

⁷³ Banda de rock dos Estados Unidos formada em 2004 em Las Vegas, Nevada.



— Com o que você se importa? Salvei você de uma noite de tédio na casa dos Fitzpatricks.

— Em primeiro lugar, é da minha família que você está falando, — Hunter declarou a porra do óbvio, como de costume. — Em segundo lugar, eu estava ansioso para ver Cillian e Ash.

— Você é bem-vindo para se juntar a eles, Hunter. Ninguém está forçando você a estar aqui, — Troy disse com naturalidade, embora eu soubesse que ele ainda estava chateado comigo por estragar toda a Operação Gerald.

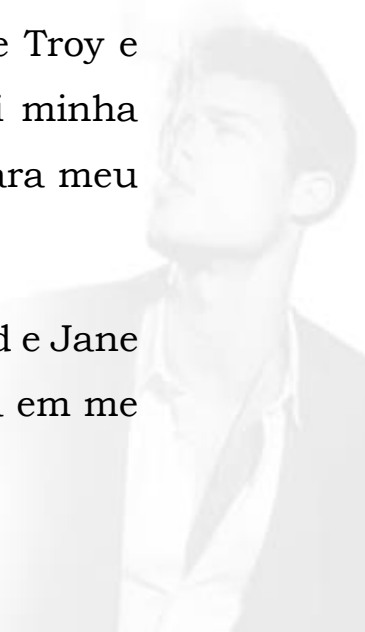
Eu dei à Nix alguns dias para chegar a um acordo com o que tinha acontecido entre seu pai e eu, deixando-a esfriar. Ela estava chateada. Isso era um fato. Mas ela iria superar isso.

Eu a imaginei tomada de alegria quando eu dissesse a ela que aceitaria a ideia de estar com ela.

Esta noite, eu tinha toda a intenção de acabar com esse absurdo e reivindicá-la.

Conforme a noite se desenrolava e Hunter bebia a gemada como se fosse uísque vintage, enquanto Sailor cuidava de seus filhos para garantir que nenhum deles pegasse fogo, e Troy e Sparrow pareciam prontos para se despirem, entendi minha deixa e disse meu adeus. Em vez de dirigir de volta para meu apartamento, fui direto para Avebury Court Manor.

Eu não era tão burro a ponto de pensar que Gerald e Jane Fitzpatrick compartilhariam o entusiasmo de sua filha em me



ver em sua porta. Isso me serviu muito bem. Eu era mais do que capaz de subir em janelas, o que de acordo com todos os filmes e programas que eu definitivamente *não* assisti com *Sailor* e *Sparrow*, era considerado desesperadoramente romântico.

Nix era uma romântica.

Eu estava na melhor forma da minha vida.

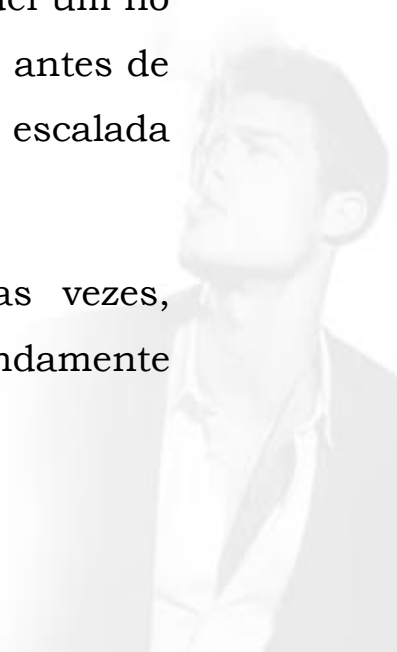
Isso não era acéfalo.

Estacionando em frente à mansão, percebi que as luzes já estavam apagadas. Os Fitzpatricks encerraram o Natal mais cedo. Contornei sua casa, detectando a janela de Nix. A luz foi desligada lá também.

Entrar no quarto dela era como tirar doce de um bebê. Avebury Court Manor foi construída baixa e espalhada em vez de alta e estreita. E havia colunas fodidas em todos os lugares. A neve não era ideal. Então, novamente, eu consegui escalar meu caminho para lugares em condições piores.

Eu joguei uma corda sobre o corrimão entre sua janela e uma das colunas, e quando ela caiu do outro lado, dei um nó apertado, puxando-a para garantir que estava firme antes de subir na coluna enquanto segurava a corda, estilo de escalada em rocha.

Quando cheguei à sua janela, bati algumas vezes, espiando pelo vidro duplo. Ela estava profundamente



adormecida, imóvel em sua cama, seu cabelo de meia-noite espalhado sobre seus ombros e rosto. Um anjo negro.

Bati na janela novamente, observando enquanto ela acordava, seus cílios tremulando antes de balançar suas pernas longas e magras sobre a cama e caminhar em direção à sua porta.

Pela terceira vez, bati na janela, exasperado. Certeza que Romeu não teve que lidar com uma mulher que tinha a audição de uma porra de fritadeira.

Ela saltou de surpresa, virando-se, seus olhos encontrando os meus do outro lado do cômodo. Quando a visão de mim foi registrada, ela correu em direção à janela.

Garota esperta.

Nix estava voltando para os braços de seu monstro favorito.

Ela destrancou a janela e, com um movimento rápido, colocou as mãos nos meus ombros e me empurrou com toda a força, fazendo-me voar de volta para baixo. Rápido, agarrei-me à calha, pendurando-me nela para salvar a vida, minhas pernas balançando no ar.

— Feliz Natal para você também. Vejo que você decidiu me presentear com uma vadia louca este ano. Eu vou levar.

— Você esperava um presente? — Ela cuspiu de algum lugar acima da minha cabeça, parecendo... bem, não tão feliz



quanto eu pensei que ela ficaria em me ver. — O que diabos você está fazendo aqui, Brennan?

Felizmente, coloquei muito esforço para garantir que minha parte superior do corpo estivesse forte e fiz exercícios de suspensão e flexões com Mitchell quatro vezes por semana, então eu sabia que, contanto que a calha não fosse se dividir em duas, eu poderia esperar um pouco.

Claro, eu posso perder meus dedos no processo por causa da porra do congelamento.

— Bem, achei que seria uma boa hora para conversar agora, depois de processar tudo o que aconteceu.

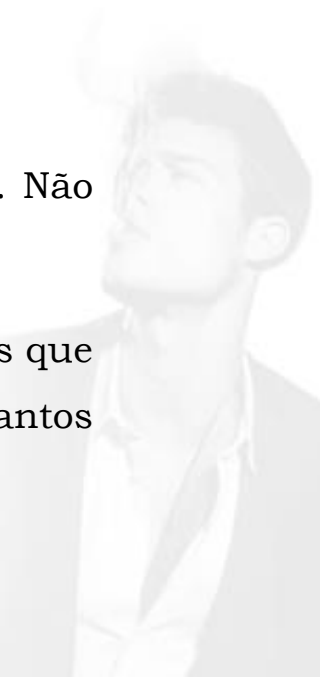
Eu estava obcecado por ela. Isso não fazia nenhum sentido. Você não deveria ansiar pelo que lhe foi oferecido em abundância.

— Você quer dizer que esfaqueou minha família e a mim, tornando minha vida um inferno, causando a quase destruição do casamento dos meus pais e trazendo sobre nós uma destruição que levaria décadas para reconstruir emocionalmente?

Quando ela colocou *dessa* forma...

— Cresça, Nix. Brinquei um pouco com seu papai. Não teve nada a ver com você.

— Tinha *tudo* a ver comigo! Você magoou as pessoas que eu amo e pelas quais mais me importo, sabendo quantos



problemas eu tive com minha mãe e sobre seu estado mental, e você escondeu isso de mim.

— Tive um bom motivo — resmunguei, levantando-me e me acomodando no telhado do lado de fora da janela dela como um cachorro, já que ela não me deixava entrar. Aisling cruzou os braços, arqueando uma sobrancelha. Ela usava um pijama de flanela horrível com furões. Eu sabia que ela costumava ter um furão – Shelly – e me perguntei como diabos acabei sendo consumido por uma mulher que, apesar de suas declarações de amor por mim, nunca tentou mudar sua estranheza peculiar para se encaixar no molde e me agradar.

— Ah, você tinha um motivo. — Ela bateu palmas sarcasticamente. — Isso deve ser bom. Vamos ouvir isso.

— Seu pai teve um caso com minha mãe biológica.

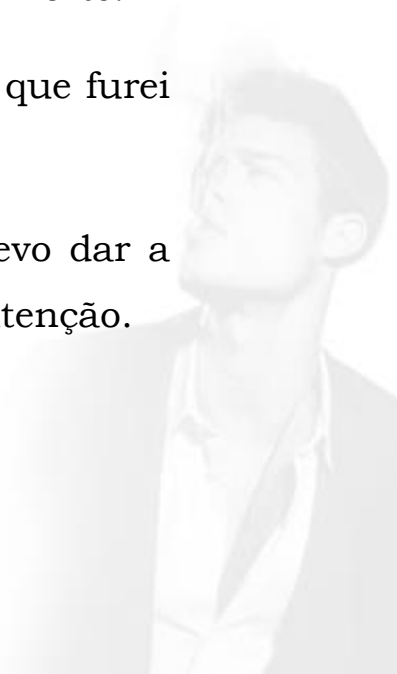
— Assim como o resto de Boston. *Supostamente*, — ela demorou. — Ela não trabalhava na profissão mais antiga do mundo?

Ignorando seu sarcasmo, avancei com a história que estava francamente começando a me aborrecer até a morte.

— Mais cedo este ano, em novembro, o dia em que furei com você...

— Outro excelente exemplo de por que não devo dar a você alguma importância, — acrescentou ela, — *ou* atenção.

Cerrei meus dentes, tentando manter a calma.



— Eu não apareci porque Catalina morreu, e eu precisava voar para Atlanta para resolver sua merda. Encontrei algumas cartas que ela escreveu para seu pai. Cartas nas quais ela o acusava de engravidá-la e, em seguida, fazer com que ela abortasse ao espancá-la. Ela alegou que foi ele quem a forçou a me abandonar quando partiu.

Isso a impediu de lançar outra observação inútil para mim. A pele já leitosa de Aisling empalideceu ainda mais. Ela deu um passo para trás, mordendo o lábio para evitar que sua boca caísse em choque. Eu levantei a mão, balançando minha cabeça.

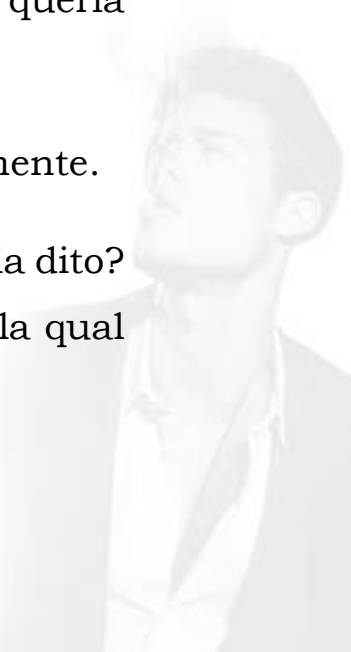
— Nós estamos... — ela limpou a garganta — ...relacionados?

Eu estava muito perto de cair de seu telhado e quebrar minha espinha.

— O quê? Ah, porra, não, querida. Eu estaria vomitando baldes no próximo ano se fosse esse o caso. Sem ofensa. O caso deles aconteceu muito depois que eu nasci. O que quero dizer é que discuti isso com seu pai. A maior parte não era verdade, mas parte era. De qualquer forma, era por isso que eu queria torturá-lo.

— Você poderia ter me contado, — ela disse finalmente.

— Não, eu não poderia, — eu gemi. — O que eu teria dito? “Ah, a propósito, sou responsável por toda a merda pela qual



sua família está passando. Agora deve ser uma boa hora para colocar meu pau na sua boca.”

— Não precisa ser grosseiro.

— Olha, sinto muito que tenha acontecido assim. Não me desculpo com frequência – correção, não me desculpo de forma *alguma* – então sugiro que você pegue, siga em frente e aceite. Vim aqui hoje com uma proposta que acho que você gostaria muito.

Ela franziu os lábios carnudos em insatisfação, e novamente eu me odiei por considerá-la garantida todos esses anos. Mesmo quando eu não a toquei, eu sabia que ela estava lá, esperando por mim, fantasiando sobre mim. Era quase tão bom quanto tê-la. Sabendo que eu *poderia*.

Agora, parecia que ela queria terminar o trabalho que a Bratva começou naquela noite em que ela fugiu da cabana.

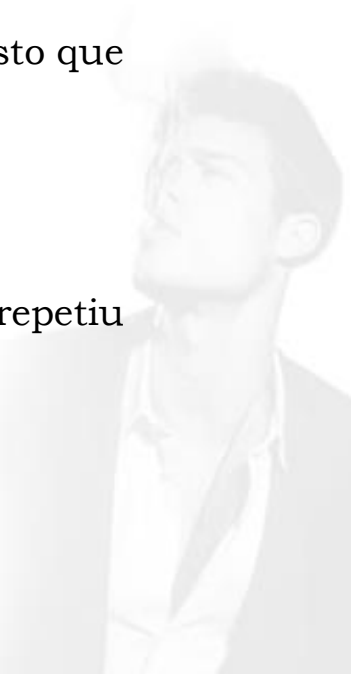
— Uma proposta? — Ela perguntou.

— Estou pronto para levar nosso relacionamento para o próximo nível.

— Temo que você tenha que soletrar para mim, visto que com você também pode significar sexo anal.

Eu ri. — Estou disposto a ter você.

— Você está disposto a me ter, — ela repetiu categoricamente.



— Sim. Qualquer porra que seja. Namorada? Parceira? Qual é o termo correto para pessoas com mais de 25 anos?

— Eu não sei, e eu não me importo. Eu não sou sua nada, Brennan. Você teve sua chance. Você estragou isso. Esperei dez anos inteiros que você me tornasse sua. Tudo que você precisava fazer era me dar atenção. Há tanto tempo que te desejo, nem me lembro como é *não* te querer. Bem, estou prestes a descobrir.

Ela não me queria.

Nunca havia levado um cenário como esse em consideração.

O amor de Nix sempre esteve em segundo plano para mim. Disponível e pronto quando eu estava.

Agora, eu estraguei tudo e precisava lidar com as consequências.

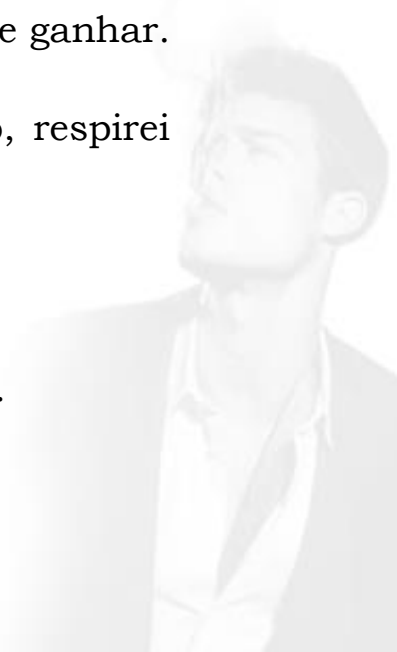
— Não sou o tipo de cara que aceita um não como resposta, — avisei, falando sério.

— Eu não sou o tipo de garota que dá a mínima para que tipo de cara você é. Você me quer, você vai ter que me ganhar.

Sentindo meu queixo latejar de aborrecimento, respirei fundo.

— Isso deve ser fácil. Eu só ganho.

— Você vai ter que me *perseguir*, — ela corrigiu.



— Eu não persigo, — eu a lembrei baixinho.

— Bem, então eu acho que você não vai me ter. Trabalhe por isso. Trate-me como seu igual. Não. Sabe o quê? Trate-me como seu melhor. Porque eu sou. Eu sei que você odeia mulheres. Eu sei que você desconfia delas, mas infelizmente para você, eu sou uma delas. Não vou aceitar nada menos que um conto de fadas, Brennan, mesmo que seja com o monstro da história.

Estupefato, eu a encarei, esperando... o que exatamente? Ela mudar de ideia? Ela não ia. Ela queria a porra de um conto de fadas, e até agora eu dei a ela um pesadelo com um lado da traição.

— Agora saia, — ela disse afetadamente.

— Nix...

Ela bateu a janela na minha cara, fechando as cortinas para garantir.

Ela me expulsou.

Fez novas regras para o nosso jogo.

Agora eu precisava jogar com elas ou admitir a derrota.



A primeira coisa que fiz quando voltei para o meu apartamento foi abrir a porta da despensa, quase a arrancando das dobradiças. Não havia muita comida ali. E por 'muita' eu quis dizer nada. Não havia comida lá, ponto final. Apenas maços e mais maços de Marlboros importados da Europa, porque os cigarros americanos tinham gosto de peido queimando.

Fiquei olhando para as pilhas e mais pilhas do que Aisling chamava de gravetos de câncer, perguntando-me se eu realmente estava prestes a fazer o que estava prestes a fazer.

Eu estava.

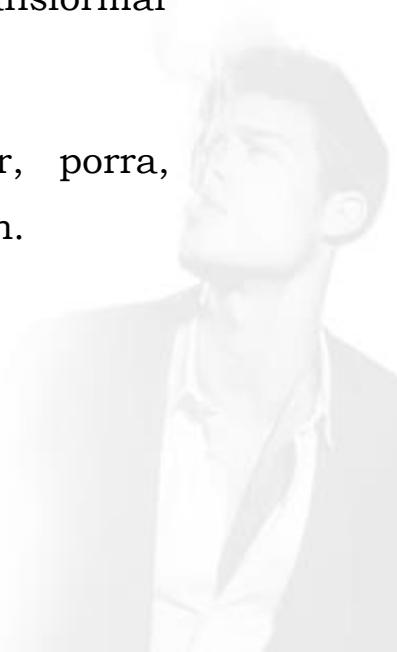
Foda-se. Eu levei seis balas em minha vida. Eu poderia fazer isso.

Peguei todos os pacotes e os coloquei em quatro sacos de reciclagem, incluindo o pacote que estava no meu bolso, e joguei tudo na lixeira do prédio.

Então voltei para cima e olhei para o cinzeiro vazio na minha mesa de centro.

Provar a Aisling que a levei a sério pode se transformar em minha ideia de pesadelo.

E que Deus me ajude, é melhor ela vir, porra, rapidamente ou cabeças rolariam nas ruas de Boston.



Quinze



Aisling

Meu telefone começou a tocar no bolso da minha saia enquanto eu abraçava a Sra. Martinez em despedida na porta da clínica. Puxando-o para fora, fiquei surpresa ao ver o nome de Sam piscando na tela. Eu tinha guardado o número dele daquela vez que ele veio com seus soldados feridos para o caso, mas nunca esperei que ele me ligasse. Tracei uma linha firme entre otimismo e estupidez, e esse parecia ser o limite para isso.

O que ele queria?

— Tudo certo? — O rosto da Sra. Martinez turvou enquanto ela absorvia minha expressão. Seu cabelo havia começado a crescer novamente, fofo e espalhado sobre sua cabeça como pequenas nuvens, agora que ela havia interrompido seus tratamentos de quimioterapia. Ela estava se sentindo melhor. Às vezes funcionava assim depois da quimio. Ela optou por parar porque seu médico disse que não havia esperança de remissão. Mas agora tínhamos uma nova

esperança. Ela estava tomando um medicamento experimental que deveria reduzir o tumor em seu pâncreas.

Eu estava esperançosa de que ela pudesse viver uma vida confortável por meses, talvez até alguns anos.

— Sim. — Eu sorri brilhantemente, balançando a cabeça enquanto eu quase a empurrava para fora da porta. — Desculpe. Eu só tive um momento lá. Tudo está bem.

— Você sabe... — Ela parou, cravando os calcanhares no chão, sorrindo. — Eu nunca perguntei se você é casada. Você é, Dra. F?

Eu não tinha dado a nenhum de meus pacientes meu nome completo verdadeiro. Eu precisava tomar medidas de segurança para garantir que meus rastros fossem cobertos caso as coisas dessem errado.

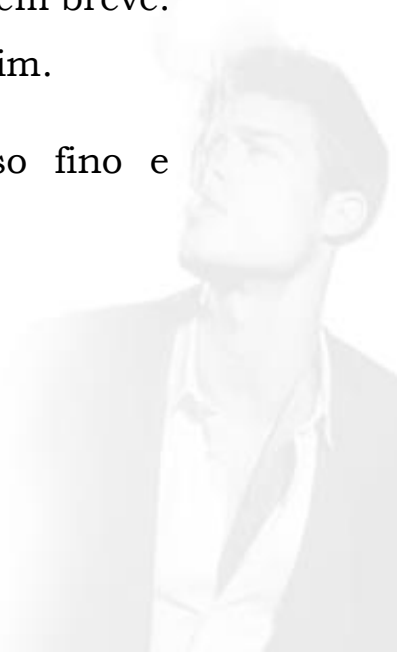
— Nem mesmo remotamente. — Meus dedos se apertaram ao redor do meu telefone, que continuava zumbindo. — Estou morbidamente solteira, infelizmente.

— Hmm. — Ela parecia pensativa. — Não há nada de mórbido em sua situação, querida. Você vai se casar em breve. — A Sra. Martinez piscou. — Eu sei sobre coisas assim.

— Você sabe? — Eu perguntei, meu sorriso fino e distraído.

Por favor, senhora, deixe-me atender isso.

Ela assentiu com entusiasmo.



— Absolutamente. Fui uma adivinha durante toda a minha vida antes de me aposentar. Viajei com o Parque Aquila. Você sabe disso? Eles param todo verão fora da cidade.

O Parque Aquila foi onde aconteceu a parte mais monumental da minha vida. Onde conheci Sam.

— Eu previ que teria câncer, todos os casamentos reais e divórcios, e a ordem exata dos bebês de Kate e William por gênero... — seu peito inchou com orgulho — ...e deixe-me dizer a você, minha querida, você vai se casar e em breve. Talvez até para a pessoa que tentou ligar para você agora. — Ela apontou o queixo para o telefone que eu estava segurando.

Baixei meus olhos para ele e percebi que perdi a chamada.

— Não se preocupe. — A Sra. Martinez ficou na ponta dos pés, beijando minha bochecha. — Ele ligará novamente. Ele tem algo importante para lhe contar. Adeus.

Fechei a porta atrás dela, franzindo a testa para o meu telefone, desejando que ele tocasse novamente.

Com certeza, tocou.

Ele tem algo importante para lhe contar.

Passando o dedo pela tela, recebi a ligação.

— O que você quer? — Coloquei o tom mais entediado que pude encontrar em meu arsenal de vozes.



— Você, espalhada na minha cama, vestindo nada além de chantilly e minha expressão favorita por-favor-me-fode-Sam, — disse ele sombriamente.

Eu não respondi. Responder a sua brincadeira sugeriria que eu o perdoei.

— Eu preciso de sua ajuda, — ele disse depois de uma batida.

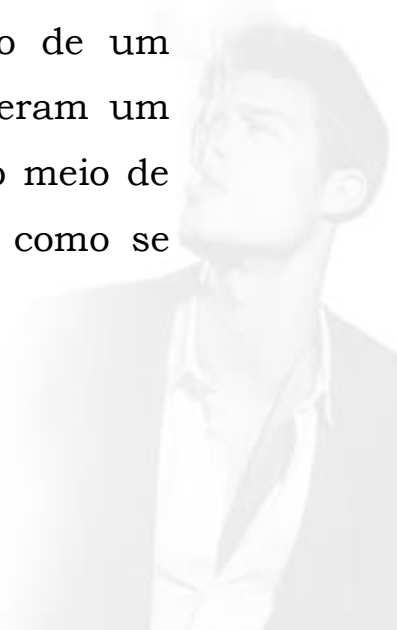
— Você precisa de ajuda... eu posso concordar com isso. Mas não será a minha, Sam. Eu cansei de lhe fazer favores só para ver como você me ferra depois. — Voltei vagarosamente para o meu escritório, prendendo o telefone entre a orelha e o ombro enquanto esfregava as mãos na pia.

— Na verdade, você parece ter um cachorro nesta luta. Lembra daquele garoto russo da noite em que ficamos na cabana?

— Sim, — eu disse imediatamente. Claro que me lembrei dele. Ele me assombrou em meus sonhos. O medo líquido em seus olhos. A maneira como ele tremia e implorava por sua vida. A dor que Sam infligiu a ele quando atirou em seu braço.

— Bem, ele está bem aqui comigo, sofrendo de um ferimento no peito. Raso, eu acho. As coisas correram um pouco para o lado com os russos, e ele foi pego no meio de tudo. — Sam entregou a informação suavemente, como se estivesse lendo opções de comida de um menu.

— Traga-o aqui, — eu ordenei.



— Estamos parando em frente à sua clínica, — ele disse e desligou.

Preparei a mesa de exame para o novo paciente enquanto refletia sobre como Sam era estranho. Ele prometeu que iria me cortejar no Natal, e suponho que ele o fez, à sua maneira. Ele me mandou flores ontem com um bilhete simples e sem assinatura com seu nome, e uma joia, suponho que foi um presente de Natal atrasado.

Mas ele não se encolheu ou implorou. Não veio bater na minha porta.

Ele não estava exatamente me perseguindo. Mais como uma caminhada rápida enquanto faz pausas frequentes para beber água. Ele ainda tinha um longo caminho a percorrer. Mas ele ainda estava em treinamento.

Alguns momentos depois, houve uma batida na porta. Eu abri, encontrando Sam e o garoto russo encostado no homem gigantesco que eu odiava amar.

Inclinei minha cabeça em direção ao meu escritório. Sam me seguiu, arrastando o menino alto e esquelético. Tentei ignorar a beleza aguda do meu monstro favorito. Quão alto, forte e musculoso ele era. O bronzeado profundo de sua pele e aqueles olhos de lua cheia que sempre pareciam tranquilos e frios, como uma noite fresca de dezembro. Havia algo mais sobre ele que eu achei atraente hoje, mas não conseguia definir o que era.



Algo havia mudado, mesmo que fosse sutil.

Sam descarregou o garoto desengonçado na mesa de exame e eu coloquei uma tesoura na camisa do garoto e comecei a cortá-la de seu peito.

— Qual o seu nome? — Eu sorri para o menino.

— Ruslan, — ele respirou, estremecendo enquanto falava, umedecendo os lábios com a língua. — Ruslan Kozlov.

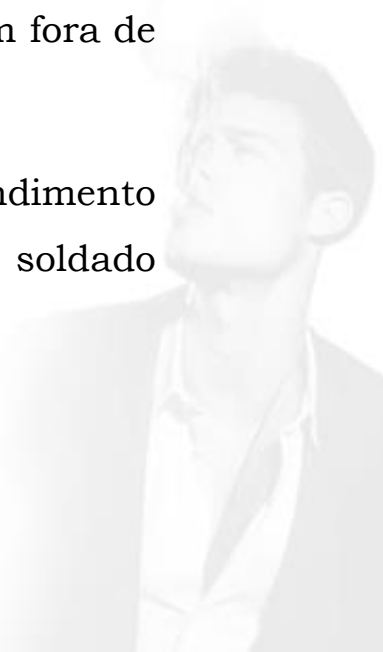
— Quantos anos você tem, Ruslan Kozlov?

— Quatorze. — Seus dentes batiam e algumas espinhas de acne apontavam sangue, provavelmente por causa do estresse. Ele estava pálido como a neve, e eu sabia que ele precisava de uma transfusão de sangue rapidamente.

— Conte-me sobre o ferimento, — murmurei, mantendo a calma enquanto colocava as luvas de látex.

Ele fez. Foi um dos soldados de Sam que atirou nele no território de Bratva – ou no que costumava ser o território deles antes de Sam se intrometer. Ruslan estava cuidando de Vasily Mikhailov, que eu deduzi ser o subchefe local. Sam entrou com sua comitiva para ameaçar Vasily, e as coisas ficaram fora de controle.

— Então, por que Vasily não conseguiu atendimento médico para você? — Eu fiz uma careta. — Você é o soldado dele, não de Sam.



O menino sorriu. — Sim. Mikhailov não é como Brennan. Ele não se preocupa com seus soldados. Ele é um verdadeiro monstro.

Algo quente inundou meu peito. Tentei dizer a mim mesma que não significava nada.

Felizmente, Ruslan conhecia seu tipo de sangue, então pude ligar para um amigo meu da faculdade de medicina que trabalhava no hospital e às vezes – nas raras ocasiões em que pedi a ele – me fornecia unidades de sangue para transfusão. Enviei Sam para buscá-lo com um cooler que eu tinha escondido na clínica enquanto eu ficava e cuidava de Ruslan.

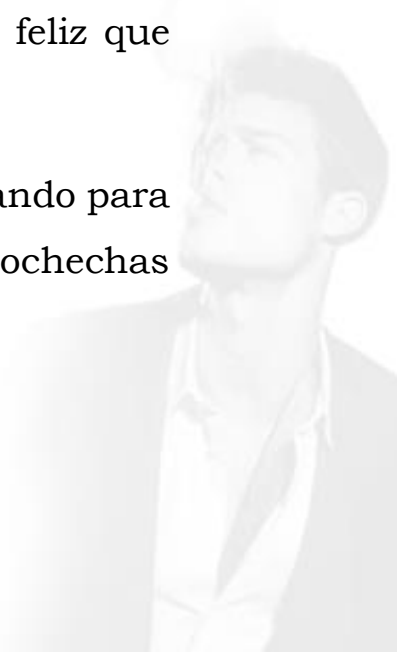
Quando Sam voltou com a doação de sangue, ele queria ficar na sala, mas eu gritei para sair.

Depois de cuidar do ferimento de Ruslan, coloquei sedativos nele e tirei as luvas, juntando-me a Sam na sala de espera. Ele estava sentado no sofá, mexendo no telefone e no cabelo ao mesmo tempo. Ele se levantou em alerta assim que apareci.

— Ele vai ficar bem. — Tentei alisar meu cabelo em algo que se parecesse com um rabo de cavalo. — Estou feliz que você o trouxe, no entanto.

Ele me olhou em silêncio, como se estivesse olhando para mim pela primeira vez. O calor inundando minhas bochechas era insuportável.

— Venha morar comigo, — disse ele de repente.



— O quê? — Minha respiração ficou presa na minha garganta. — O que você está falando? Nós nem tivemos um encontro ainda.

— Um encontro? — Ele cuspiu a palavra como se fosse suja. — Não precisamos ir a encontros. Nós nos conhecemos desde antes de você ter permissão para votar. Estou retomando de onde paramos depois de sua pequena temporada na cabana, Aisling. Não estou começando do zero.

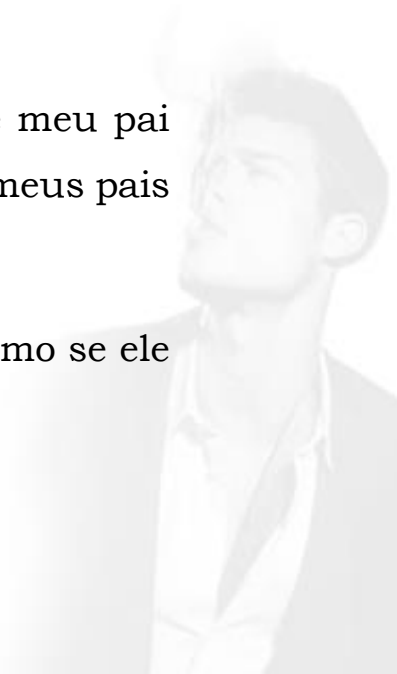
— Você está começando de onde eu quero que você comece ou você não está começando de jeito nenhum, — anunciei, dando a ele um olhar desagradável. — E eu não posso morar com você.

— Por quê? — Ele demandou. — Você quer se mudar. E você deve. Você está beijando os trinta, Nix. Vinte e sete anos não é uma garotinha. E seus pais não precisam mais de uma babá. Eles estão resolvendo suas merdas, como deveriam ter feito há três décadas. Sua mãe está indo para a terapia. Seus irmãos me contaram. A propósito, por nada por aquele empurrãozinho.

Por nada?

Ele agora estava levando o crédito pelo fato de meu pai ter se mudado de volta para Avebury Court Manor e meus pais terem feito terapia juntos? *Irreal.*

Eu dei um passo para trás, olhando para ele como se ele fosse um idiota completo.



— Em primeiro lugar, eles estão fazendo terapia porque você os deixou marcados para o resto da vida, não os empurrou juntos.

— Tanto faz, tanto fez.

— *Em segundo lugar*, — sibilei, — não ganho nenhum dinheiro sozinha e não posso pagar o aluguel.

— Você pagar aluguel nunca estive na porra dos planos, — ele brincou. — Eu sou dono da minha casa.

— Não vou morar de graça.

— Nada neste arranjo é de graça, Aisling. Há um preço alto a pagar quando você está morando com um homem como eu.

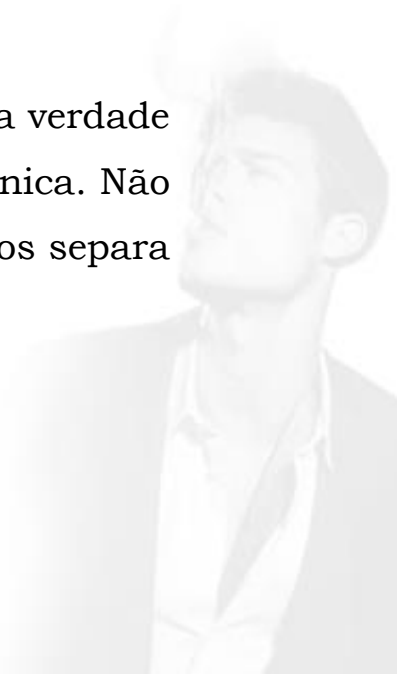
— Você ainda está sendo um porco chauvinista. — Cruzei meus braços sobre meu peito.

Ele deu um passo à frente, cercando-me enquanto afastava uma mosquito da minha bochecha. — Não, Nix, estou pegando o que eu quero. O que é meu. E o que eu mereço.

— Você não me merece.

Ele sorriu. — Eu costumava pensar que isso era verdade também. Aí eu descobri o que você faz aqui nesta clínica. Não somos tão diferentes, você e eu. A única coisa que nos separa é a semântica.

Eu suspirei. — Não se atreva. O que eu faço é...



— Belo. E também *ilegal*. Em uma população saturada, a vida é sempre barata, — ele respondeu, sua respiração soprando em meu rosto, fazendo cada célula do meu corpo formigar de necessidade e antecipação.

— Você ainda está sendo um idiota, — eu o informei.

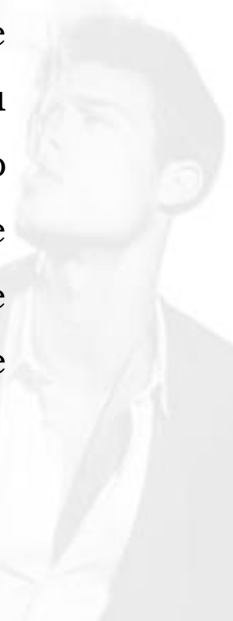
Ele se inclinou para frente, dizendo as palavras enquanto seus lábios traçavam os meus, falando em minha boca. — Eu nunca prometi não ser um idiota. Eu só prometi ser *seu* idiota.

— E quanto a outras mulheres? — Eu estava começando a sentir isso. A maneira como me liquefiz em seus braços. — O que acontece quando você se cansar de mim?

— Eu nunca vou me cansar de você. — Sua língua deslizou entre meus lábios, abrindo-os enquanto ele me beijava profundamente. Eu o deixei, apesar de minhas inibições e meu melhor julgamento, e do fato de que eu sabia que era o oposto do que eu estava tentando fazer.

Fiquei relaxada em seus braços, apreciando a firmeza dele enquanto sua língua rolava ao redor da minha. Seus dedos cravaram em meu crânio, agarrando meu cabelo.

— Todos esses anos, Nix, pensei em você. Toda vez que eu comia outra pessoa. Cada vez que levava alguém ao meu escritório. Eu fechava meus olhos e era você que veria. Então eu me lembraria que sua família nos destruiria se eu tivesse você. Eles nunca deixariam isso voar. Eu me lembraria de como eu foderia sua vida se eu tocasse em você. Se você se



tornasse minha. Se você tivesse conhecimento de todo o sangue que eu derramei. Eu não queria colocar você na minha bagunça, mas agora que eu sei que nós dois somos bagunçados e imperfeitos, isso muda as coisas.

— E você tem a aprovação do meu pai. — Coloquei a mão em seu peito, empurrando-o para longe. — Como?

Ele sorriu. — Acho que seu pai descobriu que estou disposto a ir mais longe para te pegar do que ele está disposto a ir para protegê-la. Ele não é um homem estúpido, Ash. Ele sabe que sempre consigo o que quero. E o que eu quero é a filha dele.

— Seu beijo. — Eu fiz uma careta. — Tinha um gosto diferente.

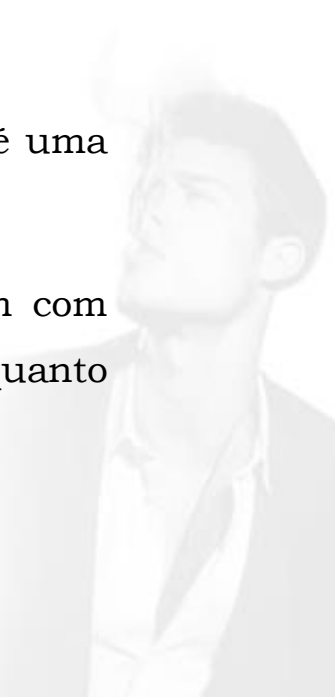
— Eu parei de fumar. — Ele arqueou uma sobrancelha, parecendo mais irritado do que exultante.

— Você fez? — Meu coração deu um salto estranho no meu peito. — Por quê?

— Você disse que odiava. Você disse que não quer sentir como se estivesse beijando um cinzeiro.

— Você deveria ter feito isso porque quer viver até uma idade avançada.

— Bem, isso pode não estar reservado para mim com minha linha de trabalho de qualquer maneira, mas enquanto eu viver, prefiro fazê-lo com você ao meu lado.



Ele disse todas as coisas certas e fez todas as coisas certas e, mesmo assim, não pude perdoá-lo. Agora não. Ainda não. Não quando eu sabia que ele estava tão perto de destruir minha família.

Eu dei um passo para trás, ficando sóbria.

— E quanto ao meu banimento de Badlands? — Eu perguntei. A mudança de assunto parecia tê-lo confundido também, porque ele inclinou a cabeça, examinando-me com frieza.

— O que tem isso?

— Desista. — Eu inclinei meu queixo para cima.

— Nix, — ele disse sombriamente, estreitando os olhos. — Eu não vou deixar você desfilar por aí com roupas minúsculas por perto apenas para me fazer sofrer.

— Sim, você vai, — eu disse alegremente. — Porque você me quer, e quando você quer alguém, você faz sacrifícios por ela – e não tenta controlá-la. Melhor se acostumar com isso.

Ele considerou minhas palavras, seu rosto se contorcendo.

— Uma condição.

Eu revirei meus olhos. — Sim?

— Jante comigo.



— Achei que já tínhamos passado do namoro. — Eu não pude deixar de sorrir.

— Nós passamos, — ele disse secamente. — Ninguém disse que a comida vai ser a única coisa no menu. Venho buscar a criança em algumas horas. — Ele se inclinou, beijou-me com força, virou-se e foi embora.

Foi só quando ele se foi que percebi que o bastardo tinha conseguido agarrar um pedaço do meu coração em seu punho mais uma vez.

Ladrão.



Dezesseis



Aisling

Sam me pegou na véspera de Ano Novo, vestindo um smoking totalmente desabrochado e uma carranca solene que sugeria que o próprio Satanás o chantageou para fazer isso sob a mira de uma arma.

— Para você... — Ele empurrou um buquê de flores em minhas mãos quando abri a porta, toda embonecada em um minivestido branco transparente combinado com botas Louboutin.

Elas eram uma mistura de lírios, girassóis e rosas, em todos os tons e cores.

Eu as pressionei no meu nariz e sorri.

— Obrigada. Deixe-me colocá-las na água.

— Qual é o ponto? — Ele gemeu, ainda obviamente lutando contra a abstinência da nicotina. — Elas vão morrer em algum momento de qualquer maneira.



— Assim como nós, — respondi com um pequeno sorriso.
— A morte não é uma razão para parar de viver.

Eu o deixei entrar no saguão e fui até a cozinha para encontrar um vaso.

Quando virei para voltar para o corredor, parei no meio do caminho ao som do meu pai e Sam falando.

— ...Trate-a bem. Ela ainda é minha filha. Nada vai mudar isso, Brennan, mesmo se eu tiver que cair em chamas. Ela vem primeiro, — ouvi *Athair* dizer.

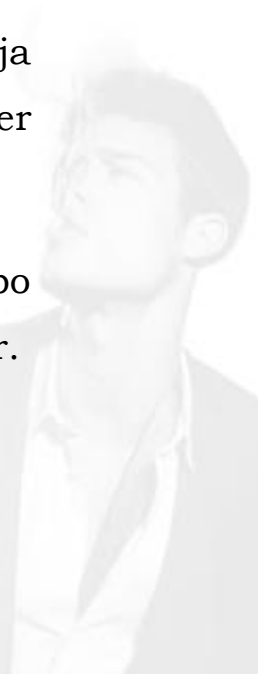
Merde.

Sam era obrigado a dizer algo provocativo e grosseiro apenas para irritar Da. Era assim que ele operava.

Para minha surpresa, Sam respondeu: — Vou tratá-la bem, Gerry. Melhor do que você e sua esposa nos últimos vinte e sete anos. Mas estou avisando agora, vou mudá-la comigo nas próximas semanas. Eu não posso suportar como ela está aqui para atender a todos os caprichos de sua esposa como se ela fosse um bebê recém-nascido.

— Isso é com ela, — Da disse. — E eu não acho que seja tão ruim agora. Não desde a hospitalização. Cillian e Hunter têm adotado uma abordagem mais proativa com sua mãe.

Da não estava errado. Eu tinha um pouco mais de tempo livre, mas mamãe ainda tinha um longo caminho a percorrer.



— Dê-me algumas semanas e ela ficará mais ligada a mim. — Sam encerrou a conversa, firme, mas não grosseiro.

Limpei a garganta, saindo da cozinha e anunciando minha presença. Ambos os homens congelaram. Os olhos de Sam pousaram em mim.

— Pronta para ir? — Ele perguntou.

Balancei a cabeça, meu coração perdendo uma batida novamente ao vê-lo em um smoking.

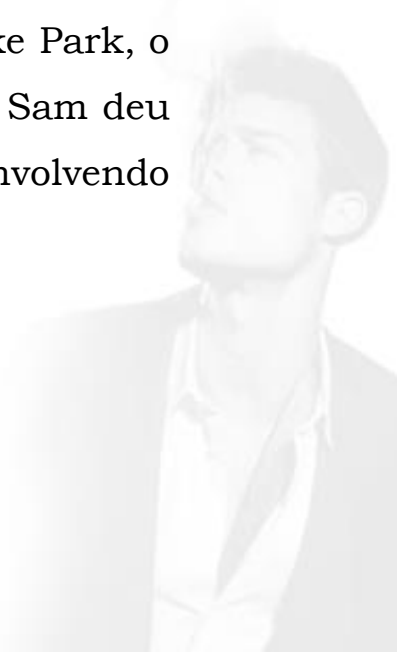
— Mas seja rápido, Brennan. Eu quero terminar a noite cedo. Tenho trabalho amanhã.



— Você está brincando comigo. — Eu sentei em seu carro, sem palavras e estupefata.

Sam estacionou o Porsche e saiu. Cinquenta minutos depois que ele me pegou, estávamos no Canobie Lake Park, o maior parque de diversões mais próximo de Boston. Sam deu a volta no carro e abriu a porta para mim. Eu saí, envolvendo meu casaco em volta de mim.

— Está congelando lá fora, — reclamei.



— Vou mantê-la bem e aconchegante. — Ele puxou minha mão, levando-me até a entrada.

— Planejamento à prova de balas para lidar com a sensação, — resmunguei.

— Você me magoa, — disse ele categoricamente.

— Não, eu não.

Ele entrou direto no portão aberto, sem se preocupar em comprar as passagens no caixa.

— O lugar está vazio. — Eu pisquei.

Sam examinou o parque ao nosso redor distraidamente, sem se preocupar em parecer nem remotamente surpreso.

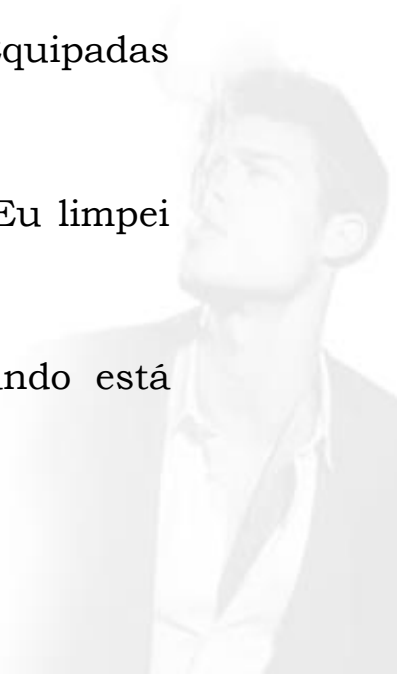
— Parece que sim. Eu deixei de mencionar que aluguei a coisa toda? Achei que seria bom ter um pouco de privacidade, para variar. Sempre parece haver muitas pessoas ao nosso redor.

— E as atrações? — Eu me virei para olhar para ele, meu coração torcendo em meu peito.

Ele acariciou meu queixo com um sorriso. — Equipadas e prontas para rolar.

— Isso deve ter custado um bom centavo. — Eu limpei minha garganta.

— Bem, a mulher com quem estou namorando está acostumada com o melhor.



Isso não era verdade. Mesmo tendo vindo do dinheiro, nunca gostei tanto quanto as pessoas pensavam que eu gostava, e isso me deixou ainda mais emocional.

— Oh, Sam. — Desviei o olhar, para que ele não pudesse ver o quão profundamente eu corei.

Dez anos atrás, cheguei a um parque sozinha, solitária, perdida e triste.

Agora, eu estava em um parque temático com o homem por quem me apaixonei ao meu lado.

Ele queria que eu tivesse uma nova oportunidade.

Um toque diferente no passeio do monstro.

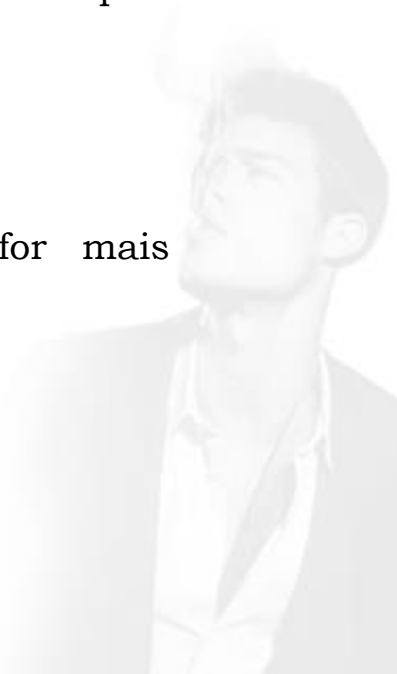
— Você me pegou bem com o smoking. Achei que íamos para um lugar caro. — Eu sorri, dando um passo para trás, porque mais uma vez era difícil não pular em seus ossos quando ele estava sendo doce – ou pelo menos não um idiota completo.

— É caro ‘pra’ caralho, Nix. Você já alugou um parque temático na véspera de Ano Novo? Agora, por onde você quer começar?

Olhamos um para o outro, sorrindo.

Minha resposta foi imediata. — O que for mais assustador. Algo com monstros.

— A Mina das Almas Perdidas, — disse ele.



— A minha não está mais tão perdida, — murmurei, pegando sua mão estendida.

Ele liderou o caminho.



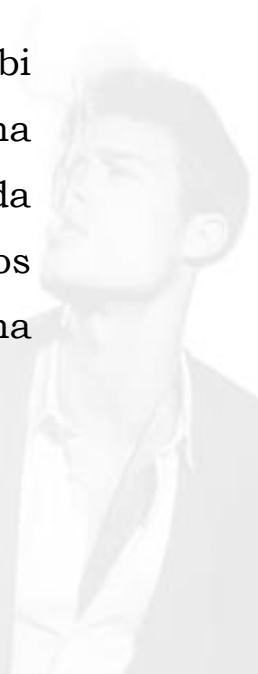
Embarcamos em um trem que parecia um carrinho de mina. Eu sabia que o tema da viagem era uma mina fictícia que estava prestes a desabar.

O adolescente que conduzia o passeio se aproximou de nós para verificar se estávamos seguros em nossos assentos, sorrindo para Sam e oferecendo-lhe um soco que permaneceu sem resposta no ar. Eu revirei meus olhos.

— Ele estava sendo legal.

— Ele estava olhando para você e imaginando o que vou fazer com você quando o passeio terminar.

O passeio começou e a mão de Sam, que eu nem percebi que estava descansando no meu joelho, deslizou pela minha coxa, fazendo meu vestido subir até a cintura. Seu rosto ainda estava voltado para o outro lado. Para os mineiros e monstros ao nosso redor. A história do desmoronamento da mina desenvolveu-se.



— Quando? — Sam perguntou, seus dedos mordendo minhas coxas, roçando minha calcinha.

— Quando o quê? — Engoli.

— Quando você descobriu quem você era? Na linha do tempo entre dezessete e agora. Não pode ter sido na noite em que nos conhecemos. Esse foi o começo das coisas. Você é uma pessoa totalmente formada agora.

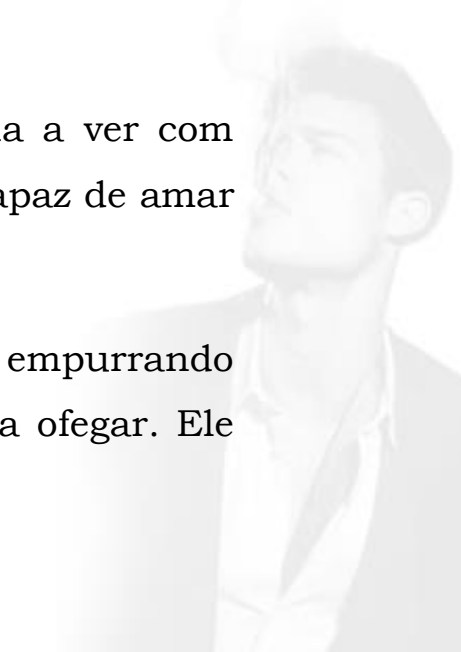
Eu pensei um pouco, embora seus dedos empurrando minha calcinha para o lado, mergulhando em meu núcleo molhado, me fizessem estremecer e perder minha linha de pensamento. Comecei a respirar com dificuldade, sentindo meus mamilos enrugarem sob meu sutiã.

— Honestamente? — Eu me ouvi dizer. — Cada vez que eu te encontrava, você quebrava algo em mim. Não sei como explicar, mas há algo em você, algo formidável, assustador e impossível, que faz uma pessoa perceber quem é quando lida com você. É como olhar a morte nos olhos.

Fiquei quieta por um segundo e disse: — Eu sei que ela está morta e isso pode não significar muito, mas você acha que vai perdoar Cat?

Minha pergunta subjacente não tinha nada a ver com Catalina. O que eu queria saber era – ele seria capaz de amar uma mulher?

O dedo de Sam se curvou dentro de mim, empurrando mais fundo, mais forte e mais rápido. Comecei a ofegar. Ele



virou a cabeça em minha direção, sua boca encontrando a minha no escuro, inclinando-se sobre meus lábios possessivamente.

— Eu não preciso perdoar Cat. Em algum lugar ao longo do caminho de bagunçar tudo com você, descobri que não odeio tanto as mulheres. Eu amo Sparrow e Sailor, e tenho quase certeza de que vou matar qualquer um que chegar perto de Rooney até que ela faça trinta.

Eu gemia em seu beijo, meio rindo, meio gemendo, agarrando-o perto enquanto a viagem chegava ao fim, girando e deslizando de um lugar para outro.

As únicas pessoas no mundo éramos eu e ele.

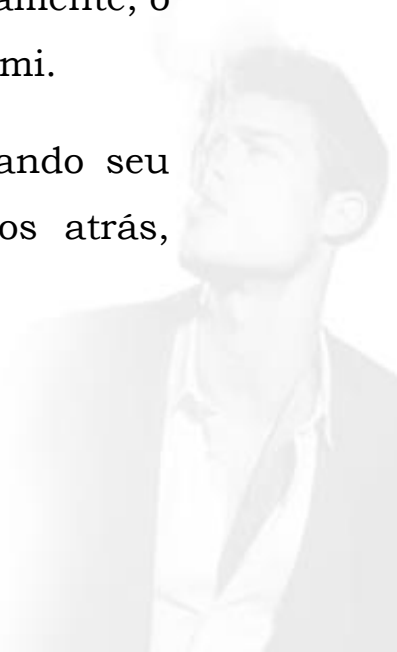
Meu orgasmo estava ao meu alcance. Eu podia sentir meu corpo zumbindo ao ritmo de seus dedos dentro de mim.

— Eu ainda quero vingança, — resmunguei em sua boca.
— Não pense que você me conquistou ainda. Você não fez.

— Eu sei, — ele grunhiu, deixando-me montar sua mão inteira agora sob o meu vestido. Meus quadris sacudiram em direção ao seu braço, e eu empurrei e gemi descaradamente, o clímax tomando conta do meu corpo como um tsunami.

— *Monster, Monster, Monster* — gritei, respirando seu apelido, pensando em como ele estava certo anos atrás, quando perguntei a ele qual era seu nome.

Sempre foi Monster.



E eu era sua Nix.



Talvez tenha sido a melhor noite da minha vida.

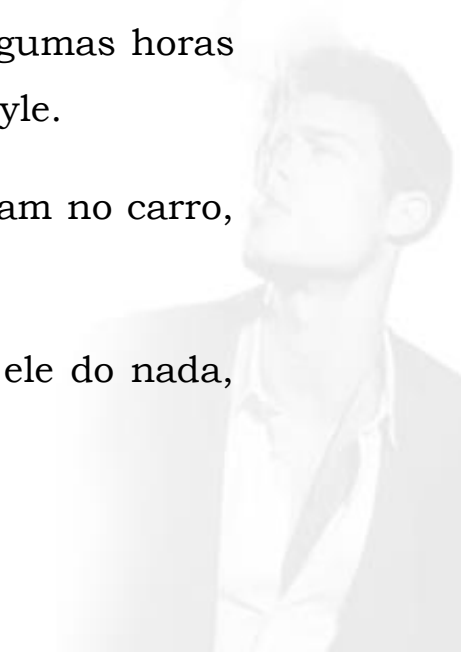
O que acontece com os momentos mágicos é que eles envolvem você como uma capa, protegendo-o da realidade, entorpecendo seus sentidos.

Mas parecia que tudo estava iluminado. O ar estava mais fresco, meus pulmões mais cheios e minha pele formigou com adrenalina e calor.

Das porcarias que consumimos – pipoca doce e salgada, maçãs do amor e cidras quentes batizadas – e os passeios. Dez segundos antes da meia-noite, fizemos nossa própria contagem regressiva e nos beijamos no carrossel, cada um sentado em cima de um unicórnio. Quando saímos do parque de diversões, eram duas e meia da manhã, e eu sabia que odiaria a mim e a Sam quando acordasse em algumas horas para outro turno extenuante na clínica do Dr. Doyle.

Coloquei o cinto de segurança ao lado de Sam no carro, ainda voando no alto da noite.

— Você precisa largar o emprego, — disse ele do nada, ligando o carro.



Eu virei minha cabeça em sua direção, minha boca ficando seca. Foi como se ele jogasse um balde cheio de água gelada no meu rosto.

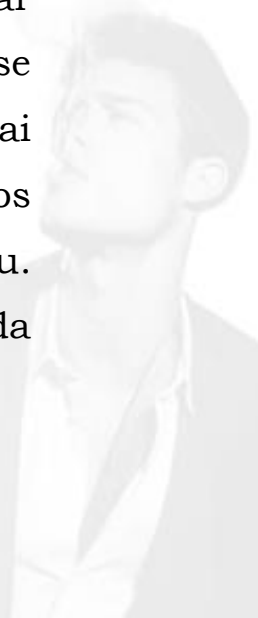
— Desculpe?

— Você está desculpada, mas esta semana é a sua última na clínica do terror. — Ele pôs o veículo para andar, seus olhos frios e disciplinados na estrada. — É muito perigoso. Há muito em jogo aqui. Não vou deixar você se colocar em uma posição vulnerável.

— O que eu faço da minha vida não é da sua conta, — eu o lembrei.

— Tudo que você faz é problema meu, e você não vai continuar fazendo merdas ilegais que podem te levar a passar o resto de sua vida na prisão, não importa quão boas sejam suas intenções. Ou você cede de boa vontade ou terei de ir pessoalmente ao Dr. Doyle e puxar alguns cordões. Alerta de spoiler: sou conhecido por destruir coisas de que não gosto.

— Se você for ao Dr. Doyle, eu nunca vou falar ou ver você novamente. — Eu treinei minha voz para soar blasé, mantendo minhas emoções furiosas fora disso. Eu tive que me lembrar que ele estava tentando me proteger, mesmo que ele tivesse uma maneira estranha de fazer isso. — E vou pedir ao meu pai que demita você só para irritá-lo, garantindo que estamos quites. Você sabe que ele vai, depois de tudo que aconteceu. Dois podem jogar este jogo, Brennan. Eu não serei pressionada por você. Não mais.



— É um desastre esperando para acontecer, — ele sibilou, tentando se controlar. Eu sabia que Sam não era versado em negociações. Ele normalmente pegava o que queria, quando queria. Ele estava tentando fazer um esforço.

— Não é nem tão ruim, — argumentei. Deslizamos para a rodovia. Dezembro deu lugar a janeiro. Parecia que tudo no mundo – as árvores, as estradas, os edifícios – estava coberto por uma fina camada de gelo azul cristalino, incluindo o coração de Sam. — O que eu faço é perfeitamente legal em vários países. Suíça, por exemplo. Mas também Bélgica, Austrália Ocidental, Colômbia...

— Observe que país você omitiu da lista?

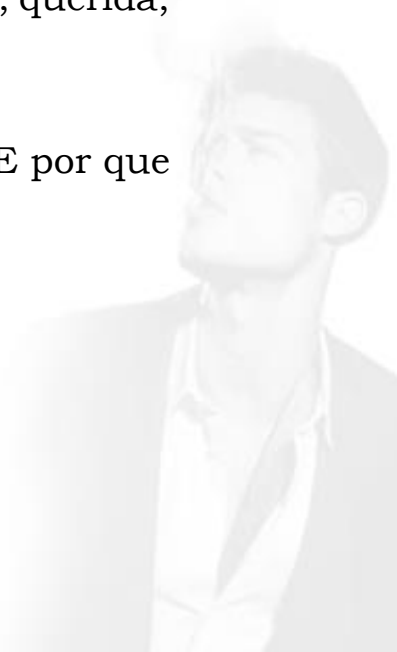
Eu me virei para olhar para ele.

— A porra dos Estados Unidos. Aqui é ilegal, logo você não fará isso.

— Você tem razão. — Eu mordi meu lábio inferior. — Talvez eu deva me mudar para a Suíça.

— Sua lógica retrógrada nunca deixa de me surpreender, — ele grunhiu. — Não vamos nos mudar para a Suíça, querida, não importa o quanto você goste de matar pessoas.

Havia um nós? Desde quando existia um nós? E por que isso fez meu coração apertar dentro do meu peito?



Porque você ainda o ama, mon cheri. Você sempre o amou. Ele é seu para sempre, mesmo que você seja apenas dele por agora.

— Por quê? — Eu fingi inocência. — Você pode fazer o que faz em qualquer lugar. Não me lembro que para ser um mafioso é exigido altas pontuações no SAT e no QI. E não é como se você tivesse uma entrevista de emprego para fracassar.

— Você parou de ser atrevida?

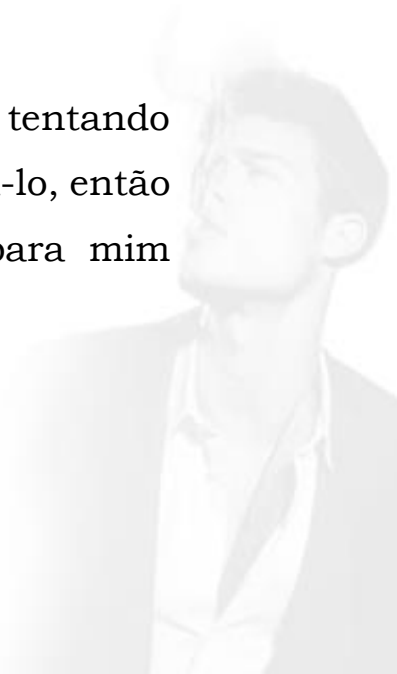
— Não exatamente. — Eu sorri, satisfeita comigo mesma por me segurar.

— Eu possuo muito de Boston para deixá-lo ir, — Sam explicou, deixando outro ataque verbal do meu lado rolar em suas costas.

— Governar Boston te deixa feliz? — Eu dei a ele um olhar de soslaio. — Alguma coisa te deixa feliz? — Eu acrescentei baixinho.

— Você me faz feliz, — ele retrucou, enojado de si mesmo. — Você, e seus olhos, azuis, e voz gutural e boa, belo coração e escuro, alma depravada.

Foi fascinante vê-lo assim. Um animal ferido tentando falar sobre seus sentimentos. Eu não queria empurrá-lo, então me virei para olhar a vista da janela, sorrindo para mim mesma.



Quando chegamos a Boston, percebi que ele estava dirigindo para a casa dele, não para a minha.

— O que você está fazendo? — Eu exigi. — Eu disse a você, tenho trabalho pela manhã.

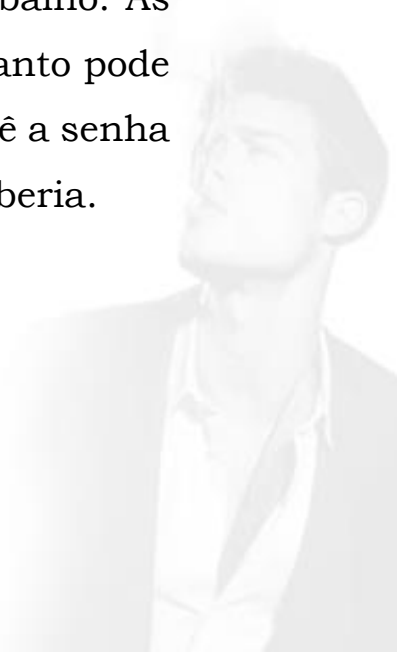
— Eu já embalei metade do seu maldito quarto e mudei para o meu apartamento, Sherlock. Provavelmente, o que você planejava usar pela manhã já está no meu apartamento. Pontos de bônus... você não precisa fingir que está usando uniforme e se trocar quando chegar à clínica porque eu já sei o seu segredo. — Ele desligou o motor e saiu do carro.

Eu o segui, minha boca aberta de espanto, deleite e irritação. Apenas Sam poderia colocar fogo nos três ao mesmo tempo.

— Como? — Eu exigi. — Quando?

Sam tirou um par de chaves do bolso, balançando-as entre os dedos na frente do meu rosto. Eu as reconheci como as chaves de minha casa.

— Como? Copiando esses filhotes alguns dias atrás. Quando? Principalmente quando você estava no trabalho. Às vezes, quando você estava dormindo. É incrível o quanto pode escapar de você. Lembre-me de nunca confiar em você a senha de um cofre. O ladrão iria roubá-lo e você nem perceberia.



Sam

Naquela noite, eu comi Nix do jeito que sempre planejei.

Com calma, sem sentir sua família respirando na porra do meu pescoço.

Dobrei-a sobre minha mesa e me choquei contra ela enquanto ela gritava meu nome.

Depois, novamente na minha cama e outra vez no balcão da cozinha.

Depois da quinta vez, nós dois caímos na cama, exaustos e suados.

Pela primeira vez na vida, adormeci com alguém ao meu lado. Senti o calor de uma mulher ao lado do meu.

Ainda havia um caminho a percorrer. Ela tinha que deixar seu emprego horrível e assumir uma posição mais tradicional como médica. Mas estávamos indo a lugares.

Quando acordei de manhã, virei-me de costas e estendi o braço para ela. Seu lado da cama estava frio.

Eu abri um olho, franzindo a testa.

Ela se foi.

Ela deixou um bilhete na mesa de cabeceira.



Obrigada pelo sexo, mas você ainda não está fora do gancho.

– Nix.



Sam

Aisling se recusou a me ver no dia seguinte.

E no próximo.

E no outro após esse.

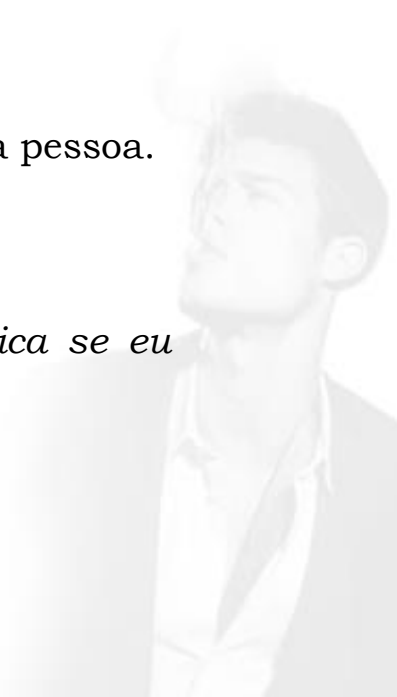
Ela não atendeu minhas ligações, não apareceu quando eu dirigi até a casa dela e não lia minhas mensagens de texto.

E havia tantas delas.

Muito mais do que eu já enviei a qualquer outra pessoa.

Sam: *Pare de agir como uma criança.*

Sam: *Tudo que eu preciso é aparecer na clínica se eu quiser ver você.*



Sam: *Você provou seu ponto. Podemos renegociar seu trabalho.*

Sam: *Você está me dando nos nervos, Nix, e não quer ver o que acontecerá quando eu finalmente estourar.*

Sam: *É por isso que nunca quis um relacionamento.*

Para o bem ou para o mal, a última frase a desencadeou, porque ela optou por responder.

Nix: *Ninguém está forçando você a ficar comigo.*

Sam: *Isso não é totalmente verdade.*

Algo estava, na verdade, forçando-me a ficar com ela. Minha falta de habilidade para ficar longe dela. Ignorá-la era administrável antes de cairmos na cama, antes de passarmos um tempo juntos, antes de eu descobrir coisas sobre ela. Boceta era uma boceta, e com meus olhos fechados, era fácil imaginar transando com Aisling quando estava profundamente dentro de outra pessoa.

Mas ninguém mais iria encerrar isso agora, não importa o quanto eu quisesse me virar e me afastar dela.

Seria difícil e enlouquecedor e definitivamente me tiraria da minha zona de conforto, mas eu não poderia deixar de tê-la, por mais que tentasse.

Nix: *Você vai elaborar?*

Sam: *Não.*



Sam: Jante comigo esta noite.

Nix: Não até você se desculpar. Você mudou minhas coisas para o seu apartamento, Sam. Sem perguntar. Quem faz isso?

Sam: Presumo que seja uma questão hipotética.

Nix: Faremos as coisas do meu jeito agora. E meu jeito pode ser frustrante para você. É sobre o que me sinto confortável, não sobre fazer você pagar.

Sam: Você já está me fazendo pagar. Não estou acostumado a não conseguir o que quero.

Nix: A vida é difícil.

Sam: Eu também.

Nix: Você parece o Hunter.

Eu parecia.

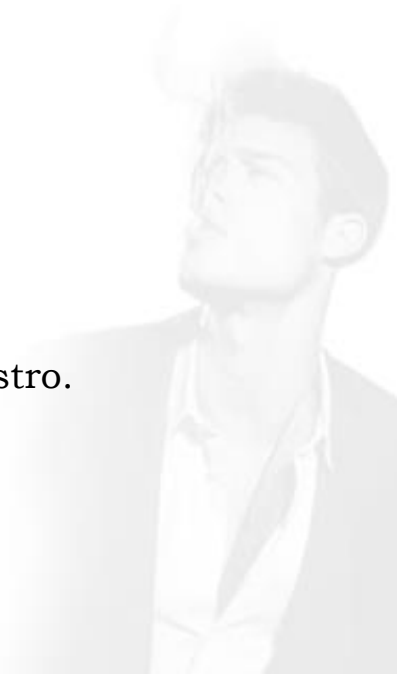
Eu finalmente percebi porque Hunter estava tão obcecado por minha irmã. Por que Cillian não conseguia se afastar de Persephone. Havia algo viciante em uma mulher que dava tudo a você. Algo que era difícil de abandonar depois de provado.

Sam: Eu terei você, de uma forma ou de outra.

Nix: Veremos sobre isso.

Isso foi o que ela não levou em consideração.

Era preciso um monstro para destruir um monstro.





E eu iria devorá-la inteira.



Dezessete



Aisling

Sam e eu passamos os próximos dois meses jogando xadrez.

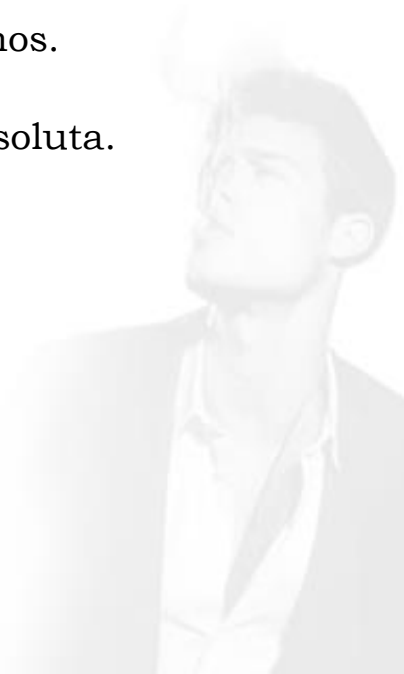
Sempre que ele fazia um movimento muito ousado, eu recuava.

Eu o fiz trabalhar para isso. Trabalhar para isso como não fazia em uma década inteira. Havia algo a ser dito sobre o amor não correspondido. Ensina resiliência, bravura e força. Agora, a situação havia mudado e eu queria que ele me mostrasse que eu não era o sabor do mês. Que eu merecia sua atenção, seu carinho, seu *tudo*. Eu não podia permitir que ele pegasse o que eu havia oferecido de graça por dez anos.

Tive de colocar um preço na minha devoção absoluta.

E esse preço era amor.

Eu queria me sentir amada.



Como com tudo o que fez, Sam trouxe seu melhor jogo para a mesa.

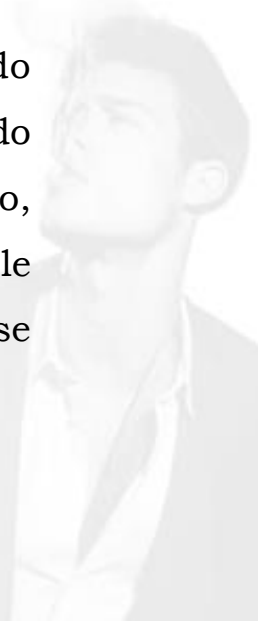
Ele me encurralava em alguns lugares, seguia-me, roubava beijos sujos quando ninguém estava olhando. Talvez outra garota tivesse ficado alarmada com isso, mas eu apreciei sua atenção. Seu novo desespero pelo meu toque.

Ele esperou por mim do lado de fora de um restaurante tailandês quando saí com Persy, Sailor e Belle, arrastando-me para um beco escuro e me beijando rudemente, suas mãos entre minhas pernas empurrando minha saia para cima.

Três dias depois, ele me emboscou do lado de fora da clínica, arrastou-me para seu carro e me fodeu no banco de trás, causando um pequeno ataque cardíaco e um orgasmo violento.

Quatro dias depois, visitei seu apartamento para pegar um vestido que queria usar para um evento de caridade. A maioria das minhas roupas ainda estavam em sua casa e, embora ele tivesse me dado o código da fechadura de seu apartamento, ele se recusou a me deixar levar minhas coisas de volta para Avebury Court Manor.

Um dia, eu o peguei sentado em um banquinho ao lado de sua ilha da cozinha, trabalhando em seu laptop. Quando entrei e arranquei meu vestido Armani desejado do armário, ele ergueu os olhos do laptop friamente. Eu esperava que ele me parasse e fizesse o que queria comigo antes que eu saísse



do apartamento, mas tudo o que ele fez foi me saudar com um toque de seus dedos na testa, despedindo-se de mim.

Parei na porta, confusa.

— Você não vai tentar dormir comigo?

O subtexto era óbvio: *vou dormir com você, mas não vou morar com você. Eu não vou me comprometer com você. Não vou te dar mais do que estou pronta para dar.*

Sam manteve os olhos na tela.

— Você quer que eu tente dormir com você?

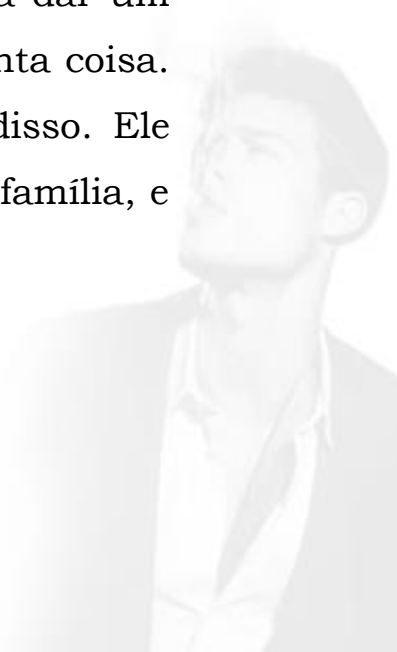
— Não. — *Sim.*

Ele sorriu, seus olhos ainda na tela. — Parece que não temos um problema, então.

— Essa é uma mudança que eu não esperava.

Por algum motivo, meus pés estavam colados ao chão. Eu não poderia sair sem descobrir o que havia mudado.

Ele finalmente desistiu de nós? Talvez ele tenha decidido que eu simplesmente não valia o esforço. Eu queria dar um soco no meu próprio rosto por fazê-lo passar por tanta coisa. Mas, novamente, eu não me arrependia de nada disso. Ele merecia se arrepender pelo que tinha feito à minha família, e eu não tinha certeza se ele tinha pago.



— Talvez eu tenha decidido me salvar para o casamento,
— ele murmurou, tomando um gole do copo de conhaque ao lado dele.

Olhando para ele estupidamente, mudei o vestido no cabide de um ombro para o outro.

— Normalmente você faz isso *antes* de dormir com gente suficiente para quebrar um recorde mundial do Guinness, — aponte.

Ele finalmente ergueu os olhos da tela.

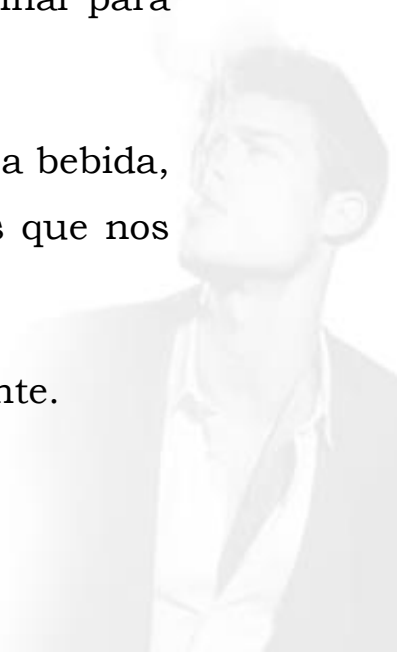
— Bem, eu sou um cara pouco ortodoxo. Antes tarde do que nunca.

— Acho que é aqui que nossa jornada termina, então. — Eu fiz uma cara corajosa, forçando-me a sorrir. Internamente, eu gritava ‘*Merde, merde, merde*’ para a lua.

Ele estava me largando. Eu sabia que estava dificultando as coisas para ele, mas Sam nunca mostrou qualquer sinal de cansaço ou angústia. Na verdade, ele aceitou nosso novo jogo com calma e sempre teve aquele brilho perigoso e malicioso nos olhos de um homem entretido por ter que trabalhar para isso, para variar.

— Acho que sim. — Ele tomou outro gole de sua bebida, seus olhos nunca desviando dos meus. — A menos que nos casemos.

Joguei minha cabeça para trás e ri histericamente.



Casar. Nós. Essa foi boa.

— Nunca vai acontecer, — eu disse.

— Improvável, — ele concordou. — Você ainda pode chupar meu pau de vez em quando, mas o sexo está fora de questão.

— Isso é algo com que posso viver, — eu disse com mais convicção do que eu sentia. — E obrigada pela oferta, mas vou rejeitar.

Ele acenou com a cabeça.

— Tenha uma ótima noite no baile de caridade dos Fishers.

— Como você sabe que é para onde estou indo?

— Eu sei tudo sobre você, Nix, incluindo onde você almoça no trabalho – o pequeno quintal em um banco branco – e o que você come – espero que você tenha gostado da sua barra de aveia hoje.

Não dancei com ninguém no baile de caridade.

Fiquei pregada em meu assento, punida, pensando em uma coisa – *casamento*.



Depois daquela noite, Sam me procurou novamente e nunca mais fomos até o fim. Nunca arrancamos as roupas um do outro ou fizemos sexo selvagem.

Ele aparecia em lugares que eu ia, mas só gostava de acariciar e beijar pesadamente. Cada vez que eu tentava levá-lo ao território do sexo, ele colocava a mão no meu pulso e dizia: — Você não pode mais provar os produtos, Nix. Você quebra, você paga por isso. Venha morar comigo.

— Não.

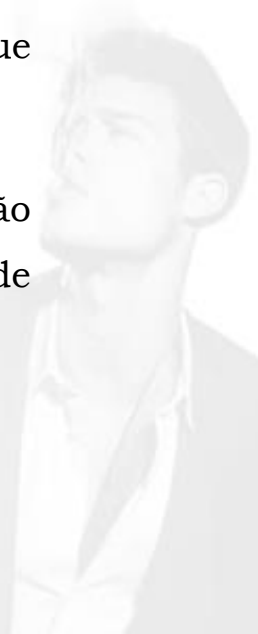
Isso continuou e continuou, semana após semana, até um ponto em que eu não tinha certeza se eu não tinha parado de odiá-lo pelo que ele tinha feito ou se estava apenas gostando muito da perseguição. Era perfeitamente possível que eu me perdesse em algum lugar do nosso jogo e não soubesse como encontrar o caminho de volta ao que éramos.

A verdade era que eu *tinha* que querer morar com ele.

Eu queria muito morar com ele.

Não porque cuidar de mamãe fosse assustador – pelo contrário, ela tinha estado muito bem, considerando tudo, – mas porque eu sentia terrivelmente a falta dele toda vez que nos separávamos.

Eu só estava com medo de que ele quebrasse meu coração novamente, e desta vez, eu sabia que não seria capaz de consertá-lo de volta à saúde.



Agora, estávamos na zona do crepúsculo. À beira de algo profundo, mas ainda com a possibilidade de nadar de volta à praia. Eu estava com medo de que, se perdesse essa vantagem, minha resistência por ser empurrada por ele, ele conquistaria o pouco que eu guardava para mim, e isso seria o fim do jogo.

Acho que Sam também sabia. Que estávamos presos no limbo e não sabíamos como parar. Até mesmo nossas famílias, que aos poucos começaram a se ver novamente para os jantares, olhavam para nós com espanto perplexo cada vez que Sam me tratava com gentileza em público e eu o rejeitava.

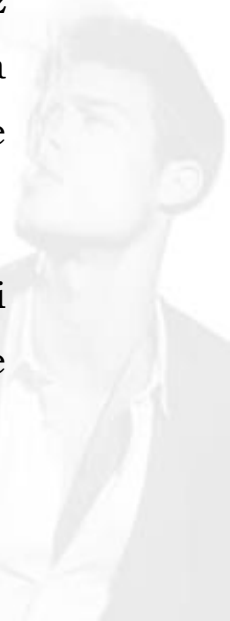
Um dia, quando ele veio à minha casa para entregar alguns papéis para *Athair* e ficou para tomar um café, ele agarrou minha mão do outro lado da mesa e franziu a testa.

— Eu não me importo em esperar, Nix. Só quero que saiba que agradeço por não ter vindo à Badlands e me desafiado.

— Desafiar? — Eu puxei minha mão para longe dele como se ele fosse feito de fogo, tomando um gole lento do meu café muito quente. — O que você quer dizer?

— Eu pedi que você não viesse para Badlands, e você concordou, embora eu tenha encerrado a proibição. Estou feliz que você ainda siga bem as instruções. Você é uma garota obediente no fundo, não é, querida? Você será fácil de gerenciar.

Meu sangue borbulhava de raiva. Tanto que não demorei um segundo para decifrar suas palavras ou descobrir se ele



estava me provocando, movendo deliberadamente outra peça em nosso jogo de xadrez.

— Não sou fácil de administrar. — Levantei-me abruptamente, puxando meu café da mesa. — E a única razão de eu não ter aparecido em Badlands ainda foi por causa da minha carga de trabalho. Na verdade, acho que vou ao seu clube neste fim de semana, só para te irritar. — Eu sorri, sentindo-me muito melhor por provocá-lo de volta.

Oui, mon cheri. Sempre mostrando o nível de maturidade de um lenço úmido.

— Mal posso esperar, — Sam falou lentamente, levantando-se de seu assento.

Nesse momento, meu pai entrou na cozinha, segurando seu livro-caixa sob a axila, olhando entre nós.

— Tudo certo?

— Perfeito. — Sam sorriu para mim. — Absolutamente perfeito ‘pra’ caralho.



Cumprindo minha palavra, apareci em Badlands no fim de semana seguinte.



Como sempre, convidei Belle para se juntar a mim. Ainda não contei a minhas amigas sobre Sam, mas dessa vez não tinha nada a ver com meu medo de ser julgada por elas. As coisas ainda estavam complicadas entre ele e eu, para dizer o mínimo, e meus irmãos não sabiam o que estava acontecendo.

Eu sabia que Sailor e Persy confiariam em meus irmãos de qualquer maneira, e não queria complicar as coisas para todos nós por algo que poderia não se materializar.

Belle parecia estar de bom humor e pronta para enfrentar a noite em um minivestido de couro vermelho colante e batom combinando. Assim que entramos no clube – desta vez eu *mostrei* minha ID para os seguranças – ela se dirigiu para a pista de dança.

Eu ainda estava chocada com o fato de que eles me deixaram entrar.

O equilíbrio de poder havia mudado e, é verdade, eu não tinha a maior parte, mas também não tinha menos poder do que Sam em nosso relacionamento.

Ele disse que eu não vim aqui por obediência, e eu queria mostrar a ele que não era verdade. Ao mesmo tempo, enviar uma mensagem de texto para ele que eu estava aqui era muito gritante, muito transparente, e eu sabia que, se Sam estivesse aqui, as chances eram de que ele não iria para a pista de dança.



Eu queria pressionar onde doía. Para mostrar a Sam que eu não era seu brinquedo. E então, depois de ver que Belle estava satisfeita na pista de dança, marchei em direção ao corredor estreito pelo qual Sam tinha me levado meses atrás, no Halloween, quando eu desesperadamente me ajoelhei por ele, pegando as migalhas que ele jogou em meu caminho enquanto disfarçada de estranho.

Dois seguranças corpulentos estavam parados na beira do corredor, os braços cruzados, bloqueando meu caminho.

— Me deixar entrar. — Eu inclinei meu queixo para cima.

Eles olharam para mim divertidos, mas não se moveram. Como se a mera ideia fosse ridícula.

As mulheres não eram permitidas nas salas de jogos. Cillian uma vez me disse que a razão oficial para isso era porque jogo e prostitutas andavam juntos, e Sam não queria que damas respeitáveis fossem assediadas se seus jogadores tivessem a ideia errada.

— Ei. Estou falando com vocês. — Eu acenei minha mão na frente de seus rostos.

— Mulheres não são permitidas, — um deles cuspiu no chão.

— Eu não sou *qualquer* mulher.



Seus olhos correram pelo meu corpo, da cabeça aos pés, parando quando ele alcançou meus seios. — Parece-me que você é.

Peguei meu telefone, deslizando meu dedo na tela até chegar às informações de contato de Sam, mostrando-lhes seu número de telefone. — Que tal eu ligar para Brennan e esclarecer tudo com ele? Tenho certeza de que ele terá algo a dizer sobre vocês não deixarem a namorada dele entrar.

— Brennan não tem namorada, — disse um deles.

— Ele não tem? — Eu bufei, minha confiança vacilando um pouco. — Não sabia que ele passava muito tempo conversando com seus seguranças sobre sua vida amorosa. Meu nome é Aisling Fitzpatrick. Verifique com ele se quiser.

Aquele que parecia decidido a não me deixar entrar pescou seu telefone do bolso da frente com relutância, discando o número de Sam enquanto olhava para mim. Meu coração estava na minha garganta. Este era o momento decisivo. Sam sabia que eu estava aqui. O segurança disse meu nome. Perguntou se eu poderia entrar. Houve uma pausa na outra linha. O ar estava parado, apesar da agitação de pessoas, bebidas, música e as luzes ao nosso redor. Depois de um segundo, ele desligou e baixou a cabeça, dando um passo para o lado. Seu colega arregalou os olhos.

— Eu serei amaldiçoado. Achei que os porcos voariam mais cedo.



— Mantenha o sonho vivo. — Eu dei um tapinha em seu ombro, passando por eles.

Entrei no corredor e escolhi a sala de jogos mais movimentada, barulhenta e desordeira. Desta vez, observei meus arredores com mais cuidado do que na noite em que vim buscar Cillian e Hunter. Tive que olhar para trás em busca dos seguranças e estava muito cheia de uma raiva incandescente para prestar atenção a qualquer coisa naquela época.

Mesas redondas e grandes de carvalho com centros verdes estavam fixadas do outro lado da sala com homens em ternos caros amontoados ao redor delas, fumando charutos finos e bebendo conhaque. Todos pareciam variações dos homens da minha família – privilegiados, corruptos e desesperados por entretenimento barato. Havia também garçonetes usando baby doll preto minúsculo, inclinando-se para atender a clientela.

Examinando a sala, procurei a mesa de blackjack⁷⁴. Eu sabia jogar Texas hold 'em⁷⁵ e seven-card stud⁷⁶, mas minha verdadeira especialidade sempre foi o blackjack. Foi o primeiro jogo de cartas que Cillian me ensinou, e ele fez questão de praticar comigo durante as Vésperas de Natal, depois que todos se retiraram para seus quartos.

⁷⁴ Jogo de cartas, também conhecido como vinte-e-um.

⁷⁵ Texas Hold'em é um estilo de jogo de pôquer, um dos mais comuns em cassinos.

⁷⁶ Outro estilo de jogo de pôquer.



Mantivemos essa tradição viva por décadas, este ano incluído.

Encontrei a mesa que procurava e esperei. Eu sabia que jogar no estabelecimento de Sam o faria explodir de raiva. Meu coração apertou um pouco quando percebi que ele provavelmente não estava por perto, mas me forcei a ver o lado positivo. A mera ideia de eu estar aqui sem ele iria trazê-lo mais perto de me pedir para morar com ele novamente.

Quando o jogo terminou, eu me coloquei no meio do semicírculo de homens vestidos de Prada, sorrindo para o dealer⁷⁷.

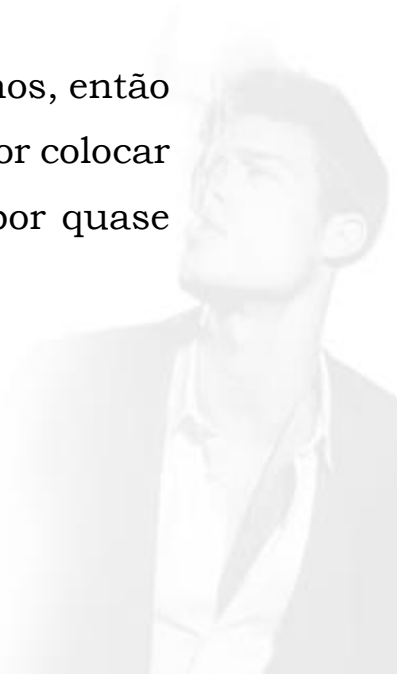
— Adoraria jogar.

— Eu adoraria jogar com *you*, — brincou um homem de meia-idade ao meu lado, fazendo todo o círculo de homens rir cruamente. Recusei-me a deixar meu sorriso cair.

— Espere, você não é...? — Um deles franziu a testa para mim. Eu mantive meu olhar cuidadosamente no dealer. — Uau, é sim. Aisling Fitzpatrick. Não é sua hora de dormir? Seu pai sabe que você está aqui?

Eu estava três anos antes de completar trinta anos, então isso definitivamente doeu, mas talvez eu merecesse por colocar as necessidades dos meus pais antes das minhas por quase três décadas e ainda morar na casa deles.

⁷⁷ Quem comanda e distribuiu as cartas do jogo.



Eu encarei o dealer, ignorando o idiota falando comigo. O funcionário mais velho pigarreou, alargando a gravata borboleta com o dedo.

— Senhora, receio...

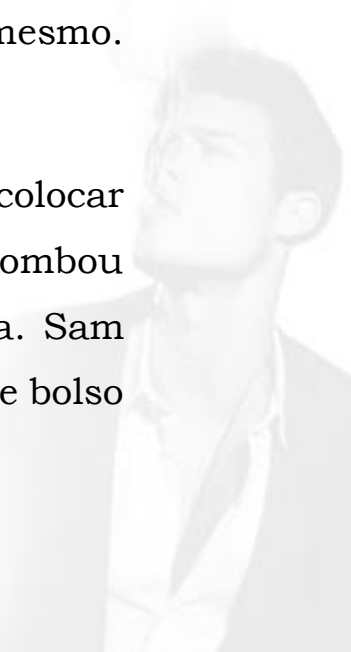
— Não tenha receio. O medo nunca é uma boa aparência. Deixe-me jogar, — exigi, agarrando-me à minha falsa confiança.

Eu estava tomando consciência de uma sensação quente e formigante que se espalhou do topo da minha cabeça para a minha espinha. Eu sabia exatamente o que significava e quem acabava de entrar na sala, mas ele não anunciou sua presença.

— Não tenho certeza se depende de mim, senhora. Veja, existem regras sobre...

— Eu. Sim. Eu sei. Brennan rescindiu todas elas. — Arregacei as mangas do meu minivestido Balmain. — O mesmo vale para as mulheres que jogam nas salas de jogos. Não sou qualquer mulher. Sou a mulher com quem Sam Brennan está envolvido em uma batalha de vontades. As regras não se aplicam a mim. Você pode ligar e perguntar a ele você mesmo. Foi assim que cheguei aqui em primeiro lugar.

— Não há batalha, querida. Eu ganhei antes de colocar um dedo em você, mas boa tentativa, — uma voz baixa zombou atrás de mim. Minha cabeça girou em direção à porta. Sam estava lá, vestindo um terno cinza claro com um lenço de bolso



Hermes bordô saindo de seu blazer. Um pecado lindo em mocassins italianos. Ele parecia pronto para um encontro. Pronto para mim, sua pele dourada e quente, seus olhos cinzentos e frios.

Ele sabia que eu viria aqui no minuto em que me desafiou a fazer isso, e eu caí direto em sua armadilha.

Desviei o olhar, ignorando-o e voltando minha atenção para o dealer. Lembrei-me do que ele me disse há tantos anos.

— *Eu não apostaria comigo.*

— *Por quê?*

— *Eu sempre ganho.*

Pela primeira vez em muito tempo, não senti a excitação calorosa que veio ao vê-lo, e minhas entranhas não se transformaram em comida de bebê como de costume. Algo sobre ele parecia ousado, quieto e tenso esta noite. Como o velho Sam, aquele que não me queria. Senti que ele estava prestes a me mostrar publicamente o quanto abusei de sua paciência. Mudei de um pé para o outro em meus saltos altos.

— Ela pode jogar, com uma condição. — Sam caminhou mais fundo na sala atrás de mim, sua voz se aproximando, e eu estava ciente dos olhares curiosos lançados em minha direção.

Recusei-me a me virar e dar a ele a audiência que exigia.



— Normalmente, quando um homem lhe dá sua palavra, ela não vem com estipulações, — eu murmurei, sentindo a cor subir em minhas bochechas.

— Eu não sou homem. Eu sou um monstro. — Ele parou ao meu lado, sem tirar o olhar do meu rosto por um segundo. — Olhe para mim, Nix.

Eu não fiz.

Eu olhei para qualquer lugar, *menos* para ele.

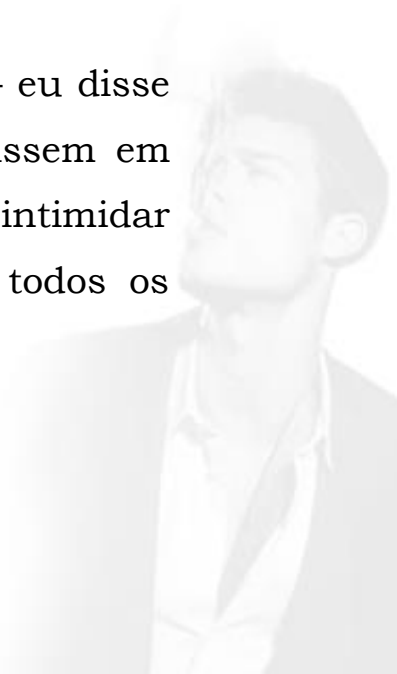
— Vou deixar você jogar, se jogarmos um com o outro, — finalizou.

— É blackjack. Não vou jogar contra você. Vou jogar contra o dealer. — Eu me virei, de frente para ele.

Os homens assobiavam e riam, desfrutando de seu assento na primeira fila para nossa troca. Eles obviamente não estavam acostumados a ver ninguém enfrentar Sam Brennan, muito menos uma mulher elegante em um vestido.

Sam sorriu calmamente. — Jogamos apostas altas aqui, Srta. Fitzpatrick.

— Meu sexto sentido diz que sou boa nisso, — eu disse impassível, fazendo com que todos na sala explodissem em gargalhadas. Ele realmente tentou me intimidar financeiramente? Eu tinha mais dinheiro do que todos os homens nesta sala juntos.



— Um milhão de dólares por mão. Cinco mãos. Parece aceitável? — Eu perguntei, minha voz afetada e apropriada, oferecendo a ele minha mão para um aperto.

O lugar explodiu com vaias, risos e gritos. Os homens estavam em chamas. Todos olharam para Sam com expectativa, sabendo que ele não era homem para se esquivar de um desafio.

Sam olhou para minha mão estendida, as mãos ainda nos bolsos, sua postura preguiçosa. Ele não tinha pressa em responder.

Ele obviamente saboreou este momento. Nossa primeira troca pública em dez anos desde que nos conhecíamos.

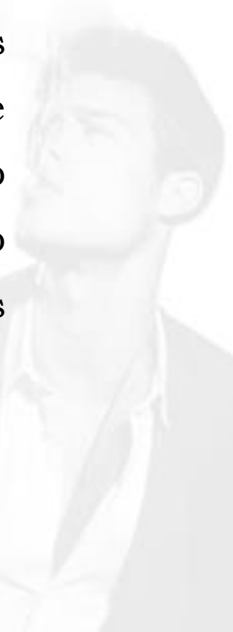
— Você quer dizer cinco milhões de dólares por mão. — Ele sorriu.

— *Droga!*

— *Oh meu!*

— *Bryan, você tem que vir aqui.*

Nosso público cresceu conforme mais homens gritavam e engasgavam uns com os outros, pessoas escorrendo de salas próximas, esticando o pescoço enquanto o grosso círculo de corpos ao nosso redor ficava maior e mais apertado. Senti o anel de homens ao meu redor, como se estivesse apertando meu pescoço. Os cigarros foram apagados, as bebidas deixadas sem vigilância, todos esperaram para ouvir minha resposta.



— Últimas palavras famosas. — Eu levantei um ombro, levantando minha mão intocada alguns centímetros, a histeria obstruindo minha garganta. Só porque eu tinha todo esse dinheiro, não significava que queria ver 25 milhões de dólares jogados no ralo em meia hora.

Senti minhas axilas umedecer e comecei a questionar minha vinda aqui.

Por que eu queria tanto pressioná-lo?

— E se eu ganhar... — ele ergueu a palma da mão para me impedir — ...você se casa comigo.

O dealer olhou entre nós, deixando cair a pilha de cartas de sua mão em estado de choque. O homem de meia-idade que me fez a proposta esfregou as mãos.

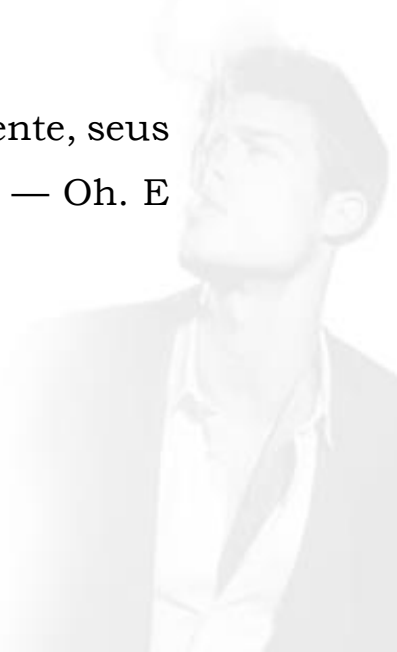
— Esta vai ser uma história para contar aos meus netos.

Olhei para Sam em silêncio, sóbrio como uma pedra, procurando zombaria em seus olhos. Não encontrei nenhuma, mas ainda não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Não é engraçado. — Minha voz saiu rouca, rastejando para fora da minha garganta.

— Eu não estou rindo, — ele respondeu suavemente, seus olhos nunca deixando os meus, dando o golpe final. — Oh. E sem acordo pré-nupcial.

— Ohhhh!



Os homens se curvaram para trás, batendo dramaticamente na testa. Tive sorte de estar encostada na mesa porque todos os músculos do meu corpo pararam de funcionar.

Eu me perguntei se era outra parada em seu destino para o domínio total sobre Boston, casar-se com a família mais rica sem acordo pré-nupcial. Eu era apenas um peão em seu jogo? Outro negócio interessante esperando para ser selado?

— Querida, Brennan é uma matemático de primeira linha. Muito bom com números. Corra, não ande, — gritou um homem das profundezas da sala.

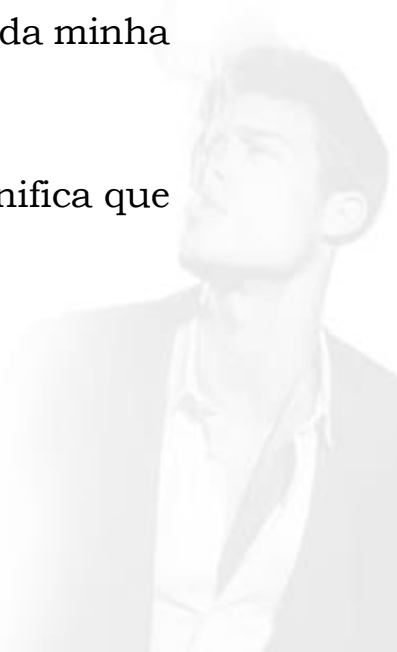
Sam sorriu, sem confirmar nem negar.

— Eu conheço seu irmão mais velho, pequena Fitzy. Diga que sim e não terei escolha a não ser ligar para ele, — gritou outro jovem.

Sorrindo e me recusando a retirar minha mão e me encolher como todos esperavam, eu disse: — Você não gostaria disso, Samuel Brennan? O filho de uma prostituta, nascido sem um centavo no nome, casado com uma das mulheres mais ricas do mundo ocidental. Você terá direito a metade da minha fortuna.

— Eu sei, — ele disse calmamente. — O que significa que você vai pensar duas vezes antes de me deixar.

Nosso público riu e gritou alto.



— Eu não vou te dar metade do meu reino, — enunciei, minha voz clara e inabalável.

— Eu não dou a mínima para o seu reino, querida. O meu é maior em todas as maneiras que importam. Acredite ou não, o número em sua conta bancária não é tão poderoso quanto meu controle na Costa Leste.

— Eu não acredito em você, — eu menti.

— Aceite os riscos ou saia desta sala, Srta. Fitzpatrick, mas faça isso agora. Estou conduzindo uma operação bem azeitada aqui, e cada momento que as pessoas não gastam seu dinheiro nessas mesas me custa.

— Casar com você, — murmurei as palavras em vez de dizê-las em voz alta, o choque ainda me dominando. Meu pai iria me matar. Cillian e Hunter queimariam tudo o que restasse de mim. No entanto, de alguma forma, eu acreditava que o motivo de Sam não era dinheiro. Ele tinha o suficiente.

Ele queria me prender. E eu? Eu queria ficar presa.

— Tudo bem, — eu disse trêmula, meu estômago revirando cem vezes.

Sam finalmente apertou minha mão na sua, mas em vez de sacudi-la, ele usou nossos dedos entrelaçados para me puxar em sua direção, pressionando um beijo muito público e possessivo na minha boca.



— Temos um jogo. Eles estão indo para isso! — Um jovem em um terno de veludo verde sálvia saltou de sua cadeira. Houve um caos na sala pelos próximos minutos, e eu tentei respirar fundo e dizer a mim mesma que não importava. Nada disso importava. Eu poderia cavar minha saída. Talvez.

As apostas para um jogo nunca foram tão altas na história de Badlands. Agentes de apostas chegavam de outras salas para fazer apostas no jogo, segurando pranchetas com planilhas, anotando nomes, números e probabilidades. Eu reconheci Becker e Angus, os soldados de quem tratei no ano passado, arrastando os pés, sussurrando entre eles enquanto faziam sua aposta contra mim.

Havia um engarrafamento humano do lado de fora da porta da sala de jogos e eu mal conseguia respirar quando ouvi os seguranças empurrando as pessoas fisicamente.

Nós dois tomamos nossos lugares na frente do dealer, cujo crachá dourado dizia Daniel. Eu tamborilei meus dedos contra o feltro verde da mesa. Sam olhou para mim. Recusei-me a olhar para ele.

— Jogada inteligente. Seu clube está prestes a se tornar lendário depois disso. — Joguei meu cabelo atrás do ombro.

— Nunca deixei um bom escândalo ser desperdiçado, — respondeu ele com ironia.

— Você é realmente tão bom em matemática? — Minha voz estremeceu.



— *Melhor que isso.*

Todos se acomodaram e Daniel começou a embaralhar as cartas, recitando as regras do jogo em alto e bom som. Ele fez um show com isso. Primeiro com um embaralhamento overhand, um embaralhamento de rifle e, em seguida, um embaralhamento de pilha. Quando ele terminou, as cartas estavam completamente misturadas, mesmo eu não podia negar isso.

Daniel colocou a pilha de cartas arrumada na mesa, olhando entre Sam e eu.

Sam ergueu o queixo em minha direção, decidindo que agora era um bom momento para se tornar um cavalheiro.

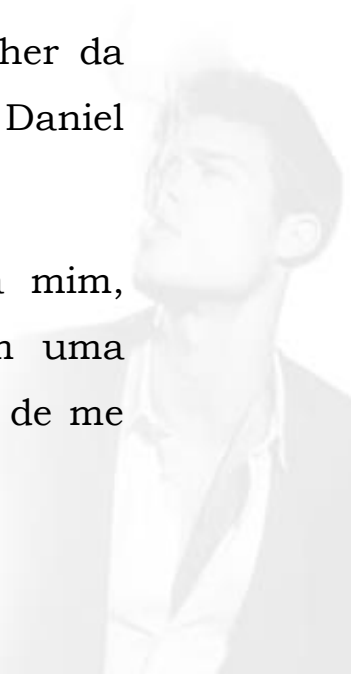
Recusei-me a tirar meu olhar das cartas, dividindo-as em duas pilhas.

Por que eu estava tão histérica? Não era o meu desejo de longa data? Casar-me com Sam Brennan?

Oui, mon cheri, mas não assim. Não como parte de outro jogo elaborado entre vocês dois.

Retirei minha mão e indiquei para Daniel escolher da pilha da direita. Cada um de nós recebeu duas cartas. Daniel também deu uma mão. Uma exposta, uma escondida.

O primeiro round foi uma vitória rápida para mim, permitindo-me respirar novamente. Eu gaguejei em uma expiração, perguntando-me se era a maneira de Sam de me



fazer baixar a guarda. A segunda rodada foi para Sam, depois que eu dobrei e perdi, fazendo meu rival dar um sorriso malicioso. A terceira – para mim. A quarta – para Sam.

A estranha sensação de que tudo foi premeditado se enraizou no meu estômago. Talvez Sam tenha intencionalmente transformado este jogo em uma decisão difícil para tornar as pessoas mais interessadas. Estatisticamente, a nitidez de nossas vitórias e derrotas parecia altamente improvável. Ele estava planejando uma narrativa onde tudo poderia acontecer, e isso me deixou ainda mais nervosa, porque isso significava que ele sabia que iria vencer.

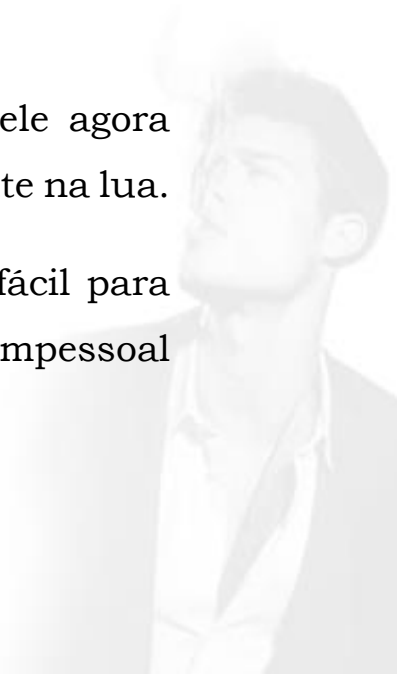
Eu nunca perco.

Sam jogou contra cassinos e ganhou várias vezes. As chances de ele perder duas vezes, em quatro vezes, eram mínimas ou inexistentes.

No momento em que recebemos nossa quinta mão, eu era uma pilha suada de bagunça. Meu cabelo estava grudado nas têmporas e tudo em mim tremia. Não importa o resultado, eu ficaria arrasada.

Eu não queria seu dinheiro, mas casar com ele agora parecia tão impossível quanto dar um beijo de boa noite na lua.

— Não se preocupe. Vou tornar isso rápido e fácil para você, Srta. Fitzpatrick. — Sam me lançou um sorriso impessoal



enquanto Daniel cortava as cartas. A sala inteira prendeu a respiração.

Fiquei confusa e não fiquei com um par de nozes quando a carta para cima de Daniel foi um sete, embora Cillian tivesse me ensinado a fazer isso.

Sam dividiu um par de oitos e ases.

Sam *venceu*.

Três para dois.

Justo e honesto.

A sala inteira explodiu em gritos, discussões e risos enquanto as mãos trocavam grossas pilhas de dinheiro. As pessoas se amontoavam sobre os livros de apostas. Outros bateram nas costas de Sam e assobiaram, apertando sua mão com um sorriso presunçoso.

— O negócio da sua vida, Brennan. Próxima parada, dominação mundial.

— Certifique-se de colocar as mãos nas ações da Royal Pipelines, cara.

— Seu gênio melindroso do caralho.

— Melhor levá-la para um test drive, hein?

A náusea tomou conta de mim e agarrei as bordas da mesa com força.



Eu perdi.

Não apenas esta noite, mas na última década.

Estávamos sempre jogando um jogo, pelo menos era assim que nos sentíamos, e este era o auge de uma batalha de dez anos.

Não importava que eu quisesse. Que eu desejei isso. Que eu ansiava por isso.

Sam Brennan me ganhou, mas não me *conquistou*.

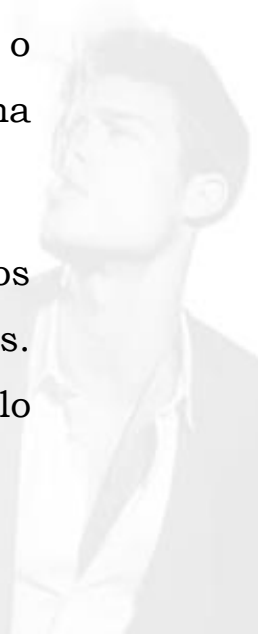
Que tipo de casamento eu teria com um homem que não queria ter filhos e odiava mulheres?

Sam ignorou os parabéns, percorrendo a curta distância para me encontrar com o rosto ilegível. Todos pararam para ver o que aconteceria a seguir. Eu não poderia culpá-los. Eu também queria saber. Eu não me mexi. Não fugi. O mínimo que eu podia fazer era lidar com a situação com dignidade. Um Fitzpatrick nunca se curva.

Sam parou a um pé de mim.

— Bem feito. Eu sabia que você era um matemático talentoso e jogador de blackjack, mas ainda assim o subestimei. — Eu ofereci a ele minha mão novamente, minha voz calma e decidida.

Ele estreitou os olhos para mim, como se fôssemos inimigos. Talvez fôssemos. Eu nunca soube onde estávamos. Ele segurou minha garganta, erguendo meu rosto para olhá-lo



nos olhos. Quando ele falou, foi para a sala, não para mim, mas suas palavras foram altas e claras, enchendo o ar de veneno.

— Eu quero que cada idiota que testemunhou este jogo vá e conte aos seus amigos. E diga a seus amigos para contar *aos amigos deles*. Eu quero que isso atinja os ouvidos de Cillian, Hunter e Gerald esta noite. Eu quero isso nos jornais. Aisling Fitzpatrick agora é minha. Eu a ganhei e ela vai ser minha esposa. Se alguém tiver algum problema com isso, terá que passar por mim, e eu sinceramente não recomendo. É uma maneira terrível de morrer.

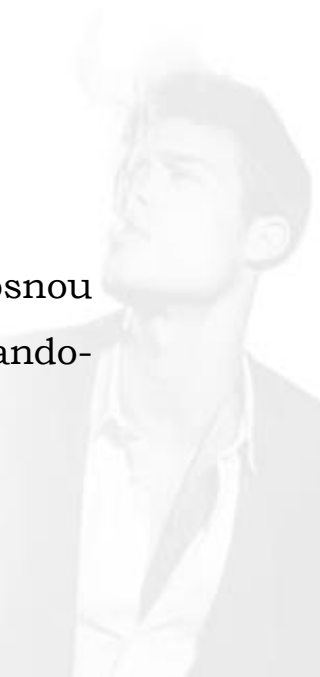
Com isso, ele bateu seus lábios nos meus, selando nosso acordo com um beijo animalesco. As pessoas aplaudiram ao fundo, mas não prestamos atenção a elas. Não prestei atenção neles, completamente imersa nessa coisa entre nós, meu coração subindo para o céu. Sam me içou e me carregou para fora da sala de jogos, passando por dezenas de homens, indo direto para seu escritório. Minhas pernas enroladas em sua cintura, minha língua dançando dentro de sua boca.

Chegamos a um ponto sem volta.

Não havia mais jogos a serem disputados.

Nós estávamos juntos.

— Você vai manter sua palavra para mim, — ele rosnou em minha boca, chutando a porta de seu escritório e fechando-



a atrás de nós sem tocar na maçaneta, seus dedos cavando em meu traseiro.

— Não, — eu insisti sem fôlego, salpicando seu pescoço com beijos. — Não até você me dizer que é real. Que eu simplesmente não sou uma conquista. Isso significa algo para você.

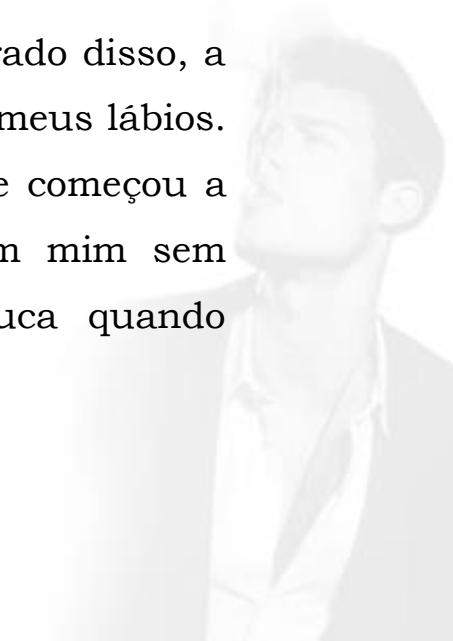
— Você não significa nada para mim, — ele rebateu. — Você significa *tudo* para mim. Jesus Cristo, eu preciso entrar em você antes de morrer, porra. — Ele me deixou no chão, voltou-se para sua mesa e, de uma vez, limpou-a de seu laptop, livros de contabilidade e papelada.

Agarrou minha cintura com força e me virou para ficar de frente para a mesa, curvando-me enquanto levantava meu vestido, puxando minha calcinha para o lado.

— Belle está esperando por mim lá fora, — eu avisei, ofegante, tão molhada que minhas coxas estavam grudadas.

— Belle pode ir se foder. Você é minha agora, e estou celebrando nosso noivado no meu lugar favorito – dentro de você.

Ele empurrou em mim por trás, e o inesperado disso, a pura surpresa fez um gemido alto deslizar entre meus lábios. Ele serpenteou um braço entre minhas pernas e começou a brincar com meu clitóris enquanto entrava em mim sem piedade, acelerando o ritmo, deixando-me louca quando atingiu meu ponto G de novo e de novo.



— Oh, Monster.

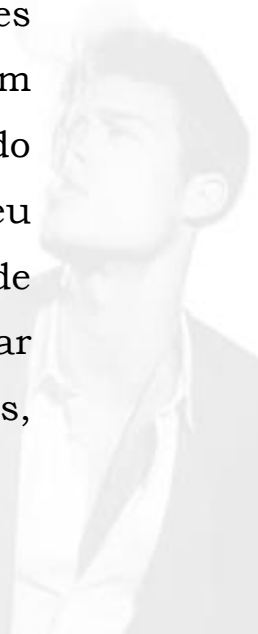
— Minha. — Ele se inclinou, tirando meu cabelo da orelha, mordendo o lóbulo suavemente.

— Minha, minha, minha. Para sempre minha, — ele cantou, movendo seus dedos de entre minhas coxas, até meus seios, amassando-os. Seus dedos viajaram para o norte novamente, e ele os empurrou em minha boca, revestidos com minha excitação, para me impedir de gemer alto.

— Calma, calma, pequena Nix. — Sua respiração fez cócegas na minha nuca e minha orelha, enviando arrepios pelo meu corpo, fazendo-me apertar em torno dele ainda mais. — Agora você vai ter esse pau diariamente. A partir desta noite, você vai morar comigo. Não vou tolerar nada de você, Aisling. Eu venci. Você perdeu. Entendido? Acene se quiser.

Eu balancei a cabeça bruscamente, meu corpo tremendo com um clímax iminente que ameaçou rasgar meus ossos. Desse ângulo, ele estava tão profundo dentro de mim que me senti incrivelmente cheia. Eu juro que o homem estava reorganizando minhas entranhas.

Meus dedos cravaram na madeira da mesa, meus dentes afundando nos dedos de Sam na minha tentativa de abafar um gemido. O orgasmo me atingiu como um tornado, rasgando tudo dentro de mim em seu rastro. Ele deve ter sentido meu orgasmo porque ele também deixou de lado a lasca de autocontrole que ainda possuía e começou a empurrar erráticamente, gozando dentro de mim em jorros quentes,



agarrando a base do meu pescoço e me puxando para sua boca por um beijo cheio de língua.

Nós ficamos nesta posição por alguns momentos, ele bem dentro de mim, o resto de seu esperma pingando de mim. Ele deu um beijo casto no topo da minha cabeça.

— Melhor do que cigarros, — disse ele secamente, seu rosto ficando frio e sem expressão novamente, colocando a máscara de volta agora que tínhamos terminado.

Desta vez, sorri, sabendo que não era pessoal.

— Você não está feliz por ter largado?

— Não. — Ele puxou lentamente, massageando minha bunda no processo. — Mas estou feliz que você mordeu a isca e foi atraída de volta para Badlands. Mais algumas semanas de celibato e os cemitérios de Boston estariam superlotados. Agora, vá se despedir da sua amiga. Você tem exatamente cinco minutos antes de voltarmos para casa e eu te foder de novo. — Ele apertou minha bunda, empurrando-me em direção à porta de brincadeira. — Faça isso rápido e faça valer a pena, Nix.

Eu estava me casando com um bastardo.

Mas ele era *meu* bastardo.



— Eu ouvi a notícia. — Belle esperou por mim perto dos seguranças, apoiando-se na planta dos pés, do lado de fora das salas de jogos. Eles não a deixaram entrar. Pelos olhares que ela lhes enviou, eu poderia dizer que não havia amor entre ela e os dois homens corpulentos. — Em uma escala de um para Lindsay Lohan por volta de 2010, o quão bêbada você estava quando disse sim para a aposta? — Ela se enfureceu.

Eu me joguei entre seus braços, embora eles não estivessem tecnicamente abertos, apertando-a em um abraço.

— Nem um pouco bêbada, Belle. É o verdadeiro negócio. Eu não queria te contar porque eu não tinha certeza de para onde isso estava indo, mas... estamos meio que juntos agora.

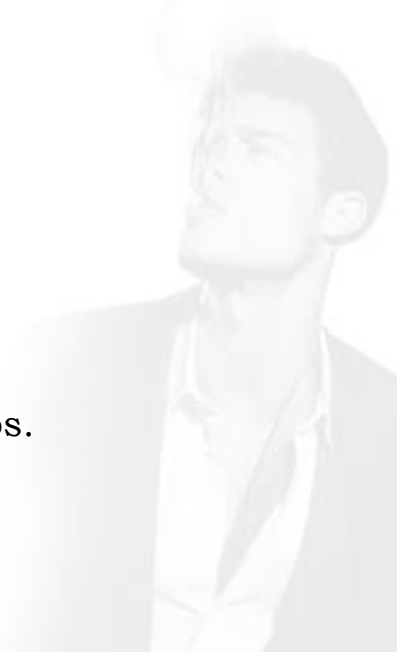
— Meio? Você acha? — Belle me deu um olhar sarcástico, ainda em choque, afastando-se de mim enquanto batia no meu ombro para me mostrar que ela não estava brava. — Todos nós sabemos para onde isso está indo agora, e deixe-me dizer a você, as pessoas chamaram seus irmãos, que então contaram às suas esposas, que contaram aos seus *pais*. Desnecessário dizer que ninguém está feliz por você ter mantido isso em segredo. Eles estão suspeitando que vocês sempre foram amantes. Nos dez anos que vocês se conheceram.

Deixe que eles pensem assim, pensei.

De certa forma, era verdade.

Sam e eu sempre fomos amantes.

Mesmo quando não falávamos ou nos tocávamos.





Naquela noite, fui para casa com Sam. Foi só quando entramos em seu apartamento que percebi que o lugar parecia total e irrevogavelmente meu. Em algum lugar abaixo da linha, sua casa havia se tornado minha casa. Ela abrigava minhas roupas, meus sapatos, meus produtos de higiene pessoal e o homem que amo.

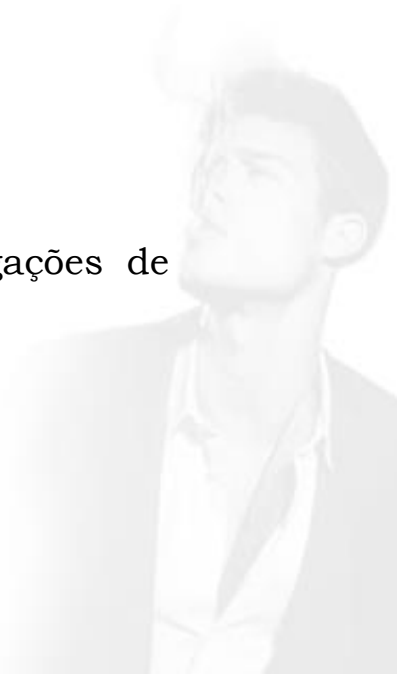
Ainda atordoada, andei pela sala, roçando meus dedos sobre a mobília mínima, as paredes nuas; eu sabia que havia uma boa chance de nossa casa nunca ter nenhuma arte nela, nenhuma pintura, nenhuma bugiganga vintage amada para preencher o lugar com personalidade e calor. Eu estava estranhamente bem com isso. Com a perda da arte em nome do amor.

Eu estava de frente para a janela com vista para a paisagem urbana de Boston, cintilando à noite como massas de pequenas estrelas, quando ouvi a voz de Sam atrás de mim.

— Não se vire. Continue assim.

Eu fiz.

Nossos telefones estavam explodindo com ligações de Badlands.



No começo, nós os enfiamos na minha bolsa, mas quando isso não ajudou, e as telas iluminadas e barulhentas continuaram nos provocando, nós os desligamos completamente. Eu tinha certeza de que meus irmãos e pais pretendiam derrubar essa porta a qualquer minuto, mas não podiam porque não sabiam onde Sam morava.

Achei esse pequeno fato estranhamente libertador.

A ironia de morar em algum lugar em que meus pais não puderam me encontrar, depois de estar sob seu domínio por tanto tempo.

Seus passos pressionaram o chão embaixo de nós. Eu o senti parar bem atrás das minhas costas. Ele pegou minha mão esquerda enquanto eu ainda estava de frente para a janela, deslizando um anel no meu dedo anelar. Minha respiração ficou presa e meu coração gaguejou, o monstro não confiável que era.

— Não olhe ainda, — ele sussurrou em meu ouvido. Eu balancei a cabeça, esperando.

Ele deu um beijo no topo da minha cabeça e eu me senti tonta de prazer.

— Sam, — eu respirei.

— Sim? — Ele perguntou, pegando o zíper do meu vestido, deslizando-o sedutoramente.

Limpei minha garganta. — Eu quero filhos.



Ele parou de abrir. Encontrei minha voz novamente. Não pude deixar de falar com ele sobre isso.

— Eu sei que você não é um fã, mas eu os quero muito. Isso vai ser um problema para nós?

Prendendo a respiração, esperei. Depois de alguns segundos, ele retomou o trabalho de me despir, deslizando o zíper para baixo. O vestido acumulou-se aos meus pés como um lago cintilante de sangue cor de vinho e purpurina.

— Não. — Seus lábios roçaram o oco do meu pescoço. — Eu vou te dar filhos, se você parar de trabalhar. Faça algo legal, Aisling. Eu não posso suportar a ideia de algo acontecendo com você.

Eu engoli em seco, fechando meus olhos.

Meus pacientes eram muito queridos para mim.

Seu bem-estar, apoiá-los significava tudo.

Mas ele estava certo. Se alguém me pegasse, ficaria presa para o resto da vida.

Tornar-se mãe e fazer algo tão perigoso simplesmente não combinava. Principalmente porque o pai dos meus futuros filhos também tinha um emprego nada respeitável. Alguém teria que ser sua âncora. O pai confiável que sai para trabalhar e volta todos os dias, aconteça o que acontecer.

Senti minhas pálpebras fechando.



— Vou falar com Dr. Doyle amanhã.

— Boa menina. — Ele beijou minha bochecha, desabotoando meu sutiã. — Agora dê uma olhada no seu anel.

Eu me virei para encará-lo, vestindo apenas minha calcinha e o anel. Eu pisquei para isso. Um suspiro de choque e prazer me escapou. Eu olhei para Sam com os olhos cheios de lágrimas.

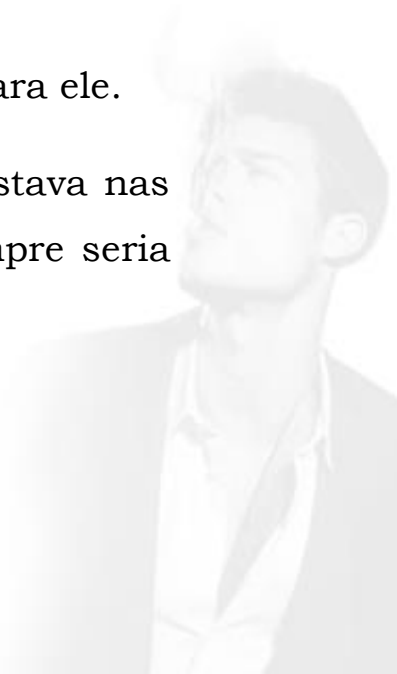
— Troy deu à Sparrow um anel com um diamante vermelho sangue. Isso o lembrou do cabelo dela. Eu queria fazer o mesmo, mas quando penso em você, não penso no seu cabelo. Eu penso nesses olhos. Eles me provocam. O azul absoluto deles.

Ele pegou minha mão e beijou o anel, um enorme halo de diamantes em torno da pedra central – uma safira em formato de octógono com corte esmeralda. Eu o beijei também, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Você ia vencer o tempo todo, não é? — Sussurrei, referindo-me ao nosso jogo de blackjack. — Você sabia que venceria.

Ele segurou minhas bochechas, puxando-me para ele.

— Eu nunca iria perder você, Ash. Isso não estava nas cartas, ou na mesa, ou parte da agenda. Você sempre seria minha. Você deveria saber disso.



Dezoito

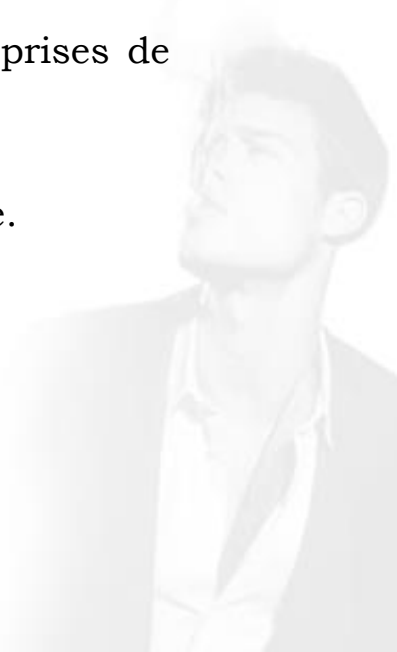


Sam

— Eu vou matar você, Brennan. — Cillian Fitzpatrick invadiu meu escritório em Badlands no dia seguinte, com Hunter atrás dele. — Você tem coragem de encurralar minha irmã assim. Sua aposta com ela está cancelada. Pagaremos o dinheiro.

Sentei-me na minha cadeira, sorrindo enquanto batia meus dedos na minha boca. Fazia três horas desde que deixei Aisling na clínica para pedir sua demissão, e já sentia saudades dela como um louco. A ideia de desistir do noivado depois que ela concordou parecia tão longe da realidade quanto deixar Cillian e Hunter enfiarem um vibrador de três metros na minha bunda enquanto eu assisto as reprises de *Hannah Montana*.

— Eu não quero o dinheiro, — disse lentamente.



— Bem, que pena... — Cillian parou na frente da minha mesa, seus punhos cerrados — ...porque comprar minha irmã não é uma opção.

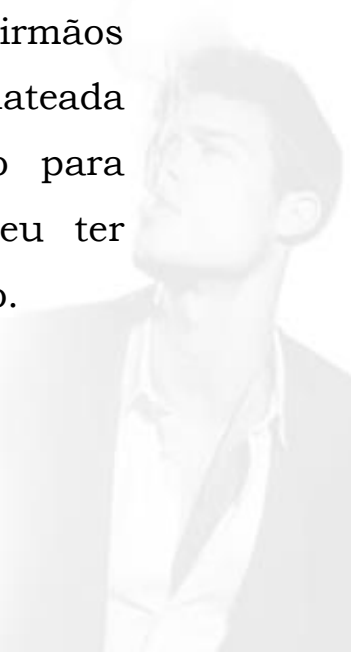
— Eu não a comprei, eu a ganhei. Foi você quem comprou sua esposa, já que estamos no assunto, e você... — Eu me virei para Hunter antes que ele abrisse a boca — ...você nem tem uma palavra a dizer sobre isso. Você está fazendo sexo com minha irmã. Conte com a bênção de que ainda está vivo. Ainda não tenho ideia do que ela vê em você.

Hunter ergueu as mãos em sinal de rendição. — O mesmo aqui, mano. Não tenho ideia de por que ela está comigo. Eu só sei que não vou deixá-la ir.

— Como vocês entraram aqui? — Eu fiz uma careta. A entrada era controlada por dois guarda-costas.

Cillian se sentou na minha frente, e Hunter ocupou a cadeira ao lado dele enquanto os dois se convidavam a ficar.

Cillian e Hunter não tinham ideia do que se passava entre mim, seu pai, Aisling e Jane, e eu pretendia manter as coisas assim. Não porque me importasse com o que eles pensavam, mas porque sabia que machucaria Aisling se seus irmãos duvidassem de minha devoção a ela. E ela ficaria chateada quando Hunter e Cillian passassem a informação para Persephone, Sailor e Devon, tornando o fato de eu ter esfaqueado ela pelas costas um assunto bem conhecido.



— Oh, eu conheço Johnny e Grayson há muito tempo. — Hunter acenou com a mão com desdém, referindo-se aos seguranças parados na porta da frente. — Eu disse a eles que viemos parabenizá-lo pelo seu noivado.

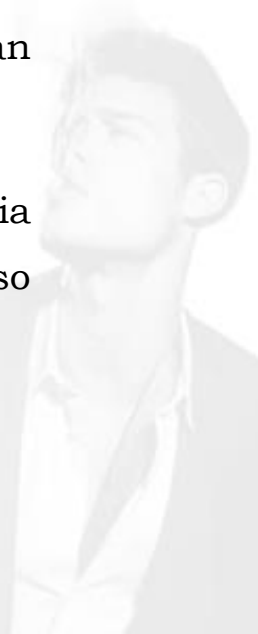
— Quando realmente viemos aqui para lhe dizer que você não vai chantagear nossa irmã. — Cillian acendeu um charuto. O fedor do fumo enrolado queimado espalhou-se pela sala e tentei me lembrar do que gostava em fumar. Os charutos cheiravam a pés pegando fogo, e os cigarros eram o equivalente mais barato.

Era peculiar. Como os hábitos bons e maus nasceram do tédio. Como eles se tornaram uma obsessão, um vício, antes que você percebesse. E como retirar o controle deles tornou-se um hábito em si mesmo.

— Sua irmã é uma menina crescida. — Entrelacei meus dedos na minha mesa, tentando manter o desdém de minha voz. — Ela veio a mim por sua própria vontade. Como você se lembra, você me pagou para não chegar perto dela, o que deve dizer algo sobre a reação dela em relação a *mim*.

— E, como você se lembra, você estragou toda a sua promessa de não a tocar, se vocês vão se casar agora, — Cillian respondeu.

Cillian não estava errado, mas ele também não podia provar suas suspeitas, então eu apenas lancei a ele um sorriso quase tolerante.



— Você tem provas?

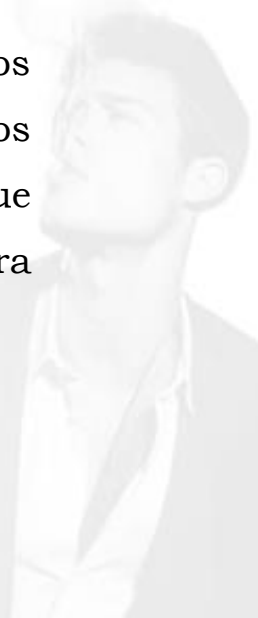
— Não, mas...

— Então eu sugiro que você mantenha sua opinião onde ela pertence, nos tópicos da teoria da conspiração do Reddit. Aisling e eu vamos nos casar. O casamento acontecerá mais cedo ou mais tarde. Já falei com seu pai sobre a dedução do bônus anual por não a tocar, pois pretendo tocá-la com frequência – e de forma muito inadequada. Eu entendo que a família Fitzpatrick gosta de ver Ash como a filha valorizada e dedicada que adora Jane e cumpre todos os caprichos de seu pai, mas isso acaba agora.

— O que nos leva ao nosso próximo tópico. — Cillian estreitou os olhos para mim. — Parece-me que toda a provação do divórcio entre meus pais, junto com as abotoaduras roubadas e a caixa de veneno, desapareceram no ar. Como responsável pela situação, você se importaria em explicá-la? — Ele segurou o charuto entre os dentes, meio sorrindo.

O problema com Cillian era que, ao contrário da maioria dos meus clientes ricos, ele era inteligente e observador. Essas coisas definitivamente eram um espinho no meu lado.

— Com prazer. — Eu estalei meus lábios. — Encontramos a pessoa responsável por todas essas coisas. Por motivos óbvios, seu pai o jogou para baixo do tapete. Não queria que sua mãe ficasse ainda mais chateada com ele quando outra amante viesse à luz. A propósito, como está Jane?



— Não finja que você se importa, — Cillian bocejou. Eu duvidava que ele se importasse também.

— Justo. — Eu ri. Hunter, o único de nós três que realmente se importava, confirmou que ela ainda estava fazendo terapia. Bom para ela. Ela precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir, porque eu nunca a deixaria manipular emocionalmente Aisling novamente.

— Você parou de fumar, hein? — O olhar de Hunter se voltou para minha mesa, que agora não tinha a montanha usual de cinzeiros, maços de cigarro e Zippos. — De um viciado para outro, deixe-me dizer, estou muito orgulhoso de você.

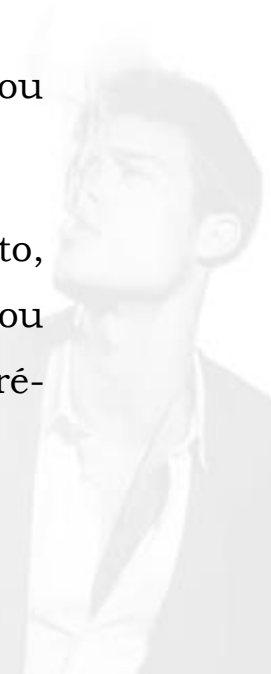
— Isso aquece meu coração, — eu disse.

— Mesmo? — Os olhos de Hunter se iluminaram.

— Não, — eu disse impassível, olhando entre eles. — Vocês conseguiram tudo que vieram buscar aqui? Eu tenho um dia agitado. É chamado de trabalho... — Estalei meus dedos, fazendo um show para lembrá-los — ...vocês sabem, aquela coisa que as pessoas fazem para ganhar dinheiro quando não nascem na realeza.

— Você está prestes a se casar com a realeza, — brincou Hunter, balançando as sobrancelhas.

— O que me lembra, — Cillian apagou o charuto, levantando-se e abotoando o blazer, — de jeito nenhum vou deixar você se casar com minha irmã sem um acordo pré-nupcial.



— Vou assinar o maldito acordo pré-nupcial, — respondi,
— mas ela não pode saber disso.

— Ela não pode saber disso? — Hunter franziu a testa. —
Por que não?

— Não é o dinheiro que me interessa, é manter sua irmã,
— eu grunhi, irritado por ter que soletrar para ele, como se ele
não soubesse o que significava ser chicoteado.

— Você realmente a ama, não é? — Hunter sorriu
presunçosamente.

— Dê-nos uma resposta espertinha e eu vou te matar, —
Cillian avisou.

Eu estava prestes a responder quando alguém chutou a
porta, fazendo-a voar para fora das dobradiças e patinar no
chão. Peguei minha arma na gaveta da escrivaninha, mas os
dois homens nas balaclavas foram mais rápidos.

— Não há necessidade de matá-lo, — disse um deles com
um forte sotaque russo, apontando a arma para mim. —
Faremos isso por você.

Ele disparou duas balas no meu peito.

Tudo ficou preto.



Eu entrei e saí da consciência enquanto eles me levavam às pressas para o hospital. Não conseguia sentir nenhuma dor no peito ou no ombro, o que não poderia ser um bom sinal. Tudo estava embaçado. A luz fluorescente branca e punitiva me forçou a fechar os olhos assim que os abri.

Ao fundo, ouvi as vozes de Cillian e Hunter, e de Devon.

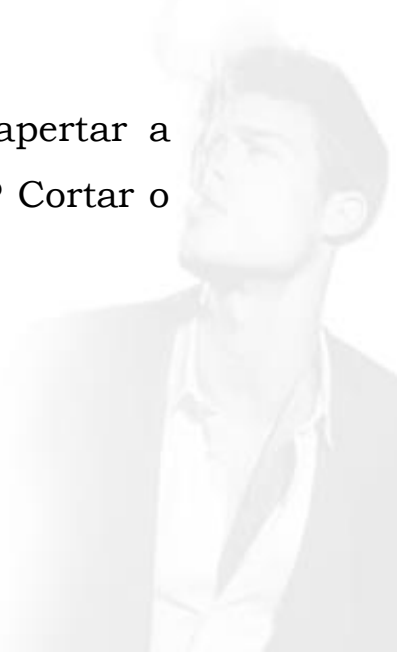
— Johnny e Grayson estão mortos, — disse Hunter, sem saber que eu estava semiconsciente. — Precisamos cuidar disso.

— Troy está nisso, — brincou Cillian. — Ele vai limpar a cena. Ele tem pessoas trabalhando nisso agora. Estão fechando as salas de jogos para o caso de a polícia ser informada.

Naquele momento, fiquei feliz por meus amigos não serem totalmente idiotas. Devo ter gemido porque a cabeça de Cillian virou na minha direção. O médico e a enfermeira atrás de mim enxotaram minha comitiva. Devíamos estar indo para a sala de cirurgia.

— Ligue para Ash, — tentei dizer, mas embora pudesse mover minha boca, não produzi nenhum som.

— O quê? — Hunter estendeu a mão para apertar a minha. Pelo amor de Deus, o que ele faria a seguir? Cortar o cordão quando eu desse à luz a porra do bebê?



— Ligue para Ash! — Eu rugi, esperando que minha audição estivesse prejudicada devido aos tiros e que eu não perdesse minhas malditas cordas vocais.

Cillian e Hunter pararam de repente atrás da equipe médica quando minha maca irrompeu pelas portas duplas.

Eu tinha que ficar vivo.

Eu precisava.

Não para mim.

Para *ela*.

Fechei meus olhos novamente.

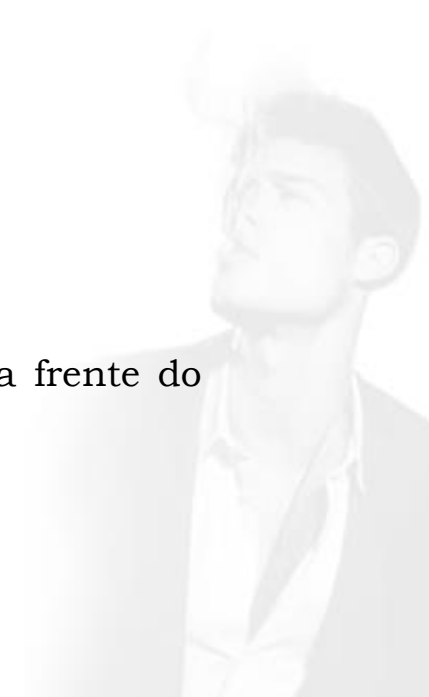
Pela primeira vez na vida, estava perdendo uma luta.



Aisling

— Eu me demito.

O Dr. Doyle e eu estávamos sentados um na frente do outro, preenchendo fichas.



Soltei as palavras antes de me acovardar, fazendo o homem mais velho se endireitar em seu assento. Ele me observou através da borda grossa de seus óculos de leitura.

— Estou muito feliz em ouvir isso, — ele disse finalmente, e todo o ar saiu de meus pulmões em um suspiro desesperado. Mesmo sabendo que o Dr. Doyle estava querendo que eu explorasse meios mais legais e eficazes de medicina, eu também sabia que ele estava muito ocupado aqui na clínica e precisava de ajuda.

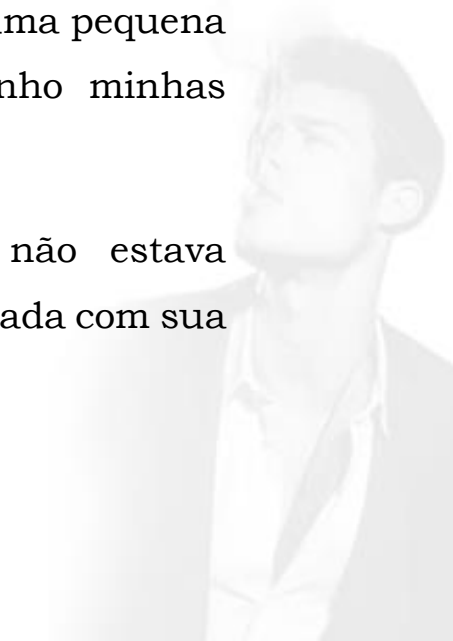
— Eu me sinto mal. — Cobri meu rosto com as duas mãos, balançando a cabeça.

— Não faça isso. — Eu ouvi o sorriso em sua voz. — Eu quero mais para você do que isso. Naquela vez que você veio ao meu escritório, quando descobriu o que eu fazia, eu sabia o quanto apaixonada você era por esse trabalho quando me contou sobre a Srta. Blanchet, mas nunca esperei que você viesse trabalhar aqui em tempo integral.

— Mas e a Sra. Martinez...

— Ela vai sobreviver, — ele se apressou em dizer. Então, percebendo sua má escolha de palavras, ele deu uma pequena risada e acrescentou: — Eu vou assumir. Tenho minhas próprias ideias sobre o tratamento dela.

Engoli. Ele era um ótimo médico. Eu não estava preocupada com suas habilidades, estava preocupada com sua carga de trabalho.



— O que você vai fazer? — Perguntei ao Dr. Doyle, espiando-o por entre meus dedos espalhados pelo meu rosto. O anel de noivado ainda parecia pesado em meu dedo. Estranho e estrangeiro, mas como uma capa de segurança que eu nunca usei antes.

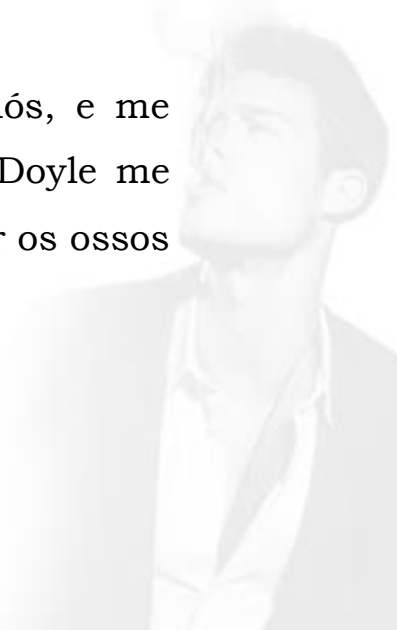
Os olhos do Dr. Doyle pararam no enorme anel de safira, mas além de seu sorriso se alargando, ele não mencionou.

Era óbvio que ele somava dois e dois.

Noivado significava casamento, e muitas vezes casamento significava bebês, e se havia uma coisa que meus filhos mereciam, era pelo menos um dos pais que não correria o risco de ser jogado na prisão.

— Vou reduzir o trabalho eventualmente também, começando por recusar novos pacientes. — Ele largou a caneta no prontuário que estava preenchendo. — Sabe, pensei muito sobre isso recentemente. Por que fazemos isso... — ele gesticulou pela sala — ...e cheguei à conclusão de que estamos tentando nos arrepender. Ambos perdemos pessoas que amamos muito, das formas mais terrivelmente dolorosas, mas não é nossa culpa. É hora de deixar a culpa ir, minha querida. Você não pode mudar a história. Mas você pode escrever seus próximos capítulos. Você está fazendo a coisa certa ao desistir, Aisling. Você tem uma bela vida pela frente. Ah, para ter sua idade de novo, — ele disse melancolicamente, olhando para um ponto invisível atrás do meu ombro, olhando para longe de repente. — O mundo está espalhado diante de você em toda a





Eu olhei para baixo e percebi que meu telefone estava apitando com uma mensagem recebida. Deslizei a tela com o polegar.

[illegible]

— Você acha que eu posso lidar com uma residência? —
Eu mordi minha bochecha interna.

— Querida, — Dr. Doyle riu, — a questão é, *eles* podem lidar com *você*? Você é uma força a ser reconhecida. Compassiva, pragmática e trabalhadora. Uma combinação letal para um médico.

Ele se levantou, contornando a mesa entre nós, e me ofereceu sua mão. Eu peguei, me levantando. Dr. Doyle me envolveu em um abraço. O tipo profundo de esmagar os ossos que reorganizava todo o seu ser da maneira certa.

Quando saí da clínica pela última vez na vida, me vi olhando para a porta do prédio com um sorriso suave, mas sem saudade.

Fazer o que fiz nunca me satisfaz de verdade.

Isso entorpeceu minha dor.

Eu estava pronta para o próximo capítulo da minha vida.

Para costurar as pessoas de volta, expiando todas as vidas que meu futuro marido sem dúvida destruiria.

Eu te perdoo, mon cheri. Você era apenas uma criança. Além disso, talvez, apenas talvez eu também a tenha colocado em uma situação impossível, ouvi a voz da Srta. B na minha cabeça e sabia, com uma quantidade decente de decepção e alívio, que eu não ouviria sua voz com muita frequência de agora em diante. Seu trabalho estava realmente feito agora.

Peguei meu telefone, caminhando distraidamente para o Prius.

Eu tinha muitas chamadas perdidas de Cillian, Hunter e Devon. Puxa, eles realmente não conseguiram lidar com como o dia de ontem foi comigo e Sam. Eles precisavam se superar.

Os textos, no entanto, me deram uma pausa.

Cillian: *Responda.*

Hunter: *Por favor, pegue o telefone. Não estamos tentando gritar com você pelo noivado.*



Cillian: *Sam está no hospital. Brigham. Ele foi baleado duas vezes. Ele está em estado crítico.*

Hunter: *Você tem que vir vê-lo. Ele está pedindo por você.*

Devon: *Aisling, querida, seus irmãos estão bastante desorientados, demais para prestar atenção aos detalhes mais delicados. Mas, como advogado, devemos nos perguntar: se você está trabalhando atualmente e seu local de trabalho é o hospital em que estamos, por que não conseguimos entrar em contato com você?*

Pulei para dentro do carro, pisando fundo em todo o caminho até o hospital, meu coração na garganta.

Meu pior medo havia se materializado.

Os pecados de Sam finalmente o pegaram.



Aisling

Explodi pelas portas do pronto-socorro, correndo em direção à área de espera, onde Hunter, Cillian, Devon e Troy estavam parados com uma Sparrow de aparência frenética.



Esta última andava de um lado para o outro, parecendo estar em uma conversa profunda ao telefone com a filha, instando-a a não vir.

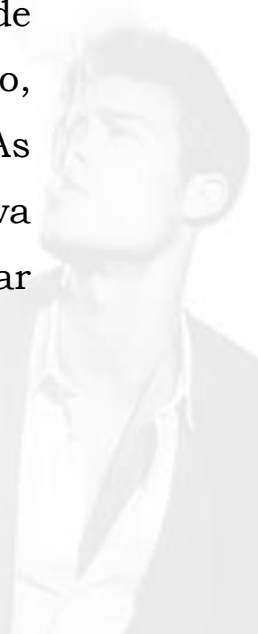
— Não, querida, alguém precisa cuidar das crianças. Por favor, não os deixe com Persy. Ela já tem as mãos ocupadas. Vou mantê-la informada.

Foi a primeira vez que vi meus futuros sogros desde que Sam me pediu em casamento, e foi em circunstâncias nada positivas. Eu me joguei em Hunter, agarrando as lapelas de seu casaco.

— Onde ele está?

— Ei, — Hunter disse gravemente, sua voz mais baixa e mais preocupada do que eu já tinha ouvido antes. Cillian não olhou para mim. Eles sabiam de algo que eu não? O pensamento me fez querer ajoelhar ali mesmo e vomitar no chão. — Ele está em cirurgia agora. Acho que você não pode entrar, mas com certeza pode perguntar ao pessoal como ele está? Você trabalha aqui e tudo mais. Você deve conhecer alguns dos médicos.

Ainda atordoada, murmurei algo sobre ser um grande hospital e não querer tirar vantagem da minha posição, embora eu pudesse dizer que Hunter me olhou engraçado. As paredes estavam se fechando sobre mim. Minha família estava começando a suspeitar. Por que demorei tanto para chegar aqui se eu trabalhava no local?



Porque eu nunca trabalhei aqui. Eu simplesmente não poderia te dizer o que eu fazia.

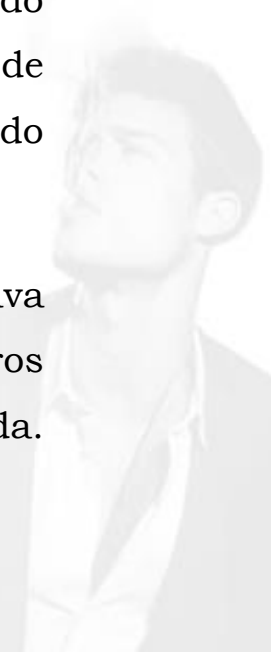
A grande ironia de ser pega na mentira no dia em que deixei meu emprego com o Dr. Doyle não me escapou, mas minha mente estava ocupada com todas as coisas de Sam. Eu encarei ansiosamente a porta que Hunter apontou. Por trás dela, os médicos lutavam pela vida de Sam.

— Diga-me o que aconteceu de novo, — Troy insistiu, atormentando Cillian e Hunter, e eles recitaram a cena inteira. Como eles conversaram com Sam sobre meu noivado com ele (nesse ponto, eles me encararam incisivamente), como discutiram o assunto longamente. Como eles não ouviram nada quando os russos colocaram balas nas cabeças de Johnny e Grayson porque usaram um silenciador. Como a Bratva irrompeu pela porta do escritório de Sam, apontando sua arma para ele.

— Ele é um filho da puta forte. — Hunter fungou. — No nosso caminho para cá, ele estava meio inconsciente. Ele até nos pediu para ligar para você, Aisling.

Todos os olhos se ergueram e pousaram em mim, fazendo um buraco no meu rosto. Envolvendo meus braços em volta de mim, eu os ignorei, valsando até uma janela próxima e olhando para fora dela.

O mundo continuou girando, e parecia que eu estava perdendo a Srta. B de novo, só que muito pior. Carros buzonavam, aglomerados em linhas bem definidas na estrada.



Nuvens navegaram. As mulheres arrulhavam para os outros carrinhos de bebês nas ruas.

De repente, me senti inchada e inflamada de ressentimento.

Dos meus pais por me privarem de ter Sam até que fosse tarde demais. De mim mesma, por ouvi-los, por esperar, por me negar o que eu queria. E de Sam, que devorou Boston implacavelmente – a ponto de Boston não ter escolha a não ser devorá-lo de volta.

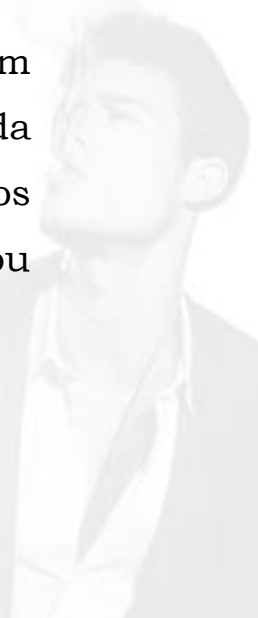
— Hunter, — eu gritei, ainda olhando pela janela, meus olhos grudados na rua. Ele se aproximou de mim, parando bem ao meu lado.

— Ligue para a mãe. Eu a quero aqui. Pela primeira vez nesta vida, quero que ela me console.

— Tem certeza? — Ele franziu a testa. — Eu não quero que isso tenha o efeito oposto. E se ela acabar importunando você sobre sua psoríase ou tentar arrastá-la para fazer compras no shopping?

— Ela não vai, — eu disse com convicção.

As mulheres com carrinhos de bebê na rua se abraçaram em despedida e seguiram caminhos separados. Fiquei enjoada quando percebi que era possível que eu nunca tivesse filhos com Sam. Que isso poderia ser tudo para nós. — Eu não vou deixá-la.



Hunter acenou com a cabeça bruscamente, dando um passo para o lado para ligar para minha mãe.

Então, sozinha, com o rosto inclinado na direção oposta a de todos, permiti que as lágrimas caíssem. Uma por uma, elas deslizaram pelo meu rosto, quentes e salgadas.

Eu precisava deixá-las ir ou então eu me afogaria.



Dezenove



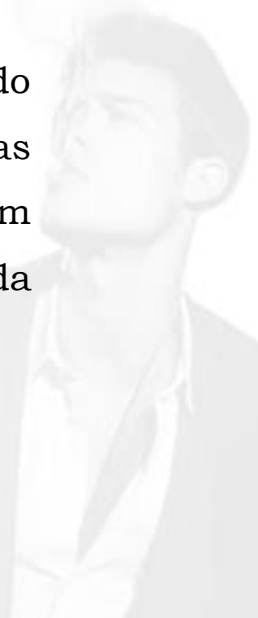
Aisling

Uma hora depois, minha mãe entrou na sala de espera. Ainda não havia nenhuma palavra dos médicos dentro da sala de cirurgia. Várias vezes, Sparrow, Troy e Cillian tentaram me cutucar para checar a recepção, puxar alguns cordões como uma médica neste hospital. Notei que Devon e Hunter estavam surpreendentemente quietos e solenes. Eles sabiam.

Minha mãe jogou os braços sobre meus ombros, enterrando o rosto em meu pescoço.

— Oh, Aisling, que terrível. Pobre Sam. Espero que ele fique bem. Embora, eu suponho, ele conseguiu o que estava vindo para ele, fazendo o que ele faz e tudo.

Meu sangue congelou em minhas veias. Eu a afastei do meu corpo. Ninguém mais tinha ouvido o que ela disse, mas não importava. Eu estava cansada de ser compreensiva com ela, com sua condição. Sua língua solta e moral mais relaxada



tinham consequências, e era hora de ela saber disso. Eu dei um passo para trás.

— Estou noiva dele, — anunciei roboticamente.

Sua boca se abriu. Meus irmãos devem ter mantido isso em segredo dela. Sem dúvida, pensando que o noivado podia ser de curta duração. Bem, não era. Só havia uma maneira de sair desse noivado agora, e seria se Sam morresse.

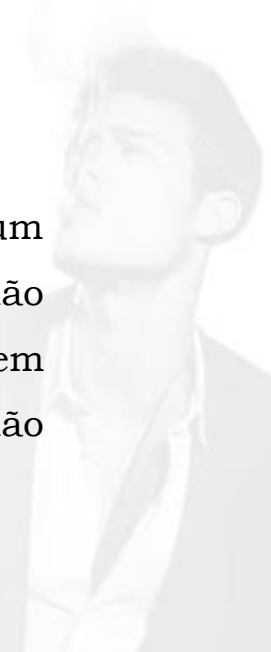
— Aisling, você não pode... — ela agarrou seu colar de ouro, ajeitando-o nervosamente sobre o pescoço. Ela estava vestida com um terno de veludo preto e uma bolsa Chanel vintage, e eu percebi, alguns momentos depois, que não eram apenas suas palavras que me incomodavam, mas também o fato de que ela demorou para se preparar para ir ao hospital quando eu liguei para ela.

Ela baixou a voz, agarrando meu pulso e me puxando para o canto da sala para se certificar de que ninguém pudesse nos ouvir. — Querida, ele não é para você.

Eu puxei meu braço para longe, carrancuda para ela. — Você não sabe o que é bom para mim. Tudo que você quer é que eu fique em casa e cuide de você.

— Querida! Isso é ridículo. Se qualquer coisa, eu...

— Não termine essa frase, — eu avisei, levantando um dedo. — Chamei você aqui hoje porque queria seu apoio, não para ouvir você reclamando. É assim que vai ser de agora em diante, mãe. Você vai dar suporte, não apenas obter. Você não



vai me julgar. Você vai ser *mãe*. Não é mais minha responsabilidade. Fui clara?

Ela olhou para mim, piscando, e meu coração apertou quando percebi que éramos como um espelho filtrado. Eu parecia com ela. Mesma constituição delicada, ossos delicados e cabelo penteado. Os mesmos lábios e nariz e cílios naturalmente curvados.

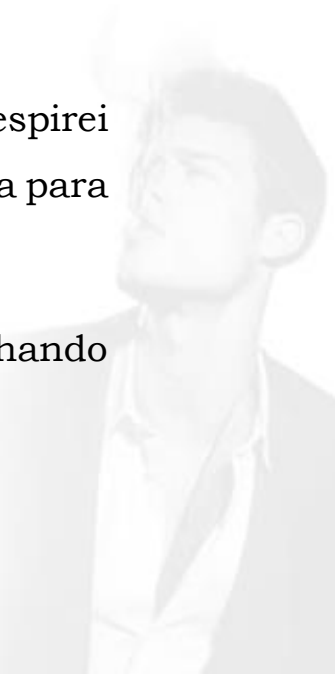
Mas eu era diferente. Forte. Resiliente.

Ela tocou a bochecha com os dedos, suspirando.

— Você tem razão. Eu abusei do seu bom coração, Aisling. Eu não queria acreditar, mas é claro que acreditei. Você era tão boa e eu tão fraca. Eu não estava acostumada com as pessoas sendo boas sob meu teto. Seu pai e Cillian são frios como gelo. Hunter tem as melhores intenções, mas nunca consegui penetrar em seu coração. Você foi minha rocha. Meu tudo. E perder você... Eu não poderia imaginar tal cenário. Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu... — ela parou, curvando a cabeça quando seus ombros começaram a balançar ao ritmo de seus soluços. — Fui eu quem sugeri que seu pai deveria pagar mais a Sam para não chegar perto de você.

Um pingente de gelo perfurou meu coração, e eu respirei fundo e repentinamente, alcançando uma parede próxima para tentar me endireitar.

Minha mãe continuou, seus olhos olhando cuidadosamente para o chão.



— Eu vi o jeito que você olhou para ele na primeira vez que o viu. Você deve acreditar que isso nem sempre foi sobre mim, Aisling. Eu também estava pensando em você. Ele era muito velho, muito perigoso e muito áspero para uma garota gentil como você. Mas sim, em espírito de honestidade, eu sabia que um homem como aquele poderia pegá-la com a mesma facilidade assustadora com que você tiraria Shelly da gaiola quando lhe desse banho. Você ia me deixar sozinha com seu pai nesta grande mansão, e eu não estava pronta para isso. A cada ano que passava, tentei reunir coragem para lhe contar. Para ser honesta. Egoisticamente, eu não poderia.

Eu estava totalmente ciente de que em algum lugar da minha periferia, nossos amigos e familiares estavam nos observando, então me abstive de causar uma cena. Como aparentava, Hunter e Cillian pareciam em alerta máximo, prontos para atacar mamãe e levá-la para longe de mim, sabendo que ela tinha um talento para roubar os holofotes, não importando a situação.

Apesar do choque inicial e da profunda sensação de traição, o Dr. Doyle estava certo. Não havia nada a ser feito em relação ao nosso passado. O único caminho era seguir em frente. Eu poderia deixar o que minha mãe fez definir nosso relacionamento ou reinventá-lo.

E ali parada, enquanto Sam estava na sala de cirurgia, oscilando entre a vida e a morte, tudo estava claro como cristal para mim.



Se você amava de alguma forma, você tinha que dar a eles uma segunda chance.

Não por eles.

Por *você*.

Dei um passo em direção a ela, inclinando minha cabeça regiamamente.

— Eu te perdoo, Jane, não porque você merece, mas porque eu não mereço viver o resto da minha vida sem mãe por causa de seus erros. Você vai me compensar, no entanto. Sério. Você pode começar trazendo para todos nós cafés e doces. Os Brennans não comeram o dia todo e estou faminta.

Ela acenou com a cabeça, enxugando o rosto rapidamente, fungando.

— Vou fazer. Agora mesmo. Oh, Aisling, muito obrigada.
— Ela agarrou minhas mãos e as apertou. — Eu não vou te decepcionar, amor. Você verá.

Ela correu em direção aos elevadores em seus saltos altos, ignorando os olhares perturbados dos curiosos.

Eu estava me escolhendo agora.

Eu... e o homem que amava.



Fazia seis horas desde que cheguei ao hospital e ainda não havia nenhuma palavra da sala de cirurgia. Eu sabia que nenhuma notícia não era necessariamente uma má notícia. Isso significava que eles ainda estavam trabalhando duro para salvar sua vida. Eu *também* sabia que isso não importava.

Eu estava perigosamente perto de um ataque cardíaco fulminante.

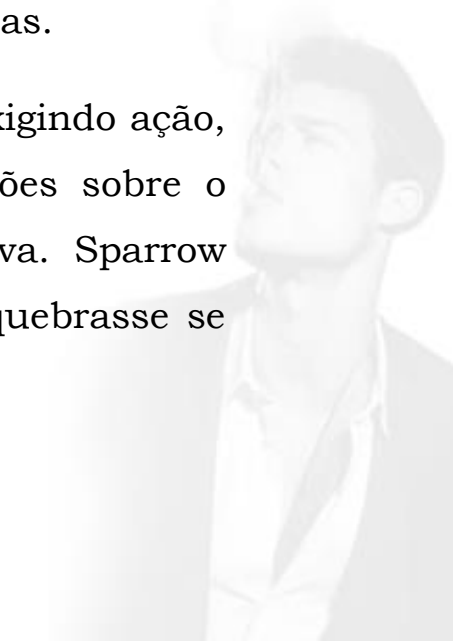
Enfermeiras e médicos entravam e saíam correndo da sala, usando uniformes ensanguentados e carrancas graves. Eu descaradamente pulei sobre eles, exigindo respostas, mas eles me sacudiram todas as vezes.

A sala de espera ficou lotada de pessoas. No começo, eu não percebi, muito envolvida em rodar todos os cenários e resultados possíveis para a condição de Sam em minha cabeça, mas agora, levantando meu olhar do meu colo, eu vi.

Troy, Sparrow, Cillian, Hunter, Devon, meus pais e Sailor estavam aqui agora, juntos, mas sozinhos, cada um de nós abalado até o âmago.

A angústia para o bem-estar de Sam estava espessa no ar, pairando como uma névoa sobre nossas cabeças.

Troy estava ao telefone, berrando ordens, exigindo ação, sem dúvida tentando encontrar mais informações sobre o ataque, planejando como contra-atacar a Bratva. Sparrow parecia tão frágil que tive medo de que ela se quebrasse se estendesse a mão e a tocasse.



Fui até ela. — Vai ficar tudo bem, — sussurrei, tentando me convencer do mesmo no processo.

Hunter me disse que as balas perfuraram o ombro e o peito de Sam. Era difícil estimar o dano quando eu não tinha informações concretas.

Finalmente — *finalmente* — um médico de meia-idade com uniforme manchado e têmporas suadas saiu da sala de cirurgia. Fui a primeira a disparar em sua direção, com Sparrow logo atrás de mim.

— Olá, sou o Dr. McKinnley. Você é a esposa? — Ele se virou para mim.

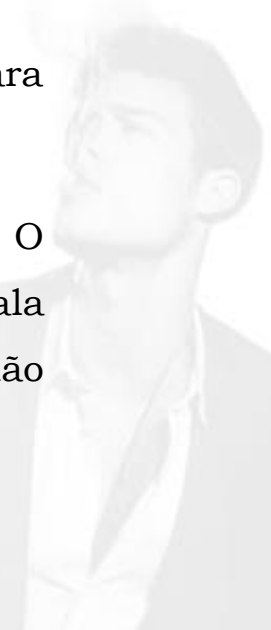
— Eu serei em breve. — Puxei Sparrow para perto de mim. — Esta é a mãe dele. Por favor, diga-nos como ele está.

Ele olhou para mim com ceticismo. Ele não deveria distribuir informações para aqueles que não eram parentes de Sam.

— Aisling também é médica aqui. Um ginecologista obstetra — explicou Sparrow, colocando uma mão protetora sobre meu ombro. — Você pode contar a ela.

O médico me lançou outro olhar e voltou seu foco para Sparrow.

— Foi por um triz. Ele ainda não está fora de perigo. O principal problema não é a ferida no ombro. Removemos a bala e, embora ainda seja cedo para saber, acredito que a bala não



rasgou mais do que o tecido muscular e não tocou em nenhum dos nervos. Nossa principal preocupação era o ferimento no peito. Atingiu um local muito problemático, para ser franco. Em estreita proximidade com o coração. Levamos três horas para remover somente a bala. Ele perdeu muito sangue. As próximas vinte e quatro horas serão críticas. Estamos transferindo-o para a sala de recuperação enquanto conversamos. Ele precisa de um bom descanso. Eu não posso enfatizar isso o suficiente. Por esse motivo, preferiríamos que ele visse um visitante de cada vez.

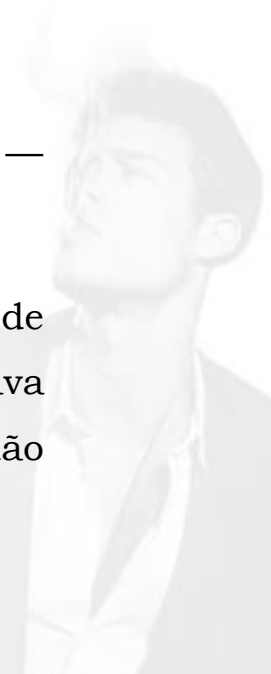
Sparrow e eu trocamos olhares. Não ousei ter esperanças. Afinal, ela era sua mãe. Ela merecia vê-lo primeiro. Minha futura sogra apertou minha mão na dela.

— Há mais de duas décadas eu disse a Sam que um dia uma mulher entraria em sua vida e provaria a ele que ele não odeia todas as mulheres. Ele lutou bem, admito, mas acho que você finalmente o quebrou. É você que ele vai querer ver quando abrir os olhos. Na verdade, Troy me disse que ele perguntou especificamente por você quando trazido para cá. Você deveria ir.

— Tem certeza? — Mordi meu lábio inferior.

Ela sorriu, a dor estragando sua expressão. — Absolutamente, querida.

Segui o Dr. McKinnley ao longo do estreito corredor de linóleo como uma criança punida, sem saber o que estava esperando por mim no final da jornada. Quando o cirurgião



empurrou a porta, ele disse: — Lembre-se, ele está frágil agora, mesmo que não pareça.

Balancei a cabeça, fechando a porta atrás de mim e olhando para Sam de um local seguro e distante. Eu era uma médica. Eu tinha visto sangue e coisas ensanguentadas em minha vida. Mas havia algo na dor de Sam que era muito íntimo e real para mim. Ele lá com os olhos fechados, esta besta de um homem, tão imponente, tão imperial, e ainda assim tão quieto e infantil agora.

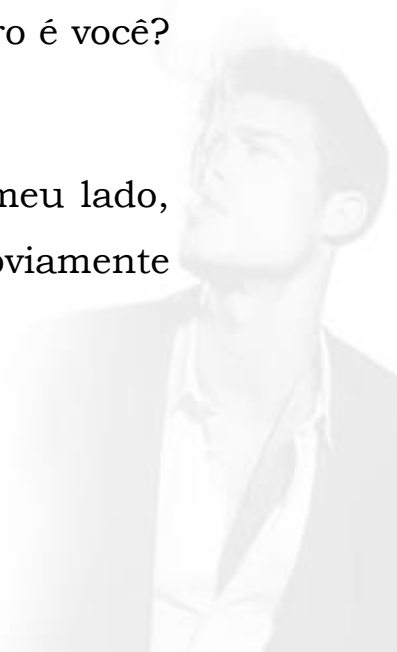
— Oh, Sam. — Segurei minha boca, correndo para o pé da cama, afundando no chão e enterrando meu rosto ao lado de seu braço. — O que eles fizeram com você? Por favor, supere isso. Por favor.

Lágrimas cobriram cada centímetro do meu rosto. Eu gemia alto, uivando, fazendo ruídos que eu não tinha ideia de que era capaz. Ele finalmente era meu e eu o estava perdendo.

Era o tipo de crueldade que eu não conseguia imaginar.

— Há tanto que tenho que te contar. Muitas novidades. Você não pode morrer na minha cara agora. É um momento altamente inconveniente, Sam. Que tipo de cavalheiro é você? — Eu bufei.

Pensei ter sentido ele se mover um pouco ao meu lado, mas ele não disse nada, nem mesmo gemeu, então obviamente eu estava apenas imaginando.



— Eu larguei meu trabalho. Estarei à procura de residências. Preciso que você me ajude a escolher. E quanto às crianças? Quero muitas delas e precisamos começar a praticar. Depois, há o assunto Cillian e Hunter. Quem vai incomodá-los, se você morrer?

Outro pequeno movimento. Empurrei minha cabeça para cima, estudando o rosto de Sam de perto. Seus olhos ainda estavam fechados, sua respiração difícil. Eu o encarei enquanto abria minha boca, falando cautelosamente de novo.

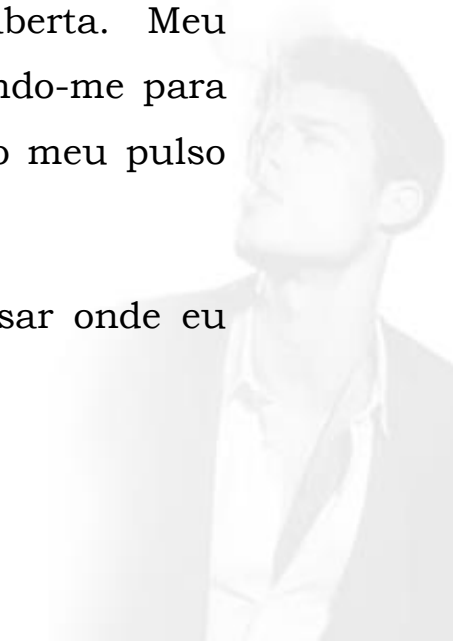
— Claro, se você morrer sobre mim agora, em algum momento no futuro – muito longe no futuro – serei capaz de superar você e seguir em frente. Mas, por enquanto, eu só quero que você...

A mão de Sam se moveu ligeiramente. Ele agarrou meu pulso e me puxou para ele, seus olhos se abrindo. Ele gemeu de dor com o movimento repentino e me lançou uma carranca canina.

— Ninguém fodidamente superar ninguém, Fitzpatrick. Agora cale a boca e me deixe descansar.

Surpresa, eu o encarei com alegria aberta. Meu estratagema funcionou. Eu fiz beicinho, inclinando-me para trás e dando a ele algum espaço. Seu aperto no meu pulso aumentou, mas ele ainda estava muito fraco.

— Deixe-me reformular... deixe-me descansar onde eu possa ver você, sentir você e sentir seu cheiro.



— Seu idiota, — eu assobieei baixinho. — Eu pensei que você fosse morrer.

— Sim, eu ouvi sobre o Grand Prix de paus quando eu estiver em um caixão. Terá que esperar mais algumas décadas ou mais. Desculpe.

— Eu só estava brincando para ver se você estava consciente. Eu pensei ter sentido você se mover, — expliquei, observando enquanto seus olhos se fechavam novamente, sua garganta balançando com um engolir em seco.

— Eu sei, querida. — Seu tom ficou suave, áspero.

— Posso fazer alguma coisa para você? — Eu perguntei.

— Você pode subir em cima de mim e me montar?

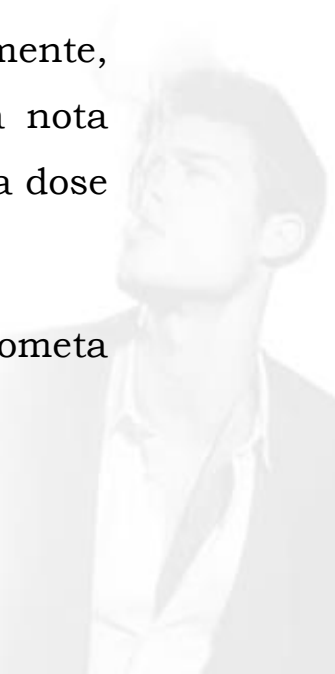
— Não.

— Então você não pode fazer nada por mim, Nix.

— Todo mundo está esperando lá fora. Eles estão muito preocupados. — Esfreguei seu braço ileso. — Eu deveria sair e dizer a eles que você está bem.

Ele acenou com a cabeça e grunhiu novamente, percebendo seu erro. Tudo deve ter doído, e fiz uma nota mental para pedir às enfermeiras que aumentassem sua dose de morfina.

— Mas eu não vou sair por aí até que você me prometa algo, — eu avisei.



Seus olhos ainda estavam fechados quando ele perguntou: — Sim?

— Você me pediu para largar o meu emprego, e eu larguei, embora o fizesse com o coração pesado, sabendo que não poderei ajudar tantas pessoas que estão sofrendo. Agora estou pedindo que você saia da batalha com a Bratva, Sam. Não há mais derramamento de sangue. Não mais. Não mereço ficar viúva por causa do seu orgulho. Desista de Brookline. Vire as costas para este lado da cidade. Troy nunca assumiu o comando por um motivo. Prometa-me.

— Não é da minha natureza perder.

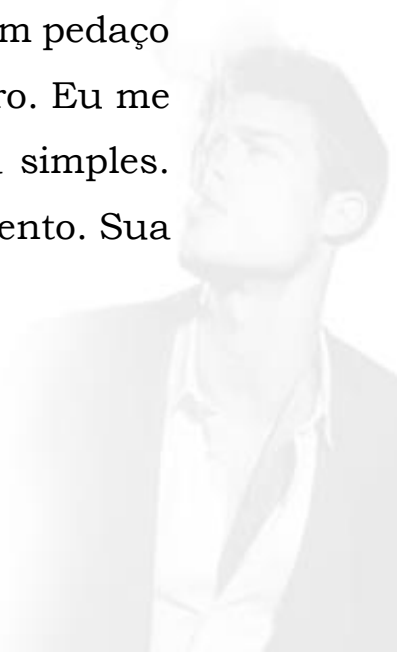
— No entanto, às vezes – não com frequência – você vai. Você tem que perder Brookline ou você vai me perder. Este é um ultimato, Sam. Não serei viúva aos vinte e oito anos.

Ele abriu os olhos, olhando para mim, surpreso.

Sua voz baixou. — Você está me ameaçando?

— Sim, — eu disse simplesmente.

Eu tive que fazer isso. Por ele. Por mim. Por sua família e nossos futuros filhos. Se ele se importava mais com um pedaço de Boston do que comigo, casar com ele seria um erro. Eu me senti estranhamente reconfortada por aquela lógica simples. Nós nos olhamos nos olhos, em silêncio por um momento. Sua mandíbula tremeu de aborrecimento.



— Eu posso fazer isso funcionar, — disse ele. — Vou falar com o Vasily.

— Desista do Brookline.

— Vou conseguir mais segurança.

Balancei minha cabeça, levantando-me do chão, enxugando minhas bochechas para limpar as lágrimas.

— Sinto muito, Sam, mas não é o suficiente. Não estou colocando meu coração nas mãos de um homem que não vai cuidar disso.

— Maldição, mulher. — Ele virou a cabeça de lado, fechando os olhos, engolindo em seco. — Tudo bem. Tudo bem.

Eu sabia o quão difícil era para ele dizer isso, fazer esse sacrifício. Inclinei-me e beijei sua bochecha suavemente.

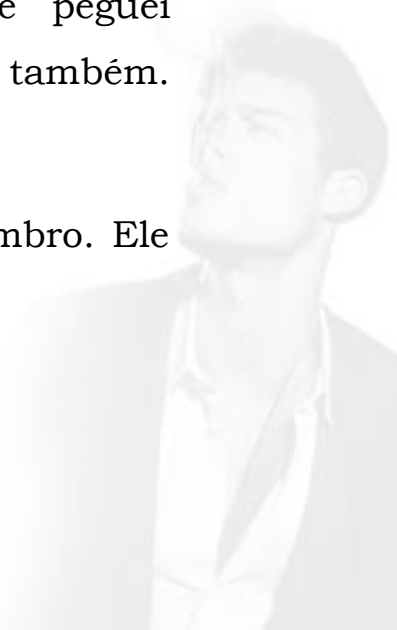
— Obrigada. Vou dizer aos outros que você está acordado.

Recuando e me preparando para sair, virei-me e ouvi sua voz, aguda e cortante como vidro.

— É assim que parece, não é? — Ele se perguntou, meio pasmo. — Amor. Eu não posso acreditar que peguei sentimentos como um maldito amador. Muitos deles também. Isso é deplorável.

Eu sorri, olhando para ele por trás do meu ombro. Ele balançou a cabeça, carrancudo para a parede.

— Diga isso de novo, — eu disse.



— Eu sou um amador de merda.

— A parte do amor. — Eu ri.

Ele se virou para me encarar.

— Eu te amo, sua pequena tola. Insisti em nenhum acordo pré-nupcial porque não queria que você fugisse, não porque me importo com o dinheiro. Nunca foi por dinheiro. Mesmo quando aceitei o trabalho com Gerald e Cillian, havia uma coisa com a qual me importava, e não tinha nada a ver com poder. Eu tinha isso antes de colocar os pés em sua casa. Eu queria estar perto de você, mesmo odiando não poder ter você. Visitei seu pai semanalmente. Essa coisa era maior do que nós dois, mas tínhamos muito a perder.

A ideia de que eu não era a única que esperava para ter um vislumbre dele fez meu coração disparar. Voltei para ele, gentilmente colocando minha mão em sua bochecha. Ele enrolou os dedos no meu braço, olhando para mim.

— Eu estava perto de explodir tudo, não estava? Você e eu. A noite em que você fugiu para a floresta. Eu podia sentir isso.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu nunca parei de amar você, Sam. Mesmo – e especialmente – quando você menos merecia meu amor.

— Beije-me, Nix. — Ele me puxou para perto dele. Nossos lábios se encontraram. Os dele estavam frios, secos e



rachados, e eu estremei, querendo chorar com o que ele tinha passado. Eu pressionei beijos delicados em torno de sua boca, queixo e pescoço, sorrindo para ele, beijando sua testa uma última vez.

— Eu te amo, — eu sussurrei.

— Eu vivo para você, porra, — Sam respondeu. — *Literalmente*. Estou prestes a desistir de muito para ter você.

— Como deveria. — Eu me afastei, dando uma última olhada para ele, sabendo que teríamos mais um milhão de despedidas.

E mais um milhão de saudações também.



Corri para a sala de espera, dando a boa notícia com uma torrente de palavras gaguejantes. Sparrow gritou e disparou em direção à sala. Meus pais soltaram um suspiro de alívio, embora eu não tivesse certeza do que meu pai estava fazendo aqui, em primeiro lugar. Era a culpa de nos manter separados por todos esses anos?

Cillian e Hunter foram os únicos que não pareciam visivelmente encantados com a notícia. Eles me encararam duramente enquanto eu recapitulava o momento em que Sam



acordou, obviamente omitindo o papo-furado amoroso que os faria engasgar.

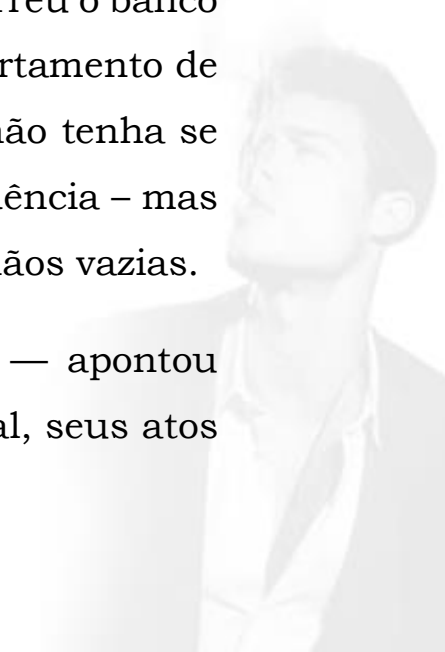
— Ei, Ash, podemos falar com você? — Hunter pigarreou, olhando para meus pais. — A sós.

Ele se virou antes que eu pudesse responder, marchando pelo corredor. Cillian o seguiu sem palavras. Franzindo a testa, fui atrás deles, algo frio e pedregoso se instalando em meu peito. Isso não parecia bom.

Eles pararam quando chegamos ao cruzamento entre os elevadores e a saída de emergência, a uma boa distância de nossos pais. Os dois se viraram para olhar para mim. Tudo que eu precisava era um olhar para descobrir que eles sabiam de tudo.

— Do que você andou brincando, Aisling? — Cillian exigiu, sua voz como pingentes de gelo escorrendo pela minha pele, causando arrepios em seu rastro. — Fomos até a recepção e perguntamos por você quando chegamos aqui. Não conseguimos encontrar você em seu celular, então pensamos em descer e verificar. As recepcionistas nos disseram que não havia nenhuma Dra. Fitzpatrick no hospital. Percorreu o banco de dados. Na verdade, *nós mesmos* fomos ao departamento de ginecologia para procurar por você – talvez você não tenha se registrado ainda porque ainda está fazendo a residência – mas tenho certeza de que você sabe que voltamos de mãos vazias.

— Você está trabalhando em algum lugar, — apontou Hunter. — As longas horas, o uniforme do hospital, seus atos



de desaparecimento durante os jantares. O que diabos você tem feito?

Devo ter ficado pálida porque, embora eles ainda olhassem para mim como se quisessem me matar, eles educaram seus rostos e pararam de me inundar com perguntas. Eu sabia que tinha duas opções. Confessar o que fiz por quase um ano ou deixá-los viver com uma mentira estúpida. Uma mentira não seria tão prejudicial. Afinal, eu me despedi.

Ainda assim, eu não poderia mentir para eles. De novo não. Minhas mentiras estavam se acumulando ordenadamente em minha consciência. Além disso, não podia mais fingir ser alguém que não era. Alguém feito sob medida para minha família para garantir que eles estivessem felizes, realizados e orgulhosos de mim.

Meus pais.

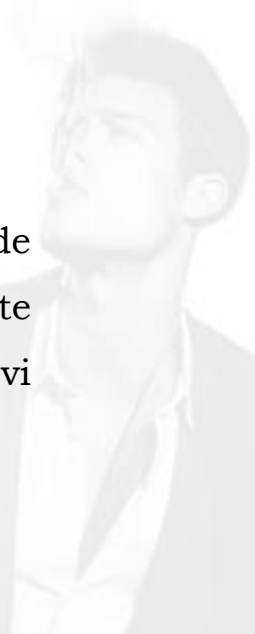
Os meus irmãos.

Meus professores.

Até a falecida Srta. B me moldou na mulher que ela queria que eu fosse.

Não mais.

Então eu disse a eles. Eu abri minha boca e a verdade saiu. Sobre o Dr. Doyle. Como nos conhecemos. Sobre a morte da Srta. B e como isso me afetou. Sobre a primeira vez que vi



Sam. Como não era o dia em que os Fitzpatricks o convidaram com os Brennans, mas meses antes disso. Eu disse a eles que havia desistido. Que eu não poderia mais me arriscar para ajudar os outros. Que Sam me convenceu e não desistiu.

— É a primeira e a última coisa que aquele filho da puta faz certo, — Hunter murmurou, puxando-me para um abraço, me pressionando perto de seu coração. — Porra, Ash, eu sinto muito. Estávamos tão envolvidos em nossa própria merda que nunca realmente paramos para pensar no que você estava passando depois que sua governanta morreu. Não ajudava em nada o fato de você sempre parecer que sabia o que estava fazendo. A filha perfeita.

— Ele está certo, — disse Cillian vigorosamente. — Nós te negligenciamos por muito tempo. Corrigiremos isso no futuro.

— Então... — eu olhei entre eles — ...vocês não estão me julgando? Pelo que eu fiz?

— Julgando você? — Cillian ergueu uma sobrancelha. — Você acabou de provar ser um verdadeiro Fitzpatrick. Sombriamente complexo e terrivelmente pragmático. Tenho orgulho de chamá-la de minha irmã.



Vinte



Sam

Dez dias depois, saí do hospital. Aisling e Sparrow mimavam minha bunda como se eu fosse um bebê, mexendo em mim e me verificando a cada hora, baixando meus níveis de masculinidade para novos níveis. Eu tinha certeza de que apenas os poodles com cortes de cabelo de grife haviam sofrido isso.

Nos primeiros dois dias, eu as diverti, principalmente porque estava tentando ser bonzinho com minha noiva. No terceiro dia, entretanto, tomei a decisão executiva de jogar pela janela todas as merdas que os médicos me pediram sobre minha saúde.

— Nix, pare. — Eu peguei a mão dela. Estava descansando no meu peito em nosso apartamento – sim, *nosso* apartamento – enquanto ela acariciava minha testa com um pano quente e úmido. — Chega dessa merda. Vou voltar para as ruas esta noite.

Seus olhos de pavão se arregalaram de horror, sua boca em forma de botão de rosa fazendo beicinho.

— Você ainda está se recuperando.

— Estou entediado demais e tenho um trabalho a fazer.

— Você pode fazer isso quando estiver se sentindo melhor.

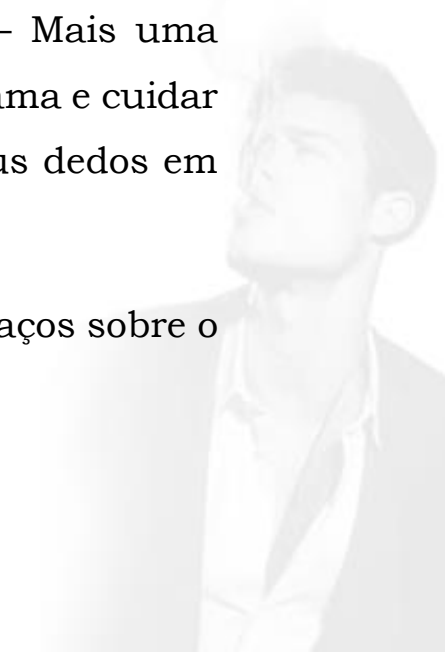
— Estou me sentindo ótimo ‘pra’ caralho. Você gostaria que eu demonstrasse? — Eu levantei uma sobrancelha, meus olhos caindo para a protuberância impressionante em minhas calças. Não importava meu estado físico, sempre que Aisling estava no quarto, também estava minha necessidade de transar com ela através do colchão, chão e terra.

— Nós tínhamos um acordo, lembra? — Ela retirou a mão da minha, dando um passo para trás, ficando na minha frente em nosso quarto.

— Sim, meu amor. Eu estava lá quando fizemos isso. — Sorri com impaciência.

Uma coisa era desistir de metade do meu reino por ela. Era uma merda diferente estar feliz com isso. — Mais uma razão pela qual eu preciso tirar minha bunda da cama e cuidar dos negócios. Dê-me meu telefone. — Estalei meus dedos em direção à mesa de cabeceira.

Ela ergueu uma sobrancelha, cruzando os braços sobre o peito.



Ela era minha noiva, não meu soldado. Eu tinha um longo caminho a percorrer no que diz respeito a tratá-la como a princesa que ela era. Principalmente porque eu nunca tive que tratar bem ninguém em toda a minha vida.

— Por favor. E obrigado. — Sorrio como um lobo, e ela pegou meu telefone, entregando-o para mim.

— Para quem você está ligando?

Eu já estava com o telefone pressionado no ouvido. — Troy.

— Onde vocês dois estão indo?

— Você vai descobrir em breve.

— Você sempre vai me manter em pé⁷⁸, não é? — Ela suspirou, mas parecia feliz com isso. Eu agarrei a bainha de seu vestido e puxei-a para um beijo profundo e imundo.

— De jeito nenhum. Às vezes, vou mantê-la nas suas costas também. E de quatro. Mas seja qual for a sua posição, prometo que você vai gostar.



⁷⁸ Manter em alerta ou preocupada.



Na noite seguinte, Troy estacionou em frente à delicatessen russa de Vasily Mikhailov em Brookline. Ele me lançou um olhar duvidoso.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Você pode dizer a ela que fez isso, e ela não ficará sabendo. Eu sei que você trabalhou duro para conquistar Brookline.

— O que aconteceu com mastigar mais do que eu poderia engolir?

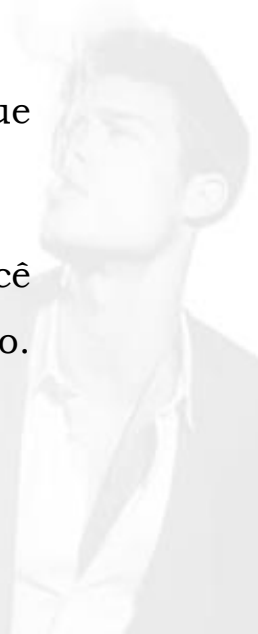
— Apenas bancando o advogado do diabo antes de fazer um movimento.

— Você não tem que bancar o advogado do diabo comigo. Eu sei o que se passa dentro da cabeça do diabo. — Empurrei a porta do passageiro, deslizando para fora e engatilhando minha arma enquanto o fazia. Ouvi Troy fazendo o mesmo atrás de mim. Nós contornamos seu carro, abrindo o portamalas. A filha de Vasily, Masha, piscou com a luz repentina vinda de trás de nossos ombros, sua boca amordaçada, suas mãos e pés amarrados atrás das costas.

Eu sorri cordialmente. — Senhorita Mikhailov, obrigado por contribuir para a nossa causa.

Ela murmurou algo histérico em torno do tecido que cobria sua boca, mas não consegui distinguir.

— O que é isso? — Eu perguntei. — Deixa ‘pra’ lá. Você nunca foi capturada por suas habilidades de conversação.



Apenas como um peão para garantir que seu pai saiba que vou massacrar você se ele não se curvar à minha vontade.

Eu a levantei por cima do ombro, marchando em direção à delicatessen.

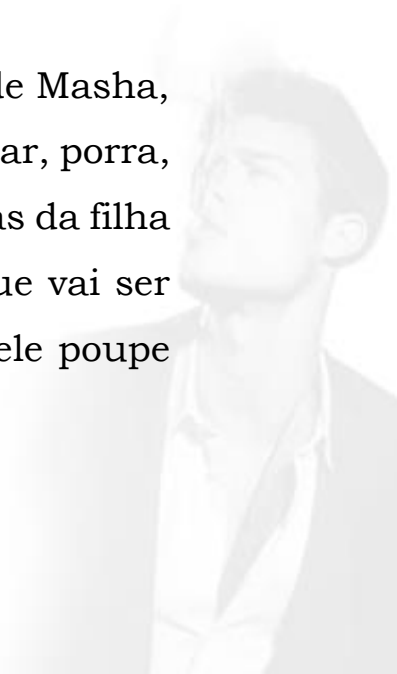
A campainha acima da porta da delicatessen tocou quando entramos. Apontei minha arma para o dono da loja com minha mão livre, um velho russo com um rosto castigado pelo tempo marcado de vermelho e azul por anos enfrentando o frio. Masha ainda estava pendurada no meu ombro, como um porco a caminho do abate, ainda vestida com o mesmo casaco caro e saltos de grife que ela usou em suas compras esta manhã.

— Onde está o Vasily? — Eu cortei.

Os olhos do homem brilharam com a visão à sua frente. Masha se debateu desesperadamente, tentando escapar de minhas mãos.

— Eu... eu... — ele começou, sabendo muito bem que não tinha permissão para deixar as pessoas entrarem no escritório. Era onde seu chefe estava situado.

Virei minha mira de sua cabeça para a coluna de Masha, cavando a arma em seus ossos. — É melhor se apressar, porra, ou você terá que explicar ao seu chefe por que as tripas da filha dele estão derramadas por todo o seu chão. Acho que vai ser uma merda limpar também. Porém, eu duvido que ele poupe sua vida depois de deixar isso acontecer.



— Venha comigo! — O homem deixou escapar, saltando de seu lugar atrás do balcão, contornando-o e empurrando uma velha porta de madeira aberta.

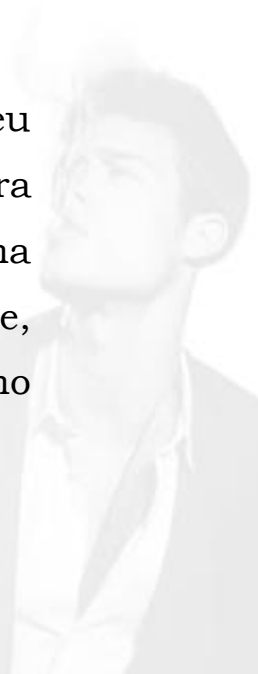
O lugar cheirava a pickles, carne seca e fumaça. Segui as costas do homem, Troy em meus calcanhares. Depois de passar por um corredor estreito e empoeirado, chegamos a outra porta. Ele abriu.

Vasily estava em sua mesa, rodeado por três de seus homens de alta patente. Ele tinha a aparência afiada de uma raposa de um vilão de quadrinhos, que destacava com bons ternos e maus modos. Mas nem mesmo a porra de um vestido de baile poderia esconder o fato de que seu rosto estava crivado de cicatrizes de faca. Minhas iniciais – SAB – estavam gravadas em sua testa, irregulares e brancas.

Seus guarda-costas estavam em alerta, dois de cada lado, todos com a aparência peculiar de semirreboques e QIs semelhantes. O homem de meia-idade com cabelos prateados e olhos azul-claros olhou para mim, colocando o charuto no cinzeiro, enviando fumaça para o teto.

— Brennan. Você está vivo.

— E você está surpreso. — Eu reorganizei Masha no meu ombro. Mesmo que eu tenha usado meu ombro saudável para carregá-la e não aquele em que seus homens colocaram uma bala, eu ainda não era o meu eu normal. Normalmente, carregar uma mulher com o peso leve de Masha era o mesmo que usar um maldito lenço.



— E eu vejo que você trouxe seu pai. — Os olhos de Vasily deslizaram de mim para Troy, que estava ao meu lado.

— Pareceu justo, — Troy cortou secamente, — vendo como você tem um exército inteiro ao seu redor. Não está mais acostumado a fazer o trabalho sujo, não é, Vasily?

— E isso confirma. Duas balas, e nenhuma perfurou meu coração, — *zombei*, balançando a cabeça. — Meu sobrinho pequeno mira melhor no banheiro enquanto treina o penico.

Masha se contorceu em meus braços, respondendo às palavras e ao tenor de seu pai. Eu a droguei um pouco – o suficiente para mantê-la em silêncio e fácil de controlar – e eu sabia que esses animais estavam se perguntando se eu aproveitei a oportunidade para enfiar meu pau nela, e talvez até mesmo providenciar para que um bastardo Brennan estivesse dentro dela para garantir que a Bratva nunca mais pudesse me tocar.

— O que você quer? — Vasily exigiu, levantando-se de seu assento de couro. — Você obviamente veio aqui para retaliação, então apenas cuspa. E não, minha filha não pode fazer parte do acordo. Ela é inocente. Temos um código, — ele rosnou.

— *Você* tem um código, — eu corriji. — Eu careço de moral e porras assim. Portanto, é do meu jeito ou a estrada, e considerando que você estava muito perto de me mandar para um túmulo prematuro, é melhor você aceitar meus termos, sem estipulações e sem negociações.



— Fale! — Vasily bateu com a mão na mesa, fervendo de raiva. — E coloque-a no chão, pelo amor de Deus!

— Vou devolver Brookline a você, mas você vai me entregar o dinheiro da proteção mensal. Uma porcentagem de todos os seus negócios, — eu disse categoricamente.

Os olhos de Vasily se estreitaram.

— Proteção de quê? Nós somos a Bratva! Nós nos protegemos.

— Ei, eu nunca prometi fazer sentido. — Dei de ombros e Masha gemeu contra meu ombro, chorando através do pano que cobria sua boca. — Mas agora, tenho soldados em todos os lugares em seu território. Estou ganhando mais dinheiro do que você já fez aqui. Se você quer que eu recue, você precisa fazer valer a pena.

Vasily coçou o queixo, considerando minha proposta. Seus homens estavam prontos para a batalha – eu poderia dizer pela forma como seus músculos se contraíam sob as camisas.

— Você a tocou? — Ele perguntou, seu sotaque russo cobrindo cada palavra com preocupação.

— Não, — eu disse honestamente. — Eu exijo que minhas mulheres estejam dispostas e conscientes.

Também prefiro que sejam apenas uma mulher – Aisling. Eu ainda não conseguia acreditar que ela me fez continuar com



isso. Desistir de uma parte tão estratégica de Boston. O amor era uma cadela, mas era algo que eu tinha que suportar a fim de manter Nix.

— Coloque-a no chão, — Vasily repetiu, sua voz tremendo levemente. Em todo o tempo que o conheci, a voz de Vasily Mikhailov nunca vacilou. Ele estava assustado.

— Conceda, — eu assobieei.

Ele abaixou a cabeça, tão perto da derrota que o desespero era tangível no ar.

— Qual é a sua taxa de proteção?

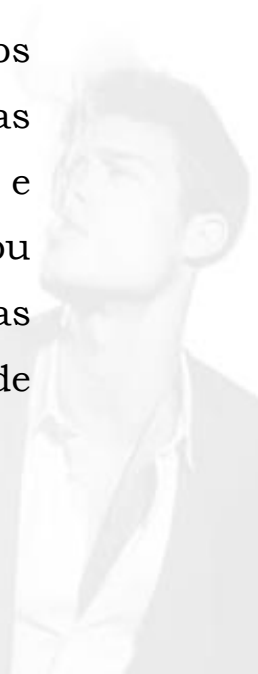
— Oito por cento do lucro limpo de todos os seus negócios.

— Seis, — ele cortou, anotando algo em um pedaço de papel que estava sobre sua mesa, já fazendo o cálculo.

— Oito. O amor não tem preço, Mikhailov, — eu o lembrei.

Ele olhou para cima. — Tudo bem. Agora coloque-a no chão.

Coloquei Masha no chão. Ela se debateu, seus olhos procurando erraticamente pelo pai entre as sombras das pessoas na sala. Vasily correu para ela, agachando-se e removendo uma faca de seus mocassins italianos. Ele começou a rasgar as cordas que a prendiam, sussurrando palavras carinhosas russas em seu ouvido, o rosto contorcido de emoção.



Troy colocou a mão no meu ombro.

— Hora de ir, filho.

— Tudo bem, pai.

Foi a primeira vez que o chamei de pai, mas eu sabia que não seria a última.

Eu me virei e o segui, sentindo-o sorrir, mesmo de costas para mim.

Pela primeira vez desde que nasci, senti algo estranho e viciante.

Eu pertencia.



Epilogo



Aisling

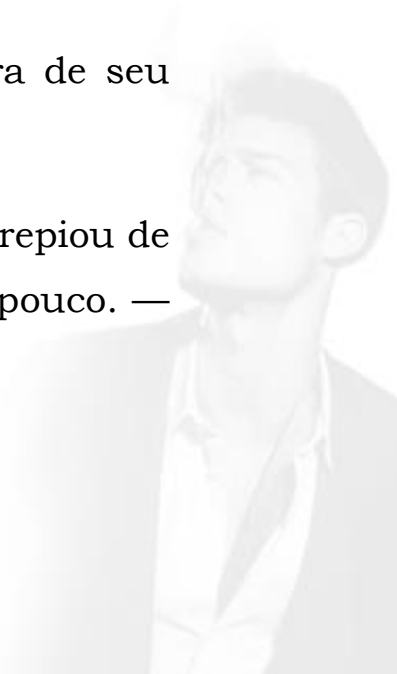
— Só para constar, eu nunca vou te perdoar. — Minha mãe pegou sua bolsa Hermes do chão da capela, seus saltos estalando provocativamente enquanto ela balançava para fora.

Meu pai estava atrás dela, encolhendo os ombros desamparadamente, uma expressão de o-que-você-pode-fazer no rosto. Troy e Sparrow estavam atrás deles, recolhendo seus pertences.

— Ela pode e vai te perdoar. O jantar é às oito. Por favor, não se atrase. — Ele beijou minhas duas bochechas, dando a Sam, que estava ao meu lado, um aperto de mão firme.

Belle foi a próxima pessoa a deslizar para fora de seu banco.

— Eu não posso acreditar em você. — Ela se arrepiou de alegria, segurando meus braços, me sacudindo um pouco. — Você realmente foi em frente com isso.



— Um casamento em Las Vegas. — Persephone deslizou do mesmo banco, Cillian de pé ao lado dela. Persy segurou sua barriga, na qual meu próximo sobrinho ou sobrinha cozinhava muito bem. — Quem teria pensado?

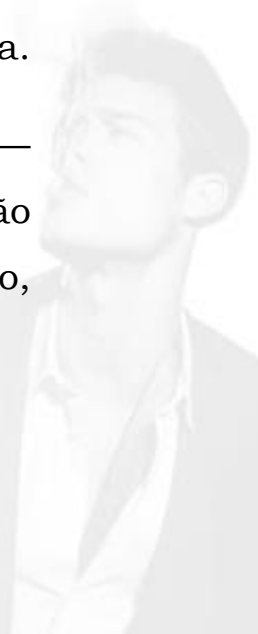
— Eu teria, — Sam cortou asperamente através dos arrulhos e murmúrios de todos. — Levando em consideração que Aisling não foi a única pessoa a se casar hoje. Além disso, foi um casamento elegante em Las Vegas.

— Isso é contraditório, — apontou Cillian.

— Não, ele está certo. Foi totalmente elegante. — O rosto de Sailor apareceu do nada. Hunter estava perto dela. — Nada diz mais elegância do que ser casado pelo próprio Elvis enquanto um bando de homens idosos vestidos como *NSync cantam uma versão malfeita de karaokê de 'It's Gonna Be Me' ao fundo. Não foi isso que o Príncipe William e Kate fizeram no casamento? — Sailor franziu a testa, enrolando os dedos sob o queixo pensativamente.

— Eu acredito que Wills e Kate tinham aspirantes a Take That cantando 'Relight my Fire' na recepção, — Devon interrompeu, limpando a garganta. O britânico parecia tão deslocado na capela cafona que deixei escapar uma risadinha.

— Não podíamos esperar. — Eu mordi meu lábio. — Minha residência vai começar em algumas semanas, e eu não teria tempo para planejar meus intervalos para o almoço, muito menos um casamento, para não mencionar...



— Eu a engravidei. — Sam deu a notícia sem rodeios, sem nenhum indício de emoção em sua voz. Eu virei minha cabeça em direção a ele, chocada por ele ter revelado nosso segredo e grata por meus pais não estarem mais por perto.

Sam manteve os olhos em nossos amigos, não em mim, enquanto eu muito possivelmente corei até um túmulo prematuro dentro do meu vestido branco respeitável.

— Aisling queria esperar até que sua residência terminasse, mas meu esperma tinha outras ideias.

— O que você quer dizer? — Persy franziu a testa, sua mão movendo-se em círculos ao redor de sua barriga.

— O preservativo furou? — Belle interferiu, mantendo-se contundente. — Você compra johnnies⁷⁹ baratos, Samuel? Ou você fez furos com uma agulha? Eu ouvi uma autobiografia de uma estrela do rock onde algo assim aconteceu com ele. Ok, tudo bem, assisti a um filme.

— Ufa, — Hunter riu, — por um segundo pensei que você tivesse começado a ler.

— Sinto muito, a convenção de idiotas analfabetos não fica ao lado? — Cillian perguntou laconicamente. — Acredito que Samuel e Aisling estão tentando dar a notícia de uma nova gravidez na família.

⁷⁹ Uma gíria para preservativo.



— Inferno, mano, — Hunter bufou. — Eu só estou tentando tirar sua mente do fato de que Brennan transou com a nossa irmãzinha.

— Hunter! — Todos gritaram em uníssono, exceto Emmabelle, que riu, divertindo-se, e Devon, que estava muito ocupado olhando para Belle para se importar com o que todos estavam dizendo.

— De qualquer forma, não. — Balancei minha cabeça. — Eu tomava pílula e era muito boa nisso. Sempre há uma chance muito pequena de a pílula não funcionar. E acho que aconteceu comigo. — Sorri, olhando para Sam enquanto ele pressionava um beijo orgulhoso na minha testa.

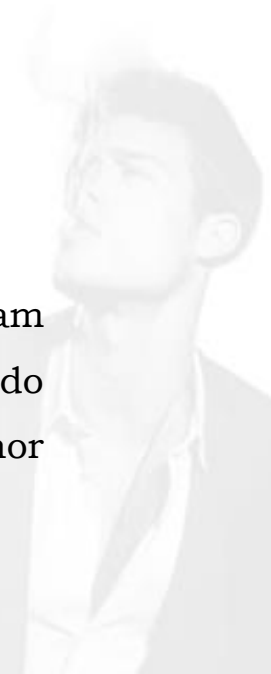
Dois meses depois que Sam disse a Vasily Mikhailov que poderia ter Brookline de volta, saímos para comemorar o fato de eu ter sido aceita em um hospital próximo para começar minha residência. Era meu lugar tailandês favorito e, embora tenhamos nos divertido muito, fui para a cama me sentindo mal. Quando acordei na manhã seguinte, vomitei minhas tripas e percebi que algo deve ter perturbado meu estômago.

Mas então aconteceu na manhã seguinte.

E depois.

E depois.

— Quando foi a última vez que você menstruou? — Sam questionou quando eu completei uma semana vomitando todas as manhãs e me sentindo milagrosamente melhor



durante o resto do dia. — Porque estamos fazendo sexo todos os dias há pelo menos nove semanas consecutivas.

Eu torci meu nariz, pensando sobre isso.

Meus ciclos eram bastante regulares e, além disso, tomava pílula.

— Eu não posso estar grávida, — eu disse finalmente.

— Não pode ou não quer estar? — Sam ergueu uma sobrancelha.

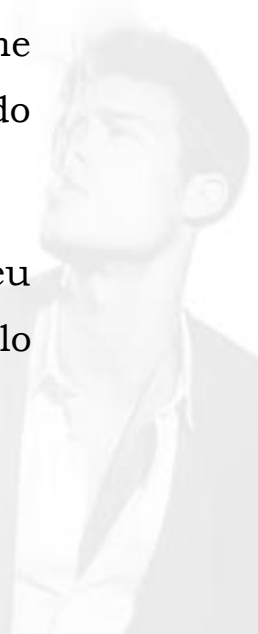
— Ambos? — Eu estremeci, mas no fundo eu sabia que não haveria uma parte de mim que ficaria chateada se eu descobrisse que estava grávida.

— Vou trazer um teste de gravidez agora mesmo.

— Obrigada.

E lá estávamos nós uma semana depois, casados em Las Vegas na frente de nossos amigos mais próximos e familiares. Sempre imaginei ter um casamento grandioso e chique, mas assim que percebi que estava grávida, soube que um casamento enorme não era o que eu queria. Era simplesmente o que se esperava de mim. O que eu realmente queria era me casar com o homem dos meus sonhos o mais rápido humanamente possível.

O homem que tinha me dado um furão novo no meu último aniversário e nem parecia surpreso ou desanimado pelo



fato de eu o ter chamado de Shelly, em homenagem ao meu furão anterior.

Além disso, como Sam havia apontado, ele ganhou nosso casamento em um jogo de cartas. Era apropriado que nos casássemos na capital mundial do jogo. A simetria da narrativa me agradou.

Dois monstros, prometendo suas vidas um ao outro em Sin City.

— Aposto que Sam conseguiu engravidar você, de alguma forma, quando percebeu que o tipo de casamento que seus pais queriam de você levaria meio século para ser planejado. — Sailor riu, olhando de soslaio para o irmão com conhecimento de causa.

Eu olhei para meu marido e percebi o sorriso malicioso em seu rosto.

Ele não poderia ter.

Ele não iria... iria?

Inclinando minha cabeça ligeiramente, estreitei meus olhos para ele.

— Sam? — Eu perguntei.

Meu marido deu um beijo na minha boca.

— Eu sou o consertador, — foi tudo o que ele disse, mantendo-se assim.



Eu nunca disse a ninguém qual foi a última coisa que a Srta. B me disse logo depois que ela exigiu que eu parasse de visitá-la para ajudá-la.

— *Eu não posso mais lidar com você, mas um dia você encontrará um homem que pode. E quando você o encontrar, mon cheri, você o segura, não importa o que aconteça, pois ele se curvará à sua vontade, mesmo que ele resista.*

Eu abri meus olhos, olhei para meu marido de dez minutos e sorri.

Eu não temia o mal.

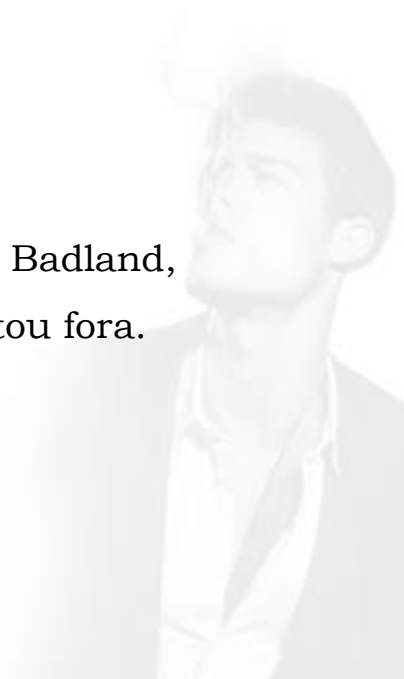
Mas eu me apaixonei por um.



Sam

Quatro meses depois.

Cillian largou suas cartas na mesa da sala de Badland, olhando para o telefone com o cenho franzido. — Estou fora.



— Você está fora? — Hunter repetiu, olhando seu irmão mais velho com aparente choque. — Você nunca está fora.

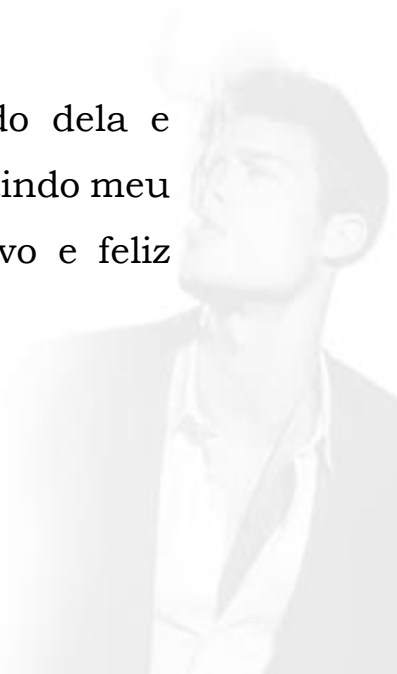
— Eu estou quando a bolsa da minha esposa rompe. — Cillian jogou suas cartas no colo de Hunter, seu ombro roçando o meu enquanto eu me inclinei sobre a mesa para pegar outra carta. Cillian parou para levantar o dedo em minha direção em advertência.

— Seu sorriso presunçoso é injustificado, Brennan. Além de você ser o próximo, conhecendo minha irmã, ela terá quatro filhos, no mínimo. Boa sorte para dormir um pouco na próxima década ou assim.

Ele saiu rapidamente antes que eu pudesse responder que nada poderia me convencer de que uma Aisling grávida era uma má ideia. Nix nunca esteve mais excitada em toda a porra de sua vida. Eu estava de plantão três vezes por dia para um ‘serviço de pau’, embora ela ainda trabalhasse muitas horas no hospital na maioria dos dias.

Ela também acabou gostando de doces, o que significava que eu tinha que alimentá-la com doces e chocolate sempre que seu coração desejava.

À noite, eu deslizava sob as cobertas ao lado dela e pressionava minha mão em sua barriga inchada, sentindo meu filho chutando uma tempestade. Ele estava tão vivo e feliz dentro dela que mal podia esperar para conhecê-lo.



— Por acaso, minha vingança pelo festival de sorrisos acabou de passar pela porta na forma de sua esposa grávida. Olá, mana, — ouvi Cillian arrastar nas minhas costas. Virei-me para encontrar Nix parada ali, exatamente quando Cillian se inclinou para beijá-la na bochecha, sua barriga projetando para fora em seu uniforme, um sorriso cansado em seu rosto.

— Cinco jogos de blackjack, Brennan? — Ela me ofereceu a mão, atraindo olhares curiosos de todos os homens ao nosso redor.

Raramente ficava em Badlands depois do anoitecer e, quando ficava, era principalmente para manter meus cunhados sob controle.

— Quais são as apostas? — Eu olhei para ela com ceticismo. — Faça valer a pena, Sra. Brennan. Já tenho tudo que preciso.

Ela caminhou em minha direção, com um sorriso zombeteiro no rosto, e se inclinou em direção ao meu ouvido. A sala inteira prendeu a respiração.

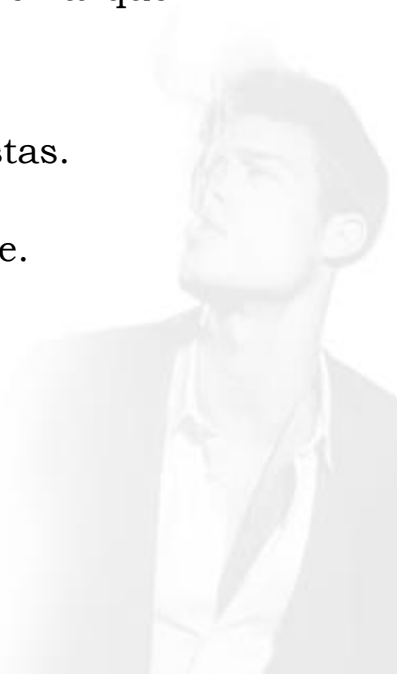
— Você vai arrancar a lingerie de cetim vermelha que estou usando agora, se ganhar, — ela sussurrou.

Nix se inclinou para trás, endireitando suas costas.

— E se você ganhar? — Eu perguntei indiferente.

Ela não iria ganhar.

Eu sempre ganhei.



— Quero que compremos uma casa. Eu gosto do nosso apartamento, não me entenda mal, mas eu quero um lugar grande e espaçoso.

— Um lugar para caber todas as crianças que você está planejando dar a ele, — Hunter tossiu em seu punho no fundo, arrancando risos.

Aisling ofereceu-me a mão de novo, olhando para mim sob seus cílios negros como fuligem. — O que você diz?

Peguei sua mão e apertei.

Ela não precisava saber que eu já tinha comprado o terreno ao lado da casa de seus pais e que iria construir a casa dos seus sonhos lá.

Assim como ela não sabia daquela noite no parque, quando eu me tranquei no banheiro químico depois de beijá-la, porque pela primeira vez desde os nove anos encarar o mundo era demais.

A luxúria perdura, o amor se mantém.

A luxúria é impaciente, o amor espera.

A luxúria queima, o amor aquece.

A luxúria destrói, mas amor? O amor mata.

S.A.B

Eu estava errado. O amor não me matou. O amor me salvou.



Aisling descobriria sobre minhas duas surpresas em breve.

Mas ainda não.

Não até que eu arrancasse a lingerie de cetim dela.

E mostrasse a ela que todos podiam amar.

Mas monstros? Amamos um pouco mais.

Fim



Agradecimentos

Muito obrigada por reservar um tempo para ler este livro. Adorei contar a história de Sam e Aisling, e o momento em que escrevi *The End* foiagridoce, já que essa série significa muito para mim.

Eu não poderia ter feito isso sem minha incrível equipe de editores: Tamara Mataya, Paige Maroney Smith e Angela Marshall Smith. Agradecimentos especiais a Tijuana Turner, Vanessa Villegas, Lana Kart, Chelsea Humphrey e Amy Halter por ler este livro com antecedência.

Kimberly Brower, Jenn Watson, Catherine Anderson - muito obrigada por tudo o que fazem.

Stacey Ryan Blake e Letitia Hasser - seu trabalho é incrível, estou muito grato por tê-los.

E para vocês, leitores, blogueiros e apoiadores. Eu não poderia ter feito isso sem você.

Considere deixar uma revisão breve e honesta antes de prosseguir para a próxima aventura do livro.

Amor,

LJ Shen.

